REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

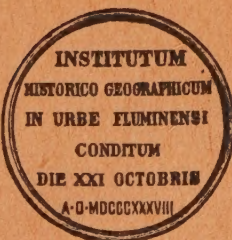
Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO 85 -- VOL. 139

(1919)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

DIRECTOR

Dr. B. F. Ramiz Galvão

❋ ❋ ❋ RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL ❋ 1921

— 5 —

BIBLIOGRAPHIA GEOGRAPHICA BRASILEIRA

ORGANIZADA POR ORDEM DOS EXMS. SRS. CONDE DE AFFONSO CELSO E MAX FLEIUSS, PRESIDENTE E 1° SECRETARIO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, PARA SER APRESENTADA AO SEXTO CONGRESSO DE GEOGRAPHIA DE BELLO HORIZONTE, PELO FUNCCIONARIO DO MESMO INSTITUTO

RODOLPHO GARCIA

Exm. Sr. 1º Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Incumbido pelo Exm. Sr. Presidente e por V. Ex. de organizar uma bibliographia das obras de character geographico pertencentes a bibliotheca deste Instituto, para ser apresentada ao Congresso de Geographia a reunir-se em Bello-Horizonte, confórme sollicitação de seu secretario geral, tenho a honra de fazer chegar as mãos de V. Ex. o incluso manuscripto.

Não me sendo dado, pela exiguidade do tempo de que dispuz, e tambem pelas condições a que devem obedecer os trabalhos com aquelle destino, elaborar uma bibliographia completa do assumpto, o que, em uma livraria especializada como a do Instituto, montaria a mais de um terço de seu acervo, adoptei o alvitre de relacionar tão sómente as obras de maior importancia como raridade e como informação.

Assim, obedeci ás seguintes rubricas:

I — Obras geraes;

II — Obras relativas ao Brasil;

III — Obras sobre limites internacionaes, ainda com referencia ao Brasil;

IV — Obras sobre limites interestaduaes.

Quanto a estas duas ultimas alineas, tendo em vista o interesse que a materia desperta actualmente, sobretudo no que respeita ás fronteiras estaduaes, procurei dar uma relação, senão completa, ao menos a mais abundante, na medida dos elementos de que dispõe a nossa bibliotheca.

Da mappotheca e do archivo relacionei alguns cimelios, cuja noticia deve interessar particularmente aos que se oc-

cupam da Geographia de nosso paiz, os quaes são incluidos sob as rubricas:

V — Mappas e chartas;

VI — Documentos manuscriptos, — descripções, roteiros, etc.

As obras de character propriamente didactico foram excluidas desta bibliographia.

Agradecendo ao Exm. Sr. Presidente e a V. Ex. a distincção que me conferiram, encarregando-me deste trabalho, tenho a honra de apresentar a V. Ex. o testimunho da minha maior consideração e cordial estima.

RODOLPHO GARCIA.

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1919.

OBRAS GERAES

— ALLIACO (Petrus de) *Tractatus de imagine mundi et varia ejusd. auct. et Joannis Gersonis opuscula.* — *S. l. n. d.*

Incunabulo de fins do seculo XV, apenas citado por Hain, in *Repertorium bibliographicum.*

Em uma pagina em branco, por letra de D. Pedro II, á cuja bibliotheca particular pertenceu o exemplar do Instituto Historico, a seguinte inscripção: *Avant-coureur de Colon.*

Petrus de Alliaco é o celebre theologo Cardeal Pierre d'Ailly, a aguia dos doutores da França, martelo dos hereticos, como lhe chamaram seus contemporaneos. Nasceu em Champiègne em 1350; foi bispo de Cambrai em 1393 e recebeu o chapéo cardinalicio em 6 de Junho de 1411; falleceu em Avignon entre 1420 e 1425.

Representou papel importante nos negocios ecclesiasticos de sua épocha. Suas obras cosmographicas resumem tudo o que se sabia e ensinava em fins do seculo XIV e principios do seculo XV.

O Dr. L. Salembier, em monographia recente — *Pierre d'Ailly et la découverte de l'Amérique* (Paris, 1912), refundindo pesquisas anteriores, fixa definitivamente a influencia exercida sobre Christovão Colombo pelos escriptos de Pierre d'Ailly. Corroborando esse facto, cita os documentos existentes na bibliotheca do Capitulo de Sevilha, cujos livros mais curiosos são os que pertenceram ao almirante, cheios de notas suas. Entre os auctores favoritos, aquelle occupa o primeiro logar. No volume que contém a principal obra cosmographica do cardeal, a *Imago mundi* e outros tractados, contam-se 898 notas, escriptas por Christovão Colombo e por seu ermão Bartholomeu, a quem pertencia o exemplar.

1507 — VESPUCCI (AMERICO) *Qvattuor Americi | Vespvtti | Navi | gationes | Eius qui subsequentẽ terrarum | descriptionê vulgari Gal | lico in latinum | transtulit.*

São 32 folhas. No ante-verso da ultima o colophon: *Vrbs Deodote tuo clarenscens nomine praesul | Quae Vogesi montis sunt iuga pressit opus | Pressit & ipsa eadê Christo monimêta fauête | Tempore venturo caetera multa premet. | Finitũ i i i j kl.' Septẽ | bris Anno supra ses | quimillesimũ. vij.* (4 de Septembro de 1507.)

As navegações de Vespucci foram publicadas primeiro em italiano, seguidamente vertidas para o francez, cuja edição se considera perdida, e do francez para o latim, servindo de appendice á Introducção da Cosmographia de Waldseemüller (*Ilacomylus*).

1524 — CORTEZ (F.) — *Praeclara Ferdinâdi Cortesii de Noua maris Oceani Hyspania Narratio Sacratissimo. ac Inuictissimo Carolo Romanorũ Imperatore semper Augusto, Hyspaniarũ &c Regi Anno Domini M. D. XX. transmissa.*. etc. *Anno Dni M D. XXIIII. Kl. Martii. Cum Gratia. & Priuilegio.* (No fim): *Impressum In Imperiali Ciuitate Norimberga, Per Discretum, & prouidum Virum Faedericũ Arthemesium Ciuem ibidem, Anno Virginei partus Millesimoquingentesimo vigesimo quarto.*

Edição não citada por Leclerc nem pelo Dr. J. Carlos Rodrigues, que se referem a uma outra de Veneza, publicada no mesmo anno.

1532 — GRYNEU (SIMÃO) *Novvs orbis regio- | nvm ac insularvm veteribvs incognitarvm, | unà cum tabula cosmographica, & aliquot alijs consimilis | argumenti libellis, quorum omnium catalogus | sequenti patebit pagina. | His accessit copiosus rerum memorabitum index. | Fata uiam inuenient | Basileae apvd Io. Hervagivm, mense Martio, anno* M. D. XXXII (1532).

Edição original da collecção de viagens geralmente conhecida sob o nome de Grynæus, que foi o collector e auctor do prefacio. Contém, além da grande charta intitulada *Typvs Cosmographicvs vniversalis,* onde o Brasil vem indicado sob

o nome de *Prisilia,* as seguintes relações: I Viagem de Aloysio Cadamosto; II As tres primeiras expedições de Colombo; III Viagem de Alonso Niño; IV Viagem de Vicente Pinzon; V A terceira viagem de Vespucci; VI A viagem de Pedro Alvares Cabral; VII Relações do Indio José; VIII As quatro relações de Vespucci; IX Carta de D. Manuel ao Papa Leão X sobre a conquista das Indias; X Relações de Ludovico Vartema; XI Descripção da Terra Sancta no seculo XIII, pelo monge Brocard; XII Os tres livros de Marco Polo sobre as regiões orientaes; XIII Hayton, armenio, da ordem dos Premonstratenses, Tractado dos Tartaros; XIV Dous livros sobre a Sarmatia asiatica e européa por Matheus Miechow; XV Relação da embaixada de Paulo Giovio, em Moscovia; XVI Pedro Martyr sobre as ilhas novamente descobertas; XVII Dous livros sobre antiguidades prussianas, por Erasmo Stella.

A viagem de Cadamosto — *Navigatio ad Terras ignotas* é plagio dos tres primeiros livros da Decada I de Pedro Martyr de Angleria, segundo este estabeleceu no livro VII da Decada II. Cadamosto era um letrado e navegador veneziano ao serviço do rei de Portugal.

1534 — GRYNEU (SIMÃO) *Die New welt | der Landschaften so bis her allen Altwelt beschrybern vnbekant Jungst aber von | den Portugalesern vnnd Hispaniern in Nidegh-genglichen Meer herfunder,* etc. *Gedruck zu Strassburg durch Georgen Ulrick von Andla | am vierzehenden tag des Merzens.* An. M. D. XXXIIII (1534).

Versão allemã da collecção Grynæus.

1534 — FRANCK (SEBASTIAN — VON WÖRD) *Weltbuch | Spiegel | vnd bildtnisz des ganzen | erdbodens von Sebastiano Franco Wordesi in vier bücher, neurlich in Asi- | am, Aphricã, Europam vnd Americã, gslelt vnd abteilt, Auch aller dariñ be- | griffner Lander, Nation Prouinze vnd Inseln, gelegenheit...* Anno MDXXXIIII (1534). No verso da ultima folha. antes do Registo: *Getruckt zũ Tübingen durch Ulrich Morhard,* e a data repetida *in-extenso.*

Parece 2ª edição, porque Graesse, II, 667, descreve um exemplar de 1533. A parte relativa á America occupa de fls. CCX *usq.* CCXXXVII.

1547 — OUIEDO — *Coronica de las Indias | La hystoria general de | las Indias agora nueuamente im- | pressa corregida y emmendada. | 1547 y con la conquista del Peru. (Primera parte de la hystoria natural y general de las Indias). La qual escriuio por mandado de la Cesarea y Catholica magestades el capitan Gonçalo Hernandez de Ouiedo y valdez,* etc. *Lo qual todo fue,* etc. *se acabo y jmprimio en la muy noble Ciudad de Salamanca en casa de Juan de Junta a dos del Mes de Mayo Año de mil y quinientos & quarenta & siete. Año +.*

Exemplar que pertenceu á bibliotheca de Martius.

1550 — CORTEZ (FERNANDO) *Von dem Newen Hispanien | so im Meer gegem Nidergang | Zwo gantz lustige vnnd fruchtreiche Historien | an den groszmächtigisten vnüberwindtlichisten Herren | Carolvm. V. Römischen Kaiser* etc. *Künig in Hispanien* etc. *Getruck inn der Kaiserlichen Reichs Statt Augspurg | durch Philipp Ulhart | In der Kirchgassen bey S. Ulrich. Anno Domini* M. D. L. (1550). *Cum gratia & Priuilegio Ro: Regiae Maiestatis in decennium.*

Versão allemã das segunda e terceira relações de Cortez, por Sixtus Birck ou Betuleius, poeta da Suabia, e And. Diether, seu collega no Gymnasio de Auspurgo. Contém a mais esta edição um resumo da Decada IV de Pedro Martyr de Anglería, um extracto da historia de Oviedo, e documentos interessantes que não se encontram em nenhuma das edições latina ou hispanhola de Cortez, relativos ás Canarias e á expedição de Pizarro para o descobrimento do *Zinnamon*. Insere tambem noticias de Venezuela, concernentes aos novos estabelecimentos feitos nessa provincia de 1534 a 1540.

1554 — RAMUSIO — *Primo volume, & seconda editione | delle navigationi | et viaggi | in molti lvoghi corretta, et ampliata | nella qvale si contengono | descrittione dell'Africa, | & del paese del Prete Ianni, con vary viaggi, dalla Città di Lisbonna. & dal Mar | Rosso á Calicut, & insin'all'isole Molucche | doue nascono le Spetierie, | E la Navigatione attorno il Mondo. | Aggiuntoui di nuovo | la Relatione dell'isola Giapan, nuouamente scoperta nella parte di Settentrione. | Alcuni Capitoli appartinenti alla Geographia es-*

tratti dell'Historia de S. Giouan | di Barros Portoghese. | Tre Tauole de Geographia in disegno, secondo le Carte de nauigare de Portoghesi, | & fra terra secondo gli scrittori che si contengono in questo volume. | Etc.. (Gravura em madeira). *Con preuilegio del Spmmo Pontefice, & dello | Illustriss. Senato Veneto. | In Venetia, nella stamperia de Givnti. | L'anno* MDLIIII (1554).

Este volume da collecção Ramusio foi impresso pela primeira vez em 1550, e reimpresso em 1554. Desse anno é a edição que possúe a bibliotheca do Instituto.

1556 — THEVET (ANDRÉ) — *Cosmographie de Levant par F. André Theuuet d'Angoulesme reunie & augmentee de plusieurs figures. A Lion par Ian de Tournes et Guil. Gazeau.* M.D.LVI (1556).

E' primeira edição.

1558 — THEVET (ANDRÉ) — *Les Singvlari | téz de da Fran | ce Antarctique, av | trement nommée Amerique: & de | plusieurs Terres & Isles de | couuertes de nostre | temps | Par F. André Theuuet, natif d'Angoulesme* (Armas episcopaes gravadas em madeira). A Paris, | *Chez les heritiers de Maurice de la Port, au Clos | Bruneau, à l'enseigne S. Claude |* 1558 | *Avec Privilege dv Roy.*

E' segunda edição, em tudo egual á primeira de 1557, de absoluta raridade esta. Alguns bibliographos consideram a de 1558, tambem muito rara, como primeira edição; mas toda duvida desapparece ante o exemplar daquella, que pertenceu ao Dr. J. Carlos Rodrigues, hoje incorporado á Bibliotheca Nacional.

Ha uma versão italiana, de Veneza, 1561. Desta possúe tambem a bibliotheca do Instituto Historico o bellissimo exemplar que pertenceu ao barão do Rosario.

1558 — RAMUSIO — *Secondo volume | delle navigationi et viaggi | nel qvale si contengono | L' Historia delle cose Tartari, & diuersi fatti de loro Imperatori, descritta | da M. Marco Polo Gentilhuomo Venetiano, & da Hayton Armeno. | Varie descrittioni di diuersi autori, delle'Indie Orientali, della Tartaria, della | Persia, Armenia, Mengrelia, Zorzania, & altre Prouincie, nella quali si | raccontano*

molte imprese d'Vssumcassan, d'Ismael Soffri, del Sol- | *dano di Babilonia, di diuersi Imperatori Ottomani, & parti-* | *colarmente di Selim, contro Tomombei, vltimo Soldano* | *de Mamalucchi, & d'altri principi.* | Etc. (Uma gravura em madeira). *Con Privilegio dell'Illustrissimo Senato di Venetia.* | No fim) : *In Venetia per gli heredi de Lec Antonio Givnti. L'anno MDLVIII.* (1558)

O Dr. J. Carlos Rodrigues descreve um exemplar deste segundo volume da collecção Ramusio impresso em 1559. O que possúe a bibliotheca do Instituto Historico é de 1558.

1567 — FRANCK (SEBASTIAN — VON WÖRD) — *Neuwe Welt:* | *Das ist* | *Warhafftige Beschreibunge aller Schönen Historien von erfindund, viler vnbekanten Königreichen* | *Landschafften* | *Insulen vnnd Steden* | *von derselbigen gelegenheit* | *wesen* | *braüchen* | *sitten* | *Religion* | *Künsten vnd handtierungen* | *Auch allerley gewechsz* | *Metallen* | *Specerey en vnd anderer Wahr* | *so von jnen in vnsere Lande geführt* | *vnd gebracht werden* | ... *Durch Vlrich Schmid von Straubigen vnd andern mehr* | *so in eigner Person gegenwertig gewesen.* (Gravura em madeira com 4 figuras, sobre as quaes) : *Getruckt zu Franckfurt am Mayn.* Anno 1567.

E', segundo Leclerc, o Tomo II da collecção Feyrabend, com titulo differente. Importantissimo para a America, porque contém a primeira edição da relação de Ulric Schmidel e a segunda da de Hans Staden.

1574 — MARTYRIS ANGLERIUS (PETRO) — *De rebvs Oceanicis et Novo orbe, Decadas tres; item eivsdem da Babylonica legatione, libri III, et item de rebvs Aethiopicis, indicis, Lusitanicis et Hispanicis, opuscula quedam Historica doctissima, quae hodiè non facilè alibi reperiuntur, Damiani a Goes Equitis Lusitani. — Coloniae, Geruinum Calenium et haeredes Quentelios,* 1574.

Essa edição da celebre obra de Pedro Martyr de Anglería contém as tres primeiras decadas, a embaixada a Babylonia e um opusculo de Damião de Góes sobre o imperio do Preste João, seguido de uma resenha geographica da Laponia.

Pertenceu á bibliotheca de Martius.

1578 — LERY (IEAN DE) — *Histoire | d'un voyage | fait en la terre | dv Bresil, avtre- | ment dite Amerique. | Contenant la navigation, et choses remar- | quables veuës sur mer par l'aucteur: Le compor- | tement de Villegagnon, en ce païs là, Les meurs | & façons de viure estranges des Sauuages A- | meriquains: auec vn colloque de leur language. | Ensemble la description de plusieurs Animaux, | Arbres, Herbes & autres choses singulieres, | & du tout inconues par deça, dont on verra les | sommaires des chapitres au commencement du liure. | Non encores mis en lumiere, pour les causes | contenues en la preface. | Le tout recueilli sur les lieux par..., natif de la Margelle, | terre de Sainct Sene au Duché de Bourgogne. A la Rochelle. | Pour Antoine Chuppin.* | M. D. LXXVIII. (1578).

Com 6 estampas em madeira, das quaes uma é repetida. E' primeira edição. Ha uma segunda, pelo mesmo editor, s. l. (Genébra) 1580, e terceira, idem, idem, 1585, quarta de 1594, quinta de 1599, e reimpressões de 1600, 1611 e 1642, além de outras edições modernas, entre as quaes é recommendavel a de Paul Gaffarel, Paris, 1880. A primeira edição latina, por Eustathius Vignon, s. l. (Genébra) é de 1586, segundo Brunet mais rara do que o original francez; ha segunda, pelo mesmo editor, Genébra, 1594; traducção hollandeza, em Leiden, 1706; allemã, em Munster, 1794; portugueza, de Tristão de Alencar Araripe, com orthographia sonica, Rio de Janeiro, 1889.

1582 — BENTZON (HIERONYMUM) — *Newer | Welt und In | dianischen Königreiches newe und | warhafte History von allen Geschichten Handlugen | Thaten, | Strengem unnd Ernstlich Regiment der Spanier gegen den | Indianern, unglaublichen grossem Gut von Goldt, Sylber, Edelgestein, | Peerlin, Schamaragdt, unnd andern Reichtumb, so die Spanier darinn erobert; sambt von den sorglichen Shiffarten, Kriegen, Schacten unnd Eroberung und verher- | gung viller Provintz, Landtchafften, und Königreich, so sich bey | unser Gedachtnuss haben darin verlossen | und zugetragen,* |etc. *Durch Hieronymum Bentzon von Meylandt in Welscher Sprach wahrafft beschrieben | unnd selbs persönlich in viertzehen jharen durch durwanderet und erfaren. In das*

Teutsch getracht | *durch* | *Nicolaum Höniger von Tauber Königshofen.* (No fim) : *Getruckt* | *zü Basel* | *durch Sebastian Henricpetri* | *in Jhar nach unser Erlösung unnd* | *Seeligmachung Jesu Christi* | M. D. LXXX i j. (1582).

E' a segunda edição allemã do original latino de 1565. A primeira edição naquella lingua é de 1579.

Inserem ambas as Decadas de Pedro Martyr de Angleria, documento precioso para a Historia e Geographia da America, no primeiro seculo do descobrimento.

1588 — MAFFEI — IOANNIS PETRI MAFFEII BERGOMATIS | E SOCIETATI IESV | *Historiarvm indi-* | *carvm Libri XVI.* | *Selectarvm item ex India* | *Epistolarum eodem interprete Libri IV.* | *Accessit Ignatti Loiolae Vita Postremo* | *relognita. Et in Opera singula copiosus Index.* (Gravura em madeira) *Florentiae,* | *apvd Philippvm Ivnctam.* M. D. LXXXVIII. (1588) | *Ex Avctoritate Superior* | *vm Privilegio.*

Pertenceu o exemplar do Instituto Historico á bibliotheca de Martius.

1591 — BRY (THEODORO DE) — *Brevis Narratio* | *eorvm qvae in Florida Americae Provĩcia* | *Gallis acciderunt, secunda in illam Nauigatione, du-* | *ce Renato de Laudônierc classis Práefecto:* | Anno MDLXIIII. | *Qvae est secvnda pars Àmericae.* | *Additae figurae incolarum eicones ibidem ad, vivû expressae:* | *brevis item Declaratio Religionis, rituum, vivendique* | *ratiône ipsorum.* | *Auctore* | *Iacobo le Moyne, cui cognomen de Morgues, Laudõnierum* | *ĩn ea Navigatione sequnto.* | *Nunc primum Gallico sermone à Theodoro de Bry Leodiense* | *in lucem edita: latio vero donata a C. C. A.* | *Francoforti* | *ad Moenvm* | *Typis Ioãnis Wecheli, Sumtibus vero Theodori* | *de Bry* Anno MDXCI. | (1591). *Venales reperiũtur in officina Sigismund Feirabêdii.*

E' a segunda parte da collecção de viagens publicada por Theodoro de Bry, Joan.-Theodoro de Bry e Matheo Merian, de 1590 a 1634, em duas séries — *Grandes e Pequenas Viagens*, comprehendendo vinte e cinco partes. Nos catalogos essa collecção vem ordinariamente indicada sob o titulo facticio de *Collectiones peregrinationum in Indiam orientalem, et Indiam occidentalem.*

A bibliotheca do Instituto Historico possúe a collecção das grandes viagens, da edição allemã, além da obra aqui descripta, que pertence á edição latina. São livros raros e preciosos para a Historia da America em geral e do Brasil.

1595 — ROSACCIO (GIOSEPPE) — *Il mondo | e sve parti | cive | Evropa, Affrica, Asia | et America. | Nel quale, oltre alle Tauole in disegno, si discorre delle | sue Prouincie, Regni, Regioni, Cittá, Castelli, Ville, | Monti, Fiume, Laghi, Mari, Porti, Golfi, Isoli, | Populacioni, Leggi, Riti, e Costumi. | Da Gioseppe Rosaccio con breuita descritto.* | (Gravura em madeira, representando a esphera terrestre). *In Fiorenza, Appresso Francesco Tosi.* 1595. | *Con licenza dé Superiori.*

Com 22 mappas gravados em madeira no texto. Não citado por Brunet, por Leclerc, nem pelo Dr. J. Carlos Rodrigues. O exemplar da bibliotheca do Instituto Historico pertenceu ao barão do Rosario.

1599 — LINSCHOTEN (JOHANNIS HVGONIS) — *Navigatio | ac itinerarivm Johannis Hvgonis Lins | cotani in Orientalem sive Lvsitano- | rvm Indiam. Descriptiones eivsdem terrae ac tractvvm littoralivm. Praecipuorum, portuum, fluminum, capitum, locorumque Lusita- | norum hactenus navigationibus delectorum, signe et notae... Collecta omnia ac descripta per eundem Belgicè; nunc vero Latinè reddita, in vsum commodum ac voluptatem, studiosi lectoris novarum memoriaque dignarum rerum, diligenti studio ac operã* (Gravura em madeira). *Hagae-Comitis. Ex officina Alberti Henrici. Imprensis authoris et Cornelii Nicolai. Anno 1599.*

E' a primeira edição latina.

1601 — BRY (DIETRICHS DE) — *Neundter vnd Letzter Theil | Americae | Dariñ gehandelt wird | von gelegenheit der Elementen | Natur | Art vnd eigenschafft der Newen Welt:* etc. — *Getruck zu Franckfurt am Mayn | Bey Wolgang Richter,* 1601.

Edição allemã das pequenas viagens por D. de Bry, que succedeu a seu pae, Th. de Bry. Não citada por Leclerc.

1601 — HERRERA (ANTONIO DE) — *Historia Gene- | ral de los Hechos | de los Castellanos | enlas Islas i tierra fi | rme*

del Mar oceano esc | rita por.... Coronista | maior de sv. Md. delas | Indias y sv coronista de Castilla. | En quatro Decadas desde el Ano de | 1492. Hasta el de 1531. | Decada primeira | Al Rey Nuestro Señor. En Madrid: en la Emprenta Real. 1601.

1606 — RAMUSIO — *Delle navigationi | et viaggi | Racolte da M. Gio. Battista Ramvsio. | Volvme terzo. | Nel quale si contiene le Nauigationi al Mondo Nuouo, à gli Antichi incognito, | fatte da Don Cristoforo Colombo Genouese, che fù il primo à scoprirlo | ài Re Catholici, detto hora é Indie Occidentali,* etc. *Con privilegio* (Gravura sobre madeira). *In Venetia,* MDCVI (1606), *Appresso i Givnti.*

E' segunda edição; a primeira saiu impressa em 1556.

Contém vinte relações de viagens ao Novo Mundo. Entre ellas está o *Discorso d'vn gran Capitano di mare Francese del luoco di Dieppa sopra le navigationi fatte alla terra nououa dell'Indie occidentali, chiamata nououa Francia.... sopra la terra del Brasil,* etc. E' documento capital para a Historia do Brasil, antes dos donatarios.

1614 — ABBEVILLE (P. CLAUDE D') — *Histoire | de la Mission | des Peres Capvcins | en l'Isle de Maragnan et | terres circonuoisines | ov | est traicte des sin | gularitez admirables & des Meurs merveilleuses des Indiens | habitans de ce pais. Avec des missiues | et aduis qui ont enuoyez de nouueau | Par | Le R. P. Claude d'Abbeuille | Predicateur Capucin | Praedicabitur Euangelium | Regni In vniuerso obi. Mat. 24 | Auec priuilege du Roy. | A Paris | De l'Imprimerie de François | Hvby,* etc. 1614.

Ha traducção portugueza por Cesar Augusto Marques, Maranhão, 1874.

1615 — PYRARD (F.) — *Voyage | de | François Pyrard | de Laval | Contenant | sa nauigation aux Indes Orientales, aux Molu- | ques & au Bresil:* etc. *Diuisé en deux Parties. A' Paris | Par Remy Dallin,* etc. M.DC.XV. (1615).

E' primeira edição; ha outras de 1616 e 1679; traducção ingleza de 1887; portugueza, de Cunha Rivara, Nova Gôa, 1858-1862.

1617 — LINSCHOTEN — *Histoire de la Navigation de Jean Hugues de Linschot Hollandais, Aux Indes Orientales. Contenant diverses Descriptions des lieux iusques à present descouverts par les Portugais: Observations de Coustumes & autres declarations. Avec annotations de B. Paludanus, Docteur en Medicine sur la matiere de Plantes & Especeries: Item quelques Cartes Geographiques, & autres figures. Deuxiesme edition augmentee. A Amsterdam, Chez Iean Evertsz Cloppenburch, Marchand, libraire, demeurant à le Water à la Table Doree. Avec Privilege par 12. ans.* 1617.

Esta edição não é citada por Leclerc, nem pelo Dr. J. Carlos Rodrigues.

1633 — LAET (JOANNES DE) — *Novvs Orbis seu descriptiones Indiae Occidentalis Libri XVIII. Authore Joanne de Laet Antverp. Novis Tabulis Geographicis et variis Animantium, Plantarum, Fructuumque Iconibus illustrati. Cvm Privilegio. Lvgd. Batav. apud Elzevirios. A.* 1633.

A primeira edição hollandeza é de 1625; a segunda de 1630; ha ainda, além da edição latina acima descripta, uma franceza de 1640.

1641 — ACUÑA (CHRISTOVAL DE) — *Nuevo Descvbrimiento del gran Rio de las Amazonas. Por el Padre Christoval de Acuña, Religioso de la Compañia de Jesus, y Calificador de la Suprema General Inquisicion. Al qual fve, y se hizo por orden de su Magestad, el año de 1639. Por la Provincia de Qvito en los Reynos del Perú. Al Excelentisimo Señor Conde Duque de Oliuares. Con licencia; En Madrid, en la Imprenta del Reyno, año de* 1641.

A relação do padre Acuña foi, por motivos politicos, mandada supprimir pelo governo hispanhol; tornou-se assim extremamente rara. Quando de Gomberville a traduziu para o francez, conheciam-se apenas dous exemplares: o de que se serviu e o da bibliotheca do Vaticano.

Mais tarde appareceram outros, mas não passarão de dez os que existem actualmente.

1647 — BARLEU (CASPARIS BARLAEI) — *Rervm per octennivm in Brasilia. Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mavritii, Nassoviae, &c, Comitis Nun*

Vesafiae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum **Belgii** *Ordd. sub Avriaco Ductoris, Historia. — Amstelodami, Ex Typographeio Ioannis Blaev. MDCXLVII.* (1647).

Com o retrato do principe e 56 estampas e mappas geographicos gravados em cóbre, em paginas duplas, por Franz Post. E' primeira edição. A bibliotheca do Instituto Historico possúe, além desta, a edição allemã de 1659, e a segunda de 1660. Obra de summo interesse para a Historia e Geographia do Brasil.

O nome hollandez do auctor é Gaspar Van Baerle.

1664 — BIET (ANTOINE) — *Voÿage de la France Eqvinoxiale en l'Isle de Cayenne, entrepris par les François en l'année. M. DC L. II, etc. — A Paris, Chez François Clovzier.* M. DC. LXIV (1664). *Avec Privilege dv Roy.*

1665 — MAFFÉE (P. JEAN PIERRE,... DE LA COMPAGNIE DE JESUS) — *L'Histoire des Indes Orientales et Occidentales... Traduite de Latin en François par M. M. D. P. — Avec deux Tables, l'une des Chapitres, & l'autre des Matieres, tant Geographiques qu' Historiques. — A Paris, Chez Robert de Ninville,* M. DC. LXV. (1665).

A edição latina é de 1588. Esta não vem citada em Leclerc nem pelo Dr. J. Carlos Rodrigues.

1672 — DENYS — *Description Géographique, et Historique des Côtes de l'Amérique Septentrionale. Avec l'Histoire naturelle du Païs.* — Paris, 1672 (2 volumes).

1677 — RICHSHOFFER (AMBROSIUS) — *Brasilianisch und West Indianische Reise Beschreibung. — Strasburg. Den Yosias Stadetz.* A.° 1677.

Com 182 pags., mais 5 inn. com um soneto de M. Johann Heinrich Rapp, dedicado ao auctor, e uma errata.

Retrato do auctor em medalhão, gravado por I. C. Sartorius. Frontispicio gravado e 6 estampas desdobraveis, tambem gravadas. E' rarissimo esse opusculo. A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro não o possue. Graesse, Sewel, Brunet, Fred. Müller, Leclerc e o Dr. J. Carlos Rodrigues não o mencionam.

1682 — ACUÑA (CHRISTOPHE) — *Relation de la Riviere des*

Amazones tradvite par feu M.r de Gomberville de l'Academie Françoise. Sur l'Original Espagnol du P. Christophe d'Acuña Jesuite. Avec une Dissertation sur la Riviere des Amazones pour servir de Preface. A Paris. Chez la Veuve Louïs Billaine, au second Piller de la grand' Sale du Palais, au grand Cesar. — M. DC. LXXXII. (1682). *Avec Privilege du Roy.*

Com 1 charta do rio Amazonas por Sanson d'Abbeville, gravada por Liebaux e reproduzida na collecção de *Voyages and Discoveries in South America*, por S. Buckley, Londres, 1698, e no Atlas do barão do Rio Branco, sob o numero 80.

1682 — NIEUHOFS (JOHAN) — *Gedenkweerdige Brasiliaense Zee-en Lant Reize, Behelzende. Al het geen op dezelve is voorgevallen. Benefens. Een bondige belchrijving van gantsch Neerlants Brasil, Zoo van lantschappen, steden, dieren, gewassen, als draghten, zeden en godsdienst der inwoonders: En inzonderheit. Een wijtloopig verhael der merkwaardigste voovallen en geschiedenissen, die zich, geduurende zijn negenjarigh verblijf in Brasil, in d'oorlogen en opstant der Portugesen tegen d'onzen, zich sedert het jaer 1640. tot 1649. hebben toegedragen. Doorgaens verçiert met vercheide afbeeldingen, na't leven aldaes geteckent. t' Amsterdam, Voor de Weduwe van Jacob van Meurs, op de Keizers-gracht. 1682.*

Frontispicio e retrato do auctor, gravados. Chartas geographicas, vistas e grandes estampas separadas do texto, e neste numerosas gravuras e figuras.

1634 — RODRIGUEZ (P. MANUEL) — *El Marañon y Amazonas. Historia de los descvbrimientos, entradas, y redvccion de Naciones. Trabajos malogrados de algunos conquistadores, y dichosos de otros. Assi temporales, como espirituales, en las dilatadas montañas, y maiores rios de la America, escrita por el padre Manuel Rodriguez, de la Compañia de Jesus, procurador general de las provincias de Indias, en la Corte de Madrid. En Madrid, Antonio Gonçalez de Reys. Año 1684.*

1690 — S. TERESA (GIO. GIOSEPPE DI) — *Istoria della guerre del Regno del Brasile accadvte tra la corona de Portugallo, e la Republica di Olanda. Composta, ed offerta alla reale maestá di Pietro Secondo, Re di Portugallo,* etc. *Parte*

prima e seconda. Roma, Stamperia degl'Eredi del Corbelleti. — 1696.

Com retratos, gravados, de D. Pedro II e D. João IV, e 21 mappas e plantas, tambem gravados.

1698 — *Voyages and Discoveries in South-America.* London: *Printed for S. Buckeley* — 1698.

Contém esta collecção: *The First up the River of Amazons to Quito in Peru, and back again to Brazil perform'd at the Command of the King of Spain. — By Christopher d'Acugna.*

The Second up the River of Plata, and thence by Land to the Mines of Potosi. — By Mons. Acarete.

The Third from Cayenne into Guiana, in search of the Lake of Parima, reputed the richest Place in the World. — By M. Grillet and Bechamel.

Com o mappa do curso do Amazonas por Sanson d'Abbeville; outro das Provincias do Paraguay e Tucuman e do Rio da Prata.

Exemplar completo, rarissimo.

1698 — FROGER — *Relation d'un voyage Fait en 1695. 1696 & 1697. aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par une Escadre de Vaisseaux du Roy, commandée par M. de Gennes,* etc. A Paris. — M.DC.XCXIII. (1698) *Avec privilege dv Roy.*

Com 26 estampas e chartas geographicas. — E' primeira edição. Ha outras: Paris, 1699; Londres, 1698; Amsterdam, 1715.

1715 — VOOGT (CLAAS JANSZ.) — *De Nieuwe Groote, Lichtende Zeefakkel... Gedrukt tot Amsterdam by Ioannes van Keulen.* — A.° 1715.

Em 6 volumes e 6 partes:

I — Descripção dos Paizes do Norte da Europa e terras arcticas desse continente e da America Septentrional;

II — Descripção da parte sul do Mar do Norte, Canal Oeste da Inglaterra, Escossia, Irlanda, França, Hispanha, Marrocos, Guiné, Gambia, Açores, Canarias, etc;

III — Descripção das costas e ilhas do Mediterraneo;

IV — Descripção das Costas e ilhas da America entre Guyana e Terra Nova;

V — Descripção das costas de Marrocos, Gambia, com as ilhas pertencentes, bem como Guiné, Congo, Angola, Cafraria e costa oriental da America do Sul, costas do Brasil, desde o cabo do Norte até o rio da Prata, — geralmente denominado *Livro Quarto da Segunda Parte*;

VI — Descripção da India Oriental, desde o cabo da Bôa Esperança, beirando as costas da Africa, Arabia, Persia, peninsula da India Oriental anterior e posterior, China até o porto de Nangosaki, no Japão, ilhas do Ceylão, Sumatra, Java, etc.

Este exemplar é da edição em grande formato, papel duplo, com chartas coloridas, da qual apenas parece existirem dous, um na Hollanda, e outro, que é o que descrevemos, pertencente á bibliotheca do Instituto Historico, tendo antes pertencido ao governador geral da India, Daandels. A ultima parte foi ampliada por Ian de Marre e publicada pelo editor Keulen, em 1753. — O volume VI contém antes da folha de rosto 6 folhas manuscriptas dirigidas ao conselheiro da India Louis Taillefert por P. S. Wenkink, com data de Sourata, 16 de Fevereiro de 1758, com rectificações e correcções.

1716 — VOOGT (CLAAS JANSZ.) — *De Nieuwe Groote, Lichtende Zeefakkel, 't vyfde deel...*

Outra edição do *Livro Quarto da Segunda Parte*, da obra precedente, por Gerard van Keulen, Amsterdam, 1716.

1717 — ROGERS (WOODES) — *Voyage autour du monde, commencé en 1708 et finit en 1711. Par le Capitaine... Traduit de l'Anglois* (Londres, 1712). *Où l'on a joint quelques Pièces curieuses touchant la Riviere des Amazones et la Guiane. — A Amsterdam, chez la Veuve de Paul Marret.* 1717 (3 volumes).

Com 1 mappa-mundi, 6 chartas geographicas e 15 estampas. O ultimo tomo, consta da *Relation de la Riviere des Amazones*. Traduite par le feu Mr. de Gomberville sur l'Original espagnol du Pere Christophle d'Acugna, Jesuite. Avec

une Dissertation à la tête sur la même Rivière. Sur la Copie imprimée à Paris en 1682.

1727 — FREZIER — *Reis-Beschryving door de Zuid-Zee, langs de Kusten van Chili, Peru en Brazil, Opgesteld op eene Reistocht, gedaan in de jaren 1712, 1713 en 1714. — Amsterdam. By Jan Boom, 1727.*

Com estampas, chartas e plantas.

1730 — HERRERA (ANTONIO DE) — *Description dlas Indias Occidentales de..., Coronista Mayor de sv. Mayd de las Indias, y su coronista de Castilla. Al Rey Nro. Señor. — En Madrid en la oficina real de Nicolas Rodriguez Franco,* Año de 1730.

Oito decadas; o capitulo XXIV, que precede as *Decadas,* tem por titulo — *De las Provincias del Rio de la Plata i tierra del Brasil;* nas Decadas I a IV ainda se occupa do Brasil o auctor. Suas informações traem o poncto de vista hispanhol. — Segunda edição.

1732 — FREZIER — *Relation du voyage de la Mer du Sud aux Côtes du Chily et du Perou, fait pendant les années 1712, 1713 et 1714. — A Paris, chez Nyon, Didot et Guillau,* 1732.

Com 37 estampas gravadas, de plantas, animaes, personagens, planos e cartas geographicas. O exemplar da bibliotheca do Instituto Historico pertenceu ao Duque d'Aremberg, cujas armas estão estampadas sobre as pastas, a ouro.

A edição hollandeza, de Amsterdam, antes descripta, é de 1727.

1733 — LAFITAU (P. DE LA COMPAGNIE DE JÉSUS) — *Histoire des découvertes et conquestes des Portugais dans le Nouveau Monde.* — Paris, 1733 (2 volumes).

1744-1745 — HARRIS (JOHN) — *Navigatium atque Itinerantium Bibliotheca, or a complete Collection of Voyages and Travels. Consisting of above six hundred of the most authentic writers... Illustred by proper Charts, Maps, and Cuts. Originally published in Two Volumes in Folio, by... Now carefully revised, with large Additions, and continued down to the present time; incluing particular accounts of the*

Manufactures and Commerce of each Country. — *London: Printed for F. Woodward,* etc. — 1744-1748 (2 volumes).

1745 — CONDAMINE (M. DE LA) — *Relation abrégée d'un voyage dans l'interieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la Côte de la Mer du Sud, jusqu'aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la Rivière des Amazones;* etc. A Paris. *Chez la Veuve Pissot.* M. DCC. XLV. (1745). *Avec Approvation & Privilége du Roi.*

Traz a charta do curso do rio Amazonas, mostrando por uma linha pontilhada a differença do traçado do mappa do P. Samuel Fritz (1707), que foi o primeiro daquelle rio, de suas verdadeiras nascentes á foz.

Ha uma edição ingleza, Londres, 1747.

1747 — BERREDO (BERNARDO PEREIRA DE) — *Annaes Historicos do Estado do Maranhão, em que se dá noticia do seu descobrimento, e tudo o mais que nelle tem succedido desde o anno em que foy descuberto até o de 1747.* — Lisboa, na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1747.

E' primeira edição. Ha mais: 2ª, Maranhão, Typographia Maranhense, 1849; 3ª, Florença, 1905, com prefacio de Bertino Miranda.

1747-1751 — CARDOSO (Pe. LUIZ) — *Diccionario geographico, ou Noticias historicas de todas as cidades, villas, lugares, e aldeias, rios, ribeiros, e serras dos reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas, que escreve, e offerece ao muito alto, e muito poderoso rey D. João V.* — Tomos I e II (unicos publicados). Lisbôa. Na Régia Officina Sylviana, e da Academia Real. 1747-1751.

1751 — CONDAMINE (M. DE LA) — *Journal du Voyage fait par ordre du Roi, à l'E'quateur, servant d'introduction historique à la mesure des trois premiers degrés du Méridien.* — A Paris. *De l'Imprimerie Royal.* M.DCCLI. (1751).

1752 — ULLOA (DON JORGE JUAN ET DON ANTONIO DE) — *Voyage historique de l'Amérique méridionale fait par ordre du Roi d'Espagne. Ouvrage orné des figures, plans et cartes necessaires, et qui contient une Histoire des Yncas du Perou,*

et les observations astronomiques et physiques, faites pour déterminer la figure et la grandeur de la terre. — A Amsterdam et A Leipzig, chez Arkstée & Merkus. — 1752 (2 volumes).

1752-1753 — *Allgemeine Geschichte der Länder und Völker von America. Nebst einer Vorrede Siegmund Jacob Baumgartens* — *Halle, bey Johann Justinus Gebauer. Erster Theil, 1752; Sweiter Theil, 1753* - (2 volumes).

O exemplar da bibliotheca do Instituto Historico provém da bibliotheca particular de Martius.

1758 — *Description Géographique de Iles Antilles possedées par les Anglais.* — **Paris, 1758.**

Pertenceu á bibliotheca particular de Martius.

1762 — PIMENTEL (MANUEL) — *Arte de Navegar, em que se ensinão as regras praticas, e os modos de cartear, e de graduar a Balestilha por via de numeros, e muitos problemas uteis á navegação, e Roteiro das viagens, e costas maritimas de Guiné, Angola, Brasil, Indias, e Ilhas Occidentaes e Orientaes, Novamente emendado, e accrescentadas muitas derrotas, dedicado a Elrei D. João V, nosso senhor*, etc. — Lisbôa, Na Officina de Miguel Manescal da Costa. — Anno M. DCC. LXII (1762).

A primeira edição é de 1712; a segunda, de 1746; a terceira, de 1762; a quarta, de 1819. A respeito deste livro, escreveu Innocencio: «Esta *Arte* grangeou muita autoridade e foi por longos annos havida por texto em Portugal, merecendo não menos os applausos dos hydrographos extrangeiros. Ainda em 1830 parece que se tratava de fazer della uma nova edição.»

Manuel Pimentel nasceu em Lisboa, em 10 de Maio de 1650, e falleceu em 19 de Abril de 1719. Foi cosmographo-mór do reino, cargo em que succedeu a seu pae Luiz Serrão Pimentel; era graduado em ambos os Direitos pela Universidade de Coimbra.

1763 — BELLIN (JACQ. NIC.) — *Déscription Géographique de la Guyane. Contenant les Possessions et les Etablissemens des François, des Espagnoles, des Portugais, des Hollandois*

dans ces vastes Pays, etc. — *A Paris, De l'Imprimerie de Didot.* M. D. CC. LXIII - (1763).

Com muitas estampas, planos e chartas.

1771 — COLETTI (GIANDOMENICO) — *Dizionario Storico —Geografico dell'America Meridionale. In Venezia. Nella Stamperia Coletti. — Con licenza dé Superiori.* — MDCCLXXI (1771).

1771 — BOUGAINVILLE (L. A. DE) — *Voyage au tour du monde par la frégate du roi «la Boudeuse» et la flûte «l'Etoile»,* en 1766, 1767, 1768, 1769. — Paris, 1771.

1777 — SCHERER (JEAN-BENOIT) — *Recherches historiques et géographiques sur le Nouveau-Monde. — Paris — chez Brunet,* 1777.

1779 — CAULIN (FR. ANTONIO) — *Historia Corografica Natural y Evangelica de la Nueva Andalucia, Provincias de Cumaná, Guayana y Vertientes del Rio Orinoco,* etc. — Madrid, año de 1779.

Ha uma reimpressão feita em Carácas.

1780-1783 — *Lettres Edifiantes et Curieuses, écrites de Missions Étrangeres. Nouvelle édition. — A Paris, chez J. C. Merigot le jeune.* M. D. CC. LXXX — M. D. CC. LXXXIII (1780-1783). — 26 tomos.

Os tomos 6 a 9 contêm memorias sobre a America, inserindo o 8° a descripção abreviada do rio Marañon, ou Amazonas, e missões estabelecidas em seus contornos, extrahida de uma memoria castelhana do P. Samuel Fritz, da Companhia de Jesus, com a charta por elle levantada.

Conf. *Diario do Padre Samuel Fritz,* in *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro,* tomo 81.

1786-1789 — ALCEDO (ANTONIO DE) — *Diccionario geográfico-historico de las Indias Occidentales, ó America. — Madrid. En la Imprenta de Benito Cano* — 1786-1789 (5 tomos).

1788 — NASSY (DAVID DE IS. COHEN) — *Essai Historique sur la Colonie de Surinam. — Premiere et seconde parties* A Paramaribo. 1788.

Esta obra interessante para a Historia e a Geographia da America do Sul, foi publicada sem o nome do auctor.

Sabe-se, entretanto, que quando o porta-bandeira Francisco José Rodrigues Barata regressou ao Pará, de sua missão a Surinam (1798-1799), trouxe a D. Francisco de Sousa Coutinho, então governador e capitão-general da Capitania, um exemplar do *Essai Historique*, que lhe mandou o auctor, Dr. David de Is. Cohen Nassy, como se vê da carta deste áquelle, de Paramaribo, 29 de Outubro de 1798, da qual foi tambem portador o mesmo porta-bandeira, depois coronel do 2º regimento de infantaria de 1ª linha na alludida Capitania.

1791 — GUMILLA (PADRE JOSEPH) — *Historia Natural, Civil y Geografica de las Naciones situadas en las riveras del Rio Orinoco. — Nueva impresion... — Barcelona: En la imprenta de Carlos Gilbert y Tutó. — Año MDCCLXXXXI* (1791). 2 volumes.

Com estampas e o retrato do auctor.

1798 — L. M. B., ARMATEUR — *Voyage à la Guiane et à Cayenne, fait en 1789 et années suivantes;* etc. — *A Paris. An. VI de la République* (1798).

Com 1 charta da Guyana Franceza, da Ilha de Cayenna, e plano da cidade e do forte de Michel; numerosas gravuras.

1799 — *Tableau de Cayenne ou de la Guiane Française* etc. — *A Paris. De l'Imprimerie de Testu, an VII* (1799).

Tracta da Geographia, clima, producções e dos naturaes do paiz.

1802 — MURR (CHRISTOPHE THEOPHILE DE) — *Histoire Diplomatique du Chevalier portugais Martim Behaim, de Nuremberg, avec la description de son globe terrestre. Strasbourg et Paris, an X* (1802).

Perteneeu á bibliotheca particular de Martius.

1810-1829 — MALTE-BRUN — *Précis de Géographie Universelle. A Paris, 1810-1829.* (8 volumes).

1812-1841 — *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são visinhas. Publicada pela Academia*

Real das Sciencias — Lisbôa. Na Typographia da mesma Academia. — *1812-1841* — Com licença de S. Alteza Real (7 volumes).

1820-1821 — MAXIMILIAN (PRINZ ZU WIED-NEUWIED) — *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.* — *Frankfurt a M., Gedruckt und verlegt bei Heinrich Ludwig Brönner* — *1820-1821* (2 volumes).

Com 19 estampas separadas do texto, gravadas em cobre. Segue-se:

Kupfer und Karten der Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.

Consta de 22 estampas gravadas em cobre, sendo 5 coloridas, de paisagens, scenas de costumes, historia natural, etc., e 3 chartas geographicas do Brasil (In-fol. gr.).

1823-1831 — SPIX (DR. JOH. BAPT. VON) UND MARTIUS (DR. CARL FRIED. PHIL. VON) — *Reise in Brasilien, auf Befehl sr. Majestät Maximilian Joseph I Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben von... München, Gedruckt bei M. Lindauer, I. J. Leutner, dem Verfasser* — *1823-1831* (3 volumes).

Segue-se:

Atlas zur Reise in Brasilien von... (In-fol. gr.).

De 40 folhas lithographadas, algumas das quaes coloridas, e 12 chartas geographicas.

1824 — LEBLOND — *Description de la Guiane Française, ou tableau des productions naturelles et commerciales de cette colonie, expliquée au moyen d'une carte géologique-topographique dressée por M. Poirson, ingénieur géographe. Deuxième édition, augmentée d'une notice biographique et scientifique sur M. Leblond.* — *Paris, Alexis Eymery, livraire, 1824.*

Com 1 charta.

1825 — CALDCLEUGH (ALEXANDER) — *Travels in South America, during the years 1819-20-21; containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chili.* — *London: John Murray (Printed by C. Roworth).* MDCCCXXV (1825) 2 volumes.

Com 2 mappas e varias gravuras.

1825-1828 — GIRALDES (J. P. C. CASADO) — *Tratado completo de cosmographia e geographia historica, physica e commercial, antiga e moderna.* — Paris, *chez Fautin, Rey et Gravier, Aillaud* — 1825-1828 (4 volumes).

1825-1837 — NAVARRETE (DON MARTIN FERNANDEZ DE) — *Colleccion de los viages y descubrimientos, que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV con varios documentos inéditos concernientes á la historia de la marina Castellana y de los estabelecimientos Españoles en Indias, coordenada é illustrada por...* Madrid, Imprenta Real. — 1825-1837 (5 volumes).

I vol.: *Viages de Colon: Almirantazo de Castilla.*

II vol.: *Documentos de Colon y de las primeras poblaciones.*

III vol.: *Viages menores y los de Vespucio.*

IV vol.: *Expediciones al Moluco. Viage de Magalanes y de Elcano.*

V vol.: *Expediciones al Moluco. Viages de Loisa y di Saavedra.*

Contém mappas e muitos documentos preciosos.

1826 — HUMBOLDT (AL.) Y BONPLAND (A.) — *Viage á las regiones equinocciales del Nuevo Continente, hecho en 1799 hasta 1804.* — Paris, en casa de Rosa, 1826 (5 volumes).

Com 4 mappas geographicos.

1826 — JUAN (JORGE) Y ULLOA (ANTONIO DE) — *Noticias Secretas de America*, etc. *Saccadas a luz para el verdadero conocimiento del gobierno de los españoles en la America Meridional.* Por David Barry. — Londres: en la Imprenta de R. Taylor, 1826.

1829 — LISTER MAW (HENRY) — *Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic, crossing the Andes in the Northern Provinces of Peru, and desdending the river Marañon, or Amazon.* — *London: John Murray. Printed by W. Clowes.* — MDCCCXXIX (1829).

Com 1 charta geographica e perfis. — Traducção portugueza, de Liverpool, 1831.

1830 — URVILLE (DUMOND D') — *Voyage de découvertes de «l'Astrolabe» exécuté pendant les années* 1826, 1827, 1828, 1829. — Paris, 1830 (12 volumes).

Chartas geographicas nos tomos VII a XII.

1832 — *The Journal of the Royal Geographical Society of London. — London: John Murray. Printed by William Clowes.* — MDCCCXXXII (1832).

Primeiro volume, e continúa até 1880, com 50 volumes e 5 de indices de materia.

1837 — STADEN (HANS) — *Histoire d'un pays situé dans le nouveau monde nommé Amérique, par..., de Homberg, en Hesse.* (Na collecção de Henri Ternaux) Paris — Arthus Berthrand. MDCCCXXXVII (1837).

Originariamente escripta em allemão e logo traduzida em diversas linguas.

Em inglez ha a traducção de Albert Tootal e annotada por Richard F. Burton, publicada pela Hakluyt Society, Londres, 1874; em portuguez, a de Tristão de Alencar Araripe, publicada na *Revista do Instituto Historico*, tomo 55, parte I, e a de Alberto Löfgren, S. Paulo, 1900, com annotações de Theodoro Sampaio.

1838 — BOUGAINVILLE (BARON H. DE) — *Journal de la navigation autour du globe de la frégate «la Thétis» et de la corvette «l'Espérance» executé pendant les années* 1824, 1825 *et* 1826. — Paris, Arthus Berthrand, 1837. (2 volumes e atlas).

1839 — *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* — Rio de Janeiro. Typographias diversas. Volume I, 1839. Continúa, tendo publicado até ao presente 133 volumes, ou 83 tomos, não se contando nesse computo os tomos especiaes consagrados ao quinquagenario do Instituto, ao centenario da Imprensa no Brasil e Primeiro Congresso de Historia Nacional, em numero de 8.

1841 — ORBIGNY (ALCIDE D') — *Voyage pittoresque dans les deux Amériques, resumé général de tous les voyages*, etc. Paris. — Furne et C.[ie], libraires-éditeurs. 1841.

Com muitas gravuras e chartas.

1842-1853 — URVILLE (DUMOND D') — *Voyage au pôle Sud et dans l'Océanie, sur les corvettes «l'Astrolabe» et «la Zélée», pendant les années* 1837 *à* 1840. — Paris. Gide, 1842-1853 (2 volumes, 6 de chartas).

1845 — ORBIGNY (ALCIDE D') — *Fragment d'un voyage au centre de l'Amérique Méridionale, contenant des considérations sur la navigation de l'Amérique et de La Plata, et sur les anciennes missions des provinces des Chiquitos et des Moxos* (Bolivia). Paris P. Bertrand, Editeur. Strasbourg. Imprimerie de V.^e^ Berger-Levrault. — 1845.

Com 1 grande charta geographica.

1850-1857 — CASTELNAU (FRANCIS DE) — *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para; executée par ordre du gouvernement français pendant les années 1843 à 1847, sous la direction de... En sept parties:*

Première partie: — Histoire du voyage. Tom. 1-6, in 8°. Paris, chez P. Bertrand, libraire-éditeur, 1850-1851.

Deuxième partie: Vues et scènes recueillies pendant l'Expédition... Avec 1 atlas, 6 planches, avec texte. Ibi, ibi, 1853 (1 vol. in-4° gr.).

Troisième partie: — Antiquités des Incas et autres peuples anciens. Avec 62 planches, lithographiées par Champin. Ibi, ibi, 1582 (1 vol. in-4° gr.).

Quatrième partie: — Itineraires et coupe géologique. Avec 1 atlas, 76 cartas gravées et coloriées, avec texte. Ibi, ibi, 1582 (1 vol. in-fol.).

Cinquième partie: — Géographie. Avec 1 atlas de 30 cartes gravées et coloriées, avec texte. Ibi, ibi, 1853 (1 vol. in-fol.).

Sixième partie: — Botanique. Avec 96 planches. Ibi, ibi, 1855 (2 vols. in-4°.).

Septième partie: — Zoologie. Animaux nouveaux ou rares recuellis pendant l'Expédition.... Avec 176 planches. Ibi, ibi, 1857 (3 vols. in-4°).

1851 — OVIEDO Y VALDÉS (CAPITAN GONZALO FERNANDEZ DE) — *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra Firme del Mar Oceano,* etc. — *Madrid, Imprenta de*

la Real Academia de la Historia, a cargo de José Rodriguez — *1851* (4 volumes).

1853 — MAURY (M. F.) — *The Amazon and the Atlantic slopes of south America. A series of letters published in the «Nation Intelligencer and Union Newspapers», under the signature of «Inca». — Revised and corrected by the author. — Washington: Published by Franck Taylor, 1853.*

Ha uma traducção portugueza, Rio de Janeiro, 1853.

1854 — OSCULATI (GAETANO) — *Esplorazione delle regioni equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazoni. Frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846-47-48. — Seconda edizione corretta ed accresciuta, con carte topographiche, e coll'aggiunta di nuove Tavole representanti Costumi e Vedute tolte dal vero dallo stessa Autore: — Milano. Presso i fratelli Centenari e Comp., tipografi editore* — 1854.

Com o retrato do auctor, muitas estampas e 1 charta do curso do rio Napo.

1854-1857 — RODRIGUEZ (EUGENIO) — *Guida Generale della Navigazione per le Coste Settentrionali ed Orientale dal Rio della Plata al Parà,* etc. — *Napoli. Della Reale Tipografia Militare: — 1854-1857* — Primeira e segunda partes.

Com muitas chartas, plantas, perfis e vistas.

1857 — *Proccedings of the Royal Geographical Society of London. Edited by secretary. — London: Published by Edward Stanford. Printed by W. Clowes and Sons. — 1857.*

Primeiro volume e continúa até 1892, em duas séries, com 36 volumes.

1859 — MARKHAM (CLEMENTS R.) — *Expeditions into the valley of the Amazons, 1539, 1540, 1639. Translated and edited, with notes, by... — London: Printed for the Hakluyt Society. MDCCCLIX* (1859).

Contém: *Expedition of Gonzalo Pizarro, 1539-42; The voyage of Francisco de Orellana down the river Amazons, 1540-41; New discovery of the Great River of the Amazons, by Father Cristoval de Acuña, 1639; List of the principal tribes in the valley of the Amazons.*

Com 1 mappa do valle do Amazonas.

1860 — URICOECHEA (E.) — *Mapoteca Colombiana. Colección de los titulos de todos los mapas, planos, vistas, etc., relativos á la America Española, Brasil é islas adyacentes. Arreglada cronologicamente i precedida de una introducción sobre la historia cartográfica de America. — Londres: Trübner y Cia, 1850.*

1863 — *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.* — Recife. Typographias diversas.

Numero 1 do volume I, 1863; continúa.

1864 — E'VREUX (Yves d') — *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 par le Père... Publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Impériale de Paris. Avec une introduction et des notes par M. Ferdinand Denis. — Paris et Leipzig: Albert L. Herold — 1864.*

Saiu com o titulo *Svitte de l'Histoire des choses memorables aduenues en Maragnan es annees 1613 & 1614. — Second traite. A Paris, MDCXV* (1615). *De l'mprimerie de François Huby,* — que foi tambem o impressor do livro d'Abbeville. A primeira edição foi suppressa por «fraude e impiedade, mediante certa somma de dinheiros em mãos do impressor».

1864-1900 — *Collección de Documentos ineditos relativos al descubrimiento, conquista y colonización de las posesiones españolas en America y Oceania, sacados, en sua mayor parte, del Real Archivo de Indias,* etc. — Madrid. Typographias diversas.

Duas séries: primeira de 1864 a 1884, com 42 volumes; segunda, de 1885 a 1900, com 13 volumes.

1867 — POEPE (Claude de la) — *L'ouverture de l'Amazone et ses conséquences politiques et commerciales.* — Paris, E. Dentu. 1867.

1867 — MICHELENA Y ROJAS (F.) — *Exploración oficial por la primera vez desde el norte de la America del sur, siempre por rios, entrando por las bocas del Orinóco, de los valles de este mismo y del Meta, Casiquiare, Rio Negro ó Guaynia y Amazónas, hasta Nauta en el alto Marañon ó Amazónas, arriba de las bocas del Ucayali, bajada del Amazónas*

hasta el Atlántico, comprendiendo en esse inmenso espacio los Estados de Venezuela, Guayana Inglesa, Nueva-Granada, Brásil, Ecuador, Perú, y Bolivia. Viage a Rio de Janeiro desde Belen en el Gran Pará, por el Atlántico, tocando en las Capitales de las principales provincias del Imperio, en los años de 1855 hasta 1859, etc. — *Bruselas, A. Lacroix, Verboeckhoven y C.ª* — 1867.

Com mappas e 1 estampa.

1869 — MARCOY (PAUL) — *Voyage à travers l'Amérique du Sud, de l'Océan Pacifique à l'Océan Atlantique. Illustré de 626 vues, types et paysages par E. Rion, et accompagné de 20 cartes gravées sur les dessins de l'auteur.* Paris. *Librairie de L. Hachette & Cie.* — 1869 (2 volumes).

1870 — ORTON (JAMES) — *The Andes and the Amazon; or across the continent of South America.* — *New-York, Harper and Brothers, publishers.* — 1870.

Com 1 mappa da America equatorial e numerosas illustrações.

1871 — ARANA (DIEGO BARROS) — *Elementos de jeografia fisica.* — Santiago de Chile, Imprenta de «La República». — 1871.

1872 — BRABO (D. FRANCISCO JAVIER) — *Atlas de Cartas Geográficas de los Paises de la America Meridional en que estuvieron situadas las más importantes misiones de los Jesuitas; como tambien de los territorios sobre cuya posesión versaron alli las principales cuestiones entre España y Portugal; acompañado de varios documentos sobre estas ultimas, y precedido de una introducción historica.* — Madrid, Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra. — 1872.

1872 — WICKHAM (HENRY ALEXANDER) — *Rough Notes of a Journey Through the Wilderness, from Trinidad to Pará, Brazil, by way of the Great Cataracts of the Orinoco, Atabapo, and Rio Negro.* — *London: W. H. C. Carter*, 1872.

Com varias illustrações.

1872 — *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.* — Maceió. Typographias diversas.

Numero 1 do volume I, de 1872; continúa.

1873 — SAINT-MARTIN (VIVIEN DE) — *Histoire de la Géographie et des découverts géographiques depuis les temps plus reculés jusqu'á nos jours.* Paris. — *Librairie Hachette et Cie.* — *Imp. Simon Raçon et Comp.* — 1873.

1873 — ABBADIE (ANTOINE D') — *Observations relatives à la physique du globe faites au Brésil et en E'thiopie.* — Paris — Gauthier-Villars, 1873.

1873 — *Papers and documents relating to the Bolivian Navigation Company, and the Madeira and Mamoré Railwai Company, Limited. Incluiding: I Paper on Bolivia and Brazil in the Amazon Valley; II Various engineering reports; III Loan documents,* etc. — *London: Dunlop & C., Printers,* 1873.

Com 1 charta geographica.

1875-1894 — RECLUS (E'LISÉE) — *Nouvelle Gèographie universelle.* — Paris. *Hachette & C.,* 1875-1894 (19 volumes).

Com numerosas chartas geographicas coloridas, separadas do texto, outras intercalladas; muitas estampas gravadas.

1876 — PONTE RIBEIRO (BARÃO DA) — *Catalogo dos mappas que possúe a Secretaria de Estado dos Negocios Extrangeiros.* Organizado com a respectiva classificação e annotações, pelo... — Rio de Janeiro. Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1876.

1876-1877 — *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.* Typographia Leuzinger, Typ. Nacional, Imprensa Nacional e Typographia da Bibliotheca Nacional.

Volume I, 1876-1877; continúa.

1877 — *Revue de Géographie.* — Publicada por L. Drapeyron, de 1877 a 1905; continuou: *Revue de Géographie annuelle* — publicada desde 1907, sob a direcção de Ch. Vélain. — Paris, Delagrave; continúa.

1878 — BROWN (C. BARRINGTON) AND LIDSTONE (WILLIAM) — *Fiften thousand miles on the Amazon and its tributaries. With mapp and wood engrabings. London: Edward Stanford.* 1878.

1879 — MATHEWS (EDWARD D.) — *Up the Amazon and Madeira River, through Bolivia and Peru.* — *London: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington* — *1879.*

Com 1 mappa geographico e varias gravuras.

1879-1900 — SAINT-MARTIN (VIVIAN DE) — *Dictionnaire de Géographie universelle.* — *Paris, Hachette, 1879* — *1900* (7 volumes e 2 supplementos).

1883 — CREVAUX (JULES) — *Voyages dans l'Amérique du Sud, contenant: 1° Voyage dans l'intérieur des Guyanes (1876-1877), exploration du Maroni et du Jary; 2° De Cayenne aux Andes (1879), exploration de l'Oyapock, du Parou, d'Iça et du Jupurá; 3° A' travers la Nouvelle-Grenade et la Vénézuela (1880-1881), exploration, en compagnie de M. Lejanne, du Magdaléna, du Guaviare et de l'Orénoque; 4° Excursion chez les Guaraounos (1881).* — *Paris, Hachette, 1883.*

Com 253 gravuras sobre madeira, 4 chartas e 6 *fac-simile.*

1883 — CREVAUX (DOCTEUR JULES) — *Fleuves de l'Amérique du Sud.* — *Publié par la Societé de Géographie* — *Paris, 1883.*

Contém traçados dos rios da Guyana e bacia do Amazonas. O auctor explorou a America do Sul de 1876 a 1881, tendo sido assassinado com os seus companheiros de missão, em Maio desse ultimo anno, pelos indios Tobas, no logar Teyo, nas proximidades do rio Paraguay. As suas relações de viagens foram publicadas sob o titulo — *Voyages dans l'Amérique du Sud,* que antes mencionámos.

1885 — *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.* — Rio de Janeiro. — Typographias diversas. Tomo I, 1885; continúa.

1886 — *Bulletin de Géographie historique et descriptive.* — Publicado pelo Ministerio da Instrucção Publica, desde 1886; continúa.

1886 — *Royal Geographical Society.* — *Supplementary Papers.* — *London: John Murray. Printed by William Clowes and Sons, Limited.* — 1886. Volume I; continúa.

1886 — *Publicações do Archivo Publico do Imperio (ou Nacional)*. — Rio de Janeiro. — Typographias diversas. Volume I, 1886; continúa.

1886-1887 — COUDREAU (HENRI A.) — *La France équinoxiale. E'tudes sur les Guyanes et l'Amazonie.* — *Paris. Challamel Ainé, éditeur. 1886-1887* (2 volumes).

Com 1 atlas de 8 chartas geographicas.

1887 — LASSALLE (CHARLES) — *Clef de la Géographie Universelle*, etc. — *Paris — Angers. Imprimerie Burdin et C. — Ernest Leroux, éditeur.* **1887.**

1887 — *Revista Trimensal do Instituto do Ceará.* — Fortaleza. Typographias diversas.

Numero 1 do volume I, Janeiro de 1887; continúa.

1889 — ESPADA (MARCOS JIMÉNEZ DE LA) — *Viaje del capitan Pedro Texeira aguas arriba del rio de las Amazonas* (1638-1639). — Madrid, Imprenta de Fortanet. 1889.

Com um plano do rio Amazonas, cópia reduzida de outro que accompanha o ms. da Bibliotheca Nacional de Madrid, intitulado — *Descubrimiento del Rio de las Amazonas y sus dilatadas provincias*, — dirigido em 1639 ao presidente do Conselho de Indias, por D. Martin de Saavedra y Gusman, governador e capitão-general do Novo Reino de Granada, e presidente da Real Audiencia e Chancellaria de Santa Fé de Bogotá. Esse plano foi levantado pelo capitão Bento da Costa, piloto da armada de Pedro Teixeira, quando subiu até Quito.

1890 — VINCENT (FRANK) — *Around and about South America. Twenty months of quest and query.* — New-York. D. Appleton and Company. — 1890.

Com 6 chartas e planos e diversas illustrações.

1890 — MONNIER (MARCEL) — *Des Andes au Para, E'quateur, Pérou, Amazone.* — Paris. Typographie de E. Plon, Nourrit et C.ie — 1890.

Com varias gravuras e 2 chartas.

1890 — MACHETTI (FR. JESUALDO) — *Da Bolivia ao Atlantico, ou uma viagem pelos rios Mamoré e Madeira, em 1869.* — Manáos. Typ. Economica — 1890.

1890-1893 — COBO (BARNABÉ) — *Historia del Nuevo Mundo, por el P..., de la Compañia de Jesús.* Publicada por primera vez con notas y otras ilustraciones de D. Márcos Jiménez de la Espada. — Sevilla. Imprenta de E. Rasco, 1890-1893. (4 volumes).

Edição da Sociedad de Bibliófilos Andaluces, limitada a um pequeño numero de exemplares, numerados, para subscriptores. Exemplar n. 55.

1891 — *Annales de Géographie.* — Publicados desde 1891. A. Colin. — Paris. — Continúa.

1893 — *The Geographical Journal (Including the Proceedings of the Royal Geographical Society). London: The Royal Geographical Society. Printed by William Clowes and Sons, Limited.*

Volume I, 1893; continúa.

1894 — MEDINA (JOSÉ TORIBIO) — *Descubrimiento del Rio de las Amazonas, según la Relation hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal, con otros documentos referentes á Francisco de Orellana y sus compañeros, publicados á expensas del exmo. Sr. Duque de T'serclaes de Tilly, con una Introducción historica y algunas ilustraciones. — Sevilla,* Imprenta de E. Rasco. — 1894.

Edição de 200 exemplares numerados. Exemplar numero 178.

1894 — MARCEL (GABRIEL) — *Reproductions de Cartes & de Globes relatifs à la Décourverte de l'Amérique du XVI au XVIII Siècle. — Texte et Atlas.* — Paris — Angers, *Imprimerie A. Burdin et C.. — Ernest Leroux, éditeur*, M.DCCCLXXXXIV (1894). 2 volumes.

O volume do texto contém noticias explicativas sobre 29 chartas e globos, dos mais antigos e interessantes da Cartographia americana; o de atlas reproduz em bellos *facsimile,* essas chartas e globos.

1894 — *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia.* — Bahia. Typographias diversas.

Volume I, 1894; continúa.

1895 — SCHUTZ HOLZHAUSEN (DAMIAN FREIHERR VON) — *Der Amazonas. Handerbilder aus Peru, Bolivia und Nordbrasilien. — Freiburg — Buchdruckerei der Herderschen Verlagsshandlung.* — 1895.

Com 1 charta.

1895 — RATZEL (FRIEDRICH) — *Athropogeographische Beiträge — Zur Gebirgskunde, vorzüglich Beobachtungen über Höhengrenzen und Höhengürtel. — Leipzig, Verlag von Duncker & Humblat.* — 1895.

Com 10 chartas e numerosas illustrações.

1895 — *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.* S. Paulo. Typographias diversas.

Volume I, 1895; continúa.

1896 — HARRISSE (HENRY) — *John Cabot, the discoverer of North-America, and Sebostian Cabot his son. A chapter of the maritime history of England under the Tudors.* 1496-1557. — *London: Benjamin Franklin Stevens (Edimburgh, Printed by Neil and Company)* 1896.

Com diversos mappas.

1896 — LAPPARENT (A. DE) — *Leçons de Géographie physique. — Paris. G. Masson — 1896.*

A 3ª edição é de 1901.

1896 — *Revista do Archivo Publico Mineiro.* — Ouro Preto (e depois Bello-Horizonte). Imprensa Official de Minas Geraes.

Anno I, 1896; continúa.

1898 — GAMA (DOMICIO DA) — *Atlas Geral de Historia e Geographia Antiga e Moderna. Publicado sob a direcção de.* Segunda edição. Rio de Janeiro — Paris — H. Garnier, livreiro-editor. S. d. (1898).

1899 — CARPENTER (FRANCK G.) — *South America. — New-York — American Book Company — 1899.*

Da série *Carpenter's Geographical Reader.*

1900 — CRUZ (FR. LAUREANO DE LA) — *Nuevo descubrimiento del Rio de Marañon, llamado de las Amazonas (1651). — Madrid. Bibliotéca de «La Irradiación» — 1900.*

1900 — *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará.* — Belém. Numeros 1 a 3, do volume I, 1900.

1900 — *La Géographie. Bulletin de la Societé de Géographie de Paris. — Paris. Masson.*

Publicado desde 1900; continúa.

1901 — CHANTRE Y HERRERA (P. JOSÉ) — *Historia de las Missiones de la Compañia de Jesús en el Marañon español. 1637-1767. Con licencia de la autoridad eclesiastica. — Madrid. Imprenta de A. Avrial — 1901.*

Com 1 mappa.

1902 — *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará.* — Pará. — Typographias diversas.

Tomo I, 1902; continúa.

1903 — PLANE (AUGUSTE) — *Atravers l'Amérique équatoriale. L'Amazonie (deuxième édition). Paris, Plon-Nourrit et C.ie, 1903.*

Com 2 chartas e 15 estampas fóra do texto.

1903 — *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.* — Natal. Typographias diversas.

Volume I, 1903; continúa.

1904 — AZARA (D. FELIX DE) — *Geografia fisica y esferica del Paraguay, y misiones guaranies. Compuesta por..., capitan de Navio de la Real Armada. — En la Asunción del Paraguay. Año de 1790 (Manuscripto en la Bibliotéca Nacional de Montevideo).*

Bibliographia, Prólogo y Anotaciones por Rodolfo R. Schuller.

Anales del Museo Nacional de Montevideo. Sección historica-filosofica. Tomo I. Montevideo (Talleres A. Barreiro y Ramos). 1904.

Com 6 mappas e 4 planos.

1907 — MARTONNE (EMM. DE) — *Traité de Géographie Physique. — Paris, A. Collin, 1907.*

Ha 2ª edição de 1913.

1912 — BRUNES (JEAN) — *La Geógraphie Humaine. — Essai de classification positive, principes et exemples. — 2ème édition.* — Paris, Félix Alcan, 1912.

Com 272 gravuras e chartas no texto e fóra do texto.

1912 — PHILLIPS (PHILIP LEE) — *A Descriptive List of Maps of the Spanish Possessions within the present limits of the United Stater — 1502-1820 — by Woodbury Lowery (The Lowery Collection). Edited with notes by...* — Washington. Government Printing Office. 1912.

Reporta-se ao Brasil quando descreve as chartas de Ramusio, Forlani, Jacobsz e Keulen.

1913 — *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina.* — Florianopolis. — Typ. da Escola de Aprendizes Artifices.

Volume II, 1913; continúa (2ª phase).

1913 — *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico de Sergipe.* — Aracajú (sem designação de typ.). Anno I, vol. I, 1913; continúa.

1916 — *The Geographical Review. Published by The American Geographical Society of New York.*

Publicação mensal; continúa.

1917 — *Revista do Instituto Geographico e Historico do Amazonas.* — Manáos. Secção de Obras da Imprensa Publica.

Anno I, volume I, n. 1, 1917; continúa.

1917 — *Revista do Instituto Historico e Geographico do Pará.* — Belém.

Anno I, fasc. I, 1917; continúa.

1917 — *Revista do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo.* Victoria. — Artes Graphicas da Victoria.

Anno I, n. 1º, 1917; continúa.

1918 — *Revista do Instituto Historico e Geographico de Matto Grosso.* — Cuyabá. Typographia da Escola Salesiana.

N. 1, 1918.

OBRAS SOBRE O BRASIL

1810 — SILVA BERFORD (SEBASTIÃO DA) — *Roteiro e mappa da viagem da cidade de S. Luiz do Maranhão até a côrte do Rio de Janeiro*, etc. — Rio de Janeiro. Na Impressão Regia. 1810. Por ordem de S. A. R.

Traz o Mappa Geographico da Capitania do Maranhão e de parte das Capitanìas circundantes, para servir á viagem. — Segundo o Dr. J. Carlos Rodrigues, são rarissimos os exemplares que têm o mappa.

1811 — OLIVEIRA BASTOS (MANUEL JOSÉ D') — *Roteiro da cidade de Santa Maria de Belém do Gram-Pará, pelo rio Tocantins acima até o Porto Real do Pontal na Capitania de Goiaz*, etc. Rio de Janeiro. — Na Impressão Regia, 1811. Por ordem de S. A. R.

1815 — MAWE (JOHN) — *Travels in the interior of Brazil, particulary in the Gold Diamond District of that fine country: describing the population, manners, and customs of the inhabitants, the climate, natural productions, agriculture and commerce; also, the method of working their Mines; by authority of the Prince Regent of Portugal: including a voyage to the Rio de la Plata*, etc. — London: Printed by Barnard and Farley for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown. — MDCCCXV (1815).

Com 1 mappa e varias estampas. — Ha traducções em francez, allemão e portuguez.

1816 — KOSTER (HENRY) — *Travels in Brazil.* — London: Printed by A. Strahan, for Longman, Hurst, Ress, Orme, and Brown. 1816.

Com 1 charta, 1 plano do porto de Pernambuco e 8 gravuras coloridas. — Ha traducção franceza.

1817 — CAZAL (MANUEL AYRES DE) — *Corografia Brazilica, ou Relação Historica do Reino do Brazil, composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato.* — Rio de Janeiro. Na Impressão Regia. MDCCCXVII (1817). (2 tomos).

O nome do auctor vem na dedicatoria, que subscreve. O Padre Manuel Ayres de Cazal, fundador da Chorographia

brasilica, era natural de Pedrogan, Portugal; em 1796 estava no Rio de Janeiro, onde tirava a cópia do manuscripto da *Conquista Espiritual*, de Montoya, que possúe o Gabinete Portuguez de Leitura. Já estava então ordenado e servia de capellão da Misericordia. Innocencio diz que o Padre nasceu provavelmente em 1754; teria 63 annos quando publicou a *Corographia*, o que parece pouco acceitavel. Entre 1760 e 1770, pelo menos, se deve collocar o anno de seu nascimento. Em 1821 accompanhou D. João VI a Portugal e não mais occorrem noticias suas.

Ha 2ª edição, Rio de Janeiro, na Typographia de Gueffier e Comp., 1833; ha outra, tambem chamada 2ª, de 1845, que é a mesma edição, com pagina de rosto nova e o nome dos editores Laemmert.

1818 — GAYOSO (RAYMUNDO JOZÉ DE SOUZA) — *Compendio Historico-Politico dos principios da Lavoura do Maranhão, suas producçoens, e progressos, que tem tido até ao prezente, entraves que a vão deteriorando; e meios que tem lembrado para desvanece-los, em augmento da mesma lavoura, e sem prejuizo do real patrimonio;* etc. — Paris, Na Officina de P.-N. Rougeron. M. D. CCCXVIII (1818).

Obra rarissima. Não a citam Leclerc nem o Dr. J. Carlos Rodrigues. Innocencio diz que seus exemplares difficilmente se encontravam. Varnhagen louva os não poucos auxilios que ministrou á Estatistica da Capitania.

O auctor nasceu em Buenos Aires, em 1747, filho de João Henriques de Souza, que era natural do Rio de Janeiro. Foi cavalleiro professo da Ordem de Christo, tenente-coronel do regimento de milicias de Caxias, na Capitania do Maranhão, e ajudante do thesoureiro-mór do real erario de Lisbôa. Falleceu em 1813, na Ribeira de Itapicurú, na mesma Capitania. O *Compendio* foi publicado por sua viuva.

1818 — ESCHWEGE (W. L. VON) — *Journal von Brasilien, oder vermischte Nachrichten aus Brasilen, auf wissenschaftilichen Reisen gefammelt.* — Weimar, in Verlage des Gr. H. S. pr. Landes-Industrie-Comptoirs. — 1818 (2 volumes).

Com gravuras e chartas.

1820 — LUCCOCK (JOHN) — *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818.* — London: Printed for Samuel Leigh. — 1820.

Com mappas geographicos.

1820 — MAXIMILIAN, OF WIED-NEUWIED. — *Travels in Brazil, in the years 1815, 1816, 1817.* — London: Printed for Henry Colburn & C.° — 1820.

Com uma charta geographica e vistas.

1821 — HENDERSON (JAMES) — *A History of the Brazil; comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants*, etc., etc., *illustrated with twenty-eight plates and two maps.* — London: Printed for the author, and published by Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown. 1821.

1821 — LAGO (ANTONIO, BERNARDINO PEREIRA DO) — *Roteiro da Costa da Provincia do Maranhão desde Jericoacoara até a Ilha de S^{to}. João, e da entrada, e sahida pela Bahia de S^{to}. Marcos; que deve acompanhar a charta reduzida da Costa da sobredita Provincia*, etc. — Liverpool. Impresso por G. F. Harris's Widow & Brothers. — 1821.

Em portuguez e inglez.

1824 — FREYREISS (GEORGE WILHELM) — *Beiträge zur naheren Kenntniss des Kaiserthurms Brasilien*, etc. — Frankfurt am Main. Gedruckt und verlagt bei Johann David Sauerländer. 1824.

Dedicado a José Bonifacio de Andrada e Silva e precedido de uma charta ao mesmo.

1825 — SAMPAIO (FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE) — *Diario da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente geral da mesma..., no anno de 1774 e 1775*, etc. — Lisboa, na Typographia da Academia, 1825.

Contém noticias geographicas e hydrographicas sobre a Capitania e discute as questões de limites com o Perú, Nova Granada e Guyana.

Edição da Academia Real das Sciencias, de Lisbôa. Reproduzida, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo I, 1839, e nas *Memorias*, de Joaquim Nabuco. sobre as fronteiras do Brasil com a Guyana Ingleza.

1827 — ROUSSIN (BARON) — *Le Pilote du Brésil ou Description des Côtes de l'Amérique Méridionale, comprises entre l'Ile Santa Catharina et celle de Maranhão*, etc. — Paris, de l'Imprimerie Royale. MDCCCXXVII (1827).

O contra-almirante barão Roussin foi o chefe da expedição hydrographica emprehendida por ordem do governo francez, de 1819 a 1820, pela corvêta *La Bayadère* e brigue *Le Favori.*

1830-1851 — SAINT-HILAIRE (AUGUSTE DE) — *Voyages dans l'Interieur du Brésil. — Première partie: — Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes.* — Paris, Grimbert et Dorez — Imprimerie de Casimir — 1830 (2 volumes). — *Seconde partie: — Voyage dans le District des Diamans et sur le littoral du Brésil,* etc. — Paris. — Librairie — Gide. A. Pihan de la Forest — 1832 (2 volumes). — *Troisième partie: — Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz.* — Paris — Arthus Bertrand — Imprimerie de Mme. V.e Bouchard — Huzard — 1848 (2 volumes). — *Quatrième partie: — Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine.* — Paris. *Ibi, ibi.* 1851 (2 volumes).

Com 1 charta geographica e gravuras.

1832 — RANGO (FR. LUD. VON) *Tegebuch meiner Reise nach Rio de Janeiro in Brasilien, und Zurück. In den Jahren 1819 und 1820.* — Ronneburg, bey Friedrich Weber. 1820.

1832 — POHL (JOHANN EMANUEL) — *Reise in Innern von Brasilien,* etc. Wien. Gedruckt bey A Strauss's sel. Witwe. — 1832-1837 (2 partes).

1833 — CERQUEIRA E SILVA (IGNACIO ACCIOLI DE) — *Corographia paraense, ou descripção fisica, historica, e politica da Provincia do Gram-Pará.* — Bahia, Na Typographia do *Diario* — 1833.

1833 — ESCHWEGE (W. L. VON) — *Pluto brasiliensis*. Berlin. G. Reimer. 1833.

Com uma estampa e oito chartas lithographadas.

1834 — COSTA PEREIRA (JOSÉ SATURNINO DA) — *Diccionario Topographico do Imperio do Brasil*, etc. — Rio de Janeiro. Na Typographia Commercial de P. Gueffier — 1834.

1834-1839 — DEBRET (J. B.) — *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français au Brésil depuis 1816 jusqu' en 1831 inclusivement*. — Paris, Firmin Didot Frères. — 1834-1839 (3 volumes).

Com o retrato do auctor, que foi um dos pintores da missão artistica de 1816, — um mappa do Brasil e plantas da cidade e da bahia do Rio de Janeiro.

1835 — RUGENDAS (MAURICE) — *Voyage Pittoresque dans le Brésil. — Traduit de l'Allemand par M.r de Colbery*. Publié par Eugelmann & C^{ie}. Paris — 1835.

Com gravuras de paisagens, costumes, etc.

1835 — SEIDLER (CARL) — *Zehn Jahre in Brasilien*. — Quedlinburg — 1835 (2 volumes).

1836 — CUNHA MATTOS (RAIMUNDO JOSÉ DA) — *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas Provincias de Minas Geraes e Goiaz, seguido de huma descripção chorographica de Goiaz, e dos roteiros desta Provincia ás de Matto Grosso e S. Paulo;* etc. — Rio de Janeiro, Typ. Imperial e Constitucional de J. de Villeneuve e C^{a}. — 1836. (2 tomos).

1837 — ANTONIL (ANDRÉ JOÃO) — *Cultura e Opulencia do Brazil, por suas drogas e minas*, etc. — Impresso em Lisbôa na Officina Real Deslanderina com as licenças necessarias, no anno de 1711, novamente reimpresso no Rio de Janeiro. — Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. — 1837.

E' segunda edição. Da primeira, mandada sequestrar no governo de D. João V por conveniencias politicas e razões de estado logo depois de sua publicação, conhecem-se no maximo quatro exemplares, entre os quaes o que pertence á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. André João Antonil

é pseudonymo do jesuita João Antonio Andreoni, identificação devida ao saber e erudição do eminente historiador Dr. J. Capistrano de Abreu. Andreoni nasceu em Lucca, na Toscana, em 1650; entrou para a Companhia de Jesus em 1667, embarcando logo para o Brasil, onde chegou a desempenhar as mais altas funcções da Ordem. Foi successivamente mestre de noviços, reitor do Collegio da Bahia e por fim provincial do Brasil. Nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XIX, ps. 145 e seguintes, figuram duas chartas suas, datadas de 20 de Julho de 1697 e 17 de Maio de 1699, nas quaes, como reitor do Collegio da Bahia, relata a morte do padre Antonio Vieira e um caso notavel que succedeu antes da morte do padre José Soares, companheiro de Vieira. Foi elle quem fez o arrolamento dos escriptos do grande orador. Falleceu a 13 de Março de 1716.

1839 — BAENA (ANTONIO LADISLAU MONTEIRO) — *Ensaio Corografico sobre a Provincia do Pará.* — Pará — Typographia de Santos & menor. 1839.

1841 — LA-CERDA E ALMEIDA (DR. FRANCISCO JOSÉ DE) — *Diario da viagem do... pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá, e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790.* (Impresso por ordem da Assembléa Legislativa da Provincia de S. Paulo). S. Paulo. Na Typ. de Costa Silveira — 1841.

1841 — KERHALLET (CHARLES PHILIPPE DE) — *Instruction pour remonter la Côte du Brésil, depuis San-Luiz de Maranhão jusqu' au Pará, pour descendre la rivière de ce nom et pour en débouquer... D'après les notes recueillies dans une campagne au Brésil, à bord de l'Adonis en 1837, 1838, 1839 et 1840.* (Extrait des *Annales Maritimes* de 1841). Paris — Imprimerie Royale. M DCCC XLI (1841).

Com varias vistas das costas.

1844-1848 — FERNANDES GAMA (JOSÉ BERNARDO) — *Memorias historicas da Provincia de Pernambuco, precedidas de um Ensaio topographico-historico, dedicados aos... Barão da Bôa Vista... e Barão de Suassuna.* — Pernambuco. Typographia de M. F. de Faria — 1844-1848 (4 tomos).

1845 — SAINT-ADOLPHE (J. C. R. MILLIET DE) — *Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brasil, contendo a origem e historia de cada provincia, cidade, villa e aldeia; sua população, commercio, industria, agricultura e productos mineralogicos; nome e descripção de seus rios, lagoas, serras e montes; estabelecimentos litterarios, navegação, e o mais que lhes é relativo; obra colligida e composta durante vinte e seis annos de residencia e de longas perigrinações por diversas provincias do Imperio, com o auxilio d'um sem numero de manuscriptos e d'obras pupublicadas em diversas linguas por escriptores tanto antigos como modernos, e de muitos documentos officiaes, por...; e trasladado em portuguez do manuscripto inedito francez, com numerosas observações e addições, pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Publicado pelas diligencias e debaixo da direcção litteraria de J. P. Aillaud. Dedicado (com permissão especial) a sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro 2°, Imperador do Brasil.* — Paris. Em casa de J. P. Aillaud, editor. — 1845 (2 volumes).

Com 1 mappa geral do Brasil e 5 planos das cidades e portos principaes.

1846 — GARDNER (GEORGE) — *Travels in the interior of Brazil, principally through the northern provinces, and the gold and diamond districts, during the years* 1836-1841. — London: Printed and published by Reeve, Brothers. 1846.

Com 1 estampa e 1 mappa do Brasil.

Ha uma edição em allemão, Dresden-Leipzig, 1848.

1847 — CERQUEIRA E SILVA (IGNACIO ACCIOLI DE) — *Informação ou Descripção Topographica e Politica do Rio de S. Francisco*, etc. — Bahia, Typ. Guaycurú, de Domingos Guedes Cabral. — 1847.

1847 — ADALBERT (PRINZ VON PREUSSEN) — *Aus meinem Tagebuche* — 1842-1843. Berlin, Gedruckt in der Deckerschen Geheimen Ober Hofbuchdruckerei — 1847.

Com 8 chartas geographicas. Ha uma traducção em inglez por Sir Robert H. Schombugk e John Edward Taylor, Londres, 1849 (2 volumes).

1848 — COSTA PEREIRA (JOSÉ SATURNINO DA) — *Apontamentos para a formação de hum roteiro das Costas do Brasil*, etc. — Rio de Janeiro. Na Typographia Nacional. 1848.

1851 — SOUSA (GABRIEL SOARES DE) — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587 — Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França, e accrescentada de alguns commentarios á obra por Francisco Adolpho de Varnhagen.* — Rio de Janeiro — Typographia Universal de Laemmert — 1851.

Saiu no tomo XIV da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.*

1851 — MENDES DE ALMEIDA (CANDIDO) — *O Turyassú, ou a incorporação d'este territorio á Provincia do Maranhão.* — Rio de Janeiro. Typ. de Agostinho de Freitas Guimarães & C.ª — 1851.

Publicado sem o nome do auctor. Com um mappa.

1852 — MENDES DE ALMEIDA (CANDIDO) — *A Carolina, ou a definitiva fixação de limites entre as Provincias do Maranhão e de Goyaz. Questão submettida á decisão da Camara dos Srs. Deputados desde 15 de Junho de 1835.* — Rio de Janeiro. Typ. Episcopal de Agostinho de Freitas Guimarães & C.ª — 1852.

Publicado sem o nome do auctor. Com a charta geral da Provincia do Maranhão e um mappa de Goyaz de 1813.

1852 — ARAUJO E AMAZONAS (LOURENÇO DA SILVA) — *Diccionario Topographico, Historico, Descriptivo da Comarca do Alto Amazonas.* — Recife. Typographia Commercial de Meira Henriques — 1852.

O Dr. Rodolpho R. Schuller, na bibliographia que accompanha o seu trabalho *Yñerre* (*Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XXX), escreve sobre esse livro: «Opusculo hoje summamente raro. E' um documento preciosissimo no tocante aos Indios do Amazonas. Utilizou-o tambem Martius para a redacção da parte «Ethnographie» da sua obra.» Interessa por egual á Geographia da região.

1852 — MORAES TORRES (D. José Affonso de) — *Itinerario das visitas do Exm. e Rm. Senhor Bispo da Diocese do Grão-Pará ás igrejas de seu Bispado em cartas escriptas pelo mesmo Exm. e Rm. Sr. a um seo amigo na Corte do Rio de Janeiro.* — Pará. Typ. de Mattos e Companhia. Impresso por Joaquim Francisco de Mendonça. 1852.

Contém copiosas noticias geographicas.

1853 — BURMEISTER (Hermann) — *Reise nach Brasilien, durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas geraës. Mit besonderer Rücksicht auf die Naturgeschichte der Gold-und Diamantendistrict.* — Berlin. Druck und Verlag von Georg Reimer — 1853.

Com uma charta geographica.

1853 — WALLACE (Alfred R.) — *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley.* — London: Reeve and C.° Prnted by John Edward Taylor — 1853.

Com um mappa e varias illustrações. Ha nova edição, de 1889.

1853-1854 — HERNDON (Wm. Lewis) and GIBBON (Lardner) — *Exploration of the valley of the Amazon, made under direction of the Navy Department, by..., lieutenants United States Navy.* — *Part I, by lieutenant Herndon* — Washington: Robert Armstrong, Public printer 1853. — *Part II, by lieutenant Lardner Gibbon* — Washington: A. O. P. Nicholson, Public printer — 1854 (2 volumes).

A primeira parte contém 16 estampas, um plano e um mappa do rio Huallaga, Ucayali e Amazonas; a segunda 36 estampas e dous mappas.

1854 — MELLO MORAES (Alexandre José de) e CERQUEIRA E SILVA (Ignacio Accioli de) — *Ensaio Corographico do Imperio do Brasil.* — Rio de Janeiro. Emp. Typ. Dous de Dezembro, de P. Brito — 1854.

1854 — ANGELIS (M. d') — *De la navigation de l'Amazone. Réponse à un Mémoire de M. Maury, officier de la*

marine des E'tats-Unis. — Montevideo — Imprimerie du Rio de La Plata, 1854.

1854 — HERNDON (LIEUT. WM. LEWIS) — *Exploration of the valley of the Amazon.* — Washington: Taylor & Maury. — 1854.

Com 16 estampas e um mappa do valle do Amazonas.

1857 — BRAUN (JOÃO VASCO MANOEL DE) — *Roteiro Chrographico da viagem que se costuma fazer da Cidade de Belem do Grão-Pará a Villa-Bella de Matto-Grosso, etc.* — *Mandado imprimir, e offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por Francisco da Silva Castro.* — Pará. Typ. do *Diario do Grão-Pará*, 1857.

1857 — FLETCHER (REV. D. P.) AND KIDDER (REV. J. C.) — *Brazil and the Brazilians, protrayed in historical and descriptive sketches.* — Philadelphia. Childs & Peterson. — London. Trübner & C.° — 1857.

Com um mappa do Brasil.

1857 — KLETKE (H.) — *Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien.* — Berlin. Hasselberg sche Verlagshandlung. 1857.

1860 — HALFELD (HENRIQUE GUILHERME FERNANDO) — — *Atlas e Relatorio concernente á exploração do rio de São Francisco, desde a cachoeira de Pirapóra até ao Oceano Atlantico, levantado por ordem do governo de S. M. I. o Senhor D. Pedro 2°, pelo engenheiro civil..., em 1852, 1853 e 1854, e mandado lithographar na Lithographia Imperial de Eduardo Rensburg* — Rio de Janeiro, 1860.

1860 — AVE'-LALLEMANT (DR. ROBERT) — *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859.* — Leipzig. F. A. Brockhaus. 1860.

1861 — SILVA COUTINHO (J. M. DA) — *Relatorio sobre alguns logares da Provincia do Amazonas, especialmente o rio Madeira. Apresentado ao Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha, Presidente da Provincia.* — Manáos. Typ. de Francisco José da Silva Ramos. 1864.

1861 — EDWARDS (WILLIAM H.) — *A Voyage of the*

River Amazon, including a residence at Pará. London: John Murray — Printed by William Clowes and Sons, Limited. — 1861.

1861 — BELMAR (A. DE) — *Voyage aux Provinces Brésiliennes du Pará et des Amazones en 1860, précédé d'un rapide coup d'oeil sur le Littoral du Brésil.* — Londres: Trezise, Imprimeur. — 1861.

1861 — AUBE' (LÉONCE) — *La Province de Sainte-Catherine et la Colonisation au Brésil.* — Rio de Janeiro. — Imprimerie Française de Frédéric Arfedson (11, place de la Carioca) 1861.

Com 1 charta de Santa Catharina.

1861 — RIBEYROLLES (CHARLES) — *Brasil pittoresco, paisagens, monumentos, costumes,* etc. — Paris. — Lemercier. Imprimeur-Lithographe. — 1861.

1862 — NORONHA (JOSÉ MONTEIRO DE) — *Roteiro da Viagem do Pará, até as ultimas colonias do Sertão da Provincia. Escripto na Villa de Barcellos pelo Vigario Geral do Rio Negro, o Padre Dr...., no anno de 1768.* Pará. Typographia de Santos & Irmãos. — 1862.

1862 — FINDLAY (ALEXANDER G.) — *The Brazilian Navigator; or, a sailing directory for all the Coasts of Brazil,* eac., *from the river Pará to the rio de la Plata. — Fifth edition.* London: Published for Richard Holmes Laurie. — 1862.

1863 — BOSSI (BARTOLOMÉ) — *Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, S. Lourenço, Cuyabá y el Arinos, tributario del grande Amazonas. Con la descripción de la Provincia de Mato Grosso, bajo su aspecto fisico, geográfico, mineralogico y sus producciones naturales.* — Paris. Libreria Parisiense Dupray de la Maherie. — 1863.

Com retratos, estampas e 1 charta geographica de Matto Grosso.

1863 — PEREIRA PINTO (JOÃO CARLOS) — *Navegação do Uruguay.* — Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. — 1863.

1863 — HONORATO (M. DA COSTA) — *Diccionario Topographico, Estatistico e Historico da Provincia de Pernambuco.* Recife. — Typographia Universal. — 1863.

1863-1864 — SOUSA BRASIL (T. P. DE) — *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará.* — S. Luiz do Maranhão. — 1863-1864 (2 volumes).

1864 — VITAL DE OLIVEIRA (M. A.) — *Roteiro da Costa do Brasil, do rio Mossoró ao rio S. Francisco do Norte.* — Rio de Janeiro. — Typographia Perseverança. — 1864.

1864 — FERREIRA PENNA (DOMINGOS SOARES) — *O Tocantins e o Amapú. Relatorio do Secretario da Provincia.* — Pará. Impresso na Typ. de Frederico Rhossard. 1864.

Sem o nome do auctor; mas o secretario da Provincia do Pará, na presidencia do Dr. Couto de Magalhães, a quem foi apresentado esse relatorio, era o sabio Ferreira Penna, geographo e explorador de primeira plaina.

1864 — REIS (FRANCISCO PARAHYBUNA DOS) — *Exploração e exame do rio Tocantins.* Pará. Impresso na Typ. de Frederico Rhossard. — 1864.

1864 — MARQUES (DR. CEZAR AUGUSTO) — *Apontamentos para o Diccionario historico, geographico, topographico e estatistico da Provincia do Maranhão.* — Maranhão. Typ. do Frias. — 1864.

1865 — ARAUJO E SILVA (DOMINGOS DE) — *Diccionario Historico e Geographico da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul,* etc. — Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. — 1865.

1865 — LIAIS (EMMANUEL) — *Explorations scientifiques au Brésil. Hydrographie du haut San-Francisco et du Rio das Velhas, ou résultats au point de vue hydrographique d'un voyage effectué dans la Province de Minas Geraes. Ouvrage publié par ordre du gouvernement imperial du Brésil, et accompagné de cartes levés par l'auteur, avec la collaboration de M. M. Eduardo José de Moraes et Ladislau de Souza Mello Netto.* Paris et Rio de Janeiro, Garnier Frères. 1865.

1865 — LIAIS (Emmanuel) — *Hydrographie du Haut San Francisco et du Rio das Velhas.* — Paris. — Imprimerie Simon Raçon. B. L. Garnier, libraïre-editeur. — 1865.

1866 — TAVARES BASTOS (A. C.) — *O Valle do Amazonas. — Estudo sobre a Livre Navegação do Amazonas, Estatistica, Producções, Commercio, Questões Fiscaes do valle do Amazonas,* etc. — Rio de Janeiro. — Typographia Perseverança. B. L. Garnier, livreiro-editor. — 1866.

1866 — SCULLY (William) — *Brazil; its provinces and chief cities; the maners and customs of the people; agricultural, commercial, and other estatistics, taken from the latest official documents; with a variety of useful and entertaing knowledge, both for the merchant and the emigrant.* — London: Murray & C., 1866.

Com 1 mappa do Brasil.

1868 — MENDES D'ALMEIDA (Candido) — *Atlas do Imperio do Brasil.* — Rio do Janeiro. Lithographia do Instituto Philomatico. — 1868.

Com 24 mappas.

1869 — FERREIRA PENNA (D. S.) — *A Região Occidental da Provincia do Pará. Resenhas estatisticas das comarcas de Obidos e Santarem,* etc. — Pará. Typographia do *Diario de Belém.* — 1869.

1869 — AGASSIZ (Mme. et Mr. Louis) — *Voyage au Brésil. Traduit de l'anglais avec autorisation des auteurs par Felix Vogel.* — Paris. Librairie de L. Hachette & C.ie — 1869.

Com 54 gravuras e cinco chartas geographicas.

1869 — MORAES (Eduardo José de) — *Navegação interior do Brasil. Noticia dos projectos apresentados para a juncção de diversas bacias hydrographicas do Brasil, ou rapido esboço da futura rêde geral de suas vias navegaveis.* Rio de Janeiro — Typographia Universal de Laemmert — 1869.

Segunda edição, consideravelmente augmentada, Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1894.

Com uma charta potomographica do Brasil.

1869 — MOUTINHO (JOAQUIM FERREIRA) — *Noticia sobre a Provincia de Matto Grosso, seguida de um roteiro da viagem da sua capital a S. Paulo.* — S. Paulo — Typographia de Henrique Schroeder, 1869.

1869 — BURTON (CAPITAIN RICHARD F.) — *The Highlands of the Brazil.* — London: Tinsley Brothers. — 1869 (Dous volumes).

Com varias estampas e um mappa dos rios S. Francisco e das Velhas.

1870 — MARQUES (DR. CEZAR AUGUSTO) — *Diccionario Historico-Geographico da Provincia do Maranhão.* — Maranhão. Typ. do Frias. — 1870.

1870 — HARTT (CH. FRED.) — *Scientific results of a Journey in Brazil, by Louis Agassiz and his travelling companions. Geology and physical geography of Brazil.* — Boston: Fields, Osgood & C.º (Cambridge University Press: Welch, Bigelow & C.º) — 1870.

Com illustrações e mappas.

1870 — REBOUÇAS (ANTONIO) — *Apontamentos sobre a via de communicação do rio Madeira,* etc. — Rio de Janeiro — Typographia Nacional — 1870.

1871 — ESPINDOLA (DR. THOMAZ DO BOMFIM) — *Geographia Alagoana, ou Descripção Physica, Politica e Historica da Provincia de Alagôas.* — Segunda edição — Maceió — Typographia do *Liberal* — 1871.

1872 — LIAIS (EMMANUEL) — *Climats, Géologie, Faune e Géographie Botanique du Brésil.* — Paris — Typographie de George Chamerot, 1872.

Com uma charta physica do Brasil Oriental.

1872 — POSADILLO (DON ISIDRO) — *Derrotero de las Costas del Brasil.* — Madrid. Depósito Hidrográfico — 1872.

1872 — DURAND (L'ABBÉ) — *Le Rio Negro du Nord et son bassin* (*Extrait du Bulletin de la Societé de Géographie*) — Paris. — Librairie de Ch. Delagrave et C.ie — 1872.

1873 — MENDES DE ALMEIDA (CANDIDO) — *Pinsonia, ou a elevação da Provincia do Grão-Pará á cathegoria de*

Provincia com essa denominação. Projecto, defesa, e esclarecimentos, coordenados por... — Rio de Janeiro. Na Typographia de João Paulo Hildebrandt — 1873.

Com uma vista da cidade de Macapá.

1873 — MORAES (EDUARDO JOSÉ DE) — *Estudo sobre o rio Madeira.* Joinville. Typographia de C. Guilherme Boehm. 1873.

1873 — DURAND (L'ABBÉ) — *Le Solimoens ou Haut Amazone brésilien. Extrait du Bulletin de la Societé de Géographie* — Paris. Librairie de Ch. Delagrave et C.ie 1873.

1874 — HERIARTE (MAURICIO DE) — *Descripção do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas. Feita por..., Ouvidor-geral, Provedor-mór e Auditor, que foi, pelo Governador D. Pedro de Mello, no anno de 1662. Por mandado do Governador-geral Diogo* (sic) *Vaz de Sequeira. (Publicado pela primeira vez por Francisco Adolpho de Varnhagen).* — Vienna d'Austria: Imprensa do filho de Carlos Gerold. — 1874.

O auctor foi companheiro de Pedro Teixeira na viagem a Quito (1638-1639), sendo um dos signatarios do auto de tomada de posse das terras a que aquelle capitão deu o nome de *Provincia Franciscana*. Era ouvidor-geral, provedor-mór e auditor do Maranhão, onde morava. Do Pará, em Maio de 1662, o ouvidor-geral era Diogo de Sousa, conforme Baena, in *Compendio das Eras*, ps. 102. A *Descripção* devera ter sido escripta por mandado do governador e capitão-general Ruy Vaz de Sequeira, que governou o Estado de 26 de Março de 1662 a 22 de Junho de 1667, succedendo a D. Pedro de Mello. Diogo Vaz de Sequeira é nome que não figura na relação dos governadores do Maranhão.

1874 — FERREIRA PENNA (D. S.) — *Noticia Geral das Comarcas de Gurupá e Macapá.* — Pará. Typ. do *Diario do Gram-Pará* — 1874.

1874 — LABRE (A. R. P.) — *Rio Purús. Noticia.* — Maranhão. Typ. do *Paiz*. Imp. M. F. V. Pires. — 1874.

1874 — KELLER-LEUZINGER (FRANZ) — *Vom Amazonas und Madeira — Skizzen und Beschreibungen aus dem*

Tagebuche einer Explorationsreise von... — Stuttgart, Verlag von A. Kröner — 1874.

1875 — MONTENEGRO (THOMAZ G. PARANHOS) — *A Provincia e a navegação do Rio S. Francisco.* — Bahia. Imprensa Economica — 1875.

1875 — FERREIRA PENNA (D. S.) — *A Ilha de Marajó. Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, Presidente da Provincia.* — Pará. Typographia do *Diario do Gram-Pará.* S. d. (1875).

1875 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — *Exploração e estudos do valle do Amazonas. Rio Tapajós.* — Rio de Janeiro. Typographia Nacional. — 1875.

1875 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — *Exploração e estudo do valle do Amazonas. Rio Trombetas.* — Rio de Janeiro. — Typographia Nacional. 1875.
Com 1 planta do rio Trombetas.

1875 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — *Exploração dos rios Urubú e Yutapú.* — Rio de Janeiro. — Typographia Nacional. 1875.
Com 1 planta do rio Urubú.

1875 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — *Exploração e estudo do valle do Amazonas. Rio Capim.* — Rio de Janeiro. — Typographia Nacional. 1875.
Com 1 planta do rio Capim.

1875 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — *Exploração do rio Yamundá.* — Rio de Janeiro. — Typographia Nacional. 1875.
Com 1 planta do rio Yamundá.

1876 — LAGO (ANTONIO FLORENCIO PEREIRA DO) — *Retorio dos Estudos da Commissão Exploradora dos rios Tocantins e Araguaya.* — Rio de Janeiro. — Typographia Nacional. — 1876.

1876 — TAVARES (R. L.) — *O Rio Tapajós. Memoria onde se estuda semelhante tributario do Amazonas,* etc. — Rio de Janeiro. — Typographia Nacional. 1876.

Com o plano hydrographico daquelle rio, desde Santarém até Itaituba.

1877 — *Mappa Geographico da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Precedido de uma breve noticia sobre a natureza de seu sólo, riqueza mineral e vegetal, productos agricolas, e navegação de seus rios e arroios em referencia ás transacções commerciaes.* — Rio de Janeiro. — Imprimerie Imperiale de S. A. Sisson. 1877.

1877 — *Mappa Topographico da Provincia do Paraná, organizado na Inspectoria Geral de Terras e Colonisação pelo engenheiro C. Rivière, segundo os trabalhos dos engenheiros Mouchez, Ochs, Keller, Black e Rebouças, acompanhado de uma breve descripção noticiando as principaes riquezas mineraes e vegetaes, productos agricolas e naturaes e condições favoraveis do sólo á cultura de plantas exoticas da mesma Provincia,* etc. — Rio de Janeiro. Imprimerie Imperiale de S. A. Sisson. — 1877.

1877 — GAMA E SILVA (José Luiz da) — *Do Amazonas ao Oyapock. Relatorio da Commissão ao Norte da Costa da Provincia do Pará.* — Pará. Typographia do *Futuro.* — S. d. de impressão; o relatorio tem a data de 22 de Junho de 1877.

O auctor foi guarda-mór da Alfandega do Pará.

1877 — AJURICABA — *O Amazonas, seu commercio e navegação.* — Manáos. Impresso na Typ. do *Commercio do Amazonas,* de Gregorio José de Moraes. 1877.

Ajuricaba é pseudonymo de Bento de Figueirêdo Tenreiro Aranha.

1877 — PEREIRA (Felippe Francisco) — *Roteiro da Costa do Norte do Brasil desde Maceió até o Pará.* — Pernambuco. Typographia do *Jornal do Recife.* 1877.

Segunda edição, correcta e augmentada, Recife, Typ. de M. de Figueirôa de F. & Filhos, 1892.

1878 — MARQUES (Dr. Cezar Augusto) — *Diccionario Historico, Geographico e Estatistico da Provincia do Espirito Santos.* — Rio de Janeiro. Typographia Nacional — 1878.

1878 — *Mappa Topographico da Provincia do Espirito Santo, organizado na Inspectoria Geral de Terras e Colonisação, com elementos fornecidos pelas commissões technicas, e precedido de uma breve noticia sobre a mesma Provincia.* — Rio de Janeiro (sem ind. de typ.). 1878.

1878 — SILVA (José Joaquim) — *Tratado de Geographia Descriptiva especial da Provincia de Minas Geraes,* etc. — Juiz de Fóra. Typ. do *Pharol.* 1878.

1878 — BARRETO (José Velloso) — *Roteiro da Navegação do Rio Amazonas do Pará até Iquitos.* — Lisbôa. Typographia de J. H. Verde. 1878.

O nome do auctor vem no fim.

1878 — CUNHA GALVÃO (Francisco da) — *Relatorio sobre a navegabilidade do Rio Paraguassú, provincia da Bahia, apresentado pelo 1° tenente da armada Bacharel... e pela commissão de exploração composta dos engenheiros Ladislau de Videki e Trajano da Silva Rego, em 1 de Fevereiro de 1864. Mandado publicar pelo Barão Homem de Mello, presidente da Bahia.* — Bahia, Typographia do *Diario*. 1878.

1878 — GAFFAREL (Paulo) — *Histoire du Brésil français au seizième siècle* — Paris. Maisonneuve et Cie. 1878.

Com tres chartas geographicas.

1879 — AZEVEDO MARQUES (Manoel Eufrasio de) — *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da Provincia de S. Paulo, seguidos da chronologia dos acontecimentos mais notaveis desde a fundação da Capitania de S. Vicente até o anno de 1876.* — Rio de Janeiro. Typ. Universal de Eduardo & Henrique Laemmert. 1879.

1879 — SMITH (Herbert H.) — *Brazil. The Amazon and the coast. Illustred from sketchs by J. Wells Champney and others.* — New-York. Charles Scribners Sons. 1879.

1880 — PIMENTA BUENO (Francisco Antonio) — *Memoria justificativa dos trabalhos de que foi encarregado á Provincia de Matto Grosso, segundo as instrucções do Minis-*

terio da Agricultura de 27 de Maio de 1879. — Rio de Janeiro Typographia Nacional — 1880.

Com uma charta geographica representando o reconhecimento do caminho de Cuyabá para Sant'Anna do Paranahyba pela serra de S. Jeronymo.

Contém mais: *Estudos e indagações sobre a Provincia de Matto Grosso; Nota justificativa sobre a organização da carta da Provincia de Matto Grosso; Memoria sobre os limites da Provincia; Roteiro do reconhecimento do sertão entre Sant'Anna do Paranahyba e a estrada de Goyaz na altura do Couro do Porco, pelo capitão do côrpo de engenheiros Ernesto Antonio Lassance Cunha;* e *Roteiro da estrada do Piquiri a Sant'Anna do Paranahyba, por José do Espirito Santo Barbosa.*

1880 — MORAES JARDIM (JOAQUIM R. DE) — *O Rio Araguaya. Relatorio de sua exploração... precedido de um resumo historico sobre sua navegação, pelo tenente-coronel d'engenheiros Jeronimo R. de Moraes Jardim*, etc. — Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1880.

1880-1881 — FONSECA (DR. JOÃO SEVERIANO DA) — *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878).* — Rio de Janeiro. Typographia de Pinheiro & C. — 1880-1881 (2 volumes).

Com uma charta da fronteira entre o Brasil e a Bolivia e numerosas gravuras. O 1° volume contém um esboço chorographico da Provincia de Matto Grosso.

1883 — SOUSA (COLLATINO MARQUES DE) — *Roteiro da Costa do Norte do Brasil entre Pernambuco e Maranhão*, etc. — Rio de Janeiro. Typographia e lithographia a vapor, Lombaerts & Comp. — 1883.

1884 — WAPPÆUS (J. E.) — *A Geographia Physica do Brasil — Refundida. (Edição condensada por J. Capistrano de Abreu e A. do Valle Cabral, com a collaboração de diversos).* — Rio de Janeiro. Typ. de G. Leuzinger & Filhos. 1884.

Com mappas e diagrammas.

1885 — *Atlas do Imperio do Brazil, organizado segundo os dados existentes, e gravado por Claudio Lamellino de Car-*

valho, revisto na parte relativa ao Brasil pelo barão Homem de Mello e tenente-coronel de engenheiros Francisco Antonio Pimenta Bueno, editado por Angelo Agostini e Paulo Robin. — 2ª edição, augmentada com os seguintes mappas: Europa, Asia, Africa, America do Norte e Oceania. — Rio de Janeiro. Lith. Paulo Robin & Cia., 1885.

1885 — FERREIRA (FRANCISCO IGNACIO) — *Diccionario geographico das minas do Brasil.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional — 1885.

1885 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — *Rio Iauapery. — Pacificação dos Crichanás.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional — 1885.

Com um plano do rio Iauapery.

1885 — PINKAS (JULIO) — *Commissão de Estudos da estudos da estrada de ferro do Madeira e Mamoré. Relatorio,* etc. — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1885.

Com plantas, perfis e charta geographica.

Tem junto no mesmo volume:

Relatorio da commissão nomeada por aviso n. 141 de 19 de Outubro de 1885, sobre os trabalhos da exploração da estrada de ferro Madeira e Mamoré. Considerações apresentadas pelo ex-engenheiro em chefe J. Pinkas.

1885 — BAENA (MANUEL) — *Informações sobre as comarcas da Provincia do Pará,* etc. — Pará. Typographia de Francisco da Costa Junior. 1885.

1886 — STEINEN (KARL VON DEN) — *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú in Jahre 1884,* etc. — Leipzig. F. A. Brockhaus. 1886.

Com tres mappas e muitas estampas.

1887 — SMITH (HERBERT H.) — *Viagens pelo Brasil. Do Rio de Janeiro a Cuyabá. Notas de um naturalista.* — Rio de Janeiro. Typographia da *Gazeta de Noticias.* 1886.

E' traducção do manuscripto original inglez, inedito, pelo Dr. J. Capistrano de Abreu. Saiu primeiramente nas columnas da *Gazeta de Noticas.* Não traz declaração de traductor.

1887 — CASTRO (EVARISTO AFFONSO DE) — *Noticia descriptiva da Região Missioneira na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, comprehendendo os Municipios de Cruz-Alta, S. Martinho, Palmeira, Passo-Fundo, Soledade, Santo Angelo, S. Luiz, Boqueirão, S. Borja, S. Francisco de Assis, S. Vicente e Itaquy.* — Cruz Alta. Typographia do *Commercial.* 1887.

Com um mappa da região.

1887 — SAINT-HILAIRE (AUGUSTE DE) — *Voyage á Rio Grande do Sul* (Brésil). — H. Herluison, libraire-éditeur. Imp. Georges Jacob. 1887.

Com um mappa, contendo o itinerario das cinco viagens de Saint-Hilaire.

1887 — CUNHA (RAYMUNDO CYRIACO ALVES DA) — *Pequena Chorographia da Provincia do Pará.* — Belém. Typographia do *Diario de Belém.* 1887.

1888 — CAVALCANTI (JOSÉ POMPEU DE A.) — *O Ceará em 1887. Chorographia da Provincia do Ceará.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1888.

1888 — *Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Provincia de S. Paulo, pela Commissão Central de Estatistica* — S. Paulo. Typographia King. 1888.

Contém amplas noticias chorographicas.

1888 — MELLO FRANCO (DR. VIRGILIO M. DE) — *Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1888.

1888 — GODOY (J. FLORIANO DE) — *Projecto de lei para creação da Provincia do Rio Sapucahy.* — Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert & Comp. 1888.

1888 — ALVES NOGUEIRA (M. T.) — *Compendio de Geographia e Chorographia do Brasil.* — Leipzig. F. A. Brockhaus. 1889.

Com tres mappas e abundante indice alphabetico.

1889 — LEVASSEUR (E.) — *Le Brésil. Avec la collaboration de M. M. de Rio Branco, Eduardo Prado, d'Ouren, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart e Zabowski.* (*Extrait de la Grande Encyclopédie*). *Deuxième édition illustrée de Gra-*

*vures, Cartes, et Graphiques, accompagnée d'un appendice par *** e M. Glasson, membre de l'Institut, et d'un Album de vues du Brésil executé sous la direction de M. de Rio Branco.* — Publié par le Syndicat Franco-Brésilien pour l'Exposition universelle de Paris, en 1889. — Paris. H. Lamirault et Cie. 1889.

1889 — NUNES (J. P. FAVILLA) — *A População, Territorio e a Representação Nacional no Brasil, comparada com a de diversos paizes do mundo.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1889.

1893 — VIANNA (DR. FRANCISCO VICENTE) — *Memoir of the State of Bahia. Written by the order of the right-honourable Governor of the State of Bahia Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, by the Director of the Public Archives..., Assisted by the amanuensis of the same public office José Carlos Ferreira. Translated into English by Dr. Guilherme Pereira Rebello* — Bahia. *Diario da Bahia.* 1893.

Ha outra edição em portuguez, da mesma data.

1894 — CRULS (L.) — *Commissão exploradora do planalto central do Brasil. Relatorio apresentado a S. Ex. o Sr. Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, por.... chefe da Commissão.* — Rio de Janeiro. W. Lombaerts & C., impressores do Observatorio. 1894.

Em portuguez e em francez, a duas columnas. Com 27 heliogravuras de Dujardin.

1894 — CRULS (L.) — *Commissão exploradora do planalto central do Brasil. Atlas dos itinerarios, perfis longitudinaes e da zona demarcada. Publicado por..., chefe da Commissão.* — Rio de Janeiro. H. Lombaerts & C., impressores do Observatorio. 1894.

Em portuguez e em francez.

1894 — BELLO (M. F.) — *Quadro das Distancias entre as sédes dos Municipios do Estado de Minas Geraes.* — Ouro Preto. Imprensa Official do Estado de Minas Geraes. 1894.

1894 — ALBUQUERQUE (LUIZ R. CAVALCANTI DE) — *A Amazonia em 1893. Estudos economicos e financeiros.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1894.

Com 1 mappa da Amazonia.

1894-1899 — MOREIRA PINTO (ALFREDO) — *Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brasil.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. — 1894-1899. (3 volumes).

Com prefacio de Raul Pompéa.

1895 — TORRES NEVES (M. P.) — *De Matto Grosso ao Littoral.* — S. Paulo. Typ. a vapor Vanorden & Comp. — 1895.

Com uma charta geographica.

1895 — MARAJO' (BARÃO DE) — *As regiões Amazonicas. Estudos chorographicos dos Estados do Gram-Pará e Amazonas.* — Lisbôa. Imprensa de Libanio da Silva. — 1895.

1897 — LISBOA (L. C. SILVA) — *Chorographia do Estado de Sergipe.* — Aracajú. Imprensa Official. — 1897.

1897 — STEIN (KARL VON DEN) — *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens.* — *Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiten Schingú-Expedition. 1887-1888. (Zweite Auflage als Volksausgabe)* — Berlin: Geographische Verlagsbuchhandlung Dietrich Reimer (Ernst Vohsen). 1897.

Com mappas e estampas.

1897 — THERESE, PRINZESSIN VON BAYERN — *Meine Reise in den Brasilienischen Tropen.* — Berlin: Verlag von Dietrich Reimer — (Ernst Vohsen). — 1897.

Com o retrato do D. Pedro II, 2 chartas geographicas e numerosas estampas.

1897-1899 — COUDREAU (HENRI) — *Voyage au Tapajóz.* — Paris. A. Lahure, imprimeur-éditeur. 1897.

Voyage au Tocantins — Araguaya. — Ibi, ibi, 1897.

Voyage au Xingú. — Ibi, ibi, 1897.

Voyage á Itaboca et à l'Itacayuna. — Ibi, ibi, 1898.

Voyage au Yamundá. — Ibi, ibi, 1899. — Volumes I-V, ornados de muitas chartas, planos e vinhetas.

1900 — RECLUS (E'LISÉE) — *Estados Unidos do Brasil. Geographia, Ethnographia, Estatistica.* — *Traducção e breves notas de B. F. Ramiz Galvão e annotações sobre o Territorio*

contestado pelo barão do Rio Branco. — Paris. Typ. Chamerot et Renouard — H. Garnier, livreiro-editor. 1900.

Com numerosas gravuras.

1900 — COUDREAU (O.) — *Voyage au Trombetas.* — Paris. A. Lahure, imprimeur-éditeur. 1900.

Com 68 vinhetas e 4 chartas.

1900 — MOREIRA PINTO (ALFREDO) — *Chorographia do Brasil. (Atlas-texto).* — Rio de Janeiro. Livraria de Francisco Alves. 1900.

Com 23 chartas.

1901 — FERREIRA (DR. JUSTO JANSEN) — *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão.* — Maranhão. Liv. Typ. de A. P. Ramos d'Almeida & C., Succs. — 1901.

1901 — SAMPAIO (THEODORO) — *O Tupi na Geographia Nacional. — Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo* — S. Paulo. Casa Eclectica. — 1901.

Segunda edição, S. Paulo, 1914. — E' um elucidario etymologico dos nomes tupis com applicação na Geographia do Brasil.

Obra de alto valor philologico.

1901 — MOREL (HENRIQUE) — *Histoire d'une République éphémère, précédée d'une étude sur l'Etat du Pará et sa capitale.* — Rio de Janeiro. Imprimerie de *l'Etoile du Sud.* — 1901.

1902 — MENDES DE ALMEIDA (DR. JOÃO) — *Diccionario Geographico da Provincia de S. Paulo. Precedido de um estudo sobre a estructura da lingua tupi e trazendo, em appendice, uma memoria sobre o nome «America». Obra posthuma do...* — S. Paulo. Typ. a vap. Espindola Siqueira & Comp. — 1902.

1902 — COUTO DE MAGALHÃES (GENERAL) — *Viagem ao Araguaya,* etc. Publicação dirigida por José Couto de Magalhães e Dr. Couto de Magalhães Sobrinho. — Edição definitiva. — S. Paulo. Typ. a vapor Espindola, Siqueira & Comp. — 1902.

A primeira edição saiu publicada em Goyaz, Typographia Provincial, 1863.

1902 — ALBUQUERQUE (L. R. CAVALCANTI DE) — *Estudos da Amazonia. Commercio e navegação de transito internacional com as Republicas limitrophes. Columbia, Venezuela, Bolivia e Perú.* — *Revogação de tratados.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. — 1902.

Com charta geographica, planta hydrographica e mappa.

1903 — VOSS (ERNST LUDWIG) — *Beiträge zur Klimatologie der südlichen Staaten von Brasilien.* — *I Der Staat São Paulo; II Die Staaten Paraná, Santa Catharina und Rio Grande do Sul.* — Gotta: Jüstus Perthes. 1903.

Com 1 charta.

1904 — FERREIRA (DR. JUSTO JANSEN) — *A proposito da Carta geographica do Maranhão.* — Maranhão. Typ. de Ramos d'Almeida & C., Succs. — 1904.

Com 1 charta do Estado do Maranhão.

1904 — LOPES GONÇALVES — *O Amazonas. Esboço Historico, Chorographico e Estatistico.* 1ª edição. — New York. Published by Hugo J. Hanf. 1904.

Em portuguez e inglez.

1905 — SAMPAIO (THEODORO) — *O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina.* — S. Paulo. — 1905.

1906 — MENDONÇA (ESTEVÃO DE) — *Quadro chorographico de Matto Grosso.* — Cuiabá. Escolas Profissionaes Salesianas. 1906.

1906 — LOPES (DR. ORLANDO CORRÊA) — *O Estado do Acre e o Estado do Amazonas. Artigos... publicados no Jornal do Commercio.* Janeiro, Fevereiro e Março de 1906. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. — 1906.

1906-1915 — *Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo: Exploração dos rios Feio e Aguapehy (Extremo sertão do Estado).* 1905. S. Paulo. Rotchild & C.ia, 1906. — *Exploração do rio Tieté (Barra do rio Jacaré-Guassú ao rio Paraná)* 1906. Ibi, ibi, 1907. — *Exploração do rio Paraná (I, Barra do rio Tieté ao rio Paranahyba; II,*

Barra do rio Paranapanema). 1906. Ibi, ibi, 1907. — *Exploração do rio do Peixe*, 1907. Ibi, ibi, 1907. — *Exploração do rio Ribeira de Iguape* (2ª edição). Ibi, ibi, 1914. — *Exploração do Rio Grande e seus affluentes. — S. José de Dourados*. Ibi, ibi, 1913. — *Exploração do Littoral. — 1ª Secção — Cidade de Santos á fronteira do Estado do Rio de Janeiro*. — 1915. — Ibi, ibi, 1915.

Sete volumes, accompanhados de muitas plantas, planos, vistas e outras gravuras.

1907 — FARIA (OCTAVIO A. DE) — *Diccionario Geographico do Rio Grande do Sul, por...* Sob a direcção do Major José G. de Almeida. — Pelotas. Typ. a vapor do *Diario Popular*. — 1907.

1907 — PADTBERG (PADRE AUG.) — *Estúdo critico e calculo planimetrico das áreas do Brasil e seus Estados*. — Porto Alegre. Typographia do Centro. 1907.

1907 — CARVALHO (ALFREDO DE) — *O Tupí na Chorographia Pernambucana. — Elucidario etymologico*. — Recife. Typ. do *Jornal do Recife*. 1907.

1908 — SAMPAIO (THEODORO) — *Atlas dos Estados Unidos do Brasil*. — Bahia. Litho-Typ. Reis & C., 1908.

1908 — *Apontamentos para a Geographia Agricola do Brasil*. — Rio de Janeiro. Sem ind. de typ. — 1908.

1908 — OLIVEIRA LIMA (M. DE) — *Le Brésil. Ses limites actuelles. Ses voies de pénétration. Raports présentés ao Congrès International de Géographie de Genéve, Juillet-Aout 1908*. — Anvers. Mission Brésilienne d'Expansion Economique. 1908.

1908 — OLIVEIRA MARQUES (DR. MANOEL ESPERIDIÃO) — *Região Occidental de Matto Grosso. Viagem e estudos sobre o valle do Baixo Guaxupé. Da cidade de Matto Grosso ao Forte do Principe da Beira*. Rio de Janeiro. Typographia e papelaria Hildebrant. 1908.

1909 — LISBOA — (MIGUEL ARROJADO RIBEIRO). — *Oéste de S. Paulo — Sul de Matto Grosso. (Estrada de Ferro Noroéste. Commissão E. Schnoor). Geologia, Industria Mineral,*

Clima. Vegetação, Solo Agricola, Industria Pastoril. — Rio de Janeiro. Typographia do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C., 1909.

Com perfis geologicos, dous mappas, 35 gravuras, figuras no texto e um diagramma.

1910 — MOURA (IGNACIO BAPTISTA DE) — *De Belem a S. João do Araguay. Valle do Rio Tocantins.* — Rio de Janeiro. — Paris, H. Garnier, 1910.

Com diversas gravuras.

1911 — JACOB (RODOLPHO) — *Minas Geraes no XX° Seculo. — Volume I — Summario Geographico. Industria agricola e pastoril. Minas e industria mineral. Industrias diversas; força hydraulica. Commercio: vias de communicação.* — Rio de Janeiro. Impressores, Gomes, Irmão & C., 1911.

Com estampas, vistas, etc.

1911 — NORONHA SANTOS — *Chorographia do Districto Federal (Cidade do Rio de Janeiro). 3ª edição.* — Rio de Janeiro. Benjamin de Aguilla. 1913.

Com o mappa do Districto Federal, de Olavo Freire.

1913 — FERREIRA (DR. JUSTO JANSEN) — *Contribuição para a Historia e para a Geographia do Maranhão. Ainda a Barra da Tutoya.* — Maranhão. Typographia de Ramos d'Almeida & C., Succes., 1913.

1914 — MEDEIROS (J. R. CORIOLANO DE) — *Diccionario chorographico do Estado da Parahyba.* — Parahyba. Imprensa Official. 1914.

1914 — SILVEIRA NETTO — *Do Guayra aos Saltos do Iguassú. Illustrado com 30 photogravuras, comprehendendo vistas, mappa e plantas das cachoeiras, Rio Paraná, e outros pontos da fronteira.* — Coritiba. Typographia do *Diario Official.* 1914.

1915 — MAGALHÃES (BASILIO DE) — *Expansão Geographica do Brasil até fins do Seculo XVII. Memoria apresentada ao Primeiro Congresso de Historia Nacional.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1915.

1915-1916 — BOITEUX (JOSÉ ARTHUR) — *Diccionario Historico e Geographico do Estado de Santa Catharina.* — Rio de Janeiro. Typographia *Ao Luzeiro.* 1915-1916 (dous volumes).

1916 — RAJA GABAGLIA (FERNANDO ANTONIO) — *As Fronteiras do Brasil.* — Rio de Janeiro. Typographia do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C., 1916.

Com sete chartas geographicas fóra do texto.

1916-1918 — *A Bahia e os seus Municipios (Propriedade de uma Associação).* — Bahia. Imprensa Official do Estado. 1916-1918 (tres volumes).

1917 — ROQUETTE-PINTO (E.) — *Rondonia.* — *Anthropologia. Ethnographia.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1917.

Com um mappa e varias illustrações. Segunda edição, 1919.

1917 — SOUSA (DR. BERNARDINO J. DE) — *Nomenclatura Geographica peculiar ao Brasil (2ª edição)* — Bahia, Imprensa Official do Estado. 1917.

1917 — CARVALHO (C. M. DELGADO DE) — *Météorologie du Brésil. Préface de Sir W. Napier Shaw.* — Londres. John Bale, Sons & Danielsson, Ltd., 1917.

1917 — FRADE (P.) — *Diccionario Chorographico e Estatistica Chorographica de distancias do Estado de Minas Geraes (2ª edição). Organizado por ordem e mediante instrucções do Exmo. Dr. Americo Ferreira Lopes, Secretario d'Estado dos Negocios do Interior.* — Bello Horizonte. Imprensa Official do Estado de Minas Geraes. 1917.

— *Relatorios sobre explorações dos rios do Brasil.* — (Collecção facticia de 25 relatorios concernentes á exploração dos rios Parnahyba, Paraná e seus affluentes, S. Francisco e Velhas, Iguassú, Parahyba, Parahyba e Pomba, Ivahy, Tibagy e Paranapanema, Madeira, Amazonas, Purús, Japurá, Araguaya, Juruá, Maués-assú e Abacaxis, Aquiry, Paraguay, etc.; por diversos exploradores e viajantes, como Dodt, Ribas, Liais, Keller, Silva Coutinho, Vallée, Chandless, Wilkens de Mattos e Couto de Magalhães, de 1861 a 1876. Typographias diversas. Encadernados em um só tomo, com varias chartas e planos de rios).

OBRAS SOBRE LIMITES INTERNACIONAES

1750 — *Tratado de Limites das Conquistas entre os muito Altos e Poderosos Senhores D. João V. Rey de Portugal, e D. Fernando VI. Rey de Espanha, etc. Assignado em Madrid a 13 de Janeiro de 1750.* — Impresso em Lisboa. Na officina de Joseph da Costa Coimbra. Anno de M.DCC. L. (1750).

1849 — GRIMALDI (MARQUES DE) — *Repuesta del... sobre da cuestion de límites en la Banda Oriental del Rio de la Plata, y noticias sobre los dos sitios de la Colonia del Sacramento, en 1762, y 1777, escritas por testigos oculares y publicadas por primera vez.* — Montevidéo. Imprenta del Commercio del Plata. 1849.

No alto da primeira pagina tem este sub-titulo: «Repuesta del Marques de Grimaldi, ministro de España, a la Memoria que en Enero de 1776 le presentó el de Portugal D. Francisco Ignacio (*sic*) de Souza Coutiño, sobre límites en la Banda Oriental del Rio de La Plata; o sea la Historia de las continuadas usurpaciones cometidas en ella por el Gobierno Portugues desde su descubrimiento hasta aquella hecha, con un Apendice de documentos».

Convém notar que o referido ministro de Portugal em Hispanha, em 1776, se chamava verdadeiramente D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, e não D. Francisco Ignacio. Era filho de D. Rodrigo de Sousa (da casa dos condes de Redondo) e de sua mulher D. Maria Antonia de S. Boaventura e Menezes, e casado com D. Anna Luiza Joaquina Teixeira, de quem houve, entre outros, a: D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares; D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, conde e depois marquez do Funchal; e D. Francisco Mauricio de Sousa Coutinho, governador e capitão-general do Pará (1790-1803). Foi coronel do regimento de infantaria da praça de Almeida, governador de Angola (1764-1772), e socio da Arcadia Ullyssiponense. Em 13 de Dezembro de 1773 foi nomeado embaixador na côrte de Madrid (Fr. Claudio da Conceição, *Gabinete Historico*, tomo 17, pag. 219), e nessa qualidade assignou, por parte de Portugal, o tractado de Santo Ildefonso, de 1 de Outubro de 1777. Era ainda embaixador em Madrid, quando alli falleceu, em 6 de Fevereiro de 1780 (*Ga-*

zeta de Lisbôa, n. 7. de 15 de Fevereiro daquelle anno).

Alguns auctores, como Porto Seguro (*Historia Geral do Brasil*, 2ª edição), e Teixeira de Mello (*Ephemerides Nacionaes*), confundem o governador do Pará, D. Francisco Mauricio, com seu pae, D. Francisco Innocencio.

1850 — OLIVEIRA (CONSELHEIRO CANDIDO BAPTISTA DE) — *Reconhecimento Topographico da Fronteira do Imperio na Provincia de S. Pedro.* — Rio de Janeiro. Na Typographia Nacional. 1850.

1857 — LIMITES COM A GUYANA FRANCEZA — *(Annexo ao Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1857). Protocollos das conferencias na Côrte de Paris, entre os Plenipotenciarios do Brasil e da França para determinação daquelles limites.* — Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert. 1857.

1860 — *Informe de la H. Comisión de Relaciones Exteriores del Senado sobre el Tratado de Límites y Navegación Fluvial, celebrado entre Venezuela y el Brasil, en 5 de Mayo de 1859.* — Carácas, Imprenta de Jesus Maria Soriano, 1860.

1860 — *Dictame del Consejo de Gobierno sobre Límites entre Venezuela, y el Brasil.* — Carácas, Imprenta de Jesus Maria Soriano, 1860.

1861 — SILVA (J. CAETANO DA) — *L'Oyapoc et l'Amazone. — Question brésilienne et française.* — Paris, chez L. Martinet, 1861 (dous tomos).

Reimpresso depois pelo barão do Rio Branco. 1899

1867 — *Tratado de Amistad, Límites, Navigación, Commercio y Extradición, celebrado entre la República de Bolivia y el Imperial del Brasil en 1867* (Edición oficial). Paz de Ayacucho, Octubre de 1867. Imprenta Paceña.

1868 — J. R. G. — *La cuestión de límites entre Bolivia y el Brasil, ó sea el artículo 2º del Tratado de 27 de Marzo de 1867.* — La Paz. Imprenta Paceña. 1868

1868 — *Bolivia y el Brasil. Cuestión de límites. Por unos Bolivianos.* — Tacna. Imprenta de *El Progreso.* 1868.

1869 — OTERO (JOSÉ MARIA QUIJANO) — *Memoria histo-*

rica sobre los límites entre la República de Colombia i el Imperio del Brasil. — Bogotá, Imprenta de Gaitan, 1869.

1870 — PONTE RIBEIRO (CONSELHEIRO DUARTE DA) — *Memoria sobre as Questões de limites entre o Imperio do Brasil e a Republica da Nova Granada.* — Rio de Janeiro. Typographia Universal de E. & H. Laemmert. 1870.

Com dous grandes mappas

1870 — COTEGIPE (BARÃO DE) — *Annexo ao Relatorio da Repartição dos Negocios Extrangeiros de 14 de Maio de 1870, apresentado á Assembléa Geral Legislativa, na segunda sessão da decima quarta legislatura pelo ministro e secretario d'Estado interino...* — Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, 1870.

Com uma mappa especial da fronteira do Brasil com as Republicas do Perú, Nova Granada e Venezuela, organizado pelo Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, 1870; uma charta geographica e uma borrador topographico, relativo aos tractados de 1750 e 1777.

1871 — *Defesa da Commissão Mixta Demarcadora dos Limites do Brasil e Perú. — Ao Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro.* — Rio de Janeiro. Typographia da *Reforma*. 1871.

Assignado no fim: José da Costa Azevêdo.

1871 — *Limites com o Perú.* — Rio de Janeiro — Typographia Americana. Sem nome do auctor, nem data (Duarte da Ponte Ribeiro, 1871).

São sete artigos, publicados antes na *Nação*, do Rio de Janeiro, aos quaes respondeu José da Costa Azevêdo, depois barão de Ladario, como acima se vê.

1875 — *Questão de limites com o Perú. — Extracto da conferencia do Sr. Costa Azevedo em sessão do Instituto Polytechnico, na noite de 29 de Dezembro de 1874, na parte especial dos limites.* — Rio de Janeiro. Typographia da *Reforma*. 1875.

1882 — *Apontamentos sobre os limites entre o Brasil e a Republica Argentina.* — Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1882.

1883 — MELLO (Dr. J. A. Teixeira de) — *Limites do Brasil com a Confederação Argentina. — Memoria sobre quaes sejam os verdadeiros Santo Antonio e Pepiri e se devem estes dous rios constituir a linha divisoria entre os dous Paizes.* — Rio de Janeiro. Typograhia Nacional. 1883.

Com o mappa do territorio disputado para limite entre o Imperio do Brasil e a Confederação Argentina.

1884 — MARAJO' (Barão de) — *Um protesto. Resposta ás pretenções da França a uma parte do Amazonas, manifestadas por M. Deloncle.* — Lisbôa. Typographia Mattos Moreira. — 1884.

1884 — *Questão de limites entre o Brasil e a Republica Argentina.* — Rio de Janeiro. Typographia Nacional. 1884 (2 tomos).

Edição reservada.

1891 — *A questão das Missões, estudada á luz dos documentos historicos. — Artigos editoriaes d'«A Tribuna», criticando a Missão Bocayuva sobre os limites com a Confederação Argentina.* — Rio de Janeiro. — Typographia d'*A Tribuna*. — 1891.

1891-1892 — AZAMBUJA (Conselheiro J. M. N. de) — *Questão territorial com a Republica Argentina. Limites do Brasil com as Guyanas Franceza e Ingleza.* — Rio de Janeiro. — Companhia Editora Fluminense e Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. — 1891-1892 (2 volumes).

1892 — LISBOA (Henrique C. R.) — *A questão Missões perante o Tribunal Arbitral.* — Petropolis. Typ. do *Mercantil*, de Sudré & Comp. — 1892.

1893 — FREITAS (J. A. de) e CAPANEMA (Barão de) — *As pretenções argentinas na questão de limites com o Brasil. — Estudos dos Srs..., extrahidos do «Jornal do Commercio».* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. 1893.

1893 — GEORLETTE — *La question des limites entre le Brésil et la République Argentine.* — Anvers. — 1893.

Com uma charta geographica.

1894 — RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos, Barão do) — *Exposição que os Estados Unidos do Brasil apresentam ao Presidente dos Estados Unidos da America como arbitro, segundo as estipulações do Tratado de 7 de Setembro de 1889, concluido entre o Brasil e a Republica Argentina. — Questão de limites entre o Brasil e a Republica Argentina, submettida á decisão arbitral do Presidente Cleveland, dos Estados Unidos da America,* 1894. — New York. The Knickerbocker Press. — 1894 (6 volumes).

Em portuguez e inglez, com um volume de mappas.

1895 — *Limites com a Guyana Franceza. — Parecer da Secção dos Negocios Extrangeiros do Conselho de Estado sobre o ajuste definitivo da questão, de 4 de Agosto de 1854.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1895.

1897 — AZEVEDO (Thaumaturgo de) — *Limites entre o Brasil e a Bolivia.* — Rio de Janeiro. Typographia do *Jornal do Commercio,* 1897.

1897 — ARMENTIA (P. Fr. Nicolao) — *Límites de Bolivia con el Perú por la parte de Caupolican (Con las licencias respectivas).* — La Paz. Imprenta de *El Telégrafo.* 1897.

1897 — SILVIO SENIOR — *Limites da Republica com a Guyana Ingleza. — Memoria justificativa dos direitos do Brasil.* — Belém. Impresso no *Diario Official.* 1897.

Com um mappa. Silvio Senior é pseudonymo de Ernesto Mattoso.

1898 — MATTOSO (Ernesto) [Silvio Senior] — *Limites da Republica com a Guyana Ingleza. Memoria justificativa dos direitos do Brasil (Estado do Amazonas).* Rio de Janeiro. Typographia Leuzinger. 1898.

Com dous mappas.

1899 — CUNHA GOMES — *Commissão de limites entre o Brasil e a Bolivia. — Re-exploração do Rio Javary.* Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger. 1899.

Com tres schemas.

1899 — AZEVEDO (João Lucio d') — *Brasil-Bolivia. Incidente Acre-boliviano. Cartas de... Juizo da Imprensa.*

Violencias contra Brasileiros. Pará. Typ. de Pinto Barbosa & C.ª — 1899.

Com um mappa.

1899 — CORRÊA (SERZEDELLO) — *O Rio Acre. (Ligeiro estudo sobre a occupação Paravicini no Rio Acre: limites, navegação e commercio com a Bolivia).* — Rio de Janeiro. Casa Mont'Alverne — 1899.

Com tres mappas.

1899 — RIO BRANCO (JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, BARÃO DO) — *Frontières entre le Brésil et la Guyane française. Mémoire (Premier) présenté par les E'tats Unis du Brésil au gouvernement de la Conféderation Suisse, arbitre choisi selon les stipulations du Traité conclu à Rio-de-Janeiro, le 10 Avril 1897, entre le Brésil et la France. — Tome premier (Exposição). Tomes deuxième et troisième: Documents. — Tomes IV et V: L'Oyapoc et l'Amazone. Question brésilienne et française, par Joaquim Caetano da Silva. — Tomes premier et second. Troisième édition. Avec un Sommaire et plusieurs notes.* — Paris. A. Lahure, imprimeur-éditeur, 1899.

Atlas, contenant un choix de cartes anterieurs au Traité conclu à Utrecht le 11 Avril 1713 entre le Portugal et la France. Annexe au Mémoire... Ibi, ibi, 1899... *Cet Atlas se compose de cent* fac-simile *de Cartes anterieures aux deux Traités conclus entre le Portugal et la France, le 4 Mars 1700, à Lisbonne, et le 11 Avril 1713, à Utrecht. Soixante-six de ces reproductions ont été faites d'après les originaux manuscripts. Dix-huit de ces derniers étaient entièrement inédits. Plusieurs de ces originaux gravés se trouvent difficilement dans le commerce, et quelques-uns ne peuvent être consultés que dans un petit nombre de Bibliothèques.*

Commission brésilienne d'exploration du haut Araguary, sous la direction de M. Felinto Alcino Braga Cavalcante, capitaine d'état-major. S. l. n. off. (Paris, gravado e impresso por A. Simon.)

Second Mémoire... Tome 1.er: Mémoire en réponse aux allegations de la France, accompagné de quelques cartes. — Berne, Imprimerie Staempfli & C.ie, 1899; *Tomes II et III:*

Documents accompagnés de notes explicatives ou rectificatives. Ibi, ibi, 1899. *Tome IV: Documents. Texte original des documents traduits dans les tomes II et III.* Ibi, ibi, 1899. *Tome V: Fac-simile de quelques documents reproduits aux tomes II, III et IV.* Ibi, ibi, 1899 (com 21 photogravuras). *Tome VI: Atlas contenant 86 cartes, dont 14, antérieures au Traité d'Utrecht, complètent, avec une autre présentée au Tome 1er, la série de cartes de cette première époque reunies dans l'Atlas qui accompagne le 1er Mémoire du Brésil.* Paris, A. Lahure, imprimeur-éditeur. 1899 (17 volumes).

1900 — *Sentence du Conseil Fédéral Suisse dans la question des frontières de la Guyane française et du Brésil. Du 1er Décembre 1900. Extrait contenant les chapitres A, 1 et 2, D et E.* — Berne, Imprimerie Stämpfli & C.ie S. d. (1900).

E' assignada: «Au nom du Conseil fédéral suisse: Le Président de la Confédération, *Hauser.* Le Chancelier de la Confédération, *Ringier.*»

Com um mappa do territorio brasileiro reclamado pela França, mostrando a fronteira definitivamente resolvida pela sentença arbitral.

1900 — *O Acre. O Direito da Bolivia. Pensamento da Chancellaria Brasileira. Documentos para julgar a questão.* — Rio de Janeiro. — Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C., 1900.

1901 — AZEVEDO (THAUMATURGO DE) — *O Acre. Limites com a Bolivia. Artigos publicados n'«A Imprensa», 1900-1901. Cartas ineditas.* — Rio de Janeiro. — Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C., 1901.

Com duas chartas geographicas.

1901 — LOPES GONÇALVES — *A Fronteira Brasileo-Boliviana pelo Amazonas,* etc. Lisbôa, Typ. de Francisco Luiz Gonçalves, 1901.

Com um mappa.

1901 — BALLIVIAN (ADOLFO) — *Comisión boliviana demarcadora de límites com el Brasil. Informe del Comisario en*

jefe... Secunda edición. — Bruselas. Typ.-Lith. Siraut-Londes & C.[ie] — 1901.

1902 — CRULS (LUIZ) — *Limites entre o Brasil e a Bolivia. Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Olyntho de Magalhães pelo Dr..., Chefe da Commissão de Limites entre o Brasil e a Bolivia sobre os trabalhos executados em 1901 pela mesma Commissão.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. — 1902.

1902-1904 — *Brasil e Bolivia. A questão do Acre* — Collecção facticia de artigos de varios jornaes e revistas, de procedencias diversas, principalmente do Rio de Janeiro, caricaturas, retratos, mappas, desenhos de bandeira, autographos, etc., relativos á questão do Acre, colligidos e collados dia a dia pelo Dr. Manoel Barata. Cinco grossos volumes in 4º, com o total de 1.526 paginas.

1903-1904 — JOAQUIM NABUCO — *Fronteira do Brasil e da Guyana ingleza. Questão submettida a S. M. o rei da Italia. O direito do Brasil. Primeira memoria, apresentada em Roma a 27 de Fevereiro de 1903 por..., enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil em missão especial junto a S. M. o rei da Italia.* — Paris, A. Lahure, editor. (Typographia Lahure) 1903. — Com dous mappas.

Frontières du Brésil et de la Guyane anglaise. Question soumise à l'arbitrage de S. M. le roi d'Italie. Premier mémoire. Le droit du Brésil. Présenté à Rome le 27 Février 1903 par..., envoyé extraordinaire et ministre plenipotentiaire du Brésil en mission spéciale auprès de sa magesté le roi d'Italie. Paris, A. Lahure, imprimeur-éditeur. (Imprimierie Générale Lahure), s. d. (1903). — Com dous mappas.

Annexes du premier mémoire du Brésil. Vol. I. Documents d'origine portugaise (Texte portugais). Première série. — 1903.

Annexes du premier mémoire du Brésil. Vol. II. Documents d'origine portugaise (Texte portugais). Deuxième série. — 1903.

Annexes du premier mémoire du Brésil. Vol. III. Documents d'origine portugaise (Traduction). Première série. 1903.

Annexes du premier mémoire du Brésil. Vol. III. Documents d'origine portugaise (Traduction). Deuxième série. 1903.

Annexes du premier mémoire du Brésil. Vol. V. Documents divers. Deuxième série. 1903.

Atlas accompagnant le premier mémoire du Brésil. Paris, Ducourtitioux et Huillard, graveurs-imprimeurs. 1903. (Com 90 chartas e documentos).

Second mémoire. Vol. I. La prétention anglaise. Présenté à Rome le 26 Septembre 1903, par... Paris, A. Lahure, imprimeur-éditeur. (Imprimerie Lahure). (1903).

Second mémoire, Vol. II. Notes sur la partie historique du premier mémoire anglais. Présenté à Rome le 26 Septembre 1903 par... Paris, A. Lahure, imprimeur-éditeur (1903).

Second mémoire. Vol. III. La preuve cartographique. Presenté à Rome le 26 Septembre 1903 par... Paris, A. Lahure, imprimeur-éditeur (1903).

Annexes du second mémoire du Brésil. Vol. I. Documents faisant suite au tome premier du second mémoire. Première série. 1903.

Annexes du second mémoire du Brésil. Vol. II. Documents faisant suite au tome premier du second mémoire. Second série. (Période de la neutralisation du territoire). 1903.

Annexes du second mémoire du Brésil. Vol. III. Documents faisant suite au tome second du second mémoire. 1903.

Troisième mémoire. Vol. I. La construction des mémoires anglais. Présenté à Rome le 25 Février 1904 par... Paris, A. Lahure, imprimeur-éditeur. (Imprimerie Lahure) (1904).

Troisième mémoire. Vol. II. Histoire de la zone contestée selon le contre-mémoire anglais. Présenté à Rome le 25 Février 1904 par... Paris. A. Lahure, imprimeur-éditeur (1904).

Troisième mémoire. Vol. III. Reproduction des documents anglais suivis de brèves observations. Présenté a Rome le 25 Février 1904 par... Paris. A. Lahure, imprimeur-éditeur. (1904).

Troisième mémoire. Vol. IV. Exposé final. Présenté à Rome le 25 Février 1904 par... Paris. A. Lahure, imprimeur-éditeur (Imprimerie Lahure (1904).

Em 18 volumes, com muitas chartas geographicas intercaladas no texto, nove em paginas separadas, tres desdobraveis e um mappa ethnographico.

1903 — ROCHA (JULIO) — *O Acre. Documentos para a historia de sua occupação pelo Brasil.* — Lisbôa. Minerva Lusitana. — 1903.

1903 — CARVALHO (JOSÉ CARLOS DE) — *O Acre. Limites do Brasil com a Bolivia.* — Rio de Janeiro. — Typographia Leuzinger. — 1903.

1903 — MEDINA (ANGEL DIEZ DE) — *La cuestión del Acre. El derecho boliviano y la Circular del Sr. Barón de Rio Branco.* — La Paz, Tall. Tipi Lit. de J. M. Gamarra. 1903.

1903 — *Rapport de Son Excellence Monsieur le Ministre des Affaires Etrangères de Bolivia Docteur Eliodoro Villazon sur la Question de l'Acre.* — Anvers. Etab. Schotte & Van Eeckhout. — 1903.

1903 — *Bolivia-Brasil.* — *Exposición que la Sociedad Geográfica de La Paz dirige ás las Sociedades Geográficas de Europa y America.* La Paz. Tall. Tip. Lit. de J. M. Gamarra, 1903.

Com tres mappas geographicos.

1903 — SAAVEDRA (BAUTISTA) — *El litigio Perú-boliviano.* — La Paz. Imprenta Artistica, Velarde, Aldarosa y C.ª — 1903.

1904 — *Asuntos Internacionales. El Acre. Breve rectificación á propósito del Protocolo de 19 de Febrero de 1895.* — La Paz. Tip. Artistica. 1904.

O nome do auctor vem no fim: Federico Diez de Medina.

1905 — SALAMANCA T. (DEMETRIO) — *Exposición sobre Fronteras Amazonicas de Colombia.* — Bogotá. — G. Foreno Franco. — 1905.

1905 — LAPRADELLE (A. DE) ET POLITIS (N.) —

L'arbitrage anglo-brésilien de 1904. — Paris (5ᵉ) V. Giard & E. Brière. — 1905.

Com 4 mappas geographicos.

1907 — CUNHA (EUCLYDES DA) — *Perú versus Bolivia.* Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C.ª — 1907.

Com 2 chartas: Esboço da zona litigiosa e do territorio brasileiro do Acre; territorio contestado Peruvio-boliviano. Ha uma traducção em castelhano.

1907 — *Memoria da Commissão Mixta Brasileiro-Peruviana de reconhecimento do rio Juruá e Relatorio do Commissario Brasileiro* (1904-1906). — Rio de Janeiro. — Imprensa Nacional. 1907. (2 volumes).

Mappas e perfis no vol. II.

1908 — *Brasil e Colombia. Tratado de Limites e Navegação e Modus-Vivendi de navegação e commercio pelo Içá ou Putumayo, assignado em Bogotá a 24 de Abril de 1707.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1908.

LIMITES INTER-ESTADUAES

1846 — AZEREDO COUTINHO SOUSA CHICHORRO (MANOEL DA CUNHA DE) — *Informação sobre os limites da Provincia de S. Paulo com as suas limitrophes.* — Rio de Janeiro. Typ. Universal de Laemmert. 1846.

1857 — GOES E VASCONCELLOS (Z. DE) — *Questão de limites entre a Provincia do Paraná e a de Santa Catharina.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Correio da Tarde.* 1857.

1887 — JACQUES OURIQUE (ALFREDO ERNESTO) — *Questão de limites entre o Paraná e Santa Catharina.* — Rio de Janeiro. Typographia da *Revista do Exercito Brasileiro.* 1887.

1891 — *Estudo sobre a origem historica dos limites entre Sergipe e Bahia.* — Bahia. Typ. e Encadernação do *Diario da Bahia,* 1891.

1895-1896 — TAPAJÓS (TORQUATO) — *Estudos sobre o Amazonas. Limites do Estado.* — Rio de Janeiro. Typ. Leuzinger, 1895; e Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C., 1896.

Com quatro mappas, em reproducção, da Capitania de Matto Grosso, 1802; da Nova Lusitania ou America Portugueza, 1798; da Provincia de Matto Grosso e parte das confrontantes e Estados limitrophes, sem data; e plano que representa o rio Amazonas ou Solimões com seus affluentes, de José Joaquim Machado de Oliveira.

1897 — MELLO REGO (GENERAL F. RAPHAEL DE) — *Limites de Goyaz com Matto Grosso.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1897.

1898 — JOSE' AVELINO (DR.) — *Razões finaes na acção entre partes: O Estado do Amazonas, autor, e o Estado de Matto Grosso, réo. (Questão de limites).* — Rio de Janeiro, Casa Mont'Alverne, 1898.

1898 — A. P. — *Questões de divisas entre S. Paulo e Minas Geraes.* — S. Paulo. Typographia do *Correio Paulistano* — 1898.

1899 — JOSE' VERISSIMO — *Pará e Amazonas. Questão de limites.* — Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brasil — 1899.

1899 — SILVA MAFRA (CONSELHEIRO MANOEL DA) — *Exposição Historico- Juridica por parte do Estado de Santa Catharina sobre a questão de limites com o Estado do Paraná, submettida, por accôrdo de ambos os Estados, á decisão arbitral, pelo advogado...* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional — 1899.

1899 — VEIGA (J. P. XAVIER DA) — *Questão de limites entre os Estados de Minas Geraes e Rio de Janeiro. Relatorio apresentado ao Governo de Minas Geraes.* — Cidade de Minas — Imprensa Official do Estado de Minas — 1899.

1899-1901 — VIANNA (ARTHUR) — *Estudos sobre o Pará. Limites do Estado.* — Primeira parte: *Limites com o Estado do Amazonas. Relatorio apresentado em 1° de Setembro de 1898 ao Sr. Governador do Estado do Pará, Dr. José Paes de Carvalho.* — Bèlém, Imprensa do *Diario Official* — 1899.

Segunda parte: *Limites com o Estado de Matto Grosso.* — Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brasil — 1900.

Terceira parte: *Fronteiras com o Estado do Amazonas.* — Pará — Brasil — Imprensa Alfredo Augusto da Silva — 1901.

A primeira parte traz uma charta geographica; a segunda duas chartas.

1900 — OLIVEIRA FIGUEIREDO — (DR. CARLOS AUGUSTO DE) — *Limites entre os Estados do Rio de Janeiro e Minas Geraes. Relatorio apresentado ao Presidente do Estado do Rio de Janeiro,* etc. *(Publicação official).* — Petropolis. Typ. à vapor da *Gazeta de Petropolis,* de Martinho Moraes & — 1900.

1900 — FIGUEIREDO JUNIOR (JOAQUIM ANTUNES DE) — *Questão de limites. Acção originaria n. 5. Auctor: O Estado de Minas Geraes; réo: O Estado do Rio de Janeiro. (Supremo Tribunal Federal). Razões finaes do réo pelo advogado...* — Rio de Janeiro — Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C. — 1900.

1900 — *Questão de Limites com o Estado do Rio de Janeiro. Supremo Tribunal Federal. Razões Finaes do Auctor.* — Cidade de Minas. Imprensa Official de Minas Geraes — 1900.

1900 — JOSE' HYGINO (DR.) — *Respostas ás Razões Finaes do Estado do Rio de Janeiro na acção de limites que lhe move o de Minas. (Supremo Tribunal Federal). — Rio de Janeiro.* Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C. — 1900.

1901 — MARTINS (ROMARIO) — *Limites á Suéeste, Artigos publicados n'A Republica, de Curytiba, sobre a questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catharina.* — Curytiba — Typographia da Livraria Economica — 1901.

1902 — MEIRA E SA' (F. DE S.) — *Questão de limites entre o Rio Grande do Norte e o Ceará. — Simples Notas ao laudo do Conselheiro Lafayette.* — Natal. Empreza d'*A Republica* — 1902.

1902 — SILVA MAFRA (MANOEL DA) — *Questão de limites. Acção originaria n. 6. Auctor: o Estado de Santa Catharina; réo: o Estado do Paraná. (Supremo Tribunal Federal).*

Juiz relator o Exmo. Sr. Ministro Herminio Francisco do Espirito Santo. Allegações finaes do auctor pelo advogado... — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional — 1902.

Com um mappa.

1902 — *Acção originaria de reivindicação sobre limites territoriaes entre os Estados do Paraná e Santa Catharina. Memorias por parte do Paraná.* — Rio de Janeiro. — Typ. e Lith. de Olympio de Campos & C. — 1902.

1902 — BARRADAS (JOAQUIM DA COSTA) — *Razões Finaes por parte do Estado do Paraná no litigio, que lhe move o de Santa Catharina sobre limites territoriaes.* — Rio de Janeiro (s. ind. de typ.) 1902.

1902 — MARTINS (ROMARIO) — *Argumentos e subsidios sobre a questão de limites entre o Paraná e Santa Catharina.* — Corytiba. Typ. e Lith. a vapor Imprensa Paranaense — 1902.

Com uma charta da primitiva circumscripção territorial do Brasil comparada com a actual.

1902 — MOREIRA BRANDÃO (MATHEUS) — *Memoria justificativa do parecer do Juiz Arbitro na questão de limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte.* — Rio de Janeiro. Typ. Escolar — 1902,

Com tres mappas.

1903 — LEÃO (ERMELINO A. DE) — *O Contestado Norte. Paraná-S. Paulo (Monographias Paranaenses — I)* — Coritiba, Typ. Impressora Paranaense — 1903.

1904 — CONSELHEIRO BARRADAS — *Questão de Limites entre os Estados do Paraná e de Santa Catharina. Embargos ao Accordão.* — Rio de Janeiro. Typ e Lith. de Olympio de Campos & C. — 1904.

1904 — MARTINS (J. BAPTISTA) — *Limites entre Minas Geraes e o Rio de Janeiro. Parecer.* — Bello Horizonte. Imprensa Official do Estado de Minas Geraes — 1904.

1904 — *Limites entre os Estados de Sergipe e Bahia, extrahidos da mensagem apresentada pelo Presidente de Sergipe Josino Menezes, á Assembléa Legislativa do Estado em 7 de*

Setembro de 1904. — Aracajú. Typ. d'*O Estado de Sergipe.* — 1904.

Com uma charta do territorio central da Provincia de Sergipe.

1904 — LYRA (A. TAVARES DE) e LEMOS (VICENTE S. PEREIRA DE) — *Apontamentos sobre a questão de limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte.* — Natal. Emp. da *Gazeta do Commercio*, e Typ. d'*A Republica* — (dois volumes).

Com duas chartas.

1904 — BARBOSA (RUY) — *Limites entre o Ceará e Rio Grande do Norte. Razões finaes pelo Rio Grande do Norte.* — Rio de Janeiro. Companhia Typographica do Brasil — 1904.

1905 — *Limites de Minas Geraes e do Espirito Santo. Exposição de motivos e documentos pelo Estado do Espirito Santo.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio* — 1905.

1905 — *Paraná-Santa Catharina. (Questões de limites).* Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C., 1905.

1905 — CARVALHO (PADRE DR. JOÃO DE MATTOS F. DE) — *Sergipe e Bahia. (Questão de limites)*. — Aracajú. Empreza do *O Estado de Sergipe* — 1905.

1905 — PEREIRA DA COSTA (F. A.) — *Contradicta ás pretenções do Municipio Bahiano de Curuçá sobre a passagem da Bôa Vista no rio S. Francisco.* — Recife. Typ. do *Diario de Pernambuco* — 1905.

1906 — *Memorial para servir na fixação de limites do Municipio de Faro (Estado do Pará)*, etc. — Belém. Typ. da Casa Editora Pinto Barbosa, de Nestor Camara — 1906.

1906 — COELHO RODRIGUES (MANOEL) — *Questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catharina. (Supremo Tribunal Federal). Memoria por parte do Estado do Paraná, expositiva dos Documentos e Mappas pelo Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho, pelo advogado...* — Rio

de Janeiro. Typ. e Lith. de Olympio de Campos & C. — 1906.

1907 — *Limites entre os Estados do Piauhy e do Maranhão. (Documentos mandados publicar por subscripção popular).* — Therezina. Typographia da *Patria* — 1907.

1908 — FERREIRA (DR. JUSTO JANSEN) — *A Barra da Tutoya. Resposta ao livro «Limites entre os Estados do Piauhy e do Maranhão».* — Maranhão. Typ. Ramos d'Almeida & C., Succs. — 1908.

1908 — *Limites dos Estados de Minas e Espirito Santo. Parecer da Commissão de Justiça, precedido do discurso do relator. (Congresso Legislativo do Espirito Santo). Commissão: Galdino Loreto (relator), Paulo de Mello, Thiers Velloso.* — Victoria. Papelaria e Typographia de Nelson Costa. — 1908.

1909 — MACHADO (FRANCISCO SOARES ALVIM) — *Limites do Estado de Minas Geraes com os do Rio de Janeiro e Espirito Santo.* — S. L. — 1909.

1909 — *Paraná-Santa Catharina. Discussão exhaustiva da controversia. Opinião dos principaes orgams de publicidade do Rio de Janeiro.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C. — 1909.

1909 — MARTINS (ROMARIO) — *Santa Catharina versus Paraná.* Curytiba. Typ. d'*A Republica.* — 1909.

1909 — OURO PRETO (VISCONDE DE) — *Santa Catharina versus Paraná. Novo Memorial. (Supremo Tribunal Federal).* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio,* de Rodrigues & C. — 1909.

1910 — OURO PRETO (VISCONDE DE) — *Os pretensos embargos de «declaração» do Paraná contra Santa Catharina.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio.* — 1910.

1910 — LEÃO (ERMELINO DE) — *Paraná e Santa Catharina. O voto do Ministro Pedro Lessa.* — Coritybа. Typ. a vapor Cezar Schulz — 1910.

1910 — MARTINS (ROMARIO) — *Limites Inter-Estadoaes entre Paraná e Santa Catharina.* — Rio de Janeiro. Gomes, Irmão & C. — 1910.

Com um mappa.

1910 — BARBOSA (RUY) — *O Direito do Amazonas ao Acre Septentrional. (Supremo Tribunal Federal). Razões finaes pelo advogado... — Vols. I-II. Primeira parte: Preliminares; segunda parte: De meritis.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Comp. — 1910.

1910 — ASSIS MOURA (GENTIL DE) — *Questão de Limites. Solução do litigio entre Paraná e Santa Catharina e a nova face que apresenta a questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes.* — S. Paulo. Typ. Maré Monti & C. S. d. (1910).

1910 — MACEDO (ANTONIO RIBEIRO DE) — *Ligeiro estudo sobre a questão de limites do Paraná com Santa Catharina.* — Coritiba. Typographia a vapor Cezar Schulz, S. d. (1910).

1911 — CASTRO (LUIZ CHRISTIANO DE) — *Estudo Historico-Juridico sobre a pendencia de limites entre os Estados de Santa Catharina e do Paraná.* — Rio de Janeiro. Typ. d'*A Patria Brasileira*. 1911.

1912 — BUARQUE (MANOEL) — *Limites do Pará com o Amazonas.* — Belém do Pará. Typographia da Livraria Bittencourt. 1912.

1912 — FURTADO BELEM — *Limites Orientaes do Estado do Amazonas. Occupação de terras amazonenses pelo governo paraense.* — Manáos. Typographia da Livraria *Palais Royal*, de Lino Aguiar & C. — 1912.

1912 — BUENO (JULIO) — *Questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes. (Commentos sobre o folheto do Dr. Gentil de Assis Moura, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo).* — Bello Horizonte. Imprensa Official do Estado de Minas Geraes. 1912.

1913 — COELHO E CAMPOS (JOSÉ LUIZ DE) — *Discurso pronunciado na sessão de 14 de Agosto de 1882 pelo Deputado..., sobre a questão de limites entre Sergipe e Bahia.* — Aracajú. Typ. do *O Estado de Sergipe*. 1913.

1913 — AMARAL (DR. BRAZ DO) — *Memorial acerca da questão de limites entre a Bahia e Sergipe.* — Bahia. Officinas da *Gazeta do Povo*. 1913.

1913 — *O Direito do Espirito Santo. Memorial apresentado pelo Estado do Espirito Santo. (Tribunal Arbitral na Questão de Limites entre os Estados do Espirito Santo e Minas Geraes).* — Rio de Janeiro. Gomes Pereira. 1914.

1913 — PIMENTEL (DR. F. MENDES) — *Questão de limites entre Espirito Santo e Minas Geraes. Memoria do Estado de Minas Geraes pelo seu advogado... I vol.: Exposição; II vol.: Annexos.* — Bello Horizonte. Imprensa Official do Estado de Minas Geraes. 1914.

O vol. II insere, fóra do texto, um mappa da zona litigiosa; uma reproducção parcial do mappa da Capitania de Minas Geraes (1778); outra da planta geral da mesma capitania (R. Schlicht-Manneheim); outra de parte da planta do Rio Doce (1798); idem, idem (1802); parte do mappa da capitania (1808); e o esboço de uma parte da região em litigio.

1914 — OLIVEIRA (ERNESTO LUIZ D') — *Novos Estudos sobre o Alvará de 1749 e sobre os limites de Lages até 1820.* — Curityba. Typographia Alfredo Hoffmann. 1914.

Com 1 mappa.

1915 — *Questão de Limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Acção originaria n. 6. (Supremo Tribunal Federal). Razões do Advogado Frederico Borges e Sentença arbitral do cons. Lafayette Rodrigues Pereira.* — Rio de Janeiro. Typ. d'*A União*. 1915.

1915 — *Historico da questão de limites entre Minas Geraes e Espirito Santo.* — Victoria. Sociedade de Artes Graphicas — 1915.

1915 — *Sentença Arbitral na questão de limites entre os Estados do Espirito Santo e de Minas Geraes.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. — 1915.

1915 — *Limites entre os Estados do Espirito Santo e de Minas Geraes. Sentença arbitral e documentos legaes.* — Bello

Horizonte. Imprensa Official do Estado de Minas Geraes — 1915.

1915 — BARBOSA (RUY) — *Acção de nullidade de arbitramento, movida pelo Espirito contra Minas Geraes, na questão de limites entre os dois Estados. Petição inicial. (Supremo Tribunal Federal).* — Rio de Janeiro. Papelaria Americana. — 1915.

1915 — MARTINS (ROMARIO) — *Documentos comprobatorios dos direitos do Estado do Paraná na questão de limites com Santa Catharina. Colleccionados por ordem do Governo Estado do Paraná.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. — (dous volumes).

1915 — MARTINS (ROMARIO) — *Alguns mappas dos Seculos XVII a XIX. — I Chronologia dos principaes fastos do descobrimento e da conquista do Brasil pelos portuguezes; II, Informação chartographica sobre a zona do litigio territorial entre os Estados do Paraná e Santa Catharina.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. — 1915.

Com 15 mappas em reproducção.

Com uma charta do Brasil, mostrando as diversas áreas que são objecto de litigio entre os Estados.

1915 — *Execução do Accôrdo sobre os limites entre Paraná e Santa Catharina. Sustentação dos embargos oppostos pelo Estado do Paraná. (Supremo Tribunal Federal).* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. — 1915.

1915 — LEÃO (DR. ERMELINDO A. DE) — *Paraná-Santa Catharina. O Litigio perante a Historia. Conferencia realizada no salão da Associação Commercial de Curytiba, a convite da Commissão Central de Limites, a 26 de Junho de 1916, pelo... — Curytiba.* — Impressora Paranaense. S. d. — (1915).

1915-1918 — PAES BARRETO (CARLOS XAVIER) — *Questões de limites Minas-Espirito Santo, Espirito Santo-Bahia.* — Victoria. Sociedade de Artes Graphicas. 1915-1918. (Dous volumes).

1916 — LOPES GONÇALVES — *A fronteira entre o Pará e o Amazonas. (Interviw concedida a O Paiz, em 19 de Fevereiro de 1916.* — Rio de Janeiro. Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C. — 1916.

1916-1917 — *Limites do Estado da Bahia: — Bahia-Sergipe. Bahia-Espirito Santo.* — Bahia. Imprensa Official do Estado. 1916-1917. (Dous volumes.)

1917 — PESSOA (EPITACIO) — *A Fronteira Oriental do Amazonas. Petição inicial e Razões finaes do Estado do Amazonas na acção de limites que move contra o do Pará.* — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1917.

Com uma charta da região litigiosa.

1917 — FLEMING (THIERS) — *Limites Inter-estaduaes.* — Rio de Janeiro. Imprensa Naval. 1917.

Com varios *croquis.*

1918 — FLEMING (THIERS) — *Limites e Superficie do Brasil e seus Estados.* — Rio de Janeiro. Imprensa Naval. — 1918.

MAPPAS E CHARTAS

1612 — *Livro. Qve. Da. Rezão. Do Estado. Do. Brasil. — Rezão do Estado do Brasil no gvoverno do Norte somête asi como o teve Dõ Dioguo de Meneses e Sá té o anno 1612.*

Atlas com 16 folhas de texto e 22 chartas coloridas, em pergaminho.

Legendas das chartas:

Descripção. de todo. oestado. do Brasil. q' pera Onorte. começa. no Grão Parâ, cuja entrad^{a}. estâ. debaixo. da equinoçial. e pera o Sul, Se termina. na entrada do Rio da prata. em, altura. de. 35. graos, mostrão çe na presente, carta. todos seus portos em suas verdadeiras. alturas. e nas. seguintes. tavoas. cada hû em particular. cõ suas sondas. Barras, epovoações. e juntamente. se mostra. neste Mapa, a cõfrontaçâo q' tem, este estado. cõ, asterras do Peru. e novo Mundo, e cõ os estreitos. de Magalães. e São Vicente. Feitas por Ioão. Teixeira. Cosmographo. de Sua Magestade. Em lixboa. 815×606.

Descripção. da Costa q' vai do Rio. de Ianeiro. atê o Porto

de São Viçente. que he. avltima pocoação. que temos. na Costa do Brasil. pera aparte. do,, Sul. na qual. á mûy bõns portos e surgidouros. Como se mostra. 403×566.

Rio. de Ianeiro. Este Porto do Rio de Ianeiro he o melhor detod° o Estado do Brasil, asim por ser mais defensavel. como por ser, abundantissimo. de mantimentos. emadeiras. etudo. omais. que he nesesario, per, apresto de muitas naos, sem aver mister. nada de Europ^a^ é ele em ssi Capaz. de m.^tas^ egrandes. Enbarcaçõis. 420×585.

Mostraçe. na prezente tavoa. toda. a costa. que. ha. entre. as Ilhas demarinha. eo Cabo. de São thome. em que. estão portos mûy. bons. e, em que se resga^ta^, muito. paobrasil, por francezes. e olandezes. que muitas, vezes ão çido prezos. e desbaratados. polos portuguezes do Rio de Ianeiro. e em toda. esta terra. não ha. povoações. 395×570.

Demostração. da Capitania. do Espirito Santo. atê aponta da Barra do Rio,, doçe. noqual parte, cõ, Porto. seguro. mostraçe, a Aldea. dos Reis. magos q'. admenistrão. os padres da Companhia. E do ditto Rio. pera, o, Norte. Corre a Costa. Como semostra ate o Rio, das. Caravelas. tudo. despouoado. Cõmuitos. Portos. pera Navios da Costa. E muitas, matas. de pao Brasil. Mostraçe pelo Rio doçe. o caminho. q' se faz. pera. aSerra, das esmeraldas, pasando. o Rio Guasiçi. emaes avante. das Cachoeiras. o Rio Guasiçimĩri. E mais. avante, Comose. entra, no Rio Vna. Edelle Caminhando, poucaterra. se emtra. nalagoa do ponto. E. da qual. dezembarcão, e sobê, â serra das Esmeraldas. tudo cõforme, á viagê q' fez Marcos dazevedo. 420×563.

Porto Seguro. No ponto, A semostra. a povoação de Porto seguro, junto do Rio serinhaem, Com poucascaas, e mui, desbaratadas. no ponto. B semostra a barra. cõ. 5 braças ha pancada. do mar, e dentro dos Aresifes, sêpre duas braças. nopontto. C abarra. e povoação velha. donde entrarão. as naos da India. cõ suas sondas de 10 e 9 braças. e mais ao Norte seve, a barra de Santa Cruz, cõ 8 braças. entre os aresifes, que. todos de baixamar. ficão sobreaguados. e em partes descubertos. emais nas. agoas viuas como aqui se mostrão. Cõ todos, os demais Citios, e fazendas, e conhecenças, do Rio dos frades, até o Rio, de Santo Antonio. tanbem se mostra, a caza milagrosa,

de Nossa Sñora da Iuda, no ponto. D esanto amaro, è que ja ouve pouoação de Iuizes, e vereadores. mostrãoçe as fazendas do ditto Rio serinháem, atê traipe no ponto E. 415×561.

Desmostração dasonda dos Abrolhos na Costa do Brasil. desdo Rio. dos Frades, e põta, de Corumbabo. até O Rio das Caravelas feita por mandado do Governador Dõ Dioguo de Menezes. O Anno de 1610 — Canal Grande dos Abrolhos — Ilha de Santa Barbora 396×569.

Mostra. a barra. de Santo Antonio. que atè o Rio grande que se ve no ponto B he terra de Porto Seguro. Com, muito paobrasil. sem povoação algũa. no ponto C semostra o Rio, Pattipe. e dele, atê os Ilheos. como. corre, a Costa, Norte, Sul. e desviados, de terra 2. e, 3. legoas por. 15 atê 18 e 20. e 25 braças. se toma, imfinito peixe de linha. e vai dando sempre. o prumo, em pedra atê as Ilhas dos Abrolhos deste Rio, atê os Llheos. he tudo despovoado. e grandes mattas. de Paobrasil. 418×563.

Capitania dos Ilheos. 418×561.

Rio das Contas. Camamv. Morro de S. Pavlo. 391×566.

A Bahia. de. todos. os. Santos. 833×602.

Planta da Cidade, do Salvador. 434×1.030.

Sirigipe. Delrei. 392×565.

Rio de São Françisco. 722×559.

Forte. novo. dapasage. 313×387.

Capitania. de Pernãobvco. de que he Gouernador. e Senhor. Duarte. de Albuquerque. Coelho. e tem esta dita Capitania. sesenta legoas. de. costa. como se ve. na presente. tavoa. e na seguinte. se mostra. em particular. oporto. de Pernãobuco. e uilla de Olinda. Cabeça. desta. Capitania. 393×566.

Todas asfortificasões que semostrão. dolugar do Recife. até a Villa de Olinda e ainda. adiante até o Rio. tapado. de trincheiras. Redutos. e Plataformas. que se estendem. por maes. de hũa legoa de terra. se fezerão. por mandado. e ordem. do Gouernador, Geral Mathias. de Albuquerque nao cazião. em que os. olandezes. tomarão aBahia. 395×565.

Capitania de Itamaracá. 391×567

Paraiba. OvRio de São. Domingos. 567×395.

Pranta do Forte qve. defende a Barra do. Rio. Grande. 415×567.

Contém tambem a carta da Costa.

Descripção doverdadeiro descobrimento. e nova conquista do Rio de Iaguaribe. Serras. de Ariama. muibuapaba. é ponarè. é cõfins do maranhão. que fez ocapitão mór pero coelho deSouza. de Ordem. de dioguo botelho. Governador ecapitão Geral do, estado. do. Brasil, des do Anno, de, 1603 tê o de 1608. com todos seus portos. Barras. Serras. e Rios. cõ. suas nasçensas. 394×568.

Maranhão. 392×567.

Manuscripto. — Varnhagen (*apud* Capistrano de Abreu, *Historia do Brasil* por Fr. Vicente do Salvador, edição de 1918, ps. 262) attribúe a Diogo de Campos Moreno, natural de Tanger, que accompanhou Diogo Botelho ao Brasil no cargo sargento-mór, a auctoria do *Livro que dá resão de Estado*. Os mappas, segundo Capistrano *(loc. cit.)* foram feitos posteriormente. — Figurou na Exposição de Historia do Brasil, de 1881, em cujo catalogo tem o numero 1393: Expositor o Instituto Historico. Foi doação de D. Pedro II.

1680 — VOOGHT — *Pas-Kaart van de Zee-Kusten van Brasilia, Tuschen I. S. Catharina, en C. S. Anthonio.* — Amsterdam — by Johannis van Keulen — 1680.

Consta de 10 chartas gravadas em cóbre, com figuras coloridas.

1764 — *Carta topografica da Capitania do Rio de Janeiro, feita por Ordem do Cõde de Cunha, Capitão General, e Vice-Rey do Estado do Brasil, por Manoel Vieyra Leão, Sargento-mór, e Governador da Fortaleza do Castello de S. Sebastião da Cidade do Rio de Janeiro, em o Anno de 1767.* — A' esquerda longa explicação. A' direito, parte inferior: Petipé — hum terso de legoa por grao. — 1.487 × 2.425.

Original. Manuscripta e colorida.

1776 — *Mappa Topographico do Porto do Rio de Janeiro, feito por Domingos Capassi da Companhia de Jesu. no anno de 1730.* Copiou e ofrece ao Illm. e Exm. Sr. D. Manoel de Menezes. Preclarissimo Conde dos Arcos, do Conselho de Sua

Magestade Fidelissima, deputado da Junta dos tres Estados, etc., etc., etc., o seu mais favorecido, o Mayor obrigado e venerador Prepetuo Joaquim dos Santtos e Aravjo. lisboa, 1776

Os jesuitas Diogo Soares e Domingos Capassi, peritos em mathematica, passaram ao Brasil em virtude do alvará real de 18 de Novembro de 1729, para nelle terem assistencia e fazerem mappas das terras do Estado, não só pela marinha, mas pelos sertões, por conta da real fazenda. Este mappa foi um dos primeiros trabalhos de Capassi.

Cópia do original, de que não ha noticia.

1776 — *Mappa Tipografico* (sic) *dos Portos, e Costa da Bahia de todos os Santtos, Olinda e Pernambuco.* Copiou por Mandado do Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Manoel Joze de Noronha, e Menezes. Conde dos Arcos, do Conselho de Sua M.de Fidl.ma Commendador da Ordem de Cristo, de Putado da Junta dos tres Estados &.a &.a &.a Para ofrecer a Seu Tio o Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Angeja o Seu mais Const.e venerd.or, e Perpetuo obgd.o Joaquim dos Santtos de Araujo. Em Lisboa, no anno de 1776. Original. 487×1,572.

A' esquerda do titulo desta charta acha-se outro titulo que é o seguinte:

Demonstração da Costa da Bahia de todos os Santtos, athe á Cidade de Olinda, e Pernambuco, em ponto largo a Marje esplicação. — Eu declaro ter trabalhado muito esta Obra, servindo-me de muitas emformaçoins dignas de fee, Sem o que, eu não. Saberia o Curço das Ribeiras, Rios, villas, e lugares; nem as suas Situaçoins. — Nicolão Martinho o fez.

Manuscripto.

1779 — *Roteiro da navegação do rio Tapajós de Mato Grosso para o Pará, por Ricardo Franco de Almeida Serra.* 1779.

Manuscripto original.

— Plano q. representa o R. Amasonas ou Solimoens com seus confluentes. Da p.e do Norte, Napo, seg.do a Carta de Danville; Issá estimado; Iapura, Negro, e Branco examinados no anno de 1781 por ordem do Cap.am Ge,nal João Pereira Caldas, e sugeitos ás observaçõens Astronõmicas. Da p.e do Sul,

o Ucayal, seg.do Danville, Iavari, estimada sua direcção. Da m.a sorte Iutai, Iuruá, Teffé, Cuári, Purus; e a direcção media do R. Madeira. Sugeitouse aos seus pontos verdadeiros a F.ra do Principe da Beira, Villa Bella, e o lugar do antigo marco na foz do Iáuru. Etc. — S. d. n. nome do auctor. Foi levantado pelos engenheiros da Commissão de limites, no tempo de João Pereira Caldas.

Original, manuscripto.

1798 — A Sua Alteza Real o Princepe do Brazil D. João Nosso Senhor dedica a *Carta Geografica de projecção esfherica orthogonal da Nova Lusitania ou America Portugueza, e Estado do Brasil* Antonio Pires da Silva Pontes Leme, Capitão de Fragata, Astronomo, e Geografo de Sua Magestade nas Demarcaçoens de Limites que em execução da Oordem Do Illmo. e Exmo. Ministro e Secretario de Estado da Repartição da Marinha, e Dominios Ultramarinos o Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho, graduou nos seus verdadeiros pontos de Longitude e Latitude pelas observaçoens Astronomicas da Costa e do Interior recopiladas nesta tanto as proprias Configuraçoens do Continente pelo mesmo Astronomo como oitenta e seis Cartas do Deposito da Secretaria de Estado da Marinha, e Desenhada no Gabinete do Real Jardim Botanico de Sua Magestade pelos Desenhadores Joze Joaquim Freire, e Manoel Tavares da Fonseca. Anno de 1798. Archivo Militar 18 de Dezembro de 1857. Copiado pelo Capitão reformado Luiz Pedro Lecor. 1,344 × 1,496.

Traz a seguinte Legenda. — Taboa das authoridades que abonão esta Carta. — Contendo os nomes de 44 Collaboradores; e é orlada com as seguintes Plantas:

Bahia de Todos os Santos. 189 × 166.

Topografig (*sic*) do Rio Grande de S. Pedro do Sul. 121 × 247.

Rio de Janeiro. 193 × 167.

Barra do Pará. 130 × 163.

O original d'esta charta existe no Archivo do Ministerio da Guerra de Portugal.

Manuscripta.

— Roteiro em Brasil, no anno 1817 a 1824, do Dr. Pohl: Colorido. 180 × 265.

— Tabula Geographica Brasiliæ et terrarum Adjacentium exhibens Itinera Botanicorum. Colorida — S. I. n. d. 630 × 800.

Esta charta accompanha a *Flora Brasiliensis*, de Martius.

— Tabula Geographica Brasiliæ et terrarum Adjacentium exhibens Constructuram Geologicam — in Instituto Geologico Imperii Austriæ — Directore G.me Haidinger coloribus exornatam Frederico Foederle — Viennæ, Aprili 1854 petente J. D. Sturz. 610 × 735.

1802 — *Mappa geographico da Capitania de Matto Grosso,* formado no anno de 1802 por ordem do Illmo. e Exmo. Senr. Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Governador e Capitão General da mesma Capitania, no qual Mappa vão configurados exactamente os Rios Amazonas, Negro, Madeira, parte do Mamoré, Guaporé, Ituanamas, Baurés e os terrenos desde Villa Bella, até a do Cuiabá, e a extrema com a Provincia Hespanhola de Chiquitos, assim como os Rios Jaurú, Paraguay, Cuiabá, Taquari, Cochim, Pardo e Tieté. Correctos todos segundo as observações Astronomicas que em todos se fzierão. 1802. — S. n. do auctor. Lith. do Arch. Militar. 1853. L. J. Glz.

1808 — *Configuração do Rio Tocantins desde a Villa de Cametá até os Portos Reaes dos Arraiaes de Pontal, e Carmo;* feita por Serafim Joze Lopes, discipulo das Aulas de Mathematica da Cidade do Pará: sogeita as observações de latitude feitas pelo Piloto Estanislau dos Santos Fatexa. 1808.

Manuscripto original.

1812 — *Planta da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro* — Levantada por ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor — No anno de 1808, feliz e memoravel época da sua chegada á dita cidade — Na Imprensa Regia, 1812. Com uma extensa legenda, sob o titulo — Explicação —na qual veem mencionadas as ruas, edificios, igrejas e capellas — Desenhado no R. Archivo Militar por I. A. dos Reis, dirigida por J. C. Rivara e gravada por B. S. T. Souto. 1315 × 1015.

1818 — *Mappa topographico* da Estrada aberta em 1817, que dos Sertões da Povoação de Viãna levantada com os casaes das familias dos Açores em 1813, na margem septentrional do Rio de S^{to} Agostinho termo da Villa da Victoria, Capitania do Espirito Santo, segue ao Quartel de Ourem, situado na Nova Estrada aberta em 1814, que da Cachoeira do Rio S^{ta} Maria termo da mesma Villa, vae ter a Villa Rica, na Capitania de Minas Geraes. Tem esta Estrada 10 legoas, e quasi meia de 3.000 braças cada legoa, e corta esta, a que segue da Caxoeira do Rio S^{ta} Maria 700 braças ao Norte do Quartel de Ourem: foi delineado este Mappa no anno de 1818. 518 × 720.

Manuscripto, original.

— Mappa do rio dos Bacairis ou Paraná Tinga desde a sua nascente na Serra Azul, que fica a 29 legoas a Leste da Cid^{e} de Cuyabá, e dos rios Tapajós e Amazonas até a cidade do Pará.

Manuscripto sem nome de auctor nem data.

Parece ter sido feito pelos annos de 1819 a 1822. Talvez original; mas não parece ser o mappa que o tenente Antonio Peixoto de Azevedo «levantou por curiosidade», segundo escreve na sua *Memoria sobre a descuberta de huma nova viagem, da cidade de Cuiabá para a do Pará, feita pelo rio Paranna Tinga, athe então desconhecido*, etc., reproduzida integralmente no *Diccionario* de Moreira Pinto, verba *Paranatinga*, e de que existia cópia no Archivo Publico Nacional, classe 7^{a}, série A, Col. 6^{a}. Nem Moreira Pinto, nem o barão de Melgaço, nos *Apontamentos para o Diccionario Chorographico da Provincia de Matto Grosso*. in Revista do Instituto Historico, tomo 47, dão noticia desse mappa.

— Carta Geographica de Parte das Provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes, contendo os traços das Companhias D. Pedro II. Mauá, União Industria, escolhidos dos documentos officiaes pelo Engenheiro Bulhões. Colorido. Manuscripto Original (sem data) 9701 × 070.

— Mappa da Provincia do Paraná contendo a linha explorada para Matto Grosso por Guarapuava e o Baixo Ivahy e o Esboço das suas ramificações para as fronteiras do Imperio, organisado e desenhado pelo engenheiro chefe Antonio

Pereira Rebouças Filho e o 1° ajudante Mauricio Schwarz. Manuscript, original. (Sem data). 460 × 640.

— Carta Geographica da Provincia do Rio Grande do Sul, da de Santa Catharina e do Governo de Montevidéo — Archivo Militar 1839. Copiada por..., Colorida. — Manuscripta 360 × 1570.

— Carta de uma parte das Provincias de S. Paulo, Goyaz e Mato Grosso mostrando um caminho projectado entre a cidade de S. Paulo e a de Cuyabá (Sem titulo). 400 × 505.

— Carta do Alto Paraná, comprehendendo o Rio Paranahyba e Grande. (Esboço, sem titulo). 381 × 514.

Pertencia á Collecção do Sargento Mór d'Engenharia Luiz d'Alincourt.

Manuscripta.

— Mappa chorographico de parte das Provincias de São Paulo e Matto Grosso, mostrando a nova via de communicação do Porto da Villa de Antonina ao territorio do Cuyabá, e Republica do Paraguay em consequencia das explorações feitas pelos Sertanistas Joaquim Francisco Lopes, e João Henrique Eliot desde o anno 1844 até os fins de 1847 em serviço do Barão de Antonina. Dezenhado por João Henrique Elliot. Colorida 642 × 563.

Manuscripto.

1843 — Mappa do Rio Guaiba, levantado por ordem de S. M. o Imperador, pelo capitão-tenente da Armada Nacional e Imperial Joaquim Raymundo de Lamare. 532 × 420.

Manuscripto original, 1843.

1843 — Carta Comparativa dos limites entre o Brazil e a Guiana Ingleza. Occorre uma legenda: Trabalhos da Commissão de 1843.D^os^. de Schomberg, D^os^. dos Portuguezes. De uma carta do Archivo Militar. Manuscripta. Colorida 435 × 550.

1844 — Mappa que acompanha a memoria de Duarte Ponte Ribeiro sobre os limites do Brasil com as Republicas da Bolivia e do Paraguay. Manuscripto. Colorido. Archivo Militar. 1844. Copiado por José Pereira de Sá. 1 legenda 840 × 660.

1847 — Carta do rio Paraguay desde a fóz do rio de São Lourenço até o rio Paraná pelo capitão de fragata da A. N. I. Augusto Leverger. Cuyabá, 1847.

Contém 27 folhas, sendo uma do titulo, outra de advertencia e 25 cartas.

Manuscripto.

— Atlas encadernado em cuja capa se lê o seguinte distico manuscripto: Acompanha o parecer sobre os mappas do Atlas do Sr. Candido Mendes de Almeida, que comprehende a fronteira do Imperio com os Estados limitrophes— 1ª carta — Provincia do Alto Amazonas segundo as commissões de limites, Codazi, Schomberg — Colorida, manuscripta. 460 × ×291.

2.ª Provincia do Alto Amazonas segundo o Atlas, do Sr. Candido Mendes de Almeida — Manuscripto, colorido, com uma legenda indicando as Comarcas, População, signaes convencionaes, e outra linha obliqua de Tabatinga a foz do Rio dos Engenheiros attendido como devendo ser a primitiva fronteira á que o mesmo senhor julga ter o Brazil direito incontestavel. 400 × 291.

3.ª Provincia do Grão-Pará segundo os engenheiros das demarcações de limites e outros. Colorida e manuscripta. 400 × 291.

4.ª Provincia do Grão-Pará segundo o Atlas do Sr. Candido Mendes, com a seguinte indicação, Mappa IV — Colorido e manuscripto. 400 × 291.

5.ª Provincia de Matto Grosso segundo a commissão de limites — Colorido e manuscripto. 400 × 291.

6.ª Provincia de Matto Grosso segundo o Atlas do Sr. Candido Mendes com a legenda. Mappa XXIII, provincia de Matto Grosso — Colorido e manuscripto. 400 × 291.

Mappas addcionaes: N. 1, colorido e manuscripto, mostrando a fronteira do Brazil com a Venezuela e com Nova Granada, 296 × 450 — N. 2. colorido e manuscripto mostrando os limites da Bolivia com a provincia de Matto Grosso 250 × 383.

1860 — Mappa de uma parte da fronteira do Brazil com a Republica da Bolivia, organisado pelo conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro e Izaltino José de Mendonça Carvalho. Rio

de Janeiro, 1860. Com assignaturas autographas desses dous senhores. Manuscripta. Colorida. Original ns. 1 e 2. 460 × 1060, 979 × 655.

1861 — Mappa geographico da fronteira do Norte do Imperio do Brasil Confinante com as Republicas do Perú, Nova Granada, Venezuela e as Colonias da Inglaterra, Hollanda e França. Addicionado de quatro planos que mostram em grande escala os pontos culminantes da fronteira. 1° Tabatinga pelos engenheiros das demarcações de 1777, Victorio da Costa, Alexandrino de Sousa, Eusebio Ribeiro; 2° curva do rio Negro por Gama Lobo, Humboldt, Codazzi, Schomburgh; 3° Rio Branco, por Silva Pontes, Simões, Gama Loob, Schomburgh, Carneiro de Campos; 4° Litoral desde o Amazonas ao Oyopock por Alexandrino de Sousa, Simões, Victorio da Costa, Mentelle, Tardy de Montravel, Peyron, Carpentier e Costa Azevedo. Organisado, etc., pelo conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro e o major graduado do Estado maior de 1ª classe do Exercito, Izaltino José de Mendonça de Carvalho. Rio de Janeiro 1861. Com duas assignaturas autographas. Com extensas legendas explicativas. Colorido. Manuscripto. 670 × 1520.

1879 — Carta do rio Araguaya, de Leopoldina a Santa Maria e a Itacaiú. — Levantada e desenhada pelo Major d'Engenheiros Joaquim R. de Moraes Jardim. 1879.

Original. Manuscripta.

DOCUMENTOS MANUSCRIPTOS

ULLOA (EL ALMIRANTE ANTONIO DE) —*Proemio al Registro Hidrographico d'ambas Americas Septemtrional, y Meridional, por las costas de los Mares Norte, y Sur.*

Manuscripto original e inedito, do terceiro quartel do seculo XVIII. Traz no fim da ultima pagina a assignatura autographa do Almirante Ulloa. 152 fls. numeradas. Encadernação primitiva de pergaminho.

Este exemplar é o mesmo mencionado por Ch. Leclerc, na *Bibliotheca Americana*, sob o numero 579.

1780 — LACERDA E ALMEIDA (FRANCISCO JOSÉ DE) —

Diario q. fez o D.or.... sendo mandado por Sua Mag.e Fidelissima p.a as Demarcações de seos Reaes Dominios na America Portugueza, servindo nelle de Astronomo. Anno de 1780.

Cópia de letra antiga. Começa em 8 de Janeiro de 1780, dia de sua saïda de Lisbôa, na charrúa *Coração de Jesus e Aguia Real*, e finda em 17 de Outubro do mesmo anno, em que chegou á villa de Barcellos, capital da capitania de S. José do Rio Negro.

1781 — LACERDA E ALMEIDA (FRANCISCO JOSÉ DE) — Diario da Viagem q. fiz com o Capitão Joaquim José Pereira de Barcellos athe assima do Forte de S. Jozé de Marabitanas, e tãobem pelos Vaupes.

Cópia de letra antiga. De 25 de Dezembro de 1780 a 17 de Maio de 1781.

1782 — LACERDA E ALMEIDA (FRANCISCO JOSÉ DE) — Diario q. fez o Dor.... de Barcellos para a capital de Matto Grosso.

Cópia de letra antiga. De 1 de Setembro de 1781 a 28 de Fevereiro de 1782.

1784 — *BRAUN (JOÃO VASCO MANOEL DE) — Roteiro da viagem que o Ill.mo e Ex.mo Senhor Martinho de Souza e Albuquerque, Governador e Capitão General do Estado do Gram Pará, determinou fazer em o mez de Janeiro de 1784.

Manuscripto original, inedito, de 8 fls. innumeradas. Traz no fim a assignatura — O Sargento Mor Engenheiro João Vasco Mel de Braun.

1784 — BRAUN (JOÃO VASCO MANOEL DE) — Roteiro chorografico, da viagem que o Ill.mo e Ex.mo Snr. Martinho de Souza, e Albuquerque, Gov.or e Capp.am Gen.al deste Estado; Determinou fazer ao Rio das Amazonas, em a parte que fica compreendida na Capitania do Gram Pará; tudo em destino de ocularmente, Observar, e Socorrer a Praça, Fortalezas, e Povoaçoens, que lhes são confrontantes. 1784.

Manuscripto original autographo, de 78 pags. numeradas.

1785 — Officios (2) dirigidos a João Pereira Caldas por João Baptista Martel, e datados de Ega em 23 de Setembro de 1785.

Versam sobre a demarcação de limites.

Originaes, com a assignatura autographa.

1786 — LACERDA E ALMEIDA (Francisco José de) — Copia de hum Diario q. escreveo o D.or Fran.co José de Lacerda e Almeida, Astronomo de S. Mag.e na Capitania de Matto Grosso, Anno de 1786, por ordem do Illmo. e Exmo. G.al della Luis de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, desde Va Bella pelos Rios Jaurú. e Paraguay, athe onde constar do m.mo Diario (30 de Abril a 1 de Setembro de 1786).

E' cópia de letra antiga.

— RODRIGUES FERREIRA (Dr. Alexandre) — Diario da viagem do Rio Madeira. — Sem nome do auctor nem data (1788-1789); mas é original autographo. Fac. de 16 fls. sem numeração, das quaes uma em branco. Incompleto. — São apontamentos tomados na viagem.

1786 — BRAUN (João Vasco Manoel de) — Roteiro chorographico da Viagem, e Revista, que o Ill.mo e Ex.mo Snr. Martinho da Souza e Albuquerque, Gov.or e Cappitão Gen.al do Estado, etc.. etc., determinou fazer á ant.a Capitania do Cayté, de que he Capal a Villa de Bragança; Tudo no fim de soccorrer a indigencia, em que vivem aquelles moradores, animar as suas lavouras, e facilitar os meyos da respectiva exportação. (1786).

E' cópia.

1787 — GAMA LOBO D'ALMADA (Manoel da) — Descripção relativa ao Rio Branco e seu territorio. Anno de 1787.

Manuscripto, original com assignatura autographa, e accompanhado de: — «Carta do Rio Branco, e seus confluentes: levantada, e construida pelo Doutor em mathematica e capitão engenheiro José Simoins de Carvalho, na occasião do exame que de ordem régia se executou neste anno de MDCCLXXXVII».

Manuscripto original á penna com assignatura autographa.

A Descripção foi reproduzida por Joaquim Nabuco, in *Limites entre le Brésil et la Guyane Anglaise, — Annexes au Premier Mémoire du Brésil,* vol. I, ps. 253 e seguintes.

1787 — Deligencia no Rio Urubaxy, pelo soldado Severino de Mattos. Datado da Fortaleza de S. Gabriel a 26 de Março de 1787. — Com um mappa, desenhado á penna. — Deligencia do Rio Ueunuixi. — Deligencia do Rio Teyá. — Deligencia do Rio Uayná. — Deligencia nos Rios Capury e Tequié. Pelo cabo de Esquadra Raimundo Mauricio. Datado de 28 de Abril de 1787. — Com cinco mappas desenhados á penna. — Sobre as bocas e communicaçoens do Rio Negro com o Ipurá, do coronel Manoel da Gama Lobo. — Mappa em que se mostrão 3 communicaçoens do Rio Negro p.ª o Iapurá por 3 bocas superiores á do Rio Uapés. — Desenhado á penna.

Manuscripto original, de 9 fls. innumeradas.

— Cartas (12) de Luiz e João d'Albuquerque de Mello reira e Caceres ao Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, datadas de Villa Bella em 1788, 1789 1790 e 1791.

Originaes, com as assignaturas autographas. Versam sobre a viagem do Dr. Rodrigues Ferreira a Matto Grosso, pelo rio Madeira, suas explorações naquella capitania, e seu regresso ao Pará.

1788 — BRAUN (JOÃO VASCO MANOEL DE) — Descripção chorographica do Estado do Gram Pará, suas povoaçoens, e algumas particularidades, que por ordem do Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Senhor Martinho de Souza e Albuquerque escreveo o Sargento Mor Engenheiro..., em o anno de 1788.

E' cópia.

1790 — ALMEIDA SERRA (RICARDO FRANCO DE) — Novo Diario da viagem dos Rios Madeira, Momoré, e Guaporé até Villa Bella Capital do governo de Matto Grosso, no qual vão emendadas e correctas todas as differenças, de que foi susceptivel o que se fez desta viagem no anno de 1782, tempo em que ainda não estava verificada astronomicamente

a geographica pozição de muitos, e principaes pontos desta longa navegação, accrescentado tambem de muitas noticias, e noticias igualmente essenciaes. Anno de 1790.

Cópia contemporanea.

1799 — ALMEIDA SERRA (RICARDO FRANCO DE) — Matto Grosso. Navegação do Rio para o Pará: Pello ten.^{e} coronel... escrita em 1799. Sendo Gov^{or} Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Memoria Geografica do Rio Tapajós, formada por combinadas informações que delle se adquirirão.

Parece autographa.

— Relação geographica do Rio Branco e seu territorio, compilada das exploraçoens e noticias de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Manoel da Gama Lobo d'Almada, Jozé Simoens de Carvalho e Euzebio Antõnio de Ribeiros.

Manuscripto de letra dos fins do seculo XVIII. Tem em seguida, pela mesma letra:

— Diario da repetida deligencia, sobre o pertendido e não conseguido reconhecimento do rio Ussuparana... pelo Sargento Ignacio Roiz e Soldado Desiderio Luiz. — Fol. de 11 fls. não numeradas.

1802 — Officio de D. Francisco de Sousa Coutinho, datado do Pará 22 de Janeiro de 1802, dirigido ao visconde de Anadia, sobre limites com a Guyana Franceza.

Manuscripto original, com assignatura autographa.

1819 — BRITTO INGLEZ (JOZÉ DE) — Memoria que contem breves e vagas reflexões sobre a Capitania do Pará, e sobre os diversós Estabelecimentos de S. Mag.^{e} na mesma Capitania: offerecida ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senr. Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal. Por..., Major effectivo Ajud^{e} de Ordens do G.^{o} do Pará. Rio de Janeiro 23 de Novembro de 1819.

Manuscripto original, autographo.

1820 — BAENA (ANTONIO LADISLÁU MONTEIRO) — Memoria sobre o transito do Igarapemiri e a necessidade de um canal a bem do commercio interno da Provincia do Pará.

Dada em 1820 ao Illmo. e Exmo. Snr. Conde de Palmella, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra. Por..., capitão do Corpo de Artilharia de Linha da mesma Provincia.

Manuscripto autographo.

— 107 —

VIAGEM MILITAR AO RIO GRANDE DO SUL

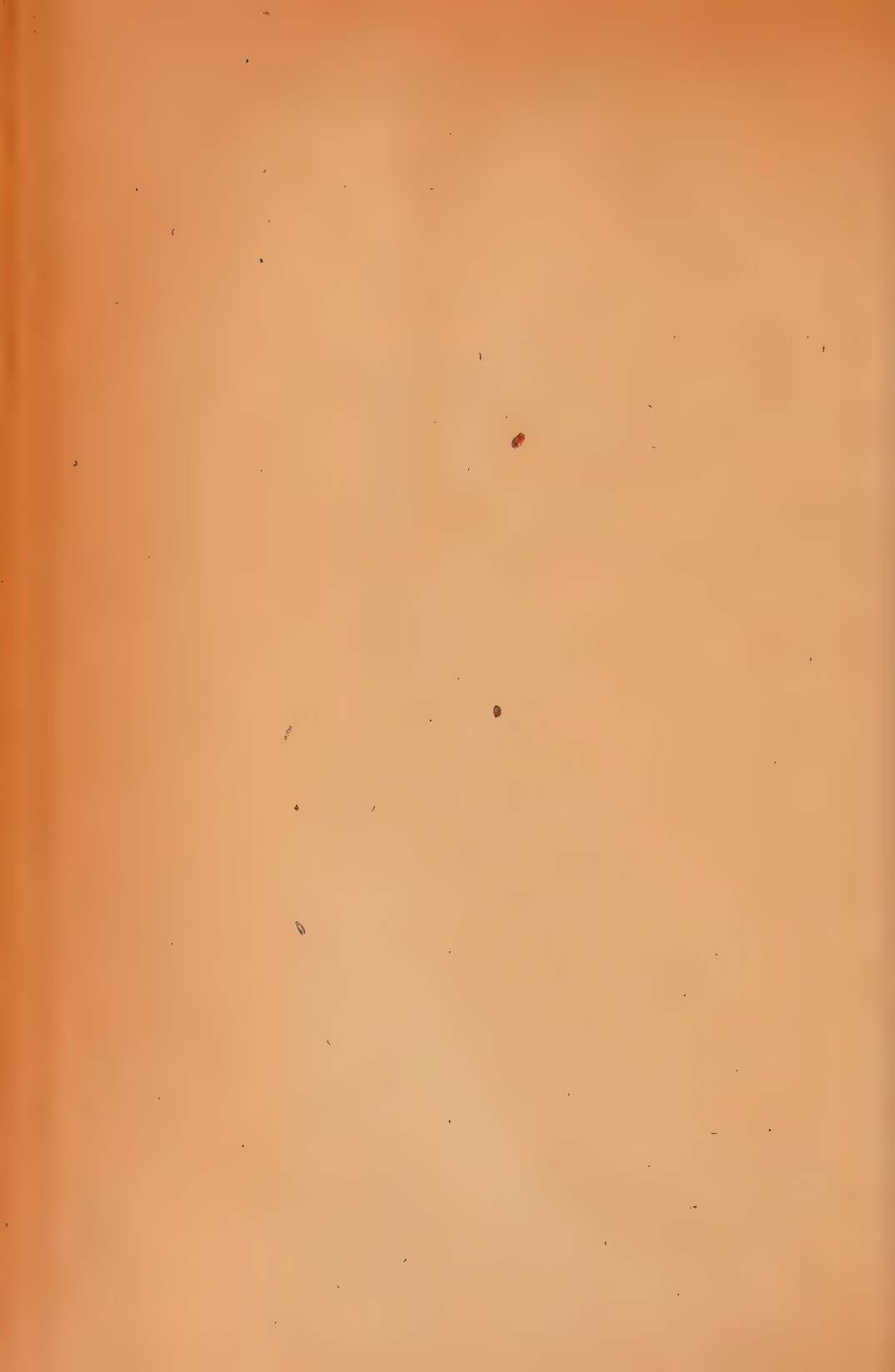
(Agosto a Novembro de 1865)

PELO PRINCIPE

GASTÃO DE ORLÉANS, CONDE D'EU

Presidente honorario do Instituto

A viagem militar ao Rio Grande do Sul do Sr. Conde d'Eu, que agora inserimos em nossa *Revista*, além do seu incontestavel valor, significa uma viva demonstração do interesse que o presidente honorario do Instituto Historico liga aos nossos trabalhos e ao empenho com que procuramos consignar neste repositorio tudo quanto respeita á Patria e aos grandes acontecimentos de sua historia.

DA DIRECÇÃO.

VIAGEM MILITAR AO RIO GRANDE DO SUL

(Agosto a Novembro de 1865)

Achava-me na Europa com a Princeza Imperial, em viagem de nupcias, quando a guerra brutalmente provocada pelo dictador do Paraguai tomou feição mais séria, invadindo as fôrças paraguaias o territorio da Republica Argentina e, logo depois, a nossa provincia do Rio Grande do Sul.

Não existia então, como é sabido, telegrapho submarinho para o Brasil. (Nesse mesmo anno de 1865 foi estabelecido o que communicou a Inglaterra com os Estados Unidos.)

Ao chegar a Pernambuco viemos a saber do triumpho decisivo obtido pela valentia da armada brasileira no immortal combate do Riachuelo; mas ainda não havia noticia da entrada das fôrças paraguaias em S. Borja, o que infelizmente se verificára no dia antecedente, 10 de Junho.

Só quando aportámos ao Rio de Janeiro, a 17 de Julho, foi que soubemos ter este acontecimento determinado a partida do imperador para a provincia invadida, accompanhando-o n'esta viagem meu concunhado, o duque de Saxe.

Sofrego de ir-lhes sem demora no encalço, não poude entretanto meu desejo ser satisfeito immediatamente.

Forçoso foi esperar que algum navio estivesse prompto a seguir para o Sul; e pois sómente a 1° de Agosto pude emprehender a viagem, cuja tosca narrativa vai aqui transcripta.

Apesar de sua insignificancia, impelle-me o sentimento de gratidão a dedicá-la ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, mui benemerita e illustrada corporação, que tanto me honrou acclamando-me, sem nenhum merito de minha

parte, seu presidente honorario, e da qual me ufano de ser hoje, mercê da Bondade Divina, o mais antigo consocio.

Devo entretanto notar que as observações consignadas nas paginas que seguem referem-se a factos occorridos ha cincoenta e quatro annos passados, e não tem pois applicação á situação actual das regiões, que então percorri e chegaram hoje a adeantado estado de civilização.

Mencionarei tambem que estas imperfeitas impressões de viagem eram destinadas principalmente a minha familia na Europa, para quem a Princeza, no paço de S. Christovam cuidadosamente as recopiava; e que, recem-chegado ao Brasil, não estava eu ainda familiarizado com muitos dos usos especiaes da terra, dando esta circunstancia logar a algumas considerações que já não offerecem interesse. Não quiz porêm supprimi-las para não tirar ao modesto escripto o cunho de originalidade, que é seu unico merito.

Castello d'Eu, 10 de Fevereiro de 1920.

GASTÃO DE ORLÉANS, CONDE D'EU.

(As notas que se encontram em algumas das páginas foram redigidas em 1919 e 1920).

DIARIO DE VIAGEM

1° de Agosto — Era quasi meio-dia quando saïmos a barra defendida pelos fortes de Sancta Cruz e S. João, a bordo do vapor *Sancta Maria* fretado pelo Govêrno.

O dia era muito similhante áquelle em que onze mezes antes eu transpuzera pela primeira vez esta mesma barra a bordo do paquete inglez *Paraná*. O sol meio encoberto e a faixa de bruma, que cingia a falda das montanhas, extendiam sôbre a paizagem uma côr uniforme: o panorama do Rio de Janeiro não mostrava toda a sua belleza.

Uma vez fora da barra, tomámos á direita e, enquanto nos afastavamos rapidamente da costa, ainda pudemos, durante algum tempo, saudar o cume da Gavea, mais alto que todos os outros que lhe ficam vizinhos.

Mas sómente o contôrno das montanhas nos era dado contemplar: a bruma e o sol occultavam todos os pormenores e todo o colorido.

Já antes das trez horas se deixou de ver terra. Iamos vogando tranquillos sôbre a superficie das aguas, tão unida como só rarissimas vezes a tenho podido contemplar.

Tomei conhecimento da lista dos passageiros. Além dos que tinha visto na occasião do embarque, descobri o sr. Araujo Brusque, antigo ministro da Marinha (1) e deputado pela provincia do Rio Grande do Sul; vai a Porto-Alegre não sei bem a que (2). Ha tambem alguns officiaes, destacados, além dos

(1) No Gabinete de 1864.

(2) Ignorava eu então que este estadista era Riograndense.

Voluntarios do Pará, que não são menos de quinze. O tenente-coronel que os commanda é homem ainda novo, de aspecto marcial e distincto; residiu oito annos em Boston (E. U.) e esteve em differentes pontos da Europa, tendo permanecido cinco mezes em Sevilha. Trava-se conversa, cujo objecto, como era natural, são as bellezas deslumbrantes do Pará e do seu rio, cuja «pororóca» o tenente-coronel declara superior á cataracta do Niágara. Os officiaes que nunca tinham saïdo da sua provincia queixam-se do frio que sentem no Rio de Janeiro.

2. — Dia de chuva. Não se vê terra. O vento, que é Oeste, refresca. O commandante faz saber que tem de esperar a manhã para entrar no canal de Sancta Catharina, porque do lado do Norte não ha pharol.

3. — Passou-se a noite lentamente a bordejar no mar alto e agitado; e de manhã só se viam, ainda muito vagamente, as montanhas da provincia de Sancta Catharina, envoltas na bruma. Pouco a pouco se foi vendo mais claramente, e pelas 11 horas pudémos distinguir a terra firme das ilhas Deserta e Arvoredo, que não tardámos a deixar á esquerda. São dous ilheus pedregosos e deshabitados; o segundo, como o nome está indicando, coberto de verdura. A maior distancia, tambem á esquerda, vêem-se os ilheus, ainda mais pequenos, chamados Moleques do Norte, em opposição aos Moleques do Sul, situados symmetricamente a estes na outra extremidade da ilha de Sancta Catharina.

Já estamos no vasto canal que separa esta ilha do continente. De ambos os lados a costa é sinuosa, pedregósa, montanhosa e sómente, de espaço a espaço, arborizada. Aqui e alli, á beira-mar, no meio da verdura, deparam-se algumas pequenas casas brancas, certamente habitação de pescadores.

Enquanto a entrada do canal, que já passámos, se vai apparentemente estreitando, por effeito da distancia, está-me a lembrar, como a paizagem mais analoga á que estou vendo — e o céu, agora acinzentado, concorre para esta approximação — o lago de Killarney na Irlanda. E' lindo; é uma vasta superficie de agua, cercada de montanhas de graciosos contornos.

Mas tudo isto parece muito modesto para quem acabou de dizer adeus ás fórmas phantasticas dos cumes, que circundam a bahia do Rio de Janeiro; até as arvores parecem muito pequenas em comparação dos esplendores da vegetação tropical.

Parámos para tomar piloto deante do forte desmantelado de Sancta Cruz, situado em um ilhote chamado *Anhatomirim*, separado do continente por um braço de mar de uns 600 metros de largura.

Assim que vi preparar-se o nosso escaler para ir com este fim á terra, o meu primeiro pensamento, como era natural, foi perguntar que noticias havia do Sul, onde ferve a lucta contra os Paraguaios. Infelizmente a resposta não correspondeu aos meus desejos.

— «Não sabem nada, porque ha dez dias que não têm communicado com a cidade.» (E' de notar que a cidade estava já á vista do outro lado do canal).

— «Mas, enfim, quaes são as últimas noticias que têm? E de quando são?»

Não se lembram.

Forçado me foi resignar-me a esperar ainda cêrca de uma hora para saber alguma cousa.

Puzemo-nos outra vez em marcha, e não foi sem certa contrariedade que vimos tranquillamente fundeado ao pé de um ilheu o *Oiapoc*, vapor que tinhamos deixado no Rio de Janeiro em preparativos de partida, e que não tornáramos a avistar. Tivemos porém, desforra porque, segundo parece, esse vapor demanda muita agua para que possa approximar-se da cidade, e teve de esperar atrás do ilheu que lhe mandassem barcos de vela para o desembarque.

Continuámos a approximar-nos da ponta de terra, sôbre a qual está assente a cidade do Desterro, ou, como é o seu nome todo, de Nossa Senhora do Desterro, capital da provincia de Sancta Catharina. A parte principal da cidade e o porto ficam do lado do Sul. Na Praia do Norte, que estamos vendo e que se chama Praia de Fóra, avistam-se casas rodeadas de jardins.

Cêrca das 2 horas e meia fundeámos no porto, onde se acham, além de alguns navios de vela, dous vapores: o *São*

Paulo, que vai partir para o Rio Grande e que já está carregado de tropa, e o *D. Pedro Segundo*, que se encontra em concêrto desde seu desastroso naufragio na costa septentrional desta provincia. A cidade eleva-se deante de nós em amphitheatro coroado de várias egrejas de duas torres, como são quasi todas as do Brasil. Na extremidade sul, no alto de uma ladeira que desce quasi a prumo para o mar, vê-se o hospital do Menino Deus, espaçoso edificio. Este estabelecimento é sustentado, como o grande hospital do Rio, por uma Sancta Casa da Misericordia, isto é, com donativos de particulares, administrados por uma Irmandade.

Ainda o escaler que foi a terra não voltou com noticias, quando chega o vice-presidente da provincia, que está exercendo as funcções de presidente, e as outras auctoridades do costume. Informam-me que as últimas noticias do Sul são as que trouxe o *S. Paulo*, que saïu do Rio Grande a 31 e de Porto-Alegre a 29; mas até este dia nada se sabia de novo do theatro das hostilidades. O *S. Paulo* transporta para Porto-Alegre dous batalhões de Voluntarios, um do Piauhí, o outro do Paraná e da provincia de Sancta Catharina, que é o 25° dos Voluntarios da Patria.

Fica assente com as auctoridades que sem demora nos mandarão dar carvão e agua, de sorte que possamos partir ás 10 horas da noite; e resolvo aproveitar o resto do dia para visitar a cidade e as tropas, que nella se encontram neste momento. O Desterro é com effeito, actualmente, um depósito onde os vapores, que, em razão de demandarem muita agua, não podem entrar no Rio Grande, como, por exemplo, o *Oiapoc*, deixam os contingentes do Norte, sendo estes depois transportados para Porto-Alegre em vapores menores.

O serviço do commandante militar da provincia de Sancta Catharina consiste em receber as tropas á proporção que vão chegando do Norte, aquartelá-las no Desterro conforme póde, fazê-las seguir para o Sul logo que se offerece vapor que as possa levar. Raras vezes succede, segundo me informam, que um batalhão tenha de esperar no Desterro mais de dous dias.

O commandante militar se me dá a conhecer, informando-me ser filho do general Fonseca Costa (vulgarmente

Manuel Antonio) (1) que commanda a Guarda Nacional do Rio. E' tenente-coronel do Exercito e parece ser homem muito intelligente (2).

O ponto central da cidade é uma comprida praça que se extende em rampa, a partir da praia, e se denomina Largo do Palacio.

Cresce alli o capim como no «green» de uma aldeia ingleza. Na parte inferior ha um mercado fechado como os do Rio e da Bahia, porém menor. De ambos os lados ha edificios regulares, todos caiados de branco, entre elles a Secretaria de Policia, uma especie de arsenal, actualmente transformado em quartel, e por fim o Palacio da Presidencia. O lado superior da praça é fechado por uma egreja, deante da qual plantaram duas palmeiras que parecem custar muito a viver. O resto da cidade é formado de ruas estreitas, mas bem alinhadas e que se cortam em angulos rectos, algumas tão bem calçadas como a rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, e que todas, graças á inclinação do terreno, se acham perfeitamente sêccas, si bem que de noite, segundo me dizem, tenha chovido torrencialmente. As casas têm bom aspecto, mas, a não ser na praça grande, só têm pavimento terreo. As ruas parecem desertas, e o aspecto geral é mais de uma villa que de uma capital de provincia. E' isto mais sensivel na parte adjacente á linha da

---

(1) Foi ajudante-general do Exercito de 1873 a 1888, e successivamente visconde e marquez da Gavea.

(2) Conheci mais intimamente o então tenente-coronel João de Sousa da Fonseca Costa, em primeiro logar quando me prestou seus valiosos serviços como secretario da commissão de exame da legislação do Exercito, para cuja presidencia fui nomeado por aviso de 18 de Novembro de 1865. Teve elle de deixar este encargo em Outubro de 1866 para accompanhar ao Paraguai o marechal marquez de Caxias, juncto do qual serviu de chefe do Estado Maior durante todo o periodo do glorioso commando dêste benemerito cabo de guerra. Depois, sendo já brigadeiro, prestou-se dedicadamente a auxiliar-me com sua experiencia durante os primeiros mezes de meu commando no Paraguai. Seu merito levou-o gradualmente ao posto de tenente-general, sendo afinal reformado com a graduação de marechal do Exercito, e anteriormente já agraciado com o titulo de visconde da Penha. Falleceu em Paris a 9 de Janeiro de 1902, deixando brilhante descendencia, de cuja primeira geração sobrevivem, além de um filho residente no Rio de Janeiro, as distinctissimas senhoras dona Marianna Violante, dona Maria Balbina, viuva do commendador Pandiá Calogeras, e dona Maria Eugenia,

costa, onde não ha caes, mas tão sómente a praia de areia fina.

Não vejo na cidade nem uma carruagem. A população, segundo diz o presidente, é de 12.000 almas.

A pedido do presidente, entro um instante no Palacio, onde comparecem outras auctoridades e o vice-consul de França, Suisso chegado ao Brasil ha trinta e tres annos para fundar uma colonia que, segundo créio, se mallogrou. Tem agora os seus dous filhos nas tropas que já se encontram no Sul. Depois de ter entrado na vizinha egreja, passo ao quartel que fica fronteiro. Contém actualmente o 28° batalhão dos Voluntarios da Patria, que foi aqui formado de contingentes de differentes provincias, mas principalmente do Norte. Estão aqui demorados, porque ainda lhes não deram armamento; espera o coronel Fonseca Costa que venha no *Oiapoc*. Têm estes Voluntarios, como todos, dous uniformes: blusa de lã azul-clara, apenas apertada na cinta, e farda com botões de metal amarello, lisos. Mas esta farda, que nos do Pará, por exemplo, é azul-escura, nestes é verde. A cobertura da cabeça tambem differe e, a meu parecer, com grande superioridade dêste batalhão. Ao passo que no do Pará (que tem o número 33 na nomenclatura geral dos Voluntarios da Patria) usam os soldados um boné de panno azul-escuro, sem pala que proteja, ao menos os olhos, do sol e da chuva, com cinta verde e um pequeno tope brasileiro, e só os officiaes têm o képi á franceza como os do exercito regular, neste, officiaes e soldados usam um grande chapéu de feltro preto de abas largas, uma das quaes se pode levantar de um dos lados por meio de um cordão, tambem com o tope brasileiro (fundo verde, estrella de metal amarello). E' original, mesmo elegante, e creio que deve ser muito commodo. Com estes chapeus, de aba levantada e o casaco verde, é muito marcial o aspecto dos officiaes dêste batalhão.

Tambem observei que poucos officiaes moços se encontravam entre elles; têm quasi todos a barba grisalha (no exercito brasileiro o regulamento manda usar barba toda). O tenente-coronel commandante tem o cabello todo branco. Este batalhão usava calça branca, cousa que eu ainda não vira

em nenhum corpo de Voluntarios e que me parece pouco proprio da actual estação.

Dêste quartel improvisado passei ao antigo. E' um grande edificio; uma das alas está neste momento desoccupada, entre a partida das tropas que embarcaram no *S. Paulo* e a chegada das que traz o *Oiapoc*; na outra ala acha-se installado o hospital militar. Contém actualmente o hospital, segundo me diz o medico que o dirige, 193 doentes, bem accommodados quanto a leito, a maior parte em leitos de ferro, mas excessivamente accumulados numa série de pequenas salas, algumas das quaes são completamente privadas de luz e sómente recebem o ar atravez das outras; entre as duas filas de leitos, o espaço é apenas de pouco mais de um metro de largura, e a distancia entre os leitos, em cada fila, poderá ser, em média, quando muito, de $0^m,40$.

Parece que a mortalidade tem sido por ora de nove por cento, lisongeira proporção em tão desfavoraveis condições. Deve, porêm, observar-se que os individuos atacados de doença mais perigosa, a variola, se acham em outro estabelecimento, fóra da cidade. Aquí a maioria dos casos são de febre catarrhal, doença ordinariamente pouco grave e natural consequencia da mudança de clima que experimentam os habitantes do Norte do Imperio, mesmo quando chegam do Rio de Janeiro no coração do inverno. Olhando para as taboletas penduradas á cabeceira dos doentes, tive occasião de observar que a maioria delles têm menos de 23 annos e que muitos só têm 18. Outro pormenor: diz-me o medico-chefe que a maior parte dos hospitalizados já chegaram do Norte doentes. Tem elle ás suas ordens sómente quatro medicos, e, como um se encontra de serviço no hospital de variolosos, restam apenas tres para cêrca de 200 doentes, que este hospital contém. Parece-me que o Govêrno podia remediar esta deficiencia. O outro inconveniente, a exiguidade do edificio, é que é mais difficil de fazer desapparecer, pois que de outra casa se não dispõe. O primeiro quartel que visitámos, o do batalhão 28°, é tão humido que de certo nada ganhariam os doentes, si se fizesse a troca; e a outra ala dêste mesmo edificio, a que se encontra agora desoccupada e que parece

espaçosa e arejada, pecca por o ser de mais: em taes condições está o telhado, que chove por entre as telhas.

Saï d'allí com o coração confrangido de ver esses doentes tão mal alojados e dirigi-me ao hospital da Misericordia, denominado do Menino Deus. E' um bello estabelecimento, cujas salas offerecem agradavel contraste com as do hospital militar. A administração tem a generosidade de receber, e tratar como doentes seus, 35 militares, para quem isso representa um beneficio; porêm declara terminantemente que não póde receber mais. O provedor da Sancta Casa é um official de Marinha reformado, o sr. Gama Rosa.

Ao descer para a cidade tive conhecimento de que o theatro se achava tambem transformado em quartel para a Guarda Nacional da provincia da Paraïba, e desejei ver este quartel de nova especie. E' realmente curioso, quando mais não fôsse, pela escuridão que nelle reina; mas tudo está occupado, palco, platéa, até as duas ordens de camarotes, cujas divisorias tinham sido tiradas. Aqui dormem os soldados no chão; no outro quartel tinham camas de taboas.

Vi a officialidade: só o major, como succede em quasi todos os batalhões destinados ás operações de guerra, é tirado do antigo exercito regular. E' o sr. Lima e Silva, que eu muitas vezes tinha visto no Rio, a commandar como capitão de cavallaria, a escolta do imperador. A historia dêste corpo de Guarda Nacional é até ao presente lamentavel. Tendo partido da sua provincia no fim de Maio, demoraram-se apenas nove dias no Rio e embarcaram para o Sul no vapor *D. Pedro Segundo*. Parece que vinham fardados e equipados de novo; o armamento era todo raiado. O vapor vinha muito carregado e era provavelmente muito velho. No mar alto começou a abrir agua por todos os lados, pelas juntas de todas as taboas. Correu para a costa e alcançou-a; mas tinha-se lançado precipitadamente ao mar, para não ir ao fundo, toda a carga, tudo, excepto o que cada um trazia vestido, até o armamento raiado, até as bagagens dos officiaes. Ao menos nenhuma vida se perdeu, e foram soccorridos na costa deserta pelo navio de guerra dos Estados Unidos «WASSUCHETT», ao qual foi levantada, em consequencia dêste serviço, a interdicção, que sôbre elle pesava, de entrar

nos portos do Brasil, desde o seu attentado no porto da Bahia contra o corsario *Florida* em Outubro último.

Ha um mez que os guardas nacionaes da Paraïba estão no Desterro, aquartelados neste theatro, ou para melhor dizer neste antro. Deram-lhe novo armamento e novos uniformes; mas estão á espera da Guarda Nacional do Paraná (provincia pouco povoada), que se ha de fundir no seu batalhão. São cêrca de 300; durante este mez, que aqui têm permanecido, têm dado baixa ao hospital 31 homens. Tambem dos 550 homens que devia contar o 28° de Voluntarios ha 53 no hospital.

Para não melindrar o orgulho local dos Catharinenses, tive de ir á Praia de Fora gozar a vista do canal e da entrada do Norte. E' allí que se encontram as casas mais elegantes da cidade. Alguns consulados tinham arvorado a sua bandeira. Vi nos jardins algumas palmeiras, muitas laranjeiras e outras arvores do Brasil tropical, entre ellas a arvore da fruta-pão, e sobretudo bellas coníferas. Mas já se nota ausencia de mangueiras, e até de bananeiras.

Quando voltei ao Palacio encontrei, formada, parte da Guarda Nacional da Paraïba. Os outros soldados tinham bom aspecto e estavam bem alinhados; pareceram-me quasi todos mulatos. Tinham o chapéu de feltro e blusas azues com patilhas escarlates nos hombros; os officiaes tinham kepi.

Fiz a minha correspondencia para o Rio, a qual deixei na mão do presidente, li os jornaes da cidade, que nenhuma noticia me deram (pois nenhum é diario), bebi uma taça de champagne para fazer honra ao refresco improvisado pelo presidente e voltei para bordo cêrca das 8 horas e meia. Estava a noite admiravelmente serena.

Disseram-me a bordo que acabava de chegar do Rio da Prata o vapor *Imperatriz*, e trouxeram-me a *Tribuna* e o *Siglo*, jornaes de Montevidéo de 30 de Julho. Nada encontrei nestas folhas que se referisse ao theatro da guerra, a não ser a noticia da grande revista que o presidente da Republica Argentina, generalissimo, passára no dia 24, perto da Concordia (provincia de Entre-Rios), ao exercito alliado: encarecimentos á castelhana sôbre «*la bizarria de los jefes, las lucidísimas descargas de la Guarda Nacional*, etc., etc.

4. — Saïmos do porto do Desterro pouco depois da meia noite. O dia foi esplendido, como um bello dia de inverno no Sul da Europa. Até cêrca da 1 hora da tarde foi o horizonte limitado á direita pela linha uniforme das montanhas da provincia de Sancta Catharina; depois, como na provincia do Rio Grande do Sul a costa é muito baixa, passámos a não ver sinão o céu azul e o mar egualmente azul e sereno.

Foi a monotonia do dia agradavelmente cortada, cêrca das 2 horas, pelo encontro do vapor *Brasil* que vinha de Porto-Alegre. Manobrámos para mutuamente nos approximarmos; os commandantes puderam fallar pelo porta-voz, e dêste modo soubemos que o imperador tinha saïdo de Porto-Alegre para o interior no dia 28, e que do theatro da guerra continuava a não haver noticias.

Pela manhã, ao almôço, o assumpto da conversação e motivo de divertimento fôra o infortunio de Seitz (1): o seu criado allemão, tendo ido á terra no Desterro, onde parece que tinha pessoas do seu conhecimento, por qualquer engano, lá ficára. «*C'est tômache,*» repete fleugmáticamente o bom Seitz, «*car était fort apile et il avaït des connaïssances dans dout le monde.*»

5. — De noite o nevoeiro obriga-nos a parar, e não é possivel recomeçar a marcha sinão depois das 8 horas da manhã. O «fog» vai-se afinal dissipando e nós podemos ver a terra, primeiro sob a forma de uma linha escura quasi imperceptivel entre o mar e céu, depois como uma faixa mais larga de areia branca. Fômo-nos approximando pouco a pouco; depois continuámos a navegar ao longo della. Umas vezes era uma praia plana, outras vezes eram cômoros ondulados; mas sempre areia, nada mais que areia, sem um átomo de verdura perceptivel; aspecto que a saudade da provincia do Rio de Janeiro tornava duplamente triste. O céu parecia querer pôr-se em harmonia com a terra, tomando uma côr cinzenta e baça; o vento era de prôa e glacial. Era «*una mañana muy cruda*», como diriam os Hispanhóes.

Pela 1 hora da tarde encontrámo-nos em frente da barra do Rio Grande. O commandante da barra, que veio visitar-nos

(1) Secretario allemão de meu concunhado o duque de Saxe.

no pequeno vapor *Jaguarão*, disse-nos que, segundo as últimas noticias, o imperador tinha chegado a 29 a Rio-Pardo e partido no mesmo dia para Cachoeira, e que do theatro das hostilidades continuava a não se saber nada.

Posto que a entrada do porto do Rio-Grande seja apparentemente muito larga, os canaes navegaveis são muito estreitos, apertados entre bancos de areia que se extendem, tanto ao meio da entrada como ao Norte e ao Sul e sôbre os quaes as vagas constantemente rebentam. Por isso quando, tendo entrado pelo canal do Norte, passámos o semicirculo branco formado pela espuma das vagas, o commandante veio annunciar-me com muita satisfacção que já tinhamos salvado a barra. Deixando á direita a pequena povoação chamada Estação da Barra, continuámos a navegar entre duas margens egualmente chatas, egualmente arenosas e, pelo menos, tão distantes uma da outra como as do Mersey em Liverpool. Pareceu-me que do lado do Sul alguma herva crescia na areia; pelo menos, viam-se bois que pareciam estar a pastar na praia. Não tardámos a avistar e a deixar tambem para a direita a torre da egreja e as poucas e humildes casas de São José do Norte, villa que tem o titulo de «heroica» (1) mas que deve ser bastante triste. Estão alli ancorados alguns navios que na outra margem não encontram a altura de agua que demandam. Enfim, por detraz de uma saliencia da margem do Sul depara-se-nos a cidade do Rio Grande do Sul, precedida de uma floresta de mastros. Para nos approximarmos della é tambem preciso seguir um canal sinuoso e estreito, mas bem balisado com uma série de boias. São quasi 9 horas, e como o vapor, por causa dos bancos, só de dia pode fazer a maior parte do trajecto d'aqui a Porto-Alegre, tenho de dormir aqui. Acceito a hospitalidade que me offerece o sr. Lopes de Araujo (a quem vulgarmente chamam Euphrasio), que já hospedou o imperador quando por aqui passou.

No molhe de desembarque está a Camara Municipal, cujo presidente faz um pequeno discurso, outras auctoridades e grande multidão, que solta os vivas do estylo e deita foguetes

---

(1) Premio da resistencia que conseguiu oppôr durante a guerra civil aos revolucionarios.

em todas as direcções. O commandante militar em exercicio é um coronel de appellido Campos; o verdadeiro commandante é um tenente-general reformado, que se encontra infermo. Na rua principal estão formadas duas companhias da Guarda Nacional local. Parece que esta Guarda Nacional só foi chamada ao serviço depois da passagem do imperador, por ter sido mandada para o interior a guarnição de linha que até então occupava a cidade. Compõe-se a Guarda Nacional unicamente de habitantes da cidade, na maior parte empregados do commercio. Por isso não se vê nella um só homem de côr, e o typo geral indica um grau de educação superior ao dos guardas nacionaes do Norte. Em compensação os officiaes mostram bem no aspecto que saïram agora mesmo dos seus escriptorios e dos seus estabelecimentos de venda, e que vão já voltar para lá. Esta Guarda Nacional do Rio-Grande tem pouco mais de 400 homens; usam kepi de couro, farda azul e calça branca.

Depois de ter tomado posse do meu aposento, soube que se estava a construir uma obra de fortificação no extremo da cidade, e, como o sr. Euphrasio me annunciava o jantar só para as quatro e meia, fui passear para aquelle lado.

A cidade do Rio Grande do Sul, que foi a primeira que se fundou nesta provincia, data de 1787; conta hoje, ao que me dizem, 14.000 habitantes e tem muitas casas de commercio européas, na maior parte allemãs. Os principaes objectos de commercio são os couros e a carne sêcca. As ruas principaes, em que se vêem lojas elegantes, são trez, todas parallelas á praia. Ha muitas casas de azulejos, o que dá impressão de asseio e elegancia. A rua mais importante apresenta hoje muitas bandeiras de consulados; tambem ha uma nesse famoso consulado inglez, donde saïram as diatribes tão injustas do sr. Prendergast Vereker, origem do conflicto a que a mediação portugueza ainda, infelizmente, não conseguiu pôr termo. As ruas são calçadas; mas antes de se passarem as últimas casas da cidade, já se está num mar de areia, em que se torna muito custoso andar. Vi, contudo, uma sebe viva, não sei dizer de que especie de planta, porque não tinha uma só folha; mas tanto bastou para me recordar a Europa. No caminho da fortificação passámos por um hospital, que uma

Sancta Casa da Misericordia está construindo, com o auxilio do Governo. Por ora só ha uma das quatro fachadas; mas ha-de ficar um edificio muito bonito; pelo menos muito grande. Ha-de ter cúpola de azulejos.

A fortificação a que me referi, á qual dão o nome de *trincheira*, é uma simples linha de redentes que deve fechar, de uma a outra praia, a ponta de terra em que está edificada a cidade. Fez-se em toda esta extensão um muro vertical de alvenaria, indispensavel para sustentar as terras ou, para melhor dizer, as areias que devem formar a obra. A falta de coherencia destas areias difficulta muito os trabalhos, pois que ao mais pequeno vento logo se accumula areia do lado exterior do muro. Parece que já de ha muito se pensava em construir esta defesa; porém só ultimamente se activaram as obras. Resultou evidentemente esta resolução da idéa que no momento actual, e não sem fundamento, me parece dominar as auctoridades e os habitantes da cidade. Temem que, si os Paraguaios entrarem, como é muito para recear, na parte oeste do Estado Oriental, se dê uma sublevação geral dos «blancos», e que nesse caso os Orientaes, transpondo a fronteira do Chuí, venham atacar esta cidade. Foi com a mesma idéa que se armou a Guarda Nacional a cavallo de todas as povoações que se extendem daqui até ao Chuí e das que ficam proximas ao Jaguarão.

Trabalham actualmente nesta trincheira 120 operarios sob as ordens de um major de engenharia. Logo ao pé fica o quartel da Guarda Nacional, no qual tambem está installado o hospital militar. Tem umas poucas de salas, espaçosas e bem ventiladas, e parece, em summa, estar funccionando perfeitamente. Que pena não se poder trazer para aqui metade dos infelizes que estão accumulados no Desterro! Ha agora neste hospital 49 doentes, pertencentes a corpos que marcharam para o interior; nove estão atacados de variola. Ha trez medicos no estabelecimento.

De volta, vi num largo um magote de homens em trajo civil, quasi todos de mais de cincoenta annos, que pareciam ter vindo submetter-se a uma inspecção. Dizem-me que são os individuos da Guarda Nacional exemptos do serviço por motivo de saúde, que começam voluntariamente a organizar-se para

fazer o serviço da cidade no caso de dever a Guarda Nacional activa marchar para outra parte.

O jantar do sr. Euphrasio fez-se esperar, mas resgatou a demora com o esplendor: grande mesa luxuosamente posta; cozinha franceza delicada e abundante. Sómente tomaram parte no jantar, além do general Beaurepaire Rohan (1) e de mim, o dono da casa, sua esposa, suas duas filhas e trez senhoras que me apresentaram como conhecidas da casa. O filho do dono da casa (que, aliás acabava de fazer uma guarda como sargento da Guarda Nacional) e um amigo seu serviam á mesa com um criado preto.

Não tardei a descobrir que as pessoas da estimavel familia Euphrasio eram grandes viajantes! Já antes de jantar tinha o pai encontrado ocasião de me dizer que seu filho havia sido educado na Europa; mas, averiguando, apurei que não passara do Porto. Aos meus primeiros cumprimentos a proposito da sua casa, etc., a senhora Euphrasia respondeu-me com modestia:

— Mas, para quem tem andado pela Europa tudo isto é muito feio.

Não entendi que nisto houvesse segunda intenção; porém ao ver que esta palavra Europa lhe voltava frequentemente aos labios, ousei perguntar-lhe:

— A senhora esteve na Europa?

— Pois não! Dous mezes em Paris, e mez e meio em Londres.

Estava dado o primeiro passo: nunca mais se exgottou a conversação.

Depois do jantar, a filha mais nova, que estudava com um mestre allemão cujo nome me passou, tocou ao piano trechos da *Favorita* (2).

---

(1) O general Henrique de Beaurepaire Rohan, que o imperador encarregara de accompanhar-me. Militar muito erudito, estivera ha annos no Paraguai, como membro da commissão enviada com o fim de ajudar o primeiro dictador Lopez na instrucção e organização de seu exercito. Fôra ministro da Guerra no Gabinete organizado em fins de Agosto de 1864.

(2) Das distinctas filhas do sr. Euphrasio Lopes de Araujo uma, dona Maria Joanna, casou em primeiras nupcias com o barão de Cruangí, pernambucano, e em segundas com o benemerito parlamentar, ministro da Marinha e presidente de diversas provincias, conselheiro barão de Pinto Lima; a outra, dona Gertrudes, que tambem tornei a ver ás vezes, casára com o sr. Laneson, importante commerciante inglez.

Este divertimento foi interrompido pela visita do commandante militar, que veio trazer uma má noticia, chegada naquella mesma noite e vinda por Bagé e Pelotas sem passar por Porto-Alegre. Os Paraguaios tinham passado o Ibicuhí a 24 de Julho em fôrça de alguns milhares de homens. Vou dar aguns exclarecimentos, para os leitores que não estiverem muito familiarizados com a geographia destas regiões.

A fronteira occidental da provincia do Rio Grande do Sul é toda formada pelo Uruguai, grande rio que a separa da provincia de Corrientes, pertencente á Republica Argentina, e que nesta parte corre na direcção geral de Nordéste para Sudoéste. Da margem esquerda, que é a margem brasileira, recebe o Uruguai vários affluentes: o principal é o Ibicuhí, que corre a Leste-oeste. Mais ao Sul, e parallelamente a este, corre o Quarahim que nesta parte forma a fronteira entre o Brasil e o Estado Oriental. Os Paraguaios, saïndo do seu paiz, atravessaram, sem disparar um tiro, a provincia argentina de Corrientes; em seguida passaram o Uruguai na parte superior do seu curso e penetraram na provincia brasileira do Rio Grande do Sul, apoderando-se das villas de S. Borja e Itaquí, situadas na margem esquerda do Uruguai, e, descendo ao longo desta margem, mostraram intenção evidente de se dirigir para o Estado Oriental, onde contam amigos. A passagem do Ibicuhí os approxima daquelle Estado. No trapezio que o Ibicuhí e o Quarahim formam com o Uruguai encontram-se as duas cidades de Uruguaiana e Alegrete, que agora ficam muito expostas. Mas neste trapezio operam os dous corpos do Exercito brasileiro dos generaes Caldwell e Canabarro (1). Além disso, na margem direita do

---

(1) Equivoquei-me neste ponto. Como é sabido, os generaes Caldwell e Canabarro não commandavam dous corpos do Exercito independentes um do outro. O general Canabarro achava-se já havia algum tempo á testa de uma divisão encarregada de vigiar as fronteiras do Quarahim e do Uruguai. O general Caldwell era, ha tempos tambem, commandante das armas da provincia. A' noticia da invasão paraguaia, dirigiu-se para as margens do Uruguai, ahi reunindo sob o seu commando a divisão de Canabarro e a que estava organizando o barão de Jacuhí. Foram estas as fôrças de que dispunha a nossa defesa, quando o inimigo conseguiu passar o Ibicuhí. O corpo do Exercito commandado por Flores só se achou nessas alturas a 17 de Agosto, dia esse em que desbaratou no Jatahí a columna paraguaia na margem direita do Uruguai.

Uruguai e em frente á Uruguaiana, está Flores com o seu corpo de Exercito. Conseguirá elle passar o rio e cooperar com os outros dous corpos do exercito ? Si o fizer a tempo ha fundados motivos para esperar que os Paraguaios sejam esmagados antes de attingir o Quarahim. Não dou numeros que indiquem a fôrça dos differentes exercitos, porque se não conhecem por ora.

Na mesma noite recebi tambem a visita de um major honorario, de appellido Mattos, que acaba de perder um filho em Montevidéo e me trazia o segundo, que tem dezeseis annos, pedindo-me que o levasse commigo para Porto-Alegre e o fizesse incorporar em qualquer batalhão de Voluntarios. Recusei, porque era apenas uma criança, que mal me chegava a meio do peito. Em seguida veio uma commissão de seis negociantes francezes, que me fez um pequeno discurso de felicitação em nome dos Francezes residentes no Rio Grande, que são, ao que me disseram, quarenta. Muito me penhorou a sua attenção.

Já me tinha recolhido e estava-me preparando para me deitar, quando mais uma vez se ouviu debaixo das janellas o Hymno Nacional e a rua appareceu toda illuminada com archotes. Julguei, a principio, que os Allemães não tinham querido ficar atraz dos Francezes, dado o gôsto daquella nação pelos «Fackelzuege» (passeios com archotes).

Era uma sociedade musical que vinha dar uma serenata, precedida de archotes e bandeiras. Tive de ouvir a musica e por fim pude recolher-me ao leito. Si bem que a elegancia do quarto de dormir estivesse em harmonia com a da sala do jantar, o leito deixava a desejar. Para agasalho só havia um lençol quasi transparente e uma coberta de seda, tudo cortado á allemã, isto é, de menor dimensão que o leito. Tive muito frio.

6. — Chuva torrencial toda a manhã. Fomos á missa de carruagem, almoçámos e em seguida voltámos para bordo, dirigindo-nos a pé para o molhe de embarque, visto não haver meio de transporte, o que determinou uma lavagem pouco opportuna das casacas pretas da Camara Municipal e das outras auctoridades.

Ao almôço a senhora Euphrasia deu-me a provar «vinho da terra», vinho brasileiro, que eu ainda não vira, pois a provincia do Rio Grande do Sul é a unica que por enquanto o produz. Este é feito na propria cidade do Rio Grande com uvas que se colhem numa ilha proxima (1). E' de côr vermelho-clara e tem um sabôr que não é propriamente desagradavel, mas que é acre e se não parece com o de nenhum vinho europeu. A razão disto é que o vinho procede de cepas dos Estados-Unidos, cujas uvas têm egualmente este sabôr especial. As cepas européas crescem e dão mesmo uvas nesta provincia e em outras; mas parece que se não tentou tirar dellas vinho. Quanto a mim, sem querer dizer mal da vinha americana, prefiro francamente o vinho e as uvas da Europa. Outra cousa que ao almôço me surprehendeu, e mais agradavelmente, foi ver manteiga fresca. Mas lá está ao pé manteiga da Europa, como a que se come no Rio de Janeiro. Ainda agora me rio, quando me lembro da gravidade com que o sr. Euphrasio me perguntou si queria manteiga fresca ou manteiga da Europa. Quanto á manteiga, não é a da Europa que eu prefiro no Rio Grande.

Ao cabo de mil hesitações do commandante, motivadas pelo detestavel aspecto do tempo, pôz-se o *Sancta Maria* em movimento para Porto-Alegre pelo meio-dia. Em todo o dia não cessou a chuva sinão durante curtos intervallos. E que chuva! Grossas bátegas de agua atiradas quasi horizontalmente por um vento impetuoso do Norte, portanto de proa, por isso que o Rio Grande é, até o presente, o ponto mais austral da nossa peregrinação. A partir desta cidade voltámos para o Nornordeste, enquanto atravessámos em todo o comprimento a immensa lagôa dos Patos, em cuja extremidade fica situada Porto-Alegre, e que não tem menos de 200 kilometros em sua maior dimensão. A largura varía: em alguns pontos não se avistava do meio nenhuma das margens. Estas margens não são mais bellas que as do porto do Rio Grande, embóra aqui e além appareçam á beira d'agua alguns grupos de arvores. Na parte superior da lagoa foram cons-

(1) Creio lembrar-me que é a chamada Ilha dos Marinheiros.

truidos nos ultimos annos uns poucos de pharóes, em ilhotas artificiaes. Foi na lagôa dos Patos que, por occasião da guerra civil da provincia do Rio Grande do Sul, Garibaldi organizou uma flotilha. Conta-se que, estando occupada pelos imperialistas a saïda da lagôa, elle transportara a sua flotilha por terra em carros de bois até ao porto de Laguna, na provincia de Sancta Catharina, o qual dista 250 kilometros da parte superior da lagôa.

7. — Noite pessima. Pela 1 hora da madrugada quebra-se o leme, ficámos immobilizados, enquanto se procede a sua reparação, até ás 6 horas, soffrendo violentos balanços e no meio de um alarido insupportavel. Enfim pomo-nos outra vez em andamento. O vento mudou bruscamente para Sudoeste durante a noite e varreu o horizonte, mas está a soprar ainda com mais fôrça que na véspera. E' este vento sêcco que nestas regiões se chama *pampeiro*, porque vem dos pampas do interior do Continente. Ao menos está o céu limpido. As margens da lagôa approximaram-se e elevaram-se; e pouco depois chegámos a um sitio chamado a ponta de Itapuan, onde em ambas as margens se erguem collinas cobertas de verdura que formam uma vista pittoresca. Já não faltavam sinão duas leguas para chegar a Porto-Alegre, segundo dizia o commandante, e iamos navegando confiadamente pelo canal, sempre marcado com balizas, quando senti um abalo extranho que me pareceu de máu agouro; d'ahi a um instante veio o commandante dizer-me com ar contristado que tinhamos encalhado. O capitão do porto do Rio Grande tinha-nos avisado que a lagôa baixara nos ultimos dias e que por isso havia risco de que o *Sancta Maria* encalhasse, e queria que passassemos para outro vapor denominado *Presidente*; mas o nosso commandante oppuzera-se, allegando que tambem o *Sancta Maria* vinha agora menos carregado e por isso demandava menos água que na sua última viagem.

Como quer que fôsse, a lagôa estava tão agitada e o vento era tão forte, que se não podia pensar em mandar um escaler a Porto-Alegre: arvorou-se a bandeira no mastro grande, para dar a saber a nossa situação, a ver si outro vapor nos vinha buscar; depois reuniram-se todos os passageiros á

pôpa para alliviar a prôa; soltaram-se algumas velas; e por fim começou-se a despejar a provisão de agua que ainda restava. Continuavam todavia os balanços, como si não estivessemos encalhados, mas com a differença de que sentiamos com frequencia violentos abalos de baixo para cima: é uma sensação bem desagradavel a de estar assim encalhado. Enfim, ao cabo de uma hora, deixámos de a sentir: de repente tornámos a fluctuar e dirigimo-nos para Porto-Alegre, cujos edificios, de uma brancura deslumbrante, começavam a apparecer entre a lagôa e as collinas verdejantes.

A cidade é toda em rampa, como o Desterro, e cobre as encostas de um outeiro quasi inteiramente rodeado pelas aguas. Tem alguns edificios de bella construcção que dominam os outros; o principal é o theatro. E' em summa um lindo panorama. Em compensação o *pampeiro* parecia tornar-se cada vez mais glacial e fazia-me tremer de frio na coberta, d'onde o prazer de ver a cidade não me deixava saïr. Ao approximarmo-nos vimos o pequeno vapor de guerra *Apa*, que, tendo percebido os nossos signaes, vinha com o almirante Parker, para nos tirar de perigo: felizmente já não precisávamos de soccôrro. Logo que fundeámos entre os navios que estavam em frente da cidade, saltei para um escaler. Mas decididamente a lagôa queria ser peior para nós que o Oceano. As vagas eram taes que a cada momento entravam no escaler, e a despeito dos exforços dos remadores, acabámos por ceder á sua violencia, indo desembarcar a uma escada diversa daquella a que primeiro nos dirigiamos e onde nos esperavam as auctoridades. A primeira que se approximou foi o digno bispo monsenhor Laranjeira, seguiu-se o presidente, general visconde da Boa-Vista, senador pela provincia de Pernambuco, que é ao mesmo tempo commandante das armas. A população foi menos expansiva que a do Rio Grande.

O palacio da Presidencia occupa o alto da cidade; é esplendida a vista que d'alli se goza. As aguas da lagôa extendem-se de tres lados, pois que a cidade fica num promontorio. Para Sueste, na direcção de onde vinhamos, dilata-se a lagôa até o horizonte. Da fachada opposta vê-se a extremidade da lagôa; para além, a planicie ondulada verdejante,

cortada em todos os sentidos pelos innumeraveis braços do Jacuhí; e no horizonte algumas collinas azuladas. Para Nordeste, na raiz da cidade e á beira da lagôa, extendem-se algumas casas de campo rodeadas de jardins (1).

Notícias do interior não as havia novas em Porto-Alegre. Suppunha-se que o imperador estivesse ainda em Cachoeira; quanto á guerra, o que de mais recente se sabia era a passagem do Ibicuhí, que o inimigo effectuara, ao que parecia sem resistencia da nossa parte. Terminados os cumprimentos das auctoridades e da officialidade (e os do consul da França, conde de Ornano, que se apresentou uniformizado e com várias condecorações), tractei com o presidente acêrca do meu transporte para o interior, ficando assente que eu partiria dentro de 24 horas para Rio-Pardo no pequeno vapor *Tupí*, e que alli encontraria cavallos, para ir-me reunir ao imperador. O presidente, querendo tentar informar o imperador da minha chegada, mandou um correio por terra; mas pouco depois o correio voltou com a notícia de que um dos rios, que era preciso passar, já não offerecia vau.

Sempre gelado, fui passear a pé pela cidade, e vi uma companhia de artilharia a fazer exercicio. Esta companhia tinha a particularidade de ser toda composta de individuos de origem allemã, uns que tinham vindo da Europa, outros que eram cidadãos brasileiros de nascimento. Os officiaes são tambem allemães e as vozes de commando dão-se em allemão. O commandante tem a medalha do Holstein de 1849 e a do Prata de 1852. A influencia brasileira tem suavizado em parte nesses senhores a rigidez germanica. Os seus soldados manobram muito bem as quatro peças de 4, não raiadas, que lhes deram. Usam, como em geral os voluntarios, a blusa azul e o chapéu de feltro. Vi um cabo que, além da medalha de Holstein e da do Prata, tem o distinctivo de nove annos de serviço activo no exercito prussiano. Cabos como este con-

(1) Ahi, neste palacio passei dias bem agradaveis com a princeza e nossos filhos em principios de Janeiro de 1885. Tive a satisfacção de ir assistir a um exercicio levado a effeito no campo proximo ao Morro de Crystal sob o commando do meu heroico amigo e companheiro de armas o general Camara, visconde de Pelotas, e no qual tomaram parte brilhantemente os alumnos da Eschola Militar.

stituem para estes soldados immensa vantagem, em relação á sua instrucção militar, sôbre todos os outros voluntarios.

De volta, entrei num quartel que contém dous batalhões de voluntarios, um desta provincia, o outro da de Pernambuco. Não estão bem alojados; ainda assim, muito melhor que os do Desterro. Entre os homens da provincia de Pernambuco, assim como entre os do Pará, vê-se em muitos rostos o typo do caboclo, nome que se dá no Brasil a todo indigena de raça americana, quer seja civilizado, quer não. E' um typo de nariz grande, testa retrahida e olhos alongados e suaves, que revela a meu ver, menos intelligencia que o das raças africanas. Entre os homens da provincia do Rio Grande do Sul, ha 25 de lingua allemã: pedem com muito empenho que os transfiram para a companhia em que se commanda em allemão.

Passou-se o serão a discutir com o presidente, com o almirante Parker e com os seus officiaes acêrca das disposições que deviamos tomar para viajar no interior, sobretudo quanto aos arreios dos cavallos; e acabou-se por decidir que, por maiores que fôssem os meritos dos arreios usados nesta região, o systema do sellim inglez era o mais cômmodo. Em seguida fui-me deitar, a ver si curava a constipação que me fizera o *pampeiro*.

8. — Fui com o presidente visitar o Hospital militar. Contém mais de 300 doentes, tanto no seu edificio proprio como nas salas de um andar terreo adjacente cedido pela Sancta Casa da Misericordia. Porém, menos generosa que a do Desterro, a Misericordia limitou-se a entregar a casa ás auctoridades e deixa ao cuidado destas o tractamento dos infermos, de sorte que por ora muitos nem cama têm: jazem no chão, sem outro cômmodo sinão uma esteira de bambú. Deploravel espectaculo! Assim estão os 19 homens (!) que o batalhão do Pará, hontem chegado no *Sancta Maria*, mandou immediatamente para o hospital. Outros, pelo contrario, têm muito bons colchões; e dizem-me que se está a tractar activamente de os arranjar para todos. São espaçosas as salas, mas não são sufficientes para esta accummulação de doentes: vai-se organizar outro hospital em outra parte da cidade. Este tem seis medicos. Entre os doentes ha septe officiaes. Fomos

depois visitar as infermarias da Sancta Casa. Cedeu esta instituição ao Hospital militar, como ficou dicto, o andar terreo, mas dispõe ainda, no outro pavimento, de mais espaço do que lhe é preciso para os seus 140 doentes, si bem que alguns delles sejam alienados, encerrados cada um numa cellula com porta de grade. Numa sala immensa estão pendurados os retratos de todos os benfeitores do estabelecimento, desde um sancto frade que foi o fundador: si são fieis as pinturas, eram todos physicamente uns monstros. Tem tambem o edificio uma secção, em que a Sancta Casa sustenta uma meia duzia de orphãs, a quem facilitará casamento.

Sempre com o intuito de aquecer-me, fomos d'alli dar um passeio pela cidade. A parte mais conspícua é a vasta praça que se extende em frente do palacio e que podia ter um bello aspecto si a desobstruissem dos montes de entulho que a desfiguram. Ao pé do palacio ergue-se a cathedral, que é muito humilde egreja; em frente ficam um theatro de dimensões desproporcionadas em relação aos outros edificios, e os alicerces de uma futura Camara Municipal. Vegetam na praça quatro palmeiras, cujos enfezados ramos parecem gemer de frio, curvados sob a violencia do pampeiro. A maior parte das ruas de Porto-Alegre são em rampa, como é tambem aquella praça; mas são largas e bem alinhadas. Ha muitas lojas e em quasi todas se vê o famoso *poncho*, trajo tradicional da região, que não é o poncho da infantaria hispanhola nem mesmo o poncho comprido dos Mexicanos. O d'aqui é simplesmente uma capa de pregas muito largas, cortada uniformemente em circulo á altura dos joelhos e que não tem outra abertura sinão a do centro, por onde se enfia a cabeça. A's vezes tem uma enorme gola, que se pode levantar para abrigar a nuca. Quanto aos braços, ficam dentro: para usar delles é preciso levantar e sustentar um dos lados da capa: é o inconveniente dêste trajo. A maior parte dos ponchos são de panno azul escuro ou preto, forrados de vermelho. Assim é o que eu trago. Mas tambem se vêem de várias côres, entrando o amarello-escuro, o verde e outras, com vários desenhos, nos cavalleiros que passam pelas ruas de Porto-Alegre.

Usam geralmente os cavalleiros riograndenses umas

esporas gigantescas chamadas esporas *chilenas*, porque, segundo dizem, foi do Chile que veio esta moda, como veio a dos chapéus de palha. A's vezes a roseta não tem menos de 0,05 de diametro: deve ser bastante incômmodo. Quanto aos tão gabados cavallos da provincia do Rio Grande do Sul, confesso que os não vi em Porto-Alegre. Mostraram-me tambem aqui um arreio riograndense. Compõe-se este apparelho de oito ou 10 cobertas, alternadamente de couro e de lã, as primeiras trez ou quatro dispostas entre o dorso do animal e um esqueleto de madeira, de cêrca de 0,6 de comprimento, porém sómente com a largura de 0,2 e formando adeante e atraz maçãs muito altas. Por cima desta peça de madeira dispõe-se o resto das cobertas, que descem muito pelos lados do cavallo; por cima um pedaço de pelle de carneiro com a lã para baixo; e por fim uma larga cilha rodeia e aperta todo este conjuncto.

Entrámos no quartel, ou antes, nos dous corredores escuros onde foram alojados (provisoriamente, segundo me dizem) os pobres Paraenses que vieram no *Sancta Maria*. Desembarcados esta manhã, já tinham aberto as mochilas e estavam a extender ao sol as suas roupas, que o mau tempo molhara durante a viagem. Agradaram-me estes cuidados, tão promptamente tomados: confirmaram o bom conceito em que eu já tinha o seu tenente-coronel. O que me causou menos agradavel surprêsa foi encontrar quatro mulheres miserávelmente vestidas acocoradas, cosidas umas com as outras, no canto mais escuro do alojamento; um soldado, direito como uma estaca, ao pé dêste grupo, parecia estar de guarda ás mulheres. Apurado o caso, soube-se que eram mulheres de soldados de outro corpo, que tinham alugado este canto da sala antes da chegada do batalhão paraense: consentiu-se com effeito que os voluntarios levassem consigo a bordo e em campanha as suas mulheres, e mesmo os filhos, e vieram muitas, sobretudo do Norte, com os soldados de raça indigena, raça que, mais que nenhuma outra, liga importancia aos laços de familia. Quando eu tal soube pareceu-me isto um enorme abuso, muito prejudicial á disciplina e á mobilidade das tropas. Todavia os commandantes dos batalhões, longe de se queixarem desta concessão, asseguram que estas mulheres

prestam muitos serviços, que andam muito bem á pé, com os filhos ás costas e que, sobretudo, quando os maridos estão no hospital, só ellas sabem desempenhar com dedicação o serviço de infermeiro. Mas, não seria muito mais favoravel á regularidade do serviço, e egualmente efficaz, mandar vir para os hospitaes militares Ermãs de Caridade francezas, das quaes ha no Brasil perto de trezentas ? E si os estabelecimentos de caridade particulares do Rio de Janeiro e de outras cidades do Centro e do Norte que dispõem destas admiraveis mulheres se não prestassem a ceder ao Govêrno os seus serviços, podiam-se mandar vir Ermãs de França (1).

De volta vimos o 22° batalhão de linha a fazer exercicio numa praça da parte baixa da cidade. Tinham fardetas azues. Exercitavam-se por pelotões: uns estavam ainda na carga em doze tempos; outros faziam exercicio de atiradores a toque de clarim.

Muito maior satisfacção tive em ver o batalhão 25 de Voluntarios, composto de homens das provincias do Paraná e de Sancta Catharina, que estava a fazer exercicio na praça do Palacio. Com as suas blusas azues de patilhas amarellas nos hombros e os seus chapéus de feltro com a aba levantada de um lado, posso dizer que era um lindo batalhão. Tem muito mais brancos que os batalhões do Norte e, sem embargo da minha sympathia pelas raças não européas, vejo-me obrigado a confessar que o elemento branco não prejudica o aspecto nem do conjuncto nem dos pormenores; pelo contrario; e todavia não se podia dizer que fôssem, na maior parte, homens de muito boa figura. A sua estatura era, na média, inferior mesmo á média que se observa no Sul da Europa, e havia entre elles grande proporção de mancebos imberbes que, segundo supponho, ainda não tinham vinte annos. Mas todos tinham aspecto intelligente, estavam attentos e obedeciam ás vozes com a maior promptidão. Executaram alguns movimentos na minha presença; entre outros, achando-se formadas as oito companhias em linha de batalha, formaram quadrado sôbre a

(1) Eu soube mais tarde não ser isto tão facil: apesar de numerosissimo o Instituto das Ermãs de S. Vicente de Paulo não chega a satisfazer todos os pedidos que se lhe dirigem de todas as partes do mundo.

quarta, por conseguinte a quatro de fundo, e em seguida tornaram a desdobrar-se em linha; movimento complicado que várias vezes repetiram perfeitamente á voz do coronel que os commandava.

Si se considerar que estes homens estão em Porto-Alegre apenas ha septe dias e que provavelmente acabavam de se organizar no Desterro quando de lá partiram, não se pode deixar de ter por extraordinario o resultado que já se conseguiu. Estão aquartelados no theatro, mas é melhor alojamento que o do Desterro. Pode-se extranhar que, em face de tão deploravel falta de edificios adaptaveis ao aquartelamento das tropas, se não tenha recorrido ao systema de aboletamento, que na Europa é tão geralmente empregado. Duas razões ha para isso. Uma dellas é que, com esse systema, se tornaria provavelmente muito mais difficil reunir para exercicios, e mesmo nas occasiões de partida, homens tão pouco habituados á disciplina como são necessariamente os voluntarios novos. A outra, e foi a unica que me apresentaram, é que o direito de impôr aos cidadãos o alojamento dos defensores da patria... não se acha consignado na Constituição!

A pedido do photographo de Porto-Alegre, um Italiano, fui-me retratar de poncho e chapeu molle; e ás 4 horas da tarde despediamo-nos, no caes do arsenal, das auctoridades, e tambem do excellente Seitz, que vai aqui estabelecer residencia. Ha-de custar-lhe, porque, até este momento, tem percorrido todos os hoteis sem encontrar um unico leito disponivel, e por ora, está resignado a dormir em cima de uma mesa de bilhar de um café. Alguns momentos depois atravessámos no *Tupí* as aguas da lagôa, que agora estão tranquillas, escoltados pelo *Apa*. O almirante Parker, o seu ajudante de campo, um ajudante de ordens do presidente, um alferes de cavallaria que vai levar uniformes para o interior, completam, com o general B. L. (1) e commigo a nossa sociedade.

---

(1) Joaquim Ribeiro Lisboa (filho do distincto diplomata que mais tarde foi barão de Japurá), que eu para esta viagem levava como secretario. Este excellente joven muito se distinguiu mais tarde como engenheiro: sob sua direcção foi construida entre outras a importante linha

Chegando á margem da lagôa opposta a Porto-Alegre, entrámos nas aguas do Jacuhí. Felizmente o vento tinha cessado de todo; não obstante, continuava a fazer mais frio do que podia desejar quem estava constipado. Mas o espectaculo que iamos desfructando era encantador. O braço do rio que iamos subindo tem quasi o dôbro da largura do Tâmisa em Richmond; mas estava cheio até acima, e em ambas as margens se viam arvores magnificas com os ramos e as raízes dentro d'agua. A maior parte destas arvores, inteiramente verdes, apesar do rigor da estação, são arvores de numerosos galhos muito irregulares e fortissimas raízes que se ramificam acima do solo como as do «banyan tree» da India. Esta esplendida cortina de verdura sómente se interrompia de tempos a tempos para descobrir a foz de algum affluente ou de algum dos innumeraveis braços do rio. Mais raras vezes apparecia á beira d'agua alguma humilde choupana de taipa, sem janellas nem chaminé, rodeada de algumas laranjeiras e de uma pequena horta em que andavam crianças a brincar. São residencias de pobres familias que vivem mesquinhamente da venda dos seus legumes ou do leite das suas vaccas. A maior parte dos terrenos que vamos atravessando estão ainda desoccupados, desprezados, apesar da sua manifesta fertilidade, certamente por causa das inundações, a que os expõe a proximidade do rio. Poderia parecer fastidiosa esta navegação atravez de uma região tão pouco povoada e a certos respeitos tão monótona. Todavia, poucas vezes tenho desfructado paisagem tão original e imponente como esta interminavel floresta, por onde o rio vai serpenteando, e cujas côres o sol, que descia para o horizonte, variava constantemente; esta natureza tão exuberante e ao mesmo tempo tão serena, cuja limpida atmosphera nenhum som vinha perturbar, a não ser o murmúrio do nosso vapor a deslizar sem o menor abalo pela superficie das aguas. Quando o sol se pôz,

---

Mogiana. Succumbiu prematuramente aos exforços empregados nesta ordem de serviços. Casou com dona Maria da Gloria Machado Nunes, filha dum membro do Tribunal Supremo, distinctissima senhora, infelizmente tambem já fallecida. Um dos seus filhos, dr. Miguel Arrojado Lisbôa, depois de effectuar explorações em Goiaz foi, por sua vez, director da Estrada de Ferro Central.

exactamente na direcção da prôa, o quadro tornou-se sublime. Vasta extensão do céu sem nuvens, tingiu-se de côr do mais vivo ouro e, reflectindo-se sôbre a superficie lisa do rio, communicou-lhe a mesma coloração, ao passo que, entre ambos, o verde da floresta, agora muito escuro, realçava ainda o esplendor do céu e da agua. D'ahi a pouco erguia-se por detraz de nós a lua cheia, e, prateando o espelho que ha pouco era dourado, veio mudar o character da scena sem lhe diminuir o encanto. Fiquei muito tempo na tolda envolto no meu gabão, a conversar em inglez com o bom Parker, que me esteve a contar as proezas de Greenfell e de Dundonald, bem condimentadas com as suas. Mas por fim, como estava a refrescar muito, decidi-me a ir abafar a minha coryza debaixo dos cobertores.

9. — Durante a noite parámos em dous sitios, cujos nomes ignoro, para tomar combustivel. Raiou por fim a manhã, accompanhada de um nevoeiro penetrante que se levantava do rio, na qual se ergue dos prados inglezes numa bella manhã de outomno. Continuávamos a navegar por entre as arvores, mas o rio tinha-se estreitado muito e as margens eram tambem mais accidentadas. Pelas 8 horas da manhã avistámos por cima das arvores, em um alto, as casas de Rio-Pardo, e ao mesmo tempo uma manada de cavallos atravessando o rio a nado, vigiada pelo pastor que estava numa canôa. Na encosta que separa a cidade do rio, viam-se alguns cavalleiros com os seus ponchos do mais vivo escarlate ou côr de rosa. Rio-Pardo é uma especie de aldeia grande, de 3.000 almas, que tem o titulo de cidade e fica toda situada num alto. Goza-se d'alli extensa vista de uma campina ondulada em que alternam campos e mattos, e pela qual estão disseminadas raras fazendas. A imperatriz residiu 15 dias em Rio-Pardo em 1846, enquanto o imperador viajava no interior; pouco agradaveis recordações conserva dessa estada solitaria, como é facil de suppôr.

A meia encosta cumprimentos das auctoridades; é o juiz municipal Martins de Castro, vulgarmente conhecido por Abilio, que vai hospedar-nos. Sua casa é limpa e espaçosa, mas não apaga as saudades que nos deixou a do sr. Euphrasio. Levam-me a visitar o edificio da Sancta Casa, que está por

concluir e que agora serve de alojamento ás tropas que vão passando; o hospital militar que contém 30 doentes mal accommodados; e o antigo cemeterio onde está o tumulo do visconde de S. Gabriel, pae do actual general barão de S. Gabriel, que commandou este anno as tropas brasileiras na campanha do Estado Oriental e está agora moribundo em S. Gabriel.

Não ha agora tropas em Rio-Pardo: á proporção que vão chegando de Porto-Alegre fazem-nas seguir para Cachoeira. Não se vê nas ruas sinão a Guarda Nacional, que usa blusa escarlate e calça branca.

Como as ruas e monumentos de Rio-Pardo pouco interesse offerecem, passou-se o dia em socêgo em casa do sr. Abilio. Declararam os marinheiros que, visto as aguas do rio terem subido muito nos ultimos dias, se podia ir embarcado até Cachoeira, que fica a dez leguas brasileiras (sessenta kilometros). Decidiu-se pois que no dia seguinte de manhã embarcariamos no *Tupí* para continuar a viagem. Em seguida tractámos de obter cavallos e mandá-los por terra para Cachoeira. Não foi cousa facil. A's minhas primeiras indagações sôbre este assumpto, responderam-me que effectivamente o ministro dera ordem ao commandante militar da cidade para comprar os cavallos que fôssem necessarios para mim e uma escolta de 60 praças da Guarda Nacional a cavallo que devia accompanhar-me; que andavam a procurá-los nos campos circunvizinhos, mas que ainda os não tinham ajunctado.

— Mas quantos são então — perguntei eu — esses cavallos tão difficeis de encontrar?

— Trezentos, supponho eu — respondeu-me com a mais perfeita fleugma o juiz de direito.

Caï das nuvens. Parecia-me que, mesmo contando com os 60 homens da escolta, visto que a nossa sociedade se reduzia a seis pessoas, 70 cavallos seriam mais que sufficientes. Explicaram-me então que os cavallos da provincia do Rio Grande do Sul, como não comem absolutamente sinão capim, têm pouquissima fôrça; que nunca ha certeza de se conservar nenhum em pé até o fim da jornada, e que portanto nenhum gineteiro viaja sem trez cavallos pelo menos. Effectivamente d'ahi a pouco vi partir um sargento, que o presidente da

provincia tinha mandado de Porto-Alegre por terra com correspondencia para o imperador, recommendada como muito urgente pela legação de Buenos-Aires, e que, entre parenthese, as zelosas auctoridades de Rio-Pardo tinham demorado dous dias por falta de cavallos. Partiu enfim o sargento. Ia num primeiro cavallo. Seguia-se outro com outro individuo que levava, presos por uma corda, mais trez cavallos para muda. Era um conjuncto de triste aspecto.

De qualquer modo, era evidente que só ao cabo de alguns dias eu poderia ter os 300 cavallos; além disso vim a saber que a pretensa escolta estava ainda á espera de que lhe chegassem uniformes de Porto-Alegre; si eu d'aqui partisse corria risco de esperar indefinidamente em Cachoeira.

Já as pessoas da cidade começavam a lembrar-me que melhor seria eu esperar em Rio-Pardo; mas isso estava eu bem decidido a não fazer. Por fim o ajudante de ordens do presidente, que tinha vindo comnosco, declarou que havia recebido plenos poderes para facilitar-me a viagem; que estavam alli 30 homens da Guarda Nacional da provincia de Sancta Catharina, montados e equipados, promptos a partir; que me serviriam de escolta; que para meu uso pessoal se iam escolher (pagando-se, está claro) 15 cavallos na estancia que se via do outro lado do rio, e que esta mesma tarde o dicto pelotão os levaria para Cachoeira. Assim se fez, com grande satisfacção minha e a despeito das lamentações das auctoridades locaes e do commandante da primitiva escolta, lamentações principalmente motivadas por ser aquella de «gente do paiz» e ir eu viajar, segundo o que agora se assentara, com homens da provincia de Sancta Catharina.

Recebi nesse dia a visita de um religioso benedictino que, tendo-se feito capellão de um batalhão de Voluntarios da provincia da Bahia, estava de passagem para se ir junctar ao seu corpo. Vinha com elle um alferes do batalhão, mancebo negro retincto e todavia muito «gentlemanlike» e elegante.

Copioso e substancial jantar! Mas o sr. Abilio não faz as honras da mesa de modo tão expansivo como a familia Euphrasio. De resto, Parker dispensou-o do trabalho da conversação e com a sua pronuncia britannica divertiu muito toda a companhia, emprehendendo fazer-nos o elogio de Ga-

ribaldi, contra quem em tempo combatera na lagôa dos Patos. A esse respeito Parker rectificou a fabulosa historia do transporte da frota por terra numa extensão de 250 kilometros: foi simplesmente transportada por cima da lingua de terra que separa a lagoa do Oceano, a qual em alguns sitios não tem mais de duas leguas de largura. D'alli foi Garibaldi por mar para o porto de Laguna, na provincia de Sancta Catharina e, quando os imperialistas o desalojaram tambem de lá, internou-se nas montanhas e encontrou meio de chegar ao Estado Oriental.

Depois do jantar, illuminações, serenata e foguetes, accompanhamento obrigado de todas as manifestações de regosijo brasileiro. Decididamente os cobertores parecem ser desconhecidos na provincia do Rio Grande do Sul: ao que me dizem, é o poncho, que faz as suas vezes. Felizmente eu tinha feito provisão de cobertores em Porto-Alegre, de forma que não tive tanto frio no leito do sr. Abilio como no do sr. Euphrasio. De resto, é sempre a mesma coberta de seda encarnada extendida sôbre o leito, o mesmo lençol transparente e guarnecido de uma larga orla de rendas e bordados. Travesseiro, toalhas, tudo é assim bordado e guarnecido de rendas; e isto com um só colchão muito delgado e duro sôbre o leito de madeira: muito luxo e pouca commodidade.

10. — Manhã ainda mais brumosa e fria que a de hontem. O solo está coberto de geada. A's 8 horas e meia estamos a bordo do *Tupí*, que logo se põe em movimento. A' proporção que se vai subindo o Jacuhí, a vegetação torna-se menos bella: muitas arvores mostram já nos ramos privados de folhas signaes da estação invernosa, e d'ahi a pouco começa a floresta a interromper-se de quando em quando, sobretudo na margem do Sul, para deixar ver immensos campos cuja vegetação neste momento está rasa com o solo. Muitas vezes são as suas margens de altura muito desegual e, ao passo que, de um lado, o rio, invadindo a floresta, cobre o pé das arvores, do outro lado o nivel do campo eleva-se uns poucos de metros acima da agua. A largura do rio é tambem muito variavel: ás vezes não tem maior largura que o Tâmisa em Richmond; e em outros pontos alarga-se muito e torna a formar vários

braços. A floresta parece ser muito rica de animaes silvestres: ás vezes vêem-se capivaras a dormir debaixo das arvores da margem e continuadamente estão a atravessar de um lado para o outro aves de várias especies. E', em primeiro logar, o perpétuo urubú, tal qual se vê pairar por cima de São Christovam; depois uma ave aquatica toda preta, chamada *pinguá*; depois uma especie de pêga muito grande; enfim a garça. Mas não vi nestas florestas nenhum dêsses papagaios de côres vivas nem essas tantas aves tão lindas, que fazem o encanto das florestas do Brasil tropical.

Si a natureza selvagem é rica nas margens do Jacuhí, em compensação não se distingue vida civilizada. Durante as oito horas de navegação seguida não vimos nem uma só habitação humana, nem um só animal domestico ou semi-domestico, nem um boi nem um cavallo: podiamo-nos persuadir de que pela primeira vez levávamos o vapor a solidões ainda por explorar. Explica-se em parte este phenomeno pelo pequeno número de proprietarios que entre si possuem estas regiões. Pelo espaço de nove leguas consecutivas fomos sempre contornando, á esquerda, as propriedades de um unico individuo, o sr. Ferreira Porto, vulgarmente conhecido por Portinho (1). Similhantemente as quarenta leguas quadradas que se extendem em volta de Rio-Pardo pertencem sómente a quatro proprietarios, devendo notar-se que dous delles são cunhados que entre si partilháram a herança de seu sogro; mas estes já encontraram meio de comprar as terras dos outros dous. Estas enormes propriedades são inteiramente applicadas á criação de gado bovino e cavallar, mas sobretudo do primeiro, que se transforma em carne sêcca e em couros, para exportação. Na minha conversa com o tenente-coronel da Guarda Nacional que me ia dando estes exclarecimentos colhi alguns algarismos curiosos. Calcula-se que uma legua quadrada póde sustentar 3.000 rezes de gado vaccum, mas que o mesmo espaço não pode nutrir

(1) Era genro do conselheiro doutor Jobim, senador pela provincia do Espirito-Sancto e medico da Casa Imperial, que muito conheci e apreciei. Quando voltei em 1885 ao Rio Grande do Sul com a princeza e nossos filhos, os filhos do sr. Porto com a mãe já viuva, dona Eugenia Jobim Porto, nos receberam fidalgamente na sua bella e interessante Estancia das Pederneiras, não longe do rio Jacuhí.

sinão approximadamente metade dêste número de animaes de gado cavallar. Em tempo ordinario um cavallo por ensinar (cavallo chucro) custa 10$, o que equivale a uma libra esterlina; mas actualmente, em virtude da procura que faz o Govêrno, para a guerra, este mínimo duplicou, e ha mesmo cavallos bem ensinados que attingem o preço inaudito de 150$000. Estes preços hão-de parecer ridiculos e incriveis aos leitores europeus; mas devo observar que o cavallo rio-grandense é um animal relativamente pequeno, e pouco nutrido. Tambem se criam muares nas estancias desta provincia; mas têm sido ultimamente exportados em grande escala para a do Paraná e para a de S. Paulo, cujo commércio interior se tem desenvolvido, de sorte que presentemente quasi se não vêem aquí dêstes animaes. Alguns annos atraz eram elles, pelo contrario, tão numerosos que, segundo o meu interlocutor, se offereciam inutilmente por 2$ (5 francos approximadamente). Quanto á raça ovina, tão abundante fonte de riqueza para o Estado Oriental, parece que a sua criação se encontra ainda no Brasil em estado nascente; todavia o sr. Ferreira Porto possue uns 500 carneiros de raça ingleza.

Ao almôço, Parker continuou a fazer rir a sociedade: expôz-nos, entre outras, esta theoria: que o porco do matto, espécie de javali pequeno, muito commum na provincia do Rio de Janeiro, é um animal muito interessante. Tinha domesticado um, dizia elle, que lhe servia de almofada para dormir! Decididamente a veia de Seitz tinha sido substituida com vantagem. De tarde passámos por umas embarcações que iam a subir o rio a remos, e, pouco mais adeante, cruzámos com o vapor *Septe de Septembro*, que descia de Cachoeira. Não obstante os ruidosos vivas dos seus passageiros conseguimos fazer-lhes ouvir esta pergunta:

— «Ha alguma novidade acima?»

E receber a resposta:

— «Nenhuma».

A's 5 horas e meia abordámos a praia de Cachoeira, onde se achava abandonada uma bateria de campanha de 6 obuzes lisos e certo numero de caixas com o letreiro «polvora». Como Rio-Pardo, Cachoeira fica num alto; mas, embora tenha

o titulo de cidade, não passa de uma aldeia; comparada com ella Rio-Pardo é uma capital. Não ha uma só rua calçada. As auctoridades, que encontrámos a meia encosta, dão-nos a desagradavel noticia de ter o inimigo entrado em Uruguaiana, e accompanham-nos á casa do juiz municipal, homem nutrido, de appellido Rodrigues, que a principio pareceu receber-nos como uns empecilhos, mas depois se humanizou a ponto de nos mandar servir chá.

Da cavalhada que tinhamos mandado de Rio-Pardo não ha noticia. Contando que chegasse na manhã seguinte, fixa-se a partida para o dia immediato. Tracta-se agora de obter carros para as bagagens. Dous partidos estão em presença para fornecê-los: o de um moço alugador chamado Gomes, ou, vulgarmente, Antonio Candido, e o do general Portinho, pessoa importante da terra e chefe de uma divisão da Guarda Nacional. Depois de acalorada controvérsia entre as duas partes, acabo por decidir a favor de Portinho (1). Dentro em trez dias estaremos em Caçapava, onde se suppõe que está o imperador: é uma distância de 18 leguas da terra. No primeiro dia será necessario passar o rio em um barco num sítio chamado Passo de S. Lourenço, pois Cachoeira fica, como Rio-Pardo, na margem esquerda, ou do norte do rio Jacuhí, e Caçapava é do outro lado. O rio, que de Cachoeira a Porto-Alegre corre em direcção geral, de Oeste para Leste, chega a Cachoeira do Noroeste. Do Sudoeste, direcção que vamos seguir indo para Caçapava, recebe o rio Vacacahi, affluente quási tão importante como elle.

11. — Mau dia, *«dia muy desapecible»*, diziam os Hispanhóes. Cobrira-se o céu de uma capa uniforme de nuvens, de sorte que não houve sol que aquecesse a atmosphera como nos dias precedentes.

Neste momento não ha tropas em Cachoeira; os corpos que estiveram algum tempo acampados nas proximidades

(1) Durante meu commando no Paraguai tive occasião de conhecer novamente o valente brigadeiro honorario José Gomes Portinho, que commandava as fôrças estacionadas no Alto-Paraná, nas proximidades dos passos de Itapúa e Candelaria, e nessa qualidade prestou o relevante serviço de atravessar com essas fôrças toda a região sudeste do territorio paraguaio desbaratando as columnas inimigas que a occupavam, e tomando posse da importante cidade de Villa-Rica, vindo de ahi reunir-se commigo.

acabam de marchar para Caçapava. As poucas praças da Guarda Nacional, que ficaram, nem siquer têm uniformes: montam guarda á porta de edificios publicos, de chinelos, com ponchos de todas as côres e chapéus de todas as formas. Um velho coronel de artilharia está á espera de que chegue de Porto-Alegre a tropa destinada ás peças que jazem na praia. Em compensação destas miserias encontrei em Cachoeira um serviço hospitalar muito superior a quantos eu até aqui tinha visto. E' organizado por um antigo cirurgião-mór do exercito chamado Vieira, vulgarmente Christovam José, natural da provincia de Pernambuco. Depois de ter feito a campanha do Prata de 1852, tinha-se retirado do serviço e vivia aqui; mas nas actuaes críticas circunstancias offereceu espontaneamente os seus serviços, que foram acceitos primeiramente para Cachoeira. Depois, por occasião da passagem do imperador, foi nomeado director-chefe de todos os hospitaes criados ou por criar de Porto-Alegre á fronteira. Foi uma nomeação acertada, porque o doutor Vieira parece zeloso e competente como poucos. Por ora está em Cachoeira, donde não pode saïr sem que lhe mandem um medico para o substituir. Tem aqui 26 doentes, repartidos por duas casas más, porém bem providas de tudo, leitos, colchões, cobertores, medicamentos, pratos de metal, talheres, etc. Além disso, a Camara Municipal, por suggestão do imperador, cedeu generosamente as salas do seu paço, bello edificio inteiramente novo; os doentes serão transportados para este novo alojamento logo que um dia mais quente permitta expô-los ao ar. As explicações tão claras do bom Vieira, que revelavam tanto interesse pelos doentes, fizeram que eu encontrasse muito prazer em demorar-me ao pé delles. Quasi todos pertencem ao 24° batalhão de Voluntarios (da provincia da Bahia) ou ao 19°, formado no Rio de Janeiro com contingentes de provincias pequenas, como Piauhí e Sergipe. Foi a pneumonia ou o catarrho que levou quasi todos ao hospital, como tem succedido nos outros corpos. Interessaram-me particularmente dous doentes, a quem dirigi perguntas. Um delles era um negro do Piauhí, que se exprimia de modo notavelmente intelligente, si bem que com o modo de fallar frequente nos individuos de raça africana. Tinha sido trez annos, disse-me elle, «cocheiro da Nação»,

emprêgo cuja importancia confesso não entender, e que se tinha visto obrigado a deixar, porque estava soffrendo do peito.[1] Depois, julgando-se melhor, havia se alistado e, como era de esperar, a viagem para o Sul tinha-lhe feito reapparecer a doença. Declarada agora chronica, o doente desejava baixa, para regressar ao Piauhí para juncto da mãe viuva. Tomei nota do nome para recommendar ao ministro o seu pedido. O outro era um branco de Sergipe. Estava em convalescença; mas de pé, á cabeceira, estava uma mulatinha que, com as lagrimas nos olhos, me supplicou que obtivesse para seu marido uma licença. Isso não podia eu fazer, por elle estar convalescente. A mulher estava suja e esfarrapada e era feíssima. Mas era muito commovente a sua expressão quando explicava que não tinha pae nem mãe, nem ermão, nem pessoa nenhuma neste mundo sinão o seu marido e que seu filho tinha morrido quando tinham estado no Desterro. Dei-lhe algum dinheiro e disse-lhe que era para a ajudar a voltar para a sua terra depois de ter curado o marido. Ao ouvir estas palavras illuminou-se-lhe o semblante.

— «Então — disse ella — voltarei para minha terra!»

Pobre creatura tão innocente!

Parecia desconhecer o uso do papel-moeda e julgar que eu lhe dera um talisman capaz de a transportar immediatamente, a ella e ao marido, para o seu clima tropical e o seu Sergipe. Estava grávida de oito mezes, o que lhe tornava impossivel seguir o marido, uma vez restabelecido, durante a campanha. Assentámos com o cirurgião-mór que, quando o marido voltasse ao batalhão, elle faria embarcar a mulher pára Porto-Alegre, recommendando-a ao presidente, e que procuraria obter-lhe passagem daquella cidade para a sua provincia, unico logar onde ella tinha alguma probabilidade de ver regressar o marido, uma vez terminada a guerra.

De volta vi na rua uns carros carregados de saccos de couro; disseram-me que era mate, a famoso planta da America do Sul, muitas vezes denominada na Europa, se me não engano, «chá do Paraguai», mas aqui geralmente chamada «*a herva*» por excellencia (em hispanhol «*yerba*»). Cresce esta planta, em grande abundancia e sem cultura, não só no Paraguai, mas

tambem em todas as provincias austraes do Brasil e nas septentrionaes da Republica Argentina e provavelmente tambem em parte da Bolivia, região análoga. Os dictadores do Paraguai, regularizando e animando a sua exploração e monopolizando em seu proveito a exportação, tiraram desta fonte consideraveis riquezas.

Consiste a preparação do mate simplesmente em deixar seccar as folhas e a haste, que assim tomam uma côr de folha sêcca; pulverizam-se em grande parte e constituem a matéria da decocção de uso geral e constante na provincia do Rio Grande do Sul. Para o gaúcho a cúia e a bombilha são distracção tão indispensavel como o charuto ou o tabaco para a maioria dos Europeus. A cúia é uma pequena cabaça espherica approximadamente da grossura do punho, enche-se metade della de mate sêcco; acaba-se de encher com agua a ferver e deita-se assucar segundo o gôsto de cada um. Para beber, ou antes, para sorver esta bebida, faz-se uso da bombilha, pequeno tubo de prata de um pé de comprimento, terminado inferiormente numa pequena bola com orificios. Tal é a forma da cúia que, estando cheia, não se pode assentar em parte alguma: é preciso tê-la na mão. Em geral serve a mesma cúia e o mesmo tubo para toda uma sociedade: quando uma pessoa exgottou o líquido, torna-se a deitar agua e assucar, sem mudar o mate, passa-se a cúia á pessoa que está ao pé e assim se continúa indefinidamente, seguindo a roda. Vi tambem a criada preta que servia a cúia, depois de deitar a agua, chegar os labios á bombilha e chupar um golo, como para pôr a funccionar o tubo, que podia estar obstruido; e a bebida ainda me pareceu melhor. Cada pessoa toma cinco, seis cúias (ou mais) consecutivamente e está-se a tomar mate todo o dia. Diz Parker que é «*very healthy*». O mate é de si um pouco amargo; mas é facil fazer predominar na decocção o gôsto do assucar, e assim é bastante agradável, uma vez que a pessoa se habituou ás partículas da matéria pulverizada que lhe sobem á bocca pelo tubo (1).

---

(1) Quando estive no Paraguai não deixava eu tambem de tomar meu mate com muito prazer antes de pegar no somno. R.

Neste dia despediu-se Parker para regressar no *Tupí* á Porto-Alegre. Trouxeram-me um homem que dizia ter chegado de Alegrete em 10 dias. Segundo elle, Uruguaiana ainda não estava em poder dos inimigos, e em Alegrete não havia o menor receio de que se approximassem. Tambem, segundo elle, os inimigos luctavam com difficuldades de subsistencia, pois que os habitantes se iam retirando adeante com todo o gado. Toda a habitação que cae em poder dos Paraguaios é saqueada e incendiada; em S. Borja nem a bandeira tricolor, que alguns Francezes arvoraram em suas casas, os pôz ao abrigo das violencias dos invasores. Todo o cidadão brasileiro de que podem apoderar-se é immediatamente morto; porém os escravos são poupados. Procedem assim os Paraguaios esperando poder ser ajudados na invasão por uma revolta de escravos. Mas nesse ponto estão illudidos, pois que a proporção dos escravos para os homens livres é felizmente mínima nesta provincia. O homem que me deu estas informações dizia-se francez; mas, como saïu de França ha 27 annos, falla agora portuguez mais facilmente que o francez.

Continuavamos, porém, a estar á espera da famosa escolta, que tinha partido do Rio-Pardo antes de nós. Pelo meio do dia chegou enfim um soldado, que nos trouxe 10 cavallos e participou que, por estar a primeira noite muito escura, todos os cavallos da escolta tinham fugido e que os andavam ainda a apanhar. Porém com estes 10 cavallos e mais 15 que nos trouxe o general Portinho, já podiamos partir no dia seguinte, apesar da ausencia da escolta. Carregaram-se as bagagens maiores e fizeram-se partir em dous carros cobertos de pelles de boi, puxado cada um por oito bois. Depois tractámos de experimentar os cavallos. Achei-os todos muito medíocres; mas, em compensação, tive ensejo de admirar a riqueza dos arreios riograndenses, ás vezes de um luxo que mal se pode imaginar. Sem fallar dos estribos e das enormes esporas que são sempre de prata, os dous arções da sella que chamam «lombilho» são muitas vezes guarnecidos de prata; similhantemente, o rabicho, o peitoral e todas as partes da cabeçada são ornadas de placas de prata, artisticamente lavradas de mil maneiras; e si as rédeas não são todas feitas de correntes de prata, têm enfiados em todo o comprimento

cylindros e bolas dêsse metal. O mesmo succede com o loro do estribo. Vi alli, em cavallos de pessoas da terra, alguns dêsses arreios pelos quaes não pediam menos de 600$ (£ 60), e dizem-me que os ha que chegam a valer 1:000$ (£ 100), ao passo que o cavallo que os leva vale, quando muito, £ 10 ! O gaúcho prefere enriquecer os seus arreios a comprar grão para sustentar um cavallo, cujas pernas possam aguentá-lo e transportá-lo com segurança.

Ao caïr da noite as nuvens que se tinham accumulado começaram a descarregar-se e a chuva incessante fez-nos augurar para o dia seguinte um mau comêço de jornada.

12. — Apesar nos nossos receios o dia raiou sem chuva e ás 10 horas e meia estávamos já a caminho. Como o general B. soffre de uma doença do estomago que lhe não permitte montar a cavallo, arranjou-se-lhe um pequeno *omnibus* de duas rodas. A sociedade que ia a cavallo compunha-se, além de L. e de mim, de dous tenentes-coroneis da Guarda Nacional, inimigos politicos ao que parecia, que pretendem ter sido nomeados para me accompanhar, um pelo ministro, o outro pelo presidente, e ainda um tenente nomeado para o mesmo fim pelo general Portinho. Por escolta tinhamos apenas um soldado retardatario da do imperador. Alguns gaúchos da localidade iam tocando para deante os nossos animaes de muda. O conjuncto formava uma caravana singular. Quanto a mim, achando o caso interessante, tinha trocado o meu sellim e as minhas rédeas inglezas pelos arreios riograndenses de um dos tenentes-coroneis, tinha calçado esporas chilenas e, com as botas altas e o poncho, ia o mais gaúcho que era possivel, pois que a unica insígnia militar em mim visivel, além da baínha do sabre, era o tope verde e dourado do chapéu de feltro.

Ia-me exquecendo de dizer que na occasião da partida tornou a apparecer a sergipaninha da véspera e, certamente mais exclarecida pelo marido acêrca da situação, declarou que, por maior desejo que tivesse de tornar a ver a sua provincia, si não deixassem ir para lá o marido, tambem ella não queria ir; que preferia dar á luz na Cachoeira e que, logo que estivesse restabelecida, mandaria procurar o marido por toda a parte e havia de encontrá-lo. Por mais deploravel que me

parecesse esta idéa, fôrça foi reconhecer que, pelo menos nesta occasião, não era possivel fazê-la mudar de opinião.

Partímos e deixando atraz, sem saudades, as tristes casas de Cachoeira, internámo-nos na planicie ondulada. O *omnibus* do general tinha a princípio dous cavallos; mas logo na primeira subida não pôde andar e foi preciso accrescentar mais um cavallo. Nunca vi mais singular modo de atrelar. O vehículo tinha varaes, entre os quaes ia o unico cavallo que levava arreios soffriveis. Quanto aos outros dous, cada um montado por um homem, só estavam presos ao carro por uma simples corda que ia da silha da sella á origem dos varaes. Ainda estou a pensar como é que estes cavallos podiam exercer sôbre o vehículo exfôrço sufficiente. Por cúmulo de miseria uma das cordas era muito mais comprida que a outra, de modo que o cavallo da esquerda ia adeante dos companheiros não menos de metade do seu comprimento. Todavia este incrivel arranjo andava, ia mesmo a trote largo quando o terreno era bom; depois, em chegando a um sitio mau, ficava preso na lama e eram precisos alguns minutos para o tornar a pôr em movimento. Nós iamos a passo, ou a galope, ora adeante, ora atraz.

Pelo meio dia e meia hora avistámos subitamente o rio, e qual não foi a nossa mágoa ao vermos ainda na barca as nossa bagagens e os nossos homens, que na véspera tinham partido de Cachoeira para fazer a travessia! Parece que tinham estado toda a manhã á espera dos homens encarregados da manobra da barca. Não se levou menos de uma hora a passar as bagagens para o outro lado, descarregá-las e trazer outra vez a barca para nos transportar com os nossos cavallos e *omnibus*. Enquanto isto se executava e se fazia passar a nado os cavallos de muda, entrámos numa casinha próxima, onde uma mulher nos deu mate. Uma vez embarcados gastámos ainda 25 minutos a chegar á margem opposta luctando contra a corrente, quando a travessia se podia fazer com facilidade em cinco minutos si a barca se movesse ao longo de uma corda.

Neste sitio as margens do Jacuhí são escarpadas. Depois de ter subido a barranca da margem direita achámo-nos numa especie de planalto em que a vista se extende até muito longe,

de todos os lados; paisagem toda de pastagens. Sómente de longe em longe apparecem, ao longo de cursos de agua, grupos de arvores enfezadas, agora despidas de folhas. Mais raro é ainda avistar-se no horizonte a casa branca de alguma estancia. Os bois e cavallos que se vêem por toda a parte a pastar parecem perdidos na immensidade da planície. De verão, quando a terra estiver, como supponho, queimada pelo sol, deve a paisagem assimilhar-se muito ás de Castella; mas nesta occasião, a natureza do solo e da vegetação tornam-na sobretudo análoga aos «*moors*» das Ilhas Britannicas. A unica distracção do caminho são as muitas aves que levantam vôo quando nos approximamos, algumas muito lindas, como uma ave de rapina branca e castanha chamada *caracará* e um pica-pau com o peito de um amarello vivo. Tambem se vêem muitas perdizes muito similhantes ás da Europa, si bem que menores, e pombas grandes de bella côr cinzenta. Não digo bem: além das aves, tinhamos outra distracção, porém menos agradavel: era a frequente passagem a vau de ribeiros transbordados, ou de paúes, a que chamam *banhados*: mais de uma vez os nossos cavallos tiveram agua até á barriga.

Pelas 5 horas fizemos alto ao pé do nosso abrigo dessa noite. Era uma casa baixa situada entre um pequeno pomar de laranjeiras que exhalavam um aroma delicioso e cuja verdura opulenta regalava os olhos, e um magnifico *umbú*, arvore que por sua forma, e não tendo agora folhas, faz lembrar o castanheiro da Europa. E' a estancia de um major da Guarda Nacional chamado Meneses, e vulgarmente João Thomaz. E' viuvo e reside alli com quatro filhas, de que logo me disse os nomes, perguntando-me si me pareciam bonitas! A mais velha poderá ter 15 annos; trazem os vestidos limpos, apesar da sua contínua permanencia na cozinha; mas fiquei horrorizado quando soube que nenhuma dellas se tinha lembrado de aprender a ler! O pae offereceu-me primeiro chá ou café (não fallo do mate, que se não offerece, é um *sine qua non* que está sempre prompto, que se pede á criada como noutra parte se poderia pedir agua fresca). Depois de mil desculpas de não saber, por ser um camponez, receber condignamente «pessoas imperiaes», acabou por nos dar um excellente jantar. Houve sobretudo um prato de fios de ovos

que os Hispanhóes chamam «*huevos hilados*» com canella! «*una cosa riquísima*», segundo outra expressão hispanhola. Parece que as meninas tinham passado toda a tarde a preparál-o!

Este major supponho estar filiado ao partido conservador, porque, depois do jantar, começou a invectivar contra as auctoridades que estão em exercicio, de tal maneira que tive de levantar bruscamente a sessão. Funestas inimizades que pretendem passar por políticas e que não pouco entorpecem o desenvolvimento do paiz!

13. — Dia monótono. No momento da partida veio um «*Scotch mist*» (1) completar o aspecto boreal dêstes tristes campos. Sendo a jornada de septe leguas, fazemos alto a meio caminho para mudar os cavallos de sella e do *omnibus*, operação que leva sempre muito tempo, porque é preciso apanhar a laço os animaes destinados ás mudas, e os gaúchos que nos accompanhavam não são muitos fortes nesse exercicio. E' sabido que o laço se compõe de uma correia muito comprida e delgada terminada por um nó corredio que o cavalleiro volteia á roda da cabeça para o atirar ao meio da manada. Quando o animal visado sente o laço á roda do pescoço, quer fugir, e arrasta o homem atraz de si durante alguns instantes. Depois, meio suffocado, cai, ou, pelo menos, pára, e está vencido.

Como o vasto planalto que estamos a atravessar se vai elevando gradualmente, a vista vai-se tornando cada vez mais extensa; mas nem porisso é mais variada: o céu nublado dá aos objectos distantes uma côr cinzenta de chumbo, immensamente triste. Por isso foi com viva satisfacção que chegámos á estancia em que devemos passar a noite.

Quanto á sella riograndense, não é de si incommoda: a unica cousa, a meu parecer, que, neste apparelho, produz cansaço é a pequenez do estribo, que chega a ponto de se não poder pousar nelle sinão a ponta do pé. E todavia o cavalleiro vê-se obrigado a fazer sempre fôrça no estribo; do contrario a barra de prata que o loro atravessa entra a dansar e fere-lhe a curva da perna. Quanto á *chilena*, facilmente quem vai a cavallo se

---

(1) Nevoeiro á moda da Escossia.

acostuma ao uso della; mas a pé, a gigantesca roseta, dando constantemente no chão, produz, assim como a corrente de prata que passa sôbre o peito do pé, um ruído fastidioso.

Fomos encontrar o nosso hospedeiro desta noite a morrer de uma angina, de que se tractava pela homeopathia; e infelicissimamente morreu á noite, sem médico nem padre ! O filho mais velho, que ignorava a gravidade da molestia, serviu-nos uma fritada escura e carne de vacca assada extraordinariamente dura ! Esta carne de vacca assada que, bem preparada como o é geralmente no Rio Grande, torna-se muito gostosa, é o alimento habitual do Riograndense. Não a apreciam tanto os habitantes das outras provincias; acostumados a viver de carne sêcca e feijão, attribuem muitas vezes á carne fresca as doenças que lhes causa o clima do Sul.

Não posso facilmente imaginar existencia mais triste que a dêstes estancieiros, perdidos no meio daquelles immensos campos. As suas casas, que nunca têm sinão andar terreo, são de taipa, apenas caiadas, com tectos de madeira; ás vezes sem assoalho e sem janellas: nesse caso é preciso optar, como tivemos de fazer esta noite, entre o frio e a escuridão; e todavia nestas modestas habitações apparecem sempre fronhas e lençóes enfeitados de rendas ! Por detraz da casa ha geralmente um espaço com algumas laranjeiras que dão más laranjas, e outro em que cresce o feijão e o trigo necessario para o consumo da familia. O pão faz-se em casa, ou não se faz: pelo menos, em casa do major João Thomaz, á noite estava duro e pela manhã já o não havia. Ao lado ha um espaço fechado para guardar cavallos, quando é preciso; um pouco além apparecem acima do capim algumas cruzes que marcam as sepulturas dos habitantes. Além da familia do proprietario ha sempre nestas residencias quatro ou cinco negros e negras para o serviço, condemnados a viver neste clima, que evidentemente não é para elles, e bem differentes daquelles negros tão robustos, tão bonitos, ousarei eu dizer, que povôam as ruas da Bahia ou de Pernambuco.

Porém o que maior pena me causa na vida do estancieiro riograndense é o isolamento. De uma estancia a outra ha sempre pelo menos duas leguas, muitas vezes quatro ou mais; e entre Cachoeira e Caçapava não ha uma só povoação, por

conseguinte não ha uma egreja, não ha um médico, não ha a minima industria. A unica cousa que attenua esta solidão é a visita dos viajantes que, aliás, parecem ser numerosos, pois quasi nunca se andam duas leguas sem encontrar uma caravana de quatro ou cinco carros de mercadorias, quasi sempre parada, estando os bois que puxam os carros a pastar nas immediações.

14. — Durante a noite rebentou uma violenta tempestade com trovões e relampagos continuados e saraiva abundante. De manhã ainda a chuva continuava, e tão forte que, apesar do desejo que tinhamos de deixar á sua dôr a familia que acabava de ficar orphã, suspendemos a partida. Ao meio-dia, decidimo-nos a aproveitar uma aberta para continuar a viagem; com muito máo resultado, pois d'ahi a pouco recomeçou a chuva, ainda com maior intensidade, e quando chegámos á estancia do sr. Ricardinho estavamos completamente encharcados. Observei nesta occasião que o gaúcho para não molhar as botas, quando chove, tira-as, e, descalço, com a calça arregaçada até o joelho põe a chilena e finca o dedo grande do pé no estribo (que ás vezes é de prata !). O sr. Ricardinho, cujo appellido é Magalhães, é um bom velhotè, que diz ter feito a campanha da Cisplatina de 1811 ! Tem 14 filhos, que, segundo o uso riograndense, estão escondidos na cozinha. Fica a sua estancia a trez léguas de Caçapava.

15. — O dia annuncia-se melhor que o precedente; ao menos cessou a chuva. Tambem, a região que rodeia o Ricardinho (nome que se dá ao mesmo tempo ao proprietario e á casa) é menos triste que a que temos atravessado desde que dissemos adeus ás margens do Jacuhí: as ondulações tornam-se agora mais accentuadas e as manchas arborizadas são mais frequentes. Dentro em pouco internámo-nos num verdadeiro matto e, com a vista de algumas palmeiras e um raio de sol, podémo-nos julgar de repente transportados ás bellas paisagens de provincia do Rio de Janeiro. Mas a illusão não dura mais que um momento. Eis-nos agora a subir uma encosta escarpada, pedregosa, árida, no alto da qual nos vem bater no rosto um vento frio do Sudoeste. Ora subindo, ora descendo, vamos por um verdadeiro caminho de cabras, onde muito custa ao nosso *omnibus* seguir-nos, apesar de se lhe

ter atrelado mais um macho, quarto animal, que forma dianteira, montado por um negro de camisa encarnada. O general já se não sente seguro em tal vehículo e resolve-se a montar a cavallo.

De subito apparecem no horizonte as casas de Caçapava e não tardam a vir cavalleiros ao nosso encontro. Primeiro vem o ministro da Guerra (1), depois vários grupos de officiaes ou de auctoridades, finalmente o imperador e Augusto, seguidos da sua escolta da Guarda Nacional ornada de lanças com bandeiras bipartidas de vermelho e branco. A não ser uma grande constipação que tem o imperador, estão de bôa saude, graças a Deus. Abraçámo-nos e entrámos junctos em Caçapava; e passa-se o resto do dia a conversar da guerra, da viagem, de S. Christovam e da Europa: é um nunca acabar.

Gastei seis dias e quatro horas do Rio de Janeiro a Porto-Alegre; seis dias e vinte e duas horas de Porto-Alegre a Caçapava; e ao todo quatorze dias do Rio de Janeiro a Caçapava.

Quanto á guerra, eis aqui o que eu soube quando cheguei a Caçapava. Decididamente, os inimigos entraram em Uruguaiana, e verificou-se, por informações de prisioneiros, que dêste lado do Uruguai são 7.000 homens, na quasi totalidade bôa infantaria. Caldwell e Canabarro não têm, para lhes oppôr mais de 7.000 homens, dos quaes 2.000 de infantaria, a saber: dous batalhões de linha e dous de voluntarios: o resto é Guarda Nacional riograndense, tropa que não pode combater a pé, e não tem em compensação a grande mobilidade da cavallaria, pois que os seus cavallos não podem andar mais de trez leguas por dia. Nestas condições comprehende-se que os

---

(1) Angelo Muniz da Silva Ferraz, senador pela provincia da Bahia, que já fôra presidente do conselho de ministros de 1859 a 1861, e agora entrava, não sendo aliás militar, como ministro da Guerra no gabinete organizado pelo marquez de Olinda em Maio de 1865. Obteve demissão em Outubro de 1866 quando, após o mal succedido assalto do Curupaití, foi o marquez de Caxias nomeado commandante em chefe de todas as fôrças em operações contra o govêrno do Paraguai. Sua notavel actividade prestára importantes serviços nêsse periodo, talvez o mais crítico da guerra do Paraguai.

generaes brasileiros não tenham ousado combater e se tenham visto obrigados a deixar o inimigo atravessar o Ibicuhí e entrar em Uruguaiana. Para o esmagar estão ainda á espera da tão promettida cooperação de Flores, que ultimamente se dizia estar já em frente de Uruguaiana. Infelizmente era falso este boato, como tantos outros que têm corrido: em frente de Uruguaiana está, pelo contrario, uma divisão paraguaia de 3.000 homens, em communicação com os da margem esquerda. De Flores não ha noticias desde que saïu de Concordia (na provincia de Entre-Rios) á frente de um corpo de exercito de 6.000 homens. E' provavel que venha avançando pelo interior da provincia de Corrientes com o intúito de alcançar os Paraguaios pela retaguarda e depois atacar primeiro os da margem direita e em seguida os da esquerda. Mas não deixa de sêr da maior gravidade a sua demora, pois, enquanto elle opéra na margem direita, os Paraguaios podem continuar a avançar pela esquerda e chegar ao Estado Oriental!

Aos meus leitores europeus pode parecer inexplicavel que, após oito mezes de guerra declarada com o Paraguai, um vasto Imperio como é o Brasil não tenha reunido sinão dous batalhões de linha para a defesa da mais exposta de suas provincias. Provém esta infelicidade de várias causas, mas principalmente da necessidade em que nos vemos de defender e occupar parte do territorio das Republicas Oriental e Argentina, para conservar em nossa alliança os seus governos. De facto, ao mesmo tempo que se deixou a provincia do Rio Grande do Sul reduzida ás suas Guardas Nacionaes, ha 15.000 Brasileiros em Concordia, sob as ordens immediatas do presidente da Republica Argentina e 3.000 marcham sob as ordens de d. Venancio Flores, não fallando dos que estão a occupar varios pontos da Republica Oriental e que calcúlo não poderem ser muito menos de 10.000 homens (1). Foi sómente depois de ter o inimigo invadido a provincia do Rio Grande do Sul que se começaram a enviar para Porto-Alegre os contingentes de voluntarios (que anteriormente se iam

(1) Estes algarismos são provavelmente exaggerados, mas era impossivel nessa épocha, obter dados exactos.

accumular todos em Montevidéo), e que para marcharem de Porto-Alegre até ás margens do Uruguai gastam bastante tempo. Para completar o quadro da dispersão das fôrças brasileiras, accrescentarei que os contingentes das provincias de Goiaz, Minas-Geraes e S. Paulo são dirigidos por terra para Matto-Grosso e se acham, por conseguinte, completamente fóra do plano de campanha que se está executando no Sul (1).

16. — Caçapava é uma villa tão inferior a Cachoeira quanto é Cachoeira a Rio-Pardo, e occupa a parte mais elevada do planalto que temos vindo a atravessar durante os ultimos quatro dias e que separa o Jacuhí e o seu affluente Vacacahí do Camacuan, outro rio, que, correndo parallelamente ao Jacuhí, se vai lançar, como este, na lagoa dos Patos. Esta posição elevada e central attraïu, ao que parece, a attenção do govêrno do principe regente (mais tarde d. João VI), o qual em 1801 decretou a fundação de uma villa neste sitio. Traçaram-se, pois, certo número de ruas imaginárias bem alinhadas e fizeram-se os alicerces de uma egreja, de um theatro, de um hospital, de vários quarteis e de um forte pentagonal abaluartado. Depois vieram as guerras e revoluções, que fizeram parar as obras; além disso, o sitio, árido e frio, não convidava ninguem a vir aqui estabelecer-se; de modo que, embora de tempos a tempos se tenha tornado a pensar em pôr em execução estes projectos, hoje em dia, de todos aquelles bellos edificios só se vêm pedaços de paredes já denegridas, como pela acção do tempo, e que parecem ruinas de alguma antiga cidade. Mas, si o aspecto da villa é tão triste, a sua cinta de chácaras com pomares de laranjeiras, uns valles arborizados que se vêm mais adeante e as rochas que irrompem do solo, aqui e além, dão ao sítio aspecto quasi risonho para quem acabou de atravessar a monótona região que se extende do Passo de S. Lourenço ao Ricardinho.

Como Caçapava se não encontra no caminho directo de

---

(1) Ignorava eu então que já havia ordens de enviar para o Sul os novos contingentes da provincia de S. Paulo e que já chegara a Porto-Alegre um batalhão de Voluntarios dessa procedencia.

Porto-Alegre e Alegrete, não está lá neste momento, tropa nenhuma a não ser a escolta imperial.

Depois do almôço leva-nos o imperador, com um vento muito frio, a dar um passeio a cavallo para visitar uns pontos onde, segundo dizem, se vão levantar fortificações passageiras. Parece-me que já é tarde, ou então é cedo.

Pela tarde chega um official que veiu de Alegrete em seis dias, com correspondencia do general Caldwell. Este official confirma a tomada de Uruguaiana; mas, segundo elle, Flores está já a 12 leguas. A' noite vem correio de Porto-Alegre, com notícias do Rio de Janeiro e da Europa; mas, não sei por que mau acaso do serviço postal, não vêm cartas de S. Christovam nem de Inglaterra. Grande decepção para nós.

17. — Dia destituído de interesse. Vento forte; depois ameaça de chuva. Decididamente não é variado o clima da provincia do Rio Grande do Sul no mez de Agosto: a chuva traz o pampeiro e o pampeiro traz outra vez a chuva. Dizem-me aqui que no interior se dá ao pampeiro o nome de *minuano*, do nome de uma tribu de indígenas, que em tempo habitou na parte occidental da província.

Augusto vai á caça, mas só traz uma perdiz e um quero-quero (pequena ave que solta um grito muito alto).

18. — Temporal desfeito. Chuva torrencial e constante; nevoeiro espesso; trovões e relampagos. Dir-se-ia que se tinham ajuntado os furores de todos os climas para tornar mais bella a residencia na deliciosa Caçapava.

19. — Continúa o temporal; todavia, de tarde, amansa e permitte-me ir com Augusto «*vagar por la dehesa como unos lobos*» (recordação de Segovia), fazendo parar todos os gaúchos que encontramos para lhes perguntar si não vêm do exército.

20. — Missa na barraca levantada entre as paredes do projectado templo. O párocho é italiano e dizem que foi capellão de Garibaldi. Lê-nos uma pastoral em que o bispo determina preces públicas pelo imperador e pelo exército enquanto os inimigos estiverem na provincia.

21. — Chega um official que veiu de Concordia por Sanct'Anna do Livramento. Informa que o exército reunido

em Concordia sob o commando de d. Bartholomeu Mitre está em bôas condições e que no Estado Oriental não occorre novidade. Está bem; mas do que se passa á roda de Uruguaiana continúa a não haver notícias.

22. — Passa-se o dia como os outros. Recebem-se notícias de Bagé, destituídas de interesse. Porém eis que, já noite, ás 7 horas, apparece um correio com as tão desejadas novas das margens do Uruguai, e bôas novas! Os corpos do exército de Flores e do general argentino Paunero bateram e anniquilaram, nas alturas de Uruguaiana, os Paraguaios da margem direita em número de 4.000. Segundo estas notícias (que ainda não são officiaes) só teriam escapado 300, dos quaes 50 ficaram prisioneiros dos alliados. Quanto aos da margem esquerda, não saïram de Uruguaiana, e o general Canabarro está encarregado de vigiá-los a uma legua de distância. Logo que Flores tenha passado o rio (o que não deverá tardar) é certa a destruição immediata dos inimigos. Por cumulo de felicidade o rio Uruguai tem crescido e vai permittir que o visconde de Tamandaré suba com a sua esquadrilha a vapor e venha cooperar na derrota dos invasôres.

Deu-se a batalha a 17; veiu portanto a notícia das margens do Uruguai em menos de cinco dias; de Alegrete em trez e de S. Gabriel em 24 horas. Extraordinaria rapidez nesta terra e que nos parece fabulosa, sobretudo ao pensar que vamos, com o imperador, gastar cinco e talvez mesmo seis dias para chegar a S. Gabriel! Todas estas venturosas novas se contêm numa participação do general Canabarro, que diz ter assistido ao combate, de um alto da margem esquerda, e tê-lo ouvido contar a um dos combatentes. A victória das fôrças alliadas está, pois, fóra de toda a dúvida; para saber pormenores positivos será necessario aguardar o relatorio official de Flores. Parece incrivel, á primeira vista, que um corpo de 4.000 homens tenha quasi totalmente perecido (e no curto espaço de hora e meia). Querem alguns, sem esperar explicação, enxergar nisto crime dos generaes orientaes, que nem sempre se têm distinguido por sua generosidade para com os vencidos. Quanto a mim, prefiro, até mais amplas informações, ter melhor opinião dos nossos alliados e explicar

este morticínio pela coragem cega, ou antes, fanatismo, que por ora têm mostrado nos combates os soldados paraguaios, o que torna muito difficil conservar-lhes a vida.

Das perdas dos alliados não diz a participação uma palavra.

Por última observação direi que o còrpo de exército de Flores comprehendia cêrca de 3.000 Brasileiros; ignoro o effectivo dos contingentes argentino e oriental.

Como quer que as cousas se passassem, com a noticia da victória espalhou-se immediatamente uma alegria geral. D'ahi a pouco appareceu-nos a população da villa debaixo das janellas com o accompanhamento obrigado de uma musica, que estragava o Hymno Nacional, foguetes e vivas interminaveis: « Viva a Nação Brasileira! Viva Sua Majestade o Imperador! »

23. — Raiou finalmente o venturoso dia em que vamos dizer adeus aos pardieiros de Caçapava. De manhã cedo partiram os carros de bois; depois, ás 10 horas, a columna dos *omnibus* de duas rodas chamados *carretilhas*, que eram uns quinze. A razão por que usamos estes vehículos é a seguinte: não podendo a comitiva do imperador, por ser numerosa, alojar-se nas estancias, como eu fiz quando vim de Cachoeira, acampa-se todas as tardes. Mas parece que logo na primeira noite se reconheceu que era muito incômmodo ficar em uma barraca, e todos que puderam tractaram de arranjar uma destas carretilhas, em que a pessoa, durante a marcha, leva a sua bagagem miúda, e á noite faz uma cama e deita-se. Todas estas carretilhas estão confiadas à um destacamento da escolta; commanda-o um capitão de appellido Moraes, auxiliado por um primeiro sargento, mancebo de origem allemã muito intelligente. A maior parte são puxadas por quatro cavallos, agrupados, por meio de cordas, fóra dos varaes. Mas ao partir de Caçapava ninguem sóbe para a carretilha; até o general B. se resolve a tentar mais uma vez a equitação.

E' meio-dia quando partimos. Accompanham-nos todas as pessoas importantes da villa, incluindo o párocho. Descubro que é de Brescia (na Lombardia) e que foi, em verdade, capellão, não precisamente de Garibaldi, mas de um dos regimentos que defenderam Roma sob as suas ordens. Foi depois

da tomada de Roma que o nosso parocho teve de expatriar-se; e accrescenta elle que, sendo agora cidadão brasileiro, o seu unico desejo é exquecer para sempre a politica européa: em seguida protestos de dedicação, votos pelo feliz termo da actual guerra, etc., etc. Por fim despede-se de nós, com todos os seus parochianos, e continuamos a jornada em mais reduzida sociedade. A sociedade commensal do imperador comprehende, além de Augusto e de mim, o general marquez de Caxias (1), o general Cabral (2), o doutor Meirelles (3), o almirante De Lamare (4), o general Beaurepaire e os senhores Pinto de Mello (5) e Lisboa. Vem tambem o ministro, que traz consigo meia duzia de secretarios e empregados; e ha enfim a escolta commandada por um coronel de cavallaria chamado Pacheco, um dos heróes de Monte-Caseros. Póde comprehender ao todo cêrca de 300 homens, quasi todos extremamente moços; muitos delles fallam allemão. Vestem fardeta azul celeste, calça e képi da mesma côr; levam lanças com bandeiras vermelhas e brancas. Além do destacamento que accompanha as carretilhas, marcha outro, como batedores, adeante do imperador; o resto segue-nos formando dous esquadrões.

Marchámos nesse dia seguindo sempre a cumiada, ou, como aqui se diz, coxilha. A' direita avistávamos o fundo do valle onde corre o arroio de Sancta Barbara, affluente do Va-

---

(1) Mais tarde marechal do Exército; de Outubro de 1866 a Janeiro de 1869 commandante em chefe de todas as fôrças brasileiras no Paraguai, agraciado com o titulo de duque depois das notaveis victorias que anniquiláram a maior parte das fôrças de Lopez, presidente do Conselho de ministros e ministro da Guerra de 1856 a 1857, de 1861 a 1862 e de 1875 a principios de 1878.

(2) Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, tenente-general, agraciado logo depois desta viagem com o titulo de barão de Itapagipe; seu genio activo e alegre conquistava a amizade de todos. Falleceu em 1877.

(Ambos estes generaes tinham a qualidade de ajudantes de campo do imperador.)

(3) Doutor Joaquim Candido Soares de Meirelles, cirurgião-mór da armada, e um dos medicos da Casa Imperial, pessoa de trato sempre franco e muito agradavel.

(4) Militar distincto que nesta occasião fôra designado pelo imperador para accompanhar meu concunhado duque de Saxe, ministro da Marinha de 1862 a 1864 e de 1884 a 1885. Foi visconde de De Lamare. Falleceu em 1889.

(5) Encarregado da parte material do serviço do imperador e, nessa epocha, creio, que chefe dos Almoxarifados da Casa Imperial.

cacahí, sòbre o qual ás vezes se erguem rochedos de fórmas singulares. A' esquerda extende-se a vista pelo planalto ondulado e avistam-se as nascentes de differentes ribeiros que vão engrossar o Camaquan. A's vezes alguns bosques ou mattos vêm interromper a monotonia da planície. Até mesmo apparece algum pinheiro a alegrar os olhos com seu verde brilhante. O tempo, infelizmente brumoso e pesado, faz prever chuva para a noite ou para o dia seguinte.

A's 3 horas, hora sacramental, fazemos alto á vista da estancia de um senhor Chaves; enfileiram-se as carretilhas ao longo de um bosque e desatrelam-se os animaes. Pouco acima, a uns cem passos, armam-se as barracas da escolta; e do outro lado do bosque acampa o ministro com a sua comitiva. Jantámos ao caïr da noite numa espaçosa barraca de fórma quadrada; depois conversámos alguns instantes, sentados á roda de um fogo de bivaque. Pouco depois das 7 horas: bôa noite! cada um sobe para a sua carretilha, a que se correm as cortinas; e, quando se está de bôa saude, dorme-se optimamente, tendo tido cuidado de se deitar na diagonal, para se poder extender bem ao comprido.

25. — Dia de S. Luiz (1). Que recordações e que contraste com a situação de hoje! O temporal previsto tornou, de facto, a rebentar de noite; e que triste cousa é um temporal no meio dêstes extensos campos! Ao saïr dos carros patinha-se na agua, para qualquer lado que se volte: esta terra, virgem de toda a cultura, estes pastos naturaes, não podem absorver similhantes torrentes de chuva que, portanto, cobrem toda a superficie.

Decreta-se a partida para as 9 horas, mas «*entre dicho y hecho hay mucho trecho*» (2). Parece que uma noite de chuva inutiliza os cavallos riograndenses. Em toda a volta do acampamento e no meio delle jazem cavallos moribundos, alguns já estão mortos: dir-se-ía um campo de batalha. Quanto aos

(1) Era o dia do Sancto do nome de meu pae: dia de suéto e festa no meu tempo de criança; e na Hispanha, no palacio de San Ildefonso de la Granja, dia em que a côrte em pêso percorria os jardins no meio de numerosa assistencia para presenciar o grande jôgo das aguas, a imitar as de Versalhes.

(2) Proverbio hispanhol.

outros, assustados pelo temporal, fugiram para o fundo dos valles.

«A cavalhada disparou», phrase charaterística e única resposta que dá o coronel Pacheco quando o general Cabral lhe observa que já passou a hora que o imperador marcára para a partida, e que todas as suas barracas estão ainda armadas. *«A cavalhada disparou»*; e está tudo dicto. E' a consequencia do singular systema da cavallaria riograndense: para não gastar com sustento dos cavallos leva-se adeante trez vezes mais animaes do que se monta; e quando os cavalleiros se apeiam soltam-se todos para deixá-los pastar em liberdade até ao dia seguinte. E' portanto preciso que os soldados andem duas horas a correr atraz dos cavallos para os apanhar a laço (1).

Enfim, pelas 11 horas, começa o imperador a marcha. O marquez de Caxias, o general B. e Pinto de Mello declaram-se doentes e não saem das carretilhas; as outras pessoas da comitiva resignam-se a supportar as bátegas de agua que o céu não cessa de despejar com fúria.

Vamos sempre seguindo a coxilha. Mas o campo é mais deserto que nunca: nem siquer se vê gado, porque, acossado pelo temporal, se foi acoitar no fundo dos valles. De longe em longe avista-se atravéz do nevoeiro uma cousa que parece habitação humana: mas ao approximarmo-nos reconhecemos que é apenas uma ruína abandonada. Segundo o itinerario projectado, deviamos neste dia atravessar a vau o arroio de Sancta Bárbara e ir acampar do outro lado num sitio chamado Canhada Funda. Mas quando descémos da coxilha para nos dirigirmos para a ribeira, tão crescida a vimos que reconhecémos ser impossivel vadeá-la. Fomos, contudo, descendo e quanto mais desciamos, mais encharcada estava a terra; a chuva e o nevoeiro pareciam tambem augmentar. D'alli a pouco já ninguem sabia por onde se havia de ir, porque o capitão Moraes, unica pessoa que conhecia bem a região, tinha

---

(1) A invasão do territorio paraguaio demonstrou logo a necessidade de adoptar outro melhor systema para a alimentação da cavalhada do Exército; e a acquisição de milho e alfafa que para este fim tinham de vir de Buenos-Aires ou regiões vizinhas, tornou-se importante objecto de preoccupação para os commandantes em chefe.

ficado muito para traz com as viaturas. Houve então um momento de consternação geral, até que se descobriu, á direita, uma cousa que parecia uma casa. Para lá nos dirigimos e foi com indizivel alegria que nos apeámos e nos abrigámos da agua do céu. A casa era habitada por uma viuva e suas trez filhas, uma das quaes é casada, mas tem o marido na guerra, de sorte que estas desventuradas creaturas estão alli n'esse deserto, sem homem que as proteja. Não têm, para todas, sinão duas pobres camas e trez compartimentos a que me é impossivel dar o nome de quartos. Em um delles estão pendurados de cordas, em todo o comprimento, pedaços de um boi morto na véspera. Como é o mais espaçoso, nelle nos alojámos, á espera de que a chegada dos carros nos permitta mudar de botas e cada um se põe a fazer considerações mais ou menos philosophicas sôbre o resultado pouco brilhante da jornada.

São 2 horas. A's 4 apparecem os carros tão ardentemente desejados; mas ai ! si as pernas vão ter com que se enxuguem, os estomagos ficam logrados. O carro que trazia o jantar quebrou-se e todos os alimentos se espalharam pelo charco. Temos, pois, de acceitar com reconhecimento a carne de vacca meio assada que a dona da casa nos traz espetada num pau (ao que parece, ella não tem pratos). O general Cabral apodera-se delle e, arvorando-se «maître d'hôtel», vai distribuindo os boccados que vai cortando com uma faca. A operação póde ser suja; mas, realmente, o sabor é excellente. Esta carne de vacca assada chama-se nesta região *churrasco*. E' o recurso universal na provincia do Rio Grande do Sul. As tropas que a atravessam tão pouco se munem de provisões para si como para os seus cavallos: têm a certeza de por toda a parte encontrar bois por preço insignificante. Todas as tardes, depois de acampar, se arrebanham estes animaes nos pastos. Para este fim os cavalleiros lhes atiram bolas e os arrastam com o laço para longe; logo que o animal cai, exhausto da lucta, matam-no com uma faca que lhe cravam no pescoço (1). Com

(1) O jôgo de bolas compõe-se de trez bolas de chumbo ou pedra cobertas de couro e reunidas entre si por correias ou cordas. O homem segura nas mãos uma das bolas, faz voltear acima de sua cabeça as duas outras e

a mesma faca o esfolam e esquartejam immediatamente; tudo se faz com fabulosa rapidez: é o que em linguagem rio-grandense se chama *carnear* (1). Um quarto de hora depois, estão os pedaços de boi cravados em espetos verticaes, que se chamam *sargentos*, por cima de todas as fogueiras do campo. Mas ás vezes o boi, estando já laçado debate-se vivamente, arrasta por algum tempo o cavalleiro que o conduz e torna-se então muito perigoso. Hoje um dêstes desgraçados animaes foi bater contra a carretilha de Augusto, a que se acabavam de tirar os cavallos e com uma chifrada virou-a, de sorte que a lança ficou a prumo: contratempo de nova especie. Por fim lá a endireitaram; felizmente não se partiu nada. Mal se descarregaram as carretilhas, corre cada um a metter-se na sua, despir a roupa encharcada e, como dizem os Inglezes «*make himself snug for the night*».

26. — Dia tambem de recordações, mas de outra ordem (2) ! O dia apresenta-se com melhor apparencia que na véspera. Ao temporal succedeu o «*scotch mist*» (3). Mas é impossivel arredar pé d'aquï. Em primeiro logar, não é como no dia antecedente — «*a cavalhada disparou*», — mas «*a cavalhada morreu toda*». De facto, parece que a chuva continuada fez terrivel mortandade nos cavallos da escolta; em summa, a escolta acha-se, na maior parte, a pé, até que se mande vir nova cavalhada, de Caçapava ou de outra parte. Não é, todavia, grande a infelicidade, pois certamente o arroio não baixou durante a noite, de modo que, ou com cavallos ou sem elles, nos achámos forçosamente immobilizados.

---

lança tudo com tanta habilidade, que as bolas vão envolver-se no pescoço ou, melhor ainda, nas pernas do animal, que assim se acha impedido de proseguir na fuga e é facilmente alcançado pelo laço, e arrastado. Para conseguir-se tal resultado é preciso toda a habilidade que o gaúcho rio-grandense adquire pela práctica desde a infancia.

(1) Durante meu commando no Paraguai ouvi por acaso uns soldados, que tinham de matar um boi, perguntar um ao outro: «Como vamos carneá-lo ? á infantaria ou á cavallaria ?» dando assim a entender que havia para esta operação dous systemas diversos. Infelizmente, não pude saber qual a differença.

(2) Dia anniversario da morte de meu avô o rei Luiz Philippe, em 1850, no castello de Claremont, em Inglaterra, facto que eu tenho sempre presente á mente, lembrando-me bem ter sido na vespera, com outros 12 netos, abençoado por elle.

(3) Garôa á moda da Escossia.

Passa-se o dia nas carretilhas; almoça-se churrasco, porque das carretas que trazem a cozinha e os cozinheiros não ha vestigio: devo observar que, nesta região, si a chuva faz adoecer os homens e morrer os cavallos, tambem torna os bois incapazes de puxar. Para o jantar a bôa dona da casa encontra meio de accrescentar ao churrasco uma gallinha cozida e uma tigela de pirão, massa de farinha de mandioca, sem sal, que eu acho sensabor, mas que o imperador declara deliciosa. Quanto á sôbre-mesa, é de inesperado esplendor: em primeiro logar um correio chegado de Caçapava traz ao doutor Meirelles uma caixa de merengues: diz-se, gracejando, que é presente das senhoras de Caçapava; depois, pouco a pouco, descobre-se uma caixa de goiabada e outra de marmelada; por fim o coronel Pacheco até apresenta café, que vem fazer agradavel diversão ao perpétuo sorver do mate. Mas, no meio de todas estas delícias, o pão só em rações minimas apparece.

Recebem-se notícias de Porto-Alegre, de 17; mas do Rio e da Europa continuámos a não ter nenhumas.

Ao anoitecer recomeça a chuva com intensidade: reconheço com tristeza que ainda esta noite não baixarão as aguas do arroio de Sancta Barbara.

27. — Graças a Deus cessou a chuva a 1 hora da madrugada. Perto das 8 horas tivemos a alegria de tornar a ver o sol, e ás 9 puzemo-nos a caminho para o arroio. Não se sabia bem si seria possivel atravessar: as informações eram contradictorias. Mas, si não pudessemos passar, acampariamos ao pé. D'alli a uma hora tivemos a felicidade de atravessar sem embaraço o famoso arroio. A correnteza era forte, mas a agua sómente chegava á barriga dos cavallos e a largura era apenas de 10 metros. 300 passos adeante acampámos num cabeço sêcco e pedregoso, porque, decididamente, os cavallos da escolta já não eram em numero sufficiente, sendo preciso esperar que se lhes reunissem outros.

Era pena perder-se para a marcha tão bonito dia: mas tivemos satisfacção em apanhar sol e extender as nossas roupas nas pedras para enxugá-las, já não fallando do prazer

de voltar á alimentação da vida civilizada, porque os carros de bois appareceram finalmente.

Para ainda mais alegrar-nos, chegou um correio de São Gabriel; trazia officios do general Caldwell, commandante em chefe interino das tropas da provincia, datados de 18, do acampamento fronteiro a Uruguaiana. Confirmavam a victoria alcançada por Flores no dia 17 no logar chamado Restauración, e davam mais pormenores sôbre o combate. Parece que os inimigos tinham tomado posição na confluencia do Uruguai com um riacho chamado Jatahí e que ficaram portanto apertados entre os dous cursos de agua, de modo que os poucos que escaparam tiveram de passar a nado ou em botes para uma ilha proxima. Quanto á sua fôrça da margem esquerda, que continúa em Uruguaiana, a julgar pelo que referira um dos seus, passado para o nosso acampamento, parece estar já luctando com falta de subsistencia e já não ter bois. Ha quem espere que, por este facto, se renda essa fôrça sem que tenha de se disparar um tiro. Da esquadrilha do visconde de Tamandaré não ha nada de novo.

De tarde andámos a passear pelas alturas que dominam a margem esquerda do arroio. Vêm-se alli algumas rochas que representam formas pittorescas: são provavelmente blocos erráticos. Estas pequenas collinas são sulcadas por torrentes e em alguns pontos revestidas de arvores e arbustos: no verão não deixará este sitio de ser alegre.

28. — Partida ás 9 horas. Feia terra: campos pedregosos; ausencia de arvoredo; rarissimas habitações. Esta falta de vegetação teve ao menos a vantagem de nos fazer ganhar terreno; porque, durante quasi duas horas, caminhámos com esperança continuada de descobrir algum matto, que nos désse o combustivel necessario para assar o churrasco. Porém nada se via, absolutamente nada: sómente a solidão interminavel, lugubremente semeada de ossadas de bois cuidadosamente limpas pelos urubús, caracarás e outros volateis da mesma familia. Tive a principio receio que tivessemos de aquecer o jantar com estrabo, ou cousa parecida. Por fim avistámos á esquerda restos de uma casa e ao pé um potreiro assaz extenso, cuja cêrca escangalhada nos promettia madeira

velha em abundancia. Alli fomos acampar. Eram quasi 4 horas.

A' noite o tempo, que todo o dia estivera a ameaçar chuva, tornou-se desagradavelmente frio.

29. — Como a escolta não pode fazer dous dias seguidos marchas como a da véspera, acampámos antes das 11 horas da manhã ao pé da estancia de um senhor Ferreira Marinheiro, que, segundo parece, está na guerra, de maneira que a sua habitação se acha entregue a trez negros velhos. Ha uma pequena chacara plantada de pecegueiros, agora cobertos de flores côr de rosa. Desde Caçapava estas arvores substituem, á roda das casas, as laranjeiras, que desappareceram de todo.

Para aproveitar a tarde, Augusto vai á caça e traz umas 20 rôlas e codornizes grandes. Porém o mais interessante do dia é a chegada de uma carta que Flores dirige ao imperador. Nesta carta, assignada «*De V. M. I. el mejor y mas leal amigo Venancio Flores*», e referendada por *Julio de Herrera*, o chefe provisório da Republica Oriental refere, em termos muito simples, a batalha do dia 17, felicita o imperador pelo procedimento dos batalhões brasileiros, que «*se han portado con bizarria y honor de que pueden justamente enorgullecerse*»; pede-lhe uma conferencia e annuncia-lhe que desde já lhe envia o seu secretário geral e o seu primeiro ajudante de campo, encarregados de entregar ao imperador uma das quatro bandeiras paraguaias, que no dia 17 caïram nas mãos dos alliados. Por fim, e é o mais importante, a carta vem pôr termo á cruel dúvida em que ainda nos encontrávamos a respeito da sorte dos inimigos vencidos: não são só 40, como se dizia, os prisioneiros que se encontram em poder dos alliados, porém 1.200. Tanto melhor para a humanidade e para a honra dos exercitos alliados.

Entenderamos nós que os enviados orientaes tinham achado mais cômmodo esperar o imperador em S. Gabriel; mas de repente, depois do jantar, pelas cinco horas, espalha-se a notícia de que «lá vem a missão castelhana». E' preciso saber que para o Riograndense o hispano-americano, seu vizinho, é ainda «castelhano» como no tempo em que Alexandre VI dividiu o mundo entre as duas corôas de Portugal e

Castella. De facto avistava-se no horizonte um grupo de cavalleiros. Esperámo-los tranquillamente, fazendo, com o auxílio dos binóculos, mil conjecturas a seu respeito. Mas quando um tenente da Guarda Nacional, que tinha ido ver, annunciou que effectivamente vinha entre elles um official oriental, o general Cabral, sempre zeloso da dignidade do throno, pediu ao imperador que entrassemos na casa, porque se não coadunava com as suas idéas de etiqueta que o imperador recebesse em pleno campo o enviado de uma nação extrangeira. Enquanto o imperador accedia, sorrindo, Cabral não se exquecia de tirar o barretinho de seda preta que trazia por baixo do chapéu, « para não parecer padre », dizia elle; e de todo o acampamento affluiam soldados, carreiros e criados para serem os primeiros a avistar o extrangeiro. Bem pouco satisfeita ficou esta universal curiosidade. Que foi que se viu? Um velhinho de physionomia pouco militar, apesar de um comprido bigode branco, e vestido pouco mais ou menos como um official da Guarda Nacional brasileira: farda azul escura com gola e canhões encarnados, képi tambem azul escuro; á cinta uma banda de seda encarnada. Tudo, até os trez galões que indicavam o posto no canhão da manga, era de modêlo brasileiro. A unica differença era que nos botões brilhava o emblema republicano da espada nua com um barrete phrygio em cima. Era o coronel don Bernabé Magariños, primeiro ajudante de campo de Flores. Introduzido pelo general Cabral, começa o coronel a declamar deante do imperador, em tom pomposo, um discurso muito comprido, que evidentemente trazia de cór, em que se repetem as palavras *« Vuestra Magestad »* e *« homenaje de respeto »* e que elle termina pedindo ao imperador que conte *« siempre con la lealtad del pueblo oriental que ve en Vuestra Magestad Imperial el mas firme baluarte de su libertad »*. A *lealtad* é talvez discutivel; mas a última asserção não é destituida de verdade e significa, em mais claros termos, que, sem o apoio moral e material do Brasil, o govêrno *colorado* seria expulso de Montevidéo.

Respondeu o imperador a este discurso muito laconicamente, conforme seu costume; em seguida entabolou conversação familiarmente, depois de ter feito o Oriental a cada

um dos presentes um cumprimento cheio de *«formalidad»*. O coronel tinha pronunciado o discurso em hispanhol, porém, logo mostrou que era senhor da lingua portugueza. Passámos o serão a interrogá-lo acêrca da sua viagem e sobretudo a ouvir delle os pormenores do famoso combate de Restauración; e, graças á sua facúndia prolongou-se a conversa, muito excepcionalmente, até á hora adeantada das nove. Este Castelhano não é, evidentemente, um republicano energumeno: demora-se complacentemente a referir que seu pai era europeu e foi ministro de sua majestade catholica no Rio de Janeiro; que seu ermão foi depois ministro da Republica Oriental no Rio; que elle proprio foi educado na Europa, é casado com uma Brasileira, e trez sobrinhas suas casaram com Brasileiros. Uma dellas é a senhora dona Angela de Sousa Leão, a belleza pernambucana (1).

Quanto a notícias da guerra, eis o que de mais interessante pude colher da conversação do coronel. Decididamente os Paraguaios não eram, em Restauración, mais de 3.500 e sem artilharia; os alliados eram, ao que dizem, 10.000; de modo que, si o triumpho não é, por isso, menos vantajoso, não pode entretanto passar por um feito de armas heroico (2). Occupavam os inimigos uma altura onde fica a povoação de Restauración, entre o Uruguai e o Jatahí; mas quando viram avançar contra elles os alliados, abandonaram loucamente aquella posição para descerem ao seu encontro. Nas fôrças alliadas os Orientaes estavam á direita, os Brasileiros no centro e os Argentinos, á esquerda. Houve fogo de infantaria

---

(1) Esta distincta senhora e seu marido, então presidente da provincia de Pernambuco, ahi nos recebêram com a maior amabilidade quando eu e meu primo, e futuro concunhado, tocámos no Recife, vindo pela primeira vez ao Brasil em Agosto de 1864. Domingos de Sousa Leão foi mais tarde barão de Villa-Bella e ministro dos Negocios Extrangeiros em 1878. Tive em Paris as melhores relações com seu genro dr. A. de Sequeira que fôra deputado durante a mesma situação liberal e infelizmente falleceu na Suissa em fins de 1917, deixando uma filha ahi casada.

(2) Depois de ter visto, em frente de Uruguaiana o exército commandado por Flores, posso affirmar que o seu effectivo não attingia o numero de 6.000 homens. De tudo o que nos referiu o bom coronel Magariños devo deixar-lhe a responsabilidade. Accrescentarei porém que não vi apparecer nenhuma outra informação que permittisse pôr em duvida os pormenores de sua narração.

durante meia hora; em seguida uma carga de baioneta, ante a qual o centro paraguaio cedeu completamente; e cada ala fez conversão, de sorte que, continuando a fazer fogo, attingiam-se uma a outra por cima dos alliados, que lhes tinham rompido o centro. Estes por sua vez, fazendo frente de cada lado, acabaram o desbarato das duas alas. Uma dellas, que tentou chegar ao Jatahí, foi completamente envolvida pela cavallaria argentina: só os restos da outra se salvaram; alcançando o Uruguai, lançaram-se ao rio e, uns a nado, outros em botes, puzeram-se a salvo numa ilha, donde foram junctar-se aos Paraguaios que estão em Uruguaiana. Confirma o testimunho do sr. Magariños o que já se dizia da coragem heroica dos Paraguaios: quasi todos preferem deixar-se matar a render-se, porque, dizem elles, o seu «*Supremo gobierno*» assim lh'o ordena. Alguns soldados de cavallaria, apeados, desarmados, procuravam ainda defender-se, fazendo rodopiar á roda da cabeça as bolas que cada um levava pendentes da sella. Depois da victoria, Flores, tendo descoberto um delles debaixo de um carro, ordenou que o poupassem; mas no mesmo instante, o miseravel apontou a arma ao general; foi pois preciso tirar-lhe a vida. Em compensação, outros, ao que parece, julgam escapar á macula de desobediencia atirando fóra as armas e dizendo ao mesmo tempo: «*No me riendo*». Entre os 1.200 prisioneiros encontra-se o chefe que commandava a divisão, chamado Duarte. Flores offereceu-lhe dinheiro e cavallos para voltar para o Paraguai e levar a notícia da sua derrota; mas Duarte recusou absolutamente, dizendo que tinha a certeza de que o fuzilariam. Foi portanto mandado ao presidente da Republica Argentina, generalissimo. Quando na véspera soubera que se approximavam os alliados em número superior, Duarte communicara-o ao general da margem esquerda, pedindo-lhe permissão para passar o Uruguai, a fim de pôr as suas fôrças ém segurança; porém recebera, em resposta, ordem de combater. Este general da margem esquerda que commanda os 7.000 homens encerrados em Uruguaiana chama-se Estigarribia. Com elle está o unico capellão dessa parte do exército paraguaio; parece ser pessoa importante; todas as vezes que o general manda relatorio ao ministro da Guerra, este padre envia também um relatorio ao

bispo de Assumpção. Suppõe-se que tem por missão animar os soldados a resistir até á morte, incutindo-lhes doutrinas mais ou menos conformes com o Christianismo.

O general Caldwell enviou, por um prisioneiro, ao commandante paraguaio proposta de lhe garantir a vida a elle e a todos os seus, si entregasse a cidade e depuzesse as armas dentro em 24 horas; ainda se não sabe a resposta.

Quanto a trophéus da victoria, trouxe o sr. Magariños, além da bandeira, uma reles carabina de pederneira e um par de bolas paraguaias. As bolas são de madeira, coberta de coiro; têm duas vezes a grossura do punho; são muito maiores que as bolas de que usam os gaúchos brasileiros, e que são quasi sempre de metal ou de pedra. Quanto á bandeira, compõe-se de trez faixas horizontaes, azul, branca e vermelha. Na faixa branca é costume bordarem-se as armas do Paraguai; mas tinham sido tiradas da bandeira que trouxe o sr. Magariños.

30. — Geada, seguida de um dia sem nuvens e quasi quente, e justamente dia de Sancta Rosa, advogada contra o pampeiro. Partida ás 8 horas, porque está decidido que se vão transpôr as seis leguas que ainda nos separam de S. Gabriel. De facto, a chegada do official oriental tem mais de uma vantagem. Si, por um lado, nos proporciona um companheiro de jornada, cujas narrativas distráem da monotonia desta planície, por outro lado a presença de um extrangeiro exalta o amor proprio nacional e parece tornar mais ageis os homens e os cavallos. Até o ministro, árbitro dos nossos destinos, vai animado de um ardor desconhecido, desde que ao seu espirito politico luziu uma conferência com o chefe da Republica Oriental. Tudo faz, pois, esperar que de futuro nos moveremos com mais rapidez.

Acha-se a nossa gente accrescida da escolta oriental de d. Bernabé Magariños. Compõe-se ella de seis homens, cujas caras barbudas e tisnadas, com boinas escarlates similhantes ás dos bascos hispanhoes e trajo irregular, menos parecem de militares que de bandidos de melodrama. A' frente delles marcha um mancebo louro, cujo képi encarnado tem a inscripção *Ejército Oriental* a fio de ouro; embora nunca largue

da mão uma lança, parece que é alferes. Quando marcham atraz de nós, apertados uns contra os outros, a sua feroz expressão contrasta com a amabilidade do coronel, e parece dizer-nos: — «Somos apenas seis, mas bastamos nós para a segurança do nosso chefe». Quanto ao outro enviado oriental, ficou enfermo em S. Gabriel em consequencia de ter caïdo do cavallo.

Descendo pouco a pouco o planalto, que continúa a ser árido, vamos fazer uma longa parada e almoçar nas margens do Salso, pequeno affluente do Vacacahí, que rola as suas aguas entre arvores e que se transpõe em uma pessima ponte de madeira. Depois atravessamos a planície ondulada, no meio da qual se eleva S. Gabriel, numa pequena eminencia banhada pelo Vacacahí. E' sempre a mesma cultura, ou antes, a mesma ausencia de cultura: apenas se vêm estreitas faixas de vegetação marcando o curso dos differentes riachos que, perpendicularmente á linha que seguimos, se dirigem para o Vacacahí. Foi aqui que, pela primeira vez, se me depararam emas a pastar em liberdade. Estavam em nossa frente, a uns cem passos, mas os nossos cães logo as puzeram em fuga.

A certa distancia da cidade vimos vir ao encontro do imperador o general Bittencourt (1), que commanda em São Gabriel, accompanhado de numerosa officialidade. Depois, logo que pudemos distinguir as casas, vimos elevar-se o fumo dos foguetes, apesar de ainda ser dia claro; enquanto nos approximávamos, desappareceu o sol radiante por detraz dos edificios da cidade. Ao pé de S. Gabriel tem de se passar o Vacacahí em barca. Felizmente a sua largura não passa de metade da do Jacuhí no Passo de S. Lourenço, de modo que a operação não é tão enfadonha. Do outro lado subimos a pé.

Camara Municipal, discursos, «Viva Sua Majestade o Imperador!», foguetes continuados, visita á egreja, «*Salvum fac Imperatorem*», etc., etc. Terminadas todas as ceremonias achámo-nos esplendidamente installados na espaçosa casa do sr. Pinto, que está ausente, na guerra: segundo entendo, alguns amigos seus fazem por elle as honras da casa. Mal tocámos no

---

(1) Francisco Maria da Silva Bittencourt.

jantar e fomo-nos deitar todos com o maior prazer. Desde a casa do sr. Euphrasio não tinhámos desfructado hospitalidade tão grandiosa. Havia mais de seis dias que saïramos de Caçapava.

A' noite chegaram officios do Exército acampado em frente de Uruguaiana, com data de 25. A resposta de Estigarribia á proposta de rendição era negativa, digna, mas altiva: defender-se-ia, dizia elle, até á última extremidade, porque a palavra rendição não existia nas instrucções que do presidente recebera. Vai portanto ser preciso cercar Uruguaiana, que o inimigo está pondo activamente em estado de defesa. E' impossivel prever, d'onde estamos, quanto podera durar esta operação. Porventura chegaremos nós ainda a tempo de assistir ao combate final? Esta idéa a todos augmenta o desejo de ir depressa.

Flores tinha passado o rio, e com elle os batalhões brasileiros de seu commando, e conferenciado com o novo general em chefe brasileiro, o tenente general barão de Porto-Alegre (1). Quanto ao general Caldwell, que acaba de entregar o commando com honrosa abnegação, limita-se a pedir ao ministro que lhe permitta ficar no Exército como particular até ao dia de combate.

31. — S. Gabriel é uma cidade relativamente nova e deve a origem ás concentrações de tropas, que frequentemente se faziam nestes sítios para as campanhas denominadas da Cisplatina de 1811 a 1828. Apesar de seu titulo de cidade, não o parece ser, com as suas casas quasi todas baixas, disseminadas em grande extensão no meio de campos cultivados ou de recantos hervosos similhantes aos «*greens*» das aldeias inglezas. Todavia, observando bem, reconhece-se que é o mais importante fóco de civilização encontrado desde que nos afastámos das margens da lagoa dos Patos. De facto, depois de ter sido centro de movimentos militares, S. Gabriel tornou-se

---

(1) Manoel Marques de Souza, nesta epocha tenente-general reformado; mais tarde conde de Porto-Alegre. Commandára a Divisão Brasileira que a 3 de Fevereiro na batalha de Monte-Caseros, ás portas de Buenos-Aires, brilhantemente desbaratou as fôrças do dictador Rosas. Commandou até 1868 o 2º corpo do Exército em operações no Paraguai.

grande centro de commercio de gado, e tem crescido rapidamente, sobretudo desde o fim da guerra civil. Sem fallar de dous jornaes que se publicam regularmente, *O Liberal* e *O Echo Gabrielense*, vêm-se nas suas ruas não calçadas muitos estabelecimentos de venda muito bem sortidos, e o que pelas janellas baixas se póde ver, ao passar, do interior das casas particulares mostra que em todas ellas domina o asseio e certo confôrto.

Mas não são bazares bem sortidos nem salas elegantemente mobiliadas que agora nos attrahem em S. Gabriel. Logo ás 7 horas começa o imperador, segundo costuma, a sua visita aos estabelecimentos militares, que são: dous armazens cheios de differentes peças de uniforme e de armamento, recentemente chegados de Porto-Alegre, e ainda encaixotados; um enorme quartel, do qual dous lados estão já em ruinas e os dous outros ameaçam segui-los logo que começarem as chuvas; e por fim um hospital cedido ao govêrno por uma «Sancta Casa» e muito bom, como todos os estabelecimentos dêste genero que se sustentam da caridade particular. Contém apenas uns 20 doentes e tem umas poucas de salas vazias, em que ficarão perfeitamente bem accommodados os doentes que de certo vão trazer os batalhões de voluntarios do Norte actualmente em marcha de Porto-Alegre para cá. Por ora não tem S. Gabriel sinão a sua pequena guarnição de 250 homens de Guarda Nacional, que estão porém bem equipados, devo até dizer, vistosamente equipados: farda azul, golla amarella e canhões verdes! Parece que se vai organizar um corpo de voluntarios a cavallo, mas por ora só se vêm os officiaes passar montados pelas ruas de S. Gabriel, com jaquetas escarlates e os chapéus tambem enfeitados com uma fita escarlate.

De tarde foi o imperador visitar o barão de S. Gabriel (1). E' o general que no principio da actual guerra commandou a invasão do Estado Oriental e tomou Paisandú, cooperando com Flores e com o visconde de Tamandaré. Mas o infeliz general adquiriu na campanha a thisica, que o vai lentamente consumindo; já se não póde erguer do leito, juncto

(1) João Propicio Menna Barreto, marechal de campo; falleceu em São Gabriel, em 9 de Fevereiro de 1867.

do qual vimos a baroneza, duas ermãs desta e cinco filhos, o mais velho dos quaes ainda não tem cinco annos.

A novidade interessante do dia foi o encontro de trez prisioneiros paraguaios que estão em S. Gabriel: são um tenente e dous soldados. Vimos primeiro estes: estavam ambos descalços, com a blusa de lã encarnada e as calças de linho brancas, que formam, ao que elles dizem, com uma barretina de couro ou de panno, todo o uniforme dos soldados paraguaios; mas o seu aspecto mostrava notavel differença. Um, direito como uma estaca, a cabeça levantada e os pés junctos, tinha verdadeiramente porte de antigo militar. Embora fallasse correctamente hispanhol, ás perguntas que lhe dirigiam só respondia o que era indispensavel. Era um homem bonito, evidentemente de raça mixtiça. Pelo contrario, o outro prisioneiro, branco, de pequena estatura, á falta de presença militar, revelava muito mais intelligencia e empenho em explicar a propria situação. A sua primeira declaração foi que não era paraguaio: era argentino da provincia de Corrientes, e os paraguaios, quando occuparam a sua aldeia, tinham-no alistado á fôrça nas suas tropas, como haviam feito a todos os que lhes tinham caïdo nas mãos. Depois fôra aprisionado pelos Brasileiros e comprehende-se bem que não deixasse de declarar que muito mais lhe convinha este segundo captiveiro que o outro.

No seu companheiro paraguaio, ao contrário, havia evidentemente certa altivez militar que o impedia de se confessar satisfeito, estando prisioneiro. Quando o imperador lhe perguntou si estava satisfeito com o modo por que era tractado, limitou-se a responder, com pronúncia muito similhante á andaluza, posto que muito lenta:

— *Zi, Zeñor; me tratan bien.*

— *Entonces* — perguntei eu — *está usted contente aqui?*

— *Aqui, zeñor..., estoy zujeto* (*sujeto*).

Havia na reticencia desta resposta uma delicadeza de sentimento, que eu não esperava de tal homem. Era evidentemente um individuo muito ignorante, muito barbaro, para que delle esperassemos tirar as informações que tanto desejavamos

obter acêrca das instituições do Paraguai, esse famoso Japão do Novo Mundo (1). Declarava que nunca tinha estado em Assumpção, a não ser de passagem, e quando se lhe perguntava de que parte do paiz era, si do Norte ou do Sul, parecia não entender, sómente sabia que era «*de la campaña de la banda del Paraná*». O que, em compensação, elle sabia muito bem, era que ha 20 annos era soldado, nunca recebera *pret* nem calçado! Reservando para o tenente as nossas perguntas relativas á administração, limitámo-nos a ouvi-lo referir o seu aprisionamento. Pertencia ao corpo da margem direita do Uruguai (depois destruído em Restauración) e fôra por Duarte mandado accompanhar, com um sargento e mais trez soldados, o mesmo tenente, que ia levar uma communicação a Estigarribia. Tinham atravessado o Uruguai num bote e iam atravessando o Ibicuhí, quando viram um destacamento brasileiro. O tenente declarou logo que se ia render, preferindo isso a ser mettido a pique; o sargento, mais fiel cumpridor das ordens recebidas, não foi da mesma opinião e ameaçou ao superior de matá-lo si persistisse em seu intento; por unica resposta, o tenente disparou-lhe um tiro de revolver na cabeça e matou-o, dirigindo o bote para os Brasileiros. Mas, dos cinco individuos só trez ficaram prisioneiros; um dos restantes logrou evadir-se, o outro afogou-se no rio. Tal foi a narrativa do soldado prisioneiro, que ingenuamente accrescentou, como para justificar a tragica dissenção entre o official e o sargento, que estes eram primos.

Saí um instante com Augusto para ver as lojas em São Gabriel. Ao voltar, encontrámos o official paraguaio, que se chama d. José Romero, sentado defronte do imperador e do ministro. E' um moço bem apessoado, é que na Hispanha se chamaria «*un muchacho muy guapo, hasta simpático*», de barba loura cuidadosamente penteada e sorriso quasi constante, Declara ter 36 annos, mas apparenta muito menos. Veste farda

---

(1) Foi só em 1868 que o Japão auctorizou o commércio com os extrangeiros depois da revolução que restaurára a auctoridade tradicional do Mikado supprimindo a dos Shoguns, que constituiam uma espécie de dynastia de regentes perpétuos á similhança dos antigos « maires du palais » da Historia franceza.

de panno azul-claro com golla e canhões escarlates e botões amarellos lisos; calça tambem azul com lista escarlate. Completava o uniforme, segundo elle diz, uma barretina de couro tronco-conica pintada com as côres paraguaias; mas, por ora substituida pelo prosaico chapéu de feltro cinzento.

O imperador esteve muito tempo a conversar com este official; ou antes, exforçou-se por conversar; mas esta conversação veiu destruir inteiramente a opinião favoravel que eu, por sua elegante apparencia, delle formára. Parecia que um extremo desejo de ser agradavel, que evidentemente degenerava em receio, concorria para lhe paralysar a lingua; porém, admittindo mesmo esta supposição, não se podia deixar de reconhecer que a sua intelligencia era assaz limitada e que era completamente destituido de instrucção. Contudo dizia ter estudado latim, pois que, segundo a sua historia (bem curiosa como exemplo das instituições paraguaias), até a edade de 25 annos se destinara a receber ordens. De repente (foi em 1854) o recrutamento veiu pôr termo a este projecto. Quatorze dias depois de lhe terem sentado praça, foi promovido a cabo e conservou-se nesta classe durante cinco annos, até que lhe foi permittido deixar o serviço militar. Restituido á liberdade, entrou a commerciar (não sei bem em quê), o que o levou a residir algum tempo em Buenos-Aires; casou, e sua mulher está agora em Assumpção. Porém, no último anno (certamente já o govêrno se estava preparando para a guerra), o Estado lançou outra vez mão delle e, tornando a ser cabo, o foi desta vez durante um anno. Só nos dous ultimos mezes é que foi rapidamente promovido a sargento, alferes e por fim tenente. Porque o foi, não sabe elle dizer. Ainda mais singular é o caso de um dos seus tios, que, sendo juiz e governador de não sei que departamento, acaba de ser espoliado dêstes cargos e obrigado ao serviço militar, na edade de 46 annos, e actualmente nutre a lisonjeira esperança de brevemente ser graduado cabo!

Como disse, ficámos logrados na esperança de tirar do nosso interlocutor informações exactas sôbre a organização da administração e do exército no Paraguai. Era evidente que nunca elle tinha pensado em ter os menores conhecimentos

geraes a tal respeito, nem a respeito de cousa nenhuma. Do número e distribuição das fôrças paraguaias nada sabe, do seu plano de campanha ainda menos. Apenas ouviu dizer que o fim da guerra era defender a independencia da Republica Oriental, alliada do Paraguai, contra os ataques do Brasil. Julga que no exército paraguaio não ha officiaes europeus, excepto dous inglezes empregados no arsenal de Assumpção.

Sem embargo da incoherencia das idéas do tenente, deduziam-se, ainda assim, da sua conversação algumas cousas sôbre as quaes elle era muito explícito; uma dellas é que, de todas as suas tropas, o govêrno paraguaio não paga sinão ás que estão em Assumpção; nas guarnições de fóra da Capital, a que pertencia o nosso interlocutor, nem officiaes nem soldados recebem nunca soldo algum; o mesmo succede aos que andam em campanha, systema que simplifica consideravelmente as questões de finanças. Outra cousa mais singular é a parcimonia com que se dão graduações e postos no exército paraguaio. Parece que as companhias são realmente de 100 homens e os regimentos de fôrça proporcionada, mas uma companhia é commandada por um sargento, um batalhão por um tenente, um regimento por um capitão; e este senhor Duarte que commandava a divisão anniquilada em Restauración é apenas major. Confesso não comprehender a vantagem dessa nomenclatura, tão differente da que está em uso em todas as nações civilizadas ou que pretendem sê-lo; desde que nenhum posto dá direito a soldo, nem siquer vantagem economica lhe posso encontrar.

Ia-me exquecendo dizer uma cousa que muito bem sabe o nosso prisioneiro: é que, pelo facto de se ter deixado aprisionar, é agora para o seu govêrno um grande criminoso. Quando o imperador lhe perguntou si desejava regressar ao seu paiz, a physionomia, ordinariamente risonha, tornou-se-lhe logo sombria, e respondeu, com voz apavorada, que si o queriam para lá mandar, era melhor morto do que vivo, pois tinha a certeza de que lhe fariam soffrer algum cruel supplício.

Havia um ponto da pretendida organização do exército paraguaio que, mais que nenhum outro, nos excitava a curio-

sidade: era a famosa influencia do capellão e as singulares doutrinas que, segundo se dizia, elle ensinava aos soldados. Parecia que um homem que tinha estudado para padre devia estar ao facto disto. Não era assim: tudo que nos poude dizer é que todos os domingos o exército ouve missa e tambem uma práctica em hispanhol e outra em guaraní (idioma indigena que é a lingua natural dos Paraguaios). Não foi capaz de dizer de que tractam estas prácticas; e não me atrevi a perguntar-lhe, por mais que o desejasse, si nellas realmente se promette aos soldados «que hão-de resuscitar em Assumpção». Passei a pedir exclarecimentos a respeito do bispo e perguntei si fôra Lopez que por sua auctoridade o nomeára.

«—*No; lo mandó a Europa para consagrar.*

—*A Roma?*

—*Creo que si.*»

Foi esta idéa para mim inteiramente nova, pois que, pelas notícias dos viajantes, eu tinha supposto que os Lopez, como Soulouque, no Haití, tinham impôsto ao seu povo uma religião a seu gôsto; em summa, que o clero paraguaio era, pelo menos, schismatico. Em todo o caso, si o é, não o deixa suspeitar ás suas ovelhas, pois, quando eu repliquei: —*Pues, francamente, yo creia que ustedes no reconocian al Papa*», o nosso interlocutor sorriu, como si tivesse ouvido expressar uma idéa absurda.

Querendo levá-lo para terreno que lhe fôsse mais familiar, o imperador terminou a conferencia fazendo-lhe perguntas sôbre a lingua indigena e apurou-se que, com excepção de muito poucos termos que differem, o guaraní paraguaio e o guaraní brasileiro são idiomas identicos.

Naquelle dia recebeu o imperador, além de outras, uma deputação que lhe veiu exprimir os votos dos europeus residentes em S. Gabriel. Compunha-se de um francez e de um allemão.

1° de Septembro. — Começa o mez com mais agradavel clima que o precedente. Ha trez dias que o céu está limpido. Trouxeram-nos cavallos para experimentar; e, pela primeira vez, desde que estou na provincia do Rio Grande do Sul, encontrei um de altura proporcionada á minha estatura e capaz

de galopar por algum tempo. Era um bello cavallo baio-escuro similhante a um forte cavallo andaluz. Apesar da gente da terra assegurar que, a não ser eu muito bom cavalleiro, o havia de achar fogoso de mais, comprei-o por 192$ (pouco menos de £ 20) e baptizei-o com o nome de *Gabrielense*.

A' noite chegou um correio, que nos trouxe noticias de Porto-Alegre, de 25; do Rio de Janeiro, de 12; de Lisboa (via «Thales»), de 17 de Julho; de New York, de 1° de Julho. Mas ai! continuamos a não receber cartas: decepção cada vez mais penosa. Decididamente, o sacco da correspondencia imperial deve ter caïdo ao mar, a não ser que esteja em alguma gaveta da secretária do bom visconde da Boa-Vista (1). Passámos o serão a tomar conhecimento dos boatos politicos da Europa nos jornaes de Porto-Alegre. Mas isto não offerece compensação.

Um facto curioso me exqueceu ainda de referir a proposito do official paraguaio. Quando ia render-se, atirou ao rio os officios de que era portador. O unico documento que lhe foi encontrado era uma poesia em hispanhol, impressa, a qual, em fórma de despedida de um soldado paraguaio á *«su distinguida Dolores»* e no mais ridiculo dos estylos, prodigaliza injurias ao Brasil e ao imperador e ao mesmo tempo elogios ao govêrno paraguaio. Parece que o dicto govêrno fez distribuir esta obra prima de litteratura por todos os officiaes do seu exército. Curiosa maneira de lhes excitar o enthusiasmo!

2. — Era o dia marcado para a partida. Mas a caravana imperial não se põe assim em movimento pela simples virtude de uma palavra. E' sempre a famosa cavalhada que a paralysa, isto é, os cavallos necessarios para a escolta e para as viaturas. Está claro que a maior parte dos que se obtiveram em Caçapava, ou durante a marcha, fôram, segundo o costume da

---

(1) Em certa occasião disse-me o imperador ter lido em carta escripta pelo marquez de Olinda, presidente do Conselho, ao ministro Ferraz a menção do seguinte facto extraordinario: o sacco da correspondencia official endereçado pèlo ministro ao imperador (ou ao ministro que o accompanhava) ficára exquecido no porão do navio que o devia desembarcar em Porto-Alegre e assim voltára ao Rio sem ser entregue ao seu destinatario. Narrado ao collega este incidente lamentavel, accrescentára o bom marquez de Olinda: «Por ahi veja como andam nossas cousas!»

terra, deixados pelo caminho, á proporção que se mostravam incapazes de fazer serviço, e os poucos que, com mais ou menos custo, chegaram até S. Gabriel, estão no mesmo caso; de modo que, para ajunctar nova cavalhada, não bastaram dous dias. Pediram-se cavallos aos principaes proprietarios da terra, como o barão de Cambahí e o general Gama, que os mandaram procurar ás suas estancias dos arredores. Promettem estes senhores que no mesmo dia será o imperador servido, sentindo muito a demora; enfim, ao meio-dia de 2 ainda os cavallos não tinham apparecido.

Tinhamos de esperar mais um dia: tediosa perspectiva, quando appareceu uma diversão interessante. Vieram participar que se avistava da cidade a brigada de infantaria commandada pelo coronel Fontes, a qual, tendo saído da Cachoeira a 5 de Agosto, era aqui esperada ha muito. O imperador dirigiu-se logo para o rio; poude ainda ver a columna descer, serpenteando, as encostas do lado opposto, seguida de seu cortejo de carros, e assistiu de pé á passagem de toda a brigada de uma margem para a outra. Compõe-se esta brigada de cinco batalhões; porém, tendo um batalhão regularmente em média 500 homens, encontra-se hoje reduzida a 1.500 homens, em consequencia da terrivel percentagem de doentes que foi semeando pelo Rio de Janeiro, Desterro, Porto-Alegre, Rio-Pardo e Cachoeira. Em S. Gabriel ha duas barcas; de cada vez recebia uma 50 homens, a outra 25; todavia o transporte de toda a fôrça não levou menos de quatro horas. Encontra-se a columna em muito bom estado, apesar da sua marcha de 28 dias na peior estação do anno; bem vestida e bem calçada, mas a maior parte dos soldados prefere levar o calçado ás costas a levá-lo nos pés. Os cinco batalhões são: o 4° de artilharia a pé (Pernambuco) e os batalhões de voluntarios: 19 (pequenas provincias do Norte), 24 (Bahia), 29 (idem), e 31 (Rio de Janeiro). Os dous mais brilhantes são incontestavelmente os dous ultimos. Compõe-se o 29 de antigos guardas nacionaes da Bahia; quanto ao 31, não é sinão o famoso «Corpo Policial da Côrte», tambem denominado «Permanentes Municipaes», que o govêrno transformou de um jacto em batalhão de voluntarios. Para ser justo, deve accrescentar-se que, ao inverso de todos os outros batalhões de voluntarios, é,

na sua maioria, formado de brancos e contém mesmo forte proporção de europeus (principalmente subditos de S. M. F.). Uma vez juncta toda a brigada na margem esquerda do Vacacahí, pôz-se em marcha com passo firme, tocando as bandas de musica, e atravessou toda a cidade, para ir acampar do outro lado. Foi recebida com alguns foguetes e com curiosidade da parte dos habitantes, mas com pouco enthusiasmo: o sentimento que ao Riograndense inspiram homens que, em primeiro logar, não são da provincia, e que, além disso, andam a pé, é sempre de certo desdém. De facto, para elle só ha no mundo trez denominações, trez classes de habitantes: *Riograndense*, ou «filho do paiz»; *Castelhano*, ou hispano-americano; e *Bahiano*. Para o gaúcho riograndense, quer um homem tenha nascido á sua porta, na provincia de Sancta Catharina, quer venha da Laponia, é sempre *bahiano*. E si, para elle, o gaúcho castelhano é um rival odiado, ao menos considera-o seu egual, pois sempre é gaúcho; ao passo que o Bahiano é um ser inferior, porque não maneja bolas nem laço, não se tem por «centauro» e não entende ser deshonra andar a pé. Até ouvi um fanfarrão da Guarda Nacional riograndense queixar-se de ter o govêrno admittido na provincia voluntarios do Norte, dizendo que isso resfriava o enthusiasmo dos habitantes da provincia, pois lhes fazia crer que o govêrno não tinha confiança no valor dos Riograndenses.

Quanto a mim, os homens do Norte, estes homens de pequena estatura, trigueiros, muitos delles mixtiços, que deixaram as suas residencias tropicaes para virem, a 800 ou a 1.000 léguas de distancia, defender a patria commum num clima para elles inhospito, inspiram-me profunda sympathia. Amando muito o Brasil, agrada-me tambem muitissimo o Brasil tropical, a sua perpétua primavera, as suas immensas florestas e as suas esplendidas montanhas revestidas de eterna verdura.

A' tarde foi o imperador visitar o hospital para ver os doentes da brigada Fontes. Entraram 89; mas, segundo dizem os medicos, metade delles soffre apenas de feridas nos pés produzidas pelo cansaço, ou, mais frequentemente, por frieiras, e que se vão curar rapidamente. Os verdadeiros doentes, que terão de ficar em S. Gabriel, não chegam, portanto, a 50. E'

uma percentagem espantosamente baixa si se considerar que, com excepção do batalhão 31, a brigada se compõe toda de homens do Norte, que devem ter soffrido cruelmente do frio e das chuvas tão abundantes do mez passado e das numerosas passagens de riachos, a váu; por isso que a brigada, tendo vindo da Cachoeira em linha recta, e não, como nós, pelas alturas, teve de atravessar na parte inferior do seu curso todos os affluentes da direita do Jacuhí, e depois os do Vacacahí. E' mesmo a estes riachos, que algumas horas de chuva bastam para tornar invadeaveis, que se deve attribuir o facto de ter a brigada levado 28 dias a vencer as 35 leguas que nos separam de Cachoeira. A esta causa inevitavel de demora se devem accrescentar os carros de bois, que reconheço serem necessarios para o transporte de doentes e de bagagens, mas cujo emprêgo se me afigura degenerar em abuso, porque a brigada não traz menos de 43! E' muito para sentir que a extrema raridade de muares prive o Exército do uso dêstes animaes para os referidos transportes.

O que é digno de admiração é a paciencia do imperador, que pára ao pé de cada um daquelles 89 doentes a perguntar-lhe, elle proprio, de que se queixa e de que provincia é, e, sempre que o seu rosto mostra excessiva mocidade, que edade tem. Infelizmente, mais de um revela ter menos que a edade legal de 18 annos.

A brigada só trouxe um varioloso. Entre os doentes ha dous officiaes, ambos pertencentes ao batalhão 19 e ao contingente do Ceará: um delles está tuberculoso. Durante a marcha morreram trez soldados e um official.

3. — A's 6 horas, missa na pequena egreja, simples, mas limpa e caiada. Em seguida preparámo-nos para partir, logo que chegue a cavalhada, mas sem saber a que horas se poderá esperar que appareça. Enfim ás 9 horas apparece a cavalhada; ás 11 está o imperador a caminho.

Para diminuir as difficuldades da viagem deixam-se em S. Gabriel dous terços da escolta que assim fica reduzida a 100 homens. Certamente para não ficar atraz do inimigo em garibaldismo, substituiram-se as suas bluzas azues por blusas escarlates. Os officiaes adoptaram, quasi todos, ponches es-

carlates. Garibaldismo ou não, é muito pittoresco quando, illuminado por um sol brilhante, o cortejo imperial se vai desenrolando pelas ondulações da planície.

Outra modificação vantajosa: os estomagos não tornarão a estar a mercê dos carros de bois: destinou-se uma carretilha para o transporte das provisões.

Um dos inconvenientes da nossa demora forçada em São Gabriel foi o de nos privar da amavel companhia do sr. Magariños. Apesar das instancias do imperador para que nos accompanhasse, declarára o sr. Magariños que não podia adiar mais o seu regresso a Uruguaiana sem transgredir às instrucções do seu chefe, e despedira-se de nós na véspera, levando consigo o seu collega, quasi restabelecido. Ao contrario, o ministro, por não ter terminado os seus trabalhos de secretaria, ainda fica em S. Gabriel.

A região que se extende para lá de S. Gabriel parece-se enormemente com a que fica para cá. Contudo a planicie é cada vez menos pedregosa, porém mais humida, e crivada de buracos, que se attribuem a uma espécie de tatú e que são extremamente perigosos para os pés dos cavallos. Quanto a volateis, ha que accrescentar aos quero-queros e aos caracarás, corujas de côr fouveira, cujos ovos passam por ser vomitorio energico. Enfim, lá de longe a longe, encontra-se um rebanho de carneiros, animaes que eu ainda não tinha visto na provincia do Rio Grande do Sul e que recreiam os olhos cansados de ver só gado vaccum. Pareceram-me muito magros. Nota-se aliás sempre a mesma falta de florestas e a mesma monotonia de ondulações. A duas léguas e meia de S. Gabriel chega-se, sem que a menor mudança na natureza do solo a indique exteriormente, a uma importante divisão geographica. Uma ligeira ondulação do terreno separa as aguas que correm para o Vacacahí e portanto para o Jacuhí e para a lagoa dos Patos, das que o Ibicuhí leva ao Uruguai e ao Prata! O Prata, o «*Rio de la Plata*» dos Hispanhóes! Que pensamentos, que sentimentos desperta este nome tão celebre! O Prata! como se diz mais simplesmente em portuguez, objecto de dissertações variadas até o infinito pelos jornaes brasileiros, motivos de contínuas inquietações para o govêrno do Rio! O Prata, sonho dourado de alguns Brasileiros, segundo os quaes a po-

tencia que possue as nascentes dos principaes cursos de agua desta bacia devia tambem possuir o estuario! Illusão: o Brasil é assaz grande: a menor acquisição de territorio sómente lhe traria difficuldades innumeraveis, e quem sabe si inextricaveis!

Segundo outra theoria, no meu entender não menos falsa, consistiria o interesse do Brasil em fomentar o fraccionamento e um estado de dissensão perpétua entre os seus vizinhos do sul.

O Govêrno brasileiro repelle felizmente, de modo bem expresso, ambas estas idéas: actualmente a sua politica é a alliança intima e séria com o Govêrno de d. Bartholomeu Mitre, o primeiro que fez dominar em todas as provincias da Republica Argentina instituições regulares, sossêgo e um princípio de prosperidade. Em Montevidéo a turbulencia do espirito público parece ainda mais chronica que na margem direita do Prata, e o Brasil não tem cessado de soffrer com as desordens que as rivalidades dos politicos orientaes têm produzido mesmo na região da fronteira. Mas só com o auxílio moral de um govêrno forte e exclarecido, estabelecido em Buenos-Aires, se póde formar a esperança de pôr freio a taes rivalidades; tambem só com esse auxílio se poderá repellir com efficacia qualquer ataque attentatorio da independencia do Prata, como é a actual invasão paraguaia.

Sejam, pois, os nossos vizinhos do Prata cada vez mais livres e mais bem inspirados na sua Politica e na sua administração: este voto, faço-o de todo meu coração; e sejam assim cada vez mais felizes, e mesmo poderosos, gozando em paz das instituições que adoptaram. O Brasil é bastante forte e está assaz compenetrado da excellencia das suas proprias instituições para não ter receio algum.

Tivemos uma paragem de meia hora nesta coxilha de divisão das aguas, ao pé de uma miseravel casa, deante da qual, entre as outras aves domesticas, se viam emas, especie de avestruzes menores e menos bellas que as da Africa. A sua plumagem é de côr parda quasi fulva.

Parece que, ha poucos annos ainda, aquí abundavam muito estas aves. Mas, si bem que as suas pennas não sejam

das mais bellas para enfeites, formam objecto de algum commércio com a Europa, de modo que os caçadores entraram a persegui-las e quasi que a exterminaram. A's 5 horas apeámo-nos deante da habitação de uma senhora chamada dona Emerenciana Borges Fortes, mãe do dr. Continentino, um dos medicos do imperador. E' uma senhora de edade; vive alli com uma filha e o marido, e filhos desta. Deu-nos hospitalidade e um jantar esplendido, notavel sobretudo pela abundancia dos doces. A sua estancia é a mais rica que ainda encontrei; comprehende, além de duas bonitas casas, umas poucas de cabanas de bambús e taipa para os negros e um magnifico pomar, em que as laranjeiras, neste momento carregadas de flores e de fructos, alternam com os pecegueiros, que estão todos côr de rosa. Até vejo com prazer, a esvoaçar entre os ramos de uma arvore, um beija-flôr, raridade que me aviva as saudades da querida provincia do Rio de Janeiro.

A loquacidade da familia Borges Fortes faz prolongar o serão até horas extraordinarias.

4. — Antes de nos sentarmos para o almôço da sra. dona Emerenciana, chegou-nos ás mãos, não sei como, um pequeno jornal de Saltó, o *Eco de los Libres*, de 24, que refere ter-se dado combate no dia 12 entre a esquadra alliada do Paraná e as baterias estabelecidas pelos Paraguaios num logar chamado Cuevas. Infelizmente a noticia, dada simplesmente por uma correspondencia escripta a bordo do vapor argentino *Guardia Nacional*, não contém a menor referencia aos navios brasileiros.

Neste dia desviou-se o imperador do caminho uma legua para a esquerda, afim de ir visitar o sitio, onde se deu, a 20 de Fevereiro de 1827, a famosa batalha entre Brasileiros e Argentinos (aquelles commandados pelo marquez de Barbacena, estes pelo general Alvear) denominada do Passo do Rosario, ou de Ituzaingó (nome de um arroio proximo).

Duas cruzes de madeira, que receio muito não possam continuar a resistir ás intemperies, marcam, segundo uns, a linha que occupava o Exército brasileiro, segundo outros, o logar onde elle enterrou os seus mortos. São confusas as tradições desta batalha. O general Cabral, que nella entrou,

com o posto de major, era neste caso o «cicerone» indicado; para o confrontar com elle, tinhamos contado com Magariños, que tambem entrára na batalha, como tenente argentino. Falhou-nos este auxílio; Cabral não fica, todavia, sem contradictor. Tem o bom Cabral um injusto horror á provincia do Rio Grande do Sul e aos Riograndenses, de modo que se põe a explicar em alta voz que o máu resultado da batalha foi unicamente devido á indisciplina da cavallaria riograndense, parte da qual se lançou desordenadamente atravez da infantaria e a anniquilou, ao passo que outra parte se conservára mesmo ao pé do campo de batalha sem querer entrar no combate. Cabral até affirma que, quando o marquez deu ordem de avançar, o chefe da dicta cavallaria se contentára em responder: — «O Bahiano lá que se safe!»

Mas, para mal desta pittoresca narração, está presente o senhor Gama (1), velho militar riograndense que, apesar de ter 76 annos e não poder distinguir as pessoas com quem está a fallar, reuniu-se á comitiva do imperador a pretexto de servir de guia. Cioso da honra dos Riograndenses, Gama nega com energia as imputações de Cabral e attribue a perda da batalha á imperícia do marquez de Barbacena e do seu chefe de estado maior um prussiano chamado Braun. Accende-se entre elles acalorada controversia, que a tal ponto se embrulha que por fim já nem siquer sabemos qual foi o ribeiro do campo de batalha, nem de que direcção vinham os dous exercitos. O unico ponto evidente é que a batalha não teve as proporções que eu até então julgára: porque não havia mais que 7.000 Argentinos contra 5.000 Brasileiros, e as perdas dèstes ultimos não excederam 200 homens. O resultado pode dizer-se que ficou indeciso: é certo que os Brasileiros se retiraram para o Noroeste, mas em bôa ordem, sem que os Argentinos ousassem persegui-los; e ao regressar a Buenos-Aires, Alvear respondeu a conselho de guerra por não ter ganho a batalha: foi absolvido.

Cèrca de uma hora depois de termos deixado as cruzes do Ituzaingó, acampámos deante da estancia de um senhor Sousa

---

(1) Mais tarde barão de Saican (João Maria d'Almeida Gama Lobo d'Eça).

(vulgo Ambrosio), graciosamente situada ao pé de um bello grupo de arvores num alto escarpado. Domina-se d'alli a planície banhada pelo rio de Sancta Maria, que corre entre margens bem arborizadas. Este Sancta Maria é o principal affluente da esquerda do Ibicuhí e corre de Sul para Norte; o Ibicuhí, como é sabido, corre a Leste-oeste.

Quanto ao senhor Ambrosio, é um bom velho de comprido cabello branco, sempre a rir ás gargalhadas. Elle e a mulher são bons exemplares de gente gorda. Segundo diz o sr. Gama, ambos fallam perfeitamente o guarani.

5. — Descemos para a planície pantanosa e ao cabo de meia hora achámo-nos á beira do Sancta Maria, no logar chamado Passo do Rosario. O rio tem correnteza forte e a barca move-se com difficuldade, porque não tem cabo de vaivem, como não tinha a do Passo de S. Lourenço; de modo que levámos quatro horas a ver passar toda a caravana imperial, carretilhas, escolta, etc.; e ainda assim, com excepção de alguns cavallos de sella, todos os animaes tiveram de passar a nado. Este rio é sujeito a cheias repentinas, que inundam grande parte da planície. Ainda na presente quadra poderiam navegar, nesta parte do seu curso, pequenos vapores, e nem elle nem o Ibicuhí têm um unico salto. Si tivessemos vapores disponiveis que pudessem vir tomar alli a brigada de Fontes, que tempo e que fadigas se lhe poupariam! Mas está a chegar o mez de Outubro, e durante septe mezes o Sancta Maria não tem mais que um pé de agua.

Sôbre o alto que domina a margem esquerda apparece a aldeia nova de Rosario, cujos habitantes logo rodeiam o imperador. As auctoridades são um funccionario civil, de faixa verde e amarella, e o párocho que ingenuamente offerece ao imperador uma pitada de tabaco antes de servir-se.

Poucos minutos decorreram desde que tornámos a montar a cavallo, quando chega um correio, que nos veiu seguindo a toda a brida e que traz um enorme sacco. Oh! que felicidade! São as nossas cartas tão desejadas, ha tanto tempo esperadas! São de S. Christovam de 12 de Agosto, e de Inglaterra de 8 de Julho: «*All right*».

Passámos a váu um riacho chamado Divisa e acampámos na margem, entre 4 e 5 horas.

6. — Depois de uma marcha de cinco léguas acampámos na margem esquerda do Saican, ribeirão que se passa em barca. Na margem direita ha uma pobrissima aldeia do mesmo nome, que não tem padre e que nutre o desejo de ver transferir para alli a parochia, que actualmente tem a sua séde no Rosario. Embora, com este intento, se tenha começado a construir aqui uma egreja, não tem por ora encontrado o projecto approvação, nem da parte do imperador nem da do bispo; mas é-lhe favoravel, ao que parece, a Assembléa Provincial.

A parte da planície comprehendida entre a Divisa e o Saican é o que se chama um «Rincão da Nação»; quer dizer que pertence ao Estado, que alli possue 5.000 cavallos; mas quasi todos os que serviram no Exército ou na Guarda Nacional se acham cansados e são para alli mandados para se restabelecerem, ao que se diz.

Estes cavallos do Estado distinguem-se dos outros por terem a ponta de uma orelha cortada: chamam-se cavallos reúnos (1).

Nesse dia o ministro e sua comitiva junctaram-se á columna imperial.

7. — Septe de Septembro, anniversario querido a todo coração brasileiro, mas que, devido ás circunstancias, passa para nós sem o menor festejo.

Na parada do meio-dia, que se chama aqui *sesteada* ou *pouso do meio-dia*, nas margens do riacho de Itapeví, apanham-se vivos dous lindos papagaios verdes e encarnados.

O terreno torna-se outra vez pedregoso e mais accidentado. Apparecem rochas, ás vezes de fórmas muito singulares. Estas rochas são sempre de composição muito irregular: é uma espécie de «pudding» de grão muito grosso. Foram evidentemente depostas aqui e alli por aguas agitadas; a sua presença confirma a supposição de que toda esta immensa

---

(1) Em 1885 passei alli alguns dias, acampado em barraca dirigindo um campo de instrucção onde reunira parte dos corpos de guarnição nesta provincia. Ao regressar desta viagem apresentei ao Ministerio da Guerra então a cargo do conselheiro Eleutherio de Camargo um relatorio, no qual, além de outras medidas, indiquei as que me pareciam indispensaveis para poder-se organizar efficazmente a coudelaria que tantas vezes se projectára fundar alli.

planície ondulada é terreno de formação neptuniana, um trecho de oceano solidificado.

Acampámos debaixo de um cedro esplendido, que começa a rebentar, na estancia de uma senhora chamada dona Maria Dornellas. Esta senhora recebe o imperador rodeada de outras que, parece, emigraram de Alegrete, com receio da invasão paraguaia; uma dellas traz um vestido de merinó « magenta », que muito bem condiz com a paisagem.

Encontrámos aqui o secretario geral de Flores, que, tendo partido de S. Gabriel com o seu collega Magariños, tornou a adoecer durante a viagem. E' um mancebo fraco; diz que se acha « *muy flejo, muy lastimado, por lo precipitado que ha sido el viaje* ». Deixa-se-lhe, para accompanhá-lo, um official da Guarda Nacional, que fica incumbido de velar pela saúde de tão interessante pessoa.

O imperador recebe aqui o relatorio official do visconde de Tamandaré (1) sôbre o combate naval de 12 de Agosto, em que a esquadra alliada teve 43 feridos. O visconde está actualmente em frente de Uruguaiana, onde o barão de Porto-Alegre solicita tambem a presença do ministro; em virtude desta solicitação o ministro resolve ir adeante.

8. — Pelas 2 horas avistámos os edificios de Alegrete na bruma azulada do horizonte. Uma hora depois estamos á borda do Ibirapuitan, bonito rio de margens penhascosas e escarpadas. Atravessamo-lo em duas barcas, uma das quaes — ó maravilha ! — se move muito rapidamente por meio de corda. Ao pé vê-se na margem direita um principio de arco de pedra, que revela um projecto de ponte monumental, por agora posto de parte.

Na margem esquerda, auctoridades de Alegrete, longo discurso da Camara Municipal, grupo de meninas vestidas de branco com fitas das côres nacionaes: uma dellas pronuncia tambem um discurso patriotico. Todos nos accompanham soltando ruidosos vivas com extraordinaria persistencia durante

---

(1) Joaquim Marques Lisboa, nesse tempo commandante em chefe das fôrças navaes brasileiras nas aguas do Rio da Prata, mais tarde conde e marquez de Tamandaré, fallecido a 29 de Março de 1897, com 89 annos de edade.

os 10 minutos do trajecto do rio á praça grande e á egreja. O calor é excessivo; de modo que é com viva satisfacção que, depois do «*Domine salvum*», tomámos posse dos nossos aposentos no edificio da Camara Municipal. Fica situado este edificio, como tambem a egreja, numa vasta praça coberta de grama. Faz a guarda de honra um destacamento do 1° batalhão de Voluntarios, com chapéus de feltro, blusas encarnadas e calças brancas. A' tarde, depois do jantar, o imperador vai visitar o hospital, que contém 80 doentes; 18 são o resto dos feridos dos combates travados em S. Borja (10 de Junho) e nas margens do Mbutuí (26 de Junho).

9. — Partida ás 10 horas. A's trez horas acampámos na margem do Inhanduhí, que está quasi sêcco e cujo nome, segundo me dizem, significa em gùaraní *rio das emas*. Mas nas suas margens não vimos destas aves.

10. — As vinte e trez leguas que separam Alegrete de Uruguaiana tinham sido primitivamente divididas em quatro jornadas. Porém, ao chegar ao Inhanduhi, o imperador, naturalmente impaciente de chegar ao exército, resolveu apressar a marcha. Partímos, pois, ás 6 horas da manhã; e, depois de ter feito uma curta sesteada e ter mudado de cavallos á beira do Ibirocahí, alcançámos pelas 4 horas. uma casa situada ao pé da nascente do Touro-Passo, último affluente do Ibicuhí. A partir do Ibirocahí, torna-se a região cada vez mais monotona, as ondulações do terreno muito mais alongadas e quasi insensiveis, os cursos de agua mais raros, e as arvores desapparecem inteiramente. O horizonte, agora muito vasto, sobretudo á direita, lado em que o terreno desce para o Ibicuhí, apresenta quasi constantemente o phenomeno da miragem. Era em meio do dia: o sol estava muito quente, e como, infelizmente, a partir de Alegrete as aves de rapina tinham desapparecido, os cadáveres de cavallos e de bois putrificavam-se á vontade e enchiam a atmosphera de cheiros pouco agradaveis. Ao pé do Touro-Passo tivemos de esperar uma hora os cavallos de muda, que não tinham podido levar o mesmo andamento que nós. O mate fez passar o tempo, e enfim ás 5 horas puzemo-nos outra vez em marcha para ir dormir á Casa-Branca, situada a trez lèguas de distancia.

Passada hora e meia era já noite, noite estrellada, mas sem lua. De quando em quando viamos apparecer em nossa frente uma luz, que suppunhamos ser a da nossa pousada; depois, ou ficava para a direita, ou se reconhecia que apenas era um grupo de carros de bois, parados.

Por fim chegam da direita quatro lanceiros a galope; pergunta-se-lhes quem são e donde veem; « guarda avançada » respondem. Quasi chegámos a crer que tinhamos encontrado uma das guardas do exército, que está a cercar Uruguaiana. Era simplesmente o destacamento de vanguarda da escolta imperial, que tinha chegado á Casa-Branca e tinha tornado a partir á nossa procura, ao ver que a imperícia do vaqueano (guia) que precedia o imperador nos tinha feito passar para deante della e que poderiamos continuar a andar assim toda a noite. Voltámos para traz e não tardámos a apear-nos deante dessa bem-aventurada casa. Tinhamos percorrido desde pela manhã 14 léguas brasileiras (mais de 84 kilometros) e tinhamos andado 12 horas a cavallo. Quanto á escolta e ás viaturas, de ha muito se tinham visto obrigadas a ficar para traz. O dono da Casa-Branca deu-nos um magro jantar de frango cozido com pirão, e não sei que infusão vegetal a que dava o nome de chá.

Era a primeira vez, desde Rio-Pardo, que o imperador se separava da sua escolta e parece que bastou esta circunstancia para encher o serão de inquietações. Apenas chegámos, logo um individuo que parecia andar a rondar á volta da casa, se approxima de um dos criados para lhe perguntar quem é o imperador; indicam-lho, e suppondo que deseja apresentar-lhe alguma petição, perguntam-lhe si quer ser levado á presença do imperador. O homem diz que não e pretende afastar-se; mas o seu procedimento levanta suspeitas; prendem-no e trazem-no ao general Cabral, que assume o seu ar mais solenne para interrogá-lo. Declara o desconhecido ser tenente da Guarda Nacional e ter saído do Exército ao meio-dia, encarregado pelo general em chefe barão de Porto-Alegre de saber em que ponto está o imperador e de lhe ir participar. Qual é o número do seu regimento? Ignora-o; apenas sabe que o coronel se chama Bento Martins. Já bastava este facto incrivel, de um

official não saber o número do seu regimento, para pôr em dúvida a qualidade do desconhecido. O seu ar espantado, o terror que parece ter-se apoderado delle, a completa ausencia, que se lhe nota, de trajos militares confirmam as suspeitas: este pretendido official póde muito bem ser um espião dos inimigos; decide-se que fique com sentinella á vista durante a noite.

Mas eis que o dono da casa vem declarar que já á noitinha passára outro official com seis homens, que egualmente se recusavam a dizer o número do seu regimento; e diz que lhe parece que não podem estar longe. Esta revelação dizia bem com o sobresalto, que toda a sociedade começava a sentir. Reunem-se os poucos soldados que nos seguem como ordenanças e dá-se-lhes ordem de nos trazer o pelotão suspeito. Conseguem-no sem resistencia; e o segundo official passa a ser interrogado. Conta a mesma historia que o outro: foi o barão de Porto-Alegre que o mandou para saber onde estava o imperador; mas sómente saïu do acampamento ás 3 horas da tarde. Mostra o mesmo modo espantado, balbucia da mesma maneira. O general Cabral faz-lhe algumas perguntas acêrca da situação do Exército e dos nomes dos principaes chefes: a algumas responde satisfactoriamente, mas a outras não: além de outros chefes parece desconhecer completamente a existencia de Flores. Traz farda militar, mas chapéu de palha com lista encarnada com as lettras V. A. N. B., que interpreta «Viva a Nação Brasileira». Tudo isto é singular; torna-se geral a impressão de que os inimigos formaram o projecto de se apoderar do imperador antes de elle chegar ao exército e de que acabámos de surprehender os vedetas encarregados de os avisar. Confrontam-se os dous pretendidos officiaes: declaram que se não conhecem. A seu favor só têm a lingua: são evidentemente Brasileiros natos, porque o seu idioma é o portuguez. Mas ai! os traïdores á patria em nenhum paiz são impossiveis! Vem, porém, a saber-se que o segundo trouxe uma pequena mala no cavallo; manda-se vir a mala; revolvem-na, mas não lhe encontram dentro sinão roupas e papeis relativos ao serviço da Guarda Nacional e datados de 1863. Já isto era forte presumpção de que real-

mente tinhamos deante de nós um official brasileiro; porém as inquietações só acabaram de se dissipar quando se reconheceu que as pistolas e os sabres dos soldados detidos, que não vinham mais militarmente vestidos que o seu chefe, eram realmente de modêlo brasileiro.

Demonstrado isto, todos se accommodaram como puderam sôbre os máus leitos que o dono da casa punha á nossa disposição com a franca hospitalidade em uso nesta terra; porém os desventurados suspeitos foram condemnados a passar a noite no alpendre entre duas sentinellas e a ser por nós reconduzidos ao exército.

11. — A's 4 horas, é preciso que nos arranquemos ao somno: o imperador quer partir ás 5 horas. Mas durante a noite chegaram a escolta e as viaturas, e o general Cabral consegue do imperador que não entre no acampamento sem a escolta. Portanto é preciso esperá-la, porque «a cavalhada disparou»: tanto succede isto quando está bom o tempo como quando faz temporal; de modo que só ás 6 horas nos pomos em movimento. Queria tambem Cabral que neste dia solenne os chapéus de feltro cedessem o logar aos képis e que se prohibissem os *cache-nez* e os ponchos. Porém, talvez em vista das ameaças de chuva, esta moção não foi approvada pelo imperador, e todos nós, incluindo o proprio Cabral, conservámos o nosso trajo de marcha.

A's 9 horas apparecem-nos as primeiras barracas do acampamento, ao longo de uma faixa de terreno arborizado. Não tardam a vir ao encontro do imperador o ministro com o barão de Porto-Alegre, depois o general Caldwell, e por fim o sympathico e valente marinheiro visconde de Tamandaré.

As tropas actualmente acampadas em frente de Uruguaiana sobem, na totalidade, a uns 15.000 homens e estão, por assim dizer, repartidas em dous exercitos: o exército primitivamente encarregado da defesa da provincia do Rio Grande do Sul, e que passou do commando do general Caldwell para o do barão de Porto-Alegre, e o exército que Flores trouxe de Concordia. Compõe-se o primeiro, que chamarei o exército de Porto-Alegre, de quatro batalhões de infantaria, oito peças de artilharia de campanha e 5.000 homens da Guarda Nacional

riograndense. Esta cavallaria riograndense forma duas divisões, commandadas, a primeira pelo general Canabarro, a segunda pelo barão de Jacuhí; a cada uma dellas se aggregaram dous batalhões de infantaria.

Comprehende o exército de Flores 3.000 Orientaes com oito peças de artilharia, 3.000 Argentinos com 24 peças e quatro batalhões brasileiros, cujo chefe é o coronel Kelli. Segundo o tractado de alliança cada potencia tem a direcção suprema das tropas que operam no seu territorio, e quando se entrar no territorio inimigo é o presidente da Republica Argentina que deve ser generalissimo. Portanto, actualmente é o general brasileiro, o barão de Porto-Alegre, quem exerce o commando em chefe do exército alliado sitiando Uruguaiana.

A infantaria e a artilharia do exército de Porto-Alegre estavam formadas em batalha fóra do acampamento, para receber o imperador, que passou lentamente péla frente dellas. Dos batalhões de infantaria, dous são de linha e os outros de voluntarios a saber: o 1° (Rio de Janeiro) e o 5° (provincia do Rio de Janeiro). Este último é o mais brilhante. Como entrou em campanha mais tarde, está quasi completo, e conserva as fardas verdes que recebeu no Rio de Janeiro, ao passo que o resto da nossa infantaria adoptou a blusa de flanella encarnada, que, decididamente, não favorece o aspecto militar da tropa. As nossas peças de artilharia são obuzes de bronze lisos.

Todos esperam com interesse a entrevista do imperador com os chefes das Republicas, pois se sabia que o presidente da Republica Argentina tinha chegado do Sul na véspera, para se encontrar com o imperador. Esperava eu que os dous chefes chegassem a galope e que uma nuvem de poeira tornasse mais pittoresca esta reunião, unica nos annaes da America do Sul. Mas foi ao voltár a esquina do muro de um pomar de laranjeiras que ambos appareceram, a trez passos do imperador, seguidos de numerosissimo estado-maior O imperador a principio um tanto surprehendido extendeu a mão a Mitre, depois a Flores, e fez-lhes signal para se collocarem cada qual a um lado delle. Fiquei assim á direita de Mitre. Estive algum tempo a observá-lo; depois, não achando proprio con-

servar-me silencioso, num instante em que o imperador se tinha voltado para Flores, procurei uma phrase e disse:

« — *Que tal fué el viaje ?*

Com voz um pouco lenta e muito suave, Mitre respondeu:

— ***Fué feliz.***

Depois accrescentou, inclinando-se:

— ***Con quien tengo el honor de hablar ?***

Inclinei-me tambem e repliquei:

— ***Soy el yerno del emperador.»***

Mitre tirou o boné e inclinou-se mais profundamente; o mesmo fiz eu. Mas, como o imperador lhe dirigiu a palavra, tive de esperar outra occasião de travarmos mais amplo conhecimento.

Apearam-se todos deante da barraca do barão de Porto-Alegre e, depois de alguns minutos de breve conversa, despediram-se com muitos «*shakehands*», e todos os nossos alliados tornaram a montar para regressar ao seu acampamento. Não sei o que ficariam a pensar de nós; a impressão que nos deixavam era decididamente favoravel. Estamos tão habituados, no Rio de Janeiro, como na Europa, a ouvir criticar a pouca civilização dêstes Hispano-americanos, que é agradavel surprêsa encontrar entre elles pessoas cortezes e trajadas com elegancia. Mitre é homem de apparencia extraordinariamente sympathica. E' alto e esbelto; o rosto é bello, pállido, um tanto magro e um pouco alongado; rodeia-o uma bella barba preta e cabello fluctuante, egualmente preto. Apesar de estar quasi sempre com as pernas muito afastadas, o seu porte é muito elegante. A attitude, as feições e sobretudo o olhar, tudo nelle respira reflexão, suavidade e certa melancholia. Quando falla, eleva pouco a voz e como que faz uma pequena pausa a cada phrase; exprime-se sempre correctamente. E' indubitavelmente um homem mui distincto; porém ao vê-lo, mêsmo ao ouvi-lo, torna-se evidente que os seus talentos são mais civis que militares. Poderia até duvidar-se de que alguma vez tivesse pegado em armas, si não fôsse um signal indelevel de seu valor militar que fórma um dos traços distinctivos da sua interessante physionomia. E' uma depressão circular no meio da testa, rodeada de cicatrizes em fórma de raios, signal

de uma bala que o feriu, não me lembra em que batalha. Outra cicatriz, resultado da mesma ferida, separa a origem do nariz da sobrancelha esquerda.

Mitre veste um trajo mixto, que principalmente se parece com os uniformes de Marinha: traz as calças mettidas em grandes botas de montar de feitio elegante, a farda, aberta, tem nos hombros pequenas patilhas transversaes bordadas; o boné tem um largo galão dourado. Tudo é de panno azul. O collete, subido até o pescoço, mal deixa ver uma pequena gravata preta e a borda de um collarinho branco, signal irrecusavel de gôsto de asseio «*gentlemanlike*». Sôbre o collete brilha, do hombro esquerdo ao quadril direito, uma banda de séda com as côres argentinas (azul e branco) e nos botões os emblemas republicanos.

D. Bartholomeu Mitre nasceu em Buenos-Aires em 1820. Era filho de d. Ambrosio Mitre, funccionario civil: e parece que se dedicou primeiro á advocacia e ao jornalismo. Obrigado pelas violencias de Rosas a saïr da patria, d. Bartholomeu Mitre conta, com bem legitimo orgulho, que poúde percorrer o Estado Oriental, o Brasil, a Bolivia e o Chile, vivendo exclusivamente da sua penna. Publicou poesias e um livro sôbre a historia da sua patria (1). Quando tornou a haver em Buenos-Aires regime constitucional, a vida parlamentar completou a reputação que a litteratura começára. Posteriormente foi Mitre que, como governador de Buenos-Aires, defendeu a sua cidade natal contra o exército de Urquiza e deu a batalha indecisa de Pavon, em seguida á qual negociou com Urquiza ùm compromisso, que pôz fim á guerra civil. Dêsse compromisso saïu a actual constituição da Republica Argentina, em virtude da qual o feliz pacificador foi eleito presidente por seis annos. Foi isto em 1862.

Flores apresenta um perfeito contraste com Mitre. E' de pequena estatura, ainda mais feio de rosto que de figura; tem o cabello preto, mas liso, o bigode louro, o resto da barba grisalho, olhos pequenos e encovados, côr azeitonada; traz as unhas e as palmas das mãos pouco limpas. Tudo nêlle indica

---

(1) *Vida do general Belgrano.*

ter sangue indigena, intelligencia pouco desenvolvida e pouca educação. Logo que nos apeámos, o nosso amigo Magariños, satisfeitissimo de poder ser introductor, apresentou-nos ao chefe do Estado Oriental como «*los señores principes*». Demos *shakehands* e procurei travar conversação. Mas inutilmente: o homem estava preoccupado com a preferencia naturalissima que o imperador dava á conversa de Mitre. Trazia képi côr de amaranto, farda desabotoada e, como Mitre, banda azul e branca.

Nasceu d. Venancio Flores em 1808 nos arredores de Montevidéo; e tem passado toda a sua vida a guerrear, por uma causa ou por outra, nas margens do Prata. Começou a celebrizar-se durante o sítio decennal que Montevidéo sustentou contra Oribe (1842-1852) conseguindo, em arrojadas operações, introduzir gado na praça bloqueada. O anno passado estava outra vez em armas contra o govêrno de Montevidéo, quando, rompendo o Brasil com esse govêrno, se tornou para nós um auxiliar inevitavel. E' sabido como os Brasileiros occuparam Montevidéo; já que a fôrça numerica do partido «*blanco*» não permittia organizar alli govêrno regular durante o estado de guerra com o Paraguai, estabeleceu Flores o seu, com o título de chefe provisorio da Republica Oriental. Foi nesta qualidade que entrou na Triplice Alliança contra o Paraguai.

Depois de Mitre e de Flores, a personagem mais saliente do Estado Maior dos nossos alliados é o general Paunero, que, posto seja Oriental de nascimento, commanda o contingente argentino. E' uma figura militar, de barba branca, farda muito comprida e dragonas á franceza. Declara ter estado prisioneiro no Rio de Janeiro em 1825 (1). Quanto aos officiaes de menor graduação, os Orientaes são em geral homens de certa

---

(1) O general Paunero foi mais tarde ministro plenipotenciario da Republica Argentina no Rio de Janeiro e ahi falleceu em 1871. Era homem de tracto muito agradavel. Em um de nossos encontros defronte de Uruguaiana disse-me espontaneamente, olhando para a placa da Ordem do Cruzeiro que eu trazia sôbre a farda: «Foi idéa muito poetica de dom Pedro I esta condecoração», dando assim a entender que não lhe seria desagradavel recebê-la, o que com effeito, creio, se verificou algum tempo depois, tendo os presidentes Mitre e Flores recebido a Gran-Cruz da mesma ordem.

edade e feios; trazem képi côr de amaranto ou chapéu com fitas encarnadas com o lettreiro *Ejército Oriental*, ou então *Ejército Libertador*. Os Argentinos têm feitio mais civilizado: ha entre elles mancebos muito elegantes, de cintura fina, calças largas côr de garanço ou de amaranto; trazem nas mangas o grande laço de galão estreito de ouro, á franceza.

Depois de se terem retirado os alliados, o ministro deu-nos de almoçar, o que já se ia tornando muito desejavel, porque era mais de meio-dia. Passou-se grande parte da tarde a passear deante das barracas, a conversar com os officiaes que naturalmente affluiam de todos os lados do acampamento, a cumprimentar o imperador e a ouvir-lhes contar o que succedera em S. Borja e nas margens do Mbutuí. Depois, na occasião em que o céu, já ha muito carregado, se desfazia em caudalosa chuva, o imperador montou a cavallo, para ir ver a cavallaria do barão do Jacuhí, denominada 2ª divisão ligeira.

O barão (vulgarmente designado por Chico Pedro) é pessoa extremamente sympathica. No tempo da guerra civil foi, pela ousadia e rapidez dos seus movimentos, um dos principaes esteios da causa imperialista ou «legalista» como se diz. Era então o coronel Abreu, e as memorias de Garibaldi, que foi seu adversario, prestam homenagem aos seus talentos militares. Agora a invasão extrangeira na sua provincia natal fê-lo saïr do seu retiro: foi elle que, percorrendo os differentes municipios, chamou ás armas e organizou a maior parte da Guarda Nacional, que se acha reunida sob o seu commando. Tem esta tropa singular aspecto; quasi nunca traz uniforme; o poncho é o unico distinctivo commum a todos os corpos; o chapéu, de qualquer feitio, tem uma fita encarnada com uma inscripção patriotica ou o nome do municipio. Si o trajo deixa a desejar, ao menos estão bem armados, cada homem tem uma lança ou uma clavina, um sabre e uma pistola, sem contar o laço e sobretudo as bolas, que nas suas mãos exercitadas se podem converter, si preciso for, numa arma terrivel. Mas sempre é cavallaria, arma inutil para um assalto como o que teremos de dar em Uruguaiana.

Pretende-se, porém, converter parte desta cavallaria em infantaria de reserva e armá-la com espingardas de baioneta. Por ora fazem o serviço de guarda do acampamento, do lado da cidade, com a missão de dar aviso dos movimentos do inimigo; pois todos sabem que, nos trez exercitos alliados, não ha official mais vigilante nem mais decidido do que o Chico Pedro, barão de Jacuhí.

Ainda continuava a chuva quando o imperador voltou ao que se baptizára com o nome de quartel imperial, mas que apenas se compõe da linha das carretilhas, dispostas ao lado umas das outras, porque as nossas barracas ficaram lá muito para traz nos carros de bois. Occupámos posição elevada, numa especie de coxilha, donde se extende a vista por sôbre quasi todos os acampamentos de Uruguaiana. Está situada a cidade, como é sabido, numa pequena eminencia na margem esquerda do Uruguai, que corre approximadamente de Norte a Sul. E' pois na direcção do Occidente, a uma distancia de trez quartos de legua do quartel imperial, que nos apparecem os seus primeiros edificios, entre os quaes a egreja é o unico importante. Um pouco para cá existe um cemeterio murado, que certamente vai ser ponto interessante no combate. Ao Norte da cidade, quer dizer, á direita, relativamente á posição que occupamos, o Uruguai interrompe a immensa planície, com a fórma de um filete de prata. Do lado de lá é terra argentina. Do lado de cá, sempre ao Norte da cidade, talvez a meia legua do rio, está acampado o exército de Flores. Um quarto de legua o separa das barracas que occupa, com o ministro, o barão de Porto-Alegre. Seguem-se, continuando para o Sueste, até um ponto que não fica longe do quartel imperial, os acampamentos da infantaria e da artilharia de Porto-Alegre, interrompidos por uma pequena chacara de laranjeiras com trez ou quatro muito miseraveis cabanas de taipa, em que se installou um hospital. Para encontrar outra casa, é preciso continuar a andar quasi uma legua para Léste; ahi está outro hospital. Nestes dous hospitaes ha, ao todo, cêrca de 300 doentes, uns accumulados no interior das cabanas, outros installados em barracas que se armaram á roda. Estão todos deitados no chão, mesmo os officiaes, que são uns dez. Por detraz dos acampamentos de

Flores e de Porto-Alegre, quer dizer, do lado do Norte e do Nordéste, corre o Imbahá, pequeno arroio cujas margens são cobertas de arvores. A cavallaria do general Canabarro, denominada 1ª divisão ligeira, occupa uma série de acampamentos separados uns dos outros, alguns até do outro lado do Imbahá, todos a Nordéste da cidade, ao passo que a do barão do Jacuhí guarda o lado de Léste e do Sul. Estes 5.000 homens de cavallaria encontram-se pois distribuidos por uma extensão de duas leguas ou mais, dispersão que poderá parecer muito pouco estrategica em frente do inimigo, mas que resulta necessariamente do systema da cavallaria riograndense. De facto, não havendo milho para dar aos cavallos, é preciso que pastem quando não estão sellados. Ora na estação presente o capim não abunda; 10.000 cavallos (número mínimo, suppondo que só haja dous cavallos para cada homem não podem todos pastar no mesmo sítio. Forçoso é pois deixar á roda do acampamento de cada corpo um espaço livre, em que os animaes possam pastar sem deixar de lhe ficar á mão. Ainda assim, não se evita que morram muitos, e os seus cadaveres, junctamente com os restos dos bois que se matam para a alimentação, enchem a atmosphera de exhalações pestilentas, que já originaram casos de typho. Ha ordem de enterrar sem demora tudo quanto morre, mas as ferramentas não são em número sufficiente para este trabalho.

Nêsse dia tinham os inimigos expulsado da cidade todas as boccas inuteis, e em seguida a esta operação, tinham elles saïdo tambem, para fazer exercicios fóra da área edificada. Era uma noite muito escura: tê-la-iam elles escolhido para tentar uma sortida em massa e assim escapar ao nosso assalto? Era pouco provavel, pois que, si tivessem formado esse intento, parece que teriam tido cuidado de não despertar a nossa attenção com manobras ostensivas durante o dia. Todavia, durante horas o imperador esteve prompto a montar a cavallo ao primeiro alarme. Só pelas 10 horas é que se soube que os inimigos se tinham retirado para o interior da cidade e que nós pudemos adormecer nas nossas carretilhas, apesar de uma formidavel tempestade que durou toda a noite.

12. — Tinha ficado assente que neste dia o imperador iria visitar o acampamento de Flores; mas ás 9 horas, como ainda chovia a cantaros o ministro mandou dizer que, mesmo por cortezia com os alliados, lhe parecia melhor adiar-se a visita: assim se fez, e foi pena, porque, segundo parece, já os alliados estavam em fórma e devem ter ficado na supposição de que o imperador tivéra receio da chuva, quando é certo que nunca perde occasião de se molhar. Pelo meio-dia levantou o tempo, e o quartel imperial foi transportado para juncto da barraca do general em chefe. A posição que tinhamos occupado durante a noite era central e gozava-se d'alli uma bella vista; mas o imperador estava longe de todas as tropas e muito longe dos sítios onde havia lenha, e principalmente, de toda agua potavel: de manhã não houvéra meio de nos lavarmos. Estando ao pé do barão de Porto-Alegre, está o imperador tambem mais perto dos nossos alliados e do riacho do Imbahá.

Passou-se o dia sem novidade. Mandaram-se vir, para os interrogar acêrca dos recursos dos inimigos, alguns dos extrangeiros que na véspera tinham sido expulsos da cidade. Parece que são ao todo 150, entre Europeus, Argentinos e Orientaes (todos os Brasileiros tinham fugido ao approximarem-se os Paraguaios, receando, com razão, a sorte dos de S. Borja e de Itaquí). Dos que eu vi, de entre aquelles individuos (a saber, um argentino, um francez, um portuguez e trez hispanhóes), ou fôsse da sua parte ignorancia ou malícia, não consegui tirar nada que pudesse servir. Como estes individuos não podiam ser no nosso acampamento sinão um novo elemento de desordem, e talvez, de espionagem, deu-se ordem para serem concentrados juncto do rio, e o visconde de Tamandaré vai transportá-los para a margem direita, onde encontrarão abrigos na aldeia de Restauración.

Trouxeram tambem um soldado paraguaio que, estando de sentinella, atirára com a arma e passára para o nosso lado. Era um mancebo de 18 annos, de tez bronzeada e feições regulares, mas extraordinariamente sujo e miseravelmente vestido. Além do képi de panno azul só trazia umas calças de linho ordinarias e uma espécie de manta de lã de riscas, a

que os Paraguaios chamam *bichará*. Só sabia fallar guarani, todavia manejou a arma, bem os mais dando-as as vozes em hispanhol.

A distracção do dia foi a leitura do *Semanario* cujo número de 1º de Agosto fora enviado de Buenos-Aires ao ministro. E' sabido que esta folha hebdomadaria é o jornal official do Govêrno paraguaio e, segundo creio, o unico jornal que no Paraguai se publica. E' uma publicação das mais curiosas. Serve a lingua hispanhola muitas vezes, na Europa e na America, para enfileirar palavras destituidas de sentido; mas para se ficar sabendo até que ponto ella póde chegar, em estylo ridiculo e em pensamentos absurdos, é preciso ler o *Semanario* de Assumpção. Este número era quasi inteiramente consagrado á descripção do combate naval do dia 12 e á da occupação de Uruguaiana e de Restauración por Estigarribia e Duarte, entremeadas, já se vê, de tiradas sôbre as qualidades invenciveis dos soldados paraguaios e as virtudes civicas de Lopez, sôbre a covardia e perfidia dos alliados; e sobretudo, de injurias ao imperador e a Mitre. Não digo bem: ha ainda outra parte importante: é a descripção das solennidades religiosas que se celebram em todos os cantos do Paraguai pela felicidade do «*Excelentisimo Mariscal Presidente de la República y general en Gefe de sus Ejércitos Ciudadano Francisco Lopez*». De resto, além das noticias do interior e das da guerra, não contém este jornal, por juncto, sinão trez factos: um delles é que os jornaes chilenos defendem a causa do Paraguai; o segundo é uma quéda de cavallo que Mitre realmente deu, ha dous mezes, numa rua da Concordia; e sôbre esta quéda ha umas poucas de linhas de motejos! o terceiro (e o que succede com este é o mais charateristico) é a morte de Lincoln. Ao dar a noticia, accrescenta a redacção: *comprendemos que su muerte ha sido producida violenta e traidoramente*, sem mais pormenores. Ora o assassinato de Lincoln, conhecido na Europa a 27 de Abril, deve-o ter sido no Rio de Janeiro, a 2 de Junho, e em Buenos-Aires a 10, e é a 1º de Agosto que o jornal de Assumpção dá noticia de tão grave acontecimento! Basta este facto para pintar o isolamento intellectual do resto do mundo, em que vive a nação paraguaia.

13. — A's 8 horas, estando a chover abundantemente, o imperador montou a cavallo para ir visitar a flotilha commandada pelo visconde de Tamandaré e encontrar-se a bordo com os chefes alliados. Era preciso passar por deante do acampamento de Flores. Os soldados dos postos argentinos, quando o imperador chegava á altura delles, tomavam e apresentavam armas, envoltos em bons capotes escuros. Pouco depois veiu Flores junctar-se a nós. Vinha sózinho, e mais feio, si é possivel, que na antevéspera. Tinha trocado o képi côr de amaranto por um chapéu de feltro preto muito ponteagudo, com uma estreita fita encarnada. Uma capa de borracha fluctuante e aberta deixava ver um sobretudo pardo já gasto. Não trazia insignias militares, nem mesmo espada ou sabre; vinha de galochas de borracha; sem botas, nem esporas, nem presilhas, e quasi se podia dizer que nem estribos, porque não se servia delles. Certamente com o intúito de abrigar os pés da chuva debaixo da capa (intúito que absolutamente não conseguia) trazia as pernas dobradas sôbre a sella, de sorte que os pés lhe ficavam acima dos joelhos. E' preciso um homem ter nascido gaúcho para se segurar a cavallo em tão incômmoda posição.

Pelas 9 horas e meia chegámos á beira do rio; o visconde de Tamandaré estava alli com um escaler á espera do imperador. Bastaram algumas remadas para nos pôr a bordo do *Onze de Junho*, lindo vapor que o Govêrno acaba de comprar para transporte de tropas e que traz momentaneamente o pavilhão do visconde (1). Mitre já lá estava. Os trez chefes de Estado entraram num camarote e alli ficaram sós até que o visconde annunciou o almôço, em que tomaram parte além do imperador, Mitre, Flores, Augusto e eu, o ministro, o visconde e o barão de Porto-Alegre. Foi muito brilhante, porque, em primeiro logar a cozinha do visconde é excellente e elle é o mais amavel dos amphytriões; depois, Mitre é muito interessante; é capaz de conversar sôbre tudo, falla, com egual facilidade, de Historia natural, de Bellas artes e de Litteratura.

---

(1) O nome dado a este vapor recorda a data da gloriosa batalha naval de Riachuelo.

Expôz, entre outras, a theoria de ser a carreira das lettras preferivel á das armas, e declarou que só era militar por necessidade. Na sua bocca tudo isto fica muito bem; mas quando Flores entendeu que era seu dever fazer chôro a estas affirmações, custou-me conter o riso.

Do *Onze de Junho* passámos para o *Taquarí*, vapor mui recentemente construido no Rio de Janeiro, armado de dous canhões Whitworth de 12, que logo levantou ferro para nos conduzir para jusante de Uruguaiana. Em frente á cidade apresenta o Uruguai uma bella massa de agua, do dôbro da largura que tem o Rheno em Colonia, e que aqui não é cortada de ilhas, como mais acima e mais abaixo succede. São as duas margens muito similhantes, pouco accidentadas, pouco arborizadas. Exactamente defronte do sítio onde está ancorada a nossa flotilha, isto é, meia legua acima de Uruguaiana, eleva-se numa eminencia da margem direita a aldeia de Restauración, ou como me foi dicto que officialmente a baptizara o Govêrno argentino, Paso de los Libres. E' rodeada de arvores; do lado do Norte extende-se mesmo um verdadeiro bosque, que o Iatahí atravessa. Ao pé estão ancorados muitos navios de vela mercantes. Estão em Paso de los Libres cêrca de 2.000 homens de cavallaria argentina e oriental e as enfermarias, onde se estão a tractar os feridos da batalha de 17 de Agosto. O ministro foi visitá-los.

Uruguaiana occupa tambem uma eminencia que se inclina suavemente para o rio. O *Taquarí* fez-nos passar tão perto que pudemos formar idéa muito completa da cidade e das posições que certamente teremos de tomar á viva fôrça. Muito poucos edificios notaveis possue Uruguaiana: muito mais importante que qualquer outro é a egreja, situada, como ficou dicto, na parte mais distante do rio, que é a mais alta. As janellas da egreja parecem estar cuidadosamente entrincheiradas.

Só um pequeno número de casas tem terraço e uma dellas tem uma especie de mirante. As ruas, direitas, parallelas e largas, formam ângulo agudo com a direcção do rio do lado do Norte, mas poderiam ser muito bem varridas péla artilharia da flotilha. Nestes trinta e septe dias que tem occupado Uruguaiana, rodeou o inimigo toda a cidade de uma trincheira, a

qual consiste num simples fôsso com parapeito de terra e parece ter sido traçado sem plano. De todos os lados deixa de fóra algumas das palhoças que estão disseminadas á roda da cidade propriamente dicta, e da banda do Sul um contraforte que domina bôa parte da cidade. Este mesmo contraforte e algum matto, que d'ahi se extende até o rio, escondem aos defensores da cidade o resto das margens. Esta circunstancia, favorecendo um desembarque de tropas, concorre com a primeira para indicar este lado do Sul como devendo ser o do ataque principal.

Descémos o rio cêrca de meia legua abaixo de Uruguaiana, até avistarmos as ilhas; depois voltámos para onde estava a flotilha. Num e noutro trajecto pudémos contar á vista desarmada os cavallos que, em número um tanto consideravel, estão a pastar entre a cidade e o rio, tanto fóra como dentro da trincheira, e que, mesmo á falta de qualquer outro alimento, hão-de proporcionar subsistencia importante para os estomagos dos inimigos. Com o óculo pudemos distinguir estes, a passear, de blusa encarnada e calças brancas, nas partes exteriores da cidade e á roda de dous pequenos acampamentos ou agglomerações de barracas. Um dêstes acampamentos fica do lado do Sul e é dominado pelo contraforte, a que me referi. O outro, do lado do Norte, parece ser, com a egreja e o cemeterio, uma das posições que os inimigos esperam defender com bom êxito; pois, apesar de comprehendido na trincheira geral, está ainda rodeado de uma trincheira especial de terra e de uma estacada. Quanto ás cinco peças de artilharia, que todas as informações concordam em attribuir aos defensores de Uruguaiana, não conseguimos descobri-las, si bem que do lado do rio a trincheira apresenta dous recortes que sómente se podem explicar suppondo-se destinados a servir de canhoneiras.

Do *Taquarí* passou o imperador, sempre accompanhado dos chefes alliados, ao vapor *Rio-Uruguai*, armado de uma peça de 30, e a uma das duas chatas, embarcações de vela que, armadas cada uma de um canhão, completam actualmente a nossa flotilha (1).

---

(1) Uma chata era commandada pelo 1º tenente **Floriano Vieira Peixoto**.

E' nesta flotilha que está embarcada a 1ª companhia dos Zuavos Bahianos, a mais linda tropa, a meu ver, de todo o Exército brasileiro. Compõe-se unicamente de negros; brancos, indígenas ou mulatos são della excluidos. Os officiaes são tambem todos negros, negros retinctos; e nem por isso são peiores officiaes; pelo contrario. Estive propositadamente a conversar muito tempo com elles; estão inteiramente a par de todos os pormenores do seu serviço e orgulhosos do seu batalhão. Quasi todos eram officiaes inferiores na Guarda Nacional; um tem a medalha de prata de 1852. Deram a estes zuavos um uniforme vistoso, que muito bem diz com a côr da sua pelle: calça encarnada, collete verde com galões amarellos, cinta encarnada, jaqueta azul, pescoço descoberto, «fez» encarnado. Sobretudo a suppressão da golla, que os homens de côr muitas vezes não sabem ajustar convenientemente, é uma idéa felicíssima; só lamento que se não tenha completado com polainas brancas o seu aspecto militar. Estes uniformes, que se fizeram por subscripção pública na Bahia, estão maravilhosamente bem conservados. O trajo dos officiaes não têm de commum com os dos soldados sinão a calça encarnada: vestem uma simples farda azul e têm no képi as iniciaes Z. B., pois que estes zuavos não foram incluidos na numeração geral dos corpos de Voluntarios. Além desta companhia deu a provincia da Bahia mais duas (que estavam ainda no Rio de Janeiro á data das últimas notícias) e a de Pernambuco uma.

Recebemos a bordo do *Onze de Junho* a visita dos generaes Paiva e Madariaga, commandantes do contingente argentino que ficou na margem direita. O primeiro é um velho gaúcho obeso, que vem de chapéu de feltro e fardeta azul certamente feita para o seu corpo ha uns quarenta annos, de modo que é agora absolutamente impossivel abotoá-la. Madariaga, ao contrario, é um elegante de cabellos brancos, conversador. E' senador pela provincia de Corrientes. Tinha começado a fazer-me uma dissertação sôbre as modificações que successivamente têm soffrido a Constituição Argentina, quando o imperador e Mitre se approximaram, impedindo-me de aprofundar este assumpto. Devo confessar que muito confusas tinham sido até esse momento as minhas idéas acêrca dos

differentes partidos da Republica Argentina: fiquei agora sabendo que o partido liberal, actualmente no poder, se intitula «Unitario», e que é o partido denominado «Federalista» que, como o partido «Blanco» na Republica Oriental, representa os restos dos partidarios de Rosas.

Prolongaram-se as conferencias politicas e militares até á noite; decidiu-se, portanto, que tambem para o jantar nos utilizassemos da excellente mesa do visconde. Por fim levantou-se este para pronunciar o brinde — «A' Sua Majestade o Imperador. — Aos chefes dos Estados nossos alliados!»

Depois do jantar dirigiu-se o imperador para o acampamento accompanhado até a margem por Mitre, e até o Quartel Imperial por Flores, que quizera servir de vaqueano. Ao passarmos, as sentinellas argentinas, menos cortezes que de manhã, fizeram sibilar duas balas por cima das nossas cabeças, por ninguem da comitiva ter respondido ao seu «Quem vem lá?» Fomos encontrar os invalidos da nossa sociedade muito inquietos com a nossa demora; o general Beaurepaire confessou que suppuzéra terem os inimigos interceptado a communicação entre o rio e o nosso acampamento.

14. — Dia tambem empregado em conferencias preliminares das disposições para o ataque. Mitre, Flores e Paunero, que para este fim vieram ao nosso acampamento, ficam para jantar comnosco.

Quando nos levantámos da mesa e o imperador começou a conversar de parte com Mitre, Augusto e eu apoderámo-nos de Flores e conseguimos fazê-lo fallar. Porém, sem contar o cecear á andaluza, que é muito sensivel, é bem singular a conversação dêste chefe da nação oriental, ou, para melhor dizer, nem mesmo chega a ser conversação: é uma série de narrativas em que os factos se perdem no meio dos mais triviaes e insignificantes pormenôres: parecendo contos de um velho soldado aos netos, tal a ingenuidade dos pensamentos e a uniformidade de tom. Atravez de todas estas inutilidades, tiramos delle contudo uma noticia que, a ser verdadeira, não deixa de ter importancia: é a de vir uma columna paraguaia a descer ao longo da margem direita do Paraná, circunstancia ameaçadora para Buenos-Aires, que se acha desguarnecida. Contesta Mitre a veracidade desta informação, accrescentando,

porém, que, si verdadeira fôsse, seu ermão (d. Emilio Mitre), que está em Rosario (provincia de Santa Fé) com os contingentes das provincias occidentaes, facilmente deteria a marcha daquella columna. Mas, segundo outros, não existem esses contingentes das provincias occidentaes, porque a essas provincias, de muito escassa população, é indifferente a sorte do govêrno de Buenos-Aires; e parece-me que deve ter fundamento esta segunda versão.

15. — Ao meio-dia o imperador monta a cavallo para ir fazer a visita, tantas vezes adiada, ao exército de Flores. Parecia que tinha havido tempo sufficiente para se assentar a hora exacta dessa solennidade; porém os chefes alliados só receberam o aviso com alguns momentos de antecedencia, e já o imperador tinha passado as primeiras barracas quando elles chegaram a galope a recebê-lo. Depois dos *shakehands* de rigor tomaram os seus logares habituaes, Mitre á direita e Flores á esquerda do imperador. Em seguida confundiram-se os estados maiores e eu travei conversação com o general Paunero. Começou o general muito amavelmente por me fallar na parte que meu pae tomou no cêrco e no assalto de Constantina (1); depois entrou em lamentações interminaveis por não ter o imperador avisado mais cedo da sua vinda, de sorte que o exército não tivéra tempo de se formar numa unica linha, como devia ter feito, podendo sómente formar-se cada corpo deante das suas barracas. Quando o imperador ia passando pela frente das tropas, estas apresentavam armas e os tambores tocavam em continencia; algumas musicas tocaram até o hymno brasileiro; e por toda a parte se inclinavam as bandeiras republicanas taes quaes as brasileiras. Assimelham-se muito as bandeiras das duas Republicas. A argentina tem, entre duas faixas horizontaes de côr azul celeste, uma faixa branca e no meio desta um sol. Na oriental as faixas são tambem horizontaes, azues e brancas, mas em número de oito, e o sol, em vez de estar no centro, occupa o canto da bandeira. Deante da barraca de Flores vêm-se arvoradas ao pé umas das outras as trez bandeiras, symbolo da alliança. O que ha de mais singular são os guiões: alguns, por exemplo, brancos com

(1) Outubro de 1837.

cruzes vermelhas, e outros pretos com um vulcão em erupção no meio !

Graças ao general Paunero consegui formar idéa bastante exacta da composição dêsse famoso exército de Flores. Os batalhões argentinos, que vimos primeiro, são em número de 10, a saber, cinco de linha, um de voluntarios, uma « Legião Militar », e tres de Guarda Nacional das provincias de Buenos-Aires, Santa-Fé e Corrientes. Acham-se estes dous ultimos em deploravel estado; mas os outros são magnificos. Os mais brilhantes são o denominado de Voluntarios e a « Legião Militar », quasi inteiramente compostos de europeus.

Esta « Legião Militar », que antes da guerra se empregava contra os indigenas do Sudoeste, é até commandada por um italiano, chamado Ciarlone. Tem sobretudo uma banda de tambores e clarins de esplendido effeito. Tanto estes dous batalhões como os de linha estão uniformizados completamente á franceza; os uniformes vêm até já promptos da Europa: fardas muito curtas, azues ou verdes, grandes dragonas de lã, barretinas pequenas, calças largas mettidas em polainas brancas. O effeito de conjuncto é muito marcial. Os officiaes são os unicos que conservam calças côr de amaranto, cujo effeito a meu ver é infeliz. O uniforme da Guarda Nacional de Buenos-Aires, denominada « Batallon de San Nicolas » (1), é azul-escuro com golla, canhões e lista das calças escarlate; tem este corpo muito bom aspecto e dá-me alguma lembrança da artilharia hispanhola. A artilharia argentina tem tambem uniformes á franceza, com grandes dragonas vermelhas; as suas 24 peças são 18 canhões de 12 e seis obuzes de seis, todas de bronze.

Depois dos argentinos vimos os quatro batalhões brasileiros de Kelly: são dous de linha, que se acham em muito bom estado e os de Voluntarios que têm os numeros 3 a 16. Aquelle é da provincia da Bahia e commandado pelo tenente-coronel Galvão, official de aspecto muito militar que tem a medalha da Independencia. O outro foi quasi inteiramente recrutado no Estado Oriental. Não tem, por assim dizer, de

(1) Este nome recorda a localidade chamada « San Nicolás de los Arroios », proxima a Buenos-Aires, cujas milícias tomaram parte na batalha de Cépeda, uma das victorias do general Mitre.

brasileiro sinão a bandeira e o commandante, Paes da Silva, vulgarmente designado por Fidelis (1). Este, tendo sido ferido no combate de 17 de Agosto, acha-se actualmente a tractar-se em casa de um amigo na provincia de Corrientes, de sorte que o batalhão é commandado por um italiano, o major Groppi, que foi companheiro de Garibaldi no cêrco de Roma. Os seis capitães são egualmente europeus, a saber, quatro italianos, um suisso e um allemão. Tem este corpo blusas encarnadas com canhões azues e képis escarlates. E' formado, na maioria, de italianos e toleram-se guiões das côres italianas, que fazem singular effeito sob a bandeira brasileira.

Os ultimos eram orientaes. Entre os argentinos e elles ha toda a differença que separa Flores de Mitre. Só fazem bom effeito as *boinas* encarnadas, similhantes ás dos bascos hispanhóes, e as grandes barbas pretas. São homens de bello porte, mas têm caras de salteadores. O seu trajo é o mais irregular possivel. Ha soldados que não têm calças... Vou explicar: trazem as pernas embrulhadas numa espécie de manta de lã, que toma nêste caso o nome de *chiripá*. Formam trez batalhões: « *Voluntarios de la Libertad* », « *Voluntarios de la Florida* » (exquece-me o nome do terceiro), e uma bateria de oito peças de differentes calibres, cujos homens têm uniformes de linho cinzentos. Entenderam os Orientaes que deviam receber o imperador dando ruidosos vivas « *Viva Su Majestad Imperial! Vivan los Alliados!* » e outros gritos que não pude distinguir.

Parece-me impossivel que neste contingente oriental haja os 3.000 homens, de que até hoje nos tem fallado o nosso amigo Magariños: creio que este número se deve reduzir pèlo menos á metade. Attrahiu-me neste dia a attenção no estado-maior oriental uma singular figura: é um homem de

(1) O valente coronel Fidelis Paes da Silva veiu, accedendo a pedido do marquez do Herval, de quem era particular amigo, auxiliar-me na perseguição do dictador Lopez, distinguindo-se especialmente nas arrojadas expedições que effectuou em Novembro de 1869, apoderando-se, debaixo da metralha inimiga, dos passos fortificados dos rios Jéjuí-guassú e Jejuí-mi, e, para além do Iguatemí, do acampamento de Itanarãns, no qual Lopez reunira machinas destinadas ao fabrico da polvora, libertando tambem numerosas familias que, entregues á maior miseria, ahi se achavam retidas pelo dictador.

prodigiosa obesidade, com fardeta toda enfeitada de tranças de ouro, que traz na mão um enorme clarim. Diz-nos Flores que é um europeu que lhe serve de «*corneta de órdenes*» e que tem o posto de major! Parece que pelo menos a música (1) é bem considerada entre os Orientaes! Flores apresentou seu filho ao imperador: é um mancebo de tez muito bronzeada, que traz uma fardeta muito adornada com alamares de ouro.

Os chefes alliados accompanharam o imperador até o Quartel Imperial; depois seguimos nós sózinhos a ver os nossos hospitaes ao mèsmo tempo que iamos fazendo reflexões sôbre o bello aspecto dos Argentinos.

O segundo hospital fica longe: voltámos ao nosso acampamento por uma tarde muito fresca.

16. — Trinta dias se tinham passado desde o combate de Restauración e ainda se não tinha dado contra Uruguaiana um unico tiro de canhão! Parecia porém que chegára finalmente o momento solenne do ataque. O barão de Porto-Alegre tinha marcado este sabbado 16 para mandar avançar toda a nossa infantaria e artilharia ao alcance das trincheiras inimigas, e uma vez que alli chegassemos, quem é que poderia impedir um combate decisivo? Mas sobrevem nova demora, e donde não era de esperar: dos nossos alliados. Não estavam promptos a entrar em combate, dizia o general Paunero; a infantaria precisava proceder á limpeza das armas; enfim, queriam que se esperasse mais um dia; não houve remedio sinão condescender. O imperador empregou a tarde em passar revista á cavallaria do general Canabarro. Nesta, como na de Chico Pedro, ha grande mixtura: ha esquadrões bem vestidos com bôas fardas de panno azul, outros ha que não têm uniforme algum. Tambem entre elles ha *chiripás* e *bicharás* como entre os Orientaes e os Paraguaios. Nem mesmo a camisa é absolutamente obrigatoria.

A edade, dando ao general Canabarro um excesso de corpulencia, já lhe diminuiu um tanto as faculdades. Ao contrario do barão de Jacuhí, foi o general outróra republicano, «farrapo» em giria riograndense. Foi isto ha 20 annos; o

(1) Que elle chama «musiquería».

imperador e o govêrno já ha muito o exqueceram; porém outras pessoas não: o general tem muitos desaffeiçoados no Exército; e infelizmente a guerra actual não os fez calar. Era elle que, antes da chegada do general Caldwell, se achava incumbido da defesa das fronteiras da provincia, e é portanto sôbre elle que, com razão ou sem ella, ha quem faça pesar a responsabilidade da invasão extrangeira.

A' volta vimos fazer exercicio um batalhão de linha, que eu ainda não inclui na nomenclatura de nossas tropas, porque só ha dias chegou do Sul pela via fluvial. E' um bello batalhão, muito bem exercitado. Dizem que todo este exército do Sul commandado pelo general Osorio se encontra em muito bom estado, repousado e refeito, como está, por uma residencia de mezes em Concordia ou nos arredores, ao passo que os batalhões do exército de Porto-Alegre têm passado estes mesmos mezes do inverno a percorrer em todos os sentidos a provincia do Rio Grande do Sul. O vapor *União*, que trouxe o batalhão a que me refiro, desceu immediatamente o rio para ir buscar outro, que será, ao que se espera, o 2º de Voluntarios Rio de Janeiro).

Nesta tarde as barracas da infantaria estavam todas vazias, e cada commandante fazia exercitarem-se os seus soldados deante do acampamento, porque bem sabiam todos ser provavel que o dia seguinte visse o principio do fim. Mas, ai! no momento em que chegávamos ao Quartel Imperial, chega um official argentino a galope e entrega uma carta ao barão de Porto-Alegre. O general Paunero sollicita mais 24 horas de adiamento!

17. — Devia ser meia-noite. Eu estava a dormir. O meu criado abre a portinhola da carretilha.

— Senhor, não sei que ha, mas todos estes senhores estão lá fóra.

— E o imperador?

— Tambem está lá fóra.

D'alli a um instante o proprio imperador me veiu dizer que os inimigos tinham posto fogo á cidade e tentavam passar o rio; e que se tinham mandado avisar Flores e Tamandaré. Saï, de sabre e revólver, convencido de que teriamos de montar

a cavallo para um combate nocturno. Parece que a má nova fôra dada por um soldado paraguaio ao corpo de Bento Martins, que occupa a posição mais proxima do rio, do lado do Sul. Realmente de tempos a tempos apparecia por cima da cidade um clarão que se podia attribuir a incendio, que começasse na parte mais distante de nós. Mas a 1 hora já se não via este clarão; era, pois, evidente que pelo menos a primeira parte da notícia não era exacta e que, si incendio houvera, fôra elle muito parcial; porventura tinha accidentalmente pegado fogo numa das numerosas cabanas de bambús disseminadas á roda da cidade. Trouxeram á presença do imperador o desertor inimigo, que dera o alarme. Era um entezinho muito feio, que parecia idiota; não fallava sinão guaraní, e, tiritando no seu *bichará*, dir-se-ia paralysado pelo frio da noite. O official que Bento Martins com elle mandára, servia de intérprete; mas, além da difficuldade de interpretar exactamente um idioma tão difficil como é o guaraní, tenho observado que quasi nunca se tira nada de positivo dêstes desertores ou prisioneiros paraguaios, porque o terror que os domina opprime-lhes a pouca intelligencia que possuem e fá-los responder affirmativamente a tudo que se lhes pergunta. E, mesmo admittindo-se que os inimigos possuissem algumas embarcações, era claro que não poderiam pensar em fugir todos. Segundo todas as informações são pelo menos 5.000. Para transportar uma tal fôrça eram precisos pelo menos 100 jangadas muito grandes, o que é inadmissivel. Como poderiam elles tê-las escondido a todos esses europeus que foram interrogados, ha cinco dias, e dos quaes nem um unico fez a menor menção de similhante cousa?

Entretanto chegou a resposta de Flores. Logo ás 11 horas recebêra aviso identico e, posto que não acreditasse, mandára o filho ao outro lado do rio a avisar Madariaga, o qual não permittiria que o inimigo desembarcasse na margem direita. Não era, porém, esse o perigo, a meu ver. E' o rio muito largo e rapido demais para que os inimigos pensassem em atravessá-lo com tão imperfeitas embarcações como as de que poderiam dispôr. Muito mais provavel era que, si tivessem em que embarcar 800 ou 1.000 homens, tentando recomeçar a

execução do plano habilmente formado por Lopez, se deixassem ir á mercê da corrente ao longo da margem esquerda, para assim chegarem ao Estado Oriental. Si o conseguissem, si tornassem a levantar lá a bandeira dos «*Blancos*», que desastre e que vergonha não seria para a Triplice Alliança! Bastava só a idéa de tal possibilidade para nos encher de inquietação; e a este sentimento vinha junctar-se, devo confessá-lo, alguma irritação contra os nossos alliados, que teriam dado ensejo a tal contingencia, impedindo-nos de atacar na véspera.

Mandou-se ao barão de Jacuhí ordem de reunir toda a sua cavallaria e, no caso de realmente partirem embarcações inimigas, segui-las ao longo da margem esquerda, ao mesmo tempo que o Tamandaré lhes daria caça no rio. Depois ficámos á espera de mais amplas informações, ora a passear de um lado para o outro, ora repellidos pela temperatura glacial para uma barraca, que o imperador mandára armar deante de sua carretilha. Por fim o barão de Porto-Alegre decidiu que, em vista dos projectos que reveláraˈo inimigo, já não era possivel adiar o ataque e que o nosso exército se poria em movimento contra a cidade ao alvorecer, isto é, ás 5 horas e meia. Eram 4 horas, e eu estava morto de somno. Pedi ao imperador licença para me deitar durante uma hora. A's 6 horas tornei a saïr da carretilha; a manhã estava ainda mais fria do que a noite. Porém já as nossas columnas de infantaria atravessavam a planicie deante de nós. Sendo a blusa encarnada o uniforme do inimigo, foi esta prohibida aos nossos no dia do combate, e os corpos que não têm outro fardamento de lã, tiveram de vestir por cima fardas de brim brancas que estão de reserva para o verão. Como as calças são azues, pareciam austriacos.

Estava eu a observar isto e a passear embrulhado no meu gabão; fazia as reflexões um tanto amargas que inspira uma noite inutilmente perdida, quando se approxima de mim um homem corpulento, com o képi côr de amaranto que é o distinctivo do estado-maior oriental e, depois de um enérgico aperto de mão me pergunta:

«—El baron Porto-Alegre? Me zabrá decir usted...?

—Ahora salió para allá.

—Y donde lo puedo encontrar?

—Muy cerca de aqui, pues hace muy poco que salió. Usted viene de parte del general Flores?

—Ez decir... que dice Mitre... que ni tiene caballoz y por ezo... quiere ver si se arreglan para mañana.»

Não quiz demorá-lo mais, pois que era portador de uma communicação; já sabia tudo: decididamente, fôsse porque fôsse, os alliados não queriam marchar. Effectivamente, passados instantes, a infantaria de Porto-Alegre voltava para traz e recolhia ao acampamento. Ao mesmo tempo sabia-se positivamente que se não via no rio nenhuma jangada nem barco inimigo. Tinhamos que passar mais um dia de inacção.

Afastados por um momento os cuidados militares, lembrou-se o imperador de que era domingo e quiz ouvir missa. Temos no acampamento trez padres: os párochos de São Borja e de Itaquí e o capellão que veiu com o batalhão de linha ultimamente chegado do Sul. Mandou-se chamá-los, mas nenhum delles tinha pedra d'ara, nem paramentos! Quanto ao párocho de Uruguaiana, ninguem sabe o que é feito delle! O exército de Flores tem capellães; mandou-se saber si estavam mais bem providos; mas não estavam.

O párocho de S. Borja é francez; é o padre Gay, nascido no departamento dos Altos-Alpes. E' homem intelligente; mas, si devo dizer o que me parece, um pouco palrador. Sabe egualmente bem o portuguez e o hispanhol e envia artigos empolados tanto aos jornaes da provincia do Rio Grande do Sul como aos do Estado Oriental e das provincias argentinas. Parece que a occupação de S. Borja foi o mais bello dia de sua vida. A quem o ouve, parece que só elle tinha, de ha muito, adivinhado os planos dos Paraguaios e avisado, mas inutilmente, as auctoridades; contudo foi o unico que não saïu de S. Borja ao approximarem-se as tropas inimigas; enterrou o thesouro da parochia para subtrahi-lo á avidez delles. Si bem me recordo, poude presenciar os actos de vandalismo do inimigo e foi o último a saïr da cidade em demanda de Itaquí.

Esta tarde tivemos a felicidade de receber jornaes do Sul: *La Nación*, de Buenos-Aires, e *El Ferro-carril*, de Rosario. Trouxeram-nos notícias da Europa de 17 de Agosto, via *Santiago*, paquete do Pacifico. Tivemos o desgosto de por ellas saber do desastre do novo cabo transatlantico (1).

Como os alarmes da noite passada levam a suppôr que alguma cousa terá que fazer a flotilha, Augusto vai para bordo.

Vi uns papeis que foram encontrados na patróna de um Paraguaio morto em Restauración, e entre elles um caderno, por acabar, que contém partes da antiga ordenança hispanhola. Que recordação de Segovia senti de repente, quando, ao abri-lo li na primeira pagina: *Al recruta que llegare a una compañia se le destinará a una escuadra de cuyo cabo será enseñado á vestir con propiedad y aseo*, etc. Mas estava cheio de erros.

9 horas p. m. O secretario de Mitre veiu ainda conferenciar com o barão de Porto-Alegre e por fim annunciou-se officialmente que todo o exército alliado se poria em movimento no dia seguinte ás 7 horas.

18. — Effectivamente ás 7 horas o imperador monta a cavallo. Sabem todos que é este o dia em que á fôrça nos vamos apossar de Uruguaiana. Por isso ninguem falta á chamada; até o general Beaurepaire, a quem a sua doença ordinariamente obriga a conservar-se na carretilha, faz o exfôrço de montar a cavallo, por ser hoje, diz elle, o dia solenne. Vem tambem junctar-se ao estado-maior imperial o general Oliveira Ortiz, velho de 80 annos, que deixou a sua estancia, nos arredores de Alegrete, para vir assistir á tomada de Uruguaiana. Quanto ao general Caldwell, que fôra commandante em chefe, desempenha agora as funcções de chefe de estado-maior. E' um militar dos mais bravos e dos mais dignos; perdeu um braço, de um tiro de pistola, na guerra civil desta provincia, sendo major de cavallaria. O seu unico defeito é a sua excessiva modestia (2).

---

(1) Que se destinava a ligar a Inglaterra aos Estados-Unidos.

(2) Pouco depois foi este benemerito militar, tenente-general João Frederico Caldwell, chamado ao posto de ajudante-general do exército, o mais importante, como é sabido dos subordinados naquella épocha ao Ministerio da Guerra, e neste trabalhoso encargo falleceu em 1873. Foi ministro interino da Guerra em Septembro e Outubro de 1870.

Por sua parte, o presidente da Republica Argentina assumiu em pessoa o commando do seu contingente, de sorte que o exército alliado forma como que trez grandes divisões: 1ª, o exército de Porto-Alegre; 2ª, os Argentinos; 3ª, o resto do exército de Flores. Cada uma avança em duas columnas de infantaria com a sua artilharia ao meio, atravez das ondulações da verdejante planície e passa o Sauce, ou Salso, riacho que corre parallelamente ao Imbahá, a meia distancia entre este e a cidade. Cai uma leve chuva e logo torna a fazer bom tempo.

Pelo meio-dia está o exército alliado em linha á Leste da cidade, a que dá a frente, a cêrca de 300 passos da trincheira. Fórma uma linha levemente concava, mas sensivelmente parallela á direcção geral do rio. O exército de Porto-Alegre occupa a direita e tem atraz de si o famoso cemeterio, que, ao contrario do que era de esperar, não entrou no systema de defesa do inimigo. Toda a nossa artilharia estava disposta em bateria, a saber, as 24 peças argentinas, as oito orientaes e as 10 brasileiras, duas das quaes recentemente desembarcadas do vapor *Onze de Junho*.

Eu tinha seguido o movimento da brigada Kelly e com ella me achava na extrema esquerda. Esta brigada brasileira estava, como se sabe, sob as ordens de Flores e era, por si só, mais forte que todo o contingente oriental; Flores, para equilibrar as suas duas alas, tivéra de tirar-lhe o 16° batalhão de Voluntarios e collocá-lo, com trez batalhões orientaes, na sua columna da direita, ao passo que a da esquerda comprehendia os nossos dous batalhões de linha e o 3° de Voluntarios.

O imperador mandou-me chamar: atravessei a galope toda a extensão da frente de batalha. Posto que os Argentinos, que formavam o centro, ainda não estivessem perfeitamente em linha, era um bello conjuncto o dêstes 24 batalhões e septe baterias de trez nações, por cima dos quaes o verde de nossas bandeiras se casava com o azul que domina na dos nossos alliados republicanos. A nossa cavallaria riograndense, com excepção de uma parte que fôra apeada e que formava dous batalhões, devia, espalhada pela retaguarda e pelos flancos

do exército alliado, figurar aos olhos dos inimigos uma fôrça muito mais consideravel do que era na realidade.

Encontrei o imperador em frente do cemeterio, entre os batalhões do exército de Porto-Alegre; deante delle estava a nossa artilharia e uma bateria argentina, que nos fôra aggregada e que occupava a direita. Esta artilharia poderia estar, como disse, a 300 passos da trincheira inimiga prompta a dar cabo della. Os inimigos pareciam repartidos numa unica fila por toda a extensão da trincheira, e o resto accumulado nos dous acampamentos do Norte e do Sul que poucos dias antes tinhamos observado do rio e que se achavam fóra das duas extremidades da nossa linha. A' roda da egreja, que approximadamente correspondia ao centro argentino, não havia fôrças; e, o que mais admirava, as peças de artilharia do inimigo continuavam a estar invisiveis. Parecia que os Paraguaios não tinham outro plano sinão esperar na trincheira as nossas balas e depois as nossas baionetas e deixar-se matar como carneiros.

O vapor *União* chegára enfim do Sul, de manhã, e desembarcára o batalhão de Voluntarios que se esperava; é o n. 4. Vê-se o batalhão avançar da margem, em massa compacta, e subir para onde nós estamos. Não tarda a chegar ao pé do imperador, e depois dos gritos de « Viva Sua Majestade o Imperador ! Viva a Nação Brasileira ! » entra em linha á esquerda da nossa artilharia. E' um dos mais bellos batalhões de Voluntarios que tenho visto. E' commandado por um doutor em Medicina, o sr. Pinheiro Guimarães que, sendo professor da Faculdade do Rio de Janeiro, deixou de repente o confôrto dessa situação para vir tomar parte na guerra e, segundo é opinião unânime, tem sabido supprir a sua falta de práctica militar com uma applicação e actividade exemplares (1).

---

(1) O dr. Francisco Pinheiro Guimarães além de seu merito como medico, distinguira-se como litterato, poeta e dramaturgo; e foi membro da Camara dos Deputados. Quando fui nomeado commandante em chefe das fôrças brasileiras no Paraguai, offereceu-se logo, apesar de seu estado de saúde precario, a voltar commigo ao theatro das operações e importantissimo auxilio prestou-me na qualidade de ajudante-general até á conclusão da guerra.

Vejamos porém o que se passou com o inimigo. Ao meio-dia, estando o exército em linha, como disse, enviou-se a Estigarribia um parlamentario, a propôr-lhe, pela última vez, a rendição, dando-se-lhe um prazo de duas horas para responder. Confesso que, em vista da obstinação que elle até agora tinha mostrado, eu já não suppunha que se entregasse sem dar um tiro. Porém a 1 hora soube-se que, desta vez, o chefe inimigo prestava ouvidos e fazia uma contra-proposta: a saber que, além da vida, aliás já offerecida, os officiaes conservassem as espadas e pudessem retirar-se para onde quizessem, ficando só as praças de *pret* prisioneiras de guerra.

Eram exactamente as condições que 18 dias antes o inimigo tinha rejeitado. O imperador mandou reclamar a presença dos chefes alliados, que logo vieram, cada um seguido do seu numeroso estado-maior. Todos se apearam, e os estados-maiores formaram á roda da conferencia, na qual tomaram parte, além dos trez chefes de Estado, o ministro, o barão de Porto-Alegre e o visconde de Tamandaré, que entrementes chegára. Não foi longa a deliberação: exigiu-se porém que os officiaes se entregassem sem armas como os soldados. O ministro partiu para a cidade a levar estas condições; mas já não era tempo para negociações. A nossa cavallaria riograndense, como se sabe, nem sempre brilha pela disciplina. Logo que se soube que tinham ido parlamentares conferenciar com os inimigos, e que estes propunham render-se, a curiosidade, o desejo de ver de perto estes famosos inimigos, puderam mais que tudo. Primeiro officiaes e logo soldados se precipitaram para a trincheira, a despeito dos gritos de indignação do general Cabral. Por seu lado, os infelizes Paraguaios, com certeza aterrados pela vista do exército que se extendia deante delles, reconhecendo que os nossos se approximavam com intentos pacificos e que portanto se lhes deparava meio de saïrem de tão desagradavel situação, entram a conversar com os nossos; d'ahi a pouco deitam fóra as armas saltam o parapeito e montam na garupa dos cavallos dos nossos soldados. Em todas as direcções se vêm galopar cavalleiros riograndenses, cada um com um Paraguaio na garupa. Ao ver-se tal cousa torna-se a curiosidade contagiosa: corremos todos á trincheira e vemos os nossos infelizes inimigos de-

bruçados, com o ar mais philosophico que é possivel, com as espingardas no chão atraz de si e a bandeira abandonada ao canto de um pardieiro. Aquillo que Estigarribia em suas altivas communicações aos generaes alliados intitulava *«La División Paraguaia en Operaciones sobre el Rio Uruguai»* cessára virtualmente de existir, justamente 100 dias depois que entrára no Brasil, a 10 de Junho.

Houve então um momento de confusão: cada um pedia que o deixassem entrar o mais depressa possivel na cidade conquistada; mas o ministro não apparecia, e o imperador queria esperar por elle. De repente vemos avançar o primeiro dos batalhões argentinos que estavam parados, á nossa esquerda; ouviu-se então um grito unico — «Os Argentinos vão entrar antes de nós! Isto não pode ser!» e o imperador, cedendo, dirigiu-se para a cidade.

Foi então que lhe trouxeram os dous chefes paraguaios os quaes, seguramente por se verem abandonados pelos soldados, entenderam que o melhor partido a tomar era virem pessoalmente implorar a clemencia imperial. O coronel Estigarribia, chefe official da divisão, trazia képi e uniforme azul escuro com golla e canhões encarnados, sem galões nem ornamento metallico. Figurava ter 35 annos; o seu rosto impassivel indicava muito pouca intelligencia. Contentou-se com uma só phrase dicta em voz baixa para recommendar-se á generosidade do imperador. O padre, que era, ao que parece, a verdadeira cabeça dirigente da expedição, chamava-se Duarte; poderia ter 40 annos; vestia batina e chapéu redondo. E' á sua iniciativa que todos os testimunhos attribuem as atrocidades commettidas em S. Borja e em Itaquí, e confesso que a cynica expressão do seu rosto inteiramente justificavam esta supposição, tambem confirmada pelo terror que delle se apoderou ao ver-se no meio dos soldados brasileiros. Não quiz deixar o braço do general Cabral enquanto não chegou á presença do imperador, e foi com voz trêmula que fez uma pequena falla, que terminou por pedir ao imperador *protección para mi y la libertad de mi patria*. Ambas lhe foram facilmente promettidas, mostrando-se mais tranquillo; mas de repente o padre Gay (que desde pela manhã se junctara ao estado-maior imperial),

lança-se a elle, ameaça-o com o chicote e inunda-o com uma torrente de injurias; foi preciso que alguns militares separassem á fôrça aquelles dous ministros de Deus. Triste espectaculo ! Esta scena acabou devido ao favor que, por sua erudição, gosava juncto do imperador o padre Gay.

Entretanto tinha-se verificado que os nossos batalhões haviam passado para a frente dos dos nossos alliados, e resolveu-se que, antes de entrar na cidade, o imperador veria desfilar sem armas o exército inimigo, officiaes e soldados. Os chefes alliados, que, terminada a deliberação, tinham voltado a seus exercitos, foram convidados a tomar de novo os seus logares ao lado do imperador; e então começou esse singular desfile, curioso pèlo desprezivel aspecto dos inimigos, que nós encontravamos por detraz dêsse parapeito de madeira. Mas o que sobretudo parecia o cúmulo do ridículo á vista da tropa paraguaia, era a lembrança das respostas que por mais de uma vez déra Estigarribia ás nossas propostas de rendição, sobretudo daquella, em que elle dizia textualmente que, si *600* Espartanos tinham morrido nas Thermopylas pela honra da sua nação, 6.000 Paraguaios não deixariam de fazer outro tanto em Uruguaiana, e que, quanto á nossa artilharia, lhes era ella favoravel, porque o fumo que fizesse os abrigaria dos raios do sol.

Não é, de si, o soldado paraguaio mais feio que qualquer outro homem. Em primeiro logar direi que, ao vê-lo, tenho por erronea a noção, tão geralmente divulgada, de ser o Paraguai uma nação puramente de raça indígena. Ha homens de raça branca, como os ha de raça indigena; porém na maioria são de raça mixtiça. Estão evidentemente emmagrecidos pèla insufficiencia da alimentação que tiveram durante o cêrco; ha entre elles, como entre nós, alguns que são ainda crianças; mas ha muito maior proporção de velhos, de homens de barba grisalha. O que os distingue das nações civilizadas que lhes são vizinhas, e os torna tão feios e tão ridículos, é, em primeiro logar, o seu andar; depois, sobretudo o seu trajo. A' excepção dos officiaes, não têm calçado, trazem as calças de brim e a blusa encarnada. Até aqui não ha nada que seja propriamente singular. Mas a isso junctam elles duas mantas de lã de côres

variegadas: o *bichará*, que enrolam em volta do corpo, e o *chiripá*; e em vez de enrolarem o chiripá nas pernas, como fazem os soldados orientaes e brasileiros, de modo a fazer delle uma especie de calças, acham mais simples enrolá-lo ao mesmo tempo á roda das duas pernas. Formam assim como que uma sáia perfeitamente cylindrica, com franjas em toda a altura do tornozelo. E' facil imaginar que aspecto militar pode ter similhante trajo. Completa o feitio grotesco do soldado paraguaio a sua cobertura de cabeça, que differe, segundo pertença á infantaria ou á cavallaria. Nesta é a barretina quasi cylindrica, a que já me referi, que é de couro pintado com as còres paraguaias, ao passo que na infantaria é uma espécie de boné cônico, mas molle, de lã azul e encarnada, encimado com uma borla encarnada. Não sei onde é que o Lopez foi buscar tão excentrico modêlo.

Outro characteristico geral dos homens que estavamos vendo desfilar era a ternura infantil com que cada um parecia levar os objectos, muitas vezes incômmodos e sem valor algum, que tinham roubado em Uruguaiana. Alguns, é verdade, iam carregados com saccos ou caixas, cujo conteúdo não podiamos ver; mas outros contentavam-se com uma cafeteira de folha ou com uma enorme panella; um tinha posto como chiripá um chale de senhora; outro apertava nos braços um guarda-chuva; um terceiro levava uma sombrinha de sêda branca, aberta; quasi todos levavam ferros de ponta aguda, certamente arrancados das grades das janellas e destinados a assar o churrasco. Cada soldado de cavallaria levava cuidadosmente á cabeça todos os seus arreios, incluindo um lombilho, muito similhante aos dos Riograndenses; e assim iam passando, um a um, curvados, com passo curto e apressado.

Encontraram-se-lhes trez bandeiras; a primeira trouxe-a Porto-Alegre ao imperador, que, tendo-a tomado, a entregou em seguida a Mitre, o qual, ao acceitá-la, se inclinou profundamente. Quando veiu a segunda bandeira, o mesmo ceremonial foi observado com Flores. Como os Paraguaios eram forçados a desfilar um por um, para bem se verificar que não traziam armas, foi o acto muito demorado e, uma vez passado o que tinha de interessante, muito fastidioso. Começava outra

vez a fazer frio. Declarára Estigarribia, ao render-se, ter 5.013 praças de *pret*, ou, como se diz em hispanhol, «*individuos de la clase de tropa*»; mas parece que 900 tinham já desapparecido, na garupa dos cavallos dos nossos ou de outro modo, nos primeiros momentos de confusão, porque a contagem só deu 4.113, além de 52 officiaes. Entre estes ha trez «*blancos*» orientaes; os ermãos Salvañac e d. Pedro Sipitria, os quaes, parecendo não confiar muito na generosidade dos seus compatriotas, declararam querer render-se sómente ao Brasil, e não, como o exército paraguaio, ás trez potencias alliadas. E parece que estes Orientaes, apezar de «*blancos*», se tornaram benemeritos nas actuaes circunstancias, e que por mais de uma vez foram as suas exhortações que puzeram freio á crueldade paraguaia, especialmente no tractamento dos europeus de S. Borja e de Itaquí, os quaes, si não fôssem elles, teriam perecido todos. Serão enviados para o Rio de Janeiro. Até agora sómente o padre prefere Buenos-Aires. Os soldados prisioneiros serão egualmente distribuidos pelos trez governos alliados, e os do têrço que ao Brasil couber serão empregados na construcção de estradas na provincia.

Terminado o desfile dos inimigos, entrou por fim o imperador na cidade, accompanhado dos chefes alliados. Era já noite. Foram primeiro visitar a egreja, onde os inimigos, segundo se diz, tinham estabelecido o quartel general. Como a egreja estava por acabar, não puderam fazer deteriorações. Achámos lá, por unica mobilia, uma mesa e uma cama, com um official doente.

Em seguida procurou-se uma casa, em que se pudesse jantar. O imperador nada tomára, á excepção de uma chavena de café antes das 7 horas da manhã. Percorrémos algumas casas, de que sempre nos viamos repellidos pelas immundicies e o mau cheiro que os inimigos deixaram por todos os cantos desta infeliz cidade. Em comparação deste perfume paraguaio, a catinga de alguns pretos do Rio de Janeiro é aromatica. Entrámos por fim numa casa menos infecta, onde, segundo nos disseram, residia o padre; havia na casa, além de outros móveis, uma mesa em que foi possivel pôr as provisões que se tinham trazido. Assim que as devorámos, appressámo-nos a voltar ás nossas carretilhas, postadas fóra da cidade.

19. — Não sei si Uruguaiana alguma vez chegou a ser uma bella cidade; depois que por lá passou a invasão paraguaia, é uma cidade cheia de ruinas. Não ha uma só casa que não tenha sido saqueada; todos os objectos que podiam ser utilizados ou levados, o foram; e tudo o mais, destruido. Vêm-se pelas ruas cadeiras e canapés partidos; as portas foram arrombadas, os vidros todos partidos; devastaram por devastar. Não foram os estabelecimentos de commercio europeus mais respeitados que os outros. Contudo, em alguns delles tinham os proprietarios, ao evacuá-los arvorado, bem ou mal, uns pannos com as suas côres nacionaes: vi uma bandeira prussiana, outra franceza, outra hispanhola e outra portugueza; mas estes emblemas de neutralidade não tinham evitado o saque e o estrago das casas que eram destinados a proteger (1).

Parece que no territorio argentino não foi a propriedade neutra objecto de maior respeito para as hordas invasoras do que o foi no territorio brasileiro. Vi hontem no estado-maior argentino uma «Crimean Medal» (Medalha da guerra da Criméa) a primeira condecoração que eu vi nos nossos alliados. Approximei-me do official, muito louro, que a trazia.

« — *You're English, Sir?*

— *I am, sir.*

— *Are there many englishmen in the Argentine army?*

— *I believe I am the only one, I had a small estancia in the province of Corrientes. But when paraguaian invasion came, they drove me out of it, and I had no way left but seeking the protection of the argentine army.*»

O meu interlocutor tinha recebido uma bala no ventre no dia 18 de Junho de 1855 (2); não ousei perguntar-lhe que circunstancias o tinham decidido a fazer-se «*estancieiro*» na provincia de Corrientes.

---

(1) Muito me teriam surprehendido si me tivessem annunciado que 52 e 54 annos mais tarde veria eu na então pacifica França destruições infinitamente maiores como me aconteceu visitando em 1919 as cidades de Montdidier e Péronne e em 1917 a região que se extende de Amiens para Saint-Quintin inteiramente talada, tendo desapparecido quaesquer construcções, salvo as partes mais solidas das paredes exteriores das egrejas parochiaes e mesmo sido barbaramente cortadas ao rez-do-chão as arvores fructiferas e outras.

(2) Quando as tropas britannicas deram assalto infructifero á fortificação russa denominada «o Redente».

Quando entrámos em Uruguaiana não restava na cidade um unico habitante: uns tinham fugido á invasão; os outros tinham sido expulsos no dia 11. Mas logo no dia seguinte á occupação reappareceram muitos habitantes; e as mulheres riograndenses a cavallo, com os seus chapéus de plumas, vieram ainda accrescentar novas côres ao espectaculo de desordem, que nesta cidade em confusão produziam os nossos uniformes e os dos nossos alliados. Ao mesmo tempo como se pode calcular, começavam os lamentos dos espoliados. Os europeus principalmente não acabavam nunca de contar os seus prejuizos. Tomára eu que elles levassem suas queixas ao conhecimento dêsses diplomatas que elles têm no Rio de Janeiro e em Montevidéo, e que entendem do seu dever ostentar com tanta affectação a «estricta neutralidade».

Percorremos toda a trincheira levantada pelo inimigo; reconhece-se que rodeia toda a cidade e se compõe de um fôsso de um metro de largura e outro tanto de profundidade, e de um parapeito de terra muito mixturada com pedra grossa, deixada do lado exterior com a sua inclinação natural e sustentada interiormente por um revestimento vertical de táboas, ou de tijolo sem argamassa, de $1^{m},5$ de altura. Comprehende-se que uma tal defesa não inspirasse confiança aos sitiados desde que viram a nossa artilharia. Mas o que é mais curioso, mais inexplicavel, é que elles entenderam dever interceptar certas praças e ruas da cidade com pequenos muros de tijolos simplesmente sobrepostos, sem argamassa. As suas espingardas e clavinas, como se sabe, eram todas de pederneira; as suas cinco peças de artilharia, distribuidas por differentes pontos da trincheira, eram peças inferiores, de respeitavel antiguidade. Uma dellas, um canhão de 8, tinha sido fundido em Barcelona em 1788, outra em Douai em 1790 e outra em Sevilha em 1679! Os reparos, por sua construcção, pareciam do tempo das peças.

O que é certo, é que elles tinham formado o projecto de se retirar pelo rio. Em todas as praças e ruas vêm-se embarcações mais ou menos informes, construídas ou em construcção. Traves de tectos, pipas, armários, que sei eu? tudo serviu. Ha barcos grandes muito bem feitos, revestidos de pelles de boi

e alcatroados. Ha grandes jangadas assentes em quatro pipas e outras pequenas, assentes em quatro frascos grandes de pharmacia! Ha até uma, simplesmente formada de uma banheira posta em equilibrio por meio de quatro pedaços de madeira.

O imperador, está claro, visitou a sala onde haviam sido installados os 70 prisioneiros doentes que nos couberam. Quasi todos fallavam hispanhol; mas houve um que se pôz a fallar ao imperador em guaraní, com extrema vivacidade. Eram sons um pouco gutturaes, e contudo, muito suaves. Chamaram-se os companheiros para interpretar o que elle dizia, mas declararam que estava doido.

20. — O general Paunero pediu para apresentar ao imperador os commandantes dos corpos argentinos. São quasi todos de aspecto marcial e cavalheiroso; o coronel Ciarlone parece ser o mais distincto; não se lhe póde chamar «garibaldino», pois que desde 1828 está fóra da Europa.

Com menos empenho que o presidente em nos fazer passar as fôrças da sua nação por mais numerosas do que na realidade o eram, confessaram-nos os officiaes argentinos que os tão annunciados contingentes das provincias occidentaes não existem. Segundo elles, das 14 provincias que formam a Republica, não póde ella contar para a sua defesa sinão com as de Buenos-Aires, Santa-Fé, Entre-Rios e Corrientes. E accrescentaram que estas quatro provincias podem, só por si, pôr em pé de guerra 40.000 homens; mas este número é manifestamente exaggerado, ainda mesmo que se supponha que a provincia de Entre-Rios se decida a saïr da sua abstenção (1).

O contingente oriental e a brigada de Kelly começaram a passar á margem direita do Uruguai. Os argentinos e o exército de Porto-Alegre ficam por ora acampados em frente da cidade nas posições que occupavam no momento da rendição.

---

(1) O general Urquiza depois de reunir em Basualdo as guardas nacionaes dessa provincia, dissolvêra repentinamente estas fôrças, recusando-se assim a tomar partido contra o dictador do Paraguai.

21. — Os chefes alliados vieram, com destacamentos de seus exercitos, assistir a uma missa e a um *Te Deum*, que se celebraram no Quartel Imperial. Disse a missa o párocho de Itaquí com os paramentos que se encontraram na bagagem do capellão paraguaio. Flores vestira para esta occasião umas calças com galão de ouro e farda com enormes dragonas: trazia um chapéu de oleado com as extremidades levantadas como as de um barco. A' tarde o imperador deu um jantar numa vasta barraca improvisada com pedaços de velas e bandeiras emprestadas pelo visconde de Tamandaré; ao fundo estava um trophéu de armas paraguaias, e por cima delle as trez bandeiras alliadas. A musica do *Nictheroi*, que o visconde passára para o *Onze de Junho* tocou os hymnos nacional, argentino e oriental.

Neste dia chegou do Sul o vapor de guerra *Tramandahí*, que trouxe muitos medicos, medicamentos e material para os hospitaes.

22. — Deu-se um deploravel accidente, como que para nos fazer pagar a satisfacção de termos occupado Uruguaiana sem derramamento de sangue. Tinham-se ajunctado as armas e munições dos Paraguaios numa pequena casa de tijolo, e hoje estava um destacamento de prisioneiros a distribui-los pelos exercitos alliados, sob a direcção do coronel Magariños. Estavam a despejar-se as patronas, e dos cartuchos saïa muita polvora que ia caïndo no chão. Por não sei que attrito, deu-se a explosão, que num instante incendiou toda aquella massa de cartuchos e destruiu parte do tecto. Magariños, que estava á porta, foi arremessado ao chão, mas ficou apenas com a roupa chamuscada; e 10 pessoas ficaram mais ou menos queimadas. Duas morreram logo, quasi calcinadas: eram um cadete e um soldado brasileiros. As outras oito foram: um capitão oriental, do estado-maior de Flores, um soldado brasileiro e seis paraguaios. Destas só se esperam salvar duas, que soffreram queimaduras parciaes. Os outros infelizes encontram-se em horrivel estado. Foi um dos mais dolorosos espectaculos que tenho visto o dessas cabeças inteiramente ennegrecidas pelo fogo e cobertas de sangue e os gemidos inarticulados que soltavam os desgraçados enquanto os medicos os voltavam sôbre

o leito para lhes applicar á roda do corpo o algodão e as ligaduras. Um dos Paraguaios é apenas adolescente. O cadete brasileiro que morreu era tambem muito moço; parece que estava a servir no gabinete do ministro e acabara de chegar áquella casa com um officio para Magariños, quando se deu a explosão!

Chegou do Sul, por terra, o sr. Thornton, ministro britannico em Buenos-Aires. Vem encarregado pelo govêrno da raínha de exprimir ao imperador o seu pezar pelas violencias que haviam practicado os navios da estação ingleza no Rio de Janeiro, em Janeiro de 1863, e pela ruptura de relações diplomaticas que se lhes seguiu e que até hoje tem durado. O imperador marcou o dia de amanhã e a hora do meio-dia para o receber na barraca com toda a solennidade que as circunstancias comportam. Foram convidados para assistir á ceremonia os commandantes de todos os corpos.

23. — Cada um se veste o melhor possivel para esta solennidade diplomatica. Torna-se a armar a barraca com as velas e bandeiras; até se descobre um tapete. Ao lado forma um batalhão de linha completo; além dos officiaes convocados, muitos outros vieram, desejosos de assistir a esta satisfacção que se vai dar á honra nacional.

Tendo-se o imperador collocado ao fundo da barraca e a seus lados o ministro e as outras pessoas principaes, o general Cabral introduz o sr. Thornton, que veiu da cidade em carruagem escoltada por um destacamento de cavallaria; veste o uniforme diplomatico com a commenda da Ordem do Banho. Depois das trez reverencias do estylo pronuncía um longo discurso em francez e em seguida entrega ao imperador a carta da raínha Victoria. Responde-lhe o imperador egualmente em francez; e logo em seguida a musica da *Nictheroi*, que está postada do lado de fóra, toca «*God save the Queen*!» melodia que bem longe estavamos de suppôr que viessemos ouvir aqui no fundo da provincia do Rio Grande do Sul. De tarde o sr. Thornton, em trajo civil, veiu visitar-nos á barraca de Augusto. E' muito interessante a conversa do ministro inglez. Esteve ainda ha pouco tempo em Assumpção, onde está acreditado, como em Buenos-Aires, e dá curiosas informações

acêrca do despotismo paraguaio. Refere tambem como o exército paraguaio assassinou, na provincia de Corrientes, uma familia ingleza inteira. Só o chefe da familia se salvou, apesar de terem-no os barbaros invasores deixado com quatro feridas, e poude vir a Buenos-Aires contar o facto. O sr. Thornton já dirigiu ao govêrno de Assumpção uma nota a este respeito (1).

24. — Anniversario funebre de d. Pedro I. A artilharia dá um tiro de quarto em quarto de hora, todo o dia.

Morreram dous dos Paraguaios victimas da explosão; os outros feridos estão melhor.

Vi outra «Crimean Medal» sôbre um uniforme argentino, mas desta vez accompanhada de um hábito da Legião de Honra. O capitão assim condecorado veiu dizer-me que era francez, natural de Toulon; o seu appellido é «de Rousseau»; diz que seu pae era «receveur-général». Fez muitos protestos de dedicação, principalmente para com meu tio Joinville.

25. — A's 6 horas e meia, missa de *Requiem*. Não se pudera dizer na véspera por ser Domingo. Logo em seguida montámos a cavallo em direcção ao rio. Mitre vem ao encontro do imperador e conversam pela última vez enquanto, ao lado um do outro, vão descendo até á margem. Alli os batalhões argentinos, que estão esperando o momento de embarcar para a margem direita, mais uma vez nos saúdam com os seus esplendidos rufos de tambores. Passados alguns instantes acha-se o imperador a bordo do *Onze de Junho*, e o presidente da Republica Argentina deixa o solo brasileiro, embarcando no *Taquarí* o qual, com a bandeira argentina arvorada no mastro grande, se dirige para Paso de los Libres. Flores vem a bordo despedir-se tambem do imperador. Demora-se muito, á espera do escaler de honra, que por engano tinha ido buscá-lo á terra. Neste dia soube eu que Flores incorporára no seu exército todos os prisioneiros paraguaios válidos, que lhe tinham cabido na distribuição. Dão-lhe elles mais dous batalhões. Felizmente nem os Brasileiros nem os Argentinos imi-

---

(1) O sr. Thornton foi, poucos mezes depois, nomeado ministro no Rio de Janeiro onde muito o conheci e apreciei assim como a sua distincta senhora. Mais tarde foi embaixador em Petersburgo (que nesse tempo ainda não era Petrogrado).

taram este proceder, que repugna á honra militar e até me parece de muito pouca prudencia. O certo é que, com raras excepções, quasi que não existe nos soldados paraguaios o espirito de nacionalidade: pelo menos, dos que são nossos prisioneiros, muitos ha que, si se lhes pergunta: « *Usted es paraguaio ?* » respondem pressurosos: — « *Ahora yá nó, quiero ser brasilero* ». Mas, por mais ignorantes e mais extranhos, por assim dizer, a todo sentimento moral que sejam estes infelizes, póde muito bem suppôr-se que, uma vez incorporados á fôrça entre os que na véspera eram seus inimigos, a lembrança da sua antiga bandeira possa occorrer, pelo menos a alguns, no dia em que tiverem de combatê-la (1).

A's 9 horas põe-se enfim o *Onze de Junho* em movimento; e com o favor de uma brisa muito fresca de Sudoeste, que encrespa a superficie do Úruguai, vemos fugir deante de nós o acampamento do exército de Flores, já estabelecido na margem direita, e depois os pardieiros de Paso de los Libres e o bosque do Jatahí !

Não foi sem tristeza que vi desapparecerem as últimas barracas dêste exército: vai elle recomeçar os seus trabalhos de guerra, arrancar ao invasor Corrientes e a sua provincia; quanto a nós, temos de continuar a nossa peregrinação atravéz da provincia do Rio Grande do Sul. Felizmente é seu termo o Rio de Janeiro (2).

---

(1) Quaesquer que fôssem os defeitos pessoaes do general Flores, inherentes principalmente á sua falta de educação, convém lembrar, para honra de sua memoria que elle se mostrou sempre fiel alliado do Brasil, e por assim dizer sacrificou a vida á nossa causa, tendo sido traiçoeiramente assassinado em Montevidéo a 19 de Fevereiro de 1868; dia este em que, por singular coincidencia, a esquadra brasileira practicou o feito heroico de forçar a passagem da fortaleza de Humaitá defendida não só por poderosa artilharia como por grossa corrente lançada de uma margem do rio Paraguai á outra.

(2) Fiz todo o exfôrço possivel para conseguir do imperador que me permittisse accompanhar o exército que ia transpor o Uruguai e invadir o territorio paraguaio. Foi embalde, assim como tambem o Govêrno imperial sempre se negou a annuir aos instantes pedidos que, em 1866, 1867 e 1868 successivamente formulei para ser auctorizado a ir junctar-me ao exército que combatia no Paraguai, com qualquer posto que se me designasse.

Só em fim de Fevereiro de 1869, achando-me em Petropolis, fui repentinamente convidado por carta do imperador a ir tomar o commando do exército paralyzado depois das brilhantes victorias do mez de Dezembro anterior e da occupação de Assumpção.

São monótonas as margens do Uruguai; parecem-se muito com as da parte superior do Jacuhí; mas aqui é o rio trez ou quatro vezes mais largo e tem poucas sinuosidades, de sorte que nos sítios, onde não é cortado de ilhas, a vista abrange uma vasta superficie de agua, que hoje, encrespada pela violencia do vento, mais parece um lago que um rio. Não são as ilhas muito frequentes, mas uma dellas tem mais de uma legua de comprimento; em algumas ha bellos laranjaes. As duas margens são idênticas: ás vezes deixam ver, até o horizonte, o campo, que nesta parte é quasi inteiramente plano, outras vezes mostram uma orla delgada de arvoredo. Mas é sempre uma vegetação enfezada: não posso, sobretudo, explicar-me como é que, numa épocha do anno que corresponde, como estação, ao que na Europa é o fim de Março, e numa latitude muito inferior ás da Europa, se vêm ainda tantas arvores que não apresentam o menor signal de vegetação (1). Vimos na margem brasileira algumas capivaras e, o que achámos mais curioso, um lindo bando de emas. Disse-nos o piloto que eram terras do sr. Luiz Cunha, que severamente prohibia a caça destas aves. Em ambas as margens apparecem frequentemente ao longe estancias rodeadas, segundo o uso, de seus capões verdejantes; na margem argentina, que deixámos á esquerda, vemos tambem passar as duas pobrissimas aldeias de Yapeiú e Cruz. Dizem-me que a primeira é, na sua maioria, povoada de Francezes, provavelmente Gascões ou Bearnezes, como são quasi todos os Francezes, que nestas paragens tenho encontrado. A outra é uma das aldeias que outr'ora fundaram os Jesuitas.

Como é geralmente sabido, as missões monopolizadas pelos Jesuitas, esse famoso dominio que alguns auctores chegaram a chamar «A Republica Jesuitica», extendiam-se de ambos os lados dos rios Paraná e Uruguai, que as dividiam em trez partes. A parte situada á direita do Paraná comprehendia 11 aldeias e pertence ao Paraguai; a outra situada entre o Paraná

---

(1) Nessa occasião ignorava eu ainda que a temperatura do hemispherio austral é, em latitudes numericamente eguaes, sensivelmente inferior á do septentrional, o que se attribue a ser mais consideravel á massa das aguas proximas ao Polo Antarctico.

e o Uruguai contava 15 e depende hoje da Republica Argentina; e a que ficava á esquerda do Uruguai, que comprehendia septe, é brasileira. Continúa ainda esta região a ser designada pelo nome de «As Missões» (*Las Misiones*); porém de missões já não têm sinão o nome. Dizem que na parte paraguaia se tem conservado a raça indigena; porém as missões argentinas e brasileiras caïram em completa decadencia; os subditos dos Jesuitas desappareceram rapidamente e vão sendo hoje pouco a pouco substituidos por commerciantes de todas as nações, os quaes vêm vindo do Sul, do lado de baixo dos rios, «*de abajo*», como por cá dizem os «Castelhanos». E todavia, ha pouco mais de um seculo, tão fortemente estabelecido e tão próspero estava o imperio dos padres, que as duas Corôas se viram obrigadas a reunir as suas fôrças armadas contra os indigenas, por elles excitados a oppôrem-se a qualquer rectificação de fronteira. Todas estas missões eram originariamente hispanholas; foi durante as guerras européas do seculo passado, as quaes iam tendo sempre repercussão nestas regiões, que os exercitos portuguezes começaram a conquistar parte dêste territorio. Ao tempo da expulsão dos Jesuitas tinham as Missões brasileiras cêrca de 30.000 habitantes. S. Borja, que amanhã veremos, é actualmente a mais importante das povoações que dellas formavam parte. Foi o padre Gay que me deu a maior parte destas informações; para mais completo conhecimento do assumpto, indicou-me uma «Historia das Missões Jesuiticas», ou da «Republica Jesuitica» devida, creio eu, á sua penna. Mas a primeira edição acha-se exgottada; só no Rio de Janeiro poderá encontrar-se algum exemplar (1).

Para a viagem fluvial acha-se a comitiva do imperador augmentada (além do visconde de Tamandaré e do seu numeroso estado-maior, de que fazem parte os seus dous filhos) com os párochos de Itaquí e de S. Borja. Já livres de receio dos Paraguaios, decidem-se a voltar, sob a protecção imperial, para juncto das suas ovelhas.

(1) Possuo um exemplar que me foi dado no Rio de Janeiro pela respeitavel senhora dona Maria Bernardina Ferreira de Brito Camara, viuva de um tio do glorioso visconde de Pelotas e ermã do tenente-general Anthero José Ferreira de Brito, barão de Tramandahí.

A's 7 horas e meia da tarde ancorámos defronte de Itaquí, onde só brilhava uma luz. Tinha-nos o Tramandahí precedido para fazer lenha para si e para nós, porque o carvão é luxo ignorado na navegação fluvial destas paragens.

26. — Parece que o Tramandahí não se desempenhou lá muito bem da sua missão: pela manhã ainda não tinhamos lenha; e teve de se passar o dia inteiro a procurál-a, rachá-la e carregá-la. Quanto ás curiosidades de Itaquí, muito pouco nos ajudaram a passar o dia, por mais que o imperador andasse pela villa, que elle não se cansava de percorrer em todos os sentidos. Esta villa sómente se distingue das cidades, por onde até agora temos passado, em ser muito mais insignificante; tem a mesma praça grande quadrada e as mesmas ruas sem calçamento, mas direitas. Ainda conserva por toda a parte vestigios da invasão paraguaia; o primeiro é a ausencia das auctoridades habituaes. A Camara Municipal dissolveu-se ao approximar-se o inimigo, e não se tornou a ver o presidente nem nenhum dos vereadores. Não se vêm na praia, a receber o imperador, sinão o juiz municipal e mais dous habitantes. A prisão foi aberta, na desordem da evacuação, e os prêsos ficaram em liberdade. Em nenhum edificio fluctúa a bandeira brasileira; em compensação, por um phenomeno singular, não ostenta a villa menos de uma duzia de bandeiras européas, entre francezas, hispanholas, portuguezas e italianas. Muitas casas têm ainda portas e janellas hermeticamente fechadas, pois os moradores estão ausentes desde a invasão. Outras foram arrombadas e saqueadas; os tristes restos das mercadorias jazem em desordem pelo chão. Não foi, contudo, a devastação tão geral como em Uruguaiana. E' sobretudo para notar que o «Grande Café e Hotel do Uruguai», pertencente a um francez, mostra intacta uma rica sala de bilhar, e que tambem foi poupado o estabelecimento de um sapateiro hispanhol, ou, pelo menos, os soldados paraguaios sómente delle tiraram septe pares de botas. Attribuem estes senhores a excepção que se fez em seu favor, á intervenção dos officiaes orientaes, mas, a julgar pelo testimunho do proprio Estigarribia, parece que Lopez dera ordem para serem saqueados os bens dos Brasileiros e tambem de todos os individuos que, embora não fôssem brasileiros, não estivessem presentes;

porque, dizia elle, se tinham fugido da invasão, tinham-se collocado, por esse facto, debaixo da protecção do exército brasileiro e tinham feito causa commum com elle. Em conformidade com estas instrucções, tanto em S. Borja, como em Itaquí, se déra aos soldados paraguaios certo tempo para o saque; e passado este, fôra o resto dos objectos, a que os invasores podiam deitar mão, ajunctado por Estigarribia e enviado a Lopez. Colhem-se estes curiosos pormenores do exame das cópias, que Estigarribia conservava, dos officios que dirigira a Lopez, cópias que caïram em nossas mãos em Uruguaiana. Mas, si a ordem de roubar foi muito bem executada, a de poupar os extrangeiros que se conservassem nas suas residencias não foi objecto do mesmo respeito. Em Itaquí fallou o imperador com um francez negociante de vinhos, que vira o seu estabelecimento saqueado na sua presença e a bandeira franceza, que tinha arvorado, lançada ao chão e rasgada. Um ourives italiano e outros extrangeiros fizeram análogas lamentações. Enfim, um portuguez, chamado Jardim, foi morto por ordem do proprio Estigarribia: é este que o participa num dos seus officios, dando para tal acto de barbaria um motivo que parece ironico: aquelle portuguez, diz elle, era apenas um espião que alli fôra deixado pelo exército brasileiro; merecia, pois, a morte!

Por detraz de Itaquí eleva-se um pouco o terreno, de sorte que d'alli se gosa extensissima vista da planicie das duas margens do Uruguai, semeada, aqui e alli, de estancias e de grupos de arvores. Mas a vista é triste, com um céu escuro como está hoje. Na direcção do Occidente avista-se um monte isolado, que me dizem ficar proximo da Laguna Iberá. Do lado do Norte fica esta lagôa separada do Paraná sómente por uma estreitíssima passagem conhecida pelo nome de «Tranquera de Loreto», ao passo que do lado de Sueste a lagôa descarrega as suas aguas no Uruguai por um rio chamado Aguapehí. Resulta desta disposição ficar a provincia de Corrientes dividida em duas partes, separadas, em toda a largura que vai do Uruguai ao Paraná, por esta lagôa e por este rio, e que nunca os Argentinos puderam guardar a secção oriental, deixando-a sempre aberta á occupação paraguaia, como ainda

este anno se viu. Por isso alguns Argentinos desejam que o Brasil lhes compre esta porção de territorio, que para elles está perdida para lá do Aguapehí e da lagôa. São realmente muito amaveis: mas a nós Brasileiros, guarde-nos Deus de qualquer accrescimo de territorio, ainda que seja conforme com as fronteiras naturaes.

Elevam-se defronte de Itaquí umas poucas de casas de uma aldeia nascente, que o Govêrno argentino baptizou com o nome de Alvear. Como Paso de los Libres em frente de Uruguaiana, e Sancto Thomé, que mais acima encontraremos defronte de S. Borja, foi para contrabando que se formou esta aldeia. Infelizmente os productos da industria européa pagam, para entrar no Brasil, direitos trez ou quatro vezes mais elevados que para entrar nas republicas vizinhas. Comprehende-se a vantagem que têm os commerciantes em os desembarcar em Buenos-Aires ou em Concordia e os levar para a outra margem do Uruguai em pequenos barcos, frustrando a vigilancia, muito pouco activa, das alfandegas brasileiras. Quem é, pois, que ganha com o nosso systema fiscal ? O Govêrno argentino, que recebe os direitos pagos em suas alfandegas. Quem é que perde ? Os consumidores brasileiros, que todavia pagam as mercadorias como si ellas tivessem passado pelas nossas alfandegas. E este contrabando não abastece unicamente as povoações situadas sôbre o Uruguai, mas toda a metade occidental da provincia do Rio Grande do Sul, para a qual é mais vantajoso vir aqui prover-se que em Porto-Alegre, por ser assim menor a distancia, que as mercadorias têm de percorrer por terra.

27. — Em Itaquí é o Uruguai já muito menos largo que em Uruguaiana. As margens vão-se tambem tornando menos áridas; não se tarda a entrar numa floresta seguida, como a que o Jacuhí atravessa no seu curso inferior. De quando em quando vêm-se bellas arvores, até palmeiras, que invariavelmente nos fazem lembrar a provincia do Rio de Janeiro e para as suas lembranças levam a conversação. Dá-me sempre grande prazer a vista de uma bella vegetação. Professam os Riograndenses opinião opposta. Si a um delles elogiardes a belleza de algumas arvores que interrompem a monotonia da sua campina e lhe disserdes que é «bonito mato» ou «bonito

capão» (termo riograndense que significa *bosque*), respon-de-vos: — «Isto é muito feio; mais para deante é mais bonito: lá não tem mato nenhum: é tudo bonito, tudo capim, tudo chão». «*De gustibus non est disputandum*» (1). E' pouco animada a natureza que vai passando por deante de nós: ha poucas aves; sómente se vêm alguns macacos nos mais altos ramos das arvores. De população humana não ha vestígio a partir de Itaquí. Em todo o trajecto de Uruguaiana a S. Borja não encontrámos uma unica embarcação, tirando dous pequenos «cutters» que estavam fundeados em Itaquí. Em frente a Uruguaiana havia muitas embarcações de vela com bandeiras de várias nações.

Tinhamos levantado ancora ás 6 horas da manhã. A's 3 e meia parávamos em frente de S. Borja, ou, para melhor dizer, á altura de S. Borja, porque a villa fica a uma légua do rio, como tambem succede com Sancto Thomé na margem argentina. A' beira do rio só existe a aldeia, de casas limpas, rodeadas de laranjeiras, que se costuma chamar «O Passo», mas que os «Castelhanos» chamam San Borjita. Defronte, na margem argentina, duas cabanas de taipa marcam o logar chamado Hormiguero. Por alli foi que na manhã nefasta de 10 de Junho a «División Paraguaia» penetrou na provincia do Rio Grande do Sul.

Depois de jantar foi o imperador á terra, sendo recebido no logar do desembarque pelo juiz municipal e pelo padre Gay, que tinha ido adeante e que pronunciou um discurso sôbre este texto: «A' fama da sabedoria e do esplendor do rei Salomão se extendeu pelo mundo todo»! Depois andámos á roda da aldeia e a ouvir o que contavam os habitantes acêrca da famosa invasão.

Eis o que de mais authentico pude colher das informações, que nos deram. A 10 de Junho, quando os Paraguaios começaram a atravessar o rio, a unica guarnição que havia em S. Borja era um destacamento de cêrca de 100 homens, da Guarda Nacional a pé. Eram os Paraguaios, como se sabe, cêrca de 6.000 e traziam cinco peças de artilharia; contudo

(1) Mais tarde affeiçoei-me eu tambem aos vastos horizontes.

aquelles 100 homens dirigiram-se para o rio e dispararam alguns tiros de espingarda sôbre os barcos inimigos. Eram 20 barcos, que tinham vindo do Paraguai em carros de bois, por incrivel que isto possa parecer, e eram grandes, cabendo em cada um 25 homens. Eram, portanto, 500 Paraguaios que passavam de cada vez, repartidos, ao que parece, em columnas de barcos que iam desembarcar em quatro sitios differentes. Mesmo admittindo-se que 100 homens tivessem podido deter uma destas columnas, de que serviria isso, si teriam de ser logo envolvidos pelas outras ? Tentaram-no os nossos, todavia, e iam ser esmagados pelas columnas inimigas convergentes, quando appareceu um destacamento de cavallaria de cêrca de 150 homens commandados pelo tenente-coronel Araujo Nobrega (vulgarmente Tristão), que acabava de chegar a São Borja. A vista desta cavallaria suspendeu a acção dos tímidos inimigos. Poude a infantaria unir-se de novo e, apoiando-se uma sôbre a outra, infantaria e cavallaria foram-se retirando em boa ordem para a cidade. Entretanto o 1º batalhão de Voluntarios, da fôrça de 600 homens, que se dirigia para São Borja, e apressara a marcha ao receber notícia do perigo, chegou áquelle sítio, com o muito digno coronel João Manuel Menna Barreto. Tomou o coronel o commando de toda fôrça e fez desenvolver Voluntarios e Guarda Nacional e marchar toda a linha contra o inimigo, que, por sua parte, novamente avançava. Porém, dada e recebida uma descarga, reconheceu o coronel a superioridade numérica do inimigo e, ordenando a retirada, levou todas as tropas para a villa, onde mandou tocar as musicas todo o dia. Ou fôsse pelo motivo desta simples demonstração, ou por effeito da musica, tornaram os Paraguaios a parar como aterrados, e todo o dia se conservaram inactivos. Entretanto poude a maior parte dos habitantes ajuntar alguns de seus haveres e saïr da villa. O mesmo fez á noite o coronel Menna Barreto, escoltando os carros dos habitantes. Porém os inimigos não se julgavam ainda bem seguros; no dia 11 não se mexeram: foi sómente a 12 que elles, convidados, ao que se diz, por «um malvado allemão», occuparam a villa abandonada. A quem se deve attribuir a culpa desta invasão ? E' este um objecto de ardente contro-

versia, e que provavelmente ainda continuará a sê-lo durante muito tempo. O que é certo é que a culpa não é do tenente-coronel Tristão nem do coronel Menna Barreto, tão bravo e intelligente, nem dos que sob as ordens dêstes coroneis combateram juncto de S. Borja.

Continuando as ephemérides da invasão, diremos que a 18 de Junho a columna paraguaia partiu de S. Borja; a 26 um de seus destacamentos foi batido nas margens do Mbutuhí pelo coronel Sezefredo (exquece-me o seu appellido); a 6 de Julho occupou ella Itaqui; a 13 d'alli saïu e a 5 de Agosto entrou em Uruguaiana, para de lá saïr desarmada a 18 de Septembro. Desde 17 de Agosto tinha ella em frente os exercitos de Flores e de Porto-Alegre. Quanto á distancia que percorreu de São Borja a Uruguaiana, é de 40 leguas, isto é, mais de 240 kilometros. Tudo isto mostra, segundo me parece, que na America do Sul não se faz guerra com rapidez napoleonica.

28. — Logo ás 6 horas da manhã tornámos a desembarcar. Está formada a Guarda Nacional a cavallo. Encontrámos cavallos preparados para nós e partímos para S. Borja numa manhã fresca e radiosa. O campo dá signaes de vegetação primaveril que recreiam a vista. Aqui está coberto de trevo de uma linda côr verde; alli florescem em massa aquellas verbenas rôxas de que se fazem canteiros nos jardins da Europa; acolá é formado por uma herva com o feitio de cauda de cavallo e que tem um cheiro pronunciadissimo de herva cidreira. Proximo da villa trez cruzes de madeira marcam os sitios, onde caïram e repousam os Voluntarios que morreram no combate do dia 11.

Deante da primeira casa da villa apeia-se o imperador para visitar um pequeno terreno rodeado de laranjeiras, hoje abandonado. Foi alli que durante 23 annos residiu o célebre naturalista Bompland Aimé. Bompland ou, como aqui se dizia, Don Amado Bompland, nascera na Rochella em 1773. Data a sua celebridade da grande viagem que fez á America em companhia de Humboldt de 1799 a 1804, á qual se devem tantas obras inestimaveis para a sciencia. Tendo regressado á Europa, Bompland foi director dos jardins da imperatriz Josephina. Em 1815 resolveu saïr de França, voltou

á America do Sul e fundou uma estancia num canto da provincia de Corrientes, á beira do Paraná. Alli vivia em paz, quando um bello dia 400 Paraguaios lhe cercam a residencia, ferem-no na cabeça, carregam-no de ferros e conduzem-no para o outro lado do Paraná. Oito annos esteve prêso, a despeito das sollicitações que ao govêrno paraguaio dirigiram differentes governos europeus e a Academia Franceza. Passado este tempo foi-lhe restituida a liberdade, sem maior motivo, que se saiba, do que para a sua prisão houvera. Comprehende-se que, depois de tal experiencia, se não sentisse Bompland em segurança no territorio argentino. Foi então que se estabeleceu em S. Borja. Alli vivia, cultivando a sua chacara e exercendo a pharmacia. Todos os annos ia a Montevidéo para pedir ao consul de França certificado de existencia e receber a pensão que lhe dava o Govêrno francez; mas cousa alguma o poude decidir a voltar á Europa. Uma das suas preoccupações era a propagação e o aperfeiçoamento da cultura do mate. Sonhava elle que um dia a Europa e o mundo inteiro faria uso do mate, da cuia e da bombilha. Uma vez que um dos seus amigos da Europa instava com elle para que regressasse da America, Bompland respondeu que primeiro tinha de liquidar uma especulação que emprehendêra. Consistia esta especulação nada menos que em plantar na provincia do Rio Grande do Sul 1,500.000 pés de mate, e, á proporção que fôssem crescendo, vendê-los por lotes aos commerciantes. Em 1853 Bompland foi nomeado director do Museu Provincial de Corrientes, o que o decidiu a saïr do Brasil. Morreu em 1858 numa estancia chamada *Santa Ana*, com que o presenteára a Assembléa Provincial de Corrientes, e que ficava na margem direita do Uruguai, um pouco abaixo de Paso de los Libres. Quanto á sua casa de S. Borja, era uma «casa de capim» isto é, de taipa, coberta de palha, de modo que não tardou a caïr e desapparecer. Restava a pharmacia, situada na praça grande: queimaram-na este anno os Paraguaios.

Vista de fóra, é S. Borja uma povoação muito aprazivel, meio occulta nos seus esplendidos laranjaes, deliciosamente perfumados, por cima dos quaes esvoaçam bandos de grandes papagaios verdes e chilream bem-te-vis, enquanto por baixo já estão a florir em massa as rosas de Bengala. Sente-se com

prazer que, de Uruguaiana para cá, nos approximamos dous gráos do Equador.

Mas, ao entrar na praça principal, se nos depára aspecto desolador. Que resta hoje das tão celebradas construcções dos Jesuitas? Um edificio muito sujo e baixo, feito de taipa, apoiado em columnas de madeira, que era uma das quatro faces do Collegio delles, outro edificio do mesmo gênero, que se diz ter-lhes servido de hospital, e só os alicerces de pedras de cantaria da sua gigantesca egreja. A maior parte das outras pedras dêste templo foram empregadas na construcção de outro que se começou em 1846, menor que o dos Jesuitas, mas, ainda assim, grande de mais para as necessidades e recursos de São Borja, e que ainda está por concluir. Faz pena encontrar já ruínas nesta terra da America, que devia ser, e que é, estou bem certo, a terra do porvir; é triste pensar que neste canto da terra americana a civilização retrogradou. Foi na verdade um passo para traz o desapparecimento quasi completo dêsses 30.000 indigenas que viviam pacificamente e gozavam de certa instrucção, e a quéda dos imponentes edifícios que suas mãos tinham levantado. E', porém, consolador reconhecer que, si a incúria dos delegados que para cá mandavam as Côrtes de Madrid e de Lisboa, e posteriormente as guerras, em que constantemente pelejaram até 1828 Brasileiros e Castelhanos, produziram tão tristes resultados, já ha muito cessou este movimento retrogrado. Desde que termináram as guerras, sobretudo desde que é livre o curso do Uruguai, foram sendo as Missões povoadas de novo por Brasileiros, Argentinos e Europeus, que vêm, uns para estabelecer estancias, e occupar-se na criação de gado, outros para negociar, introduzindo as mercadorias européas, e que vivem nestes sitios com abastança certamente desconhecida aos indigenas, que os Jesuitas traziam arregimentados. E' muito pobre a nova egreja de S. Borja si bem que o padre Gay tenha tido o cuidado de nella reunir todos os objectos de arte jesuitica que tem podido ajunctar, na villa e pelas aldeias vizinhas. Vêm-se alli muitas imagens de sanctos de madeira pintada, alguns do tamanho natural; missáes impressos em Madrid ha cêrca de 150 annos; e, o que mais valor tem, bellas pias baptismaes inteiriças. Porém o mais notavel monumento da indústria que os Jesuitas tinham

desenvolvido nestas regiões são quatro grandes sinos fundidos, segundo indicam as legendas, em 1723 em San Carlos (*Oppido Caroleo*), povoação que hoje é argentina.

Em S. Borja, como em Itaquí, ainda se não reconstituiu a Camara Municipal; não fluctúa na villa uma só bandeira brasileira; só se vêm bandeiras francezas, hispanholas e italianas, arvoradas em diversos estabelecimentos no intúito de inspirar respeito aos invasores, os quaes em S. Borja, como nas outras partes, executaram á lettra a ordem que tinham recebido de destruir a propriedade dos ausentes. Ha uma casa em que todas as cadeiras, que ainda estão dispostas em ordem á roda da sala, receberam um golpe de sabre no assento de palhinha. Tem esta casa um mirante com terraço donde se desfructa larga vista. A região é muito plana, mas apresenta vários trechos arborizados, além da larga faixa de verdura através da qual serpenteia o Uruguai. Das casas que foram poupadas a principal é de um francez, o sr. Quélac, que possue 6.000 cabeças de gado na margem argentina. O sr. Quélac deu ao imperador um almôço que nos pareceu notavelmente bom depois do passeio minucioso que tinhamos dado a ver a villa e as curiosidades jesuíticas. A sua sala de jantar está guarnecida de quadros em que se pretendeu representar scenas da guerra da Criméa. Quem me havia de dizer que eu iria encontrar nas Missões Brasileiras Canrobert, Omer-Pachá, e os collegas, que eu via desfilar, ha 10 annos, nas vidraças das lojas de Saint-Leonards-on-sea ou da vizinha Hastings.

Almôço á parte, parece um excellente velho este senhor Quélac. Até practicou uma acção que bem pode chamar-se heroica, concedendo asylo em sua casa a um 1° sargento do 1° batalhão de Voluntarios (mancebo muito novo, natural do Rio de Janeiro) que lhe trouxeram no momento da retirada das tropas brasileiras, tão gravemente ferido que não poderia continuar a marcha nos carros de bois. Teve-o occulto em casa durante a occupação paraguaia e tem continuado a tratá-lo gratuitamente, de fórma que o mancebo já está de pé e se dispõe a ir junctar-se ao seu batalhão, apesar de ter ainda uma bala no corpo, segundo elle suppõe. Para bem se comprehender quanto é meritório o procedimento dêste francez, é preciso ter presente que, si por infelicidade os Paraguaios

tivessem chegado a descobrir que na sua residencia se encontrava um militar brasileiro, não sómente elles teriam morto este, mas com certeza tambem o sr. Quélac e todos os de sua casa, como agentes do Exército brasileiro. E' prova disto a sorte do portuguez de Itaquí. Conta-nos o sr. Quélac com encantadora simpleza os meios a que recorreu para que a horda dos invasores não penetrasse na sua residencia; refere como, sabendo de que auctoridade entre elles gozava o capellão, foi ter com elle, lhe tomou a mão e lh'a beijou; como, assim procedendo, «não foi», diz elle, «por sentimento de affeição, mas por um sentimento de ... por ... como hei-de eu dizer ?... enfim, por medo»; como em seguida se travou conversação amigavel; mas, não tardando o padre a declarar-lhe que a actual guerra era uma guerra «exterminadora», elle entendêra dever mudar de tom, lhe mostrára a sua bandeira franceza e lhe fizera uma falla sôbre as fôrças que tinha a França nas aguas do Prata, com o fim de proteger os seus subditos. Em resumo, tudo isto teve bom êxito, a casa foi respeitada e salvou-se o joven sargento.

Depois das narrativas do sr. Quélac deu-nos o padre Gay outra diversão: foi um concêrto vocal por cinco mulheres de raça indigena. Eram typos de notavel fealdade; mas o canto si bem que assaz monótono e pouco conforme, segundo creio, ás regras da arte musical, não deixava de ter certa harmonia suave. Era uma espécie de cântico religioso e, segundo pude comprehender, sôbre a Resurreição; começou em portuguez e continuou sem interrupção em guaraní. Então, claro está, mais nada pudemos nós entender sinão de quando em quando «Alleluia, alleluia» e nomes de sanctos em portuguez, que se repetiam várias vezes, e tambem os de Magdalena e Salomé e Jacob. Cousa curiosa, a cadencia dêste canto, sobretudo nas Alleluias, lembrava-me extraordinariamente o «Filii et Filiœ» (1). E' evidentemente um resto que entre estes indigenas

---

(1) «*O filii et filiae, Rex Celestis, Rex Gloriae, morte surrexit hodie* são as primeiras palavras dum cântico de bella toada que, em França e tambem nas egrejas catholicas de Inglaterra, se canta geralmente no Domingo de Páschoa e na semana que segue, por occasião da Benção do Sanctissimo Sacramento.

ficou do ensino dos jesuitas. Certas palavras repetiam-se com tanta frequencia que acabaram por nos ficar a todos de memória, mesmo antes que o padre Gay nos explicasse a sua significação. Eram principalmente *Christo nhondêchara*, Christo nosso Salvador; *Mondêmonhangara*, nosso Criador; *Condêcurussu*, vêde esta cruz. A cada *Condêcurussu*, dicto com muita compuncção, inclinavam-se as executantes como se faz em vésperas quando se chega ao «*Gloria Patri et Filio*». Tudo isto era muito original. O guaraní destas mulheres era muito menos guttural, porém mais nasal que o dos Paraguaios: esta differença explica-se facilmente pela influência que sôbre o idioma indigena deve ter exercido o hábito de pronunciarem uns o hispanhol, outros o portuguez.

S. Borja está longe de ter recuperado depois da invasão todos os seus habitantes; e os que voltaram parecem viver em transes mortaes. Confiando pouco, ao que parece, na sua Guarda Nacional, massáram o imperador com notícias alarmantes. Segundo elles, teria partido de Candelaria outra fôrça paraguaia e viria em marchas sôbre S. Borja. Ora eram 6.000 homens, que estavam a 20 leguas do Uruguai; ora sómente 3.000 mas a seis leguas. Por mais que se procurasse demonstrar-lhes a improbabilidade de pretenderem os inimigos, logo em seguida á destruição da sua primeira columna, enviar outra na mesma direcção; ponderando-se-lhes além disso que o general oriental Castro estava incumbido de bater esta parte da provincia de Corrientes e assim, si alguma verdade houvesse em taes boatos, esse general não teria deixado de avisar Flores; preciso foi, para os tranquillizar, prometter-lhes que de Uruguaiana se lhes mandaria outra vez o *Tramandahí* com um batalhão de linha.

Voltámos para o *Onze de Junho*; ás 3 horas da tarde, levantámos ancora, e ás 8 estavamos outra vez em frente de Itaquí. Logo se apresenta o juiz municipal e informa o imperador de que no mesmo dia chegou de Uruguaiana notícia de que o general argentino Hornes batêra a retaguarda do exército paraguaio do Paraná. E' bem pouco explícita a informação para que se lhe possa prestar inteira fé; mas, si for exacta, deduz-se della um facto assaz importante: que aquelle grande exército inimigo deixou a sua posição forti-

ficada de Cuevas para avançar para o Sul. Seria isso muito vantajoso para os alliados, que certamente poderiam batê-los, reunindo os exércitos actualmente acampados em frente de Uruguaiana com o grande exército que vem subindo de Concordia sob o commando do general brasileiro Osorio (1) e que á data das últimas notícias se encontrava já nas margens do Mocoretá, affluente do Uruguai formando o limite entre a provincia de Entre-Rios e a de Corrientes.

29. — Entrámos no Ibicuhí, rio muito largo, de margens geralmente arborizadas; nêste momento a agua cobre o pé das arvores. Subimos este rio, durante cêrca de meia hora, até o Passo de Sancta Maria, sítio descoberto que fica logo abaixo da confluencia do Ibirocahí e onde os Paraguaios executaram a passagem. Foi interrogado a este respeito o que mais intelligente parecia entre os prisioneiros que vinham a bordo do *Onze de Junho*, um bello moço que, como o tenente Roméro, tinha estudado para padre. Effectuou-se a passagem em trez columnas e occupou os trez dias 18 a 20 de Julho. Vêm-se na margem esquerda os restos do acampamento paraguaio, ainda impregnados do costumado perfume, pequenas palhoças que os nossos inimigos parecem ter especial talento para construir rapidamente, e a sepultura de dous dos seus mortos, tão mal enterrados que os cranios, estão, em parte, de fóra. Tinha havido ao pé duas estancias, que agora se acham inteiramente queimadas, como todas aquellas por onde passaram os Paraguaios.

Uma rectificação: equivoquei-me quando disse que o Touro Passo era o último affluente do Ibicuhí; vimos hoje a confluencia dêste pequeno rio com o Uruguai, entre o Ibicuhí e Uruguaiana.

---

(1) Quasi excusado é mencionar aqui que a este heroico general, mais tarde marquez do Herval, ligou-me estreita amizade desde que, attendendo a meu pedido, e apesar de estar com a saúde muito abalada depois de glorioso ferimento, prestou-se a ir auxiliar-me com sua experiencia e bravura na época mais crítica do meu commando no Paraguai. Logo após lamentado fallecimento em Outubro de 1879, seu distincto filho, dr. Fernando Osorio, honrou-me com a fineza de enviar-me como lembrança, que piedosamente conservo, o relogio usado durante a campanha das Cordilheiras pelo general Osorio.

Tendo saïdo do Ibicuhí pela volta das 3 horas, estávamos ás 7 em Uruguaiana, e meia hora depois nas nossas carretilhas.

Pouco depois tivemos a satisfacção de receber um correio de Porto-Alegre, isto é, cartas do Rio de Janeiro; as últimas eram de 25 de Agosto. As notícias de Porto-Alegre alcançam até o dia 3 de Septembro; o facto mais importante é um deploravel conflicto que surgiu entre o bispo e o seu Cabido. O bispo lançou interdicto sôbre a maior parte dos membros do Cabido. Não tenho conhecimento dos antecedentes desta questão.

Da Europa continúo a não ter cartas; todavia deve ter-me chegado correspondencia ao Rio pelo paquete francez, cêrca de 20 de Agosto. Certamente deve ter sido expedida de lá em algum outro maço, que anda perdido. Quem sabe onde elle estará ? No Desterro ? Em Porto-Alegre ? Talvez em Caçapava !

Vimos tambem as communicações officiaes relativas á victoria do general Hornes. Foi, conforme eu suppunha, um combate muito parcial; os inimigos eram 800; deixaram 200 prisioneiros e muitos mortos. Não foi o general Hornes que pessoalmente obteve esta victória, mas o coronel d. Felix Roméro. Verificou-se o combate não longe da aldeia de Yaguarétécará, do lado da laguna Iberá; nada, por conseguinte, permitte prevêr acêrca dos movimentos do grande exército inimigo, que estaciona em Cuevas.

30. — Dia de chuva e tedio. O correio de hontem não trouxe jornaes do Rio de Janeiro; do Sul já ha muitos dias que não vem nada. Quanto aos jornaes de Porto-Alegre, não é preciso muito tempo para lê-los.

Trez das víctimas da explosão succumbiram, entre ellas o capitão oriental. Apenas sobrevivem trez. Queira Deus que não tenham os seus padecimentos o mesmo termo que tiveram os dos seus companheiros de infortunio !

1° de Outubro. — Diz missa o párocho de Jaguarão, que, cheio de enthusiasmo militar, veiu da outra extremidade da provincia offerecer-se como capellão do Exército e de bôa vontade foi acceito, á falta de outro. E' o médico do ministro, o dr. Figueiredo, que ajuda a missa.

Parece que finalmente melhoraram os serviços postaes. Chegou um inesperado dilúvio de correspondencia do Rio de Janeiro e da Europa. As cartas do Rio são de 8 de Septembro; as da Europa de 8 de Agosto.

2. — Chegou a correspondencia que saïu do Rio de Janeiro a 22 de Agosto e que parecia perdida.

3. — Felizmente a partida está definitivamente fixada para amanhã.

4. — Depois das despedidas das differentes officialidades, partimos enfim ás 10 horas e d'ahi a pouco entrámos a atravessar a mesma planície que para vir ao exército percorreramos 23 dias antes, agora, porém, modificada pela imminencia da bôa estação. Está o ar mais tépido, e o campo em certos sitios esmaltado de flores amarellas. Por isso mesmo se faz ainda notar mais a completa ausencia de arvoredo.

Das 3 ás 4 horas e meia parámos para jantar na Casa Branca, que nada ganha em ser vista de dia, nem ella, nem os que a habitam. A's 8 horas acampámos nas Pontas do Touro Passo, não sem ter admirado um eclipse de lua, que começou justamente no instante do pôr do sol. Foi o almirante De Lamare que o fez notar á comitiva. Ninguem mais, nem mesmo o imperador, se lembrava de que era dia de eclipse.

5. — Partida ás 6 horas. A's 10 parámos na margem do Ibirocahí, onde as flores amarellas de uma Mimosa, a que chamam aqui *esponjeira*, e que neste sítio cresce em grande abundancia, enchem o ar de um cheiro delicioso. Ficámos até ás 3 horas na cabana de um portuguez emigrado de Uruguaiana: a sua conversa e o seu mate ajudam a passar as cinco longas horas. Não longe dêste logar estão acampados uns 60 homens e um alferes do 1° batalhão de Voluntarios, quaes, tendo-se restabelecido em Alegrete de suas feridas ou doenças, marcham agora a reunir-se ao seu batalhão em frente de Uruguaiana.

A's 7 horas acampámos aquem do Inhanduhí. Pouco antes avistáramos um lindo bando de oito emas. Alguns soldados de cavallaria da escolta lançaram-se em sua perseguição, com o intento de as bolear. Porém estas aves correm muito mais do que em geral os cavallos riograndenses, e as que os

soldados queriam alcançar não tardaram a desapparecer-nos da vista.

6. — Está refugiado numa cabana da margem do Inhanduhí um empregado da alfandega de Itaquí. Fallando-nos dos estragos feitos pelos invasores, declarou-nos que muito sentia que se tivesse deixado a vida aos prisioneiros paraguaios. Segundo elle, era preciso «atá-los todos junctos e logo... botar fogo com polvora, para acabar com essa raça de diabos» !

Depois de ter passado o Inhanduhí tivemos duas agradaveis distracções. Foi a primeira o encontro de uma brigada de cavallaria de cêrca de 800 homens, que vai de Bagé para Uruguaiana. E' commandada por um coronel vulgarmente conhecido pelo nome de Severo. Tendo nós já deante de Uruguaiana 5.000 homens de cavallaria, para que se lhes vai junctar mais uma brigada, principalmente agora que lá não ha mais inimigos ? Não pude deixar de perguntá-lo. Responderam-me que era um refôrço de cavallaria que pedia o general Osorio, commandante do exército do Sul. Esta cavallaria é mais brilhante que toda quanta eu por ora tenho visto na provincia. Pelo menos, anda regularmente vestida, toda de encarnado; e a farda larga dos officiaes, de panno escarlate com golla de velludo preta, é elegante. Os cavallos são tambem melhores que os das divisões de Canabarro e Jacuhí.

Os chapéus redondos têm em geral a inscripção «Voluntario Bagéense». Pouco adeante tivemos ainda melhor encontro: a brigada de infantaria denominada de Fontes, que a 3 de Septembro deixáramos em S. Gabriel. Está, porém, reduzida a trez batalhões, 19°, 24° e 31° de Voluntarios, porque o coronel Fontes foi destacado para S. Borja com os outros dous (o de artilharia e o 29°). O resto da brigada passou a ser commandado pelo coronel Argollo Ferrão (1), excellente official que a mantém com o effectivo de 1.200 homens (porque os dous batalhões separados eram justamente os mais

---

(1) Alexandre Gomes de Argollo Ferrão distinguiu-se muito em todo o decurso da guerra do Paraguai, chegando ao posto de commandante do 2° corpo de exército até ser ferido no sangrento combate da ponte do Itororó a 6 de Dezembro de 1868. Quando fui nomeado commandante em chefe das fôrças em operações no Paraguai, achava-se elle em convalescença no mosteiro de S. Bento no Rio de Janeiro. Fui visitá-lo com a espe-

fracos), reduziu a 14 o número dos terriveis carros de bois e consegue que os homens pequenos do Norte marchem cinco leguas por dia! Entretanto a cavallaria do coronel Severo declarava não poder andar mais de duas léguas por dia! Parece incrivel!

Ao meio-dia entrámos em Alegrete, cujas lojas e casas asseiadas nos pareceram uma Babylonia de riqueza depois das ruínas de Uruguaiana, Itaquí e S. Borja. Pode-se imaginar como a nossa victória dilatou os pulmões dos alegretenses, e com que redobramento de enthusiasmo se soltam os gritos de «Viva a integridade do Imperio! Vivam os valentes defensores da Patria!» etc., não faltando como era natural o inevitavel foguetorio (1).

O que nos pareceu mais apreciavel que todo este enthusiasmo, é tornarmos a encontrar quartos e camas apoz uma privação de 27 dias, visto que a bordo do *Onze de Junho* só tinhamos canapés (2).

De tarde levanta-se um furacão, que envolve a cidade numa nuvem de pó, como se levanta ás vezes em Madrid no estio. Segue-se chuva grossa. Mais um motivo para estimarmos estar numa cidade.

7. — Visita a differentes depositos de fardamentos, arreios, etc.; a um armazem de polvora que contém cêrca de 50.000 cartuchos; ás escolas e ao hospital, que tem feito grandes progressos desde nossa primeira passagem. Agora todos os doentes, que são cêrca de 70, têm camas e lençóes e estão convenientemente espaçados. Além disso estão prepa-

---

rança de resolvê-lo a vir reunir-se commigo no theatro das operações. Não lh'o permittiu porém seu estado de saúde que não melhorou; e elle veiu a fallecer no anno seguinte. Fôra agraciado com o titulo de visconde de Itaparica.

(1) Tendo-se notado em outras occasiões que os foguetes espantavam alguns dos cavallos da comitiva, o bom general Cabral sempre preoccupado com a segurança do imperador, corria pressuroso para deante com o fim de evitar esta ruidosa demonstração de alegria; mas esse seu exfôrço pouco conseguia.

(2) Quando em 1885 estive tambem duas vezes em Alegrete, fui ahi recebido com a maior amabilidade pelo sr. Luiz de Freitas Valle á testa da Camara Municipal. Este distincto moço, mais tarde agraciado com o titulo de barão de Ibirocahí, foi durante muitos annos presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro, onde falleceu em 1919.

rados vários compartimentos para receber os doentes de uma brigada de oito batalhões que está para chegar de S. Gabriel sob o commando do coronel Menna Barreto (João Manuel), o heróe de S. Borja. Espera-se que todos os doentes alli se possam accommodar, pois, desde que deixou de fazer frio, as marchas causam muito menos doenças aos homens do Norte. A brigada Argollo só deixou em Alegrete 16.

Ha quatro homens com bexigas; estão installados num edificio fóra da cidade.

Vim encontrar em Alegrete o dr. Christovão José, o meu amigo de Cachoeira. Vira-se obrigado a esperar um mez em Cachoeira o substituto que deviam mandar-lhe! Agora corre a Uruguaiana, cujos hospitaes bem precisam da sua visita; não contêm elles menos de 600 pessoas, incluindo 120 Paraguaios.

E' bem possivel que o ar empestado que á roda desta infeliz cidade estão mantendo os cavallos mortos e os restos de bois por enterrar concorra para o desenvolvimento de tantas doenças.

Ao meio-dia *Te Deum*.

8. — A's 5 horas, missa. Em seguida partimos para Sanct'Anna do Livramento, na direcção do S. S. E. Vai-se por uma coxilha que deixa muito para a esquerda o curso arborizado do Ibirapuitan.

A comitiva imperial conta infelizmente a menos o excellente dr. Meirelles. A primeira marcha, de Uruguaiana ao Touro Passo, a tal ponto o fatigou que no dia seguinte teve de ficar no Ibirocahí. Tornámos a vê-lo em Alegrete, mas logo teve de se recolher ao leito; promette que, tão depressa se restabeleça, se irá junctar ao imperador em Bagé, indo por S. Gabriel. O ministro toma egualmente a direcção de São Gabriel, onde tem ordens a dar.

Augusto apparece com um poncho de verão, branco com risquinhas azul celeste. Fica definido este trajo pelo seu nome: quando começa a fazer muito calor para que se possa continuar a usar o poncho de lã, o gaúcho elegante substitue-o por outro, feito de uma fazenda leve de algodão e sêda. Há-os inteiramente brancos, e outros todos amarellos; mas a maior parte têm listas, sempre de côres claras e vivas. São muito

pittorescos quando entram a fluctuar á mercê do vento sôbre o cavallo a galope, com os arreios muito enfeitados de prata; mas parecem-me ter pouca utilidade prática para viagem.

Faz-se a «sesteada», das 10 horas ás 3, na pobrissima casa de um allemão chamado Malm, conhecido por João Allemão. Está ausente: é seu cunhado, tambem allemão, que faz as honras da casa e sustenta a conversa sôbre variados assumptos, desde a batalha de Waterloo, em que entrou seu pai, até um combate nas margens do Inhanduhí, em que elle proprio tomou parte, no tempo da guerra civil.

Tempo excellente, nem quente, nem frio; mas terra árida; pois durante trez horas e meia de viagem (quatro léguas brasileiras) a partir da casa de João Allemão, não vimos uma só arvore! As 6 horas e meia chegámos á casa do sr. Trindade. Mostra-nos um animalzinho chamado *zorilha*, que me parece ter alguma analogia com o texugo, mas que tem a particularidade de exhalar um cheiro execravel. A espôsa offerece ao imperador um suadouro, pequena coberta para cavallo, feita, de ponto de meia, por sua mão.

9. — O terreno torna-se mais pedregoso e accidentado; ás vezes apparecem capõezinhos no fundo dos valles, que vamos deixando á direita ou á esquerda.

A's 3 horas chegámos a casa de uma senhora de appellido Cunha, viuva do coronel Miguel Cunha. Apresenta-se accompanhada de septe de suas filhas e declara ter ainda mais trez nos arredores, duas casadas e uma viuva. As septe que vemos trazem vestidos de cassa de ramagens. A casa é de uma elegançia absolutamente desusada nestes desertos; sobretudo a sala ostenta o extraordinario luxo de um piano. Este piano torna-se, como era natural, um excellente objecto de conversação com toda esta sociedade feminina. O imperador convida logo as meninas a mostrar o seu talento musical. O repertorio não é variado: limita-se ao «Souvenir de Baden-Baden», valsa, e a duas modinhas brasileiras. Além disso o piano está horrivelmente desafinado. Desculpam-se dizendo que o seu mestre allemão as deixou para regressar ao Rio Grande. Supponho que é o mesmo que está agora leccionando, com melhor resultado, as meninas do sr. Euphrasio.

O jantar compensa o concêrto. Nada falta, nem mesmo um esplendido apparelho: vidros dourados e bella porcelana de beira verde com o nome todo do fallecido espôso da dona da casa escripto em lettras de ouro (1).

Esta tarde os soldados da escolta apanharam muitos ovos de ema inteiramente amarellos, qué logo foram furados e cuidadosamente acondicionados para com elles se ornarem os aposentos do Rio de Janeiro.

10. — Partida ás 5 horas por uma manhã extraordinariamente fria. A's 4 horas chegámos á casa do sr. Machado, que está convalescente do typho. A sua casa occupa a encosta de uma espécie de collina a que, por sua fórma, chamam «o Cerro Chato» e que fica inteiramente isolada no meio de um vasto planalto, limitando por varios lados com outras collinas que terminam egualmente em mesas ou terraços. E' uma formação bem singular e, apesar da total ausencia de arvores, não deixa a paizagem de ter certo encanto, assim illuminada pelo sol poente e animada por milhares de bois disseminados pela superficie verde e plana do campo. Correm as aguas dêste planalto, do lado de Leste directamente para o Ibirapuitan; ao Noroeste para o Inhanduhí e do lado do Sul para o Quaraïm, cujas nascentes não estão longe. No dizer dos vaqueanos ou conhecedores da região, extende-se a vista, dêste lado do Sul, até o Estado Oriental, cuja fronteira com o Brasil é formada, como se sabe, por uma linha artificial, das nascentes do Quaraïm ás do Jaguarão.

11. — Lindissima estrada. Passa-se o Ibirapuitan, não longe das suas nascentes. Depois sobe-se a uma altura onde se encontra uma das pyramides de tijolo com revestimento de cal, que assignalam de espaço a espaço a fronteira. Goza-se d'alli uma vista pittoresca e muito original sobre uma série de valles arborizados e de collinas de encostas escarpadas, que quasi todas terminam em pequenos planaltos (2). No meio

(1) Em 1885 tambem parei em casa desta distincta familia.

(2) Em 1885, indo eu em um carrinho aberto em companhia do tão dedicado major Estevão Joaquim de Oliveira Santos, então meu secretario militar, sorprehendeu-nos a noite num dêsses pequenos planaltos. O joven cocheiro não quiz mais avançar temendo despenhar-se com o carro por

desta região atormentada apparece Sanct'Anna na direcção do S.E. na fórma de uma massa branca, hoje um pouco envolta em bruma. Muito perto desta pyramide, ou marco de fronteira, encontram-se ao mesmo tempo as nascentes do Ibirapuitau, do Sancta-Maria e do Cuñapirú, affluente do rio Negro (grande rio que atravessa todo o Estado Oriental e se vai lançar no Uruguai muito abaixo de Paisandú). Forma fronteira neste sítio a crista da coxilha ou linha de divisão das aguas, as quaes vão, como se vê, do lado brasileiro para o Ibicuhí pelo Ibirapuitam e pelo Sancta Maria, e do lado oriental, que, entre parenthese, é aqui o do Sudoeste, para o rio Negro, pelo Cuñapirú.

A verdadeira estrada para ir para Sanct'Anna segue tambem a coxilha, e portanto atravessa mais de uma vez a fronteira. Mas o imperador não pode saïr do Imperio; portanto, depois de termos contemplado as duas faces brasileiras da pyramide, temos de tornar a descer, por caminhos de cabras, para um dos valles formados pelo Sancta-Maria. São, porém, encantadores estes valles, com as suas encostas pedregosas e arborizadas, e casinhas no fundo, cercadas de chacaras esmeradamente cultivadas. Mais facilmente podia eu imaginar que estava num canto da velha Europa do que na provincia do Rio Grande do Sul.

Tornámos a subir para Sanct'Anna. Vem ao encontro do imperador a Guarda Nacional a cavallo, na fôrça de cêrca de 200 homens, depois, á entrada da villa, a Camara Municipal; mais adeante, um grupo de meninas com fitas das côres nacionaes; algumas pronunciam fallas em prosa e em verso. Visita á egreja; «*Deus in cujus manu sunt corda regum*», etc., etc. Por fim, tomámos posse dos nossos aposentos na

---

entre os rochedos que a escuridão completa não lhe permittia distinguir. Tivemos de conformar-nos em passar assim a noite accommodando-nos debaixo da abena do carro. O cocheiro desatrelou os cavallos amarrando-os não sei como e deitou-se a dormir debaixo do carro. Quando clareou, e pudemos achar caminho para saïr do meio dos penhascos, fomos ter a uma casinha, onde, esfomeados, pois não tinhamos jantado na véspera, fizemos que uma mulher fôsse mugir uma de suas vaccas para dar-nos leite. Não sabiamos ainda onde estávamos: mas de manhã cedo entrávamos em Sanct'Anna do Livramento, onde fomos acolhidos pelo commandante da guarnição coronel Isidoro Fernandes de Oliveira.

Camara Municipal; os lavatorios estão adornados com o «*Bard of Avon's perfume*», e todo o edificio está perfumado com anís (1). São 9 horas e meia. Depois de um periodo de espera doloroso para os estomagos, acabámos por obter um copioso almôço com manteiga da terra, delícia que desde Porto-Alegre não tornáramos a conhecer. De tarde fizemos uma conscienciosa visita á villa.

A villa de Sanct'Anna do Livramento está assente num contraforte da coxilha. Tem aspecto quasi europeu: as casas estão disseminadas pelo meio de jardins verdejantes onde crescem arvores da Europa, como o choupo e a acácia (agora em flor), que em outras partes do Brasil são desconhecidas. As sebes estão cobertas de rosinhas. Os pecegueiros e os marmeleiros começam a formar os fructos. Em compensação, não ha laranjeiras. A população é, pelo que me dizem, de 2.000 almas, de que o elemento brasileiro não representa sinão approximadamente metade, sendo o mais orientaes, argentinos e europeus. Entre estes parecem-me predominar os italianos. As lojas têm bustos do rei Victor Manuel, de porcellana de côres, e o bilhar da terra tem a taboleta *Hôtel á la Garibaldi*. Na praça ha, em frente da egreja, um theatro de exterior monumental.

Da última casa da villa á cumiada, e portanto á fronteira, a distancia é apenas de cem passos. Immediatamente do outro lado fica uma casa sôbre a qual se vê fluctuar a bandeira oriental.

Entretemos o nosso ocio com uma collecção da *Tribuna* de Buenos-Aires. Está cheia principalmente de correspondencia de Uruguaiana acêrca da chegada do imperador, da rendição, etc. Digam o que disserem no Rio de Janeiro, essas correspondencias são extremamente cortezes. Uma das cousas que mais parecem ter impressionado os nossos alliados é a simplicidade das maneiras e do trajo do imperador: esperavam provavelmente ver mantos de purpura e de arminhos!

Decididamente, a columna paraguaia da margem direita do Paraná era uma invenção, porque o general Mitre (Don

(1) Herva-doce.

Emilio) entendeu poder saïr do Rosario no dia 21 com as tropas de seu commando e marchar para Concordia. Continuámos a ignorar o effectivo destas tropas.

12. — Dia de repouso... pelo menos parcial. Visita ás escholas; de tarde passeio ao alto, onde está o marco da fronteira. Este marco, como a maior parte dos outros, foi assente numa das raras coincidencias da fronteira com um ponto culminante do terreno. Por quasi todas as outras mais partes, as collinas, sempre cylíndricas e de largos cimos planos, elevam-se irregularmente, ora de um lado, ora de outro, da linha de divisão das aguas. No conjuncto da paizagem é o lado oriental muito menos accidentado e arborizado que o lado brasileiro.

No sopé mesmo do cabeço coroado pelo marco ha um posto de soldados orientaes, que está, portanto, a cem passos da villa e mais alto que ella.

Este traçado de fronteira, de que resulta dominar o territorio extrangeiro completamente a villa de Sanct'Anna, é evidentemente desvantajoso. Para remediar este inconveniente, pensou-se ha annos em transportar esta parte da fronteira para o curso do Cuñapirú no fundo do valle adjacente. Em troca desta faixa de terreno que nos cederiam os Orientaes, receberiam elles outra mais extensa, porém sem importancia estratégica, entre as nascentes do (Quaraïm). Chegou-se a projectar um tractado neste sentido; porém sobreveiu uma mudança de govêrno em Montevidéo, e o novo govêrno recusou-se a concluir o tractado. Poder-se-ía talvez aproveitar a actual alliança íntima para novamente se tractar dêste assumpto, que poderia combinar-se com a questão da abertura da lagoa Mirim á navegação com bandeira oriental, concessão esta que o govêrno oriental instantemente sollicita.

Convém notar aliás que quasi todos os estancieiros desta zona do norte do Estado Oriental, são brasileiros. E' este um grande mal, em primeiro logar porque são braços que o Brasil perde, para irem trabalhar em terra extrangeira; mas sobretudo porque esses brasileiros se filiam com paixão nos partidos em que anda dividida a Republica Oriental (actualmente no partido «Colorado») e conseguem, com os seus clamores, ar-

rastar o Govêrno brasileiro a intervir nestas dissensões, como infelizmente se viu o anno passado. Si perguntardes a esses filhos do Brasil por que motivo deixam a paz da sua terra natal para virem metter-se num Estado entregue a contínuas desordens, responderão que no Estado Oriental o terreno é mais favoravel á criação de gado. Nisto não creio: com excepção de um pequeno número de valles arborizados do lado brasileiro, que não passam de um facto isolado. é identico o aspecto do solo dos dous lados da fronteira. O que attrahe esses emigrantes é o ser tudo mais barato do lado de lá, por ser o regime aduaneiro dos nossos vizinhos menos restrictivo que o nosso. . . . .

A povoação oriental mais proxima de Sanct'Anna é Tacuarembó; mas não a pudemos ver (1).

13. — Partida ás 5 horas. Como na véspera, ha espesso nevoeiro, que completa o aspecto europeu da região.

Os espiritos prudentes, imaginando estarem na fronteira bandos de «*Blancos*» que poderiam querer apoderar-se do imperador (não sei para quê) conseguem que a escolta, que desde Uruguaiana fôra reduzida a 60 homens, seja dobrada, com Guarda Nacional de Sanct'Anna.

Afastando-nos gradualmente da fronteira, atravessámos muitas torrentes arenosas e pantanosas que vão engrossar o Sancta Maria. Por fim acampámos do outro lado da Restinga, curso de agua mais importante que os outros, e deante da casa de um hispanhol chamado Zarratea, que tem uma venda bem sortida. Arreios, chapéos, livros, fazendas de toda a espécie, porcellana, que sei eu ? tudo ha nêste brilhante estabelecimento, que com surprêsa se encontra assim perdido no meio do deserto. Supponho eu que na sua prosperidade entra por grande parte, o contrabando. A lembrança de que estamos em casa de um europeu, que pode estar animado de sentimentos

---

(1) Na épocha de minha outra viagem em 1885 já se tinha formado em frente a Sanct'Anna do Livramento a povoação chamada Ribeira, de modo que a fronteira corria num espaço formando rua entre as casas dum e outro povoado, duma e outra nação, onde serpenteava uma pouca dagua no meio de areia movediça deixando assim mal definida e variavel a linha fronteira. Tudo isso no meu regresso ao Rio fiz sentir ao Govêrno. E quanta facilidade não dá isso para contrabando !

«*blancos*», suscita novos terrores. Deixam-se ficar sellados toda a noite os cavallos da escolta e dispõem-se guardas avançadas em todas as direcções. Quanto á mim, declaro que os «*blancos*» me não tiraram o somno.

14. — Acampámos ao pé do «Poncho Verde». E' um vasto banhado que, actualmente sêcco, offerece o aspecto de tristeza e soledade, que as gravuras e os quadros nos representam nos arredores de Roma conhecidos pelo nome de «campagna romana».

15 de Outubro (1) ! Foi depois de termos passado o banhado que atravessámos o famoso campo de batalha de Poncho Verde. A batalha de Poncho Verde foi ganha em 1843 pelos imperialistas ou legalistas, commandados por Bento Manuel Ribeiro, aos revoltosos, commandados pelo general Canabarro. Passa por ter sido um dos mais importantes feitos de armas da guerra civil, e dizem os habitantes da região que os cadáveres encheram até á borda um ribeiro que aqui passa. Porém o marquez de Caxias, que era então general em chefe do Exército Imperial, affirma-se que do lado legalista as perdas não excederam de 40 mortos e 120 feridos. As dos vencidos foram certamente mais consideraveis.

Na segunda parte da nossa marcha torna-se o terreno mais accidentado. Os pastos acham-se em todo o esplendor da sua vegetação de primavera e apresentam admiravel variedade de tons na sua verdura. Passámos, quasi sem dar por isso, da bacia do Ibicuhí para a do rio Negro (a fronteira já aqui não é formada pelo divisor das aguas), pois vamos pernoitar na margem esquerda do Pirahí, affluente do rio Negro, lindo rio que corre em leito de areia entre collinas de fórmas variadas e pequenos bosques, cuja côr verde brilha com deliciosa frescura (2). Num alto ha uma casa apparente-

(1) 1º anniversario do meu feliz casamento.

(2) Na viagem de 1885, que faziamos de carro, fui, com meu Estado-Maior, demorado durante 36 horas pela enchente do riacho «Savaduí» pequeno affluente do Pirahí, que não admittia vâu.

A venda, onde durante essas duas noites dormimos em catre, pertencia a um hispanhol; e deu-se a singularidade de eu ahi ver grudada á parede

rentemente rica, no meio de uma bella chácara. Porém o proprietario (facto felizmente sem exemplo) recusou a entrada ào imperador.

Parece que o ricaço é prodigiosamente avarento e que, para se não ver no dilemma de fazer a despesa de um jantar ou a má figura de o não dar, preferiu o recurso de mandar dizer que estava ausente. Tornámos pois a descer para mais perto do rio e mandou-se fazer o jantar na cabana de uma pobre mulher, oriental de nascimento e evidentemente de raça indigena. Pirahí é um nome de rio que se encontra em vários pontos do Brasil. Facilmente se explica este facto pela significação da palavra, que nas linguas indigenas simplesmente quer dizer «agua com peixe».

De tarde tinha-se junctado a nós o commandante militar de Bagé, que viera ao encontro do imperador. E' o barão de Serro-Alegre, que se tornou célebre no tempo da guerra civil como chefe imperialista com o nome de Silva Tavares. O seu encontro excita em todos nós consideravel interesse. E' um homem baixo, de 75 annos; tem o cabello abundante, todo branco e anellado; a sua nutrição não lhe permitte abotoar sinão trez botões da farda. Monta a cavallo sem botas altas, sem polainas, sem presilhas, nem esporas, e tão pouco se preoccupa com o cuidado de proporcionar os loros dos estribos á extrema pequenez das suas pernas que não póde apoiar-se ao mesmo tempo em ambas. Porém o que completa o aspecto especial do veneravel barão é uma ruidosa e continuada jovialidade, algum tanto fóra dos habitos brasileiros. A semceremonia, com que tracta o imperador horroriza e indigna o rigido Cabral (1).

---

uma folha da conhecida obra «*Diario de un testigo de la guerra de Africa*» por Pedro Antonio de Alarcon onde vinha, aliás incorrecto, meu retrato no acto de receber a Cruz Militar de San Fernando no campo de batalha de Marrocos.

(1) O barão de Serro-Alegre era o pae do coronel Joca (João) da Silva Tavares que muito se distinguiu na guerra do Paraguai até o final, e que foi um dos principaes auxiliares do general Camara na operação que deu em resultado a occupação por surprêsa do último acampamento do dictador Lopez. Foi agraciado com o titulo de barão de Itaquí.

16. — A's 9 horas fazemos a nossa entrada em Bagé, cidade de ruas largas, a que dá alegre aspecto um sol brilhante e número infinito de bandeiras européas (hispanholas, portuguezas, francezas, italianas e suissas). Quasi que não ha uma casa que não tenha bandeira, e ao vê-las, fica-se sem sáber onde é que mora a população brasileira de Bagé. E' evidente que domina a população européa; porém as bandeiras portuguezas e hispanholas, que são as mais numerosas, são em muitas casas arvoradas por pessoas que não têm direito de fazê-lo, mas que nestas cidades vizinhas da fronteira, eventualmente expostas a perigo de guerra, acham cômmodo adquirir, uma vez para sempre, os privilegios da neutralidade, simulando uma nacionalidade européa.

Depois das ceremonias do costume acabámos por obter um copioso almôço e aposentos muito confortaveis na elegante casa do sr. Soares de Paiva (1).

Ha em Bagé dous quarteis, que contêm actualmente parte da reserva da Guarda Nacional, tambem chamada ao serviço. O contingente activo formava a brigada que encontrámos juncto do Inhanduhí, commandada pelo coronel Severo. Num dêstes quarteis existe tambem um depósito consideravel de objectos de fardamento, que alli foram deixados, ao que parece, ha um anno pelos regimentos que então invadiram o Estado Oriental.

Deve isto ter sido feito com conhecimento, sinão do ministro de então, pelo menos do presidente da provincia. Todavia, á chegada do imperador a Bagé, o actual presidente e o ministro ignoravam completamente a existencia dêste depósito,

---

(1) O sr. Soares de Paiva era ermão das respeitaveis senhoras dona Maria Joaquina de Paiva Andrade Pinto e dona Maria José de Paiva Andrade Pinto que muito conheci e apreciei, das quaes a primeira foi mãe, além de outras filhas, do conselheiro de Estado José Caetano d'Andrade Pinto, veador da casa imperial, nosso muito prezado amigo, do benemerito conselheiro Eduardo de Andrade Pinto, do coronel Antonio Germano de Andrade Pinto, e de um filho cego Carlos de Andrade Pinto; e a outra, dama do Paço, mãe, além de outras senhoras, da baroneza de Japurá e dos senhores conselheiro João José de Andrade Pinto e desembargador Caetano José de Andrade Pinto. O sr. Soares de Paiva era tambem por sua mãe, que foi dona Bernardina de Azevedo Lima, meio ermão do general barão de Tramandahí e da senhora dona Maria Bernardina Ferreira de Brito Camara.

e as tropas, que estão em frente de Uruguaiana, não têm o que vestir !

17. — Continuou o imperador a examinar excrupulosamente as escholas e outros estabelecimentos publicos. Não o pude accompanhar por causa de uma indisposição (dôres de cabeça e de estomago), que attribúo menos ao cansaço da viagem que á extrema irregularidade da alimentação. Eis como se passam as cousas. Pela manhã, antes de partir, isto é, ás 4 horas, obtem-se uma chicara de pessimo café. Depois, sem mais nada no estomago, vamos a trote, ou antes a chouto, que é peior, umas cinco ou seis leguas, até chegar ao sítio marcado para a sesteada (1). As carretilhas, que não vão a trote, só chegam duas horas depois de nós. E' preciso ainda tirar os alimentos para fóra e aquecê-los; em summa, não se vê muitas vezes despontar o almôço sinão ás duas horas da tarde. Até então ficam os estomagos a tractos, principalmente durante as horas que se está á espera na sesteada, sem livro, nem outro recurso além da conversação do morador, que não tarda a tornar-se fastidiosa (2). Tambem se não jantava antes das 8 horas. Não escapávamos a estes contratempos sinão quando se chegava á casa do morador, cujos recursos lhe permittissem convidar para a sua mesa o imperador. Caso este bastante raro: muitas vezes nada se obtém do morador além do mate; nem siquer pão.

De tarde tivemos a satisfacção de receber do Rio de Janeiro cartas até 22 de Septembro, e da Europa até 22 de Agosto.

Viemos encontrar em Bagé o ministro que viera de São Gabriel em dous dias. Quanto ao dr. Meirelles, infelizmente á data das últimas notícias, estava ainda muito doente em Alegrete.

---

(1) Este trote largo do imperador atormentava o Cabral, que debalde procurava moderá-lo com o fito de diminuir a fadiga da comitiva. A's vezes chegava até perto do imperador, mas não conseguindo alcançá-lo, parava exclamando desesperado: « Elle foge de mim ! ».

(2) Depois da tardia e precipitada refeição acontecia me deitar-me no chão; vinha uma somneca compensar em parte a falta de repouso da madrugada. Mas este máu hábito entorpecendo a digestão, certamente concorria para o incômmodo de que fui accommettido.

18. — Bagé está muito graciosamente situada entre várias collinas. Saïmos da cidade ás 5 horas da manhã por uma manhã bastante fria, e pouco depois, deixando as aguas do rio Negro pelas do Jaguarão, dizemos adeus á bacia do Prata, justamente 45 dias depois de nella termos entrado, a algumas léguas de S. Gabriel.

Vamos pernoitar em Candiota, grupo de casas que tem a pretensão de ser erigida em parochia e tira o nome do arroio proximo, affluente do Jaguarão. Ao pé está acampada parte da reserva da Guarda Nacional de Bagé, encarregada de vigiar este trecho da fronteira.

Pouco antes tinhamos atravessado um vasto terreno carbonífero: o carvão apparece mesmo á superficie do terreno, como por exemplo á beira dos riachos. E' inutil dizer que fonte de riqueza aqui existe. Uma companhia ingleza obteve a concessão de uma mina situada á direita do caminho que vamos seguindo e a duas leguas da fronteira; mas parece que, por agora, suspendeu a exploração.

A' noite fizemos parar uma diligencia, cuja vista nos deu conhecimento de que na provincia do Rio Grande do Sul existe esta espécie de vehículo. Esta, ao que parece, faz serviço alternadamente, de Pelotas a Bagé e S. Gabriel, e de Pelotas a Bagé, Sanct'Anna do Livramento e Alegrete. Não póde fazer o trajecto de S. Gabriel a Alegrete por causa dos rios, que é preciso atravessar a vau.

Deram-nos da diligencia jornaes do Rio de Janeiro até 6 de Outubro, nos quaes, a par de todas as manifestações de júbilo motivadas pela notícia da rendição de Uruguaiana, tivemos o desgôsto de ver a morte do marquez de Abrantes (1).

---

(1) Estadista de muita illustração, cujo tracto apreciei sobretudo quando visitei logo apoz minha chegada ao Rio de Janeiro em sua companhia os bellissimos estabelecimentos da Irmandade da Sancta Casa de Misericordia, da qual era zeloso provedor. Notei tambem seu criterio quando apertando-lhe eu a mão por occasião dos cumprimentos no Paço da Cidade em seguida ao meu casamento, elle limitou-se a dizer-me « *Pas de phrases en ce jour-ci* ». Veiu a fallecer no Paço de S. Christovam fazendo semana de veador de sua majestade a imperatriz. Quando ia para este serviço dissêra a pessoa de sua amizade que ia « descançar em S. Christovam ». Com effeito, não saïndo a imperatriz na ausencia do imperador, o seu serviço nenhuma fadiga comportava. Fôra incumbido de importantes missões na

19. — A tarde foi chuvosa. Pernoitámos na propriedade de um coronel chamado Astrogildo (1).

20. — Como a chuva continuasse e o meu estomago tivesse peiorado, o imperador obrigou-me a fazer a jornada num carrinho, pequeno cabriolé que se conseguia fechar menos mal, e que agora traziamos, devido á providencia do excellente barão de Serro-Alegre. Fiquei assim privado de ver a paizagem; mas creio que não perdi muito. Pernoitámos juncto da casa do sr. Silveira dos Santos; muito agradavel deve ter parecido esta noite ás pessoas de somno mais leve que o meu, com a lembrança de ser a última a passar nas carretilhas !

21. — Infelizmente decretára o Céu que esta última marcha fôsse a mais penosa possivel. Durante a noite a chuva fina da véspera passára a temporal desfeito. Contudo, sem embargo de tão máu tempo, creio que ninguem se lembrou, desta vez, de suspender a marcha. Passar ainda 24 horas em carretilha, estando nós já a septe leguas de Jaguarão, tão desejado termo da nossa viagem, seria excessivamente cruel.

Partímos, pois, ás 6 horas, muito animados. Mas a chuva torrencial que caïra durante as últimas oito ou dez horas bastára para fazer transbordar todos os affluentes do Jaguarão e para formar entre elles vastos banhados. Em summa íamos constantemente por terreno inundado, muitas vezes chegava a agua aos peitos dos cavallos. Mais de uma vez o meu carrinho foi inundado, mas consegui não molhar-me.

Enfim, pelo meio-dia entrámos em Jaguarão e tivemos a felicidade de nos abrigar em casa do sr. Gonçalves, si bem que privados da esperança de poder mudar de fato, porque das carretilhas, já se sabe, não havia o menor indício; tinham certamente ficado paradas ao pé do primeiro arròio.

O imperador fez a costumada visita á egreja. Constou-me que nesta cidade as crianças que o receberam, em vez das fitas das côres nacionaes, se apresentaram de uma maneira

Europa e tambem, como é sabido, ministro várias vezes, a última das quaes de 1862 a 1864.

(1) Coronel Astrogildo Pereira da Costa, mais tarde agraciado com o titulo de barão de Aceguá, valente militar que sinto não ter tido occasião de conhecer pessoalmente.

considerada talvez mais patriotica, porém, sem dúvida, muito original. Traziam cintas de pennas (á moda dos indigenas) e vinham com a pelle pintada de vermelho, dos pés até á cabeça!

Pareceu-me Jaguarão uma cidade relativamente insignificante. Está situada na margem esquerda do rio do mesmo nome, que, como se sabe, aqui forma a fronteira com o Estado Oriental. A' roda da cidade vêm-se, irregularmente disseminados, principios de fortificações guarnecidas de algumas peças de artilharia. Quer fôsse em virtude dêstes imperfeitos meios de defesa, quer em consequencia da enérgica attitude que tomou a Guarda Nacional, Jaguarão escapou, a 27 de Janeiro dêste anno, de ser saqueada pelos «blancos». Um bando delles chegou a passar o rio e devastou differentes estâncias vizinhas. Póde-se dizer que deram a volta á roda da cidade; depois julgaram mais prudente tornar a passar a fronteira (1).

Em frente de Jaguarão, na margem direita do rio, ergue-se a pequena cidade oriental de San Servando (2). Está ligada com Montevidéo por um serviço regular de diligencias que chegam um dia sim, um dia não, e fazem a viagem em quatro dias.

Jaguarão é o ponto mais austral que em nossa viagem attingimos. Fica situado cêrca de 1° mais ao Sul que o Rio Grande, e mais 3° que Porto-Alegre ou Uruguaiana. Não é, todavia, o ponto mais austral do Brasil, o qual ainda se extende mais 1° para o Sul. O Jaguarão forma fronteira até á sua foz na lagoa Mirim. Esta lagoa forma como que um mesmo systema com a lagoa dos Patos, tendo como esta a sua maior dimensão approximadamente parallela ao oceano, de que fica separada por uma faixa de terreno de umas cinco ou seis leguas de largura. A lagoa Mirim tem largura um pouco menor que a da lagoa dos Patos; o seu comprimento é de 150 kilometros, metade do comprimento daquella. Foi por opposição á lagoa dos Patos que recebeu o nome de Mirim, que na lingua indigena quer dizer *pequeno*. A partir da foz do

(1) A 20 de Fevereiro deu-se a capitulação de Montevidéo assegurando-se a paz entre o Brasil e a Republica Oriental.

(2) Hoje chamada «Artigas», em lembrança do caudilho que se tornou célebre nas luctas do principio do seculo.

Jaguarão é a fronteira formada pela margem occidental da lagoa Mirim. Tempo houve em que a fronteira passava mais ao Occidente (sendo por tanto a lagoa exclusivamente brasileira) e ia terminar num cabo chamado «Punta de los Castillos», mas, ao celebrarem-se os tractados mais recentes, entendeu-se que havia conveniencia em renunciar áquella faixa de terreno. Como esta era, porém, uma concessão gratúita, estipulou-se que as aguas da lagoa ficariam sendo todas propriedades do Brasil. Da extremidade sul da lagoa vai a fronteira encontrar o Chuí, pequeno rio que corre para Sueste. A sua foz no oceano, situada cêrca de 34° latitude, é o ponto mais austral do Brasil.

Para terminar as considerações geographicas, direi que a distância de Uruguaiana a Jaguarão, por Sanct'Anna do Livramento e Bagé, é de 105 leguas; mas, por causa do desvio que fizemos para tornar a passar por Alegrete, andámos mais 15 leguas, ou sejam, ao todo, 720 kilometros; e que de Cachoeira a Uruguaiana por S. Gabriel e Alegrete são 90 léguas; mas, para passar por Caçapava, andámos mais 10, ou sejam, ao todo, 600 kilometros.

22. — Tendo cessado o temporal, appareceram as carretilhas pelas 3 horas, e com ellas o pobre general Beaurepaire, que já não sáe nunca da sua e que, por conseguinte, passára estas 24 horas no meio dos banhados «muito mal», como elle diz em tom dolente, e sem outro alimento sinão os bôlos e pães de ló de que sempre anda cuidadosamente provido.

Como as minhas dôres de cabeça continuavam, impôz-me o imperador um médico que, não sei como, descobrira em Jaguarão. Era um francez chamado Leboiteux; dizia elle que tinha percorrido todo o Brasil de um extremo ao outro, e tambem o Paraguai; porem estas viagens não o adeantaram muito em sciencia: pareceu-me que a sua era da mesma fôrça que a do dr. Sangrado. Logo me preceituou que me conservasse de cama 48 horas com dieta absoluta e applicasse 22 sanguesugas. Forçoso foi submetter-me; mas depois de tal tractamento, eu mal podia pôr um pé adeante do outro (1).

(1) Nesta doença, como depois em outras, cuidou de mim com muita dedicação meu creado francez Henrique Lavuex que me serviu longos

24. — Contudo, ás 4 horas da manhã estava eu vestido, e pude ir no meu carrinho para a praia, onde nos esperava o *Apa* ás ordens do excellente Parker. Escoltados pelo *Riograndense*, em que vai o ministro, descémos, durante trez horas, o sinuoso curso do Jaguarão, que vai serpenteando por entre margens planas, mas verdes e a espaços arborizadas. Depois entrámos na lagoa e virámos para o Norte. Passadas algumas horas estrávamos no rio S. Gonçalo, largo curso de agua que faz communicar as duas lagoas. De tarde estivémos algumas horas parados, e o imperador foi á terra visitar a nascente villa de Sancta Isabel. Enfim, ás 8 horas, por uma noite escura, abordávamos ao cáes de Pelotas e subiamos para carruagens esplendidas que em poucos minutos nos transportavam á casa, ou, para mais exactamente dizer, ao sumptuoso palacio do sr. Ribas, duplamente cunhado do barão de Piratinim.

25. — Depois de se ter percorrido duas vezes em toda a sua largura a provincia do Rio Grande do Sul; depois de se ter estado em suas pretensas cidades e villas, Pelotas apparece aos olhos encantados do viajante como uma bella e próspera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (phenomeno único na provincia), sobretudo os seus edificios, quasi todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéa de uma população opulenta. De facto, é Pelotas a cidade predilecta do que eu chamarei a aristocracia riograndense, si é que se póde empregar a palavra aristocracia fallando-se de um paiz do novo continente. Aqui é que o estancieiro, o gaúcho cansado de criar bois e matar cavallos no interior da campanha, vem gozar as onças e os patacões que ajunctou em tal mistér.

E' tambem em Pelotas que, ao pé dos ricaços que estão a descançar, florescem em todo o seu esplendor as indústrias que alimentam o verdadeiro luxo riograndense, o dos arreios. Estas indústrias, como se sabe, são duas: a dos couros lavrados, cinzelados, coloridos, bordados de mil maneiras, e a das peças de prata, não menos artisticamente trabalhadas. As differentes

---

annos, estragando a saúde nas viagens, ás vezes penosas, em que me accompanhou até que, voltando commigo da Europa em 1887, viu-se atacado de vômitos de sangue e assim forçado a separar-se de mim.

classes da população estão, porém, bem separadas: em certas ruas as residencias ricas: noutras as lojas. Especialmente na rua do Commercio e na rua de S. Miguel vê-se uma fila contínua dessas lojas, onde estão expostos estribos, esporas enormes, peitoraes e freios, tudo de prata, ostentando esplendor deslumbrante, que eguala, não digo já o da rua do Ouro, de Lisboa, mas até o da «Strada degli Orefici», de Genova.

O rápido desenvolvimento de Pelotas é um facto noctavel, que não encontra análogo na provincia e que presagia á esta cidade um futuro consideravel. Foi em 1815 que, por ordem do marquez de Alegrete, que era capitão-general da provincia, se traçaram as suas primeiras ruas, sem casas, já se vê; e hoje, ao fim de 50 annos, conta a cidade 10.000 habitantes, egualando por consequencia, Porto-Alegre, capital da provincia, e deixando muito abaixo o Rio Grande, cidade que tem quasi que mais de um seculo de existencia. Accrescentemos que os 10 annos da guerra civil, 1853-1845, foram especialmente para Pelotas um período de miserias e de estacionamento. Houve mesmo tempo em que as tropas imperiaes já não possuiam na provincia sinão trez pontos: Porto-Alegre, Rio Grande do Sul e S. José do Norte; mas estes dous ultimos asseguravam-lhe a communicação com o mar e com o Rio de Janeiro, e foi esta circunstancia que as salvou.

Pelotas deve, certamente, a excepcional prosperidade de que goza, á sua situação numa vasta e fertil planície, á beira de um lindo rio, a quatro horas de navegação do oceano e, ao mesmo tempo, na proximidade das partes da provincia, que produzem mais gado, e da fronteira oriental. Por todas essas vantagens, que esta cidade possue sôbre Porto-Alegre, se me afigura ser para lamentar que não seja ella a capital da provincia. Foi isso sobretudo para lamentar por occasião dos movimentos de tropas, a que se tornou preciso proceder nas circunstancias, felizmente já passadas, que se deram este anno. E, em primeiro logar, para fallar do que mais pessoalmente me toca, creio que, si aqui estivesse a capital da provincia, as nossas cartas em vez de gastarem trinta e cinco

dias para nos chegarem do Rio de Janeiro a Uruguaiana, nos teriam podido chegar á mão em 20.

De facto, para ir do Rio Grande a Porto-Alegre, gastam-se em circunstancias particularmente favoraveis, 24 horas. Porém taes circunstancias são raríssimas: no inverno por causa dos temporaes, no verão em virtude da baixa das aguas da lagoa, o que deve ser bem grave embaraço, visto que a 7 de Agosto achámos meio de encalhar. Não é este, porém, o principal inconveniente da situação de Porto-Alegre. Uma vez que alli se chegue, para attingir o Uruguai, ou se leve por objectivo Uruguaiana ou S. Borja, torna-se preciso atravessar, na parte inferior do seu curso, a série dos affluentes do Jacuhí, do Vacacahí e do Ibicuhí. E bem se sabe que as chuvas torrenciaes dêste clima os fazem frequentemente transbordar e os tornam invadeaveis durante dias consecutivos. Que demoras não resultam desta circunstancia para o serviço dos correios, e que perda de tempo e que soffrimentos para as tropas! E' o que sobejamente se tem visto nos ultimos mezes. Pelo contrario, indo de Pelotas (aonde como eu disse, facilmente se vai do Rio Grande em trez horas) pode-se chegar ao Uruguai sem encontrar, em linha recta, um unico curso de agua digno de menção. Já não fallo do caso de ser a guerra toda do lado da fronteira oriental; nesse caso a concentração das tropas em Porto-Alegre seria absurda (1).

A objecção de que Pelotas, pela sua mesma proximidade da fronteira oriental, é, em caso de guerra, ponto muito exposto, parece-me ter pouco fundamento, porque, si se fortificarem Bagé e Jaguarão a ponto de se pòrem estas duas praças ao abrigo de um assalto, bastarão ellas para proteger Pelotas.

O ministerio precedente, reconhecendo tudo isto, tinha determinado que o presidente da provincia se conservasse em Pelotas enquanto durasse a guerra; porém caïu, e qual é o

---

(1) Estas considerações sôbre as difficuldades de communicações com Porto-Alegre perderam muito de sua importancia hoje em dia, em consequencia do desenvolvimento da viação férrea que percorre o Rio Grande do Sul dum extremo ao outro em diversas direcções.

ministerio que tem a abnegação de realizar as idéas do seu predecessor ?

A transferencia definitiva da capital só pode ser resolvida pela Assembléa Provincial, o que pouco permitte esperar que ella venha a verificar-se.

O theatro de Pelotas é o unico que na provincia se acha aberto, apesar da guerra. O imperador e Augusto lá foram á noite; mas parece que o espectaculo não fazia honra ao bom gôsto do público pelotense.

No dia 27 o imperador e Augusto partiram para Porto-Alegre a bordo do *S. Miguel*, escoltados pelo *Apa*. Por estar ainda em convalescença não tomei parte neste passeio de ida e volta de um extremo ao outro da lagôa dos Patos.

Fiquei nove dias em Pelotas a gozar da amavel hospitalidade da familia Ribas, ou antes, do barão de Piratinim, que a maior parte do tempo fazia as vezes de seu cunhado como dono da casa, e a dar com o barão passeios de convalescente atravéz da risonha campina, que rodeia esta localidade privilegiada. O ar estava tépido e delicioso e o sol tão pouco incômmodo, que escolhiamos o meio-dia para hora de passeio, afim de evitar a frescura do fim da tarde. As hortas e as chácaras estavam em toda exuberancia da sua vegetação primaveril, em todo o esplendor do seu verdor, verdor de todos os tons; porque se vêm aqui reunidas arvores de todos os climas: a esbelta palmeira, a esplendida *Araucaria Brasiliensis* que tambem se vê na provincia do Rio de Janeiro, e as arvores da Europa com a sua folhagem de côr menos viva, como o chorão e o choupo. Extendem-se pelos jardins magnificas parreiras ao pé dos pecegueiros, das pereiras e de vastos laranjaes agora em flôr que perfumam o ar, tudo entremeado de roseiras, que constituindo quasi exclusivamente, as cêrcas á beira das estradas, assim se tornam um contínuo roseiral. São realmente os arredores de Pelotas dos mais bellos que ver se possam. O terreno, geralmente plano, é atravessado por dous pequenos affluentes do rio S. Gonçalo, chamados « Arroio de Pelotas » e « Arroio de Sancta Barbara ». O fundo da paizagem é formado pela Serra dos Tapes, conjuncto de collinas que se eleva entre as aguas do Jaguarão e as de Camacuam e

que d'aqui parece parallelo ao rio S. Gonçalo. Os Tapes de que esta serra tira o nome, eram um povo indigena, já extincto. A propósito de etymologias, a do nome, um tanto singular de *Pelotas* tem sido muito discutida. A versão que mais plausivel se me afigura é que uma tribu indigena, numa invasão contra o estabelecimento portuguez do Rio Grande, teria passado néste sítio o rio S. Gonçalo nésses pequenos barcos de pelles de boi, que se chamam *pelotas*.

Apesar dos encantos do passeio atravéz das chácaras dos Pelotenses, não descançou o excellente barão enquanto me não levou a visitar os estabelecimentos de beneficencia, pelos quaes muito se interessa. São um asylo para orphãs, uma Casa de Beneficencia Portugueza e por fim, e principalmente, uma importante Sancta Casa de Misericordia, cuja construcção está em comêço numa bella situação, em terrenos proprios, que vão até ao Arroio de Sancta Barbara.

E' um bello character o barão de Piratinim, veador da imperatriz, Riograndense de nascimento. Mercê dos seus 75 annos tem visto muito; lembra-se do tempo em que ainda não existia Pelotas e do tempo em que d. Pedro I veiu á provincia. Chamava-se elle então Vieira Braga e era capitão de milícias; mas só o podia ser por acaso ou por obrigação: elle mesmo declara que nunca teve inclinação para o serviço militar. Parece que a sua vocação o levou para os mais variados negocios: conta elle que foi successivamente lojista, commerciante por atacado e a varejo, armador de navios e por fim estancieiro, até que resolveu abandonar inteiramente o commércio, para vir descançar em Pelotas. Não tendo filhos e inspirado por sua devoção, consagra actualmente a fortuna, que adquiriu numa vida laboriosa, a obras de caridade, especialmente á erecção da «Sancta Casa» de que é provedor (1).

Andou tambem o barão a mostrar-me as famosos *charqueadas*, estabelecimentos onde os bois que vêm do interior

(1) Em 1885 com a princeza e nossos filhos, tive novamente o prazer de gozar da brilhante hospitalidade do dignissimo visconde de Piratinim (elevado a este titulo em Dezembro de 1866, e mais tarde ao de conde em Junho), assim como de todas as attenções que sempre pressurosos nos prodigalizáram com o maior cavalheirismo seus distinctos sobrinhos, os senhores Ribas.

são mortos, esfolados e salgados. Estes estabelecimentos são uma das mais importantes fontes da prosperidade de Pelotas. Não ha na provincia outras charqueadas sinão as do Triumpho não longe do rio Jacuhí, entre Porto-Alegre e Rio-Pardo; são porém estas muito menos importantes. Póde-se dizer que toda a região ao Norte da linha que passa por S. Gabriel e Alegrete manda o gado para o Triumpho, e que todo o Sul da provincia, que é a parte mais rica de pastos, o manda para Pelotas. As charqueadas de Pelotas apresentam, porém, neste momento pouco interesse, porque só funccionam durante os mezes de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, isto por duas razões. E' a unica épocha em que, por um lado, os animaes, que sempre emmagrecem com as privações do inverno, estão bem gordos; em que, por outro lado, o sol tem bastante fôrça para seccar a carne e os couros, porque é pela acção do sol que a carne do boi, que se matou, se transforma em carne-sêcca, e que tambem se chama *charque*. Mostraram-nos as compridas barras de madeira em que ella se extende e se deixa exposta ao ar durante 24 horas ou mais, si o tempo está nublado. Todas as charqueadas, assim como differentes fábricas de velas e de sabão, em que se aproveita o sêbo dos animaes, ficam situadas ao longo do rio. E' pois, mesmo á porta do estabelecimento, que as embarcações vêm carregar afim de conduzir os differentes productos para o Rio Grande ou para mais longe.

31. — Os directores da Beneficencia Portugueza vieram convidar-me para ir ver a illuminação com que festejavam o anniversario natalicio de Sua Majestade Fidelissima. Pedi desculpa de não poder ir.

1° de Novembro. — Voltou o *Apa* de Porto-Alegre com a notícia de que o imperador tinha saído da cidade na véspera para ir para S. José do Norte e Rio Grande. Esperava eu que o vapor me trouxesse tambem cartas, mas não trouxe. Trouxe-nos porém, o bispo, que no mesmo dia tornou a partir para o Rio Grande.

2. — Missa de finados. Egrèja cheia, toda revestida de pannos negros com galões de ouro, que produziam muito bom effeito. A egreja de Pelotas, sem ser uma maravilha de architectura, é contudo a de melhor apparencia, e sobretudo, a

mais limpa que tenho visto na provincia. Tem, pelo menos, sôbre muitas outras a superioridade de estar acabada, apesar de só ter sido começada ha muito poucos annos e ter sido erigida por subscripções particulares. O barão, que provavelmente contribuiu com alguma quantia importante, indica-me com certo orgulho, como obra prima de arte, a imagem de São Francisco de Paula, padroeiro de Pelotas, que domina o altar-mór. Não está, porém, satisfeito com a egreja: parece-lhe pequena para uma cidade como Pelotas e pensa em abrir outra subscripção que permitta construir mais grandioso templo.

Um dos jornaes de Pelotas (já não me lembro si foi *O Commercial*, si *O Noticiador*) dá-nos notícia de uma grande batalha em que Flores exterminara os Paraguaios, sem dizer, já se vê, nem o dia nem siquer o logar. Segundo o costume dêste gênero de descripções «a gente paraguaia desappareceu da face da terra: não escapou nenhum»! Mas bem se sabe o que de taes notícias se deve pensar, porque se recebem no Rio Grande communicações officiaes de Montevidéo, que não mencionam o mais pequeno combate.

3. — Temos de separar-nos finalmente, da amavel e hospitaleira familia Ribas. A's 11 horas da manhã embarcámos no *Apa* em companhia do barão de Piratinim, que vem ao Rio Grande cumprimentar ainda o imperador antes da sua partida. A navegação do rio S. Gonçalo não deixa de ter encantos: as margens são inteiramente planas, é certo; porém são verdes e apresentam bellos trechos arborizados; sopra entretanto um vento tão frio, que me vejo obrigado a ir refugiar-me no meu camarote. O curso do rio é sinuoso, mesmo neste trecho inferior. A sua foz na lagoa dos Patos acha-se, por assim dizer, fechada por um vasto banco de areia que não permitte passagem sinão a embarcações de pequeno calado; mas asseguram-me que não seria difficil abrir atravéz dêste banco um canal fundo. Feito isso, que admiravel porto offereceria o rio! Que nova superioridade adquiriria Pelotas, sôbre o Rio Grande, cujo porto se acha aberto a todos os ventos e é de accesso difficil, para não dizer perigoso!

Transposta a barra, encontrámo-nos na immensidade da lagoa dos Patos e sómente avistámos a terra como uma fita negra no horizonte.

Logo depois descobre-se S. José do Norte, meio enterrado nas suas areias, muito juncto das quaes vamos passar. Antes de nos approximármos do Rio Grande temos ainda de percorrer o interminavel circúito marcado pelas boias. Surgem afinal em nossa frente os cáes da cidade e a sua floresta de mastros. Estão fundeados vários vapores, dous dêlles carregados de tropas e promptos a partir para Montevidéo.

Vamos encontrar o imperador a bordo do *Gerente*, assistindo a regatas a remos. Ao ver os barcos, e sobretudo os remadores, poderíamos julgar-nos no Tâmisa. São as mesmas camisolas de flanella e os mesmos chapéus de palha redondos com fitas azues. De resto, quando os vencedores vieram receber as medalhas da mão do imperador, pudemos reconhecer a origem britannica da maior parte pelos cabellos louros e sobretudo pelo sotaque com que exclamavam: «Viva a Nação Brasileira! Viva Sua Majestade o Imperador» !

Decididamente é o Rio Grande, de todas as povoações da provincia, a que faz mais demonstrações. Apesar de o imperador achar-se já ha dous dias na cidade, não cessaram os mais variados vivas desde que desembarcou até que, seguindo sempre a pé, voltou aos seus aposentos. Tambem a Triplice Alliança parece ser aquí mais popular: em quasi todos os edificios se vêm, aos lados da bandeira brasileira, as bandeiras, mais pequenas, das duas Republicas nossas alliadas; ás vezes até o escudo imperial é sustentado pelas bandeiras republicanas.

Tornámos a ser hóspedes da excellente familia Euphrasio. As meninas continuam a estudar piano com o seu mestre allemão. O filho do sr. Euphrasio, que era 1° sargento, é já alferes.

Apenas chegado, o imperador tornou a saïr para ir assistir á ceremonia da confirmação, que o bispo veiu fazer ao Rio-Grande. A' noite fomos a um supposto baile, depois de ter percorrido em toda a sua extensão, e sempre a pé, as ruas illuminadas. Eram muito bonitas as illuminações: a Praça do

Mercado apresentava no contôrno um conjuncto de luminarias muito imponente, e a rua principal estava esplendida, guarnecida, em todo o comprimento, de balões de côres. Chamava-se esta rua ainda ha pouco, si me não engano, rua da Praia; mas num bello impulso de patriotismo, a Municipalidade acaba de resolver a suppressão de todos os antigos nomes e a sua substituição pelos de «rua do Imperador, rua dos Principes, rua Dezeseis de Julho, rua do Riachuelo, rua de Uruguaiana», etc., etc., de fórma que já não é facil lembrar-se de todas.

As illuminações particulares eram muito variadas. Muitas tinham as duas datas: 16 de Julho (chegada do imperador á provincia) e 18 de Septembro (rendição de Uruguaiana). Um transparente mostrava as bandeiras brasileira e ingleza entrelaçadas, com a inscripção: «Uma nuvem escureceu a amizade dos dous povos; porém reappareceu mais firme e mais sincera». Noutro liam-se estes conceituosos versos.

«Hoch lebe unser Kaiser
«Denn Herscher braver, weiser,
«Und besser gab es nie:
«Dem Kaiser nachzuleben
«Die Prinzen sich bestreben
«Hoch leben d'rum auch sie».

Quanto ao baile, tudo quanto posso dizer é que, durante duas horas que lá estive, se não dançou e pouco se fallou. Estavam trinta ou quarenta senhoras, solennemente sentadas á roda da sala; as janellas estavam todas fechadas.

4. — A's 6 horas embarcámos no *Gerente*. Despedimo-nos do presidente, do bispo e das outras pessoas notaveis. Passada uma hora, estamos fóra da barra e dizemos adeus á provincia do Rio Grande do Sul, que o Cabral chama a *terra dos bois*. Todos os pensamentos se voltam para o Rio de Janeiro, cada vez com maior impaciencia.

Por occasião da vinda do imperador o Govêrno fretára (muito caro, segundo dizem), o pequeno vapor *Sancta Maria* da Companhia de Santos; mas desta vez a grande Companhia

dos Paquetes Brasileiros a Vapor, pôz gratuitamente á disposição do imperador um dos seus paquetes, que, para este fim, mandou concertar; e deu tambem sumptuosa mesa, egualmente gratúita.

A escôlha do paquete é que me não parece ter sido bem feliz: apesar de o tempo não estar máu, e com vento do Sueste que até é favoravel, o vapor tem constantemente um balanço muito desagradavel para quem não é bom marinheiro.

5. — Como a brisa refrescou, o enjôo, que começára pelo imperador, torna-se geral e eu acabo por pagar tambem o meu tributo. Por cúmulo de infelicidade, chove de tal maneira que temos de nos recolher aos camarotes. Pelas 7 horas da tarde sente-se finalmente abrandar aquelle movimento funesto: estamos no canal de Sancta Catharina. Pelas 9 horas e meia, por uma noite escura, desembarcámos no Desterro, surprehendendo a todos. O presidente da provincia vem encontrar o imperador já a meio caminho do Palacio; a Camara Municipal nem chega a apparecer para proferir a sua allocução. Tanto melhor!

6. — Quem vem do Rio de Janeiro não dá grande aprêço á paizagem do Desterro; mas quando se volta do Rio Grande, parece um paraizo terrestre. Tornar a ver montanhas, de fórmas variadas, é grande prazer; sobretudo quando são arborizadas de alto a baixo, e suas últimas arvores vão, por assim dizer, banhar-se no mar.

Ao meio-dia *Te Deum*, que teve o merito de não ser longo. Depois visita á guarnição. O que ella tem de mais brilhante é uma companhia de artilharia da Guarda Nacional, que manobra muito bem seus canhões de 4. Comprehende tambem um destacamento da Guarda Nacional da provincia de São Paulo, que aqui está perdido, não sei porque, e, por fim, um batalhão de voluntarios que no Desterro acaba de organizar-se. Uma das companhias dêste batalhão é inteiramente formada de allemães e commandada por um official que tem a medalha do Holstein.

O presidente da provincia, que tomou posse depois da minha primeira passagem é o sr. Adolfo de Barros Caval-

canti, natural de Pernambuco. E' moço de tracto muito fino (1). O commandante militar tambem já não é o mesmo: exerce actualmente este cargo o tenente-coronel Magalhães Castro.

De tarde fomos dar um delicioso passeio a cavallo através da ilha até uma enseada chamada *Sacco dos Limões* (2). Por veredas que vão serpenteando entre penedos e arvores de mil espécies, iamos observando aspectos novos das montanhas e do mar.

A' noite saïmos a pé a ver as illuminações. São inferiores ás do Rio Grande.

A mais notavel das decorações é a do arco de triumpho levantado pela Municipalidade. De um lado vêm-se pintadas as trez bandeiras alliadas com a bandeira paraguaia derribada aos pés dellas e a data de 18 de Septembro; do outro lado a bandeira brasileira unida á ingleza e a data de 23 de Septembro (dia em que o imperador recebeu o sr. Thornton).

Depois appareceu no Palacio um grupo de meninas vestidas de branco com fitas das côres nacionaes e das dos nossos alliados empunhando as bandeiras das trez nações. Accompanhadas por alguns cavalheiros e sob a direcção de um regente de orchestra que, pelo enorme collarinho e pelo olhar inflammado de sancto enthusiasmo musical facilmente se reconhecia ser allemão, as meninas cantaram um hymno de que não fui capaz de entender sinão este estribilho, que se repetia muitas vezes:

Viva o heróe de Uruguaiana,
O Senhor D. Pedro Segundo!

7. — Embarque ás 3 horas da tarde.

---

(1) Muito o apreciei annos depois, assim como seus dignissimos ermãos Pedro, Henrique e Alfredo. O sr. Adolfo foi mais tarde presidente da importante provincia de Pernambuco.

(2) Em Dezembro de 1884, em nossa excursão pelas provincias do Sul, nos demorámos alguns dias no Desterro, hospedados pelo commendador Villela e sua amavel senhora dona Basilissa, sendo então presidente da provincia, o mui distincto dr. José da Cunha Paranaguá, e démos este mesmo passeio por cima das montanhas até ao Sacco dos Limões com meus filhinhos, dos quaes os dous mais velhos já montavam galhardamente em pequiras.

8 — Dia esplendido. O *Gerente* deslisa suavemente sôbre o mar azul.

9. — Logo pela manhã se viu terra, a terra da provincia do Rio de Janeiro; e pouco depois via-se destacar da bruma distante a fórma da Gavea, bem facil de reconhecer, vista que a todos encheu de doce emoção. Puzemo-nos a contar as horas sem tirar os olhos dessa Gavea, que ia cada vez mais avultando. E quando defronte della nos encontrámos, como era bella essa massa enorme de rochedos que se elevava tão alto no céu azul e que naquelle sítio se erguia quasi verticalmente desde a superfície azul do mar, tão a prumo que só raras arvores puderam ahi arraigar-se, e essa multidão de ilhotas tão verdejantes que parecem ter sido atiradas por mão possante do cimo da Gavea para caïrem disseminadas nas aguas que lhe banham o pé. Depois avista-se o Pão de Assucar. A's 3 horas da tarde passámos as baterias de Sancta Cruz que salvam. Estamos nas bem amadas aguas do Municipio Neutro.

Novembro de 1865. — *Gastão de Orleans.*

PROGRAMMA DO MINISTERIO DE 16 DE JULHO DE 1831

CÓPIA DO ORIGINAL PERTENCENTE Á SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS DA BIBLIOTHECA NACIONAL

Tinha as redeas do nosso govêrno a Regencia permanente, eleita pela Assembléa a 17 de Junho de 1831; compunha-se do general Francisco de Lima e Silva e dos deputados José da Costa Carvalho (mais tarde marquez de Monte Alegre) e João Braulio Moniz. Sabe-se que poucos dias depois, a 14 de Julho, rebentou no Rio de Janeiro uma sedição militar que Diogo Antonio Feijó, então ministro da Justiça, corajosa e promptamente conseguiu abafar com auxilio de alguns corpos de linha que se conservaram fieis ao Govêrno. Alguns dos ministros, collegas do benemerito Feijó, por tibieza de animo se demittiram então, sendo logo substituidos por Bernardo Pereira de Vasconcellos (pasta da Fazenda), Lino Coutinho (do Imperio) e Manuel da Fonseca Lima e Silva (da Guerra).

Este ministerio, assim recomposto, redigiu o seu programma de govêrno e o remetteu á Camara dos Deputados por intermedio do ministro da Fazenda, o insigne Bernardo de Vasconcellos, segundo se infere da acta da sessão de 26 de Julho de 1831 publicada nos *Annaes* da Camara.

Tal documento porém não accompanha a referida acta, nem o vimos estampado em outra qualquer publicação. Por isso, attenta a sua importancia e graças a uma cópia obtida do original manuscripto, que se conserva na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, aqui o insere a nossa *Revista*.

(Da Direcção).

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.

Chamados pela Regencia em Nome do Imperador para formar o seu Conselho, nosso primeiro, e principal cuidado foi o de combinar, fixar, e publicar os principios, que devião dirigir o novo Ministerio. Convencidos da grande importancia da unidade do Governo determinamos concertar em commum não só os nossos planos, como tambem os meios mais proprios de os executar e he nesta unidade, e na propria responsabilidade, que esperamos encontrar a força indispensavel para manter a ordem publica, e promover a publica prosperidade.

Sendo necessario harmonear com os principios as diversas partes da Administração para que todas se movão na mesma direcção, o Ministerio trabalhará sizudamente para transmittir-lhes este sentimento de unidade, e para as fazer marchar no sentido da gloriosa Revolução de 7 d'Abril.

Agora, Sres. cumpre declarar, como entendemos esta memoravel Revolução. A Nação, abdicado o Throno Constitucional pelo Primeiro Principe, que ella elegeo, nem teve intuito de subverter as Instituições Constitucionaes, e mudar de Dinastia, nem o de consagrar a violencia, e proclamar a Anarchia: usou sim do incontrastavel direito de resistencia á oppressão, e quiz popularisar a Monarchia, arredando-se della os abusos e os erros que a havião tornado pezada aos Povos, afim de reconcilial-a com os principios da verdadeira liberdade.

Firme nesta intelligencia o Governo está firme, tambem na repressão da violencia, e da sedição, executando e fazendo

executar pontualmente as Leis, e quando estas não bastem, representando, e propondo á Assembléa Geral as providencias necessarias.

A sedição he um crime, qualquer que seja o pretexto com que se revista: crime he tambem a violencia, porque ella dá principio á perturbação da ordem, que só hum Governo fraco, e a insuficiencia das Leis podem tolerar.

Os Empregados Publicos chamarão as vistas do Governo: a lição do passado o ensinará a pesquizar os abuzos e a perseguir o desleixo, a prevaricação, e a venalidade onde quer que a encontre.

Sendo o voto universal de todos os Amigos da Justiça, e da Moral, que a tranquilidade publica se estabeleça, para que floreção, e vigorem os diversos ramos da riqueza Nacional, nós poremos incansavel disvello em abafar as facções, e cimentar a confiança. Exporemos com energia, e lealdade as verdadeiras necessidades da Nação, aquellas, que a sua conservação, e o seu decoro exigirem, e não as que demandava o capricho, que absorverão a Fortuna Publica, e levarão a Nação á borda do abismo, d'onde sahira salva pelo patriotismo de seus Representantes, pela fidelidade do Governo, e pela cooperação de todos os bons Brasileiros.

As Rendas Publicas ocuparão profundamente o Governo: elle protesta levar a vigilancia, e a analise a todas as suas diversas fontes, já provendo a boa Administração, e destribuição, já examinando os vicios do actual sistema de Impostos para indicar, os que affectão a industria, e estorvão a producção.

A prompta liquidação do Banco, tão casada com os desezados melhoramentos do meio circulante, hé um dos objectos, que mais attrahem as nossas meditações.

A par delles colloca o Governo o estabelecimento, e consolidação do credito publico, para que passe de simples expressão. As Fortunas publica e particular dependem d'este formidavel apoio dos Governos modernos: o novo Ministerio procurará com o maior disvello resguarda-lo dos ataques indiscretos da dissipação, e da ignorancia.

Sendo innegavel, que o nosso Codigo Financeiro, e os meios, que elle oferece para a fiscalisação da Renda e despeza

do Estado he imperfeito e obsoleto, he muito para dezejar a adopção de medidas dictadas pelos principios da Sciencia, e capazes de garantir á Nação o fiel emprego dos dinheiros publicos. O Governo não se descuidará de concorrer com os seus trabalhos, para que vós, Sres. outorgueis á Nação, que vos honra, huma Legislação a tal respeito digna della, e consentanea com as luzes do Seculo em que vivemos.

Convencido o Governo, que a tranquilidade, e prosperidade publica dependem da moral e esta da instrucção, regulada pelos principios de huma Filosofia depurada, entra nos seus planos franquear á esperançosa juventude Brasileira (em quem a liberdade da Patria tem depositado as suas mais doces esperanças) todos os meios de adquirir conhecimentos uteis, e necessarios, que lhe inspire o sagrado amor dos seus deveres, como homens, e como Cidadãos. Outro tanto procurará em favor dos Indigenas Brasileiros, desses valentes filhos do nosso Solo esquecidos, e porventura até agora vilipendiados, quando a civilisação e a industria tanto os póde aproveitar.

O Commercio, e a união do Imperio clamão pela abertura de Estradas, e navegação dos Rios por onde de hum a outro canto deste vasto territorio se possão communicar com facilidade as relações de amizade, e os productos da industria. O Governo empregará com zelo os meios que decretardes para este importante objecto, que será o movel mais forte da nossa prosperidade interna, e da nossa independencia externa.

Bem resolvido está o Governo à manter a liberdade da Imprensa sem tolerar, que ella salte impune as barreiras, que a Lei lhe marca. N'este ponto, como em todos o Governo não capitulará com a desordem, nem consintirá que a impunidade ofenda o Palladium da liberdade, e principal escora do Sistema Representantivo.

A nossa Politica externa consistirá no mais religioso respeito aos Direitos das outras Nações: Diplomatas dignos do Brasil, representarão onde convier: a não interferencia em os negocios internos das outras Nações, e a paz com ambos os Mundos he o voto do actual Ministerio, mas nunca huma paz comprada com o sacrificio da Honra e da Dignidade Nacional.

Hum dia, Sres., hum dia virá, em que os principios farão por si só a Lei a todas as Nações; mas hoje, e talvez por

longo tempo, elles precisão escorar-se na força para manter o seu ainda combalido Imperio. A arte da guerra he actualmente o resultado de conbinações scientificas, de calculos profundos sobre os principios mais transcendentes da Mathematica, ella se tem complicado na razão directa dos progressos da civilisação; exige talentos, e diuturna pratica que não se adquirem no momento da necessidade. O Governo por tanto procurará dar aos Corpos da força de mar e terra a instrucção precisa para manterem com denodo a honra Nacional, e conservarem a subordinação, e disciplina, no regaço da Paz, inaccessiveis ás sugestões criminozas da rebelião e das facções.

Aspiramos tambem, Sres. e muito trabalharemos por conseguir a vossa confiança. A nossa franqueza sem reserva, a nossa economia, e sobre tudo o nosso Amor ás Instituições livres, que convosco temos aprendido a sustentar, são as garantias, que vos offerecemos. Se conseguirmos o novo Ministerio desempenhará na honroza missão, que acceitou, os principios que tem desenvolvido.

Elle não quer dominar opiniões, elle não dezeja provocar debates irritantes, elle quer sómente servir á Patria, confiando no auxilio de todos os bons Brasileiros.

Rio de Janeiro, em 23 de Julho de 1831.

José Lino Coutinho.
Diogo Antonio Feijó.
Bernardo Pereira de Vasconcellos.
Manuel da Fonseca Lima e Silva.
Francisco Carneiro de Campos.
José Manuel d'Almeida.

(Copiado do original que possue a Bibl. Nacional).

Cod. mass. n. 7.440. Cod. n. 1º—12—12—Mod. 191.
Foi lido na sessão do dia 26 de Julho de 1831.

A CONQUISTA DO NORDESTE NO SECULO XVII

PELO PROFESSOR

BASILIO DE MAGALHÃES

Socio do Instituto

A CONQUISTA DO NORDÉSTE NO SECULO XVII

No trabalho « Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII », que, alem de approvado pelo Primeiro Congresso de Historia Nacional, mereceu do Instituto a generosidade de expressivo premio, chamámos a attenção dos estudiosos das nossas tradições para o papel importante desempenhado na conquista do Nordéste por Domingos Jorge Velho e Francisco Dias d'Avila.

Particularmente em relação a este último, a palavra auctorizada de alguns chronistas, na carencia de peças historicas de authenticidade indiscutivel, levou-nos a affirmar o seguinte: « A leitura attenta que fizemos de todos esses escriptores, conferida com a das obras de frei Vicente do Salvador e de Antonil, suggeriu-nos a supposição de que este Dias d'Avila tenha sido o capitaneador do largo desenvolvimento e occupação do sector septentrional da zona da Pecuaria. Sôbre elle, porém, são pouco abundantes os documentos, tambem por demais precarios quanto a Domingos Jorge Velho, a tal aspecto. Mas, sendo certo que o pae teve a comparticipação de Glimmer na frustranea expedição de 1628 a Itabaiana, quiçá lhe aconselhou este se soccorresse dos Paulistas para o expurgo dos indios dos seus latifundios. E nada se contrapõe á hypothese de que o filho fizesse appèllo aos bandeirantes do Sul, e, com elles e com a gente do seu rendeiro Domingos Affonso, marchasse para a longa e proveitosa conquista, relembrada ainda agora por tantas povoações que juncam os recessos da Parahíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará e sobretudo do Piauhí. Si esta nossa supposição si esteasse em documentos mais firmes e valiosos, não vacillariamos em affirmar que o nome de Francisco Dias d'Avila bem merecera logar de maior destaque entre os heróes da expansão geographica do Brasil no seculo XVII ».

No tocante á conquista do Nordéste, a nossa monographia teve a honra de incentivar novas pesquisas por parte de alguns illustres compatriotas. Assim é que o preclaro barão de Studart, um dos mais criteriosos e exforçados cultores da Historia do Brasil, logo depois publicava e commentava grande número de documentos sôbre Manuel Alvares de Moraes Navarro, confirmando uma das hypotheses aventadas em nossa «memória»; e, em 1917, o padre Heliodoro Pires cogitava largamente daquelle magno assumpto em seu substancioso opusculo intitulado «Padre-mestre Ignacio Rolim», tendo ainda recentemente dado á estampa na *Revista do Brasil* (n. 43, anno IV, Julho de 1919) um interessante escripto sôbre «Domingos Jorge Velho». Releva notar que neste mesmo mensario paulista (n. 15, anno II, Março de 1917) e com egual epigraphe, inserimos tambem um artigo com o intuito de exclarecer documentadamente o importante problema historico-geographico.

As poucas linhas, que ora rapidamente traçamos em meio de arduas occupações, visam a offerecer mais alguns argumentos e talvez novos elementos de prova aos que se dedicam a estas curiosas questões.

Em primeiro logar, tractaremos da personalidade de Francisco Dias d'Avila, sôbre a qual ainda paira a mais deploravel confusão (1).

---

(1) Um dos que mais se equivocaram a proposito do coronel Francisco Dias d'Avila foi Varnhagen, que assim diz a pags. 759 do vol. II de sua «Historia Geral do Brasil» (2ª ed.): «Para tomar posse dêsses campos e metter nelles gado, associou-se o dito Domingos Affonso a varios outros companheiros, e foi especialmente coadjuvado pelo opulento proprietario, antigo sertanejo (40 annos antes), o ora coronel Francisco Dias d'Avila, com o qual veiu depois a ter demandas...» E, em nota a «sertanejo», manda ver o que escrevera a pags. 460 do vol. I, onde se refere á Francisco Dias d'Avila, que com outros realizou a expedição ás minas do Caramurú. Ora, pelo que deixámos sufficientemente explicado, mercê do «Catalogo genealogico» de Jaboatão, o coronel Francisco Dias d'Avila, grande empresario da conquista do Piauhí, era neto do Francisco Dias d'Avila, o sertanejo de 1628. Além disso, a differença entre a expedição de 1628 e a conquista do Piauhí em 1674 é de 46 annos, isto é, quasi a edade a que attingiu o coronel Francisco Dias d'Avila, que, segundo o testimunho do padre Martin de Nantes, — que o conheceu pessoalmente e com elle tractou desde 1671 até 1687, — falleceu com cêrca de 50 annos, «ajé d'environ cinquante ans» (*vide* «Relation succinte et sincère de la mission du p. Martin de Nantes, prédicateur capucin, missionaire apostolique dans le Brésil, parmi les indiens appelés Cariri», pags. 167 da reimpressão).

Em nossa citada «Expansão geographica» já havíamos assegurado o seguinte: «De um passo da carta de Pedro Barbosa Leal, em que se refere a Francisco Dias, o velho, é licito concluir que a actividade dêste se extendeu até meiados do seculo XVII, devendo attribuir-se a um seu filho homonymo as façanhas do descobrimento e povoamento do sertão piauhíense».

Com effeito, o Francisco Dias d'Avila, a quem, segundo Mirales («Historia Militar do Brasil», pags. 130), o capitão-mór Balthasar de Aragão, governador interino da Bahia, constituiu, por patente de 7 de Septembro de 1613, commandante da gente do districto do rio Jacuhípe até ao rio Real, o Francisco Dias d'Avila que realizou a entrada de 1628, ordenada pelo governador Diogo Dias de Oliveira, não é o mesmo Francisco Dias d'Avila que teve acção tão preponderante na conquista do Nordéste.

José Martins Pereira d'Alencastre, em sua «Memoria chronologica, historica e chorographica da provincia do Piauhí» («in» *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. XX, pags. 5), embora erradamente negue a Domingos Jorge Velho qualquer comparticipação no descobrimento e povoação do Piauhí, attribue acertadamente a origem do nome da serra de Dous-Irmãos ao facto de ter sido ella achada pelos dous ermãos Domingos Affonso Mafrense e Julião Affonso Serra, que, segundo aquelle auctor, foram ajudados no devassamento da extensa região piauhíense por outros dous ermãos, Francisco Dias d'Avila e Bernardo Pereira Gago, em 1674.

Em verdade, estes dous ultimos ermãos, — «inteiros», apesar da grande differença de cognomes —, eram netos do Francisco Dias d'Avila, a quem cabe a apposição de «velho», isto é, de tronco do nome. E' o que se infere, com clareza meridiana, do «Catalogo genealogico» de fr. Antonio de Sancta-Maria Jaboatão «in» *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. LII, p. 1ª, pags. 87-88), como passamos a explanar:

Genebra Alvares, — filha segunda de Catharina Paraguassú (ou Catharina Alvares) e de Diogo Alvares, o Caramurú, casou com Vicente Dias de Beja, de quem, entre

outros, teve Diogo Dias. Vivia por esse tempo em terras bahianas Garcia d'Avila, o fundador da Casa da Torre (2), que não houvera descendente algum do seu consorcio com Mecia Rodrigues, mas tivera uma filha natural, por nome Isabel d'Avila. Com esta, então viuva de um fidalgo genovez, foi que se matrimoniou Diogo Dias. Garcia d'Avila, o velho, falleceu a 23 de Maio de 1609, e Isabel d'Avila expirou a 18 de Outubro de 1593. Desta e de Diogo Dias foi que se gerou Francisco Dias d'Avila, o velho, que era, portanto, neto do fundador da Casa da Torre. D'ahi em deante, como se póde ver no « Catalogo genealogico » de Jaboatão e qual se sabe ainda agora por informações dos actuaes descendentes dêsse antigo tronco, ficou adoptado o costume de se revezarem nos primogenitos varões os nomes de Garcia e de Francisco. Francisco Dias d'Avila, o velho, teve o fôro de fidalgo e casou, a 20 de Janeiro de 1621, com Anna Pereira (*Gago*), filha de Manuel Pereira Gago e fallecida a 18 de Julho de 1645, nascendo-lhe Garcia d'Avila. Este, que tambem teve o fòro de fidalgo e foi capitão de ordenanças, desposou sua tia Leonor Pereira (*Gago*). Dêste casal

---

(2) Maximiano Lopes Machado, em sua « Historia da provincia da Parahiba » (pags. 334) e o meu preclaro amigo barão de Studart, em seu interessante opusculo « O padre Martin de Nantes e o coronel Dias d'Avila » (pags. 4 da *separata da Revista da Academia Cearense*) dão o coronel Francisco Dias d'Avila como o fundador ou instituidor da Casa da Torre. Ha nisso evidente engano. O fundador da Casa da Torre foi Garcia d'Avila, o velho, que veio á Bahia com Thomé de Sousa e a quem se refere Jaboatão em seu « Catalogo genealogico » (*loc. cit.*, pags. 87). Ouça-se o que a esse respeito diz o doutissimo Capistrano. « Capitulos de história colonial (1500-1800) », pags. 126 :

«Na margem pernambucana do rio S. Francisco possuia duzentas e cincoenta leguas de testada a Casa da Torre, fundada por Garcia d'Avila, protegido de Thomé de Sousa, a qual entre o S. Francisco e o Parnahiba senhoreava mais setenta leguas. Para adquirir estas propriedades immensas, gastou apenas papel e tinta em requerimentos de sesmarias. Como seus gados não davam para encher tamanhas extensões, arrendava sitios, geralmente de uma legua, á razão de 10$ por anno, no principio do seculo XVIII ». Pouco diverge do que vem em Antonil (« Cultura e opulencia do Brasil », pags. 199-200 da ed. de 1837) : « Sendo o sertão da Bahia tão dilatado, como temos referido, quasi todo pertence a duas das principaes familias da mesma cidade, que são a da Torre, e a do defunto Mestre de Campo Antonio Guedes de Brito. Porque a casa da Torre tem duzentas e sessenta leguas pelo Rio de S. Francisco acima, á mão direita, indo para o Sul; e indo do dito rio para o norte, chega a oitenta legoas. E os herdeiros do Mestre de Campo Antonio Guedes possuem, desde o morro dos Chapéos até á nascença do Rio das Velhas, cento e sessenta legoas. E nestas terres, parte os donos dellas tem curraes proprios; e parte são que arrendárão sitios dellas, pagando por cada sitio, que ordinariamente he de uma legoa, cada anno dez mil réis de fôro ».

(além de uma filha, Catharina Fogaça, que casou com Vasco Marinho Falcão foi que provieram Francisco Dias d'Avila e Bernardo Pereira Gago (o primogenito com o cognome avoengo paterno e o segundogenito com o cognome avoengo materno), heróes da conquista do Nordéste.

De Bernardo Pereira Gago assevera o auctor do « Catalogo genealogico », que se baptizou a 2 de Agosto de 1654 (si a data do baptismo foi pouco posterior á do nascimento, contava apenas 20 annos, presumivelmente, quando se ultimou a conquista do Piauhí) e que falleceu sem successão.

Quanto a Francisco Dias d'Avila, o protagonista dos acontecimentos mais notaveis do *hinterland* septentrional brasileiro na segunda metade do seculo XVII, casou com sua sobrinha Leonor Pereira Marinho (filha de sua ermã Catharina Fogaça e baptizada a 10 de Septembro de 1661, — *1691*, que é evidentemente êrro typographico do « Catalogo Genealogico », — sendo padrinho o capitão Valentim da Rocha Pitta). Eis o que diz delle Jaboatão: « Foi coronel de ordenança desta cidade da Bahia, provimento que nelle fez o governador Mathias da Cunha, no anno de 1686, por fallecimento de Pedro Camello de Aragão, que exercia o dicto posto. Esse Francisco Dias d'Avila foi ao rio de S. Francisco com os seus escravos e indios de Macacandupio, que hoje estão aldeiados no mesmo logar, e pacificaram o gentio no levante geral, que tinha feito, e morto muita gente; elle os aquietou, e aquelles que não quizeram sujeitar-se á paz, os mandou degollar, na fazenda do Pontal. Succedeu isso no anno de 1680; e elle falleceu no de 1695 » (3).

Francisco Dias d'Avila houve do seu legitimo consorcio apenas um filho, Garcia d'Avila Pereira, mas deixou trez filhas

(3) Jaboatão affirma que o coronel Francisco Dias d'Avila falleceu em 1695. Ora, como o padre Martin de Nantes, a seu turno, o dá como fallecido « na edade de cêrca de 50 annos », — segue-se que elle deve ter nascido nas proximidades de 1645. O auctor da « Relation succinte et sincère » (*loc. cit.*) ajuncta algumas informações curiosas a respeito do famoso potentado bahiano: « Caïu em demencia um anno antes de morrer; ficou abandonado e desprezado dos seus e dos proprios filhos. Morreu sem soccorro algum, e, o que é ainda mais deploravel, sem sacramentos. Deixo a Deus o julgamento de morte tão desastrosa. Mais tarde, a Casa da Torre soffreu perdas consideraveis; não creio que ella possa manter-se ainda por muito tempo, desde que se levantou e enriqueceu á custa dos pobres indios e principalmente tendo-se opposto tantas vezes, por interesse pessoal, á conversão delles ».

naturaes, chamadas Francisca Dias, Clemencia Dias e Albina d'Avila. A estes informes é que se limita o auctor do «Catalogo genealogico», a cujo conhecimento não chegaram os feitos do morgado da Casa da Torre nos altos e bravios sertões do Nordéste.

Quanto a Domingos Jorge Velho, — sabe-se, pelas pesquisas de L. G. da Silva Leme («Genealogia Paulistana», volume VIII, pags. 362), que não era filho de Simão Jorge e Francisca Alvares Martins, como pensavam Pedro Taques e Azevedo Marques, porquanto aquelle seu homonymo falleceu com testamento em 1670. Provavelmente o heróe dos Palmares era o Domingos Jorge Velho, primogenito de Francisco Jorge Velho (que casara em S. Paulo com Francisca Gonçalves e fallecera em 1684), ou algum filho do Simão Jorge Velho (quintogenito de Simão Jorge e casado em S. Paulo com a sua parenta Anna Rocha), de quem Silva Leme (*cap. cit.*, VIII. 366) não menciona a geração. Esta última hypothese é que nos parece mais plausivel, pelo que se verá mais adeante.

Sem maior exame de documentos, de que não pudemos lançar mão quando escrevêmos a «Expansão geographica», já nesta haviamos affirmado a presumibilidade de ter o opulento proprietario da Casa da Torre convidado a Domingos Jorge Velho, quando este, á frente do seu bando de mamelucos paulistas, andava em montaria aos selvicolas do sertão bahiano, para expurgar de indios bravios as uberes pastagens de além-S. Francisco e alli montarem, junctos, várias estancias de criação.

E' hoje fóra de dúvida que Domingos Jorge Velho, talvez entrado na região septentrional do Brasil a instancias de Francisco Dias d'Avila, foi o primeiro paulista que alli exerceu o cargo de mestre-de-campo de um têrço de soldados mediante provimento official, para pôr termo ás incursões dos autochthones, tendo tido como successores em tal posto a Mathias Cardoso de Almeida e Manuel Alvares de Moraes Navarro.

Póde-se agora precisar com alguma exactidão a data em que o intrepido paulista iniciou, «em companhia da Casa da Torre», a exploração e conquista do Piauhí, assim como de toda a região da extrema occidental da Parahíba. Essa data póde ser fixada entre 1662 e 1663, como acertadamente

concluiu F. A. Pereira da Costa («Chronologia historica do Estado do Piauhí», pags. 6) do seguinte documento (*op. cit.*, pags. 21-23), que se refere a uma concessão de sesmaria, firmada por Francisco de Castro Moraes, então governador de Pernambuco:

— « Francisco de Castro Moraes do conselho de S. M. — Faço saber aos que esta carta de doação de sesmaria virem que D. Jeronyma Cardim Froes, o sargento-mór Christovão de Mendonça Arraes, governador do terço dos Paulistas da guarnição dos Palmares (por fallecimento do mestre de campo Domingos Jorge Velho), capitães e mais officiaes do dito regimento me representaram a petição cujo theor é o seguinte: Sr. Dizem d. Jeronyma Cardim Froes viuva que ficou do mestre de campo Domingos Jorge Velho, o sargento-mór Christovão de Mendonça Arraes, os capitães Alexandre Jorge da Cruz, Paschoal Leite de Mendonça, Domingos Rodrigues da Silva, Luiz da Silveira Pimentel, Simão Jorge Velho, João de Mattos, Domingos Luiz do Prado, o ajudante Antonio de Souza, o alferes de mestre de campo Domingos de Mendonça, o sargento Braz Gonçalves, o cabo de esquadra Bonifacio Cubas e João Paes de Mendonça, todos officiaes que eram então e são do terço de infanteria que de gente servente formou o dito Domingos Jorge Velho com o....... Senhor e Administrador seu, com o qual elle e os ditos supplicantes nomeados franquearam as habitações e povoações, que os brancos tem nelle contra insultos que os Tapuyas bravos quotidianamente intentam, e não poucas vezes executou com graves dannos e irremediaveis provas, para o que obrarem melhor, o mestre de campo e subalternos officiaes tinham erigido para sua morada e habitação o rio Potingh (*Potingi*) que quer dizer rio ou agua de camarões e o rio Parnahyba e...... nelles tinham feito suas povoações com suas habitações, com suas creações tanto vaccum como cavallares ou ovelhum e cabrum etc., e faziam suas lavouras e assim tinham seus domicilios *vinte e quatro ou vinte e cinco annos*, topando bandeiras ao gentio bravo para onde as occasiões o pediam, defendendo assim..... que o dito gentio intentavam contra as outras povoações dos brancos, dando por este meio regular (*occasião*) a que entrassem a povoar, como com effeito *entrou e povoou todo Pi-*

cuhy e Canindé em companhia da Casa da Torre de Garcia d'Avila e defendendo as fronteiras do Maranhão e ficara até que por parte de S. M. foi o dito Domingos Jorge Velho *chamado e requerido* do Sr. Governador João da Cunha Souto Maior antecessor de V. S. de descer com a dita sua gente e officiaes em estado de guerra os negros fugidos e rebellados dos Palmares, que insultavam, invadiam, roubavam, violavam e assassinavam os brancos em todas estas capitanias de Pernambuco, como com effeito Domingos Jorge desceu com ao redor de 1.300 arcos do seu gentio e cerca de oitenta brancos, que, além dos que nesta petição vão nomeados e nesta occasião que se lhe aggregaram outros que elle habilitou para..... aos ditos soldados gentios *a qual descida foi no anno de 1687, largando terras, povoações, criações e lavouras,* sem reparo algum para vir servir S. M. e com elle e os ditos cabos prestou o Sr. Governador João da Cunha Souto Maior os artigos que S. S. em nome de S. M. ajustou com os procuradores em Março do dito anno que S. M. que Deus guarde confirmou por alvará seo, como tudo se vê registrado na Secretaria deste Governo.... nos quaes artigos estão especificadas estas palavras, que as sesmarias que pretendem nos rios dos Camarões e Parnahyba, as prometteu dar o Sr. Governador, assim e da maneira que as quizerem, como com effeito logo lh'as concedeu o dito Sr. Governador em nome de S. M., em fé e segurança do que lhe mandou S. S. passar e assignou uma clareza, dizendo nella que lh'a não mandou passar naquella occasião por estar o Provedor da Fazenda Real fóra desta praça doente para lhe passar sua carta de sesmaria, e para que constasse sempre do tempo em que se lhe concedia, que foi no mesmo anno em que se celebrou e concluiu-se o dito pacto, que foi a 3 de Março de 1687, o qual papel de segurança deixou o dito sargento-mór na mão do Secretario do Conselho Director, para prova e fundamento do requerimento que das ditas terras elle fez a S. M., este Senhor foi servido conceder-lhes assim e de ordenar a V. S. lhes mande passar sua carta de sesmaria com as mesmas clausulas e declarações que se especifica na dita ordem pelo que pedem a V. S. lhes faça mercê mandar-lhes passar a dita carta de sesmaria desde as nascentes do dito rio Potingh, ou Camarões, até onde se mette naquelle da Parnahyba, com tres

leguas de largura de uma a outra banda delle e da sua barra, que aquelle da Parnahyba abaixo na mesma largura da barra de cá declarando-se tambem na dita carta de lhes não poder prejudicar o ter ella sido passada agora e não no dito tempo pelas razões que aqui se allegam e por elles terem andado occupados no serviço de S. M. como este Senhor o manda especificar na dita ordem, da qual a copia vai junta até que pelo Parnahyba abaixo topem em terras desprovidas. E. R. Mcê. — O Procurador da Corôa me informe sobre o conteúdo nesta petição para lhe deferir. Recife, 20 de Dezembro de 1704. — *Rubrica.* — Sr. A vista das cartas que os supplicantes juntam, parece-me tem lugar seu requerimento. V. S. lhes deferirá com justiça. Recife, 22 de Dezembro de 1704. — *Antonio Rodrigues Pereira.* — E havendo outrosim respeito a que S. M. me encommenda no cap. 15 do Regimento deste Governo e ao que respeita no cap. 2º das condições que meus antecessores João da Cunha Souto-Maior concedeu aos supplicantes em nome de S. M. que Deus guarde, no mez de Março de 1687, e confirmou em nome do dito Senhor, o Sr. Marquez de Montebello, em 3 de Dezembro de 1691, e ao Alvará de S. M. de 12 de Março de 1695, e porque declaram as duas ultimas cartas do dito Senhor do anno passado de 1703 não ser justo ficarem prejudicados na mercê que lhes concedeu, o deixarem as ditas terras e domicilios para acudirem a seu real serviço, e haver por bem que as gozem desde o dito tempo em que lhes foram concedidas pelo meu antecessor o Sr. João da Cunha Souto-Maior no mez de Março de 1687, pelas haverem conquistado, franqueado a habitação e cultura dos brancos para afugentarem os Tapuyas seus habitadores accrescentando quantias consideraveis a premios reaes, assim pela repartição desta Procuradoria, como do dito Estado do Maranhão, e que não sejam preferidos de nenhum sesmeiro que se introduzisse nellas desde o mez de Março de 1687, em que lh'as concedeu o Sr. João da Cunha Souto-Maior, Governador que então era destas capitanias. Hei por bem de lhes fazer mercê de dar aos supplicantes acima nomeados como pela presente carta de sesmaria com a mesma antedata do dito mez de Março do anno de 1687 em nome de S. M. que Deus guarde todas as terras que se acharem desde a nascença do dito rio dos Camarões até onde elle se mette no

da Parnahíba com tres leguas de largura de uma e outra banda delle e da sua barra para aquelle da Parnahíba abaixo na mesma largura da banda de cá seis leguas, com obrigação de pagarem fôro algum mais que o dizimo a Deus pelo privilegio especial que os supplicantes tem para isso de S. M.; e as possuirão, e gozarão elles e seus herdeiros com todas as suas mattas, aguas, campos, testadas, logradouros e mais uteis que nellas se acharem, e serão obrigados a dar pelas ditas terras caminhos livres ao Conselho para fontes, pontes ou pedreiras; pelo que ordeno a todos os ministros da fazenda e justiça destas capitanias a quem o conhecimento desta carta pertencer lhe façam dar a posse real effectiva e actual na forma costumada e debaixo das clausulas referidas, e das mais da Ordenação titulo das sesmarias, que por firmeza de tudo lhes mandei passar a presente por mim assignada e sellada com o sinete de minhas armas, a qual se registrará nos livros da Secretaria deste Governo e nos da Fazenda Real e nos mais a que tocar. Dada neste Recife de Pernambuco em os tres dias do mez de Janeiro. José de Brito de Menezes a fez. Anno de mil setecentos e cinco. O Secretario Antonio Barbosa de Lima a fiz escrever. — *Francisco de Castro Moraes.*» A confirmação desta sesmaria foi feita pela carta régia de 25 de Dezembro de 1710, dirigida ao governador de Pernambuco, Sebastião de Castro Caldas, a qual encerrava a seguinte importante disposição: «E porque nella não se observou a ordem passada sobre estas sesmarias, pois não se declara quantas leguas de terra se contam desde a fonte do rio dos Camarões até a entrada que faz no Parnahíba, nem desta para baixo. Me pareceu não deferir a esta confirmação; porém, visto como os supplicantes foram benemeritos pela guerra que fizeram. Hei por bem de lhes permittir que cada um per si peça sesmaria separada dentro da quantidade que permittem as minhas leis; e assim vos ordeno lh'as concedaes, sem embargo de ser passado o tempo, segundo as minhas novas ordens para se poder deferir a confirmação de cada um».

Quasi todos os nomes dos cabos de guerra mencionados no documento acima transcripto são de Paulistas, e talvez o de nome Simão Jorge Velho designe algum filho do audaz bandeirante o que confirmaria a hypothese, por nós atraz ven-

tilada quanto ao ascendente immediato de Domingos Jorge Velho.

Note-se que Christovam de Mendonça Arraes apenas succedera a Domingos Jorge Velho, por morte dêste, no commando do têrço que ficara de guarnição aos Palmares, e não na empresa de exterminio dos indios. Foram aquelle sargento-mór e o carmelita frei André da Annunciação, que, como representantes de Domingos Jorge Velho, assignaram com o governador João da Cunha Souto-Maior, em 3 de Março de 1687, o ajuste para a destruição dos Palmares, ajuste que foi ratificado por d. Antonio Felix Machado da Silva e Castro, marquez de Montebello, a 3 de Septembro de 1691 e depois sanccionado, com insignificantes modificações, pelo alvará regio de 7 de Abril de 1693 (vide *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. XLVII, p. 1ª, pags. 19-24). Conforme Varnhagen («Historia Geral do Brasil», vol. II, pags. 785), que tambem se engana na data da ratificação por parte do marquez de Montebello, foi Domingos Jorge Velho quem se apresentou em 1687 ao governador de Pernambuco, ao passo que o documento devido a Pereira da Costa assevera que o chefe paulista foi *chamado e requerido* pelo governador Souto-Maior.

Pelo convenio de 3 de Março de 1687, as munições e mantimentos, concedidos pelo govêrno para a extincção da Troia negra, deviam ser entregues a Domingos Jorge Velho na villa das Alagôas ou no rio de S. Francisco, provavelmente em Penedo, poncto mais vizinhos dos Palmares, correndo por conta do caudilho paulista os transportes d'alli em deante até ao término da expedição.

Veremos mais adeante o poncto, de que partiu elle com o seu exército já organizado.

Não nos permittímos phantasiar, — que isso não condiz cim o alto escopo da Historia, — quando á róta seguida por Domingos Jorge para a invasão e conquista do Piauhí. E' de suppôr, porque em toda parte assim aconteceu, que houvesse elle aproveitado os caminhos já traçados pelos indios para as suas intercommunicações e até para as suas marchas de guerra.

O que, entretanto, é fóra de dúvida, é que a occupanão do Piauhí foi feita do interior para o mar, como o evidencia a

sua fórma geographica, de extenso fundo e exigua orla oceanica, similhando um sacco cheio e de bôcca armada.

Ha um logarejo, cujo nome parece recordar o poncto em que o ousado bandeirante primeiro estanciou ao penetrar em terras do Piauhí: — é a antiga freguezia do Paulista, sita perto da serra dos Dous-Irmãos e das nascentes do Canindé, na estrada que vai ter ao S. Francisco.

A data do descobrimento é attribuida por quasi todos os historiadores e chronistas ao anno de 1674. Recua-a para trez annos atraz d. fr. Domingos do Loreto Couto, que assim se exprimiu, em sua obra « Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco » (pags. 168), quasi repetindo o que escrevera Rocha Pitta (« Historia da America Portugueza », pags. 193-194 da 2ª ed.): « No anno de 1671 se descobrio (a) grandissima Provincia do Piagui, que está em altura de dez gráos ao Norte além do Rio de São Francisco, no Continente de Pernambuco, e não muy distante do Maranhão. Tomou o nome de hum Rio assim chamado. He regada dos Rios Canindé e Itaim, São Victor, Puti, Longázes e Piracuruca, que todos por diversas partes concorrem a enriquecer o Rio Parnahiba, que com elles opulento sae ao mar na costa do Maranhão. Hum dos primeiros que entrarão por aquellas dilatadas terras foy Domingos Afonço Certão, neste descobrimento se encontrou com Domingos Jorge, natural da Cidade de S. Paulo, que desejando novas conquistas sahira da sua Patria com numeroso troço de Indios domesticos a descobrir terras ainda não penetradas, e atravessando varias Regioens entrou nesta, e com Domingos Afonço proseguio a empreza, cada hũ por sua parte conquistarão todo aquelle Paiz, cuja circunferencia comprehende grande numero de leguas ».

Agora, vamos entrar no mais curioso e controverso de quanto concerne á conquista do Nordéste.

Coriolâno de Medeiros (um dos nossos compatricios que mais se dedicam a estudos de Historia), não só no prefacio do livro « Através do sertão », de Celso Mariz, como tambem no seu trabalho intitulado « Entradas » e inserto na *Revista do Instituto Historico e Geographico Parahibano* (vol. II, pags. 9-32), negou a estada de Domingos Jorge Velho « no Piancó ou em outra qualquer parte do sertão parahibano ».

Irineu Ferreira Pinto (outro notavel investigador dos nossos fastos, infelizmente já arrebatado pela morte á Euristica nacional), em suas « Datas e notas para a história da Parahíba » (t. I, pags. 84), tractando da data de 1690, affirma : « Neste anno já havia fazenda de gado no Piancó ». E, pouco adeante, referindo-se a Julho de 1691, assim se exprime : « De ordem do governador-geral, o capitão-mór auxilia ao capitão Domingos Jorge Velho com munições, para debellar os negros dos Palmares ».

O mais antigo tractadista que se refere a este facto é Rocha Pitta, o qual, em sua « História da America Portugueza » (pags. 238 da 2ª ed.), logo após haver citado o nome de Domingos Jorge, assim affirma : « Do Pinhancó, onde tinha a sua estancia, caminhou com toda a sua gente de guerra, que seriam mil homens... »

Commentando esse trecho, eis os importantes adminiculos que lhe juncta Irineu Joffily, em suas substanciosas « Notas para a história da Parahíba » (pags. 35-36) : « O anno não vem indicado; mas, segundo Varnhagen, os mais *sanguinolentos* combates dessa guerra tiveram logar em 1695; portanto, deve-se dar como provado que Domingos Jorge já estivesse occupando o Piancó desde antes de 1690; porque estava estabelecido com estancia ou fazenda de criação, podendo reunir um corpo de mil homens o que é admiravel. Além disto, em 1674, Domingos Jorge e Domingos Affonso Mafrense, já tinham descoberto e invadido o Piauhí, transpondo a serra dos Dois-Irmãos. Mafrense lá ficou fundando fazendas, que possuiu até fallecer; Domingos Jorge, porém, não se demorou. Não teria elle, de volta ás margens do S. Francisco, tomado depois a direcção da Parahíba, descobrindo ribeira do Piancó? Que o dominio dos Paulistas foi duradouro, não sómente em Piancó, como tambem em grande parte da ribeira de Piranhas, prova-o uma carta régia datada de 15 de Dezembro de 1700, ordenando ao ouvidor da Parahíba que mandasse pôr em liberdade na sua aldeia os tapuyas Payacús, que foram captivados pelo mestre de campo dos Paulistas, Manuel Alvares de Moraes Navarro, residente a esse tempo no Assú, providencia que foi extendida aos Payacús e Icós, do Ceará. São provas indirectas : as datas de sesmarias de terras que obtiveram a Casa da

Torre, da Bahia, e Christovam da Rocha Pitta, da familia do historiador. E essas fazendas, que a opulenta Casa da Torre fundava na Parahíba, não eram mais do que a continuação do seu extenso dominio, como se vê do seguinte trecho de uma carta do governador de Pernambuco, escripta em 1700, ao rei de Portugal. A *Casa da Torre, os herdeiros de Antonio Guedes de Brito e Domingos Affonso Sertão, moradores na jurisdicção da Bahia, eram senhores de quasi todo o sertão de Pernambuco* ».

João Brigido, em seu « Resumo chronologico para a historia do Ceará » (pags. 31) tambem assevera : « A tradição colloca entre 1673 e 1678 o começo do povoamento das regiões do Araripe pela familia Mendes Lobato Lyra, já tendo sido o paiz anteriormente explorado por bandeirantes da casa, chamada da Torre, da Bahia, que possuia muitas terras no rio S. Francisco, onde criava gados ». E logo adeante (a pags. 33) consigna que em 1688 foi concedida « ao coronel Francisco Dias Avila (*sic*, por « d'Avila ») e mais quatro socios uma sesmaria de 10 leguas de comprimento no rio Jaguaribe ».

Maximiano Lopes Machado, em sua excellente « História da Provincia da Parahíba » (pags. 334-335), que infelizmente ficou inconcluida, depois de affirmar mais adeante que « a Casa da Torre fundara tambem algumas fazendas de criar no Piancó, nas terras apossadas pelo vaqueiro João Medrado », e tendo pouco antes feito referencia ao coronel Francisco Dias d'Avila, assim opinou : « Partira em 1671 Domingos Affonso Sertão ou Mafrense, joven portuguez de grande energia, coadjuvado pelo coronel, do logar denominado Sobrado, á margem daquelle rio (o S. Francisco), a explorar novas terras. Tomando o rumo do Norte, transpoz a serra Dois-Irmãos e foi ter ás planicies do Piauhí, luctando com os indios e sendo ferido em um dos mais assignalados combates. Apossou-se alli de muitas terras, onde viveu e fundou as trinta e nove fazendas de gado, legadas aos Jesuitas, as quaes, pela suppressão destes, passaram ao dominio do Estado. Na sua passagem por aquella serra, encontrou-se com o bandeirante paulista Domingos Jorge, e, de accôrdo, tomaram rumos differentes, seguindo aquelle ao alto Piauhí, retrocedendo este pelo Salgado ao Icó e d'ahi pela Formiga ao Piancó, onde o encontramos em 1696

com fazenda de gados, já elevado a mestre de campo, no govêrno geral de d. João de Lencastre, e em marcha com mil homens á conquista dos Palmares ».

Não ousamos, como fez o padre Heliodoro Pires a pags. 20-21 do seu «Padre-mestre Ignacio Rolim», dar o bandeirante paulista como amigo da familia Oliveira Lédo, nem precisar a data da fundação do Piancó.

Limitamo-nos a julgar incontestaveis certos factos, que ou se apoiam em documentos authenticos ou se escudam nas asserções de chronistas probidosos.

Assim, parece-nos fóra de qualquer dúvida que o capitalista da grandiosa empresa de conquista do Nordéste foi o coronel Francisco Dias d'Avila, senhor do maior latifundio que já existiu em terras do Brasil; que Domingos Affonso, agnominado o Sertão ou o Mafrense, rendeiro da Casa da Torre (4), foi um dos principaes conquistadores do Piauhí, onde contou com o valioso auxilio de Domingos Jorge Velho; que Bernardo Pereira Gago, ermão do coronel Francisco Dias d'Avila, e

(4) Cremos poder affirmar que Domingos Affonso Mafrense era «rendeiro da Casa da Torre», porque a isso nos auctorizam Capistrano de Abreu e J. M. Pereira d'Alencastre. Este (*loc. cit.*, pags. 14) assim se exprime: «Domingos Affonso Mafrense, homem de coragem e de largas empresas, e seu ermão Julião Affonso Serra, fazendeiros do Rio de S. Francisco e *rendeiros de Francisco Dias d'Avila*, dispondo-se a não soffrer por mais tempo os barbaros vizinhos, armaram uma grande bandeira, ajudados por Francisco Dias e seu ermão Bernardo Pereira Gago, e com ella entraram por terras de Pernambuco em perseguição e conquista dos indios, que, batidos em varios encontros, se foram internando pelos altos sertões, deixando muitas presas feitas e esperanças para novas conquistas». E o erudito auctor dos «Capitulos de história colonial» (pags. 126), depois de haver-se referido á Casa da Torre e ao systema desta de aforar sitios do seu latifundio, assevera o seguinte: «Um de taes *rendeiros*, Domingos Affonso, por alcunha o Sertão, partindo de um dos muitos Sobrados existentes no São Francisco, aos quaes se dá este nome por causa de vagamente semelharem um edificio, fundou numerosas e importantes fazendas nos rios Piauhí e Canindé, legadas por sua morte á Companhia de Jesús, a quem a corôa as confiscou em proveito proprio, por occasião de supprimir a Ordem». Permitta-nos o eminente mestre e prezado amigo junctemos um pequeno esclarecimento á sua interpretação da palavra «Sobrado». Rocha Pitta («Historia da America Portugueza», pags. 194 da 2ª ed.), tractando de Domingos Affonso Sertão, affirma isto: «Possuia já uma fazenda de gados chamada o Sobrado, da outra parte do rio de S. Francisco, districto de Pernambuco, na entrada da travessia que vai para o Piauhí...» Ora esse facto foi confirmado pelo proprio Domingos Affonso, em seu testamento (vide *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. XX, pags. 147), onde diz: «Declaro que tenho duas fazendas de gado, sitas aonde chamam os Alagadiços, e outras duas aonde chamam o *Sobrado*, na beira do rio de S. Francisco, nas terras de Garcia d'Avila Pereira, todas fabricadas com escravos e cavallos, o que tudo constará dos escriptos de entrega, passados pelos curraleiros».

Julião Affonso Serra, ermão de Domingos Affonso, tomaram parte nessas expedições; e, finalmente, que Domingos Jorge Velho, depois de ter desempenhado papel conspicuo na occupação do Piauhí, ainda exerceu a sua portentosa actividade em outros ponctos do Nordéste, acabando a existencia logo após a destruição dos quilombos dos Palmares.

Cremos que um documento, por nós descoberto no Archivo Nacional, traz bastante luz á demonstração de que Domingos Jorge Velho tambem concorreu para a conquista e povoamento da ourela occidental da Parahiba.

Não pretendemos tirar delle conclusões audaciosas, esperando que outras pesquisas de mais fructo ainda permittam dilucidar opportunamente esta importante questão.

A mencionada peça historica havia escapado a outros investigadores, certamente porque éstes, em geral, não ligam a devida consideração ás patentes e provisões relativas a postos militares e a cargos administrativos ou serventias judiciaes, buscando de preferencia as cartas régias, as leis, os decretos.

O original donde o extrahímos (tomo XV da collecção «Governadores do Rio de Janeiro», fls. 173) apresentava lacunas deploraveis. Mas, graças a Capistrano de Abreu, que, attribuindo grande valor á referida peça historica, obteve do sr. J. Lucio de Azevedo uma cópia do original existente no registo da Torre do Tombo, acha-se o precioso documento agora completo e capaz de proporcionar aos cultores do passado a mais proveitosa licção.

Esse documento que tivemos a felicidade de encontrar (e que já foi por nós estampado na *Revista do Brasil*, n. 15) é uma patente pela qual d. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra e regénte de Portugal no impedimento de seu ermão d. Pedro II, concedeu a Manuel Gonçalves Ferreira, em 28 de Março de 1705, o posto de capitão da capitania de N. S. da Conceição de Itanhaem.

Eil-o:

— «D. Catherina por graça de Ds. Raynha de Inglaterra Escocia França e Irlanda Infanta de Portugal como Regente destes Reynos no impedimto. de meu Irmão Sr. Rey D. Po. por graça de Ds. Rey de Portugal e dos Alcs. daquem e dalem mar em Africa Sr. de Guiné, e da conqta. navegação e comercio de

Ethiopia Arabia Percia e da India &ª. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que por o Conde da Ilha do Principe como Donatario da Capitania de N. Sª. da Conceição de Tinhaem me haver proposto para Capᵐ. dela tres sogeitos tendo eu consideraçaõ aos serviços de Mᵉˡ. Gonçalves Ferreira obrados *por tres annos e meyo acompanhando ao Mᵉ. de campo Dᵒˢ. Jorge Velho quando veyo das Piranhas a fazer guerra ao gentio barbaro* pelas grandes hostilidades que faziaõ aos moradores em q' se derrotaraõ as nações dos hycos (*icós*) e sacurus (*sucurús*) e outras mais occupando o posto de ajudante do Capᵐ. Mᵉˡ. Alvˢ. Carneiro sem dispendio algum de minha fazenda penetrando aquelles sertões nas ocaziões que se lhe ordenarão, paçando ao Maranhão em compº. de huma escolta de soldados e indios que vierão ao descobrimᵗᵒ. do caminho do Brazil, ser provido pelo Govcʳ. do dº. Estado do Maranhaõ no posto de Capᵐ. da tropa que tornou a mandar ao mesmo descobrimᵗᵒ. no anno de 684, em que se gastarão quatro mezes padecendo as inclemencias do tempo com grande risco de vida fazendo grande falta as (*ás*) suas fazendas, em 695 tornar por ordem do Govᵒʳ. Gᵃˡ. D. Joaõ de Lancastro ao mesmo effeito para esplorar outro caminho mais breve, o que fez abrindo outro caminho e rompendo matos fazendo asento de toda a jornada, e o roteiro necessario, gastando nella quinze mezes por ser mais de 300 legoas com gᵈᵉ. risco em rezaõ dos Rios que se paçavão e gentio barbaro que habitava aquelles certões, e por esperar delle que da mesma maneira se hauerà daqui em diante em tudo o de que for encarregado de meu seruiço conforme a confiança que faço da sua peçoa. Hey por bem e me praz de o nomear e prover (como pela prezᵗᵉ. o provo e nomeyo) por Capᵐ. da dita Capitania de N. Sª. da Conceiçaõ de Tinhaem para que sirva o dito cargo por tempo de tres annos, asim e da mesma maneira que o fizeraõ seus antecessores, com o que hauerà o ordenado que lhe tocar e gozarà de todas as honras previlegios liberdades izenções e franquezas que em rezaõ do dito posto lhe pertencerem. Pelo que mando ao meu Govᵒʳ. e Capᵐ. Gᵃˡ. do Estado do Brazil lhe faça dar poçe do dito posto, e lho deiche servir e exercitar pelo dito tempo de tres annos na forma das doações do dito Donatario, e o dito Mᵉˡ. Glz' Ferreira jurarâ na minha Chancelaria na forma cos-

tumada de que se farâ asento nas costas desta carta patente, q' por firmeza de tudo lhe mandei paçar por mim asignada e selada com o selo gr^{de}. de minhas Armas, e pagou de novo direito vinte mil reis que se carregarão ao Thezr^{o}. Fran^{co}. Sarm^{to}. Pita a f. 28. cujo conheçim^{to}. em forma se registou no registo g^{al}. a f. 225, e antes que o dito M^{el}. Gonçalves Ferreira entre na dita Capitania me farâ por ella preito e omenagem nas maõs do dito meu Gov^{or}. G^{al}. do Estado do Brazil segundo uzo e costume destes Reynos de que aprezentarâ certidaõ do Secretario daquelle Estado. Dada na Cid^{e}. de Lix^{a}. aos 28 dias do mez de Março. Manoel Gomes da Silva a fez. Anno do nascimento de Nosso S^{r}. Jezus Christo de 1705. O Secretr^{o}. Andre Lopes de Laure a fez escreuer. — *Raynha*. — Cumpraçe como SMag^{de}. q' D^{s}. Guarde manda, e registeçe nos 1os (*livros*) a que tocar. Rio 7 de Janeiro de 1706. — *D. Fern^{do}. Miz' M^{es}. de Lancastro.*»

Desta importante peça historica deduz-se que o mestre-de-campo Domingos Jorge Velho, — de quem o sobredicto Manuel Gonçalves Ferreira foi auxiliar em tal expedição, — tendo estado primeiramente no rio das Piranhas, andou pelo menos durante trez annos e meio, e isto presumivelmente antes de 1684, fazendo guerra ao gentio barbaro que hostilizava os moradores do sertão occidental da Parahíba e do Rio Grande do Norte. Com effeito, o rio das Piranhas, que nasce a Sudoéste da serra do Bongá, na curva occidental da Parahíba, percorre 200 kms. de territorio parahibano, antes de entrar no Rio Grande do Norte, onde logo recebe o Seridó e perde o nome primitivo, tomando o de Assú. Assim, a expressão «quando veyo das Piranhas» demonstra que Domingos Jorge Velho já antes de 1684 estanciava na região do extremo Oéste da Parahíba. E, como o Piancó e um affluente do rio das Piranhas, parece ficar bem patente a possibilidade de haver o bandeirante paulista occupado aquelle poncto, do qual mais tarde poude elle partir com 1.300 arcos para a empresa dos Palmares.

Outro argumento, que vem corroborar tal presumpção, é o que nos fornecem as denominações dos selvicolas, a que Domingos Jorge Velho fez então montaria, conforme o documento acima reproduzido. Segundo o «Diccionario chorogra-

phico do Estado da Parahiba» (pags. 39 e 104), de Coriolano de Medeiros, tanto os Icós quanto os Sucurús habitavam territorio parahibano e precisamente na ourela occidental dêste. porquanto aquelles, «selvagens da nação cariri, occupavam o rio do Peixe e adjacencias dos limites das capitanias de Parahíba e Ceará», e os Sucurús eram «uma grande familia indigena que habitava o planalto da Borborema, na zona occupada hoje pelos municipios de Alagoa do Monteiro, parte dos de São João do Cariry e Teixeira e parte do sertão de Pernambuco». Em suas «Notas para a história da Parahíba», Irineu Joffily assim se refere áquelles aborigenes (pags. 26 e 31): «os Icós, do Ceará, extendiam o seu dominio a uma parte da capitania da Parahíba, o rio do Peixe; e talvez Piancó fôsse o nome da sub-tribu, habitante da ribeira assim denominada, que em alguns documentos é chamada tambem Curema». E quanto aos Sucurús: «Os Sucurús occupavam o sul da capitania, concentravam-se nesse triangulo formado pelas serras Jacarará e Jabitacá até ao rio de seu nome, territorio hoje da comarca de Alagoa do Monteiro e vizinhas; e d'ahi fez o Governo remover a tribu, ou grande parte della, para o Norte da capitania, na fronteira do Rio Grande, afim de oppo-la aos indomaveis Janduis, que estavam devastando os estabelecimentos de agricultura e criação, que deviam existir ao Norte da Cupaóba até á actual serra do Cuieté. O acampamento ou aldeia dos Sucurús foi entre o rio Curimataú e o Aracagi». Note-se que Sucurú é a denominação de um dos primeiros affluentes do Parahíba do Norte, nas adjacencias de Alagoa do Monteiro, o que talvez provenha de ter sido esse o primitivo *habitat* da tribu.

Tudo, pois, parece confirmar a seguinte hypothese:

— Domingos Jorge Velho, á frente do seu bando de mamelucos paulistas, tomou parte, entre 1671 e 1674, na conquista do Piauhí, onde foi o mais poderoso auxiliar de Domingos Affonso Sertão (5); nas proximidades do anno de 1680, o intrepido e incansavel sertanista estava na região do rio das Pi-

(5) Aproveitamos a opportunidade para consignar aqui algumas informações constantes do testamento de Domingos Affonso, cuja publicação se deve a J. M. Pereira d'Alencastre (*loc. cit.*, pags. 140-150). Tem elle a data de 12 de Maio de 1711, e cêrca de trez mezes depois já era fallecido o célebre sertanista, porquanto traz a data de 20 de Agosto da-

ranhas, donde partiu a exterminar os indios bravios da zona occidental e meridional da Parahíba: e, como o centro dêsse sector fôsse o Piancó, tudo leva a crer que houvesse elle formado estancia alli, de modo que, tendo ajustado com o Governo em 1687, a destruição dos quilombos dos Palmares, poude d'alli partir poucos annos depois com um exército possante de 1.000 homens, afim de debellar a famosa Troia negra. Finalmente, pelo documento devido ás pesquisas de Pereira da Costa, fica-se sabendo que Domingos Jorge Velho casou com d. Jeronyma Cardim Fróes e que já era fallecido em 1704 (6).

---

quelle anno o acto do reitor da Companhia de Jesús da cidade da Bahia, que era então o padre João Antonio Andreoni (isto é, o mesmo que com o pseudonymo de *André João Antonil* escreveu o magnifico trabalho « Cultura e opulencia do Brasil », publicado pela primeira vez em Lisbôa no anno de 1711), nomeando administrador dos bens do conquistador do Piauhí ao padre Manuel da Costa.

Eis o trecho capital do referido testamento: « Declaro que sou natural de S. Domingos da Tanga da Fé, termo de Torres-Vedras, do arcebispado de Lisbôa, filho legitimo de Julião Affonso e de sua mulher Jeronyma Francisca, já defuntos; e nunca fui casado, nem tenho quem hajam (*sic*) de ser meus herdeiros; e, portanto, instituo a minha alma unica herdeira no remanescente dos meus bens, satisfeitos os meus legados e mais disposições conteúdas e declaradas neste meu testamento, e assim antes desta verba, como depois della. Declaro que sou senhor e possuidor da metade das terras, que pedi no Piauhí com o coronel Francisco Dias d'Avila e seus irmãos, as quaes terras descobri e povoei com grande risco de minha pessôa e consideravel despesa com adjutorio de socios, e sem elles defendi tambem muitos pleitos, que se me movêram sobre as ditas terras ou parte dellas; e, havendo duvidas entre mim e Leonor Pereira Marinho, viuva do dito coronel, sobre a divisão das ditas terras, fizemos uma escriptura de transacção no cartorio de Henrique Velleusuella (*sic*, mas parece que deve ser *Valenzuela*) da Silva, na qual declarâmos os sitios com que cada um haviamos de ficar, assim dos que tinhamos occupados com gados, como arrendados a varias pessôas, accordando e assentando juntamente a fórma com que haviamos de ir occupando as mais terras por nós ou pelos rendeiros, que mettessemos, como mais largamente se verá da dita escriptura. » Das declarações de ultima vontade de Domingos Affonso Sertão, consta que d. Leonor Pereira Marinho, viuva do coronel Francisco Dias d'Avila, lhe estava a dever 5:000$000; e, pela enumeração dos seus bens, verifica-se que a fortuna obtida pelo intrepido aventureiro chegou a ser uma das maiores do Brasil, naquelle tempo. Assim, o simples rendeiro da Casa da Torre emulou talvez com o dono desta, quanto á opulencia material.

(6) Ainda a J. M. Pereira d'Alencastre (*loc. cit.*, pags. 156) devemos tudo quanto até hoje se sabe quanto á legalização de posse das terras do Piauhí, logo depois que foram ellas conquistadas aos indios. Dos livros de Provisões e Patentes (IV, fls. 338, V, fls. 171 e segs., e VI, fls. 118-155) extrahiu elle os seguintes resumos, que têm consideravel importancia para a dilucidação que ora nos preoccupa: « As primeiras sesmarias do Piauhí foram concedidas em 12 de Outubro de 1676, por d. Pedro d'Avila, seu ermão Bernardo Pereira Gago, o capitão Domingos Affonso

Eis as conclusões que nos é licito tirar dos tractadistas e dos documentos:

I — A conquista do Nordéste, em sua maior parte, foi um episodio não devido á caça do ouro ou de pedras preciosas ou á caça do escravo indigena, e, sim, á formação de estancias de gado, isto é, á «zona de criação».

II — A conquista do Nordéste, por isso mesmo que não foi uma consequencia de entradas ou bandeiras de intuitos mineraes ou escravistas, realizou-se em sua maior parte não do mar para o interior, e, sim, do *hinterland* para a ourela atlantica.

---

de Almeida, governador de Pernambuco, ao capitão-mór Francisco Dias Sertão e seu ermão Julião Affonso Serra, que requereram 10 leguas em quadro para cada um na margem do Hergueia (Gurungueia). Em 30 de Janeiro de 1681, o governador Ayres de Sousa de Castro concedeu mais, a cada um dos quatro socios e ao alferes Francisco de Sousa Fagundes, 10 leguas de terras na margem do Parnahíba. Com data de 7 de Outubro de 1681, foram concedidas terras de sesmarias a José Simões, Francisco de Oliveira Pereira, Catharina Fogaça, Pedro Vieira de Lima, Manuel Ferreira e João Ferreira de Lima, todos moradores da Bahia, que pediram todo o territorio entre o rio Itapicurú e Gurugueia, ou entre as aldêias dos Aitatús e Aboipiras, cujo territorio não póde ser hoje sinão o de Pastos-Bons e parte do Parnaguá. Na mesma data, as terras do Parnaguá, entre as cabeceiras do Parahim até á barra dêste rio no Gurugueia, foram partidas em porções eguaes entre Manuel de Oliveira Porto, Francisco de Oliveira, coronel Francisco Dias d'Avila, arcediago Domingos Vieira de Lima, João de Sousa Fragoso e Christovam da Costa Ferreira, todos fazendeiros do rio de S. Francisco. Era tão desmesurada a ambição de possuir vastos dominios territoriaes, que até chegaram a pedir despropositos. Lê-se no livro 6º, a fls. 156 do registo de Provisões e Patentes, que d. João de Sousa concedeu, em data de 13 de Outubro de 1684, mais 10 leguas de terras nas margens do Gurugueia e Parahim, com reserva de terras, catingas, e terras inuteis, a Domingos Affonso, Garcia de Avella (*sic*, de certo por *d'Avila*), Francisco de Avella (*idem*), Bernardo Pereira e Julião Affonso, e outras tantas leguas em quadro aos mesmos socios nas margens do rio Tranqueira; e, em 29 de Dezembro de 1686, mais 12 leguas em quadro aos mesmos socios na margem do Parnahíba, começando da aldêia dos Aranhuns até á ultima aldêia ou tapéra do gentio Muipurá, e, pela parte do Sul, até á serra do Araripe.» Este Garcia de Avella, isto é, Garcia d'Avila, a que se refere a provisão de 13 de Outubro de 1684, era Garcia d'Avila Pereira, filho do coronel Francisco Dias d'Avila; e, quanto a figurar em alguns individuos da familia Vieira de Lima na provisão de 7 de Outubro de 1681, não deve causar admiração, porque a dicta familia teve ingresso, pelo casamento, na Casa da Torre, desde que João Vieira de Lima desposou Clemencia Dias, filha do coronel Francisco Dias d'Avila. No testamento de Domingos Affonso, falla este nas terras que pediu no Piauhí «com o coronel Francisco Dias d'Avila e *seus irmãos*». Esse plural justifica-se em face das provisões de 12 de Outubro de 1676 e 7 de Outubro de 1681, acima citadas, porque da primeira consta o nome de Bernardo Pereira Gago e da segunda o nome de Catharina Fogaça, aquelle ermão e esta ermã e sogra do coronel Francisco Dias d'Avila.

III — Os heróes da conquista do Nordéste foram o coronel Francisco Dias d'Avila, Domingos Affonso Sertão e Domingos Jorge Velho, distinguindo-se o primeiro pelo alargamento que deu aos seus dominios da Casa da Torre, distinguindo-se o segundo pelo estabelecimento de grande número de fazendas de gado no Piauhí, e distinguindo-se o terceiro pela extensão que teve a sua actividade, no tempo e no espaço, sobrelevando aos seus companheiros pelo duplo auxilio que deu á metropole no expurgo de selvicolas e na destruição dos Palmares.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1919

PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA, EM 28 DE ABRIL DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

A's 21 horas, presentes os srs. conde de Affonso Celso, drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Manuel Cicero Peregrino da Silva, M. Fleiuss, Laudelino Freire, Edgard Roquette Pinto, marechal dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, commandante Raul Tavares, Agenor de Roure, Eurico de Góes e major dr. Liberato Bittencourt, abre-se a sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) congratula-se com todos os socios e faz votos para que o anno social que se inicia seja tão próspero e brilhante como os anteriores.

Apresenta logo depois esta moção que é unanimemente approvada com applausos:

«O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO acolheu com o maior jubilo a communicação do armisticio firmado, a 11 de Novembro último, entre as nações belligerantes; e, applaudindo, ainda uma vez, o nobre concurso moral e material do Brasil para o conseguimento da victoria, faz ardentes votos afim de que breve se estabeleça no mundo a paz definitiva, baseada no Direito e na Justiça, á luz da consciencia universal.

Sala das sessões, 28 de Abril de 1919. — *Conde de Affonso Celso*.»

O mesmo SR. PRESIDENTE communica o fallecimento dos seguintes socios:

Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, socio benemerito, segundo vice-presidente, que entrou para o Instituto em 3 de Agosto de 1910, fallecido a 11 de Novembro de 1918;

Monsenhor d. Julio Tonti, honorario, eleito em 30 de Abril de 1906 e fallecido a 12 de Dezembro de 1918;

Theodoro Roosevelt, honorario, eleito em 6 de Outubro de 1913 e fallecido em 6 de Janeiro dêste anno;

Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, correspondente, eleito em 21 de Julho de 1905 e fallecido em 13 de Janeiro de 1919;

Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, presidente honorario, tendo sido antes socio honorario, eleito em 30 de Agosto de 1896 e fallecido a 16 de Janeiro último;

Barão Brasilio Machado, effectivo, eleito em 12 de Septembro de 1890 e fallecido em 5 de Março dêste anno;

Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, benemerito, eleito em 19 de Outubro de 1887 e fallecido em 6 de Março passado.

Diz que no momento opportuno o eminente orador perpétuo tractará dêsses saudosissimos companheiros.

O SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO lê o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento:

«A Commissão de Fundos e Orçamento examinou com o maior cuidado, como lhe cumpria, o balanço e as contas do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, apresentadas pelo respectivo thesoureiro, relativas ao exercicio de 1918 e folga em proclamar a perfeita regularidade de todos os documentos. A' vista disto propõe a approvação do respectivo balanço e das contas, registando-se o modo altamente louvavel por que sempre tem procedido o honrado thesoureiro, sr. commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Agenor de Roure*. — *Homero Baptista*.»

O SR. PRESIDENTE diz que, nos termos do art. 56 dos Estatutos, esse parecer deve ser discutido e votado na presente sessão.

Posto em discussão, ninguem pede a palavra. Posto em votação, é o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento approvado por unanimidade.

O mesmo SR. PRESIDENTE communica que em 2 de Fevereiro do corrente anno, na Procuradoria Geral da Fazenda Publica do Thesouro Nacional, foi lavrada pelo tabellião

Pedro Evangelista de Castro a escriptura de doação que a Fazenda Nacional fez de um terreno situado na avenida Henrique Valladares — lotes 97 a 102, com uma área total de metros quadrados 1.781, 75 centimetros, para o edificio do Instituto Historico, de conformidade com o dispositivo n. 38 do art. 162 da lei orçamentaria n. 3.454, de 6 de Janeiro de 1918.

Este terreno foi concedido ao Instituto Historico pelo Congresso Nacional, devido á proposta apresentada ao mesmo Congresso pelo socio effectivo, sr. senador João Lyra Tavares, e está avaliado em 106:000$000.

Ao sr. senador Lyra Tavares já teve occasião de dirigir os agradecimentos em nome do Instituto e no seu proprio, bem como ao sr. tabellião Pedro Evangelista de Castro e ao official do 2° registo geral de hypothecas, sr. Marino Loureiro Caldas, que não quizeram receber custas pelas escrituras e pelo registo.

O SR. 2° SECRETÁRIO lê o seguinte parecer da Commissão de Admissão de Socios:

«A Commissão de Admissão de Socios, cumprindo o que estabelecem os Estatutos no art. 43, reconhece, com prazer, a completa idoneidade do candidato sr. Jonathas Serrano e julga conveniente a sua admissão como socio effectivo. Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1919. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires*, relator. — *Manuel Cicero*. — *Ramiz Galvão*.»

O parecer é approvado, ficando a sua votação para a primeira sessão a realizar-se.

O SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO apresenta o seguinte requerimento que é unanimemente approvado:

«Tendo desapparecido completamente as razões que motivaram o adiamento do processo de admissão do sr. José Arthur Boiteux como socio correspondente dêste Instituto, requeiro que o parecer da Commissão Subsidiaria de Historia, de que tive a honra de ser o relator e tambem assignado pelos srs. conde de Affonso Celso e Rocha Pombo, datado de 18 de Septembro de 1905 e publicado no tomo 68, parte 2ª, da *Revista*, pags. 610 a 613 seja, com os demais papeis, submettido á Commissão de Admissão de Socios.

Além dos trabalhos anteriores, o sr. José Arthur Boiteux offerece agora mais os seguintes: — *O Estado de Sancta Catharina na Exposição de 1908, A Imprensa Catharinense, A Costa Catharinense, Os Partidos Politicos de Sancta Catharina, Diccionario Historico e Geographico do Estado de Sancta Catharina* (dous volumes), *Quarto Congresso Brasileiro de Geographia*. Sala das sessões, 28 de Abril de 1919. — *Fleiuss.*»

O SR. PRESIDENTE diz que, á vista da votação do Instituto, remette os papeis ao sr. Ramiz Galvão, para relatá-los, como membro da Commissão de Admissão de Socios.

O SR. 2° SECRETÁRIO lê as seguintes propostas:

«Temos a honra de propor seja elevado a socio benemerito do Instituto, nos termos do § 1° do art. 11 dos Estatutos, o sr. almirante José Candido Guillobel, socio effectivo desde 24 de Novembro de 1882, occupando o número quatro no cadastro chronologico do Instituto. Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1919. — *Fleiuss.* — *Raul Tavares.* — *Roquette Pinto.* — *Eurico de Góes.* — *Souto Maior.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Clovis Bevilaqua.* — *Thaumaturgo de Azevedo.* — *Gastão Ruch.* — *Basilio de Magalhães.* — *A. Pinto da Rocha.* — *João Lyra Tavares.*»

A' Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. Manuel Cicero.

«Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, nos termos do art. 7° dos Estatutos, o sr. Manuel Porfirio de Oliveira Santos, advogado e auctor de diversos trabalhos historicos, entre os quaes um sôbre a *Historia Constitucional da Republica*, que será opportunamente apresentado á respectiva commissão. Rio, 28 de Abril de 1919. — *Fleiuss.* — *Raul Tavares.* — *Roquette Pinto.* — *Eurico de Góes.*»

A' Commissão de Historia, relator o sr. Pedro Lessa.

«Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, nos termos do art. 7° dos Estatutos, o sr. Julio Afranio Peixoto, professor das faculdades de Medicina e de Philosophia e Lettras e auctor de valiosos trabalhos de character historico. Rio, 28 de Abril de 1919. — *Fleiuss.* — *Raul Tavares.* — *Roquette Pinto.* — *Eurico de Góes.*»

A' Commissão de Historia, relator o sr. Clovis Bevilaqua.

« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, nos termos do art. 7° dos Estatutos, o sr. Solidonio Attico Leite, advogado e auctor de notaveis trabalhos sôbre a história litteraria. Rio, 28 de Abril de 1919. — *Fleiuss.* — *Raul Tavares.* — *Roquette Pinto.* — *Eurico de Góes* ».

A' Commissão de Historia, relator o sr. Viveiros de Castro.

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, nos termos do art. 8° dos Estatutos, o sr. Clemente Maria Brandenburger, cidadão brasileiro, doutor em Philosophia e Lettras, domiciliado na cidade de Vassouras, socio correspondente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano e auctor de varios e valiosos trabalhos historicos. Rio, 28 de Abril de 1919. — *Fleiuss.* — *Raul Tavares.* — *Roquette Pinto.* — *Eurico de Góes.* »

A' Commissão de Historia, sendo designado para relator desta proposta o sr. Juliano Moreira.

« Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Clemente L. Fregeiro, professor de Historia aposentado, membro da Juncta de Historia e Numismatica de Buenos Aires e reconhecidamente uma das maiores auctoridades argentinas sôbre Historia sul-americana, á qual tem dedicado ininterruptamente sua vida de labor indefesso e fecundo. Rio, 24 de Fevereiro de 1919. — *Manuel de Oliveira Lima.* — *Gastão Ruch.* — *Fleiuss.* — *Raul Tavares.* — *Roquette Pinto.* — *Eurico de Góes.* »

A' Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. Manuel Cicero.

O SR. FLEIUSS propõe e é approvado que, como annexo á presente sessão, sejam insertas as palavras proferidas pelo socio sr. Arthur Guimarães por occasião de ser sepultado o saudosissimo consocio, sr. desembargador Sousa Pitanga.

O SR. PRESIDENTE diz que, estando presente o socio sr. Eurico de Góes, delegado geral da Commissão directora do Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil e que acaba de percorrer, a expensas proprias, em serviço do mesmo Diccionario, os Estados de Goiaz, Matto Grosso,

S. Paulo, Paraná, Sancta Catharina e Rio Grande do Sul, agradece em nome do Instituto o interesse que o mesmo consocio tem tomado pelo notavel e patriotico emprehendimento.

O SR. MARECHAL THAUMATURGO DE AZEVEDO communica que a commissão nomeada para visitar o tumulo do marquez de Paranaguá deu desempenho ao seu mandato.

Egual communicação fez o SR. FLEIUSS, com relação ao visconde de Ouro Preto e barão do Rio-Branco.

Tem em seguida a palavra o SR. AGENOR DE ROURE, que lê o estudo que fez sôbre um alvará do principe d. João, datado de 28 de Abril de 1809.

EM TORNO DE UM ALVARA' PROTECCIONISTA

(Factos da Historia economica do Brasil)

Indicado por quem de direito para ler hoje, na primeira sessão que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro celebra este anno, um trabalho sôbre a Historia Patria, eu não devia, ainda que o preferisse, fugir ao assumpto que a data estava indicando.

Ha cento e dez annos baixou o principe regente d. João o alvará de 28 de Abril de 1809, complemento e consequencia logica dos actos de 1808, em virtude dos quaes os portos do Brasil foram abertos ao commércio extrangeiro e a liberdade de indústria começou a encontrar apoio nas leis. O regime de portos fechados, que mais convinha á metropole, atrophiava o commércio e atrazava o desenvolvimento economico do Brasil colonial.

Não era licito que ainda prevalecessem as idéas e doutrinas constantes das cartas que Philippe III de Hispanha e II de Portugal escreveu em 1606 ao vice-rei das Indias, accompanhadas de cópias authenticas das leis prohibindo o commércio de extrangeiros nos dominios ultramarinos; leis que deviam ser executadas «*sem excepção de pessoa de qualquer qualidade, edade e condição que fosse, e sem duvida nem replica alguma, procedendo-se na execução e cumprimento della, sem se admittirem embargos, appellações nem aggravos em contrario, de qualquer maneira, sorte e qualidade que fossem*». Os extrangeiros contra os quaes agia o rei eram

italianos, francezes, allemães e flamengos, dos quaes a maior parte fôra ter ás Indias através a Persia e a Turquia. O soberano iberico visava mais directamente os hollandezes, resultando d'ahi a campanha de Hugo de Groot (Grotius), auctor do *Mare Liberum*, em favor da liberdade de navegação, por entender que o mar estava incluido no número das cousas que não fazem parte do commércio, isto é, daquellas que não podem vir a ser propriedades privadas e que não podem estar comprehendidas no territorio de uma nação. A abertura dos portos do Brasil por d. João VI valia pela liberdade do commércio e da navegação. O alvará de 1809, que hoje venho recordar, para louvar e considerar como um dos pontos culminantes da nossa Historia economica, representou, na data de seu apparecimento, um grande passo para o desenvolvimento da producção e da riqueza do Brasil, si não pelos resultados materiaes immediatos, ao menos pela sua alta significação moral. Si o commércio deixára de ser um monopolio da metropole, desde o alvará de 28 de Janeiro de 1808, era natural que o principe regente, um anno depois, a 28 de Abril de 1809, adoptasse as medidas complementares para a protecção ás industrias, para o fomento da producção, para o progresso economico da colonia, que assim poude passar a Principado, a Reino e a Imperio independente.

Está claro que a metropole não podia ver com sympathia essa rapida evolução economica do Brasil. D. João VI, então principe regente, decretando a abertura dos portos, com a liberdade de commércio e de indústria, ainda prejudicou a metropole assignando o tractado de 19 de Fevereiro de 1810, pelo qual as mercadorias inglezas passaram a pagar 15 % *ad-valorem*, quando as portuguezas pagavam 16 % e as das outras nações 24 %. O barão de Loreto, no seu excellente estudo sôbre a Independencia, fallando da attitude das Côrtes de Lisboa, disse: «*Causavam ciume a Portugal as vantagens concedidas ao nosso paiz pelo decreto de Janeiro de 1808, o qual, franqueando os portos brasileiros ao trafego das nações amigas, serviu de prologo á historia das nossas liberdades. Desde o começo haviam as Côrtes articulado este facto entre as causas principaes do abatimento da mãe patria, e no primeiro ensejo cuidaram de restaurar o monopolio, á cuja*

sombra o commercio portuguez se havia outr'ora locupletado á nossa custa. Sob pretexto, pois, de regular as relações commerciaes entre Portugal e o Brasil, um projecto, offerecido na sessão de 5 de Março de 1822, prohibia a importação de certos productos de agricultura similares dos dous paizes nos respectivos portos; quanto a outros productos agricolas, aos industriaes e á exportação por navios extrangeiros, estabelecia restricções desastrosas ao nosso commercio internacional».

O proprio d. João VI, na exposição do alvará de 28 de Abril de 1809, reconhecêra que das medidas liberaes decretadas em favor do desenvolvimento economico do Brasil podia resultar «alguma diminuição no reino de Portugal», mas que «com a serie e andar dos tempos a grandeza do mercado e os effeitos de liberdade do commércio haviam de compensar com vantagem algum prejuizo ou diminuição que ao principio pudessem soffrer alguns ramos de manufacturas». Tendo decretado a liberdade de commércio, adoptou tambem, com excellente criterio, o programma de proteccionismo, de modo a facilitar a creação de indústrias no paiz: isentou de impostos de importação as materias primas destinadas ás manufacturas do paiz, mas isentando tambem do imposto de exportação, quer para o extrangeiro, quer para Portugal e seus dominios todas as manufacturas de producção nacional. Ainda mais: isentou de direitos a que porventura fôssem obrigados, todos os fabricantes que comprassem generos e producções de origem nacional; ordenou a acquisição de manufacturas nacionaes para o fardamento das tropas e outros mistéres e o auxilio ás fábricas que o necessitassem; reconheceu os privilegios de invenção, e facilitou a construcção naval.

Podeis já avaliar, meus prezados mestres e amigos, a alta significação do alvará de 1809, que tem a data de hoje — 28 de Abril. D. João VI, abolindo o monopolio de navegação da metropole e decretando a liberdade de commércio, cogitou logo, e muito sábiamente, de preparar a nossa emancipação economica — problema este que ainda hoje preoccupa os nossos estadistas. O dr. Sylvio Ferreira Rangel, na memoria que apresentou ao Primeiro Congresso de Historia Nacional, reunido por iniciativa dêste Instituto, achou digna de nota

«a comparação entre o espirito liberal que, ha um seculo, inspirava os estadistas, no tocante a medidas protectoras do desenvolvimento das forças productoras da Nação, e o que hoje domina os nossos economistas, intolerantes pregoeiros do proteccionismo economico, que impõem á massa inteira da população fortes e insupportaveis tributos, para permittir-se a vida á industria cuja prosperidade cresce com a anemia das forças daquella».

Que d. João VI não queria proteger e crear indústrias ficticias, temos a prova num outro documento por elle firmado em 1810, para dar explicações ao povo que protestava contra o tractado commercial com a Inglaterra, tractado pelo qual as mercadorias inglezas passaram a pagar impostos aduaneiros menos pesados do que os cobrados sobre as proprias mercadorias portuguezas. Disse então d. João VI: *«Não cuideis que a introducção das manufacturas britannicas haja de prejudicar a vossa industria. E' hoje verdade demonstrada que toda manufactura que nada paga pelas materias primas que emprega e que tem fóra parte disso os 15 % dos direitos das alfandegas a seu favor, só se não sustenta quando, ou o paiz não é proprio para ella, ou quando ainda não tem aquella accumulação de cabedaes que exige o estabelecimento de uma semelhante manufactura».* Tendo decretado em 1809 a isenção de direitos para as materias primas importadas e para os productos exportados, d. João VI não pensou em proteger a indústria nacional gravando desde logo o consumidor com o augmento do imposto sôbre as manufacturas extrangeiras. Acceitou, ao contrário, a reducção de 24 % para 15 % sôbre a importação dos productos inglezes, julgando não merecer protecção a indústria nacional que não pudesse concorrer com a extrangeira, estando esta gravada com 15 % e gosando aquella de isenção de impostos. E accrescentou, no manifesto de 7 de Março de 1810: *« O emprego dos vossos cabedaes é, por agora, justamente applicado na cultura das vossas terras, no melhoramento das vossas vinhas, na bem entendida manufactura do azeite, na cultura dos prados artificiaes, na producção das melhores lãs, na cultura das amoreiras e producção das sedas, que já vos mostrei, pelos meus esforços paternaes, serem*

comparaveis ás melhores da Europa; successivamente depois ireis adiantando as manufacturas que nunca até aqui no Reino apezar dos gloriosos esforços dos senhores reis meus predecessores, prosperaram ao ponto que deviam pelo systema restricto, que se adoptou, e então conhecereis que esta industria, na apparencia tardia, é a unica solida, é a que tem fortes raizes, e que, progredindo pelos devidos passos intermediaes, chega a maior auge e lança então aquelles luminosos raios que ferem os olhos do vulgo e que ainda a homens de superiores luzes fizeram crêr que as manufacturas eram tudo, e que para conseguil-as, o sacrificio da mesma agricultura era util e conveniente. Para fazer que os vossos cabedaes achem util emprego na agricultura e que assim se organize o systema da vossa futura prosperidade, tenho dado ordens aos governadores do Reino para que se occupem dos meios com que se poderão fixar os dizimos, afim de que as terras não soffram um gravame intoleravel, etc.».

Era um eloquente appêllo em favor da agricultura e contrário á tendencia para as indústrias ficticias em um paiz essencialmente agricola. Tivessem-no ouvido e não estariamos hoje occupados ainda, passados mais de cem annos, em prégar o «rumo ao campo!» para a intensificação da lavoura. Gastámos um seculo em procurar crear indústrias manufactureiras e em sobrecarregar de impostos os productos extrangeiros, encarecendo a vida com esse proteccionismo que d. João VI condemnava no seu manifesto. «*A diminuição dos direitos das alfandegas ha de produzir uma grande entrada de manufacturas estrangeiras; mas quem vende muito tambem necessariamente compra muito; e para ter um grande commercio de exportação, é necessario tambem permittir uma grande importação; e a experiencia vos fará vêr que agmentando-se a vossa agricultura, não hão de arruinar-se as vossas manufacturas na sua totalidade; e si alguma houver que se abandone, podeis estar certo que é uma prova que esta manufactura não tinha bases solidas, nem dava uma vantagem real ao Estado.*»

Outra não podia ser a orientação de um chefe de Estado no Brasil de 1808. Outro não devia ser o programma de um

estadista do Brasil contemporaneo. Aos povoadores dêste nosso immenso paiz estava de antemão traçado o caminho da Agricultura. Os descobridores de terras novas e de novos mundos, dizem os historiadores, andavam á cata de especiarias e de ouro ou prata. Procurando descobrir o caminho das Indias para incremento do commércio de especiarias, descobriram o Novo Continente ou as duas Americas e abandonaram a ideia de exportar drogas aromaticas e condimentares, porque outra cousa não eram as especiarias sinão — *cravo, canella, pimenta e drogas salutiferas e prestantes*, como disse Camões. E' que encontraram, para o commércio, cousas mais lucrativas.

No Mexico, os aventureiros hispanhoes verificaram que o commércio se fazia por meio de permutas ou de moedas de differentes valores: *Los principales*, disse Barros Araña, *eran tubos de plumas de aves llenas de polvo de oro, pedazos de estaño em forma de una T i saquillos de cacáo que contenian determinado número de granos*. Acreditavam estar nas Indias, mas sem mais cuidarem do cravo e da canella. Escravizaram os indios, crearam o systema de *repartimiento* das terras e exploraram as minas á custa dos infelizes naturaes. Bartholomeu de Las Casas perdeu o seu tempo tentando libertar os indios e substitui-los por escravos comprados na Africa ou por agricultores livres contractados na Hispanha. Por falta de trabalhadores que quizessem seguir para as Antilhas e para o Mexico e America Central, o plano de Las Casas foi abandonado, e só os aventureiros em busca do ouro continuaram a povoar o Novo Mundo, dentro do regime do *repartimiento* e da escravidão dos indios.

No Perú, a gente do cruel Pizarro, anniquillando o Imperio dos Incas, afogou Huascar e aprisionou Atahualpa. Este propôz, para o proprio resgate, como rei dos Incas, *encher de ouro o aposento em que se achava até a altura em que chegasse a sua mão, estendido o braço para o alto e ficando elle em pontas dos pés, assim como encher de prata os dous quartos contiguos*. O aposento tinha 22 pés de comprimento e 17 de largura. A mão do inca alcançára a altura de nove pés, traçando-se na parede uma risca colorida. Pizarro acceitou

a proposta e o contracto foi lavrado por escrivão, com as formalidades legaes usadas entre os Europeus. Algum tempo depois, tendo Atahualpa demonstrado que podia cumprir a promessa, pois que havia já reunido em Catamarca grande quantidade de ouro, Pizarro não esperou que o cobiçado depósito attingisse a linha marcada e repartiu o ouro com a sua gente. O valente inca teve como paga... a fogueira !

Não se podia, pois esperar que os Hispanhoes do Perú se atirassem á Agricultura, havendo alli tanto ouro !

Mas, com os Portuguezes que descobriram o Brasil, o caso foi muito differente. Ao pisarem terra firme, nem encontraram *aztecas* usando ouro em pó em tubos de penas de aves como moeda, nem receberam propostas de *encher... o olho,* enchendo aposentos de ouro e prata. Varnhagen, citado no folheto *Armada de d. Nuno Manuel,* transcreve trecho da narrativa de um navegante que dizia : «... *navegamos tanto que nos achamos muito engolfados na terra de Vera Cruz ou Brasil, descoberta alguns annos antes por Americo Vespucio, da qual se tira grande quantidade de canna-fistula e de páo brasil e não achamos mais nada de valor* ». Esse pouco caso pelas riquezas do nosso paiz não se explica ! Si os aventureiros e navegantes andavam á procura do caminho das Indias por causa das especiarias, não deviam ligar pouca importancia a uma planta medicinal e a uma arvore capaz de dar boa tinta !

Este chronista de viagens nada mais achou de valor em terras do Brasil. O auctor do primeiro capítulo da Historia patria, que foi Pero Vaz Caminha, companheiro de Cabral, disse cousa não muito differente.

No primeiro commércio da gente de Pedro Alvares com os indios brasileiros não entrou ouro algum: os « *dezoito ou vinte homens pardos todos nús, sem nenhuma cousa que lhes cobrisse as vergonhas* », trocaram « *um sombreiro de pennas de aves compridas, com uma copasinha pequena de pennas vermelhas e pardas como as do papagaio ; e um ramal grande de continhas brancas miudas que queriam parecer de aljaveira* », por um barrete vermelho, uma carapuça de linho e um chapéo preto. Eram indios simplorios. Levados para bordo,

tiveram medo de uma gallinha que lhes foi mostrada. Nem todos se apresentaram sem « tapar as suas vergonhas ». Alguns de entre elles constituiam o grupo dos elegantes da terra — uma especie dos *trezentos de Gedeão* da Avenida Central.

Pero Vaz Caminha referiu-se a um « *que era já de dias e andava todo paralouçainha, cheio de pennas pregadas pelo corpo que parecia assetado como S. Sebastião* ». De uma india, disse o chronista da expedição que era moça e « *toda tinta, de fundo acima, d'aquella tintura, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda...* » De outra, que tinha « *uma mancha do joelho até o quadril e nadega, toda tinta d'aquella tintura preta e o al todo de sua propria côr* ».

O barulho do mar na arrebentação foi a desculpa que encontraram os Portuguezes desta expedição para não se entenderem com os indios. Mas, Pero Vaz confessou que haviam estado a fallar com um já velhote « *sem nunca ninguem o entender nem elle a nós, quanta cousa lhe houveramos perguntado do ouro que nós desejaramos saber si o havia na terra* ». Observou o chronista, porém, que taes indios não lavravam a terra nem criavam, não havendo no local um só boi, vacca ou ovelha « *nem outra nem uma alimária que costumada seja ao viver dos homens* », que só comiam inhame, semente e fructos « *que a terra e as arvores de si lançam, e com isto andavam taes e tão rijos e nédios que o não somos nos tanto com quanto trigo e legumes comemos* ».

Como se vê, pelas primeiras narrativas feitas, os descobridores do Brasil nem encontraram ouro nem signal qualquer de cultivo da terra.

R. Southey affirmou, na sua Historia do Brasil, que a gente de Americo Vespucio, chegada a estas plagas em 1501, havia achado « muito bello o paiz e abundante de quanto podia desejar o coração humano: a brilhante plumagem das aves deleitava os olhos dos Europeus; exhalavam as arvores inexprimiveis fragrancias, distillando tantas gommas e sumos, que se entendeu que, bem conhecidas todas as virtudes dessas plantas, nada impediria o homem de gozar de vigorosa saude até a extrema velhice ». Acreditava elle que, si o Paraizo terrestre existia em alguma parte, não podia ser longe do logar em que fundearam as caravellas de Cabral.

Apesar de tudo isto, e como prova de que só ouro e especiarias attrahiam os Portuguezes e Hispanhoes ao Novo Mundo, Southey accrescentou: « *Não encontrando, porém, metaes preciosos, que eram objecto principal de suas esperanças, chegados a 32° de lat. sul, concordaram os navegantes em deixar a costa e fazer-se na volta ao mar* ».

A segunda viagem de Vespucio, em 1503, ainda nada revelára de extraordinario, embora ficasse installada a primeira colonia. « *Nenhum ouro se encontrara, nem a terra produzia artigos de commércio que pudessem parecer dignos da consideração de um governo cujos cofres regorgitavam do producto do trafico das especiarias e das riquezas das minas africanas.* » Entretanto, o carregamento de páo brasil que Vespucio levára, tentou alguns aventureiros particulares, tornando-se este commércio conhecido a poncto de ser mudado para o Brasil o nome de Terra de Sancta Cruz. *Tambem se levaram ao Reino,* diz Southey, *macacos e papagaios para as senhoras !*

Estamos accompanhando a evolução economica do Brasil: indios que não commerciavam sinão trocando pennas, flechas e arcos por chapéos e carapuças; navegantes que apenas tinham visto canna-fistula e páo brasil, affirmando nada mais haver que prestasse; início da éxportação do páo brasil, além de alguns papagaios e macacos para as senhoras ! O programma economico de 1503 ainda não era de « rumo ao campo ! » mas de « rumo ao matto ! »

Em 1508, passando pelo Brasil, Magalhães, para não ser tido como contrabandista a serviço da Hispanha, limitou-se a obter provisões e conseguiu trocar *nove aves* por um *rei de páos* ou « *qualquer dos seus pintados companheiros* ». Reconhecia-se, já então, em Portugal, que o Brasil devia ser essencialmente agricola. E' Southey quem o affirma: « *Mas o governo portuguez todo absorvido pelos negocios da India, pouco pensava em um paiz em que todos os beneficios que se colhessem deveriam provir da agricultura e não do commercio com os naturaes; e commercio era o que elle buscava com a mesma ancia com que os hispanhoes buscavam o ouro. Deixou-se o Brazil aberto como terreno maninho durante 30 annos...* » Havia até a tradição popular de que d. Manuel,

para não prejudicar o commércio da India, « *mandára arrancar no Brasil todas as plantas de especiaria, escapando apenas o gengibre por estar debaixo da terra* ».

Com a fundação da Capitania de S. Vicente, Martim Affonso introduziu no paiz a Agricultura, plantando trigo e cevada; mas, em tão pequena quantidade que apenas dava para « *gulodices e hostias* ». A primeira indústria brasileira foi tambem introduzida em S. Vicente por Martim Affonso. Estava bem no caso dos que mereceram um dia a protecção de d. João VI: fundou-se a primeira fábrica de marmelada, que era vendida para as outras capitanias (Southey, vol. I, pag. 65). Não foi só isso ! S. Vicente tinha de ser o S. Paulo do futuro: encontravam alli ostras tão grandes que as suas conchas serviam de pratos e em uma dellas lavaram os pés ao bispo da Bahia quando de visita áquella capitania !

Iniciada a vida agricola no paiz, um fidalgo portuguez de nome Jorge de Meneses, degredado para o Brasil, por haver practicado atrocidades nas Moluccas, veio accompanhado de outros explorar a Capitania do Espirito Sancto, doada a Vasco Fernandes Coutinho. Fundaram Victoria, plantaram canna e estabeleceram quatro engenhos de assucar. Foi a nossa primeira lavoura de canna, em 1508. A segunda plantação foi feita em 1531, na Bahia, onde funccionaram oito ou nove engenhos de assucar.

Em 1541, os Hispanhoes, subindo o Rio da Prata, encontraram nas provincias do sul do Brasil os indios guaranis, em cujo aldeiamento foram providos de aves, mel, batatas, milho e farinha feita de pinheiro, alimento este novo para elles. Por ahi se verifica que havia no paiz uma raça de indios agricultores, cultivando a batata e o milho. Na primeira história do Brasil, de Pero de Magalhães de Gandavo, publicada em 1576, encontra-se a referencia a uma « *planta e raiz de que os moradores fazem seus mantimentos que lá comem em logar de pão* ». Tracta-se da mandioca, que os naturaes plantavam em estacas, « *nascendo de cada estaca tres ou quatro raizes e dahi para cima, as quaes põem nove ou dez mezes em se criar, ficando compridas e revoltas da feição de corno de boi e podendo ficar cinco ou seis mezes debaixo da terra sem se damnarem* ».

As indias se encarregavam de expremer a mandioca e seccar a farinha ao fogo, obtendo assim o alimento que é muito nosso desde seculos e que a guerra desencadeada pela Allemanha obrigou a Europa a acceitar e ingerir como *menos selvagem*. Já vai assim ficando demonstrado que certas tribus de indios, vivendo no interior e não podendo viver da pesca, faziam Agricultura; e que o europeu, desanimado de encontrar ouro, atirou-se á lavoura e plantou trigo, cevada e canna de assucar. Gandavo, o nosso primeiro historiador, accrescentava haver ainda na terra brasileira « muito milho zaburro de que se faz pão muito alvo, e muito arroz e muitas favas de differentes castas e outros muitos legumes que abastam muito a terra ». Referiu-se tambem a uma planta « *muy tenra e nam muito alta; nam tem ramos senam humas folhas que serão seis ou sete palmos de comprido. A fruita della, se chama « bananas » e parecem-se na feição com pepinos e criam-se em cachos. Esta fruita é muy saborosa e das boas que ha na terra; tem uma pelle como de figo (ainda que mais dura), a qual lhe lançam fóra quando a querem comer; mas faz dano á saude e causa febre á quem se desmanda nella* ». Vinda de S. Thomé, a banana era já cultivada no Brasil, quando, em 1576, Gandavo publicou a sua « Historia da Provincia de Sancta Cruz ».

Mais ainda: « *Outra fruita ha nesta terra muito melhor e mais prezada dos moradores de todas, que se cria em uma planta humilde junto do chão; a qual planta tem umas pencas como de herva babosa. A esta fruita chamam ananazes e nacem como alcachofres, os quaes parecem naturalmente pinhas e sam do mesmo tamanho e alguns maiores. Depois que sam maduros têm um cheiro muy suave e comem-se aparados feitos em talhadas. Sam tão saborosos que a juizo de todos nam ha fruita n'este Reino que no gosto lhe faça ventagem e assim fazem os moradores por elles mais e os tem em maior estima que outro nenhum pomo que haja na terra* ».

Gandavo falla ainda dos cajús, com feição de « *peros repinaldos e muito amarellos* », comendo-se « *pela calma, pera refrescar* »; e outras muitas fructas que serviam de sustento ás pessoas que se achavam pela terra dentro e que dellas se alimentavam muitos dias sem mantimento algum. Nessa

épocha, Pernambuco tinha já trinta engenhos de assucar e Bahia outros tantos. No Norte dava « *infinito algodam, mais sem comparaçam que nas capitanias do sul* ». Registemos, para a prova de que o rumo brasileiro devia ser o agricola, que antes de 1576, as riquezas do paiz, enumeradas pelos historiadores não eram as das minas nem as das materias primas para as manufacturas, encontrando-se exclusivamente nas plantas nativas e nas cultivadas com franco successo. Na Capitania de *Pernambuco* (como disse Gandavo) descobriram os Portuguezes um certo genero de arvores, pelo matto dentro, com nome indigena, de « copahibas », das quaes se tirava um « *balsamo muy salutifero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente das que procedem de frialdade. Pera feridas ou quaesquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quaes tanto que com elle lhe acodem, sáram muy depressa e tira os signaes de maneira, que de maravilha se enxerga onde estiveram e n'isto faz ventagem a todas as outras medicinas. Este oleo nam se acha todo o anno perfeitamente nestas arvores, nem procuram ir buscal-o senam no estio que he o tempo em que assignaladamente o criam. E quando querem tiral-o dam certos golpes ou furos no tronco delles pelos quaes pouco a pouco estam distillando do amago este licor precioso. Porém nam se acha em todas estas arvores senam em algumas a que por este respeito dão o nome de femea e as outras que carecem delle chamam machos, e nisto somente se conhece a differença destes dous generos que na proporçam e melhança nam deffere nada humas das outras. As mais dellas se acham roçadas dos animaes, que per instinto natural quando se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remedio de suas enfermidades* ».

De outra arvore, chamada caborahiba tirava-se tambem um balsamo, « *cheirando suavissimamente e que era vendido por muito bom preço* ». Para o Sul, em S. Vicente, certa arvore á qual os indios denominavam « *obirá paramaçaci* », significando « *páo para enfermidades* », fornecia leite do qual, sómente com trez gotas « *purgava uma pessoa por baixo e por cima grandemente* ». Quem tomasse quantidade de uma casca de noz « *morreria sem nenhuma remissam* ». Causou grande

espanto a Gandavo uma planta á qual chamou « herva viva »: « *Quando alguem lhe toca com as mãos ou com qualquer outra cousa que seja, naquelle momento se encolhe e murcha de maneira que parece creatura sensitiva que se anoja e recebe escandalo com aquelle tocamento. E depois que assossega, como cousa já esquecida deste aggravo, torna logo pouco a pouco a estender-se até ficar outra vez tam robusta e verde como dantes. Esta planta deve ter alguma virtude, muy grande, a nós incoberto, cujo effecto nam será pela ventura de menos admiraçam. Porque sabemos de todas as hervas que Deus criou, ter cada huma particular virtude com que fizessem diversas operações naquellas cousas pera cuja utilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quiz assinalar dandole um tam estranho ser, e differente de todas as outras* ».

Referia-se o historiador a essa planta da familia das Mimoseas, á qual a nossa gente deu depois o nome de « *malicia de mulher* » ou *sensitiva*. Nenhuma utilidade lhe foi ainda encontrada e nisto enganou-se Gandavo redondamente.

Tudo está mostrando que o Brasil devia ser um paiz essencialmente agricola e não industrial, tal qual queria d. João VI nos seus actos de 1808 em deante : a chamada Provincia de Sancta Cruz era « *fertil e abastada de todo los mantimentos necessarios para à vida do homem* » mas os seus povoadores não desanimavam de encontrar ouro, deante das informações dadas pelos indios, que, em troca de ferramentas, lhes enviavam « *certas rodellas todas chapadas de ouro e esmaltadas de esmeraldas* ». Esses indios habitavam o sertão longinquo, em povoações « *muy grandes e de muitos visinhos, os quaes possuiam tanta riqueza que affirmavam haver ruas muy compridas entre elles, nas quaes se nam fazia outra coisa senam lavar peças d'ouro e pedrarias* ». Assim como a certeza em que estavam de não haver ouro no Brasil levou os colonos ao cultivo da terra, assim tambem as noticias da existencia do ouro reduziu enormemente o desenvolvimento agricola do paiz, principalmente na Capitania de S. Vicente, onde os bandeirantes se internaram pelos sertões em busca do precioso metal. Para o Norte, nas capitanias de Itamaracá, Pernambuco, Bahia, Ilhéos, Porto Seguro e Espirito Sancto,

os degredados e os judeus deportados pela metropole continuaram a cultivar a terra, plantando canna e algodão e obtendo bons resultados. A Agricultura se desenvolvia e a pecuaria começava a dar resultados. O Brasil já estava exportando mais do que importava, antes do primeiro centenario de sua descoberta. Em 1580, conta o dr. Sylvio Rangel, a capital da Bahia, séde do Governo geral, tinha 10 mil habitantes, 36 engenhos de assucar, varios outros estabelecimentos agrarios e ricas coudelarias : « a importante cidade, a mais rica da colonia, ostentou não só fartos recursos compativeis com a civilização, como até luxo e riqueza ».

O desenvolvimento agricola foi interrompido pelas guerras contra os invasores inglezes, francezes e hollandezes. Repellidos, porém, os invasores, o trabalho da lavoura augmentou de novo : ao algodão e á canna vieram junctar-se o cacáo e o fumo. Cessou a prohibição do commércio de especiarias. Fundaram-se fazendas de criação ao Norte. Mas... foram descobertas as minas de ouro pelos bandeirantes paulistas, de modo que a prosperidade desta parte do paiz dependeu, por mais de um seculo, da extracção do ouro, com abandono da Agricultura.

De 1700 até a Independencia, mais de 52 mil arrobas de ouro foram arrancadas aos sertões brasileiros, rendendo o « quinto » mais de 152 mil contos para a Corôa, ou uma média annual de 1.379:244$820, segundo o dr. Sylvio Rangel. Si, naquelles 120 annos a quantidade total do ouro extrahido foi de 52 mil arrobas ou 780.000 kilos, temos a média de 6.500 kilos por anno. Pois bem, nos ultimos tempos, antes da prohibição de exportação, antes e depois da guerra européa, a remessa de ouro nativo para o extrangeiro não chegou a cinco mil kilos por anno, conforme se verifica á pag. 110 da Mensagem Presidencial de 1918. Demonstrado fica que a ambição do ouro, entorpecendo o desenvolvimento da Agricultura por muitos annos, não podia fazer e não fez a riqueza do Brasil, que só podia estar na exploração dos campos, nas culturas, nas fazendas de criação.

Não é favor dizer que d. João VI, então principe regente, apenas chegado ao Brasil, comprehendeu a situação e deu providencias acertadissimas no sentido de bem encaminhar

o progresso economico do Brasil por meio de uma protecção razoavel á indústria nacional, mas sempre tendo em vista a circunstancia de sermos um paiz essencialmente agricola, historicamente agricola, no qual as tentativas de progresso em materia de manufacturas, com prejuizo da Agricultura representavam má orientação economica. O café, introduzido no Brasil antes da Independencia, figurava na exportação de 1822 com 152.048 saccos de cinco arrobas subindo a 448 mil saccos em 1831, a mais de um milhão de saccos em 1841, a quasi trez milhões de saccos em 1871. A exportação do café é ultimamente superior à 10 milhões de saccos de 60 kilos Em cem annos cresceu a exportação do café de 760.210 kilos para 600 milhões de kilos. O melhor ouro do Brasil está nos cafezaes e não nas minas.

Resumindo: para a nossa exportação actual, os productos da Agricultura ou da lavoura entram com 1.300.000 toneladas, valendo quasi 900 mil contos: a Pecuaria, com 130.000 toneladas, valendo 175 mil contos; os mineraes, com 536.000 toneladas, menos de 73.000 contos de réis. Donde se conclue que a exportação agricola é de valor maior do que o triplo da exportação de productos das minas e da indústria pecuaria reunidas. Mas, como as fazendas de criação estão dentro do programma de «rumo ao campo!» prégado por d. João VI nos seus alvarás, temos que, do milhão de contos da nossa exportação, só 73 mil contos nos vêm dos mineraes e seus productos e nem um vintem dos productos das grandes fábricas existentes nas cidades e fartamente garantidas pelas nossas leis proteccionistas, que trouxeram, como resultado, apenas o encarecimento da vida!

Parece justificada a homenagem ao alvará de 1809, que tem a data de hoje. O principe d. João, que logo ao chegar ao Brasil decretou a abertura dos portos, creou ainda no Rio de Janeiro uma cadeira de sciencia economica, confiando-a a José da Silva Lisboa, que havia «*dado provas de ser muito habil para o ensino daquella sciencia, sem a qual se caminha ás cegas e com passos muito lentos e ás vezes contrarios nas materias do Governo*».

Assim como não havia liberdade de commércio inter-

nacional, tambem o commércio interno ambulante era prohibido e foi permittido. Decretada a liberdade de commércio, restavam as restricções quasi prohibitivas do estabelecimento de fábricas e manufacturas, impostos em beneficio da metropole. Essas restricções foram abolidas em 1808, desde logo revelando o principe o proposito de proteger principalmente as indústrías ligadas á Agricultura — « *as industrias que multiplicam e melhoram e dão mais valor aos generos e productos da agricultura e das artes* ».

O decreto de 22 de Junho de 1808, confirmando sesmarias, baseou-se na necessidade, entre outras, do augmento da agricultura. Si por vezes, precisando de dinheiro « para sustentar a integridade e o decoro da Corôa », isto é, para manter as centenas de pessoas da Côrte que o accompanharam ao Brasil, o principe contrariou as boas regras dessa sciencia economica que tanto preconizava, fê-lo com geito e com desculpas baseadas nos seus grandes actos liberaes anteriores, como aconteceu com o decreto que creou o imposto de 600 réis por arroba de algodão exportado, em 1808. A regra, na sua conducta, era, porém, a isenção de direitos para os productos nacionaes exportados, como foi providenciado no alvará cuja data hoje se commemora e nas instrucções de 2 de Janeiro de 1809 aos governadores de Portugal e dos Algarves. Nestas instrucções, o principe regente recommendava: «... 3°, total suppressão de direitos nos generos, productos e manufacturas do Reino, que todos se deviam exportar livres de direitos; 4°, isenção de direitos nos generos do Brasil que se importarem para se reexportarem ». E accrescentava: « Estas isenções, que apparentemente diminuirão a renda real e publica, em breves annos a farão crescer ».

A politica de d. João não foi seguida, resultando que os impostos de exportação, que elle condemnava já em 1809, constituem hoje a renda principal dos Estados da Federação Brasileira. Tivemos, é facto, estadistas do Imperio e da Republica que sempre condemnaram estes impostos e constantemente defenderam a politica economica prégada no alvará de 1809. No periodo da Regencia, o Parlamento votou a abolição dos direitos de exportação sôbre assucar, algodão, carne sêcca, azeite, aguardente e couros; mas, em regra para os

outros productos, os 2 % sôbre a exportação foram elevados a 7 %, cabendo, pela discriminação feita, á União. Em 1843, o ministro queria que os generos extrangeiros com similares no paiz pagassem 50 % e 60 %, contemplados com eguaes direitos os generos ou mercadorias *que começavam a ser produzidos no Imperio ou cuja producção pudesse ser naturalizada pela abundancia das materias primas.* Começava a ser contrariada a politica dos alvarás de 1808 e 1809, pela qual só eram dignas de protecção as indústrias que pudessem competir com as extrangeiras sem novo gravame do imposto de importação, isto é, as indústrias que vivessem com as facilidades da isenção de direitos para a materia prima e do imposto já cobrado sôbre as similares extrangeiras, sem novos *onus* que recaïriam sôbre o contribuinte. Em 1846, Alves Branco defendeu o proteccionismo resultante do methodo de gravar a importação. Infelizmente, fez eschola. Infelizmente a nova eschola derrubou o plano do principe regente, apesar da defesa de estadistas exclarecidos como Rodrigues Torres, que em 1849 acreditava na decadencia da indústria agricola e que, por isso, « *não vacillava em aconselhar a suppressão dos direitos de exportação, embora constituindo verba importante de receita* ». Esperava que tal suppressão não comprometteria o estado do Thesouro e que animada a exportação, avultaria a importação. Em 1852, insistia pela suppressão e conseguiu obter a reducção de 7 % para 5 % e depois para 2 %. Em 1859, Salles Torres Homem desculpava-se por não poder propôr a abolição completa dos direitos de exportação (dos 2 %), allegando que eram necessarios á colonização e vias de transportes, *que eram beneficios directos feitos á lavoura.* Supprimidos os 2 %, já em 1860, Angelo da Silva Ferraz reclamava o seu restabelecimento. Em 1863, o marquez de Abrantes pedia a conservação dos 2 %. Em 1869, o visconde de Itaborahi (Rodrigues Torres) continuava a pensar, passados vinte annos, que os impostos pesados, longe de serem uteis « atacavam as fontes de producção e agourentavam, em vez de augmentarem, os recursos do Estado »; mas era forçado a pedir a aggravação dos de importação, poupando ainda a exportação e lembrando a abolição dos direitos de reexportação. Em 1872, o visconde do Rio-Branco

fallava nos « *erros e abusos que a febre industrial tinha originado* ». Em 1874, recebia elle reclamações de lavradores em favor da abolição do imposto de exportação. Em 1882, Martinho Campos propunha a reducção do imposto sôbre o café exportado. Em 1883, o visconde de Paranaguá chamava a attenção do parlamento para a diminuição de receita resultante da reducção nos direitos de exportação de alguns generos; mas reconhecia que « a situação dos productos em que se firmava o commércio de exportação podia e devia melhorar com o desenvolvimento dos engenhos centraes, vias-ferreas e novos mercados consumidores do café ». Em 1886, Francisco Belizario alludiu ao facto dos impostos de exportação serem aggravados por addicionaes decretados pelas provincias, sem condemnar o systema e antes querendo generalizá-lo. Finalmente, em 1889, o visconde de Ouro-Preto, expondo á Camara o seu programma de govêrno e as suas idéas liberaes sobre a temporariedade do Senado, a plena autonomia das provincias e municipios, e o alargamento do direito do voto, a liberdade do ensino e seu aperfeiçoamento, etc., incluiu entre as providencias uteis ao paiz e de urgente necessidade — « a maxima reducção possivel dos direitos de exportação ».

Provado está que a politica economica do principe regente, que veio a ser o rei d. João VI, encontrou defensores em estadistas do Imperio; mas a necessidade de fazer dinheiro levou a maioria a pô-la sempre de lado, gravando a exportação dos productos agricolas e procurando crear indústrias ficticias com a aggravação dos impostos de importação. A politica do Imperio e da Republica, até hoje seguida, foi a opposta á que prégou d. João VI. Este queria extirpar « *o vicio radical do systema restrictivo* », isentando a exportação sem tornar quasi prohibitiva a importação; isentando a materia prima sem onerar demasiadamente o similar extrangeiro. O que se fez foi augmentar cada vez mais os direitos de exportação, prejudicando a Agricultura; e tornar quasi prohibitiva a importação de mercadorias manufacturadas, sem que a producção similar nacional bastasse para o consumo, encarecendo a vida da população.

O Governo Provisorio da Republica no projecto de Constituição que Ruy Barbosa elaborou e no qual a idéa do Brasil e da Patria não havia sido absorvida pelo « appetite desordenado e doentio » de um federalismo exaggerado, lembrára a abolição do imposto de exportação para 1898. Esse § 2º do n. 3 do art. 8º do projecto de Constituição foi supprimido do texto definitivo, com a cumplicidade e mesmo por iniciativa da commissão dos « vinte e um ». Os Estados, que já lançavam addicionaes sôbre a exportação ao tempo em que eram provincias e em que esse imposto era geral e não provincial, desde a discriminação de 1835, ficaram senhores definitivos desta fonte de renda e della estão arrancando o dinheiro necessario á manutenção de um apparelho administrativo rotineiro e carissimo. Foi isso que Carlos Peixoto Filho condemnou quando disse: — « *Serem contraproducentes os augmentos da renda publica que não coincidam com a expansão economica do paiz* » — accrescentando : — « *Cofres publicos atopetados de dinheiro fornecido por classes productoras arruinadas representam um contrasenso e uma insensatez, sendo por isso mesmo o phenomeno altamente nocivo á existencia da Nação* ».

Mais adeante, no seu parecer de 1914, sôbre a receita, o grande brasileiro, que tanta falta está fazendo á nossa politica, reproduziu, em bellas palavras, o pensamento do principe regente em 1809: — « *Com effeito, sendo a União Federal obrigada a apoiar uma fortissima percentagem das suas receitas sobre os impostos cobrados pela importação de mercadorias de procedencia extrangeira, é certo que o unico meio logico e efficiente de estabilizar e reforçar essas receitas da União consiste exactamente em estabilizar e reforçar as fontes economicas de producção do paiz, porque, ainda que de facto caiba aos Estados o proveito directo auferido do barbaro e irracional imposto sobre a exportação, não ha duvida que, sem esta, não poderá o Brasil importar do extrangeiro aquellas mercadorias e da sua entrada depende, como dissemos, uma grande parte das receitas da União. Torna-se assim evidente o interesse capital desta em augmentar e valorizar as utilidades exportaveis para o extrangeiro* ». Quer dizer que Carlos Peixoto Filho, como o principe d. João, encontrava íntima

ligação entre a exportação e a importação. Sómente o estadista republicano *queria incrementar a exportação para obter importação*, como Rodrigues Torres; ao passo que o principe sustentava que *para ter uma grande exportação era preciso permittir uma grande importação*.

O principe, legislando para a sua épocha, procurava augmentar a importação pela reducção dos impostos, para que o extrangeiro, com o producto do que vendia, comprasse aqui as utilidades exportaveis. Carlos Peixoto Filho, legislador da União, e precisando da renda aduaneira, julgava dever o Governo Federal concorrer para o incremento da producção, embora a renda da exportação pertença aos Estados, com o intuito de reforçar a importação, que dá receita á União, uma vez que só na medida do que vendemos ao extrangeiro podemos comprar ao extrangeiro. Ambos queriam a mesma cousa, porque ambos condemnavam os impostos sôbre a exportação, queriam principalmente a protecção á Agricultura e se oppunham ás taxas prohibitivas da pauta aduaneira e por quererem importação sempre crescente como meio de favorecer à producção ou como resultado da producção incrementada e favorecida pelas leis.

Poderia, senhores, citar-vos não poucos outros alvarás do principe d. João em favor da Agricultura, como base essencial do progresso economico do Brasil: ainda em 1809 o alvará de 21 de Janeiro havia concedido aos agricultores o privilegio de não serem executados na propriedade dos engenhos e lavouras de assucar; o de 25 de Janeiro confirmava as sesmarias e mandava fazer a sua medição judicial «para augmento da Agricultura e povoação dêste vastissimo Estado»; o de 15 de Julho creava contribuições para as despesas da Real Juncta de Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, entre as quaes se incluiam as de compra de machinas agricolas e transporte de sementes e plantas uteis e melhoramentos de canaes e estradas, etc. Nos annos seguintes, até o seu regresso a Portugal, em 1821, quer contractando e auxiliando a colonização extrangeira, quer mandando vir dos Açores colonos agricolas, a sua preoccupação foi sempre a de fomentar a producção da lavoura do paiz, protegendo tambem

a creação de uma indústria nacional, mas sem forçar a acceitação dos seus productos á custa do encarecimento exagerado dos similares extrangeiros.

Ha, no Brasil actual, um Estado que se exforça por abolir o imposto de exportação, tendo já conseguido em grande parte esse *desideratum*. No Rio Grande do Sul, a exportação está quasi toda livre de direitos, procurando os poderes locaes substituir a renda delles resultante pela do imposto territorial e outras menos nocivas ao progresso economico do próspero Estado. A guerra européa veio confirmar a excellencia da politica economica de d. João VI e a necessidade de continuarmos a ser, de preferencia, um paiz agricola. A nossa riqueza nunca poderá ser encontrada em fábricas que só vivam á custa de impostos prohibitivos para o producto similar no extrangeiro, reduzindo a importação. Precisamos importar muito, para que o capital extrangeiro venha favorecer a nossa exportação, como dizia o principe regente; ou precisamos exportar muito, para que os nossos capitaes disponiveis no extrangeiro favoreçam a importação, da qual vive a União, como dizia Carlos Peixoto Filho. De qualquer modo, precisamos da importação e gravamos cada vez mais a importação; precisamos exportar e oneramos dia a dia a saïda dos nossos productos para o exterior. A utopia de crear indústrias de toda especie, para que nos bastemos a nós mesmos, é uma theoria... para tempos de guerra submarina e não para épochas normaes. A civilização exige, para manter-se, o commércio internacional. Cada povo fornece o que de melhor póde produzir, indo pedir aos outros povos o que lhe faltar. Devemos cogitar de fornecer aos paizes extrangeiros todos os productos da Agricultura e da Pecuaria, todas as riquezas das nossas terras e das nossas mattas, sem a pretensão de concorrer com elles nos mercados de tecidos e outros productos de indústrias que elles têm aperfeiçoadas e que no Brasil apenas iniciam os seus primeiros passos, não produzindo siquer para o consumo interno. Reduzir a importação do similar extrangeiro é encarecer a vida sem vantagem real para a riqueza economica do paiz. A guerra, a grande guerra de 1914 a 1918, fez-nos voltar ao bom senso da politica economica de 1809. Em 1914 importavamos arroz,

extrangeiro e hoje exportámos 44.639 toneladas de arroz — resultado obtido em quatro annos — verificando-se até que no Juruá (Territorio do Acre) o arroz produz fartamente, mesmo no alto das terras firmes, no cume das colinas! Em 1914 a Europa ria-se da nossa farinha de mandioca, que era já usada pelos Botocudos indios do Brasil antes do descobrimento; e hoje, só para o altivo povo britannico, mandámos 65.322 toneladas dêsse alimento *selvagem*, valendo 28.500:000$000!

Com Carlos Peixoto Filho, estão outros parlamentares brasileiros, entre os quaes convem citar o dr. Cincinato Braga, que disse em parecer de 1915:

«Não desconhecemos que as taxas de nossas alfandegas devem ser relativamente altas, em contemplação dos interesses fiscaes do Thesouro, e em protecção á indústria nacional. Mas attenda-se: por indústria nacional não queremos significar a usina cheia de trabalhadores nacionaes; mas, sim, a usina que recebe, transforma e entrega ao consumo productos de nossas minas e de nossas lavouras, embora seus operarios sejam extrangeiros. As indústrias que por ahi estão vivendo fóra destas últimas condições são inimigos tão detestaveis do nosso progresso, quanto de nossas culturas o são os parasitas vegetaes: taes indústrias, em vez de protecção, merecem tenaz perseguição tributaria.»

O brilhante parlamentar paulista, como o seu sempre lembrado collega mineiro, defenderam assim as doutrinas economicas dos alvarás do principe regente, consubstanciados no seguinte trecho do Manifesto de 1910: «A diminuição dos direitos das alfandegas ha de produzir uma grande entrada de manufacturas extrangeiras; mas, quem vende muito, tambem necessariamente compra muito, e para ter um grande commércio de exportação, é necessario tambem permittir uma grande importação, e a experiencia vos fará ver que, augmentando-se a nossa Agricultura, não hão de arruinar-se as nossas manufacturas na sua totalidade; e si alguma houver que se abandone, podeis estar certos de que é uma prova de que esta manufactura não tinha bases solidas, nem dava uma vantagem real ao Estado».

Aos nossos estadistas do presente e aos nossos economistas do futuro, trago este salutar conselho do Passado! (*Applausos.*)

Levanta-se a sessão ás 22 ½ horas. — *Roquette Pinto,* 2º secretário.

ANNEXO

Palavras do socio benemerito, sr. Arthur Guimarães, thesoureiro do Instituto, por occasião de ser sepultado o desembargador Sousa Pitanga, no cemeterio de Maruhi (Niteroi) a 12 de Novembro de 1918.

— «O sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, incumbiu-me de dizer o último adeus ao nosso consocio desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, ao baixar o seu corpo ao tumulo.

Faço-o, pois, em nome do Instituto, dominado pelo fundo pezar de tão sensivel perda, a de um operoso e digno companheiro, que no nosso gremio só soube fazer amigos e admiradores.

O desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga entrou para o Instituto em 3 de Agosto de 1900, foi seu orador durante septe annos, passando depois a 3º vice-presidente, tendo sido elevado a 2º por occasião da morte do barão Homem de Mello.

Prestou com dedicação serviços inestimaveis ao nosso Instituto, e basta percorrer seus annaes para ver-se quão valiosa e brilhante foi a lista dêsses serviços.

Magistrado integro, cultor dedicado de nossas lettras, perlustrador illustre da nossa Ethnographia, os attestados de sua intelligencia são muitos e as orações por elle proferidas, tratando dos mortos do Instituto, mostram a erudição e o carinho que sabia pôr nos elogios entregues á sua proficiente oratoria.

Peço venia para ler um soneto dum poeta inglez traduzido pelo nosso saudoso companheiro, e por elle recitado no elogio dos nossos mortos de 1903.

E' um fecho que me parece adequado ao acto, constituindo homenagem ao morto que pranteamos:

A NOITE

Mysteriosa Noite, ao ver-te, extasiado,
Nosso Primeiro Pae, por augurio divino,
Acaso não tremeu por esse peregrino,
Glorioso docel azul e illuminado?

No translucido véo de nevoa immaculado,
Banhado dos clarões do ocaso purpurino,
Vesper surge, e após ella o banho diamantino
E a creação se ostenta ao homem fascinado!

Quem pensaria, ó sol, que em teu fóco brilhante,
Que doira a aza do insecto e a folha scintillante,
Se pudesse conter a treva ennegrecida,

Que rouba-nos ao olhar dos mundos a cohorte?
Porque, pois, tanto afan em evitar-se a morte?
Como a luz nos illude, illude-nos a vida.

SEGUNDA SESSÃO ORDINARIA, EM 24 DE MAIO DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

A's 21 horas, presentes os srs. conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Edgard Roquette Pinto, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Laudelino Freire, Basilio de Magalhães, Homero Baptista, Amaro Cavalcanti, Eurico de Góes, Agenor de Roure, Augusto Tavares de Lyra, Antonio Olintho dos Santos Pires, Pedro Souto Maior, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e João Lyra Tavares, abre-se a sessão.

O SR. ROQUETTE PINTO (*2º secretário*) lê a acta da sessão anterior, realizada a 28 de Abril, a qual é approvada por unanimidade e sem discussão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, ao iniciar os trabalhos da presente sessão, cumpre recordar a gloriosa data de 24 de Maio de 1866, uma das mais brilhantes

dos nossos fastos militares e á qual se acha indissoluvelmente ligada a figura heroica do legendario Osorio, marquez do Herval.

O SR. 2º SECRETÁRIO lê os seguintes pareceres da Commissão de Historia:

— « FUNCK-BRENTANO, fazendo a crítica da *Vie de Jeanne d'Arc* de Anatole France, reconhece no célebre escriptor francez dotes encantadores e invejaveis: — um delicioso sentimento de lingua e uma philosophia graciosa e doce. Mas, em sã consciencia, lhe recusa os talentos necessarios ao historiador.

Ha, no espirito de Afranio Peixoto alguma cousa que faz lembrar o genio de Anatole France. Escreve com facilidade, elegancia e medida; tem a ironia suave, que sorri sem magoar; e o seu scepticismo delicado é mais tolerancia do que negação. Essas preciosas qualidades, porém, não lhe prejudicam os talentos de historiador, especialmente do historiador litterario e do biographo, taes como se nos revelam na *Poeira da Estrada*, onde, entre outras páginas lindamente escriptas, sobresaem os perfis de EUCLIDES DA CUNHA e de CASTRO ALVES ; onde, a cada passo, se revela o sentimento do factor historico trazido pelo individuo, que se affirma, cooperando para o desenvolvimento social; e que, por isso mesmo, a história não permitte que a litteratura o leve inteiro, exigindo que lhe ceda uma parte, que deve orçar pela meiação.

Si, pois, ha verdade no juizo do historiador de *L'affaire du Collier*, sôbre o creador de SYLVESTRE BONNARD, não obstante as affinidades mentaes notadas entre o escriptor francez e o brasileiro, teve este a ventura particular de possuir, ao lado de qualidades de escriptor, os talentos necessarios ao historiador, entre os quaes sobreleva essa « imaginação sympathica », de que nos falla ANDRÉW LANG, a qual opéra o milagre de recompor o passado, dando-lhe vida e luz.

Chamando Afranio Peixoto a collaborar no seu gremio, o Instituto Historico terá collocado entre os seus, para o culto da Historia patria, mais uma intelligencia clara, que possue, em alto grau, o poder da expressão e o preparo biologico indispensavel para a exacta comprehensão dos phenomenos sociaes, que a Historia estuda e explica.

Certamente não nos cabe fallar aqui dos seus romances, nem de suas obras de Psychiatria, Hygiene e Medicina legal; mas os primeiros nos dizem os attractivos que elle sabe pôr nas suas narrativas, e as outras nos asseguram a sua orientação scientifica, predicados que o Instituto estima e preza.

Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1919. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Viveiros de Castro*. — *Pedro Lessa*. — *Basilio de Magalhães*. — *Laudelino Freire*.»

E' approvado e vai com a proposta á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. Ramiz Galvão.

— «O dr. Solidonio Leite gosa, ha muito tempo, de bem merecido renome como um dos mais conspicuos advogados do fôro desta Capital.

O seu solido preparo juridico se não tem revelado unicamente nos seus tão substanciosos trabalhos forenses; elle tem publicado as seguintes monographias, todas muito apreciadas pelos competentes:

QUESTÕES JURIDICAS;

REFORMA DA LEI SOBRE FALLENCIAS;

AVENIDA E DESAPROPRIAÇÕES;

DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA;

DO NOME COMMERCIAL E SUAS GARANTIAS;

DEPOSITO, MANDATO, GESTÃO DE NEGOCIOS E SOCIEDADE;

UNIDADE E UNIVERSIDADE DE FALLENCIA;

DIREITO DE RECLAMO.

Da quarta dessas monographias, tive occasião de apreciar o valor, quando escrevi uma das memorias — «De l'expropriation pour cause d'utilité publique, selon la doctrine et la législation brésiliennes» — que, como delegado do Brasil, apresentei ao PREMIER CONGRÈS INTERNATIONAL DES SCIENCES ADMINISTRATIVES, do qual tive a honra de ser eleito presidente honorario.

E' o dr. Solidonio Leite um apaixonado cultor da nossa lingua, tão bella e tão opulenta, mas infelizmente tão maltractada, mesmo por muitos dos que, de boa ou de má fé, se presumem de litteratos.

Desejoso de se abeberar sempre nas fontes mais puras, elle se deleita no cultivo dos classicos; mas se não contenta com os de leitura commum, e, com a paciencia de um bene-

dictino, investiga incansavelmente novos thesouros, e a elle devemos poder apreciar tantos classicos injustamente exquecidos.

Nessas investigações elle tem conseguido resolver alguns problemas muito interessantes da Historia Litteraria, dentre os quaes salientarei o relativo á auctoria da *Arte de furtar*. Desde 1744, os competentes têm como liquido não ter sido o famoso padre Antonio Vieira quem escreveu esse livro. Mas a questão da auctoria continuava insoluvel, variando as opiniões entre Thomé Pinheiro da Veiga, João Pinto Ribeiro e Duarte Ribeiro de Macedo.

Entrando na liça, armado pelo poncto em branco, o dr. Solidonio Leite afasta esses escriptores e sustenta ser auctor do livro um dos vultos mais brilhantes da história de Portugal — dr. Antonio de Sousa de Macedo, magistrado provecto, estadista eminente, diplomata arguto e escriptor elegantissimo.

Auctoridades de indiscutido valor, tanto entre nós como em Portugal, acharam procedentes as razões adduzidas pelo advogado do dr. Antonio de Sousa de Macedo, considerando definitivamente liquidada essa questão.

Quanto a mim, os *autos* são volumosos demais para que pudesse estudá-los convenientemente, podendo assim decidir com pleno conhecimento de causa.

Confesso lisamente ter lido sómente o trabalho do dr. Solidonio Leite, cuja leitura é tão attrahente, cuja argumentação é tão convincente que, ao chegar com pezar á última página, acudiu á minha memoria o proverbio italiano, prudente e um pouco sceptico — *si non é vero*...

Homens como o dr. Solidonio Leite, espiritos juridicamente disciplinados e trabalhadores infatigaveis, são preciosas acquisições para o nosso Instituto: a Commissão de Historia tem muito prazer em acconselhar o seu alistamento nas nossas fileiras.

Si bem que saiba que *n'est pas un métier sûr que celui de prophète*, espero que o dr. Solidonio Leite não me deixará ficar mal — logo que for dos nossos, logo que sentir a acção do ambiente tão sadiamente patriotico desta Casa, applicará o seu espirito tão exclarecido na investigação dos factos da

nossa Historia, onde pullulam anonymamente tantos varões de Plutarcho; e, em prazo breve, teremos occasião de applaudir *Os heroes exquecidos*.

Sala dos trabalhos da Commissão de Historia, em 22 de Maio de 1919. — *Viveiros de Castro*, relator. — *Clovis Bevilaqua*. — *Pedro Lessa*. — *Basilio de Magalhães*. — *Laudelino Freire*.»

E' approvado e vai com a proposta á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. Manuel Cicero.

O SR. FLEIUSS communica que, tendo sido procurado pelo sr. dr. Rodolfo Jacob, secretário geral do Congresso de Geographia, a reunir-se em Bello Horizonte a 7 de Septembro proximo, recebeu do mesmo sr. o pedido para que o Instituto envie uma bibliographia geographica referente ao Brasil e todos os trabalhos, obras e documentos que existirem no Instituto. Attendendo a tão justo pedido mandou preparar esse trabalho pelo sr. Rodolfo Garcia, official da secretaría do Instituto, devendo tal contribuição constituir a do Instituto Historico naquelle Congresso.

O SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO lê o seguinte telegramma do sr. governador do Amazonas:

«Instituto Historico — Rio de Janeiro — Assembléa geral do Instituto Historico e Geographico do Amazonas, tomando conhecimento do trabalho apresentado pelo coronel Bernardo Ramos, acceitou a interpretação comprovada das inscripções tradições do Brasil pre-historico, adoptando as seguintes conclusões: si existiu no Brasil uma civilização pre-colombiana, tal civilização foi trazida por emigração de phenicios e gregos; essa emigração remonta a uma antiguidade maior de oitocentos annos antes da éra christã. Saudações. — *Alcantara Bacellar*, governador.»

O SR. SECRETÁRIO diz mais que sôbre o mesmo assumpto recebeu uma carta do sr. coronel João Baptista de Faria e Sousa, accompanhada de cópia do parecer da Commissão de Archeologia do Instituto Historico do Amazonas e, bem assim, exemplares do *Jornal do Commercio* daquelle Estado de 3, 4 e

5 de Maio; da *Imprensa*, de Manáos, de 4 e 5 de Maio, e da *Gazeta da Tarde*, tambem de Manáos de 3 e 4 de Maio.

O SR. PRESIDENTE declara que faz presente todos esses documentos á Commissão de Archeologia e Ethnographia, designando para relator o sr. Basilio de Magalhães.

O SR. 2° SECRETÁRIO justifica a ausencia dos consocios marechal Bernardino Bormann, commandante Radler de Aquino, srs. Aurelino Leal e Araujo Vianna.

O SR. PRESIDENTE declara que se vai proceder á votação do parecer da Commissão de Admissão de Socios, lido na anterior sessão, e opinando que seja eleito socio effectivo do Instituto o sr. Jonathas Serrano.

Corrido escrutinio secreto, é o parecer approvado por unanimidade de suffragios, e acto contínuo o SR. PRESIDENTE proclama o sr. Jonathas Serrano socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O SR. FLEIUSS communica achar-se na casa o socio effectivo sr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, eleito em 28 de Junho de 1915, e que, tendo cumprido todas as disposições dos Estatutos, vem tomar posse.

O SR. PRESIDENTE designa os srs. secretário e mais os srs. Manuel Cicero, Miguel de Carvalho, Agenor de Roure e Souto Maior para introduzirem no recincto o novo socio.

(Dá entrada no recincto, presta o compromisso do § 2° do art. 47 dos Estatutos e toma posse o sr. Alfredo Pinto Vieira de Mello.)

O SR. PRESIDENTE dá a palavra ao novo socio.

O SR. ALFREDO PINTO pronuncía o seguinte discurso:

— «Sr. presidente.

Illustres consocios.

E' profundo o meu reconhecimento pela honra insigne que de vossa generosidade recebi, elegendo-me, sem credenciaes de merito, para compartilhar convosco do mesmo culto e da mesma crença — culto da Historia, crença nos altos destinos do Brasil.

Aqui, em um ambiente de paz e de concordia, esplendem

as virtudes de uma religião magnifica e suggestiva, que evoca o passado para o reviver no que tenha de grande e flammejante como exemplo e ensinamento aos contemporaneos.

Esses exemplos e ensinamentos multiplicam-se na Historia de nossa patria querida, estão inscriptos com tinta de ouro e purpura nas suas páginas, immortalizando os denodados Brasileiros que, sem distincção de characteres ethnicos, contribuiram para a formação de nossa nacionalidade; accelleraram a sua evolução; proclamaram a sua Independencia; realizaram as mais impressionantes reformas sociaes e implantaram, entre acclamações festivas, o regime federativo, que é o supremo ideal dos povos livres, já acalentado pelos nossos antepassados, desde a Independencia.

Monarchicos, então, outra cousa não pretendiam os illustres patriotas, que a 17 de Junho de 1823 propunham na Constituinte — a federação das Provincias como um protesto contra a centralização da metropole e como concepção feliz, racional e segura para cimentar o advento da Democracia.

«Na Constituinte, o deputado Andrade Lima propoz naquelle dia, que os presidentes de Provincia, fôssem nomeados pelo corpo eleitoral, confirmados pelo imperador; não havendo candidatos, ficaria ao chefe do Estado o direito de nomear quem lhe parecesse. Carneiro de Campos (depois marquez de Caravellas) propoz que os presidentes fôssem escolhidos pelo imperador em listas triplices apresentadas pelas junctas eleitoraes das provincias, depois explicou que essa sua proposta visava sómente ao periodo de transição, que então atravessava o Brasil, antes da Constituição, pois que nessa épocha e desde 1821, já eram electivos os governos provinciaes. Em 17 de Septembro o deputado Antonio Ferreira França propoz que o art. 2° do projecto da Constituição fôsse modificado, dizendo-se: *comprehende confederalmente as provincias.* Fallaram a favor os deputados Carneiro de Campos (marquez de Caravellas), Montesuma (visconde de Jequitinhonha), Alencar e Ferreira França; contra, os deputados Carvalho e Mello (visconde de Cachoeira), Silva Lisboa (visconde de Cairú), Henrique de Rezende, Sousa Franco, Vergueiro, Paula

e Sousa, Lopes Gama (visconde de Maranguape) e Costa Barros.» (1)

Dêsses traços, que nos legou o preclaro Rio-Branco nas suas *Ephemerides*, transcorre que a idéa do *federalismo*, soando na Constituinte como um toque de clarim, resurgiu em Outubro de 1831 no Senado do Imperio; em 1870 no manifesto republicano, onde se inscrevia como preliminar: «no Brasil, antes ainda da idéa democratica, encarregou-se a natureza de estabelecer o princípio federativo»: em 14 de Septembro de 1884 e 1885, pela voz altiloquente dêsse tribuno que se chamou Joaquim Nabuco; em 1889, ainda, pela palavra escorreita, deslumbrante, persuasiva de Ruy Barbosa.

Joaquim Nabuco, em uma das suas memoraveis conferencias de propaganda abolicionista em 1884, no Theatro Sancta Isabel da cidade do Recife, minha terra natal, definindo o seu credo politico — disse em phrase lapidar:

> «Só a *Federação* poderá salvar a monarchia, máo grado o medo que essa parece ter daquella.»

Repetiu ainda:

> «O retardamento da Federação está compromettendo a monarchia.»

Eram essas declarações a confirmação desta profissão de fé:

> «Si a Republica pudesse, mais cedo que a monarchia, fazer a federação, romperia os laços que me prendem ás actuaes instituições monarchicas.»

Certo, a sciencia politica havia inspirado os genios de Washington, Lincoln, Hamilton e Jay a pregarem, como levitas da Democracia, as virtudes do *self-government*; mas os nossos estadistas e os nossos parlamentares, antes mesmo da victoria de 1889 — consubstanciada na Constituição de 1891 — não se deixaram amortalhar nos preconceitos dynasticos e sonharem para o Brasil um regime, que ao povo entregasse os proprios destinos e contrariasse todos os despotismos.

---

(1) *Ephemerides*, pags. 311 e 312.

Por isto mesmo é justo que, seguindo o vosso exemplo em um longo periodo de 81 annos, estudemos no passado a psychologia de nossas instituições; veneremos os nossos grandes homens e reivindiquemos para a nossa Patria o que os europeus nos denegam, porque infelizmente não nos conhecem através das nossas conquistas sociaes e politicas, do nosso progresso moral, da nossa indole benigna, docil, altruista — com um só defeito, que para muitos é virtude — o *sentimentalismo* — que quasi sempre produz a inconsequencia nos actos, a carencia de raciocinio para deliberar com firmeza e justiça.

Em principio, o nacionalismo não induz hostilidade aos que, de outras terras ou de outros continentes, vêm collaborar comnosco na obra ingente do nosso progresso; mas o combate incessante ao cosmopolitismo, que, infiltrando-se na vida autonoma das nações, conduz ao communismo trefego, que nega a noção das patrias, avilta a instituição da familia, usurpa a propriedade alheia com fundamento no velho e atrabiliario chavão de Proudhon, como si o homem pudesse viver sem a propriedade e o Estado negar-lhe a sua existencia juridica. Desvario de aventureiros, que não medrará: uma passageira solução de continuidade no progresso social dos povos corrompidos ou revoltados pelo cesarismo; um grito de fome e de miseria; uma avalanche de crimes como consequencia da guerra cruel, com que a vesania atavica de um Atila acovardado no exilio enluctou o mundo.

O nacionalismo que devemos practicar não se amolda a preoccupações nativistas, mas á nitida concepção do *federalismo*, como symbolo sagrado da União indissoluvel, constituindo a patria commum pelo vinculo da mais estreita solidariedade entre os Estados federados; consiste na defesa imperterrita da nossa soberania sem tergiversações perante qualquer outra nação, por mais forte ou poderosa que se julgue, na practica constante da justiça, como o ideal supremo da nossa fôrça moral; no sentimento de confraternização, sem que isto signifique a tolerancia pelos que, dentro ou fóra de nossas fronteiras, entendam humilhar o nosso pavilhão, perturbar as nossas instituições, implantar doutrinas subver-

sivas, e revoltar-se contra as nossas leis, pretendendo uma situação excepcional deante dos Brasileiros, sujeitos pela qualidade de nacionaes, a todos os encargos que della decorrem; consiste ainda na instrucção disseminada pelos nossos sertões e na protecção prophylactica das nossas populações ruraes; na educação civica da mocidade, como o expoente do futuro, de fórma a não sermos absorvidos pela indifferença latente do cosmopolitismo, que avassala as grandes cidades.

Precisamos do capital e de novas indústrias: accolhemos prazenteiramente a permuta de riquezas; queremos a amplitude do nosso commércio internacional; mas, para isto conseguirmos, não ha mistér sinão da consciencia de nós mesmos; do vigor de nossa actividade e da renuncia do pessimismo — que é a inacção, e esta o aniquillamento dos individuos e das nações.

Felizmente, a phantasia do separatismo jámais logrou medrar no Brasil. Aquelles mesmos que, em 1824, dominados pela mais justa e sancta das revoltas contra as usurpações centralizadoras, proclamaram a «Confederação do Equador», tendo na vanguarda esse espartano que se chamou Manuel de Carvalho Paes de Andrade, pernambucano heroico — não repudiavam a Patria commum, mas batiam-se por um ideal — a Republica — e mais — contra a incursão do extrangeiro na vida autonoma do Brasil.

A revolução naufragou pela superioridade da fôrça, mas revelou que assistia razão aos que na Constituinte propuzeram o federalismo e nelle visaram com clarividencia o unico regime capaz de evitar o *regionalismo*, a preponderancia das grandes provincias.

Esses antecedentes, que necessariamente determinaram o Acto Addicional de 12 de Agosto de 1834, e influiram na abolição dos Conselhos Geraes e a substituição delles pelas Assembléas Provinciaes, com attribuições que permittiam uma limitada descentralização administrativa, relevem-me a audacia do conceito, põem num destaque, num colorido, que a tradição historica não deixa esmaecer, a seguinte verdade: — o federalismo no Brasil é uma obra ingente do *nacionalismo*, jamais uma cópia servil, uma idéa haurida exclusivamente na Constituição Norte-Americana.

Os nossos maiores tiveram a intuição federalista e por ella pugnaram com desassombro, embora fieis ao regime monarchico; lançaram em terra fertil a sementeira, donde brotaram florescentes as nossas instituições.

Podemos dizer que a monarchia baqueou, não porque corrompesse o paiz ou fizesse da tyrannia uma arma formidavel e exterminadora de direitos e de liberdades, a exemplo das velhas dynastias européas no seu absolutismo millenario, — mas succumbiu pelo principio de que as instituições politicas de um povo emergem de sua propria alma, e na alma dos Brasileiros o unico regime possivel era e é o *republicano federativo.*

Na sessão de 17 de Septembro de 1823 da Constituinte dizia esse Brasileiro insigne que se chamou Francisco Gê Acayaba Montesuma (visconde de Jequitinhonha), em calorosa defesa á emenda Sousa Franco:

> «... Aqui tambem se disse, que adoptando-se o additamento, far-se-ia a divisão das provincias. Custa a crer, que neste augusto recincto se tirasse uma tão gratuita consequencia. E' preciso desconhecer a primeira significação da palavra federal, para exprimir uma proposição tão sediciosa. Que quer dizer provincias confederadas? Unidas, e bem unidas, com laços não ephemeros, mas eternos; logo, como por se adoptar o additamento que pedo aquella confederação, se hão de dividir as provincias? Disse-se mais com voz trovejante, que, si passasse o additamento, adeus Constituição: eu exclamarei — *adeus ordem, adeus tranquillidade — si passarem as revoltantes proposições que eu tenho hoje desgraçadamente ouvido.*
>
> «Nem se diga tambem que a palavra confederação marca independencia na administração dos pequenos corpos politicos, que formam a confederação, tendo cada um os tribunaes primeiros da sua civil e politica governança.
>
> «Bem disseram Duhamel e Sieyèes, quando se propuzeram na França escrever o seu periodico de instrucção social, particularmente dirigido a dar exactas significações aos termos, que entram na grande scien-

hostilidade. E o que nos interessa vivamente um movimento patriótico de [illegible] das nossas tradições, da nossa cultura, do nosso evoluir constante, dos nossos sentimentos de confraternização e de solidariedade dentro e fóra da America.

Os que no velho mundo apparentam conhecer o nosso paiz sem perceberem a nossa alma, julgarem da nossa situação moral e economica, porque escrevem sem observar, ignoram a nossa historia e a posição de destaque, a que temos direito nó concêrto das nações cultas.

Quereis um exemplo dessa ignorancia revelada em páginas de um encyclopedista e sociologo?

A' página 130 da monographia — *Lois Psychologiquez de L'Evolution des Peuplez*, — 3ª edição de 1917 — o sr. Gustavo Lebon externa, com dolorosa surpresa para os americanos do sul, os seguintes conceitos, que me esquivo de traduzir:

> « L'Amérique du Sud est, au point de vue de ses productions naturelles, une des plus riches contrées du globe. Deux fois grande comme l'Europe et dix fois moins peuplée, la terre n'y manque pas et reste, pour ainsi dire, à la disposition de tous. Sa population dominante, *d'origine espagnole*, est divisée en nombreuses républiques: Argentine, Brésilienne, Chilienne, Péruvienne, etc. Toutes ont adopté la constitution politique des Etats-Unis et vivent par conséquent sous des lois identiques. Eh bien, par ce fait seul que la race est différente et manque des qualités fondamentales caractérisant celle qui peuple les Etats-Unis, toutes ces républiques, *sans exception*, sont perpétuellement en proie á la plus sanglante anarchie, et, malgré les richesses étonnantes de leur sol, sombrent les unes apres les autres dans les dilapidations de toute sorte la faillite et le despotisme...
>
> « Les causes de cette décadence sont tout entières dans la constitution mentale d'une *race de mètiz* n'ayant ni energie, ni volonté, ni moralité... »

E depois de objurgatoria contra as duas cultas Republicas do Chile e da Argentina continúa o publicista:

> «Un seul pays, le Brésil, avait un peu échappé á cette profonde décadence, grace à un régime monarchique, qui mettait le pouvoir â l'abri des compétitions. Trop libéral *pour des races sans énergie et sans volonté,* il finit par succomber. Du même coup, le pays s'est trouvé livré à une complète anarchie; et, en peu d'années, les gens au pouvoir ont tellement dilapidé le Trésor, que les impôts durent être augmentés dans d'immenses proportions.»

Isto que ahi fica com todas as lettras, em periodos que encerram injúrias, em estylo de um libello esturdio, é o *pensamento* de um publicista a quem a França, por nós tão admirada e tão querida, naturalmente, *laureou* sem desvendar-lhe os erros crassos, *até sobre a nossa origem ethnographica.*

Mas, para que perder tempo em contrariar o libello em longos articulados? Façamo-lo de preferencia por negação e deixemos o escriptor virulento com a fallencia de suas leis psychologicas de povos e raças...

A quem a culpa dêsses juizos temerarios, formulados nas trevas; inspirados em preconceitos que nós, americanos do sul, desprezamos, porque não nos attingé a malfadada intuição de desegualdade de raças; os privilegios aristocraticos; o imperialismo insaciavel; o industrialismo usurpador; o anarchismo sanguinario com que o barbarismo de paizes sulcados pelo odio de classes pretende avassallar o mundo, como si a tyrannia de um só ou das multidões seja capaz de vicejar nos tempos hodiernos em qualquer canto do globo?

Essa culpa, confessemo-lo sem tibiezas — cabe mais directamente a nós, Brasileiros, filhos desta patria, onde não é preciso admirar sómente as pompas da natureza tropical, a caudal dos seus rios, a exuberancia da terra, a extensão de suas costas maravilhosas.

Que bello e surprehendente serviço este Instituto prestaria ao Brasil, ministrando ao escriptor citado, si elle o merecesse, umas notas persuasivas e vibrantes —, alheias aos meandros da diplomacia — que simplesmente lhe corrigissem

os erros e o movessem a remodelar o seu quadro amorpho, sem expressão nem verdade!

Decantamos em tropos inflammados as magnificencias de nossa natureza, mas na poesia com que ella nos arrebata e fascina, devemos buscar a inspiração e as energias para soerguer no extrangeiro o nome do Brasil, torná-lo bem conhecido através do seu passado, — nas conquistas pacíficas do presente, nas idéas do seu porvir.

Os extrangeiros que aqui convivem sob o nosso céo hospitaleiro e os estadistas que nos têm visitado sabem muito bem o que valemos.

Em nenhum paiz do mundo ha da liberdade uma noção mais completa e ampla, sentimentos de solidariedade humana mais accentuados.

A's vezes, olvidamos o *que é nosso* para compartilharmos, por espirito de humanidade, as vicissitudes dos outros povos, exquecendo os nossos proprios infortunios; depreciamos as nossas instituições; e a nossa preoccupação systematica e quasi morbida — é o pessimismo atrophiador e soturno, que nos impelle a conclamar sem rebuços: — « O Brasil é um paiz perdido! » Aliás, esse vicio é atavico... creio mesmo que a apostrophe tem a mesma edade do descobrimento do Brasil...

Sylvio Romero, o crítico admiravel que, em um esplendido surto de Nacionalismo e de cultura philosophica, procurou sempre em páginas de vivo colorido estudar e engrandecer a nossa evolução scientifico-litteraria, emittiu os seguintes conceitos em discurso memoravel na Camara dos Deputados, em 2 de Agosto de 1901, que é interessante relembrar:

....

« Mas, não é de hoje que a alma brasileira gosta de mirar do lado do pessimismo e da maledicencia; ha quatro seculos, todos a uma, os bons e os máos, aprenderam o veso de, deprimentemente, fallar de tudo que é nosso.

Aos exemplos que em outro logar deixei compendiados de tão degradante monomania, quero agora junctar um eloquentissimo, tomado a uma alma honesta, transviada nessas agruras, como todos nesta terra. E'

um trecho do velho e illustre escriptor duplamente classico, porque o é como mestre da lingua e como mestre em nossa psychologia popular.

Quero me referir a frei Vicente do Salvador, cuja Historia do Brasil, na qual se acha a significativa página que peço permissão para ler, conta já duzentos e septenta e quatro annos, pois foi escripta em 1627.

A despeito de tão respeitavel edade, parece que foi o alludido trecho escripto em nossos dias, taes e tão frescos são os remoques que a tudo e a todos dirige.

E' só mudar o tom do estylo, e parece que estamos a ler algum artigo de fundo de qualquer dos mais exaggerados jornaes dos nossos dias. E' a mesma increpação á incuria dos governos, ao desleixo das auctoridades, á preguiça e á indifferença dos naturaes, ao atrazo das povoações, á adulação aos extrangeiros, á prepotencia dêstes, á falta de patriotismo geral, á ladroagem dos funccionarios...

E todas essas mazelas caïam sobre nós, só pelo simples facto de se haver trocado á terra o nome de *Sancta Cruz* no de *Brasil*, pouco mais ou menos como agora todas as nossas desgraças são oriundas do simples facto de havermos trocado a *Monarchia* em *Republica*.

Tanto é certo que ainda e sempre obedecemos fundamente á mesma intuição.

Ouvi:

«O dia que o capitão-mór Pedro Alvares Cabral levantou a Cruz, e por esta causa poz nome á terra, que havia descoberta, de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos annos. Porém como o Demonio, com o signal da cruz, perdeu todo o dominio, que tinha sobre os homens, *receiando tambem perder o muito que tinha em os desta terra*, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um páo assim chamado, de côr abrazada e vermelha com que tingem pannos, que o daquelle divino páo, que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da Igreja, e sobre que ella foi edificada e ficou tão firme e bem fundada,

como sabemos. E porventura, por isto, ainda que ao nome de Brasil ajuntaram o de Estado, e chamaram Estado do Brasil, *ficou elle tão pouco estavel que, com não haver hoje cem annos, quando isto escrevo, que começou a povoar, já se hão despovoado alguns logares, e sendo a terra tão grande e tão fertil, como ao deante veremos, nem por isso vai em augmento antes em diminuição.*

«Disto dão alguns a culpa aos reys de Portugal, outros aos povoadores; aos reys *pelo pouco caso que hão feito deste tão grande Estado,* que nem o titulo quizeram delle, pois intitulando-se senhores de Guiné, por uma caravelinha que lá vai e vem, como disse o Rey do Congo, do Brasil não se quizeram intitular; nem depois da morte de El-Rey D. João III, que o mandou povoar, e soube estimá-lo, *houve outro que delle curasse, sinão para colher suas rendas e direitos; e deste modo se hão os povoadores,* os quaes, por mais arraigados que na terra estejam, *tudo pretendem levar a Portugal;* porque tudo querem para lá, e isto não teem só os que de lá vieram, *mas ainda os que cá nasceram,* que uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufructuarios, *só para a desfructarem, a deixarem destruida.*

«De onde nasce tambem que *nenhum homem nesta terra é republico, nem zela ou trata do bem commum, sinão cada um do bem particular.* Não notei eu isto tanto, quanto o vi notar a um Bispo de Tucuman da ordem de S. Domingos, que por algumas destas terras passou para a Côrte. Era grande canonista, homem de bom entendimento e prudencia, e assim ia muito rico; notava as cousas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos e um peixe para comer, e nada lhe traziam, *porque não se achava na praça nem no açougue*; e, si mandava pedir as ditas cousas e outras muitas a casas particulares, lh'as mandavam. Então disse o Bispo verdadeiramente *que nesta terra andam as cousas trocadas,* porque *toda ella não é republica, sendo-o cada casa.* E assim é, que estando as casas dos

ricos, *ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem quanto teem,* providas de todo o necessario, porque teem escravos, pescadores e caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e de azeite, *que compram por junto, nas villas muitas vezes se não acha isto de venda.* Pois o que é *fontes, pontes, caminhos e outras cousas publicas é uma piedade; porque attendo-se uns aos outros,* nenhum as faz, ainda que bebam agua suja, e se molhem ao passar os rios, ou se orvalhem pelos caminhos, e tudo isto vem *de não tratarem do que ha cá de ficar,* sinão do que hão de levar para o Reyno.

«Estas são as razões por que alguns com muita dizem *que não permanece o Brasil nem vai em crescimento*; e a estas se pode juntar a que atraz tocamos de lhe haverem chamado Estado do Brasil, tirando-lhe o de Santa Cruz, *com que podera ser Estado, e ter estabilidade e firmeza.*»

Taes, são, sr. presidente, as duras palavras, postas pelo já então decidido pessimismo brasileiro, na bocca do bom frei Vicente do Salvador.

Na sua ingenuidade elle tinha ou parecia ter perdido toda a esperança de que as cousas viessem a melhorar nesta porção da America; e nisto, como uma especie de antecipação dos tremendos conceitos a nosso respeito de nossos amaveis vizinhos do Prata, o illustre frei bahiano não se exqueceu de consolidar seus vaticinios e suas objurgatorias com o depoimento de um bispo de Tucuman...

Mas nada disto privou o paiz de proseguir em sua jornada, de avançar e progredir, a despeito dos escoujuros, mau grado os embaraços que lhe surgiram em caminho, nomeadamente no escuro seculo de frei Vicente, o terrivel seculo XVII, aquelle em que maiores riscos já tivemos de correr...»

Na verdade o que fomos e o que fizemos desde a nossa Independencia a Historia regista com justiça e esplendor; o que somos, faz sentir as energias de uma nacionalidade que tem realizado as suas conquistas liberaes sem as formidaveis

convulsões que produziram as reformas sociaes e politicas em outros povos, pretensamente *mais cultos, de pura raça ariana*, e que, entretanto, nos campos de batalha não prescindiram do valioso concurso de outras raças, consideradas *inferiores* por inducções frageis e em desaccôrdo com as pesquizas da moderna Anthropologia.

Erros, faltas, paixões, luctas na marcha evolutiva de suas instituições, no proceder dos seus homens publicos, na elaboração de suas leis e no modo de interpretá-las, no exercicio dos poderes politicos, qual o povo, a nação, o Estado que póde invocar privilegios de puritanismo?

« No decurso da Historia, ainda da moderna, que de attentados! Apropriações de territorio alheio, conquistas e partilhas de reinos; desrespeitos francos e insolentes á independencia, liberdade e direito dos fracos! » (2)

São phrases de Lafayette Pereira, o nosso excelso jurisconsulto de imperecivel memória.

Nós, como uma excepção nobilitante, prohibimos na Constituição do Brasil as guerras de conquista e estabelecemos o arbitramento como solução pacífica para os conflictos internacionaes!

Relevae a digressão, a que me impoz o dever de patriotismo para reivindicar, neste cenaculo de historiadores, o nacionalismo dos nossos maiores na grande obra do federalismo triumphante.

A elles devemos essa propaganda constante, intemerata, que fez crescer e fructificar a arvore frondosa e eterna da liberdade no sólo sagrado da Patria.

A elles e não sómente aos contemporaneos cabe o esplendor da victória nessas campanhas immortaes da Independencia, da Abolição e do Federalismo.

Esses fastos da Historia são estrophes gloriosas de fé nos destinos desta terra; e são elles que me induzem a invocar sempre em uma carinhosa manifestação de civismo a legenda inspirada do nosso emerito presidente — o sr. conde de Affonso Celso, nas páginas rútilas da sua apotheose á patria extremecida:

« Porque me ufano do meu paiz ». (*Calorosos applausos.*)

---

(2) Direito Internacional — pag. VII.

O SR. RAMIZ GALVÃO (*orador perpétuo*) responde nos seguintes termos:

— « Sr. presidente, srs. consocios — Illustre confrade, sr. dr. Alfredo Pinto.

Não qualifiqueis de generosidade do Instituto Historico a vossa admissão a este gremio; foi justiça feita aos reconhecidos meritos de um digno Brasileiro, que em posições e encargos de vária natureza revelou sempre patriotismo, talento e saber. E nem só a justiça nos moveu a desejar-vos e a receber-vos aqui, sr. dr. Alfredo Pinto. Permitti essa franqueza. Foi ainda o interesse, a ambição de fortalecer as nossas fileiras com um batalhador eximio, de cujo amor ao trabalho, de cuja dedicação á causa pública e ás lettras nacionaes muito devemos e podemos esperar.

E' bem sabido que neste cenaculo fulguram cultores de todas as especialidades, porque a Historia, a Geographia e a Ethnographia são hoje campos vastissimos, em que se exercitam o talento e a cultura universal para escrever o grande livro da Patria. Na ampla accepção em que tomamos a Historia, ella envolve questões multiplas, que entendem com os mais variados ramos do saber humano. Ella é a mestra; todos lhe prestam reverencia e subsidio precioso.

Vossos adeantados estudos juridicos, prezado collega, demonstrados em altos cargos publicos, no seio do Parlamento e fóra delle, na cathedra de juiz e na banca de advogado, em postos e commissões de alto relêvo, em pareceres, projectos e memórias valiosas, como a intitulada *O Poder Judiciorio no Brasil*, com que abrilhantastes o Primeiro Congresso de Historia Nacional em 1914, tudo isso explica o anhelo, com que o Instituto Historico desejava o concurso de vossas luzes para a nossa grande obra de patriotismo.

A formosa e ponderada oração inaugural, que com tanto prazer acabamos de ouvir, é mais um titulo que junctaes a tanta benemerencia. Ha nella conceitos que deveriam ser registados em lettras de ouro, e que eu poderia quasi chamar um programma de sabio govêrno.

Nacionalista emerito e philosopho politico condemnaes com o maior acêrto esse cosmopolitismo desvairado que, « negando a noção das patrias, aviltando a instituição da fa-

milia e usurpando a propriedade alheia», pretende aluir os mais solidos fundamentos da sociedade humana.

Convosco espero em Deus, que não ha de medrar esse «desvario de aventureiros», fructo exclusivo das violencias do Cesarismo. «grito de fome e de miseria, avalanche de crimes» despertada pela guerra fatal e hedionda, «com que a vesania de um Attila, hoje acovardado no exilio, enluctou o mundo».

Sim. Oxalá não medre similhante desvario, e se preserve o nosso querido Brasil da acção dissolvente do veneno.

Esta terra opulenta e generosa, que tem hoje por divisa — *Liberdade, Egualdade, Fraternidade* — e que não conhece privilegios de raça, — onde, desde os tempos da monarchia de Pedro II, o merito sobreleva a tudo, — onde os principios liberaes a pouco e pouco se infiltraram e ainda agora se infiltram na legislação como nos habitos do povo, — onde os Estados federados gozam de amplas regalias, — onde, em uma palavra, a Democracia é real e victoriosa, esta terra não deve ser a víctima dêsse êrro funesto, que embriaga as multidões mal acconselhadas, e que só póde conduzir á ruina.

Nada me parece mais lucido, mais patriotico, do que o vosso programma contido nestas palavras, que eu peço licença para repetir com applauso:

«O Nacionalismo que devemos practicar não se amolda a preoccupações nativistas, mas á nitida concepção do *Federalismo*, como symbolo sagrado da União indissoluvel, constituindo a patria commum pelos vinculos da mais estreita solidariedade entre os Estados federados; consiste na defesa imperterrita da nossa soberania, sem tergiversações perante qualquer outra nação, por mais forte ou poderosa que se julgue; na práctica constante da justiça, como o ideal supremo da nossa fôrça moral; no sentimento de confraternização, sem que isto signifique a tolerancia pelos que, dentro ou fóra de nossas fronteiras, entendam humilhar o nosso pavilhão, perturbar as nossas instituições, implantar doutrinas subversivas e revoltar-se contra as nossas leis, pretendendo uma situação excepcional deante dos Brasileiros, sujeitos pela qualidade de nacionaes a todos os encargos que della decorrem; consiste ainda na instrucção disseminada pelos

nossos sertões e na protecção prophylactica das nossas populações ruraes; na educação civica da mocidade, como o expoente do futuro, de fórma a não sermos absorvidos pela indifferença latente do cosmopolitismo, que avassalla as grandes cidades.»

Este é de facto, senhores, o verdadeiro programma dos patriotas exclarecidos; este é, sr. dr. Alfredo Pinto, o programma que o nosso Instituto Historico applaude para maior lustre da terra em que nascemos e de que nos ufanamos com o illustre e prezadissimo Affonso Celso.

E ahi está mais uma razão para que esta cohorte de Brasileiros, operarios do presente, como tantos outros o foram do passado desde 1838, vos saúde com enthusiasmo justo e caloroso.

Vinde pois, vinde com o vosso talento ajudar-nos a demonstrar a esse applaudido sociologo Gustavo Lebon, e a todos quantos extrangeiros frivolos o quizerem imitar ou repetir, que não vivemos dilacerados por «anarchia perpétua», nem nos afundamos «em delapidações de toda a especie», nem nos opprime «o despotismo», nem somos raça de «mixtiços sem energia, sem vontade e sem Moral».

Sacámos, sim, sôbre o futuro, e sacrificámos as rendas do nosso Thesouro para acudir, em hora de angustia universal, a essa bella e gloriosa França invadida, saqueada sem pudor, devastada sem piedade pelo monstro de orgulho e ambição, que se chama Guilherme II.

Gastámos o nosso dinheiro e arriscámos as nossas vidas para abrir e manter hospitaes nessa generosa França (*palmas*), que tinha os seus filhos, *ermãos do sr. Lebon*, mutilados nos combates e depauperados pela febre das trincheiras.

Sacrificámos os nossos orçamentos, sim, mas para enviar provisões aos benemeritos compatriotas do sr. Lebon, privados do fructo de suas seáras pelas urgencias da guerra maldicta, que chamára ás armas, em defesa da Civilização e do Direito, a população laboriosa de seus campos.

Vinde, preclaro collega, ajudar-nos a confundir e pulverizar aquellas diatribes, como esse outro patricio illustre, o futuro presidente da Republica, está com galhardia provando ao mundo que merecemos o respeito de Clemenceau,

a estima de Lloyd George e a consideração de Wilson e Orlando, — os grandes vultos da Conferencia da Paz.

Aqui entraes em hora solenne, sr. dr. Alfredo Pinto, a hora das reivindicações, a hora em que se discutem e se resolvem em todo o mundo magnos problemas sociaes, do maior pêso, do mais tremendo perigo para a civilização e para o proprio futuro da Patria.

Proximus ardet Ucalegon... poderiamos dizer com o heroe da *Eneida*.

Faz-se mistér nesta hora, mais do que em outra qualquer, a conjugação de talentos patricios para orientar o povo brasileiro, concedendo aos heroes do trabalho tudo quanto a justiça manda conceder-lhes para seu bem estar, mas sempre dentro da lei, dentro da ordem, dentro da harmonia indispensavel ás fôrças vivas da nação, para que esta prosiga serena e calma a rota do seu glorioso destino.

Sêde, pois, benvindo !» (*Palmas prolongadas.*)

O SR. PRESIDENTE dá em seguida a palavra ao sr. AUGUSTO TAVARES DE LYRA, que lê este trabalho:

«Exmo. sr. presidente do Instituto Historico — Meus illustres confrades — Meus senhores:

Membro da Commissão Organizadora do DICCIONARIO com que este benemerito Instituto pretende commemorar o primeiro centenario da Independencia do Brasil em 1922, coube-me, entre outros, o encargo de escrever para esse trabalho a parte relativa á história, á geographia e á ethnographia do Rio Grande do Norte.

Muitos artigos já estão feitos, e é um delles que vou ter a honra de ler perante vós, correspondendo ao captivante convite de nosso secretário perpétuo, sr. Max Fleiuss. Tracta da sêcca que assola periodicamente o Estado; mas é apenas uma vista de conjuncto, uma exposição de ordem geral, porque em detalhes, eu estudo melhor esse tremendo phenomeno climaterico em outros artigos, a saber: Clima, Flora, Geologia, Hydrographia (especialmente rios, supprimento d'agua subterraneo, açudagem e barragens submersivas), condições da lavoura, indústria pastoril, vias de communicação, problema

economico, etc. Não cançarei por muito tempo a vossa generosa attenção e antecipadamente peço que me perdoeis quando, uma vez por outra, me escaparem gritos de dôr e irreprimiveis gemidos de piedade pelos que soffrem naquella pobre região do Nordéste. Nestas occasiões, falla o coração do nortista, lamentando a sorte de desgraçados ermãos, victimados pelo mais cruel dos flagellos. E, dictas estas palavras, tende a paciencia de ouvir-me:

AS SÊCCAS DO NORDÉSTE

Entre os problemas que o Imperio nos legou sem solução figurava o das sêccas, que assolam periodicamente o Nordéste brasileiro.

A acção do Governo, desde os tempos coloniaes, se manifestava apenas pela distribuição tardia de soccorros, quando a crise — attingido já o seu maior grau de intensidade — não permittia que esses soccorros fôssem dados com proveito para o Estado: gastavam-se sommas avultadissimas sem que obras de utilidade ficassem a attestar os sacrificios feitos. E esses sacrificios eram renovados: de vez em quando, pesando, a intervallos, sôbre o orçamento.

Accentuou-o o conselheiro Ruy Barbosa, ministro da Fazenda do Governo Provisorio, em 1890:

« As despesas com os Estados affligidos pela sêcca formam, no orçamento, uma voragem, cujas exigencias impõem continuamente ao paiz sacrificios indefinidos. Ellas reclamam do Governo a mais severa attenção, porquanto, firmadas como parece estarem numa situação de chronicidade, perpetuada de anno a anno e accumulando sacrificios improductivos, se tornaram uma causa permanente de desorganização orçamentaria, a que os mais prosperos exercicios financeiros não poderiam resistir. Cumpre que a politica republicana, apenas consiga desvencilhar-se dos grandes problemas que envolvem a sua inauguração, busque penetrar seriamente as regiões obscuras dessa parte das nossas finanças e descobrir a esse problema solução mais intelligente e menos detrimentosa para os contribuintes.»

Vem a proposito assignalar aqui que o phenomeno climaterico das sêccas, além da sua chronicidade, parece ter

tambem um character de periodicidade, conforme se verifica do confronto das datas em que se declararam as grandes crises nos dous ultimos seculos:

Seculo XVIII	*Seculo XIX*
1710 — 1711	1809 — 1810
1723 — 1727	1824 — 1825
1744 — 1745	1844 — 1845
1777 — 1778	1877 — 1879
1791 — 1793	1888 — 1889

Os annos de 1891 a 1893 foram de maus invernos.

Os primeiros governos da Republica, ou por se não compenetrarem da necessidade que o conselheiro Ruy Barbosa apponctara officialmente — como o haviam feito alguns dos seus antecessores na administração geral e das provincias e os grandes espiritos que, de muito, se vinham identificando com a sorte de centenas de milhares de Brasileiros que, torturados por doloroso infortunio, morriam á fome dentro de nosso proprio territorio — ou por se verem a braços com difficuldades e embaraços de toda ordem, não puderam preoccupar-se com a solução dêsse problema.

Descuraram-n'o; e annos depois quasi nada se tinha ainda feito para roubar á dôr e ao martyrio uma grande porção de nossos concidadãos, dizimados, a miudo, pelo mais cruel dos flagellos. Foi preciso redobrar de exfôrço; e os governos regionaes e os representantes da zona sujeita aos rigores da calamidade não desanimaram. A imprensa secudou-os. Juncto aos presidentes da Republica e aos ministros, nas commissões parlamentares e no seio do Congresso, o terreno foi sendo, pouco a pouco, conquistado.

Muitas tinham sido as tentativas baldadas, porque o Governo deixara de utilizar-se das auctorizações legislativas; mas, em 1904, aproveitando-se dos dispositivos constantes da lei n. 1.145, de 31 de Dezembro de 1903, que auctorizava um conjuncto de medidas systematizadas contra os effeitos da sêcca, o dr. Lauro Müller resolvia-se a olhar com carinhosa solicitude para a região do Norte, sempre soffredora e re-

signada. Os poderes publicos rendiam-se, finalmente, ás exigencias de uma situação que, embora remediavel, se conservara angustiosa durante trez seculos pela imprevidencia dos governos.

Ao dr. Lauro Müller, illustre ministro da Viação do govêrno do eminente conselheiro Rodrigues Alves, deve, pois, o Norte a iniciativa de alguns actos que deram mais tarde em resultado a possibilidade da execução de um plano de combate, préviamente assentado, contra os effeitos da sêcca, nomeando commissões encarregadas dos estudos de obras a realizar e mostrando, officialmente, a conveniencia da construcção de estradas de penetração na zona flagellada.

Na presidencia do venerando estadista conselheiro Affonso Penna, coube ao dr. Miguel Calmon proseguir intelligentemente a mesma orientação do seu antecessor e, por fim, sendo primeiro magistrado da Nação o dr. Nilo Peçanha, deparou-se ao dr. Francisco Sá o ensejo favoravel para a creação, em 24 de Outubro de 1909, da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas, um dos seus maiores e mais relevantes serviços.

Nessa épocha, já era notavel a accumulação de subsidios, cada qual mais valioso, para a solução do problema: conheciamos as suas causas originarias, geralmente apontadas para explicar a existencia do phenomeno climaterico — a direcção dos ventos, as minimas solares e a devastação das florestas —; tinhamos perfeito conhecimento dos seus desastrosos effeitos; sabiamos que o registo de factos e observações feito em muitas dezenas de annos demonstrava que a média das chuvas caïdas em um longo periodo não era insufficiente ás necessidades da lavoura e criação na zona flagellada e que, com o aproveitamento das aguas do sub-solo e das provenientes dos invernos copiosos (estas se escoam rapidamente em virtude da forte declividade do sólo e da sua natureza geologica), facil seria attenuar as consequencias de sua falta, mediante um serviço regular de irrigação, quando viessem as estiagens. Não ignoramos que isto e um certo número de medidas que permittissem a rapidez e facilidade de communicações, mantendo, indirectamente, uma relativa estabilidade economica durante as crises, evitando o deslocamento da população e tor-

nando possivel que se lhe désse assistencia local efficaz, seria o principal para libertar uma grande parte do territorio nacional das alternativas em que vive de prosperidade e de miseria. Faltava-lhe, porém, um orgão central de direcção, por intermedio do qual o Governo pudesse, completando estudos, projectando e executando obras, organizando serviços e coordenando exforços isolados, traçar um programma de acção e realizá-lo efficientemente. A creação da Inspectoria obedeceu a esses intuitos, como se vê na enumeração dos trabalhos que lhe estão affectos (o primeiro regulamento baixou com o decreto n. 7.619, de 21 de Outubro de 1909, e o que está actualmente em vigor com o de n. 12.330, de 27 de Dezembro de 1916):

I. Estudo systematizado das condições meteorologicas, topographicas e hydrologicas de toda a região sujeita a sêccas e comprehendida entre o Piauhí e norte de Minas Geraes.

II. Observações continuadas e methodizadas dos phenomenos meteorologicos, com especialidade as pluviometricas, e medições directas dos cursos de agua mais importantes.

III. Conservação e reconstituição das florestas, com ensaios systematizados das culturas que melhor se prestem ás condições especiaes dessa região.

IV. Estradas, de rodagem ou de trilhos, que facilitem os transportes, as communicações entre as zonas flagelladas e os centros productores e os mercados consumidores.

V. Perfuração dos póços tubulares ou artezianos nas localidades que melhor se prestem e delles melhor utilidade possam usufruir.

VI. Estudo de pequenos açudes particulares, para cuja multiplicação concorre a União, como premio, com a metade da importancia do custo total da respectiva construcção levada a effeito pelo interessado.

VII. Estudo e construcção directa, á custa da União, dos açudes publicos com que convenha beneficiar esta vasta região do territorio nacional para habilitá-la a resistir, sem completa desorganização do trabalho, aos effeitos das sêccas.

VIII. Barragens submersas e outras obras que modifiquem a impetuosidade dos cursos de agua sujeitos, nessa zona, a regime torrencial, de effeitos egualmente desastrosos.

IX. Drenagens dos valles alagadiços afim de que possam concorrer para a salubridade e para a cultura.

X. Outros trabalhos, taes como a piscicultura, os hortos florestaes, etc., que possam contribuir para activar e desenvolver a acção da Inspectoria.

Até o fim de 1914 a despesa fixada e a realmente effectuada por esta foram as seguintes:

Annos	Despesa fixada	Despesa effectuada
1909	1.100:000$000	446:471$448
1910	1.100:000$000	1.099:134$171
1911	3.336:000$000	2.341:827$807
1912	7.000:000$000	6.686:227$104
1913	7.000:000$000	6.935:311$986
1914	4.300:000$000	2.008:766$285
	23.836:000$000	19.517:738$802

Nos exercicios de 1915 a 1918, as verbas votadas foram estas:

1915	2.200:000$000
1916	1.904:320$000
1917	1.734:320$000
1918	1.734:320$000
	7.572:960$000

Dado que as consignações orçamentarias tenham sido integralmente dispendidas, temos que de 1909 a 1918, isto é, em 10 annos, as obras e serviços a cargo da Inspectoria custaram 27.090:698$802, a saber:

Até 1914	19.517:738$802
De 1915 a 1918	7.572:960$000
	27,090:698$802

A esta importancia temos de addicionar os creditos abertos durante a presidencia Wenceslau Braz para a execução de obras iniciadas em 1915, quando se manifestou nova sêcca, e continuadas depois até á sua conclusão, os quaes podemos

computar em 20.000:000$ incluidas as despesas com o prolongamento das estradas de ferro de Baturité e Sobral, no Ceará, e inicio da construcção da de Amarração e Campo Maior, no Piauhí.

Ao todo, [illegible].096:698$802. Digamos 50.000:000$, em todos os Estados assolados pela calamidade.

Por conta das dotações da Inspectoria, foram realizados os seguintes serviços até 31 de Dezembro de 1918:

Açudes publicos:

Construidos ou reconstruidos	23
Em construcção	7
Projectados	94
Estudados	262

Açudes particulares:

Construidos	19
Em construcção	24
Projectados	25
Estudadas	11

Estradas de rodagem:

Construidas ou reconstruidas	2
Projectadas	10
Estudadas	11

Barragens submersiveis:

Construidas ou reconstruidas	6
Em construcção	1
Estudadas	27
Em estudos	4

Poços perfurados:

Publicos	296
Particulares	335

Dêstes só deram resultado 455.

Estações pluviometricas:

Installadas nos Estados do Piauhí, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia	341

Além dêstes trabalhos, a Inspectoria tem feito publicações várias sôbre assumptos geraes que se relacionam com o problema das sêccas, especialmente no tocante ás condições agricolas, economicas e sociaes da região flagellada, bem como plantas, mappas, estatisticas, memórias, projectos e orçamentos.

Por conta dos creditos abertos de 1915 a 1918, foram construidas, entre outras, as obras que se seguem: estradas de rodagem de Floriano a Oeiras, Baturité a Guaramiranga, Sobral a Meruoca, Macau a Açú (ainda em construcção), Campina Grande a Soledade, Mossoró a Alexandria e Sousa a Cajaseiras (suspensas quando reappareceram as chuvas) e Rio Branco a Buique (entregue ao govêrno de Pernambuco, que a concluiu); açudes de Anajás, Riacho do Sangue, Patos, Parasinho, Velame, Caio Prado, Guaihuba, Bahú, Varzea da Volta, Mulungú, Arapuá, Vinte e Cinco de Março, Pessoa, Sacco, Bodocongó, Cajaseiras e Serra do Cavallo, afóra reparos e reconstrucções de outros, como Serra Vermelha, Alecrim, Bebado, Nova Cruz, Sancta Cruz, Campinas e Sancta Luzia; linhas telegraphicas na extensão de cêrca de 3.000 kilometros; drenagem de valles e construcção de aterros em Ceará-mirim, Maxaranguape, Carnaubal, Catú, Propriá e Cachoeira; barragens submersiveis em Mossoró, Upanema, e Seridó; perfuração de poços e auxilios para accelerar trabalhos como os dos açudes de Acarape e Salão, a cargo da Inspectoria, além de outros serviços de menor importancia nos Estados em que mais se accentuou a calamidade. Foram tambem construidos os primeiros kilometros de estrada de ferro no Piauhí e cêrca de 150 no Ceará, continuando a construcção, neste e naquelle Estado, de mais algumas dezenas de kilometros.

Quem conhece as devastações produzidas pelas sêccas no Nordéste e sabe que só na de 1877 e 1879 foram gastos improductivamente cêrca de oitenta mil contos de réis, dos quaes septenta e dous mil saïram do Thesouro Nacional, comprehende bem que não seria com a importancia das obras que indicámos que se conseguiria prevenir os males decorrentes de novas crises, que sobrevirão, e de que agora mesmo temos mais um exemplo. As conquistas feitas representam, entretanto, gran-

des passos no terreno das soluções prácticas, maximé quanto á accumulação de elementos indispensaveis para que o problema seja enfrentado e resolvido com segurança, applicando-se os recursos orçamentarios ou extra-orçamentarios em serviços de utilidade real e de accôrdo com o plano systematizado que foi estabelecido. E é justo reconhecer que para este resultado têm contribuido decisivamente — ermanados na consciencia dos mesmos deveres — os homens politicos de responsabilidade nos Estados flagellados, como se verifica no que tractamos, onde desde a administração do seu organizador — o inolvidavel Pedro Velho, que vive e viverá sempre na memória e na saudade de seus conterraneos — não ha um só dos seus governadores e representantes, a cujas cogitações tenha escapado a necessidade da solução dêsse magno problema para a qual cada um na medida de suas fôrças tem feito o possivel.

Os effeitos das sêccas são, na realidade, crueis. Delles, em tempos mais afastados, temos conhecimento por chronicas antigas e por velhos escriptos, a que, ainda não ha muito, se referiu, fazendo longas transcripções, o dr. Thomaz Pompeu, em seu importante trabalho, largamente documentado, sobre *O Ceará no comêço do seculo XX*. Em relação ao Rio Grande do Norte, especialmente, ha, entre outras, duas preciosas noticias, cheias de detalhes e informações commoventes: a *Memoria* do padre Joaquim José Pereira, escripta em 1798, publicada na *Revista do Instituto Historico Brasileiro* e transcripta na do Instituto Historico e Geographico do Estado; e o curioso manuscripto de Manuel Antonio Dantas Corrêa, bisavô paterno do dr. Philippe Guerra, por este publicado em seu interessante livro *Séccas contra a Sêcca.*

São da citada *Memoria* do padre Pereira, que era vigario dos indios na villa de Porto Alegre e residia no Açú, memoria que foi dirigida ao ministro d. Rodrigo de Sousa Coutinho, os seguintes trechos relativos á sêcca na ribeira do Apodí durante os annos de 1792 e 1793.

«A geral penuria que houve de viveres e mais mantimentos causou uma excessiva fome sem recurso algum mais que tudo quanto se encontrava pelos campos e que podia encher os estomagos famintos; calamidade esta que assolou

os povos daquelle continente, que, como bloqueados de um assedio, em que estavam constituidos, supportavam com gemidos e lagrimas o desamparo da sua infeliz situação, em que os puzera o céo naquelle castigo onde lhes parecia estarem abandonados do mesmo céo e da mesma terra. O grande desamparo em que a Providencia e a natureza os entregaram ao jôgo dos tempos os encheu de receios e de temores tantos que se viram obrigados por tudo a procurar, ávidos da conservação da cara vida, que é preciosa e estimavel ao homem, o sustento naquillo que o mesmo acaso lhes deparava, sem terem o verdadeiro conhecimento das suas perniciosas qualidades. De sorte que os agrestes e desconhecidos alimentos, por suas qualidades, deleterios da saude e da vida daquelles habitadores, produziram nelles inchações disformes, vomitos de sangue extraordinarios, dysenterias ferinas, males cutaneos crueis, marasmos ultimos, vindo por este motivo a povoar as sepulturas dos campos e dos povoados...

« Seus passos (falla dos moradores) eram lentos pela nimia fraqueza em que se achavam; sua respiração era cheia de repetidos ais e suspiros; seus olhos estavam fundos e encovados com espanto e os rostos nimiamente pallidos; todos os pobres e egualmente todos os ricos, enfim, foram reduzidos ao miseravel estado desta catastrophe da natureza. Ah! Quem pensara que estas creaturas haviam de servir de pasto ás aves nocturnas amigas de sangue? Ellas pousavam nos seus proprios aposentos e, correndo pelo chão, trepavam sôbre as creaturas que já estavam prostradas pela fraqueza e, á vista das mesmas pessoas que as cercavam, lhes bebiam o sangue e naquelle que derramavam pela terra se achavam nelle ensopadas aquellas tristes e desgraçadas victimas do acaso, exhalando os ultimos espiritos da vida, sem que pudesse haver alguem que, pela fraqueza em que se achavam todos, vigiasse a reparar o lamentavel estrago que fazia sôbre aquellas mesmas victimas o espantoso número de morcegos...

« Quaes outras formigas errantes dos seus formigueiros, pareciam as familias daquelle sertão, procurando o sustento á ventura, cruzando os caminhos e nelles encontrando-se umas com as outras. Pelas estradas se viam os mortos, uns aqui,

outros acolá, que pareciam querer despovoar os termos e capitanias de seus domicilios: então foi que se viu nellas o crimes o delicto, de sorte que os bons se tornaram máos e os máos ficaram peiores. A mesma justiça não havia quem a a administrasse.»

Eis ahi a ligeiros traços, na singella eloquencia das palavras de um cura de aldeia de indios, ha cento e vinte annos, o quadro dantesco dos horrores das sêccas, quadro que é a reproducção de outros anteriores e que dá uma impressão exacta da situação que depois, e por muitas vezes, se renovou nos sertões do Nordéste, movendo a piedade e despertando os mais nobres sentimentos de solidariedade humana naquella vasta região do paiz, que ainda hoje soffre, embora attenuadas, as dolorosas provações de um clima ingrato. Demonstram-no os documentos de que fallámos, as mensagens dos governantes, os discursos dos parlamentares, as affirmações dos scientistas, os escriptos, as memórias, os relatorios, os livros, as publicações de toda ordem que alli já constituem uma copiosa litteratura sôbre o assumpto, principalmente no que diz respeito ás occurrencias posteriores á grande sêcca de 1877 a 1879, quando a população andrajosa e faminta — perdidos todos os seus haveres e despovoadas as fazendas pela mortandade do gado — procurava, por entre innominaveis miserias e indiziveis soffrimentos, o amparo da caridade nos portos e nas cidades, onde, a par das epidemias que então se desenvolveram, naufragou muitas vezes, por entre a especulação e a usura, a virgindade e o pudor de donzellas e a fidèlidade e honra de casadas, mercadejadas a trôco de uma migalha de pão.

O Nordéste é, entretanto, uma terra prodigiosa. «Com as primeiras pancadas d'agua, as arvores se revestem de novas folhas, a rama brota por toda parte, cobrindo o sertão de ricas pastagens de panasco, mimoso e milhã; o gado devora com avidez a verde forragem e em breve se reanima e recupera a gordura e as fôrças. O lavrador lança á terra as sementes de algodão, milho, feijão e mandioca. Na terra e nos ares ha vida e animação. Renasce a natureza.» Mas a vida do sertanejo é de constantes sobresaltos, dominado sempre pelo receio da repetição do flagello e acreditando, na sua inge-

nuidade, em todas as prophecias de bons ou de máos invernos. Sôbre essas prophecias disse o dr. Philippe Guerra, em carta que dirigiu ao seu ermão, Theophilo Guerra, accusando o recebimento de notas que lhe enviara:

«Entre as acceitas pelos sertanejos, penso eu, as principaes são: o dia 1° do anno, limpo, com sol claro, é signal de bom inverno; chuvoso, indica máo inverno ou sêcca. O mesmo com o dia 2 de Fevereiro. Chuvas parciaes em Outubro, ramas, relampagos para cima, bom signal; chuvas em Novembro, máo signal. Chuvas em Dezembro, ramas, babugens, relampagos para cima, optimo signal. Houve relampagos nas vesperas da Conceição? Excellente signal. O dia 24 de Dezembro apresentou signaes de inverno, chuvas ou mesmo simples relampagos para cima? Póde comprar garrotes sem medo, pois o inverno virá. Choveu domingo de carnaval; a semana sancta foi chuvosa? Bom inverno. Dia de S. José 19 de Março, foi limpo, ainda soprou o vento da sêcca? Póde contar com a sêcca.

«Alguns baseiam as previsões em factos certos e determinados que accompanham o anno. Esses são os que se apresentam com ares de sufficiencia, são os que se julgam mais scientistas; inspiram-se muito no célebre *Lunario Perpetuo*, que dizem interpretar e que ainda tem para muitos sertanejos a fôrça das Escripturas Sanctas. São por isso conhecidos, esses, por *lunaristas*, e suas *experiencias* dizem respeito principalmente aos calendarios. Em que dia principia o anno? Veja o planeta dêsse dia o que *diz*, o que promette, pois será elle o regulador do anno. A Paschoa é cedo ou tarde? Qual o *aureo* número? Qual o *cyclo* solar? A lettra dominical?

«As experiencias do povinho baseiam-se naquillo que elle facilmente enxerga. No fim do anno, as formigas de roça procuram situar-se nas baixas, no leito dos riachos ou dos rios? Não haja dúvida: o anno será sêcco. Parece que as abelhas de ferrão têm desapparecido? Ninguem as vê? E' sêcco o anno. Em Novembro ou Dezembro, mesmo em Outubro, em plena sêcca, os olhos d'agua e as fontes perennes mostram sensivel augmento d'guas? Bom signal. O joazeiro, a oiticica, a carnaubeira brotam cedo? Bom prenúncio. O peixe está ovado no fim do anno? Bom signal.

« Enfim, v. sabe, ha innumeras *experiencias*, conforme a phantasia de cada um.

« Acho muito interessante, pela originalidade, e por ninguem saber em que se baseia, a *experiencia de Sancta Luzia*, a que o sertanejo liga muita attenção. Todos a conhecemos: consiste em collocar na noite de 12 de Dezembro, vespera de Sancta Luzia, em um prato seis pedrinhas de sal e expô-las ao sereno. As pedrinhas serão dispostas em uma certa ordem: a 1ª representa Janeiro, a 2ª Fevereiro, a 3ª Março, a 4ª Abril, e assim por deante. Ao amanhecer o dia 13, antes do sol, vai se examinar o estado das pedrinhas de sal, que devem ter passado a noite expostas ao relento; aquellas que estiverem humedecidas indicam inverno, mais ou menos intenso, segundo o estado de humidade da pedrinha, no mez que representa. Si houver alguma *derretida*, indica invernão, inundações, no mez correspondente.

« Contam que um gaiato, vendo uma velha collocar as pedrinhas em certo logar, foi ás occultas e deitou uma gotta d'agua em cada pedra. Pela madrugada, a velha ficou aterrorizada e alarmada ante a perspectiva de seis mezes de inundações.

« Si as pedras se apresentarem sêccas, enxutas, conte com a sêcca.

« As *experiencias de Sancta Luzia* ainda se extendem pelos dias seguintes: o dia 14 de Dezembro apresentou signaes de chuva ? Janeiro será chuvoso. Nada houve, nem relampagos se viu ? Janeiro será sêcco. E assim por deante: 15, representa Fevereiro; 16, Março; 17, Abril, etc.

« Ora, nós sabemos que essas *experiencias*, quer de devotos, quer de *lunaristas*, quer de *naturalistas*, são muito falliveis. Muitas vezes todos os indicios são promettedores: inesperadamente ahi apparece uma falha; sopra o *vento da sêcca*, suspende-se o inverno, vem a sêcca. Póde succeder tambem o contrário: todos os signaes são desanimadores, regulariza-se, porém, a estação e ha um bom inverno. Infelizmente, esta última hypothese é mais rara, pois as condições climaticas do sertão propendem mais para a sêcca do que para o inverno. Até mesmo os dados fornecidos pela tradição, pela história das sêccas, que parecem determinar uma certa re-

petição periodica do phenomeno, não são rigorosamente seguras. Essa periodicidade não é facto que mereça ser desprezado: merece a maxima attenção. Algumas vezes, porém, tem falhado.

«E a *estrella*? Muitos julgam que Venus apparecendo, durante os mezes proprios da estação invernosa, pela madrugada, ao Nascente, é signal de bom inverno. O anno será sêcco ou máo, de inverno escasso, etc., si a *estrella* não apparecer pela madrugada. Tambem não é segura essa *experiencia*. Assim, em 1896, o inverno foi fraco e a *estrella* foi matutina de Janeiro até Julho. Em 1898, conhecida sêcca, desde 15 de Fevereiro, Venus foi matutina. Em 1902, muito fraco inverno: a *estrella* esteve no Nascente desde Fevereiro. Em 1904, ainda escasso: desde Janeiro Venus foi matutina. O mesmo em 1907....

. . . .

«Seja como fôr, póde-se dizer que não ha sertanejo que se furte á influencia das *experiencias*: o meio em que elle vive o tem predisposto. O ambiente de dúvidas, de incertezas, de vacillações, em que vive, a permanente ameaça em que se encontra, podendo de um momento para outro ser atirado de um relativo confôrto aos crueis dissabores da miseria, esse estado de cousas secundado pela sua fraca cultura e por principios religiosos que recebeu, tudo isto arrasta o espirito a uma especie de fatalismo, phantasista ao mesmo tempo, contando sempre com o imprevisto em todos os seus calculos e planos de acção.

«As experiencias sertanejas não fazem mal e muitas vezes reanimam um espirito attribulado por ingrata lucta; trazem contentamento, passageiro embora; já é valioso serviço.»

Nos annos normaes, o sertanejo vive na abastança e na fartura. Tudo lhe sorri e pouco é necessario á sua admiravel sobriedade, que se transforma em heroica resistencia, quando sobrevem a sêcca. Então essa admiravel resistencia é serena bravura: a sua coragem não tem limites e a consciencia do seu valor não mede a extensão dos soffrimentos que o aguardam. Busca, antes de tudo, salvar a criação, que é a sua maior fortuna. As pastagens se extinguem? As arvores estão despidas e núas? Não importa: no meio das ca-

tingas calcinadas se eleva viçoso o joaseiro, que fornece nessas occasiões a melhor rama do sertão. Abatem-lhe os galhos terminaes e com elles alimentam as rezes mais depauperadas, que, « ao som do facão, accorrem tropegas e famintas », e são por esse meio e com cuidadoso tracto, disputadas á morte. A oiticica não lhe offerece recursos porque, embora conserve a sua verdura, morre si lhe cortam as folhas. Outro tanto, porém, não succede com os cactus, que « são talos atormentados e disformes, armados de longos espinhos acerados. Vivem protegidos por suas armas defensivas e naturaes, e os animaes os respeitam. Mas, nas sêccas são cortados, amontoados e tostados pela chamma. Só os espinhos, unica parte sêcca do vegetal, ardem. O resto é poupado e constitue uma grossa epiderme branca, carnosa e humida, impregnada de um succo, glutinoso e espesso. E' uma maravilha como em similhantes condições atmosphericas co-existe tamanha humidade. A fumaça azulada e clara da fogueira eleva-se tenue no seio abrazado da catinga, e os rebanhos que de longe se avistam vêm correndo e mugindo em busca do alimento de que é indicio». Chega, entretanto, o momento em que tudo falha, e o intrepido sertanejo enfraquecido, sem alentos, exhausto, sente-se impotente para luctar com a adversidade: a criação, entregue a sua sorte, *morre a acabar*, e elle, prêsa de todas as necessidades, bate as porteiras dos curraes, abandona as fazendas e emigra, formando grandes caravanas de *retirantes* — abastados e ricos de hontem, pobres e mendigos de hoje — que esperam encontrar nos centros populosos e nos valles frescos do *agreste* o soccorro e o amparo, de que se sentem orphãos. Durante a travessia, em que, ao longo das estradas, toscas cruzes assignam, de espaço a espaço, o fim do martyrio dos que succumbiram á fome, não se lhe depara, em regra, outra alimentação que não seja a de vegetaes silvestres.

Relativamente a vegetaes, escreveu o dr. Raimundo Pereira da Silva:

« *Xique-Xique*: Cardo silvestre, cheio de espinhos do tamanho e da fórma de alfinetes. A parte utilizada para alimentação é o miolo. Para verificar si o xique-xique está em con-

dições de ser aproveitado, os sertanejos cortam-lhe o *olho*: apresentando a ferida bolhas d'agua, está *gordo* e não serve; observando-se o contrário, está *magro* e então cortam os galhos, aparam a polpa espinhosa, que protege a medulla, abrem-n'a ao meio, seccionam em aparas, põem-n'a a seccar ao sol. Quando bem sêcca, pizam-n'a, reduzindo-a a massa, que é lavada em muitas aguas até perder o *amarujado* e consumida sob a fórma de beijús, cuscús, bolos, etc. Quando o xique-xique está bem enxuto ou magro, algumas pessoas comem-n'o fresco, simplesmente assado. E' uma alimentação forte, mas occasiona diarrhéas e, nas mulheres, a suspensão das regras. *Macambira*: Planta da familia das Bromeliaceas. Extrahe-se a batata encontrada entre o tronco e as raizes, rala-se, lava-se a massa resultante em muitas aguas e com ella fabricam-se beijús e sobretudo farinha, que tem grande consumo. Mesmo nos annos normaes, a farinha da macambira já é vendida nas feiras, durante o verão, para ser utilizada como forragem. *Gravatá*: Da mesma familia da precedente. E' tambem utilizada de fórma identica, sendo, porém, menos rendosa e inferior como alimentação. *Maniçoba*: Ha duas especies de maniçoba, a arvore, da qual se extrahe a borracha, e o arbusto, tambem chamado mandioca brava, por ser muito parecido com esta, differindo somente no porte, que é maior, e nos tuberculos, que são menores e mais lenhosos. Aproveita-se a maniçoba quasi como a mandioca. A massa, porém, é dura e contém fraca proporção de gomma. *Mucunan*: Planta trepadeira. As sementes extrahidas da fava são torradas ao fogo, pisadas e lavadas em muitas aguas, ficando por fim uma massa pardacenta, de sabor acre, que é consumida em mingáos, pirão, etc. A semente da mucunan contém um veneno violentissimo que só perde depois de passar pelas operações citadas. *Pau-pedra*: Arvore. As raizes mais tenras e tuberosas são raladas e a massa resultante lavada em *nove aguas*. Extrahe-se assim uma gomma de côr amarellada, que se come em mingáos e é bastante alimenticia. E', porém, um producto de insignificante rendimento, sendo necessaria uma grande porção de raizes para obter-se uma chicara de gomma. O páo-pedra é um veneno energico que ataca rapidamente a vista. Dizem os sertanejos que não

sendo lavado em nove aguas, nem menos uma, o individuo que o come fica em poucas horas cego. *Carnaúba*: Palmeira muito conhecida. O palmito, extrahido da planta nova, é ralado e lavado em muitas aguas. Por este processo, é separada uma gomma que é utilizada em mingáos, beijús, bolos, etc. O palmito contém fraca proporção de gomma, mas esta é de sabor agradavel e o mais sadio dos alimentos silvestres. Os animaes comem tambem com satisfacção o palmito da carnaúba. Arvore de crescimento lentissimo (quando chega ao poncto de poder ser extrahido o palmito não tem menos de 20 a 25 annos) e de tanta utilidade para o homem que é chamada, com razão, a arvore providencia; é verdadeiramente de lastimar que a fome seja a maior causa da sua destruição. *Umbuseiro*: Arvore, como as precedentes, extraordinariamente resistente ás sêccas, que, mesmo depois de trez annos, não conseguem fazê-la perder o viço e a frescura. Dá excellentes fructos, principalmente consumidos em fórma de cambica preparada em leite; mas é a batata encontrada nas raizes finas, quasi á flôr da terra, que é utilizada nas sêccas como alimentação, apesar de pouco nutritiva. Descasca-se a batata, corta-se em aparas e põe-se a seccar ao sol. Quando sêcco, o producto é pizado ou ralado, transformado em farinha e consumido em fórma de pirão ou de sopa. O consumo prolongado da farinha do umbuseiro produz inchação geral do individuo.

«São estes, junctamente com os preás, pombas de arribação, camaleões e até lagartixas, certas especies de cobras e cadaveres de animaes mortos pela fome, os tristes recursos de que se vale a população pobre do sertão, desde que a sêcca passa do primeiro para o segundo anno, e têm sido elles que, nessas occasiões de miseria, têm evitado a hecatombe em massas de dezenas de milhares de Brasileiros.»

Attingido o termo da viagem, o destemido sertanejo está com o organismo exgottado, sua resistencia é quasi nulla; mas, mesmo assim, continúa a luctar e, si lhe falta o auxilio da caridade pública ou particular, com ou sem trabalho, ainda tem o ánimo forte para ir, de resolução propria ou fascinado por enganadora miragem, tentar a fortuna nos seringaes da Amazonia, onde — si não for victimado pela

inclemencia do clima — terá como premio de sua temeridade a triste escravidão de que fallou Euclides da Cunha, em páginas magistraes.

Em resumo: com as longas estiagens, esteriliza-se o sólo; desnudam-se os campos; anniquilla-se a criação; exgottam-se todos os recursos; e grandes levas de *retirantes*, exhaustos e em desespêro, procuram, deslocando-se para o littoral, fugir a uma morte certa, impiedosamente dizimados sob um céo de fogo e sôbre terras que abrazam.

Aos milhares se agglomeram nas cidades e nos portos, em grande promiscuidade, de perniciosos effeitos para a ordem e saude públicas; mas nem ahi podem permanecer, porque, sem meios com que possam assegurar a subsistencia, são forçados a recorrer á esmola, que humilha, e, vencidos pelo infortunio, á abandonar a terra em que nasceram e a que já nada os prende, porque de tudo foram privados nos transes angustiosos por que passaram.

Começa o exodo para outras regiões do paiz; e, com os braços validos que inenarraveis soffrimentos arrebatam pela expatriação ao trabalho fecundo, perdem-se os mais essenciaes elementos de vida para os Estados, que — extinctas as suas fontes de renda e aggravada a sua situação financeira pela ruina da fortuna pública e privada — se deparam na dolorosa contingencia de appellar para o auxilio da União.

E' o que occorre sempre que se manifesta o tremendo flagello, que tantos e tão duros sacrificios nos tem custado.

Felizmente, na hora que passa, não ha mais divergencias sôbre a orientação a seguir, que é — sem prejuizo do soccorro que nos cumpre dar á população dos sertões do Norte no momento em que a crise se torna mais aguda, e em que seria deshumano abandoná-la em seu Calvario, tocada pela má fortuna e sem amparo em sua propria patria, tão prodiga e generosa para o extrangeiro que a busca — apressar a execução das obras defensivas, sobejamente estudadas, contra os effeitos da esmagadora calamidade.

A nosso ver, e para chegar quanto antes a similhante resultado, podemos e devemos ir, em épochas normaes, até á realização de uma grande operação de crédito; para justificação bastaria considerar o valor *homem* como factor eco-

nomico e ter em vista que, com ella, seriam salvas, de presente e de futuro, muitas centenas de milhares de Brasileiros, a quem as hostilidades ambientes deram uma coragem e uma resistencia excepcionaes. (*Applausos.*)

O SR. FLEIUSS pede depois a palavra e apresenta a seguinte proposta, que é approvada por unanimidade, ficando, porém, para ser posteriormente regulamentada:

«O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, esta casa que, no dizer de Joaquim Nabuco, é « onde se aprende a collocar acima de tudo a patria », não póde desinteressar-se dos Brasileiros que no Nordéste do paiz soffrem os horrores da sêcca.

Na medida dos seus exforços o Instituto deve tambem prestar seu auxilio e para levá-lo a effeito proponho que se auctorize o sr. presidente a, em nome da associação, convidar alguns dos seus illustres consocios para que realizem conferencias sôbre assumptos de verdadeiro interesse patrio, quer sob o aspecto historico, quer sob o geographico, ethnographico ou mesmo litterario. Taes conferencias serão devidamente annunciadas e as pessoas que comparecerem deixarão á entrada um obulo qualquer.

As quantias arrecadadas terão immediato depósito no Banco Mercantil, sendo postas á disposição do sr. ministro do Interior para o fim indicado.

O sr. presidente do Instituto poderá extender os convites aos professores da Faculdade de Philosophia e Letras.

Sala das sessões, 24 de Maio de 1919. — *Fleiuss.*»

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão ás 23 horas. — *Roquette Pinto*, 2° secretario.

TERCEIRA SESSÃO ORDINARIA, EM 16 DE JUNHO DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

A's 21 horas, presentes os socios srs. conde de Affonso Celso, Max Fleiuss, Augusto Tavares de Lyra, Basilio de Magalhães, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, Sebas-

tião de Vasconcellos Galvão, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, marechal dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, commandante Raul Tavares, Alfredo Pinto Vieira de Mello, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, major dr. Liberato Bittencourt, commandante Francisco Radler de Aquino e João de Lyra Tavares, abre-se a sessão.

O SR. BASILIO DE MAGALHÃES (*servindo de 2º secretário*) lê a acta da segunda sessão ordinaria, realizada a 24 de Maio ultimo, a qual é, sem discussão, approvada por unanimidade.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que lhe cumpre o triste dever de communicar a morte do socio effectivo, marechal José Bernardino Bormann, eleito em 20 de Abril de 1915, e fallecido a 1º do corrente. Communica tambem o obito do socio benemerito, dr. Sabino Barroso Junior, admittido a 2 de Maio de 1902 e fallecido a 15 do corrente, salientando que, como ministro do Interior, expediu elle a 13 de Novembro de 1902 o aviso n. 2.598, determinando ao engenheiro do Ministerio que entregasse ao presidente do Instituto Historico as chaves do predio em que funccionava o Supremo Tribunal Federal, á rua do Lavradio, logo que o mesmo Tribunal passasse para o edificio da rua Primeiro de Março.

Conforme os Estatutos, será consignada, na acta da sessão, um voto de profundo pezar por essas deploraveis perdas.

Quanto aos meritos e serviços dos dous desapparecidos, delles se occupará opportuna e convenientemente a conhecida eloquencia do orador perpétuo do Instituto.

Em contraste, tão commum nas cousas humanas, tem de referir-se ao orador perpétuo do Instituto, que passa hoje o seu dia de annos.

Ocioso fôra recordar e enaltecer perante o Instituto o quanto lhe merece o querido e venerando barão de Ramiz Galvão.

Está certo de que traduz o sentimento unanime dos consocios, propondo que conste da acta da sessão o jubilo do Instituto pela feliz celebração dêsse anniversario natalicio, cuja reproducção praza a Deus se prolongue o mais extensamente possivel. (*Applausos.*)

O SR. FLEIUSS (*secretário perpétuo*, justifica a ausencia dos consocios Laudelino Freire, Homero Baptista, Roquette Pinto, Agenor de Roure e Gomes Ribeiro.

Lê, depois, o mesmo SECRETÁRIO o seguinte officio do consocio benemerito sr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada: «Exmo. sr. — Tendo, ha annos, recebido do exmo. sr. dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada Sobrinho, em São Paulo, documentos e manuscriptos pertencentes ao espolio do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, patriarcha da Independencia, decidi offertá-los ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro nas mesmas condições em que elles me chegaram ás mãos. Ao exmo. sr. Max Fleiuss, d. secretário do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, 12 de Junho de 1919. — *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*».

O SR. SECRETÁRIO diz que mandou immediatamente proceder á catalogação do importantissimo acervo, e dos trabalhos já feitos nesse sentido póde-se concluir que o archivo do patriarcha encerra documentos do mais subido interesse, como, entre muitos outros, os papeis sôbre o *Caracter geral dos Brasileiros*, *Pensamentos varios*, *Civilização dos indios e cousas do Brasil*, *Discurso pronunciado na Academia Real de Sciencias, em 1813*, *Nota sobre a Fidalguia*, *Plano do regimento das companhias mineiras*, *Diario da enfermidade do patriarcha até os seus ultimos momentos* e uma carta de W. E. Eyte pedindo a mão de uma filha do patriarcha, carta esta que o SECRETÁRIO lê.

O SR. PRESIDENTE diz que o Instituto, que acaba de ouvir a interessante exposição feita pelo SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO, reitera os agradecimentos ao benemerito consocio sr. Martim Francisco.

O SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO lê depois o seguinte parecer da Commissão de Historia:

— «O sr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger depois de iniciar estudos na Universidade de Berlim (1899-1901), foi continuá-los em Heidelberg (1901-1902), onde se doutorou em Philosophia no anno de 1902, com uma monographia sôbre a colonia de Hollandezes de Goldau, perto de

Posen, contribuição ao conhecimento da história da Gran-Polonia no seculo XVIII. E foi approvado com o gráo *magna cum laude*. Continuou seus estudos historicos e economicos por mais um semestre em Berlim, indo trabalhar na Secção do Catalogo Geral das Bibliothecas Prussianas. Depois percorreu a Russia européa e parte da asiatica. Em 1908 e 1909 visitou a Belgica, França, Hispanha e Portugal, vindo depois para o Brasil. Publicou neste interim: *Problemas das vias de communicações na Asia russa* (Halle, 1905); *Historia do Banco Oriental de Commercio e Industria, 1857-1907* (Posen, 1907); *Historia Polaca* (Leipzig, 1907) e os dous pequenos, mas substanciosos volumes sôbre *Pernambuco e Evolução do Brasil para a sua independencia* (*Pernambuco und die Entwiekelung Braziliens zur Selbständigkeit*, S. Leopoldo. 1917-1918).

Com estes dous tomos propõe-se o auctor dar aos leitores de lingua allemã um conhecimento mui exacto da evolução de nosso paiz para a sua completa autonomia.

Ao rebentar a guerra tinha o sr. Brandenburger em vias de publicação em Leipzig os seguintes trabalhos: *Poesias escolhidas e commentadas*, precedidas de biographia, do grande poeta mystico Johann Scheffler, mais conhecido por Angelus Silesius, e *No Imperio dos Tzares, Impressões de viagem na Russia.*

Apesar das monographias anteriores de W. Schrader (Angelus Silesius und seine Mystik), Kralik (A. Silesius und die christliche Mystik), ainda merecia aquelle poeta uma anthologia vulgarizadora como a que a elle dedica o sr. Brandenburger.

Em preparação e a publicar-se tem o sr. Brandenburger: *Historia da Colonização com Allemães nas terras da Corôa de Polonia*, uma nova edição brasileira da Historia da Polonia; *Prosadores Brasileiros*, primeira collecção (traducção e commentarios critico-biographicos); *Historia do Brasil*, desde o início do seculo XIX, e que é parte de uma Historia Geral do Brasil que o auctor pretende completar em dous volumes; *Collecção de mythos e contos dos indios brasileiros.*

Além disto tem o sr. Brandenburger em elaboração uma série de contribuições, que servirão para o Diccionario Historico e Geographico com que o Instituto pretende commemorar o centenario de nossa Independencia.

Por tudo isto vêm os illustres confrades do Instituto Historico e Geographico Brasileiro que o sr. Brandenburger que desde 1911 adoptou a nacionalidade brasileira (e desde então habita sua propriedade agricola perto de Vassouras), por sua laboriosidade no cultivo dos estudos historicos merece ser admittido como socio do nosso Instituto.

Rio, 16 de Junho de 1919. — *Juliano Moreira*, relator. — *Clovis Bevilaqua.* — *Basilio de Magalhães.* — *Laudelino Freire.*»

E' approvado e vai á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. Antonio Olyntho.

Lê depois as seguintes propostas:

— «Propomos para socio honorario do Instituto, nos termos do art. 9° dos Estatutos, o exmo. e revm. sr. d. Francisco de Aquino Corrêa, bispo de Prursiade, presidente do Estado de Matto Grosso e do Instituto Historico do mesmo Estado.

Sala das sessões, 16 de Junho de 1919. — *Fleiuss.* — *Basilio de Magalhães.* — *J. G. Guillobel.* — *Souto Maior.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Raul Tavares.*»

Vai á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. Miguel de Carvalho.

— «Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. coronel dr. José Maria Moreira Guimarães, auctor do trabalho apresentado ao Primeiro Congresso de Historia Nacional sôbre o historico da organização da fôrça militar no Brasil, publicado na parte 3ª do tomo especial da *Revista do Instituto*.

Sala das sessões, 16 de Junho de 1919. — *Fleiuss.* — *J. C. Guillobel.* — *Souto Maior.* — *Raul Tavares.*»

— Vai á Commissão de Historia, sendo relator o sr. Basilio de Magalhães.

— « Propomos para socio correspondente do Instituto o sr. Estevam de Mendonça, do Instituto Historico de Matto Grosso e auctor das *Datas Mattogrossenses*, de que offereceu um exemplar a esta associação, estando assim cumprida a disposição do art. 8º dos Estatutos.

Sala das sessões, 16 de Junho de 1919. — *Fleiuss.* — *Basilio de Magalhães.* — *J. C. Guillobel.* — *Souto Maior.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.*»

Vai á Commissão de Historia, sendo relator o sr. Laudelino Freire.

Passa a ler os seguintes pareceres:

— « A Commissão de Admissão de Socios cumpre o grato dever de applaudir a proposta que indicou o sr. Solidonio Leite para socio effectivo do Instituto. Tracta-se de uma individualidade vantajosamente conhecida, que reúne todos os predicados moraes e intellectuaes, sendo, portanto, de grande conveniencia a sua admissão.

Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1919. — *Manuel Cicero Peregrino da Silva,* relator. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires.* — *Ramiz Galvão.*»

— « O nome do sr. Afranio Peixoto dispensa qualquer commentario elogioso. Todos o conhecem como o de um dos nossos mais completos scientistas e homens de lettras.

A sua admissão como socio effectivo do Instituto será, portanto, um acto merecedor de unanimes applausos. E' este o parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1919. — *Ramiz Galvão.* relator. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires.* — *Manuel Cicero Peregrino da Silva.*»

O SR. PRESIDENTE declara que estes pareceres ficam para ser votados na primeira sessão.

O SR. BASILIO DE MAGALHÃES diz que tractando os pareceres de dous Brasileiros tão conhecidos e illustres, requer urgencia para serem taes pareceres votados immediatamente.

Consultada a casa, é concedida a urgencia. Corrido o escrutinio secreto sôbre cada um dos pareceres são os mesmos

approvados por unanimidade e acto contínuo o PRESIDENTE DO INSTITUTO proclama eleitos socios effectivos os srs. Solidonio Leite e Afranio Peixoto, aos quaes será feita a devida communicação, após a publicação da acta no *Diario Official.*

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) declara que o objecto principal da sessão é uma homenagem á gloriosa Marinha Brasileira, cujo benemerito chefe actual, o sr. almirante Gomes Pereira, prestantissimo socio do Instituto, tem a honra de ver a seu lado, e da qual trez vultos preeminentes vão ser exalçados pela competencia litteraria e technica de outro não menos estimado confrade, o sr. commandante Raul Tavares.

Como se sabe, a Capital, o Brasil inteiro vibram presentemente de regosijo, reconhecimento e justo orgulho, em virtude de galharda haver regressado a esquadra que heroicamente, ha um anno, partira para a grande guerra e de modo brilhante desempenhou a sua tão nobre quão ardua missão.

O Instituto de coração se associa aos sentimentos da população, louvando, applaudindo, acclamando a divisão naval que acaba de honrar o pavilhão brasileiro nos mares europeus e africanos, sendo que, quanto a estes ultimos, seguiu antiga e magnifica tradição.

Com effeito, em Agosto proximo, vai fazer 271 annos que uma frota brasileira, aqui apparelhada, commandada por um almirante brasileiro, nascido nesta cidade, Salvador Corrêa de Sá, havendo singrado para a Africa, se apoderou dos fortes de Loanda e retomou Angola aos Hollandezes.

Honra á Marinha Nacional ! (*Vivos applausos.*)

Tem a palavra o sr. commandante RAUL TAVARES, que lê o seguinte trabalho:

TREZ GRANDES ALMIRANTES
(*Ensaio historico*)

Exmo. sr. presidente ! Prezados confrades ! Exmas. senhoras ! Senhores !

Que se me abram de par em par as portas da Verdade, na transfiguração dignificante da Justiça, e o Instituto Historico me perdôe a ousadia de pretender coroar de louros, tré-

mula a mão e esmarrido o espirito, a fronte bella de trez dos mais illustres servidores da Patria, sobre os quaes se póde dizer como dos cavalheiros de Ariosto:

Oh gran bontà dei cavalieri antichi !

Por certo, elles não são Nelson, Farragut ou Togo; mas Luiz Phelippe de Saldanha da Gama, Custodio de Mello e Arthur de Jaceguay.

Trez sóes na constellação fulgurante do saber e da honra, cujos satellites ainda recebem os seus influxos, vivem das suas luzes, inspiram-se nos seus exemplos.

As leis inexoraveis do ambiente estreito e cahotico, em que fulguraram, não os poderiam fazer maiores !

E é admiravel, enchendo-nos de orgulho, ao reflectirmos que, da temperatura moral e intellectual em que cresceram, houvessem de saïr tão grandes !

Os trez estão no *al di là* mysterioso e fatal, de onde jamais ninguem voltou ! E, coincidencia notavel, os trez dormem na mesma necropole ! Lá, em S. João Baptista, num canto, uma lapide singela de marmore branco, assignala a morada eterna de Custodio de Mello; noutro desvão, identica e marmorea pedra, indica o repouso tambem eterno de Arthur Jaceguay; e mais além, um monumento que é, incontestavelmente, o mais artistico de todos os nossos cemeterios, de bronze e marmore negro dos Pyrineos, destaca-se austero e silencioso.

Nos seus baixos relevos, assoma a figura athletica de Saldanha da Gama, cavalgando fogoso ginete, pistola em punho, voltado o rosto congestionado pela pugna desegual para os seus perseguidores, de lanças em riste, espadas tremulando aos ares, sedentos de sangue, que lhe vararam o coração generoso e lhe golpearam a cabeça bella, partindo-lhe o craneo, onde fervilhavam grandes idéas e se aninhavam, coloridas por um formoso talento, a Sciencia e a Arte. E', senhores, o episodio historico e doloroso da derradeira phase do combate de Campo Osorio !

Pois bem: lá estão elles inertes e materializados ! Mas, daquelles trez sacrarios, ainda e sempre nos ha de ficar a lembrança dos seus gloriosos feitos, a recordação nobilitante e perenne dos seus exemplos, que um Homero cantaria em

versos epicos e terços e um Plutarcho perpetuaria nas páginas empolgantes dos seus varões illustres!

LUIZ PHELIPPE DE SALDANHA DA GAMA

O nosso preclaro orador perpétuo, dr. Ramiz Galvão, num manuscripto que offereceu ao archivo dêste Instituto, nos dá com exactidão as seguintes notas biographicas de Luiz Phelippe de Saldanha da Gama:

«Filho de José de Saldanha da Gama e de d. Maria Carolina Barroso de Saldanha da Gama, neto pelo lado paterno dos condes da Ponte e pelo materno de Sebastião Gomes Barroso e de d. Anna Gomes Barroso, nascido na cidade de Campos (Estado do Rio de Janeiro) a 7 de Abril de 1846. Depois de cursar com distincção os primeiros annos do Collegio Pedro II, assentou praça de aspirante de marinha em 26 de Fevereiro de 1861. Guarda-marinha a 26 de Novembro de 1863 fez a viagem de instrucção na corveta *Bahiana*. De volta, em 1864, seguiu para o Rio da Prata, tomou parte no ataque e tomada de Paisandú e esteve presente ao sítio e rendição de Uruguaiana. Promovido a 2° tenente a 22 de Dezembro de 1865. Seguindo depois para a esquadra que bloqueava o Paraguai, serviu a bordo dos couraçados *Mariz e Barros* e *Brasil* e forçou o passo de Curupaití a 15 de Agosto de 1867, já 1° tenente desde 21 de Janeiro dêste anno. Teve parte nas luctas do Chaco, quando as fôrças paraguaias que abandonaram Humaitá procuravam evadir-se. Forçou no *Brasil* as baterias do Timbó e de Angustura (Outubro e Novembro de 1868). Por decreto de 2 de Dezembro de 1869 foi promovido a capitão-tenente e logo depois nomeado instructor dos guardas-marinha a bordo da corveta *Niteroi;* em 1871 desempenhou-se de egual commissão a bordo da corveta *Bahiana*. Em 1872 exerceu o primeiro commando no vapor *Ipiranga*, e mais tarde commandou a *Trajano*, a *Araguarí*, a *Guanabara*, o cruzador *Almirante Barroso* e por último o couraçado *Riachuelo*, Por decreto de 9 de Dezembro de 1879 foi promovido a capitão de fragata, em 25 de Maio de 1889 a capitão de mar e guerra, e finalmente em 14 de Novembro de 1891 a contra-almirante. Neste periodo desempenhou-se das seguintes commissões: de 1873-74 foi membro da commissão brasileira que

representou o Imperio na Exposição Universal de Vienna, e em 1876 da que representou o Brasil na Exposição Internacional de Philadelphia; em 1878 dirigiu a Bibliotheca da Marinha; em 1879 foi secretário da missão Silveira da Motta á China; em 1882 membro da commissão brasileira nomeada para a Exposição Continental de Buenos Aires; de 1882 a 1883 conduziu a Punta-Arenas a commissão que, sob a chefia do dr. Luiz Cruls, foi observar a passagem de Venus; de Abril a Novembro de 1883, commandando a *Guanabara,* fez a viagem de evoluções; a 13 de Novembro dêsse anno entrou em exercicio como membro effectivo do Conselho Naval. Em 1884 fez parte de duas commissões especiaes: a que deveria indicar o melhor systema de defesa do porto do Rio de Janeiro, e a incumbida de elaborar o projecto de reforma da Eschola de Marinha. De 1885-86 e de 1886-87 dirigiu viagens de instrucção de aspirantes. Em 1889 representou o Brasil no Congresso Internacional de Washington, e no desempenho desta missão foi colhido pela mudança de regimen, por que passou a nossa Patria.»

Regressando ao Brasil em 6 de Agosto de 1890, em plena existencia do govêrno provisorio, chefiado pelo marechal Deodoro da Fonseca, Saldanha da Gama entrou desde logo a prestar com brilho e dedicação os seus serviços militares á nova ordem de cousas creada pela revolução de 15 de Novembro de 1889, sendo nomeado commandante do Corpo de Marinheiros Nacionaes, cargo de que tomou posse a 6 de Septembro de 1890.

Foi justamente por essa épocha, senhores, que comecei a comprehender a necessidade de ir conhecendo os meus futuros chefes. Na minha insignificante qualidade de aspirante de marinha, difficil me era procurar fazê-lo pessoalmente. Entretanto, por outra maneira fui, a pouco e pouco, esmerilhando os feitos, os serviços e o valor daquelles que me chamavam mais a attenção, sobretudo os que, como Saldanha, já possuiam um nome feito no seio da marinha, pelo seu passado de glórias conquistadas na campanha do Paraguai, pelas suas notaveis qualidades de emeritos commandantes e pelo valor technico notoriamente reconhecido nas muitas e importantes commissões que desempenharam.

Em 1890, por uma coincidencia interessante, caïa-me ás mãos trez obras notaveis de Saldanha da Gama: *O canhão, o torpedo e o ariete*, *Relatorio sobre a Exposição Universal de Vienna* e a *Descripção da viagem da corveta «Parnahíba»*, que, sob seu commando, conduziu uma douta commissão de astronomos para assistir, nas terras luminosas da Patagonia, a passagem de Venus pelo disco solar.

Foi, senhores, através das páginas dêsses livros admiraveis, principalmente nas do primoroso relatorio sôbre a passagem de Venus, que comecei a conhecer Saldanha da Gama, então capitão de mar e guerra.

Nas graciosas descripções de todas as peripecias que culminaram a viagem da sua — *gasela* — como elle chamava a *Parnahíba*, o escriptor se me revelava, num estylo inflammado e ao mesmo tempo gentil, todo o seu character, mixto de energia de soldado e delicadeza de — *gentleman* — com que nas toldas das naves ou nos salões da mais requintada elegancia, impunha-se e se destacava desde logo, no gesto de cavalheiro que se poderia repetir — *sans peur et sans réproche.*

Mais tarde, seu nome feria-me de contínuo os ouvidos, quando se lhe attribuia a chefia, na marinha, de um movimento revolucionario, que, de facto, se manifestou em 10 de Abril de 1892, contra o marechal Floriano Peixoto.

Achava-me servindo a bordo do encouraçado *Aquidaban*, cujo commando fôra confiado ao então capitão-tenente Altino Flavio de Miranda Correia.

Apesar de estarmos incommunicaveis com a terra, os boatos corriam, as denúncias multiplicavam-se a respeito de Saldanha, que por fôrça delles, viria tomar de assalto aquelle navio! Todas as providencias repressivas dessa pseudo-tentativa foram tomadas pelo commandante Altino, e eu, encarregado de uma metralhadora de dois canos, estava destinado, na noite de 10 de Abril, a romper fogo sôbre uma embarcação que, pelas 11 horas, se dirigia a toda fôrça de machina para o encouraçado.

Dada a ordem de fazer fogo, fiz uma descarga com aquella arma, que figurava á pôpa do legendario navio.

A lancha parou: e os gritos de que havía auctoridade de marinha a bordo ecôaram, repetidamente, porque a lancha não trouxera o sancto e a senha preestabelecidos. Mas, a convicção de todos era que aquella lancha devia ser suspeita; nella devia estar o almirante Saldanha; aquillo era um ardil!

Depois de chegar á falla, morosamente, como lhe fôra ordenado, os canhões e metralhadoras aponctados sôbre ella, atraca afinal.

Della desembarca um official ajudante d'ordens do almirante Custodio então ministro da Marinha, e atraz delle, seguido de varios outros officiaes do exercito, surge ao portaló do *Aquidaban* a figura marcial do então tenente-coronel Menna Barreto, hoje marechal reformado.

A decepção fôra grande, mas a surpreza da presença, alli, de Menna Barreto, agitado, nervoso e altivo, não era menor; decepção, porque não apparecia Saldanha; surpreza, porque só então se soube a bordo que Menna Barreto e mais alguns companheiros vinham presos, por terem tentado contra a existencia do poder executivo da Republica.

Saldanha nunca apparecera entre os presos de 10 de Abril, e licenciado, calmamente, na sua terra natal — Campos — assistia entristecido, é certo, mas alheio ao clangôr das convulsões intestinas que marcaram com o ferrete da dictadura militar, os periodos agitados da novel Republica Brasileira.

Pouco tempo, porém, durou o ostracismo do homem que, um anno e pouco mais tarde, havia de chamar sôbre si todas as attenções.

Com effeito, pouco depois, era elle nomeado director da Eschola Naval.

Deveis comprehender quão surprehendente fôra para nós, alumnos, a notícia daquella nomeação.

Ouvindo durante mezes em que estivemos embarcados nos navios da esquadra as mais calumniosas ausencias ao nosso futuro director, era mui natural que o houvessemos de receber com reservas, desconfiados, contrariados, repudiando-o francamente.

Era que a invèja e a calúmnia haviam semeado os seus fructos maleficos e dissolventes.

Saldanha representara saliente papel contra a revolução de 23 de Novembro de 1891, realizada por grande parte da marinha, ficando, lealmente, ao lado do glorioso soldado que fizera a Republica, o marechal Deodoro; aos 45 annos de edade, exclusivamente, pelos seus meritos profissionaes e seus serviços, chegara ao almirantado e era o mais moço dos almirantes; no commando do Corpo de Marinheiros Nacionaes conquistara justa fama de eximio disciplinador e provecto organizador; o phantasma do seu valor intellectual e moral que o indicava como o mais capaz conductor de homens, e que se fazia sentir, fascinadoramente, entre os seus subordinados, dando-lhe um prestigio que só alcançara egual o almirante Jaceguay, vinha produzindo o effeito do sol que illumina, mas caustica, que fascina, mas atormenta, que dá luz e vida, mas não impede a escuridão das noites sem luar, onde nem ha consciencia, e em que a inveja e o ciume, o despeito e a calúmnia nellas encontra guarida e nellas prolifera. Era, sem dúvida, por tudo isso, que nos haviam mostrado Saldanha como um criminoso moral!

Mal assomara, porém, face a face com a longa fileira de alumnos da Eschola Naval, cêrca de 250 rapazes, a figura erecta e robusta, em cuja physionomia, de uma belleza mascula, se traçava em grandes characteres as marcas indeleveis do seu character impolluto, e transparecia toda a pujança do seu pulso de disciplinador austero e affectuoso, sentimos como que um fremito de admiração nos perpassar aos olhos, pela firmeza dos seus passos, pela elegancia e correcção da sua farda e da sua continencia militar, e, sobretudo, quando sorrindo, a sua voz cristallina, modulada e poderosa ecôou por entre nossas fileiras, em um hymno sadio e alegre aos deveres daquelles que, como nós, se destinavam alli, á defesa da Patria extremecida. Era a victória arrancada a golpes e gestos de heroe, e no seu coração sempre tão bondoso, elle começava a guardar, paternalmente, aquella pleiade de rapazes, pouco depois, como si fôssem seus filhos, dispostos a sacrificar por elle o seu sangue generoso e bom.

A Eschola Naval, senhores, de 1889 a 1891, periodo em que a conheci, não era um instituto militar, era mais uma re-

publica de estudantes em que todos mandavam e ninguem obedecia.

Actos contrarios á disciplina militar, constituiam costume; a desordem era geral; a falta de respeito aos superiores, cousa comesinha e vulgar, as vaias e assuadas succediam-se; o estudo era completamente livre: só abria livro quem queria e assim mesmo quando a maioria dava licença. Pela manhã, o corneteiro dava o toque de uniforme do dia, mas surgiam por todos os cantos as mais grotescas vestimentas: um verdadeiro cáos!

Assim nos encontrara Saldanha, e de um salto, sem que ninguem sentisse o milagre, as cousas mudaram como por encanto.

Poucos mezes depois, o aspecto da Eschola transformara-se; a mutação com ser inopinada era por isso mesmo radical, e o mais requintado esmero nos uniformes passou a ser o maior cuidado dos proprios alumnos. Até fizera Saldanha o seguinte: como houvesse rapazes tão pobres que não podiam possuir todas as peças dos uniformes, elle á sua custa forneceu essas peças.

Os exercicios, que antes eram um regabofe, foram elevados, com elle á frente, dando o exemplo, mostrando com desconhecida elegancia como se manejava aos hombros uma carabina, ao supra-summo da correcção, do brilho e do garbo militares.

No fim de um anno, a Eschola era digna de figurar ao lado da de Annapolis, nos Estados Unidos, para a qual elle sempre nos chamava a attenção. O corpo de alumnos manobrava em ordem cerrada ou ordem aberta, com uma perfeição capaz de hombrear com qualquer regimento pomeranio.

Os movimentos eram feitos, automaticamente, como si todo o corpo fôsse uma só machina.

A esgrima de baioneta, de espada e de florete, de que apenas tinhamos notícia, nunca teve no Brasil tantos apaixonados, nem foi jamais excedida em belleza, agilidade e correcção.

Os exercicios de escaleres á vela e a remos multiplicavam-se; e a bordo do *Liberdade*, que ostentava seu pavilhão,

accompanhado do rebocador *Audaz*, os aspirantes faziam-se ao mar, barra fóra, guarnecendo as machinas e caldeiras, e empunhando o leme.

A bibliotheca da Eschola Naval era um montão informe de livros, brochuras e originaes, atirados alli e acolá á fome devoradora das traças !

Saldanha limpou-a, organizou-a, catalogou-a, augmentando-lhe o número e a importancia das obras.

O estudo fez-se obrigatorio, e durante elle, pela manhã e pela noite, não se ouviria siquer o vôo de uma mosca. A gymnastica sueca, a natação, as massas, o chriket, o foot-ball, a barra, o xadrez, em que elle era mestre eximio, tendo sido o professor do sr. dr. Caldas Vianna, eram o prazer do nosso recreio nas horas de folga.

O tiro ao alvo com o fusil e o canhão, mereciam todos os seus cuidados, e cousa interessante, quanto natural, durante os nove mezes de lucta fratricida, os melhores artilheiros da esquadra foram os guardas-marinha e os aspirantes.

Finalmente, senhores, Saldanha era toda a alma da Eschola, espirito sideral dos seus alumnos, o mestre querido, o pae generoso e austero, aquelle por quem cada um de nós daria a sua vida, voluntariamente.

Os processos com que nos educava, chegavam aos requintes da Arte. Pela incutir em nós, Saldanha, que cantava romances ao piano, e conhecia profundamente a theoria da musica, assignava no Theatro Lyrico meia duzia de cadeiras de 1ª classe.

Nas noites de espectaculo, envergada a casaca civil, primorosamente talhada ao corpo, Saldanha conduzia uma turma de guardas-marinha e aspirantes, que com elle appareciam alvos dos olhares da nossa sociedade.

E nesse regime de disciplina elegante e affectuosa, nessa atmosphera de ordem, respeito e de veneração pelo chefe jamais egualado, foi que, na manhã de 6 de Septembro de 1893, acordou a Eschola Naval, sacudida pela esquadra revoltada !

Era natural, era logico, senhores, que os nossos olhares de sympathia se voltassem para a nossa classe, representada

pelos navios de guerra, que, em movimento, corriam a bahia de Guanabara, e em torno da Eschola, então na ilha das Enxadas, passavam, conduzindo as guarnições em vivas delirantes.

O *Republica* e a *Trajano*, sobretudo, nos empolgavam.

Os bombardeios contra a Lage, S. João e Sancta Cruz nos transportavam ás aventuras epicas a que só a juventude enthusiasta está sempre disposta.

Saldanha, entretanto, não pensava do mesmo modo e retinha e amparava os transportes dos nossos enthusiasmos e com estes os do Corpo de Marinheiros Nacionaes, onde o seu prestígio ainda se não apagara.

A sua neutralidade porém, era um êrro de psychologia, um capricho afinal de contas nefasto á revolução e muito vantajoso a Floriano, porque lhe não era possivel manter, practicamente, a neutralidade, á proporção que os dias iam passando e que as exigencias da dictadura cresciam provocadoramente.

Quizeram primeiro que os aspirantes fôssem licenciados e fechada assim a Eschola. Saldanha oppoz-se, e venceu.

Guardas de marinheiros, a várias repartições públicas, uma feita, foram aprisionadas por ordem de Floriano, sendo preciso a ameaça formal de Saldanha de se declarar pela revolução para que fôsse entregue ao Corpo de Marinheiros os seus homens.

Depois, num bello dia, creio que por fins de Novembro, uma grande commissão chefiada pelo almirante reformado Jeronymo Gonçalves, a quem os marinheiros não conheciam, surgiu, inopinadamente, em Willegagnon, afim de se apoderar do Corpo de Marinheiros Nacionaes, aquartelado naquella fortaleza.

A medida sôbre ser ousada era imprudente, porque os marinheiros, num impeto, repelliram a commissão a tiros de carabina, e só não n'a aprisionaram por intervenção dos officiaes que serviam naquelle corpo. Mas, na desordem da retirada o almirante Gonçalves deixou a espada. No mesmo dia essa espada era remettida a Saldanha, e como na Eschola Naval havia um alumno sobrinho daquelle almirante, hoje capitão

de corveta Armando Gonçalves, Saldanha chamou-o, ordenando-lhe que fôsse á casa de seu tio e lhe restituisse aquella espada tão gloriosa na guerra do Paraguay. E' escusado dizer que esse aspirante foi e não voltou mais.

Outros actos, como, por exemplo, a ameaça de cortar a agua para a Eschola, e até, segundo se dizia então, de envenená-la, faziam da neutralidade que Saldanha ardente e sinceramente desejava manter, um mero sonho.

A tudo isso se junctava a attitude aggressiva que sempre que era possivel nós tomavamos.

Assim é que, guarnecendo a ilha das Cobras, enquanto o canhão trôava entre a esquadra e as fortalezas da barra, nós, como para forçar o rompimento e comprometter a neutralidade, burlavamos as ordens rigorosas de Saldanhà, e das muralhas da velha fortaleza rompiamos em rapidas descargas de fusilaria, ora sôbre o morro do Castello, ora sôbre o cáes Pharoux.

No dia seguinte, *O Paiz* e *O Tempo*, os unicos jornaes que se publicavam nesta Capital, sem contar o *Jornal do Commercio* absolutamente alheio a tudo que se passava, unico meio que encontrou para escapar á sanha do empastellamento, escreviam cousas como estas:

« Hontem, durante o bombardeio dos navios piratas contra as fortalezas legaes, a Ilha Infernal atirou sôbre a cidade covardemente. E' nella que se abriga sob a capa de neutro o sr. Saldanha da Gama. Da insolita e miseravel aggressão resultou a morte de duas pobres mulheres gravidas e trez criancinhas louras, e etc., etc.»

Era, senhores, o processo aliás muito antigo e muito moderno.

Era preciso voltar sobre os revoltosos as iras da população, mostrando como essa gente, além de monarchista, era selvagem, barbara, estava fóra das leis da humanidade e da civilização!

Entretanto, senhores, tudo era falso, salvo as descargas; mas nem mulheres nem crianças eram feridas siquer: a morte dessas pobres víctimas da nossa sanha, figurava apenas no noticiario dos assalariados pela dictadura.

E nessa lucta entre a neutralidade do nosso querido director e o dever que se nos apresentava de cooperar quanto antes com a nossa classe, dividiu-se a Eschola em dous grandes grupos distinctos: um que não explicava nem justificava a neutralidade, e que só via deante de si o espirito de classe; o outro, que incondicionalmente, posto sympathico á revolução, accompanharia Saldanha, mesmo que elle se lançasse mais tarde contra a revolução. Não é preciso dizer que eu fazia parte do primeiro grupo. A minha admiração, o meu quasi fanatismo por Saldanha não bastavam, contudo, para demover-me das minhas opiniões. Além do mais, senhores, previa eu o que se passaria pouco depois: Saldanha forçado pelas circunstancias creadas pela dictadura e pela maioria da Eschola irrequieta, fatalmente teria de atirar-se nos braços da revolução.

Mas é preciso que fique bem patente, elle tudo fizera, empregara todos os exforços para salvar da *voragem*, como dizia, a marinha do futuro.

Quando nos primeiros momentos da revolução fallecera, repentinamente, a bordo do torpedeiro *Marcilio Dias*, o commandante Malveiro da Motta, e o seu corpo, piedosamente, fôra recolhido á capella da ilha das Cobras, então sob nossa guarda, na occasião de saïr o feretro, para o cemeterio do Cajú, Saldanha, em um discurso, as lagrimas correndo-lhe ás faces empallidecidas, deante do corpo de alumnos formado, pronunciou entre outras estas palavras: «*Vêde esses despojos! São os da marinha do presente, de cuja sorte eu quero preservar a marinha do futuro*» — e num gesto de tristeza, correu o indicador direito sôbre a fileira extendida do corpo de alumnos em funeral.

Foi uma scena, senhores, das mais commoventes que eu já assisti: sob o ribombo do canhão, ao pipocar inervante da fusilada, na manhã radiante de um sol quasi no zenith, o corpo inerte de um heroe, tombado ao alarido de uma pugna feroz, velado pelos cyrios sombrios da capellinha e pelas baionetas flammejantes, alli, naquella ilha historica, onde mais do que a piedade do acto se erguia a magestade da vez soluçante e modelar, que nos queria, naquelle exemplo de morte, incutir a idéa chimerica da neutralidade.

Foram, inuteis, porém, todos os exforços do grande mestre, porque a nossa sorte estava escripta !

De mais, nasceramos tarados: as convulsões sociaes e politicas que sacudiram o Brasil, desde o imposto do vintem ás luctas pela abolição, até chegar ao 15 de Novembro de 1889, sempre em flôres e em festas, haviam, fatalmente, de nos levar ao fratricidio, como para justificar a grande lei sociologica de que as conquistas liberaes só se realizam com sangue derramado.

Assim, aconteceu, senhores. Não preciso nem é meu intuito alongar-me na narrativa do que foi a pugna de 1893-1894 e 1895.

Basta que vos diga que della resultou a liberdade e com a liberdade 16 annos de govêrno civil.

Aos que ainda hoje timbram em negar-lhe esse inestimavel serviço, essa obra de regeneração politica, attribuindo-lhe intuitos subalternos e lances de caudilhismo, a esses, por ora, diremos como o Mestre da Divina Comedia — *Non raggionam di lor: ma guarda e passa.*

Por fim, cumprindo a sua palavra de só voltar ao Brazil victorioso ou morto, quando de novo empunhara a espada gloriosa, nas cochillas ensanguentadas do Rio Grande do Sul, Saldanha preferiu baquear como um leão, nos Campos dos Osorios !

A sua falta até hoje não poude ser supprida. Insubstituivel como educador, insubstituivel como almirante, Saldanha da Gama, era, na phrase lapidar de Ruy Barbosa:

«O heroe dos heroes, o reorganizador possivel da marinha, o homem mais completo e o character mais extraordinario que já conheci nesta terra.»

CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

Espinha que se dizia feita de aço puro, jamais vergara aos golpes da adversidade, e muito menos aos impulsos da ambição ou dos interesses pessoaes.

Ambicioso elle o era, mas de glórias; ambicioso de bem servir a sua Patria, e a prova está em que, senhor absoluto

desta terra, vencedor da mais feliz revolução que talvez houvesse de marcar os dias da Republica; prestigiado pela fôrça das armas victoriosas e pela sympathia quasi unanime da opinião, Custodio de Mello não quiz da sua Patria o poder, como Porfirio Diaz no Mexico, preferindo apenas servi-la como seu ministro, quando a 23 de Novembro de 1891 chefiou o movimento revolucionario contra o marechal Deodoro e isto mesmo porque, formalmente, declarára o marechal Floriano que só assumiria o govêrno, si Custodio com elle quizesse collaborar.

Mais tarde, desgostoso e mesmo arrependido de haver concorrido para a inauguração do regime da dictadura militar, que se desenhava nitidamente, recolhe-se á vida privada e no seu esplendido isolamento, vão de novo bater-lhe á porta os seus camaradas de armas, depois de exgottados os meios juncto a Arthur de Jaceguay e Saldanha da Gama, para que um dêsses chefes se collocasse á frente de um movimento revolucionario, então contra o marechal Floriano.

Demovê-lo do proposito em que estava de não intervir na resolução fatal e inevitavel, não foi obra facil. Voltaram uma, duas e trez vezes á carga, appellando para todos os seus sentimentos, até que, finalmente, Custodio de Mello acabou por acceitar dizendo aos seus camaradas estas palavras historicas: «*Bem sei que vou servir de gato morto para os senhores; mas como se tracta da marinha que eu amo ardentemente, podeis contar mais uma vez commigo*».

Assim se desmancha a ballela soez do almôço no *Aquidaban* e do jantar no Itamaratí, com que os seus adversarios procuraram empanar o brilho e a seriedade da missão, que as fôrças das circunstancias o impelliram a desempenhar, consciente das suas responsabilidades, certo do pêso que ia supportar nas suas costas largas, naquelle momento historico. E não se diga que elle o fizera por despeito ou ambição: fòra apenas servir mais uma vez a sua classe, que para elle appellara em última instancia.

E' preciso notar que os seus sentimentos liberaes, o seu grande patriotismo, não se manifestaram apenas em 1891 e 1893.

Quando da eleição presidencial, em que se deveria escolher o primeiro presidente constitucional da Republica, as correntes politicas se congregavam em tôrno do nome de Prudente José de Moraes Barros e na vespera daquelle dia, contavam com maioria para a sua eleição, a compressão militarista ameaçava fazer vôar pelos ares o Congresso Nacional, si porventura não saïsse eleito o marechal Deodoro. A impressão de terror que experimentaram todos os que assistiram á grande solennidade, os boatos apavorantes que se apinhavam dentro e fóra da magestosa assembléa, eram de molde a merecer os cuidados daquelles que se sentiam com responsabilidade no regime inaugurado para reagir contra a imposição da fôrça, garantindo com toda a energia o dr. Prudente de Moraes, si, afinal, lograsse elle, como se esperava, a maioria dos suffragios.

Era eu então, senhores, aspirante de marinha e me lembro como si hoje fôsse, Custodio de Mello, correctamente fardado, luvas brancas calçadas, saïu do recincto do Congresso, e accompanhado por alguns collegas de classe, dirigiu-se a um grupo de aspirantes do qual fazia parte. Ao vê-lo fomos ao seu encontro, e elle gravemente nos disse: «O dr. Prudente de Moraes até agora está com maior votação que o marechal Deodoro; sabem os senhores que o exército ameaça desrespeitar a eleição, caso seja victorioso Prudente de Moraes; tenho no cáes Pharoux um escaler ás minhas ordens para me conduzir ao *Riachuelo*, onde arvorarei meu pavilhão, afim de garanti-lo com a marinha. Conto com os senhores, dispostos sempre a abraçar as boas causas. Até lá!»

E separou-se de nós. Effectivamente, Prudente de Moraes seria o eleito, como attestavam os testimunhos da épocha, si não fôsse o receio de alguns á última hora!

Como quer que seja, a intenção firme e inabalavel de Custodio de Mello, era a de offerecer seu sangue em pról da liberdade e dos interesses superiores da Nação, calcados assim aos pés do militarismo dissolvente, que avassalava a politica, e esse facto que não poderá escapar ao exame dos nossos futuros historiadores, demonstra, insophismavelmente os altos sentimentos, os elevados designios e o patriotismo do grande almirante.

Ao seu patriotismo, não houve neste paiz quem o superasse; o seu amor pelo Brasil, desde o Paraguai, onde tanto sobresaïu pelo seu valor na passagem de Curuzú, na de Curupaití e onde se revelou um dos mais eximios artilheiros da esquadra; o seu devotamento pelas causas da Nação, pela grandeza moral e material desta terra, que só póde provir da liberdade bem entendida, do direito e da justiça, do respeito ás leis, da administração intelligente, activa, perspicaz e honesta, de que elle deu provas exuberantes, quando ministro da Marinha; o desprendimento até da propria vida ao enfrentar de armas nas mãos as fôrças da dictadura militar, fazem de Custodio de Mello um dos vultos mais notaveis da nossa Historia republicana.

A mim dizia elle sempre, senhores, que nós todos deviamos julgar com o direito de legar aos nossos filhos uma Patria grande, livre, respeitada, forte na moralidade das suas instituições, forte nas suas armas, sobretudo, a sua marinha de guerra, que estava no futuro destinada a desempenhar decisivo papel, quando o inimigo nos batesse ás portas escancaradas.

Cultor da Historia, Custodio de Mello sabia bem avaliar a influencia do poder maritimo no destino das nações banhadas pelo mar, de que a Inglaterra é o expoente maximo.

Ao seu grande patriotismo, senhores, se deve no Brasil a preservação de duas calamidades: a dictadura de Deodoro, morta quasi ao nascer pela revolução de 23 de Novembro de 1891 e a tyrannia de Floriano, forçado pela revolução de 6 de Septembro de 1893, a realizar as eleições do seu substituto constitucional, apesar de o não querer, instituindo-se assim, entre nós, o regime civil, que perdurou até 1910, — 16 annos consecutivos.

A essas virtudes de civismo patriotico, alliava Custodio de Mello uma bravura distincta, que não sei bem si era brio ou valentia nata.

Durante as luctas de 1893, nunca deixou transparecer uma fraqueza, e no passadiço desprotegido do *Aquidaban* transpunha impavido, como se desafiasse a morte, a barra do Rio de Janeiro, sob o fogo cruzado das trez fortalezas.

A torre couraçada do *Aquidaban* jamais lhe serviu de abrigo.

Sózinho, na ribalta, parecia até que procurava a morte nas scenas dolorosas da lucta fratricida.

Coração grande e generoso; aos seus inimigos pegados de armas nas mãos, os poupou sempre. Até mesmo áquelles que, miseravelmente, foram levar-lhe o livro, contendo a machina infernal que deveria explodir, roubando-lhe, covardemente, a vida; até esses, Custodio perdôou, dizendo: *«são miseraveis mercenarios; deixai-os em paz».*

Aliás, senhores, ser prisioneiro dos revolucionarios de 6 de Septembro era o mesmo que regressar ao aconchego do lar amigo! Que grande contraste.

Talentoso e illustrado, Custodio de Mello deixou obras de valor.

Além de outras, avulta em importancia a sua bella memória sobre a viagem de circumnavegação, realizada por elle com inexcedivel brilho, no velho cruzador *Barroso*, e intitulada *Vinte e um mezes ao redor do Planeta.*

E' um valioso compendio de sciencia profissional que não póde deixar de ser lido e meditado por officiaes de marinha.

Afóra esse aspecto puramente technico, o livro está cheio de apreciações sôbre o valor moral de cada povo, seus characteristicos mais notaveis, a excellencia das suas instituições politicas, sua prosperidade economica e financeira.

Fallando do Chile, por exemplo, elle escreve: «De todas as republicas hispano-americanas, não ha negar, era o Chile a mais bem governada; e sê-lo-ia ainda hoje, si não fôssem as intenções despoticas ultimamente manifestadas pelo presidente Balmaceda, em absoluta antinomia com os principios genuinamente democraticos, que, na épocha em que alli estivemos, faziam a felicidade da patria chilena, impellindo-a na larga estrada de um progresso indefinido, assim sob o poncto de vista material, como, e sobretudo, sob o intellectual e moral. Ainda mais: os chilenos são, dentre os povos sul-americanos, de procedencia hispanhola, os mais sinceros e os mais cultos, os mais lhanos e os mais hospitaleiros, ciosos da sua nacionalidade e muito dignos, sem dúvida, como o estão mostrando de modo eloquente, das liberdades de que gosavam sob a égide do regime constitucional, o qual, ao que d'alli nos dizem, pretende d. Balmaceda substituir por esse detestavel aristocratismo que, com Rosas,

Lopez e Maximo Santos e outros, foi varrido da America, onde não póde medrar, porque nesta parte do mundo a liberdade é nativa e se ostenta fulgurosa na propria grandiosidade da natureza americana.»

Referindo-se a Sidney, o almirante Custodio diz entristecido, entre muitas outras cousas interessantes e uteis, o seguinte: «E'-me doloroso, mas justo confessar que, dos portos em que tocamos durante toda nossa longa viagem, foi esse, o de Sidney, o unico que abandonámos sem saudades, sem esse sentimento inexprimivel, mixto de gratidão, affecto e pesadume, que nos avassala o coração ao despedir-nos, ás vezes para sempre, de um povo em cujo seio nos hospedámos por algum tempo e a cujos costumes chegámos a adaptarmo-nos; sentimento que cosmopolitiza o marinheiro, tornando-o um cidadão do mundo, um filho de todas as praias, um méro exemplar da humanidade, apto a promptamente indigenizar-se debaixo de todos os céos e ao sôpro de todos os ventos.

«Que outro sentimento, a não ser o do repúdio e funda aversão, podia inspirar-nos um povo, qual o de Sidney que immergido na noite de sua beduina ignorancia, não possuia siquer a mais fraca noção de nossa nacionalidade; que a cada passo nos vexava com sua curiosidade alvar; que nos negava mesmo os preceitos tão communs de hospitalidade, e cujo commércio, disfarçadamente deshonesto, outra cousa não era sinão uma aggremiação de calabrezes oceanicos, de mercadetes mais correctos e augmentados que os de Balzac? Mas esse vício é de origem, é constitucional, é, em summa, hereditario naquella população, e como os inglezes são pouco amigos de reformas e tão afferrados aos costumes que chegam a traduzi-los em leis, é de crer que seja muito custoso extirpá-lo. Com effeito, que esperar sinão aquillo mesmo, conclue Custodio de Mello, de um povo que, em sua maioria, descende dos grilhetas da Inglaterra, primeiros povoadores da Australia, que lhes foi o grande receptaculo até 1840, quando deixou ella de ser colonia penal?»

E assim todo o substancioso relatorio está escripto com o mesmo espirito de crítica, com a mesma elevação de conceitos, até com o mesmo humor, que tanto distinguiam o emi-

nente marinheiro, cuja illustração, através das suas páginas emerge notavel, transparecendo no estylo apaixonado, franco e leal os traços indeleveis do seu grande character.

E é de lamentar que, observador atilado, psychologo dos mais finos, como se nos mostra ao pintar em traços largos o colorido moral e cultural dos povos em cujo seio se hospedou, ás vezes por poucos dias, Custodio de Mello, como chefe da revolução de 1893, appareça aos olhos da crítica honesta, sem o senso estrategico que tanto tem distinguido os grandes chefes militares!

De facto, abandonando completamente o norte do Brasil, durante as operações navaes que realizou de 6 de Septembro de 1893 a Abril de 1894, Custodio de Mello exqueceu-se do grande princípio que manda afferrar firmemente as cordas vitaes das communicações do inimigo, e em se exquecendo, deixou todo o norte do Brasil á mercê do adversario, que dest'arte poude reunir a sua esquadra calma e impunemente, êrro estrategico que, sem dúvida, culminou na derrota.

Entretanto, elle bem sabia que Pernambuco, consoante me asseverou o seu então governador o dr. Barbosa Lima — só esperava a apparição do *Republica* defronte do seu porto para entrar de braços abertos nas fileiras revolucionarias.

Outra não era a intenção da Bahia, terra natal de Custodio de Mello; e a posse dos dous Estados acarretaria a dos demais.

Afinal de contas, Custodio não podia ignorar que, para vencer a revolução, cuja esquadra, indiscutivelmente, tornara-se senhora dos mares, só uma outra mais forte sería capaz, arrancando-nos esse dominio, de dar a victória ao marechal.

Entretanto, Custodio de Mello permittiu que a esquadra «arranjada» pelo sr. Salvador de Mendonça, da qual nenhum navio sería capaz de enfrentar o *Aquidaban* ou o *Republica* se formasse, tranquillamente, na Bahia, e d'alli partisse para bloquear o Rio de Janeiro, onde Saldanha só contava com trez vapores armados, o *Tamandaré*, apenas com uma machina que mal lhe dava movimento, a *Liberdade*, sem valor militar, e a *Trajano*, completamente desmantelada.

O *Aquidaban* que saïra pela segunda vez, afim de, incorporado ao *Republica* e ao paquete *Meteoro*, dirigir-se á

Bahia, e apoderar-se alli dos navios que o marechal concentrara, não cumpriu essa salvadora missão estrategica, que nos daria inevitavelmente a victória.

Mas, fracassada a operação, por motivos ainda hoje pouco explicaveis, por isso que a avaria nas machinas do *Meteoro* não justificava de maneira alguma o regresso dos outros dous a Sancta Catharina, quando somente elles eram sufficientes pelo seu poder para desbaratar e aprisionar os navios florianistas, o *Aquidaban* em vez de voltar ao Rio de Janeiro, senhores, como devia, e era esse seu compromisso, contrahido solennemente com Saldanha da Gama, foi para a ilha dos Porcos e desta para Sancta Catharina ! Estava assim consummado o colapso, que nos deveria transformar, num salto, inauditamente, de vencedores, que o estavamos sendo, em derrotados !

Depois de, com tantos exforços, havermos conseguido a posse de Sancta Catharina, do Paraná e parte do Rio Grande do Sul, onde operavam as fôrças federalistas; depois de termos organizado um exército de mais de 5.000 homens intrepidos, bem armados, bem municiados, onde até figuravam 36 canhões de campanha, sob a direcção valorosa e intelligente de Gumercindo Saraiva, cujo valor pessoal alliado a um notavel senso innato da guerra, era a garantia prévia do successo, ás portas de S. Paulo, em Itararé, onde já batia a vanguarda de cavallaria commandada pelo bravo Apparicio Saraiva, depois de tudo isso, senhores, pelas nossas proprias mãos, com os nossos erros estrategicos accumulados, vimos, inverosivelmente, consummar-se o desastre !

Eu me não propuz aqui a discutir a revolução de 1893, nem os feitos que a exaltam ou os erros palmares que a diminuem sob o poncto de vista militar. Não. Apenas foi mistér mostrar em traços largos, como Custodio ficou aquem da sua missão estrategica, naquelle momento historico, em que, por motivos que serão a seu tempo expostos, deixou-se mesmo servir de *gato morto ás mãos desatinadas dos seus camaradas.*

Não o quero, porém, justificar. Elle era o chefe supremo das fôrças de terra e mar da revolução e, consequentemente,

o responsavel pelo desastre que se iniciou a 13 de Março de 1894.

Por fim, Custodio de Mello, emigrou para a Republica Argentina e em Buenos Aires deixou-se ficar, até que a amnistia teratologica, de gloriosa memória, fê-lo regressar á Patria.

Ahi, senhores, póde-se dizer, começou a sua expiação, vendo seus companheiros de infortunio mais ou menos aquinhoados pelo govêrno com commissões de confiança; só elle nunca o fôra!

Deploravel e injusta exclusão que o abatia, acarretando-lhe desgostos que, sem dúvida, lhe causaram a morte prematura aos 15 de Março de 1902.

Assim, senhores, na irradiação suprema e derradeira da luz que lhe guiou na terra o corpo, lá, no marmore symbolico de S. João Baptista, revive na História o almirante Custodio José de Mello.

Titulos de superioridade militar mais limpos, mais transparentes, mais gloriosos, não os teve nenhum dos seus camaradas: sabe-o todo o paiz, que, agradecido, já lhe recolheu os nobres feitos e lhe ha de conservar, eterno e intacto, o nome puro e digno. Porque esse nome, senhores, não se maculou fazendo explodir pela bocca dos canhões da esquadra, nas aguas crystallinas da Guanabara, a revolta de 6 de Septembro. Essa agitação revolucionaria não se gravou no bronze das creações immortaes, dos feitos immorredouros. Foi simplesmente um poema de heroismo escripto pela marinha nacional nas areias de nossas praias. Apagou-se com a primeira vaga, que, de longe, se veio abrir sôbre ellas em alvissima toalha de espumas.

Mas, o pensamento que a dictou, o movel que a dirigia, quando ecoar através do cadinho da crítica honesta lhe apurará os intuitos humanos e patrioticos, haurindo uma grande licção.

Não era a pirataria infrene que campeava nem o caudilhismo larapio; mas a liberdade e o amor da Patria que imperavam, conduzindo-nos e guiando.

Quem remontar ás origens humanas, ha de encontrar ahi: de um lado, o arbitrio e do outro a rebeldia; aquelle

a ladrar, nas alturas, como um cão damnado, e esta a uivar, cá por baixo, como um tigre.

A história do homem é a lucta incessante entre aquelle que representa a prepotencia, e esta que encarna a liberdade; a liberdade que se procura desprender como uma aza, e a prepotencia que a comprime como uma garra.

O vencido de 1893, symbolisou, em seu heroico lance, o princípio da liberdade, onde, com o tempo e a cultura, a cruz que é a Fé, e a espada que é a Força, tem emanado para a humanidade as grandes creações liberaes.

ARTHUR DE JACEGUAY

Salvo o periodo da guerra contra o Paraguai, a vida do almirante Arthur Silveira da Motta, mais tarde Arthur de Jaceguay, não é de molde a ferir a imaginação popular, como a de Saldanha da Gama ou a de Custodio de Mello, porque Jaceguay se conservou alheio aos transes, algumas vezes tragicos, da politica republicana.

Não é menos brilhante, entretanto, nem menos cheia de serviços de grande valor a trajectoria luminosa que descreveu Jaceguay no caminho longo e accidentado da sua carreira militar.

Na puericia distingue-se na Eschola Naval como um dos seus primeiros alumnos, e aos 20 annos de edade, ao ser promovido ao posto de 2° tenente, era já nomeado instructor de hydrographia de guardas-marinha, em uma viagem de longo curso, em navio de vela.

Mal surgira no horizonte a guerra contra Solano Lopez, Jaceguay, apenas com 21 annos, de volta daquella viagem de instrucção, teve a honra insigne de receber o convite do almirante marquez de Tamandaré para servir como seu secretário, logo que este almirante fôra nomeado commandante em chefe da nossa esquadra na lucta que se abria com o Paraguai.

E' d'ahi, senhores, que começa a sua brilhante carreira, sob os grandes auspicios com que entrara na nobre e ardua vida militar: instructor e mestre dos seus companheiros, quasi ao deixar os estudos academicos e logo depois depositario da mais illimitada confiança das duas primeiras in-

dividualidades que honraram as armas do Brasil, no mar e em terra — Tamandaré, cuja vida só por si enfeixa toda a história da marinha de outr'ora e — Caxias — cuja existencia se poderia traduzir por uma recta ligando a honra ao dever.

De como se houve Jaceguay, como secretário de Tamandaré, nos dá testimunho insuspeito o senador Francisco Octaviano, na tribuna do Senado imperial: «Quando tive a honra de ir em missão diplomatica ao Rio da Prata, disse elle, em épocha de guerra, vi o provecto e benemerito almirante Tamandaré accompanhar-se para o theatro da guerra de um tenente de marinha muito joven, levando-o como secretário.

«Surprehendeu-me isto: mas pelo tempo adeante, communicando-me bastante com esse official, reconheci que o nobre almirante tinha tido um olho feliz.

«Não me pasmava que esse moço tivesse bravura e lealdade, que são qualidades mesmo da nobre profissão do homem do mar. Não me admirava que elle, tão verde de annos (não contava mais de 20 annos), quando os outros procuravam divertir-se, procurasse estudar todos os ramos scientificos, que hoje são necessarios ao official de marinha commandante de um navio, e muito mais para quem, confiando em si, já se preparava para as posições superiores da esquadra. Mas o que me pasmava nesse moço official era a discreção, o bom conselho com que em occasiões críticas prestou serviços relevantes a mim e ao almirante, serviços dêsses que não apparecem na fé de offício, mas que nós, os homens publicos, sabemos aquilatar bastante...

«D'ahi à dous annos era elle escolhido pelo marquez de Caxias e pelo visconde de Inhaúma para a mais honrosa e mais brilhante commissão que jámais tem tido um official da marinha brasileira. Excuso de dizer qual foi. (*Apoiados.*) Era o posto da vanguarda na passagem do Humaitá.

«Depois, ainda muito moço, com 26 annos de edade, o nobre presidente do conselho, que naquelle tempo cultivava tambem essa flôr, não a tinha arrancado ainda do seu jardim...

«*O sr. barão de Cotegipe* — Nem agora.

«*O sr. F. Octaviano* — ... o nobre presidente do conselho dava-lhe, na edade de 26 annos, o commando do mais impor-

tante vaso da esquadra para ir instruir a 60 officiaes e com elles atravessar o Oceano.

«Não preciso descrever todas as outras commissões importantes que esse distincto official teve de alguns ministros do periodo conservador. Nenhuma commissão importante que requeresse prudencia, lealdade e intelligencia práctica lhe foi poupada. Como era natural, os liberaes não acharam nenhum motivo para repellir esse official e, pelo contrario, acharam motivo para o elevar. Sem embargo, as duas vezes que os ministros da Marinha do lado liberal o nomearam para commissões importantes, como a reforma do nosso arsenal e a direcção da esquadra de evoluções, em ambas as vezes ao sr. barão de Jaceguay repugnou acceitar taes commissões; nunca as pediu. Os ministros ahi estão e o podem declarar.

«*O sr. Meira de Vasconcellos* — Quanto ao arsenal é verdade.

«*O Sr. F. Octaviano* — E só por obediencia militar aos seus chefes as acceitou.

«*O sr. Delamare* — ... V. Ex. faz inteira justiça ao sr. barão de Jaceguay.»

Justamente, senhores, Meira de Vasconcellos e Delamare eram os ministros a que Francisco Octaviano se referia.

Como vêdes, já naquella épocha Jaceguay representava, no começo da sua carreira, papel tão eminente que merecia dos directores politicos e militares da nossa grande guerra essas insignes provas de confiança das maiores que um militar provecto póde receber. Nos trechos dêsse discurso do senador Octaviano, estampa-se a superior distincção, a confiança extraordinaria que já naquelle tempo merecia o joven Jaceguay, assignalado entre seus companheiros, na maior parte mais antigos do que elle, por uma grande superioridade intellectual, nas qualidades do entendimento e da bravura, do criterio e da lealdade.

No anno seguinte, senhores, por proposta de Tamandaré, era Jaceguay promovido ao posto de capitão-tenente e condecorado com o gráo de conselheiro do Cruzeiro.

Foi nessa occasião, quando Tamandaré se retirava do commando da esquadra, que o joven capitão-tenente recebeu

do marquez de Caxias a extraordinaria prova de confiança de vir ao Rio de Janeiro, em uma missão reservada e especial perante o gabinete, perante o imperador, como depositario de segredos dos mais altos na direcção da guerra, que aquelle nosso grande general e administrador julgava não dever confiar ao papel.

De volta dessa missão tão importante, Jaceguay é nomeado commandante do encouraçado *Barroso*, no qual toma parte distincta e saliente na passagem de Curupaití, onde ganha o officialato da ordem do Cruzeiro.

Pouco depois surge a escolha a que alludiu o senador Octaviano, isto é, para ser o guia da nossa esquadra couraçada que, afinal, deveria forçar a passagem da grande fortaleza de Humaitá, que por um puro phenomeno de — heteronomia — era considerada inexpugnavel.

Bem sabeis do valor dêsse feito glorioso, tactica e estrategicamente, porque coroou o completo desmoronamento das últimas e grandes resistencias da tyrannia de Lopez, e a Jaceguay, coube, sem dúvida, representar papel dos mais notaveis nessa jornada de glórias, e por isso tem accesso ao posto de capitão de fragata, sendo distinguido com o gráo de dignatario do Cruzeiro, mercê que lhe dava as honras de brigadeiro, sendo elle um official cuja edade não passava de 24 annos. O almirante barão de Inhaúma escrevia a Jaceguay, logo após a passagem, em data de 27 de Fevereiro de 1867, esta carta honrosissima:

«Illmo. amigo e camarada Silveira da Motta:

«Acabo de receber o seu favor de 20 do corrente. Dou-lhe os parabens pela brilhante passagem do seu *Barroso*, quasi incolume, por tantos e tão reconhecidos perigos.

«No meu entender, depois de Tonelero, nada tem feito a marinha de tão heroico e com tanta ordem como a passagem de Humaitá, em que você e seus dignos e briosos companheiros são os primeiros protagonistas.»

Em seguida, senhores, á passagem de Humaitá, era o *Barroso* abordado pelos Paraguaios durante a noite, e o modo

pelo qual se houve Jaceguay, repellindo a abordagem, mereceu do chefe Alvim, mais tarde barão de Iguatemí, e então chefe do estado maior da esquadra, a seguinte carta datada de 11 de Julho de 1868:

«Meu nobre e bravo amigo: De todo o meu coração lhe envio os meus mui sinceros emboras pelo brilhante triumpho que alcançou na noite de 9-10 do corrente. Acceite minhas felicitações e as mais solennes provas de minha admiração.

«Não esperava outra cousa de tão illustrado quão denodado campeão.

«Li a sua parte; encheu-se-me o coração de prazer por ver a maneira lhana e modesta por que o meu nobre amigo descreveu aquelle feito grandioso e terrivel. Admiro o seu sangue frio, a sua calma e a bem tomada providencia! Felicite por mim aos seus bravos officiaes e mui especialmente ao bravo e infeliz Fiuza.

«Sim; enchi-me de prazer e as lagrimas brotaram-me do coração, creia, lagrimas de alegria, pois deve saber que o coração tambem chora pela muita alegria.

«Adeus, meu nobre e valente amigo; que a Patria saiba recompensar os seus serviços, que eu o veja quanto antes capitão de mar e guerra e ainda mais, desejo vê-lo deputado, para ahi sentar-se na cadeira de ministro da Marinha, afiançando-lhe desde já que nada lhe pedirei, mas que o ajudarei com o meu parco contingente.

«Acredite que desejo ardentemente vê-lo ministro da Marinha, porque tenho fé em que ha de fazer muito a bem da nossa corporação. Isto tenho dito a muita gente, e ainda ha dias o disse á mesa a bordo do *Princeza* (á mesa do almirante). Seu amigo mui sincero *Torres e Alvim.*»

Convem, senhores, que eu abra um curto parenthese, na ordem chronologica que venho seguindo, afim de commentar como merece a carta do barão de Iguatemí, que acabei de ler.

Os ardentes desejos manifestados nessa carta em 1868, senhores, por um chefe illustre como era Torres e Alvim, não tiveram realização!

Indicado para ministro da Marinha desde aquella épocha

Jaceguay nunca poude merecer da politica brasileira, principalmente na Republica, essa grande honra, que, diga-se de passagem, não sei quem mais se honraria, si elle ou si a politica.

Recordo-me, senhores, que o dr. Affonso Penna, durante a sua excursão pelos Estados do Brasil, depois de eleito presidente da Republica, tinha no coração e na mente o nome de Jaceguay para seu ministro da Marinha.

Referia-o abertamente aos seus companheiros de viagem; disse-o ao commandante do vapor do Lloyd que o conduziu, sr. Pacheco de Carvalho Junior, e ao desembarcar de bordo, nesta Capital, afim de tornar a Minas Geraes, estava certo da sua escolha.

Na sua classe, os que conheciam como eu o grande almirante, só viam nelle o homem talhado para implantar solidamente o arcabouço meio desmoronado da marinha brasileira.

Jaceguay, além do seu privilegiado talento, da sua clarividencia, reunia a estes predicados uma energia pouco commum, e tinha um preparo technico dos mais solidos.

Mas, as — injuncções politicas — como se costuma dizer, afastaram para sempre o homem do seu logar.

Infelizmente, senhores, o — *the right man in the right place* — não é proverbio brasileiro e com raridade elle se manifesta em toda sua sabedoria nas nossas plagas.

Além de tudo, Jaceguay não conhecia essa maneira subtil e flexivel de fazer-se *homem da situação* — proprio a satisfazer os interesses dos chamados — chefes da politica nacional.

Elle não tinha, pois, o dom de agradar; não via deante de si os — paredros — e com tal disposição de ánimo não poderia merecer delles confiança. Isto mesmo, Jaceguay nos confessa na célebre carta a Joaquim Nabuco — *O dever do momento* — quando escreve estes periodos de ouro: «A politica nunca teve fascinação para a minha imaginação; ou antes, os processos pelos quaes geralmente se conquistam as suas eminencias repugnavam ao meu character. E' uma carreira que, para o maior número, assemelha-se ao *sport* da

montanha russa — *em que o vehiculo começa descendo, para poder elevar-se*».

Terminada a guerra do Paraguai, senhores, Jaceguay, foi nomeado commandante do maior navio da armada, naquelle tempo, a fragata *Niteroi*, para fazer uma viagem de instrucção de longo curso, ao Cabo da Boa Esperança, Sancta Helena, Fernando de Noronha e portos da costa norte do Brasil. Esta viagem teve uma grande significação, porque lhe foram buscar para instruir no mar a 60 guardas-marinha e officiaes de patente que haviam percorrido na guerra de rios os primeiros postos da hierarchia. Era então capitão de mar e guerra, e contava apenas 26 annos !

Nesse periodo de sua actividade maritima, o official não se absorveu inteiramente, como então era quasi costume geral, na arte de navegar; ao contrário, no seu espirito actuava a preoccupação de cultivar a intelligencia pelo estudo da sciencia militar em todas as suas applicações á profissão naval.

E senhor dessa sciencia, suscitou a questão technica relativa á preferencia que se deveria dar ao systema de artilharia Armstrong em vez da Whitworth, cuja superioridade naquella época se discutia, transformando-a, pela elevação e conhecimentos com que a illustrou, numa das questões que mais profunda memória e vestigios mais extensos deixaram na história de nossa administração noval.

O pleito — Armstrong *versus* Whitworth, como diziam os inglezes, por elle sustentado quasi singularmente contra a grande maioria dos nossos officiaes de marinha, conferiu-lhe desde então os titulos de um dos nossos profissionaes mais versados na technica militar.

A questão, no fim de alguns annos, ficou resolvida por uma experiencia comparativa feita segundo indicação sua, com um dos canhões de grosso calibre destinados ao armamento do couraçado *Riachuelo*, o qual primitivamente raiado pelo systema Whitworth e verificadas as suas qualidades balisticas, foi brocado de novo e raiado consoante o

principio de Armstrong, passando então por provas identicas ás que fôra anteriormente submettido. Umas e outras provas, a que se procedeu na Inglaterra, na presença dos chefes das duas firmas, de artilheiros notaveis e do illustre barão do Ladario, confirmaram todas as previsões de Jaceguay, fundadas em seus calculos e estudos theoricos, e a superioridade do systema Armstrong sobre o de Whitworth, deixou assim de ser objecto de contestação.

Dessa data em deante a artilharia de nossa marinha passou a ser toda do systema Armstrong.

Por essa occasião o illustre capitão de mar e guerra Eduardo Wandenkolk, na qualidade de commandante do *Riachuelo,* escreveu a Jaceguay estas linhas datadas de Londres, aos 23 de Fevereiro de 1884:

«Mil e mil parabens! Tiveste um grande e esplendido triumpho. Felicito-te de todo o meu coração.» E depois de resumir os resultados das experiencias, accrescentou: «Meu caro, está escripto que neste mundo só terás victórias».

A gratidão, senhores, que era uma das suas qualidades de character, mostrava-se muitos annos depois, quando Jaceguay acudiu em defesa da honra de seu companheiro de armas, o almirante Wandenkolk, no momento em que este era entre nós accusado, formalmente, pelos orgãos do govêrno, de pirataria.

Os meus illustres confrades hão de bem lembrar-se ainda do célebre artigo — *Pirata, não!* — com que a penna brilhante de Jaceguay correu em defesa dos brios do seu collega, em uma occasião em que bem poucos restavam que para com elle guardassem siquer os deveres comesinhos de justiça.

Ainda no commando da *Niteroi,* nas aguas do Tejo, Jaceguay teve ensejo de prestar um dêsses serviços que, na vida fluctuante do marinheiro, tanto contribuem para estreitar os sentimentos internacionaes, isto é, a extincção de um vasto e pavoroso incendio alli occorrido. Foi em recompensa áquelle grande serviço que o rei d. Luiz lhe conferiu, como signal de agradecimento, a medalha de ouro, de merito, philantropia e

generosidade que seu ermão d. Pedro V costumava trazer ao peito, de quem d. Luiz herdara.

Foi ainda em recordação daquelle serviço de Jaceguay, que o mesmo d. Luiz lhe concedeu, annos depois, a gran cruz de Aviz, condecoração que nunca fôra dada a nenhum outro extrangeiro, por ser a ordem privativa dos militares portuguezes.

Do commando da *Niteroi* passou a commandar uma esquadrilha que conduziu ao Rio da Prata, para com ella fazer um levantamento hydrographico daquelle estuario e seus affluentes, cabendo-lhe ao mesmo tempo o encargo de chefe da nossa estação naval naquellas aguas.

Estavam já encetados os trabalhos, quando o Governo mandou, por inexplicavel fraqueza, suspendê-los, até que cessasse certa excitação, que se notava na imprensa das republicas do Prata, e os motivos de desconfiança, que se pudessem apresentar, especialmente na Argentina, fraqueza tanto mais inexplicavel, porquanto na mesma occasião um navio de guerra americano procedia nas aguas platinas a trabalho identico.

Continuou, porém, o então capitão de mar e guerra Silveira da Motta, no commando da nossa estação naval do Prata, em cujo cargo teve occasião de representar papel conspicuo, no grave incidente do paquete brasileiro *Cuiabá*, detido violentamente no porto de Buenos Aires, por ordem do Governo argentino, só relaxada por ter Jaceguay se dirigido, com sua esquadrilha, de Montevidéo, onde se achava, para aquelle porto.

Outros incidentes, ainda de character internacional, puzeram á prova a discreção, criterio e firmeza de Jaceguay, naquelle delicado posto.

Por fim, tendo o Governo resolvido reforçar a nossa estação naval no Prata, dando-lhe proporções de esquadra, foi designado para commandá-la o almirante barão da Laguna.

Deixando a esquadra do Rio da Prata, Jaceguay, foi nomeado addido naval ás legações brasileiras em todas as côrtes das potencias européas encarregado, especialmente, de estudar a organização dos respectivos estabelecimentos navaes. Ao mesmo tempo, o incumbiu o Governo de effectuar na Europa importantes compras de material de guerra naval.

A probidade, com que procedeu, originou no Parlamento imperial uma interpellação do senador Manuel Francisco Corrêa, que convém, como um grande exemplo, recordar nos dias de hoje. Perguntara aquelle senador ao então ministro da Marinha si os antecessores de Silveira da Motta, em commissões similhantes, haviam tido o mesmo procedimento para com o Thesouro, de accôrdo com as mesmas normas de moralidade.

Referia-se aquelle senador á entrega de commissões de compras, que Jaceguay havia feito á nossa Delegacia Fiscal em Londres, representando importantes sommas.

Pouco tempo depois era Jaceguay encarregado de acompanhar os trabalhos de reconstrucção do nosso primeiro encouraçado de oceano o *Independencia*, que se alquebrara no momento de seu lançamento ao mar. E de como Jaceguay se houve em commissão tão delicada, nos dá testimunho um documento da maior valia. E' uma carta do notavel engenheiro e constructor naval Sir Eduardo Reed, com quem se tinham contractado os trabalhos de reconstrucção do *Independencia*.

« Agora, diz o célebre constructor inglez, que os nossos trabalhos collectivos com o *Independencia* se acham concluidos, permitti-me aproveitar esta opportunidade para exprimir os meus maiores agradecimentos, pela maneira devotada e cordial em que, por longo periodo de tempo, operastes commigo e com meus auxiliares na construcção e adaptação do *Independencia*.

« Espero que me perdoeis dizer-vos que nunca tive a fortuna de encontrar um official de marinha, que assim procedesse em tarefa tão gigante como a de construir e equipar um navio de guerra, com tão altos conhecimentos como desenvolvestes nesta obra.

« Tenho encontrado officiaes de grande habilidade, de grandes recursos e de muita paciencia e zêlo pelo serviço de seu paiz; mas até hoje não me foi dado encontrar um official, puramente de marinha, que apresentasse, combinadas, tão altas qualidades em grau tão notavel como vós e que a ellas reunisse idéas tão nitidas e tão boas sôbre detalhes de construcção naval, como tendes.

« Eu reconheço que é até certo poncto indelicado de minha parte dizer-vos estas cousas; mas não posso de outra

maneira expressar o modo por que vos desempenhastes de tão difficil tarefa.

« Os meus auxiliares estão todos de accôrdo com esta minha apreciação, e não cessam de manifestar-me a immensa vantagem que trouxe a vossa collaboração em todos os detalhes do navio, pela qual eu de coração vos agradeço. »

E', como vêdes, senhores, um diploma de aptidão profissional, um diploma de constructor naval, o qual, passado por um engenheiro tão notavel como Sir Eduardo Reed, parece que não coube ainda a nenhum outro official de marinha, nem da nossa armada, nem talvez das extrangeiras.

O caso, porém, do *Independencia* não termina ahi.

Esse navio, como se sabe, acabou por ser vendido ao Governo britannico. As negociações estavam concluidas entre o Governo inglez e o nosso ministro em Londres, quando Jaceguay foi chamado e informado do negocio. Sabendo, então, que a venda do couraçado importava apenas em 600 mil libras, assume tal attitude desfavoravel á transacção, que o Governo brasileiro se teve de confessar profundamente reconhecido.

Tractava-se de addicionar áquella somma grande quantidade de material de guerra, sobresalentes e munições, representando muitos milhares de libras, que haviam sido englobados na venda.

Com essa suggestão de Jaceguay, intervieram em nosso favor os srs. Rothchilds, mas inutilmente.

Deante disso, resolveu Jaceguay intervir directamente juncto do Almirantado inglez, com poderes que, para tanto, solicitou do illlustre barão de Penedo. Iniciadas as negociações, logrou Jaceguay o maior successo, obtendo que o Governo inglez nos pagasse mais 20 mil libras esterlinas, cinco mil pelos sobresalentes, e 15 mil pela outra parte de material que o navio continha.

Por esse procedimento, por sua iniciativa intelligente e feliz, Jaceguay, em recompensa a esses tão grandes serviços, foi promovido ao posto de chefe de divisão, a que corresponde hoje o de contra-almirante.

Tinha apenas 35 annos; seu merecimento apressara a passos repetidos uma carreira, cuja celebridade, justificada sempre

pelo merito, pela bravura e pela superioridade do talento, não encontra simile na Historia Naval, sinão na grande figura de Oratio Nelson.

Regressando da Europa, onde desempenhara a triplice commissão de nosso addido naval perante todas as côrtes das nações maritimas européas, de incumbido das compras de material de guerra, e de director e fiscal das obras do *Independencia*, Jaceguay foi nomeado membro effectivo do Conselho Naval, instituição que hoje se chama Conselho do Almirantado.

Ahi a sua collaboração nos trabalhos dêsse conselho foi notavel.

Com a sua palavra persuasiva inicia a propaganda das construcções de ferro contra as de madeira, que eram uma tradição da nossa engenharia naval e foi, com o systema Trajano de Carvalho, uma das suas maiores glórias.

Defendida pela rotina e apoiada pelo nativismo, de que a madeira era o material mais abundante no paiz, e que, portanto, com esse só deviamos contar para construir a nossa esquadra, a lucta não poderia ser pequena.

Mas, afinal, graças aos seus exforços e á sua efficaz iniciativa, mais uma vez venceu Jaceguay.

Pouco depois era elle nomeado para chefiar a primeira missão diplomatica brasileira á China, cuja descripção completa, interessante e elegantemente escripta pela sua mão de mestre da nossa lingua, se acha inserta em um dos volumes da obra que publicou pouco antes de fallecer, intitulada — *De Aspirante a Almirante* — especie de auto-biographia, onde se photographa com nitidez pouco vulgar grande parte da sua vida illustre.

Dessa vasta obra, José Verissimo destacou, com justo acêrto, por serem incontestavelmente, notaveis, o *Dever do momento*, célebre carta aberta a Joaquim Nabuco, a *Organização naval, Primeira missão brasileira á China*, e os *Quatro seculos de actividade maritima*, onde Jaceguay com maestria e o calor proprio do seu temperamento, traçou, pela primeira vez, entre nós, a crítica historica da guerra do Paraguai, no que se refere ás operações da nossa esquadra.

As referencias de Jaceguay, naquellas páginas brilhantes de psychologia e logica, causaram no seio da marinha de então

profundas divergencias, e até, por que não dizê-lo, certa indignação pelo estudo de psychologia que nellas avulta a respeito de Inhaúma e de Barroso, além de outros chefes da marinha, na guerra do Paraguai.

Houve reuniões e se nos prometteu contestar até os factos, que com tanta nitidez e minúcia Jaceguay apresentou aos olhares da crítica.

Entretanto, senhores, até hoje não appareceu nenhuma dessas constestações !

José Verissimo, o saudoso crítico patricio, a respeito dêsse livro por tantos titulos magistral, escreveu:

« O auctor não é só um marinheiro que deu todas as provas de valentia e de alta capacidade profissional, na paz e na guerra, um amoroso, um apaixonado do seu officio; é ainda, ou mais, um espirito pouco vulgar nos que entre nós tractam armas.

« Lembra-me a surpreza admirativa com que os homens de lettras lemos, ha uns cinco annos, a sua carta politica ao sr. Joaquim Nabuco — *O dever do momento*. Todos reconheceram nesse marinheiro um publicista e um escriptor de raça, com todos os attributos que, cultivados, fazem os melhores.»

E mais adeante, accrescenta:

« Não nos admira agora que, com todas estas qualidades, tenha o sr. Jaceguay escripto estas páginas vivas e commoventes, relatando os actos da marinha brasileira na guerra do Paraguai. Refere-se, já o disse, como testimunha perspicaz, ou como actor excellente e convencido dêsse drama cruento, e analysa-os, o que se faz talvez pela primeira vez no Brasil, com a sagacidade e competencia de um estrategista naval.

« Pela vez primeira aqui, elle submette á crítica actos dos chefes e factos da guerra, mostrando, ao que parece, aos não especialistas, como o escriptor destas linhas, á melhor luz uns e outros, e fazendo-os melhor comprehender certos aspectos daquella campanha e avaliar melhor as condições em que ella se fez, porque se prolongou por tanto tempo, e, respeito especialmente á esquadra, a importancia do seu papel nella, os

seus elementos de guerra, a sua fôrça e valor real e como os seus chefes o souberam aproveitar.»

Fechando de novo o parenthese, devo dizer que foi justamente de volta da sua missão á China, que durou anno e meio, que o Governo imperial o encarregou da administração e remodelação do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, onde os seus serviços foram de tal monta, que obteve a promoção ao posto de chefe de esquadra, hoje vice-almirante, e as honras do baronato.

Basta assegurar-vos, senhores, que até hoje a grande maioria de machinas que o nosso Arsenal de Marinha ainda possue, foi adquirida então por Jaceguay.

Dessa commissão, porém, solicitou exoneração e uma licença para tractar-se em S. Paulo, sua terra natal.

O Governo, que não queria dispensar a sua valiosa cooperação, insistiu para que elle desistisse daquella licença, afim de confiar-lhe o commando de uma esquadra de evoluções, que se fez célebre por ter sido a primeira e a mais forte esquadra que até então se havia reunido no Brasil.

Com a sua costumada energia, actividade e intelligencia, Jaceguay prestou assignalados serviços, como ficou patente na imprensa do tempo, nas ordens do dia, nas manifestações de toda especie, e principalmente nas realizadas no Senado Imperial, por occasião de dissolvida a esquadra de evoluções.

Foi justamente, senhores, esse acto do Governo que mais directamente deu causa ao pedido de reforma do emerito almirante.

Ruy Barbosa, defendendo no Senado, em 1900, o projecto que transferia dêsse quadro para o da activa o preclaro almirante, ao tractar das causas do seu pedido de reforma, assim se exprimiu:

« Chego a um momento, sr. presidente, em que as circunstancias de uma crise politica excessivamente aguda crearam a situação, de onde decorreu a reforma do almirante Jaceguay.

« Não quero recordar passados azedumes, magoar reminiscencias muito vivas; sou obrigado, porém, pela fôrça da ver-

dade, a assignalar alguns factos. Todos conhecem as profundas prevenções do ministerio Cotegipe contra o abolicionismo. A essas prevenções se deve o dissabor profundo que levou este official de marinha a solicitar a reforma.

« O Governo que o encontrara no commando da esquadra de evoluções, gratuitamente desconfiado do abolicionismo do seu chefe, a dissolveu, segundo se disse naquella épocha, para poder utilizar seus navios dispersos para fins de compressão eleitoral.

« O almirante Jaceguay deixado em disponibilidade, com o soldo de 300$, por mais de dous annos, foi além disso preterido em uma nomeação para o Supremo Tribunal Militar. Não insistirei no incidente, nem o menciono, sinão para mostrar a profunda sensação produzida em todo o paiz, não somente na esquadra brasileira, pelo acto que lhe roubava o concurso de um official de superioridade incontestavel entre os seus companheiros. Resistindo ás instancias dos seus camaradas, Silveira da Motta persistiu, por um impulso de seu brio magoado, na reforma que pedira. Mas a falta irreparavel, que a sua ausencia deixou na esquadra brasileira se achá assignalada em uma manifestação incomparavel de seus companheiros da armada. Peço ao Senado permissão para ler as palavras deste documento, tão breve quanto eloquente:

« Os officiaes da Armada, abaixo assignados, acabam de ser dolorosamente surprehendidos pela notícia publicada por toda imprensa desta capital, que V. Ex. tinha resolvido retirar-se á vida civil, abandonando a carreira militar naval, em que tantas glórias conquistou para si e para a patria.

« Embora estejam convencidos que são ponderosas as razões que levaram V. Ex. a tão extremada resolução, elles pensam que não bastam para justificar a perda de um dos seus chefes de mais prestigio, de mais valor e de mais serviços. Desde alguns annos sentem que pouco a pouco vai sendo abandonada por todos aquelles que na campanha do Paraguai conquistaram o direito de conduzi-la a novos triumphos em luctas futuras. Assim, lamentando profundamente a perda da Armada brasileira, resolveram envidar junto da pessoa de V. Ex. todos os seus exforços para que essa retirada não mais se effectue.»

Barão de Ivinheima, barão do Ladario, Salgado, Carneiro da Rocha, De Lamare, Foster Vidal, Custodio de Mello, Wandenkolk, Julio de Noronha, Saldanha da Gama, Eliezer Tavares, Balthazar da Silveira, Pinto da Luz, Cerqueira Lima, Bacellar, José Victor de Lamare, Alexandre de Alencar, Rodrigo Rocha, Pinheiro Guedes e muitos outros, em numero superior a 100 officiaes de todos os graus. E' lamentavel, sr. presidente, que esses exforços não surtissem resultado.»

Era inabalavel, senhores, a decisão de Jaceguay, e nem os exforços collectivos dos seus companheiros de classe, nem os pessoaes de amigos seus, como os de Quintino Bocayuva, bastaram para demovê-lo, porque a sua palavra era bem parecida com a de rei; não costumava voltar atraz.

E assim, em 1887, foi reformado o almirante que, pelo seu valor pessoal, e seus serviços extraordinarios, havia adquirido, no seio da sua classe, inegualavel prestígio.

Jaceguay, porém, durante o longo periodo de inactividade militar nunca exquecera a marinha, nem os interesses do paiz a ella ligados e assim imagina o Lloyd Brasileiro, como auxiliar da marinha de guerra; crêa a Associação Protectora dos Homens do Mar; suscita a idéa da creação de nucleos de pescadores, e com o fim de desenvolver a pesca e as indústrias correlativas de tanto futuro entre nós, e que só agora, com a orientação que vai sendo imprimida pelo actual almirante Gomes Pereira, ministro da Marinha e nosso prezado confrade, talvez se corporifique, tornando-se realidade.

Por 1897 acceita o cargo de director da Bibliotheca, Museu e Archivo da Marinha, e o de redactor-chefe da nossa *Revista Maritima*, e foi então que comecei, senhores, a cultivar a sua amizade, estreitando cada vez mais os laços de admiração e estima, que muito me ligaram a Jaceguay até a sua morte.

O Museu Naval não existia então, e até uma installação rudimentar por elle mesmo creada quando director do Arsenal de Marinha, havia desapparecido completamente. Elle, novamente, installou e organizou o Museu Naval; accresceu a Bibliotheca de obras notaveis, e, como redactor-chefe da *Revista Maritima*, escreveu artigos que mereceram das suas congeneres extrangeiras encomios dos mais honrosos, artigos, muitos dos quaes

traduzidos e inscriptos em suas páginas, com o commentario de — *admiraveis* — como me occorre lembrar o intitulado: *A sciencia do official de marinha.*

Finalmente, em 1900, o Congresso Nacional, graças á magistral defesa que produziu Ruy Barbosa, em longo discurso, do projecto que o revertia á marinha, voltou Jaceguay ao seio da sua classe, que o recebeu de braços abertos e num grande amplexo de estima e admiração.

Immediatamente, o Governo o nomeou director da Eschola Naval, começando ahi a derradeira phase da sua insigne carreira militar.

Cheio de ardor, apesar de encanecido, quiz reviver, na Eschola, o reinado de ouro que assignalou a passagem, infelizmente tão curta, de Saldanha da Gama.

Conseguindo o que Saldanha não havia conseguido, isto é, dinheiro para gastar largamente, Jaceguay foi desde logo introduzindo na Eschola melhoramentos materiaes de grande valia, construindo a casa para o director que não existia, ampliando os recinctos onde se accumulavam excellentes instrumentos para estudo experimental da Physica e da Chimica, além de outros.

Mas, é preciso que eu vos diga com « toda a alma da penna »: a Jaceguay faltavam os predicados naturaes de educador, que tanto sobravam em Saldanha.

Elle não tinha as maneiras elegantes, o tacto finissimo, subtil e sympathico que distinguiam Saldanha da Gama, nem o feitio marcial que o characterizava, não sabendo, como este, empolgar em um gesto simples e maneiroso aquelles que, sob sua direcção, lhe sentiam desde logo os impulsos communicativos do espirito atilado, da affectuosa maneira de se impôr, dominando mais pelo coração do que fazendo valer a sua superioridade hierarchica.

Jaceguay era o inverso disso: fez-se respeitar sempre pela sua energia, mas não creou amigos nos alumnos da Eschola, e isto constitue a differença sensivel que havia entre um e outro na direcção daquelle estabelecimento tão importante de educação e ensino naval.

O seu temperamento nervoso, os seus arrebatamentos excessivos quasi sempre, a rispidez com que tractava alumnos e até officiaes, crearam em torno da sua gestão na Eschola uma

atmosphera de terror, de prevenção, de antipathia e de repulsa, prejudiciaes, evidentemente, á propria disciplina, que, á proporção que Jaceguay sentia escapar-lhe das mãos, mais o irritava e mais vehementes se faziam os seus processos de repressão.

D'ahi o excesso dos seus exforços na manutenção da ordem e do respeito; a sua contínua vigilancia, a tal poncto elevada ao maximo, que dava a impressão de que Jaceguay não dormia, porque as visitas inesperadas a todos os desvãos da Eschola se multiplicavam e se succediam a todas as horas do dia e da noite.

Era um excesso de trabalho tal, que só poderia ter como consequencia o exgottamento das suas energias physicas, como effectivamente succedeu, levando-o ao leito, seriamente enfermo. E foi devido ao seu precario estado de saude que, afinal, se exonerou.

Tendo tido, senhores, a felicidade de servir na Eschola Naval, com Saldanha da Gama, como alumno, e com Jaceguay, como official, sinto-me com fôrças para affirmar que, no confronto entre os dous notaveis directores, na analyse dos dous systemas antitheticos de educar e dirigir, o do primeiro era soberanamente mais efficaz, mais humano, mais proveitoso.

Saldanha educava com o exemplo, o gesto e a palavra sempre paternaes, creando um ambiente de affecto, sympathia e confiança mutua.

Jaceguay na rispidez das suas maneiras, na irritabilidade da sua palavra, gerava o terror e a aversão reciproca.

Saldanha fallava ao coração, persuadindo.

Jaceguay fallava aos nervos, irritando.

Um era Jervis que nunca soube perdoar uma primeira falta; o outro era Nelson, em cuja esquadra todos eram ermãos.

Exonerado de director da Eschola Naval, pouco depois foi nomeado chefe da Repartição da Carta Maritima, última commissão que desempenhou.

Ahi prestou assignalados serviços, iniciando o levantamento hydrographico dos nossos portos e costas, dando incremento e creando novos pharóes, e imprimindo aos serviços que lhe estavam affectos uma orientação práctica e eminentemente scientifica.

Um dos derradeiros actos que bem definem o character de Jaceguay, passou-se justamente quando elle exercia esse cargo.

O Congresso Nacional elaborava os orçamentos, e as verbas destinadas á manutenção dos pharóes, propostas por Jaceguay, estavam sendo cortadas na Camara dos Deputados.

Já ia por segunda discussão a diminuição bem possivel daquellas verbas, quando Jaceguay resolveu reagir contra a medida, incontestavelmente prejudicial aos serviços dos nossos pharóes.

De um salto, espada á cinta, tomou um automovel e sem pedir audiencia nem avisar a visita, surgiu, repentinamente, no Palacio do Cattete, onde se foi entender com o presidente da Republica, o dr. Affonso Penna.

Em chegando á sua presença, entrou desde logo a dizer-lhe estas palavras, em tom excessivamente irritado: « Aqui vim para declarar a v. ex. que si não forem restabelecidas pelo Congresso as verbas destinadas á manutenção dos pharóes, mandarei apagá-los, e os poderes da Republica serão os responsaveis pelo que succeder á navegação ».

Imagine-se o espanto do mallogrado presidente Affonso Penna, ao ouvir, talvez pela primeira vez, essas palavras tão inopinadas, de um homem altivo como Jaceguay !

Voltando, porém, do primeiro torpôr, calmamente, prometteu-lhe o presidente dar as providencias que o caso requeria, assegurando-lhe que as verbas seriam restabelecidas, consoante haviam sido propostas por Jaceguay.

De facto, senhores, assim succedeu.

Os pharóes não foram apagados, e Jaceguay proseguiu na sua brilhante administração, o seu canto de cysne na vida pública, até que, combalido e ferido de morte por minaz arterio-sclerose, solicitou mais uma vez a sua reforma. Afinal, em 6 de Junho de 1914, nesta Capital, extinguia-se a vida illustre do grande almirante.

Perdoae, senhores, si fiquei tão aquem da minha alta e rude tarefa. Bem sabia eu que era muito difficil estudar characteres, desenhar figuras moraes tão grandes, haurir dos factos a Verdade, com o senso da Justiça, que é, dentre todas as virtudes do homem que pensa e julga, a que se me avulta maior.

« A Justiça que tem vindo ao de cima das tormentas de indefinidos seculos; que se tem mostrado em todos os martyrios da idéa; que estava na cicuta de Socrates, no banho suicida de Séneca, outra vez no fel de Jesus Nazareno, e mil vezes se revelou nos milagres de martyres, uns illustres, outros obscuros; que foi a transformadora do mundo moral, a pomba esvoaçada por sobre todos os diluvios, a Justiça.

Ella, o Espirito Santo da Trindade divina: o Verbo que fallou no Sinai, nos jardins de Academus, no lago Tiberiade, no Areopago e na consciencia de Proudhon. Ella, a immortal, vem rompendo as trévas e preluzindo, de que á sua luz somente podemos explicar a palavra Providencia. »

E com Ella, senhores, deante de meus olhos, com o senso da sua pureza, levado pela mão da sua mysteriosa divindade, nesta singela e despretensiosa homenagem, nada mais fiz do que render um preito de justiça aos trez grandes almirantes que a Marinha Brasileira, a pouco e pouco, foi perdendo.

Saldanha da Gama — Custodio de Mello — Arthur de Jaceguay — a trindade immortal, a trindade benfazeja, até hoje insubstituivel, que o destino inexoravel bem cêdo separou para sempre de nós.

Mas, na necropole privilegiada que os guarda religiosamente, eu costumo, senhores, deixar caïr lagrimas de profunda e eterna saudade. (*Applausos prolongados.*)

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão, ás 23 horas. — *Basilio de Magalhães*, servindo de 2º secretário.

QUARTA SESSÃO ORDINARIA, EM 28 DE JUNHO DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

A's 21 horas abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Edgard Roquette Pinto, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Laudelino Freire, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Basilio de Magalhães, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, marechal Gre-

gorio Thaumaturgo de Azevedo, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Augusto Olympio Viveiros de Castro, major Liberato Bittencourt, Diogo de Vasconcellos, Alfredo Pinto Vieira de Mello, Antonio Fernandes Figueira, Pedro Augusto Carneiro Lessa.

O SR. 2º SECRETÁRIO lê a acta da sessão anterior, a qual é sem discussão approvada unanimemente.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*), diz o seguinte:

« Tendo hoje, felizmente, desapparecido o estado de guerra, oppressor do mundo, e na debellação do qual o Brasil, briosamente, se achava empenhado, o INSTITUTO HISTORICO, sempre solidario com todos quantos defenderam, ou defendem, os interesses e brios nacionaes, apresenta calorosas congratulações aos Poderes Publicos, ás classes armadas, ao paiz inteiro, cujo procedimento, em tão melindrosa emergencia, foi nobre e digno, seguindo invariaveis tradições, e faz ardentes votos, no sentido de que a paz restabelecida seja solida, duradoura e fecunda em beneficios, não só para a nossa patria, como para a humanidade.» (*Vivos applausos.*)

O SR. FLEIUSS (*secretário perpétuo*) informa achar-se na casa o socio effectivo recem-eleito, sr. Solidonio Leite, que, tendo cumprido todas as exigencias dos Estatutos, vem tomar posse.

O SR. PRESIDENTE nomeia a seguinte commissão para introduzir no recincto o novo socio — srs. Manuel Cicero, Alfredo Pinto, Fleiuss e Roquette Pinto.

(*Dá entrada no recinto, presta o compromisso dos Estatutos e é declarado empossado o sr. Sidonio Leite.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) dá a palavra ao sr. Solidonio Leite, que, da tribuna, pronuncia o seguinte discurso:

« Exmo. sr. presidente, illustres confrades.

E' sobremaneira honroso para mim o testimunho do apreço que me déstes, com admittir-me no vosso gremio. Rendidamente vos agradeço.

Não me afastarei da verdade, affirmando que já me tinheis ao vosso lado. Accompanhando os vossos trabalhos, eu vivia

entre vós pela admiração que elles me causavam, pelo enthusiasmo com que os applaudia. Eram elles os que me alimentavam a esperança, e me serviam de confronto quando me salteavam receios occasionados pelo descaso geral tocante ás nossas tradições. Do recolhimento em que vivo, não tem conta as vezes que o meu espirito se voltou para esta casa, onde cuidadosamente reunis os materiaes para nossa Historia.

Sem elles, colligidos assim com esse carinho, em tantos annos de um trabalho intelligente e continuo, fôra impossivel construcção solida e duradoura.

A história de um povo não se escreve convenientemente sem que a preceda um longo trabalho preparatorio, onde possa apoiar-se com segurança.

E vem de longe, senhores, o vosso trabalho. Começou póde dizer-se, com a propria nacionalidade, com a história da qual vem, assim, a identificar-se a dêste Instituto, que nascendo quando o nosso paiz ainda estava na infancia, pois havia apenas 16 annos que se tornara independente, já no anno seguinte, em 1839, iniciava a publicação de sua *Revista*, hoje vastissimo repositorio dos factos da vida nacional.

* * *

O marechal de campo Raimundo José da Cunha Mattos e o conego Januario da Cunha Barbosa, tiveram a feliz idéa de fundá-lo. Accordes na mesma vontade, uniram-se a elles outros vultos eminentes, que resplandeciam na politica, na administração, na magistratura e no commércio.

Começaram modestamente. Em «sala baixa, escura, e sem fôrro, despida de moveis e de todo o accessorio», foi que se consagraram a essa obra verdadeiramente patriotica.

A pobreza da casa não lhes importava a elles, que, inflammados no amor da patria, alli se runiam para erigir-lhe um templo, onde, em sua veneração, pudessem louvar-lhe os feitos, e patentear-lhes as grandezas.

Naquelle retiro, accommodado á conversação das cousas patrias, e onde nada os divertia, accendia-se-lhes a devoção, e o espirito se eleva, embalado na visão das glórias nacionaes.

Na primeira reunião, assim se expressava um dos fundadores:

« Começamos hoje um trabalho, que, sem dúvida, remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas que se encontram na nossa Historia. Nós vamos salvar da indigencia e obscuridade, em que jazem, muitas memórias da patria, e os nomes de seus melhores filhos; nós vamos assignalar com a possivel exactidão o assento de suas cidades e villas, a corrente de seus caudalosos rios, a área de seus campos, e direcção de suas serras. »

Accolhendo-o para logo, amparando-o com a sua protecção, deu o imperador ao Instituto, principalmente a partir de 1849, prestígio e fôrça, que haviam de assegurar-lhe o desenvolvimento, e facilitar a realização dos seus designios.

E foi o que na verdade aconteceu; pois conquistou dentro em pouco o logar de associação sòbre todas benemerita pela operosidade e dedicação de seus membros, e pelo vigoroso impulso communicado aos estudos historicos e geographicos. E é muito para notar que o mesmo Instituto não se limitou a essa ordem de estudos. Alargando o campo de suas locubrações, passou desde 1847 a extendê-las á Archeologia e á Ethnographia americana, prestando á sciencia, ainda nesses ramos, os mais assignalados serviços. Baste-nos referir os trabalhos do sabio Lund, universalmente conhecidos.

Tem o Instituto honrado o nome do Brasil em varios congressos; salvado do exquecimento muitos factos da nossa Historia; exclarecido innumeras questões, ou controvertidas, ou duvidosas; procedido a grande número de investigações valiosas; formado, enfim, um precioso thesouro de factos, notícias e memórias, que tornarão facilimo compor-se Historia solidamente fundada. Não permitte a brevidade dèste discurso se mencionem aqui os seus trabalhos, nem ainda os de maior importancia. A *Revista*, onde os vai registando, já se constituiu ha muito a fonte a que terão de recorrer todos os que precisarmos de informações seguras sòbre as cousas do Brasil e os seus vultos eminentes.

Circunstancia que difficulta, sinão impossibilita a história verdadeira é o ter de assentar em notícias inspiradas nas paixões dos seus auctores, que, não raro, á conta de expor os factos, o que fazem é occultar a verdade. E difficilmente logará descobri-la quem, longo tempo depois, intente compor história que tenha assento.

Entre as sobredictas paixões, as que mais empenham as fòrças em formosear enganos, são indisputavelmente as paixões politicas.

Mas na ausencia dessas, é onde sobremodo se acredita o merecimento dos vossos trabalhos.

Ainda quando lá fóra mais se accende a lucta dos partidos, os mesmos empenhados nella entregam-se depois aqui a trabalhos communs, na mais perfeita cordialidade, como exquecidos de serem adversarios intransigentes.

A propria mudança do regime não alterou a harmonia que sempre houve entre os membros dêste Instituto; nem ainda entre os que ficaram e aquelle de cuja companhia se viram privados para sempre — o sabio e virtuoso monarcha, o maior dos amigos desta casa, credor de nossa eterna gratidão, que felizmente não se demorou em manifestar-se.

Poucos dias depois de proclamada a Republica, em sessão aqui realizada, assim discorria sentidamente o presidente commendador Joaquim Norberto:

> «Senhores. Imperioso dever do meu cargo me força a annunciar-vos que jamais nessa cadeira se assentará aquelle que durante quarenta annos desempenhou verdadeiramente o titulo de protector da nossa associação, elevando-a á face das nações cultas, á grande consideração que goza actualmente... A politica tem as suas necessidades intransigentes; não nós que, vestaes deste templo da Historia, collaboramos para a posteridade nesta *pacifica scientiae occupatio*; e pois a nossa gratidão... viverá na nossa tradição até quando o último de nós tiver baixado á sepultura...»

Na mesma sessão dizia em seguida o 1° secretário:

> «O advento da Republica Brasileira trouxe-nos uma perda immensa e um immenso pesar — o afastamento

do nosso augusto e venerando imperador... Saiu... E com Elle seguiram todo o respeito, estima e veneração que os Brasileiros devem e têm a esse Grande e Virtuoso Varão... E eu levanto-me aqui solennemente para pedir ao Instituto que no meio dos seus arroubos pelos esplendores da mãe patria, não se exqueça da gratidão que deve áquelle que foi seu protector e pae.»

Quem fallava nesses termos era, como sabeis, o dr. João Severiano da Fonseca, ermão e amigo do proprio dictador.

Por sua vez, na sessão magna anniversaria, realizada a 21 de Outubro de 1910, o chefe do último gabinete da monarchia, á qual se manteve fiel toda sua vida, registou e louvou, como era de razão, varios actos do Governo republicano, que em muito interessavam ao Instituto: a terminação das nossas questões de limites; a demarcação definitiva de nossa fronteira, a começar da bacia do Amazonas até ao Quarahim e á lagoa Mirim; e a celebração de tractados de arbritramento com quasi todos os paízes cultos do mundo.

Seria não ter fim levar mais longe as provas de que neste Instituto é a verdade, e somente ella, a que impera soberanamente.

Consagrado ás nossas tradições, enche-o totalmente a paixão das nossas glórias. Não fica logar para as outras, que jamais penetraram nesta casa, onde, sem desfitar a imagem da patria, todos se alliam e conciliam para glorificá-la.

Verdadeiramente essa circunstancia faz avultar sobremaneira a vossa contribuição para o monumento, que já tem na vossa *Revista* successivos e solidos lanços.

Sem a completa ausencia das paixões, não ha verdadeiras notícias dos successos; e sem essas converter-se a Historia em fabula, ajustando-se-lhe o conceito de José de Maistre: *uma conspiração da mentira contra a verdade dos successos.*

As razões são as que acima toquei. Interessadas em encobrir a verdade têm as paixões mil caminhos de conseguir seu intento; e a antiguidade das notícias, em que mais tarde deve o historiador estribar-se, impossibilita a verificação dos successos, tanto mais necessaria quanto essas notícias pelas sobredictas razões, desmerecem toda a fé. Por isso faz au-

gmentar o valor dos vossos trabalhos a isenção de espirito que a todos elles preside.

Cicero, desejando uma história do seu consulado, e suppondo obtê-la do seu amigo Luccio, recommendou-lhe puzesse de parte a fidelidade na descripção dos successos, e soltasse as velas ao sentimento da amizade.

Histórias assim ordenadas, a vossa *Revista* as impossibilita, documentando para sempre a inteira verdade dos factos. Enquanto lhe restar um exemplar, dará brado contra as mentiras.

Na diligencia que pondes em averiguar os factos e noticiar fielmente os successos, tenho por certo que a minha boa vontade achará logar para contribuição de algum prestimo.

Explicando as razões por que achava dever a Academia Real das Sciencias de Lisbôa aproveitar certos trabalhos de valor somenos, o nosso José Bonifacio, de quem na última sessão dêste Instituto se occupou o seu infatigavel secretário, escreveu o seguinte:

> «Por mais habil que seja um architecto, sem os materiaes necessarios, sem officiaes subalternos, por certo não poderá levantar arcadas, templos, nem palacios. Tem feito pois grande serviço ás sciencias aquellas academias e sociedades, que recolheram e depositaram em suas collecções, não só o optimo, mas tambem o util e prestadio aos seculos vindouros».

Essas palavras justificam a minha esperança.

Vem a poncto um trabalho material, que se poderia emprehender. Innumeros estudos que se ajustam aos fins do Instituto, saïram em folhas diarias dáqui, das antigas provincias e dos Estados. Não seria difficil copiá-los em algumas collecção ainda existente em bibliothecas publicas, e reimprimir os que o merecessem ,ou em successivos numeros da *Revista*, ou em volumes especiaes.

Os resultados que se colheriam dêsse trabalho patriotico, póde ser que o nosso Governo se promptificasse a facilita-los,

dando-nos o auxilio conveniente. Iriamos salvar estudos preciosos sepultados no olvido, resgatar perdidos fragmentos de nossas grandezas.

Não é bem que vos faça promessas. Correria o risco de não poder cumpri-las. Espero, porém, que a minha admiração pelo Instituto e o incitamento do vosso exemplo me exforçarão o ánimo, habilitando-me a coresponder de algum modo á honra que me fizestes.

Avalio em muito essa grande honra porque tenho na devida conta o valor dêste Instituto, e o merecimento dos que me distinguiram admittindo-me no seu gremio.

Aqui, unidos na anciedade da mesma glorificação, ajustais a intelligencia e o trabalho ao sentimento da nacionalidade, revocando nosso passado e illuminando fastos da nossa Historia.

A arvore que ha muito cultivais, e cujas raizes se alongam nas tradições, vós lhe destes um desenvolvimento prodigioso. De modo ella se avantaja entre os attestados da cultura brasileira que nenhuma outra se lhe atreve.

Ponhamos nella, senhores, o mais desvelado carinho para que se logrem todos os seus fructos resplandescentes de glorias. » (*Applauoss.*)

Tem, logo depois, a palavra o SR. *RAMIZ* GALVÃO (*orador perpétuo*) que pronuncía este discurso:

« Sr. Presidente e dignos consocios.

Illustre collega, sr. dr. Solidonio Leite:

O Instituto acaba de ouvir, grato e desvanecido, as palavras gentilissimas com que externastes o vosso juizo sôbre os nossos trabalhos e sôbre a alta missão que nos incumbe no seio da Patria desde aquelle dia solenne e feliz do anno de 1838, em que dous Brasileiros insignes idearam e iniciaram a organização da nossa Companhia.

Ella hoje vos recebe com garbo e satisfacção intima, por estar certa de que o talento, o amôr ao trabalho e o patriotismo, que vos distinguem, são garantias seguras do muito que lhe podeis dar.

Conhecemos todos o merito dos trabalhos, com que haveis enriquecido a litteratura patria.

A cultura amorosa dos classicos portuguezes, que illustraram a história da nossa formosa lingua; a analyse perspicaz com que discutistes em um precioso livro a auctoria da célebre *Arte de furtar*, indevidamente attribuida ao grande Antonio Vieira, por espaço de longos annos; os primores que paciente e intelligentemente tendes descoberto em «Classicos esquecidos», trazidos á luz pela vossa palavra auctorizada, dando-vos dest'arte a consagração de novo «bandeirante», da ordem daquelles que varando sertões inhospitos descobriram outr'ora preciosas minas de ouro e grupiaras adamantinas, — tudo isso faz-nos presagiar um contingente avultado, que haveis de trazer para a gloriosa tarefa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

«A vossa bôa vontade, acabaes de dizer, achará logar para contribuição de *algum* prestimo.» Para contribuição de grande prestimo, permitti que eu vaticine em nome dêstes valorosos cultores da Historia brasileira, que aqui vêdes e que de antemão vos agradecem o concurso de habil operario e de investigador intelligente.

Acabaes de lembrar-nos a possibilidade de um optimo trabalho dêste genero.

Ha, de facto, esparsas em folhas diarias, e por isso mesmo quasi exquecidas, sinão perdidas, valiosas memorias, escriptos preciosos, que podem e devem ser salvos pela sua publicação em nossa *Revista*, — repositorio opulento de informações e dados, sem os quaes a Historia, a verdadeira Historia se não escreve.

Agora mesmo, neste sentido, a redacção da *Revista* prepara, para serem dados á luz da publicidade, os curiosissimos folhetins estampados em folhas várias do Rio de Janeiro por aquelle saudosissimo e benemerito Vieira Fazenda, que foi por muitos annos o luminar da nossa bibliotheca e do nosso árchivo. Nessas paginas ha um acervo riquissimo de curiosas noticias sôbre esta cidade, seus monumentos, suas festas officiaes e populares, seus administradores civis e ecclesiasticos, suas reformas, seus costumes, seus dias de gala e de lucto.

Como esta publicação se vai fazer dentro em pouco, outras serão utilissimas e necessarias, como dissestes, e nesse como em outros trabalhos contamos seguramente com a vossa dedicação prestimosa.

Entrae pois, sr. dr. Solidonio Leite, e sentae-vos na tenda de trabalho desta casa, onde, mercê de Deus, não ha partidos politicos, nem odios nem ambições mesquinhas.

Só uma paixão aqui é licita e de facto existe: a sancta paixão patriotica que domina, que avassalla velhos e moços. Essa paixão tambem a tendes, convimos todos; com ella, fazei desta officina um novo pedestal para a glória do vosso nome!» (*Muitos appalusos.*)

O SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO lê telegrammas dos socios, srs. Augusto Tavares de Lyra, Clovis Bevilaqua e Homero Baptista, justificando o não comparecimento.

Dá em seguida noticia da visita do sr. major dr. Dario Castello-Branco, que por parte da familia do extincto e saudoso consocio, sr. marechal José Bernardino Bormann, veiu ao Instituto para agradecer as homenagens de pezar tributadas pela associação á memória do mesmo marechal, e para, em nome de sua viuva, a sra. d. Anna Vera Monteiro Nogueira de Bormann, offerecer para o Museu Historico do Instituto todas as condecorações e medalhas daquelle illustre militar, bem como uma que pertenceu ao duque de Caxias e que pelas filhas e genros foi offerecida ao marechal Bormann, em Junho de 1880. Declarou mais que a viuva doará ao Instituto a bibliotheca do marechal e posteriormente todos os papeis de seu archivo que tenham interesse historico. A's condecorações e medalhas accompanharam todos os documentos officiaes que as concederam.

As condecorações e medalhas entregues pelo major Castello-Branco, foram as seguintes: medalha humanitaria, de ouro, conferida, por ter o marechal, quando, tenente, de Abril a Junho de 1867, mantido a expensas suas,, em Curuzú, uma enfermaria, em que foram tractados muitos soldados acommettidos de cholera-morbo, aos quaes não só serviu de enfermeiro, como tambem forneceu gratuitamente diétas e vestuarios; condecoração da Ordem da Rosa e condecoração de Christo; condecoração de Aviz, medalha de bravura militar,

decreto de 23 de Março de 1868; da tomada de Uruguaiana, de 18 de Septembro de 1865; da campanha do Paraguai, de 6 de Agosto de 1870; de merito militar, de ouro, decreto de 15 de Novembro de 1901; da campanha do Paraguai (Republica Oriental) — 1865-1869; da campanha do Paraguaí, de ouro (Republica Argentina); venéra da Ordem de Aviz, que pertenceu ao duque de Caxias.

Com esssas condecorações e medalhas entregou o major Castello-Branco os seguintes documentos:

Decreto de 18 de Janeiro de 1868, promovendo o segundo cadete J. B. Bormann ao posto de 2° tenente; decreto de 20 de Fevereiro de 1869, promovendo-o a 1° tenente — por actos de bravura; carta imperial, nomeando-o cavalleiro da Ordem de Christo pelos serviços militares prestados nos combates de 24 de Maio, 3 e 22 de Septembro de 1866; declaração do ajudante-general João Frederico Caldwell, datada de 4 de Novembro de 1869, sôbre o lhe ter sido conferida a medalha de merito militar; declaração do ajudante-general João Frederico Caldwell, datada de 9 de Dezembro de 1869, sôbre o lhe ter sido conferida a medalha da rendição de Uruguaiana; decreto de 7 de Novembro de 1871, promovendo-o a capitão: decreto de 20 de Fevereiro de 1871, nomeando-o cavalleiro da Ordem da Rosa; diploma de 16 de Julho de 1872, concedendo-lhe o uso da medalha geral da campanha do Paraguai; carta imperial datada de 16 de Maio de 1876, concedendo-lhe a medalha humanitaria; carta imperial de 30 de Agosto de 1876, concedendo-lhe o gráo de cavalleiro da Ordem de Aviz; decreto de 19 de Novembro de 1895, promovendo-o a major; diploma da Republica Argentina, concedendo-lhe a medalha commemorativa da campanha do Paraguai; decreto de 19 de Outubro de 1899, promovendo-o a general de brigada; diploma, concedendo-lhe a medalha de ouro, por mais de 30 annos de bons serviços militares, datado de 24 de Maio de 1902; decreto datado de 30 de Novembro de 1908, promovendo-o ao posto de general de divisão; decreto de 11 de Janeiro de 1911, nomeando-o ministro do Supremo Tribunal Militar.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) agradece em nome do Instituto á sra. d. Anna Vera Monteiro

Nogueira de Bormann, as valiosas offertas, ao sr. major Castello-Branco e delicadeza de as ter vindo communicar, entregando, nessa occasião, todas as condecorações e documentos que pertenceram ao illustre e saudoso consocio. Agradece egualmente ao sr. major Liberato Bittencourt que, como socio do Instituto, a pedido delle, presidente, representou a associação no enterro do mesmo marechal.

O SR. FLEIUSS diz que deve propôr um voto de pezar pelo fallecimento de dous illustres Brasileiros que, embora não tivessem feito parte do Instituto, merecem completamente essa demonstração. Um, o dr. Diogenes Sampaio, que eleito prefessor da Faculdade de Philosophia e Lettras, acceitou a investidura, enviando a seguinte carta: «Acabo de receber, com retardamento de mais de mez, por ter sido afastado do meu consultorio, em consequencia de doença grave, o officio em que, em nome da Congregação da Faculdade de Philosophia e Lettras, me sonsulta sôbre a provisão effectiva da cadeira de Chimica Organica e Biologica. Profundamente desvanecido pela honra que essa consulta encerra, apresso-me em depor ao serviço da instituição patriotica o melhor do meu exforço e a segurança da minha dedicação».

O outro, o dr. Joaquim Candido da Costa Senna, director da Eschola de Minas, de Ouro Preto, figura de grande relêvo em nosso paiz, tendo feito parte de notaveis commissões no extrangeiro, nas quaes soube sempre collocar a nossa Patria no mais alto nivel.

O SR. PRESIDENTE diz que a proposta é tão justa que se abstem de submettê-la á votação, considerando-a unanimemente approvada.

O SR. FLEIUSS propõe ainda que seja nomeada uma commissão para cumprimentar o embaixador americano sr. Edwin Vernon Morgan, socio honorario do Instituto, pela data de 4 de Julho, que commemora a declaração da independencia dos Estados-Unidos, em 1776; e que seja nomeada outra commissão para, a exemplo dos precedentes, dar as boas vindas ao consocio benemerito, sr. Epitacio Pessôa. Convém lembrar que o sr. Epitacio Pessôa foi eleito socio do Instituto em 29 de Março de 1901, tendo sido a indicação de seu nome assignada

pelos srs. conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manuel Francisco Corrêa, marquez de Paranaguá, barão Homem de Mello, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, conselheiro Liberato de Castro Carreira, Henrique Raffard, dr. José Americo dos Santos, conselheiro Miguel Archanjo Galvão e pelo humilde socio que ora apresenta esta proposta.

No seu discurso de posse, realizada a 24 de Maio dêsse mesmo anno, disse, entre outras cousas, o sr. Epitacio Pessôa o seguinte:

— «Acima, muito acima de todas as suas aspirações pairava o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, onde, como um logar sagrado, só accessivel aos grandes eleitos da intelligencia e do saber, se acostumara, dêsde muito, a ver reunidos os grandes homens da sua Patria, dominados por um só pensamento, impellidos por uma só ambição, fascinados por por um só ideal, ideal, ambição e pensamento que podem ser expressos nessa bella synthese do seu venerando presidente actual — a glorificação da Patria pela revelação da sua história.»

O sr. Epitacio Pessôa foi sempre um socio dedicado ao Instituto, tendo serviço em diversas commissões; foi auctor, com o sr. Manuel Cicero, dos primitivos Estatutos da Academia de Altos Estudos e é o presidente da quarta sub-secção (Historia Constitucional e Administrativa) do proximo Congresso Internacional de Historia da America, que, promovido pelo Instituto, se realizará a 7 de Septembro de 1922.

Ainda recentemente, em carta que dirigiu de Paris, a 16 de abril último, a quem ora occupa a palavra, manifestou-se da seguinte fórma:

— «No que diz respeito ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que tenho a honra de ser socio, posso affirmar-lhe que a velha e util associação muito me merece e que seguirei com a maxima attenção e sympathia todos os trabalhos e iniciativas dessa operosa instituição.»

Tracta-se, pois, de um socio de todo o apreço.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que essas propostas do SR. SECRETARIO PERPETUO são egual-

mente tão justas que as considera unanimemente approvadas, nomeando para o desempenho de ambas a seguinte commissão: Ramiz Galvão, Manuel Cicero, Fleiuss, Roquette Pinto e Solidonio Leite.

O SR. ROQUETTE PINTO (2° *secretário*) lê o seguinte:

— « Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Miguel Daltro Santos, bacharel em Direito, professor de Historia no Collegio Militar do Rio de Janeiro, auctor de varios trabalhos, entre os quaes merecem especial menção os que se referem a *Christovam Colombo* e a *José Bonifacio*, por elle offerecidos ao Instituto nos termos dos Estatutos.

Rio, 28 de Junho de 1919. — *Laudelino Freire.* — *Fleiuss.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Araujo Viana.* — *Manuel Cicero.* »

Vae á Commissão de Historia, sendo relator o sr. Basilio de Magalhães.

— « A Commissão de Admissão de Socios é de parecer que seja approvada a proposta que indicou o dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger para socio correspondente. Fazendo parte da nossa nacionalidade desde 1911, tendo já um filho, nascido em S. Paulo, possuindo um éstabelecimento agricola em Vassouras, onde reside, ha mais de cinco annos, o dr. Brandenburger é um cultor dedicadissimo da nossa Historia, do que constitue uma das provas o estudo que publicou sôbre a influencia de Pernambuco na formação da patria brasileira, não somente quanto ao setimento de uma individualidade ethnica differente da portugueza, como tambem sob o poncto de vista economico e social.

Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1919. — *Antonio Olyntho,* relator. — *Miguel J. Ribeiro de Carvalho.* — *Manuel Cicero.* — *Ramiz Galvão.* »

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que, havendo uma vaga na classe dos socios correspondentes, fica esse parecer para ser votado na proxima sessão.

O SR. 2º SECRETÁRIO lê, em seguida, este parecer da Commissão de Historia:

« Parecer relativo ao dr. d. Luiz Alberto de Herrera.

O sr. dr. d. Luiz Alberto de Herrera, nascido em Montevidéo a 22 de Julho de 1873, é filho do dr. Juan José de Herrera, figura de grande relêvo na politica do Estado Oriental do Uruguai, durante o último quartel do seculo passado. Tendo estudado nas duas Capitaes do Prata, diplomou-se em Direito na Universidade de Montevidéo. Iniciando-se, desde a juventude nas lides jornalisticas do seu paiz, não tardou a envolver-se na Politica, já tendo feito parte, por duas vezes, do Corpo Legislativo, e ainda não ha muito em 1915, foi eleito por seus correligionarios, os «nacionalistas», para seu representante na Convenção Nacional Constituinte. Além disso, desempenhou o cargo de secretário de legação e encarregado de negocios nos Estados Unidos da America do Norte, onde tambem foi delegado de sua Patria no Congresso Internacional de Americanistas, ao qual apresentou varios trabalhos, unanimemente acceitos e approvados. A sua capacidade juridica deu-lhe ingresso na Sociedade Uruguaia de Direito Internacional. As suas obras já publicadas argúem notavel operosidade e competencia. Distinguem-se entre outras, as seguintes: — « Por la Patria (Montevidéo, 1898). «La Tierra Charrúa» (Montevidéo, 1901). «La doctrina Drago y el interés internacional» (artigos editoriaes de *La Democracia*, depois enfeixados em livro (Montevidéo, 1906), «Labor diplomatico en Norte- America», «Desde Washington» e «La Diplomacia oriental en el Paraguay (Montevidéo, 1908), «La Revolución francesa y Sud-America» (Paris, 1910), e, finalmente, «El Uruguay internacional» (Paris, 1912). Vem egualmente consagrando, nos ultimos tempos, boa parte da sua actividade de intellectual á história documentada da laboriosa vida paterna. Tão inteiramente ligada á evolução do Brasil está a do vizinho Uruguai, outr'ora provincia nossa e que muito deve do seu florescimento actual, quer ás intervenções politicas do nosso paiz afim de restabelecer a paz alli por vezes perturbada, quer aos innumeros braços brasileiros emigrados para as suas campanhas feracissimas, — que o sr. dr. d. Luiz Alberto de Herrera não podia deixar de referir-se, em alguns dos seus

opusculos, a factos capitaes da nossa Historia. Fê-lo sempre através do seu prisma nacionalista, nem de outro modo fôra licito proceder a um patriota acendrado, qual sempre se revela o escriptor uruguaio. Cumpre-nos, entretanto, assignalar que, em uma das suas mais recentes obras, «El Uruguay internacional», faz elle a devida justiça aos elevados intuitos da nossa Patria, como se vê do longo e interessante capitulo alli epigraphado «Vinculaciones con el Brasil». Assim é que ao tractar do acto espontaneo da diplomacia brasileira, dando ao Uruguai a metade das aguas fronteiriças, conclue elle com este juizo: — «Sin menor precisón, la jóven República corrige, en nuestro beneficio, la ubicación de sus mojones, brindándonos elecuentísimo testimonio de que, por ese rumbo, ninguna sombra compromete nuestro porvenir». A Commissão abaixo assignada, que tem no mais alto apreço as qualidades de escriptor e de historiographo, postas de manifesto pelo sr. dr. d. Luiz Alberto de Herrera, terá o prazer em vê-lo escolhido para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, 28 de Junho de 1919. — *Basilio de Magalhães*, relator. — *Laudelino Freire*. — *Clovis Bevilaqua*.»

O parecer é approvado, sendo o processo remettido á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.

O SR. FLEIUSS apresenta depois a seguinte proposta:

«Constituindo necessidade palpitante a elaboração de um repertorio bibliographico brasileiro, pelo qual se possa conhecer da producção scientifica, litteraria e artistica do Brasil, — tenho a honra de propor, para esse fim, ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro a creação de uma secção annexa ao mesmo Instituto.

O presidente do Instituto, si este acquiescer, nomeará uma commissão de cinco de seus membros para estudar o assumpto e de prompto iniciar os respectivos trabalhos. Sala das sessões, 28 de Junho de 1919. — *Max Fleiuss*.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) submette a proposta á votação e tendo sido a mesma unanimemente approvada, nomeia a seguinte commissão: Ramiz

Galvão, Manuel Cicero, Fleiuss, Basilio de Magalhães e Solidonio Leite.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz depois o seguinte: « O illustre e estimado consocio do Instituto, sr. Antonio Olyntho, vai agora prestar um novo serviço ao mesmo Instituto, e aos fastos brasileiros. Vai commemorar o movimento occorrido faz hoje cento e noventa e nove annos, a 28 de Junho de 1720, em Villa Rica, actualmente Ouro Preto, movimento que foi o eloquente prenuncio da gloriosa aspiração triumphante pouco mais de um seculo depois, ás margens do Ipiranga. Vai, demais practicar um acto de justiça, exaltando a memória de Philippe dos Santos Freire, precursos de Tiradentes, martyr da liberdade, como este, e a quem os historiadores patrios não têm tributado as homenagens de que é benemerito. E' motivo de satisfacção especial para todos, o ver presente o sr. dr. Diogo de Vasconcellos, filho, como o presidente do Instituto, das regiões onde se desenrolaram as scenas tragicas de 1720, o sr. Diogo de Vasconcellos, digno portador de um nome nacional e um dos maiores, sinão o maior dos historiadores de Minas Geraes ». (*Applausos*.)

Tem a palavra o SR. ANTONIO OLYNTHO, que lê o seguinte:

REVOLTA DE VILLA RICA DE 1720

A data de hoje recorda um acontecimento notavel na nossa patria, que não tem sido devidamente estudado por falta de documentos.

Foi uma explosão do espirito revolucionario da épocha contra os processos tyrannicos de que a metropole usava para a exploração de sua opulenta colonia, na qual figuraram personagens que merecem maior relêvo do que os traços semi-apagados que ficaram nas chronicas. A revolução de Villa Rica de 1720 não teve ramificações fóra da Capitania das Minas, porque os motivos que a determinaram só á Capitania interessavam. Tambem os movimentos revolucionarios que se deram, em differentes épochas, até fins do seculo XVIII, em outros ponctos do Brasil, tiveram a mesma characteristica, devido ao quasi isolamento em que viveram as Capitanias, com escassas communicações entre si, sem o élo do commércio que apenas as ligava á metropole. De modo que a revolta de Villa Rica

tendo-se dado em uma Capitania central, então muito afastada de tudo, e quando apenas começava a povoar-se, é natural que della pouco conhecessem os historiadores de então e della pouco nos dissessem.

Entretanto, nos escassos documentos officiaes que della nos ficaram, ha depoimentos em que se póde procurar o veio da verdade, apesar da suspeição delles, pois o que nos resta desse capítulo da história patria são cartas do governador, o conde de Assumar, informando, com paixão, os motivos de seu procedimento tyrannico, — uma interessante defesa que delle fez um escriptor anonymo, sob o titulo *A Revolta de 1720 em Villa Rica, Discurso Historico-Politico* e outras informações esparsas em cartas-patentes, concessões de sesmarias, certidões de sequestros, etc.

A esta revolta se referem dous escriptores lusitanos, o desembargador da Relação do Porto, José João Teixeira Coelho, na *Instrucção para o Governo da Capitania de Minas Geraes*, que escreveu em 1780, e o dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, nas suas *Memorias sobre a Capitania de Minas Geraes*, no capitulo « Minas e os Quintos de Ouro », escriptas em 1806. Ambos tiveram occasião de manusear documentos e ouvir, em Minas, a tradição corrente sôbre aquelles acontecimentos.

Tambem se conhece o que sôbre a revolta de 1720 escreveram o padre jesuita Manuel da Fonseca, na « Vida do Padre Belchior de Pontes » e o distincto escriptor mineiro dr. Couto Magalhães na sua memória, intitulada *Um episodio da Historia patria*; e, mais modernamente, o que disseram o distincto fundador do Archivo Publico Mineiro, o fallecido senador José Pedro Xavier da Veiga, nas suas excellentes *Ephemerides Mineiras* e o actual senador estadual de Minas, dr. Diogo L. A. P. de Vasconcellos, nos seus dous volumes *Historia Antiga* e *Historia Media de Minas Geraes*, o qual levou suas pesquisas o mais longe possivel no cahos escuro dos documentos que ficaram dos primeiros tempos da colonização de Minas Geraes.

Muito embora a divergencia, em que lamento me achar, com este brilhante escriptor, meu velho amigo e mestre nas cousas da história de nossa terra, sôbre o modo de apreciar elle a figura do conde de Assumar, cumpro o grato dever de

aqui consignar os muitos esclarecimentos que encontrei nas bellas páginas de seus escriptos e que me permittiram sondar esse desvão escuro da Historia mineira.

A' revolta de 1720 e á sua mais infeliz victima se referem tambem o dr. Aristides Maia no seu bello livro de *Recordações*, no capitulo «Nossa Historia»; o dr. A. Teixeira Duarte, na conferencia que sôbre a *Sedição de Villa Rica de 1720* realizou no Instituto Historico e Geographico Mineiro, a 28 de Septembro de 1913, e o dr. Rodolfo Jacob no interessante capitulo, que sôbre a mesma escreveu, no livro «*Bi-centenario de Ouro Preto*», em que estampou o *fac-simile* de alguns dos importantes documentos da épocha com as respectivas assignaturas, authenticando assim as personalidades que tomaram parte nos successos.

O meu desejo, vindo hoje recordar os tristes acontecimentos daquella tragedia, é, não só prestar as homenagens da posteridade aos pioneiros das nossas reivindicações civicas, na data em que explodiu a revolta, como chamar a attenção dos estudiosos para ella, afim de que, no proximo anno, em que se completa, na data de hoje, o seu segundo centenario, possamos ter maior projecção de luz nesse passado sombrio, povoado de sombras que nos devem ser caras.

Para bôa comprehensão dos acontecimentos que vamos recordar, torna-se necessario descrever o scenario em que ellas se passaram e desenhar, a largos traços, os personagens que nelles figuraram.

A Capitania de Minas começára a se povoar havia apenas um quarto de seculo. As primeiras povoações surgiam dos nucleos onde a mineração do ouro era mais intensa. A população espalhava-se pelas mattas, seguindo os cursos d'agua, experimentando os cascalhos encontrados, por toda parte, e fixando-se ónde melhor interesse encontrava. Em todas as brenhas, nos valles, nas serranias, atravessando florestas cheias de perigos, enfrentando obstaculos de toda ordem, os audazes exploradores percorriam as zonas habitadas e deshabitadas, ao accaso, sem outra bussola que não fôsse a sua ambição. Já alguns nucleos de população se haviam condensado no Ribeirão do Carmo, no Ouro Preto, no Rio das Mortes, no Rio das Velhas e em seus ricos affluentes; mas não havia estradas.

As communicações eram difficillimas; a saïda para o littoral era uma unica, pelo trilho, por onde haviam entrado de São Paulo os primeiros bandeirantes. Mesmo assim o movimento crescia alli, de dia para dia. Novas e successivas bandeiras vinham pelo caminho de S. Paulo, pelo rio de S. Francisco, pelo rio Doce e por todos os lados, onde pudesse haver qualquer communicação com o littoral habitado. A distáncia de Ouro Preto á villa do Carmo, que eram as populações mais proximas e que distam apenas hoje pela estrada commum 12 kilometros, era vencida por um caminho ingreme, cheio de subidas e descidas, abeirando precipicios e vales profundos.

A não serem as villas do Ribeirão do Carmo (Marianna), Villa Rica (Ouro Preto) e Sabará, creadas por Antonio d'Albuquerque em 1711 e S. João del Rey, Villa Nova da Rainha (Caeté), Villa do Principe (Serro), Pitangui e S. José del Rey creadas entre 1713 a 1718, todas as outras povoações mineiras denominavam-se *arraiaes*.

A palavra *arraial*, tão commum ainda hoje em alguns de nossos Estados, principalmente em Minas Geraes, tem a significação lexicologica de « alojamento do exercito em campanha » ou (o que é mais proprio no caso) « alojamento de qualquer corpo volante de gente », como nos ensina o erudito Moraes no seu *Diccionario da Lingua Portugueza*.

Arraiaes eram, pois as installações das bandeiras, que tinham geralmente o nome de seus chefes: — arraial de Antonio Dias, arraial do Padre Faria, arraial de Bento Rodrigues, arraial dos Camargos, arraial de Antonio Pereira, etc. Onde a população era mais densa, naquella épocha, era entre Ouro Preto e Marianna.

As margens do rio Tripuhi e de seus affluentes que, fraldejando os contrafortes da Serra do Itacolomi, vão se lançar no Ribeirão do Carmo, eram cobertas de differentes arraiaes, naquelles primeiros tempos da descoberta do ouro.

O dr. Diogo de Vasconcellos descreve muito bem esse trecho dos arredores de Ouro Preto, nas seguintes linhas de sua *Historia Antiga de Minas Geraes*, dizendo, na página 236:

> « Quem hoje contempla estes penhascos nús e estes serros, que se não deixaram demolir em dous seculos de

furia pelo ouro, imperfeita idéa fará do que foi a paisagem do velho Tripuhi. Era um recincto tapado de florestas gigantescas, densissimas, pégo enorme e profundo de verdura, intercalado sómente de penedias agudas e de campinas viçosas, que ainda hoje se avistam, como tapetes bordados no alegre das cordilheiras. Como ilhas, porém, de um archipelago distante, os arraiaes nascentes quebravam a monotonia das mattas e attenuavam o triste das solidões. Os arraiaes erão de Ouro Preto, Antonio Dias, Paulistas, Bom Successo, Padre Faria, Taquaral, S. João, Ouro Podre, Sanct'Anna, Piedade e Caquende, que comprehendia o arraial de Alto das Cabeças e o Passadez."

Eram esses arraiaes agrupamentos de casas, sem alinhamento e sem ordem, mais ou menos toscas, em tôrno das jazidas auriferas, que eram exploradas no leito dos corregos ou no flanco das montanhas. Com o correr dos tempos e com o augmento de população, as mattas de permeio aos arraiaes foram sendo abatidas, novas moradias foram construidas e, ligando-se os arraiaes uns aos outros, surgiu uma povoação unica, da qual os arraiaes passaram a ser ruas, formando a então Villa Rica, com as ruas dos Paulistas, de Antonio Dias, do padre Faria, de Ouro Preto, das Cabeças, de Passadez, etc.

E' esta a razão pela qual a Villa Rica antiga e actual cidade de Ouro Preto é um conjuncto de ruas tortuosas, apertadas, ao longo do valle do rio Funil, que é a reunião dos rios Tripuhi e Passadez, entre os contrafortes do serro de Ouro Preto, subindo, em ladeiras ingremes, de um lado para o morro de Sancta Anna, de S. Sebastião e de Agua Limpa, e do outro para os morros do Cruzeiro, do Curral e das Cabeças. Ao longo dos corregos do Pellucia, do Vellozo, de Agua Limpa, do Saragoça, que correm entre aquellas serras, para se despejarem no rio Funil, são vistos os vestigios profundos que alli deixou a mineração de outr'ora, e numerosas e imponentes ruinas de casas attestam o valor dos antigos arraiaes.

Vamos agora tomar por emprestimo ao defensor do conde de Assumar, no seu *Discurso Historico-Politico*, a descripção do que eram as Minas e seus habitantes, na suspeitissima opinião dos dous.

«Posto que das Minas e seus moradores bastava dizer, escreve o escriptor anonymo, o que dos do Poncto Euxino e da mesma região affirmava Tertuliano: que é habitada de gente intractavel, sem domicilio, e que ainda está em continuo movimento, é menos inconstante que os seus costumes: os dias nunca amanhecem serenos, o ar é um nublado perpétuo, tudo é frio naquelle paiz, menos o vicio que está ardendo sempre. Eu, comtudo, reparando com mais attenção na antiga e continuada successão de perturbações, que nellas se veem, accrescentarei que a terra parece que evapora tumultos, a agua exhala motins, o ouro toca desafôros; distillam Liberdades os ares, vomitam insolencias as nuvens, influem desordens os astros; o clima é tumba da paz e berço da rebellião, a natureza anda inquieta consigo e amotinada lá por dentro, é como no inferno:

Bramam graves trovões continuamente.
Donde se precipita o raio ardente."

Continúa o auctor do *Discurso Historico-Politico* a descripção:

« A razão que ha para que quantos pizam terras que desabafam por veias de ouro sempre anhelem novidades e nunca abracem o seu socego me parece que é porque o ouro encerra e occulta em si muitas fezes e muitos males, das quaes saem, como da terra, vapores, certas fumaças que corrompem este ar, que por toda parte nos cerca, o qual, penetrando por olhos, narizes e bôcca e outros poros até o mais interior e introduzindo dentro junctamente consigo as más qualidades, de que está infeccionado, faz que dos venenos, que envolve, resultem nos individuos a que se communica, os effeitos."

Comparando Minas com o terreno de Delphos, onde o oraculo se fazia ouvir, nas suas terriveis predicções, pelas aberturas ou bôccas da terra, continuava o auctor do *Discurso Historico-Politico*:

«...porque não me persuadirei eu tambem que nas Minas são naturaes os motins e que o halito, que a terra de si lança e emitte por tantas catas e socavões, os está communicando e

refundindo no ânimo de seus moradores? Verdadeiramente me persuado que assim é, porque os grandes e poderosos, que nas Minas são toibetas, ou estatuas de ouro, nos quaes o acaso e a destreza o ajunctou em maior abundancia, são os que mais imitam e seguem esta propriedade de terra. Como se veem com maior poder, fazem estrondos, excitam tumultos, movem bulhas, formam motins, solicitam liberdades e si não é que onde a fortuna melhora os humildes, necessariamente se hão de soffrer estes desmanchos. Enfim nos homens e na terra levanta-se o estrondo naquella parte onde ha mais ouro. E bem fôra que como para cessar o ruido naquelle logar, costumam e practicam os Mineiros arrazar a terra e dar sôbre ella algumas catas désse tambem El Rey sôbre os poderosos, não digo que os arrazasse, mas, ao menos, que os tirasse (como elles fazem ao ouro) fóra da terra, para que nessa parte se acabassem os movimentos, porque enquanto elles cá assistirem hão de fazer, ou o diabo por elles, que pelas bôccas de suas catas, como por bôccas do Inferno (que com o Inferno, diz Ovidio que avizinha o ouro) esteja actualmente brotando a soberba — insolencias, o poder — liberdades, a inobediencia — motins, bulhas — o desgôsto, tumultos — a paixão, estrondos e ira.»

E continuando, nesse estylo gongorico, o auctor do *Discurso Historico-Politico*, faz, com a mais viva paixão, a descripção dos costumes das Minas, intercalando citações que revelam sua cultura litteraria greco-latina, para amesquinhar os Paulistas que primeiro habitaram aquelle territorio e os que alli se tornaram ricos e poderosos.

Comparando a fundação das populações mineiras com a de Roma antiga diz ainda o auctor do *Discurso Historico-Politico*:

«Não sei que outra cousa se possa dizer da fundação das Minas, pois a todos é bem notorio que a sua primeira creação foi de homens brutos e facinorosos, que para o serem lhes bastava ou ser Paulistas ou tractar com elles, sem mais cabedal que o que se promettia das voltas de uma bateia ou dos roubos de uma venda, que é faisqueira mais segura e fazendo-as a grande distancia couto de insolentes, foi tanta a affluencia

não só de Portuguezes, mas de muitas nações que no limitado espaço de vinte e trez annos chegam hoje algumas de suas villas a competir, reservando a Bahia, com as cidades de marinha.» E continúa o gongorico e apaixonado escriptor a imputar aos Mineiros «todo genero de maldades, luxurias, cubiças, dólos, invejas, homicidios, contendas, enganos, malícias e murmurações»: diz «que são execrandos, ignominosos, soberbos, arrogantes, inventores de todos os males e desobedientes; sem juizo, sem ordem, sem amizade, sem fidelidade e sem compaixão. Porém que muito procedam tão mal os moradores das Minas, que nelles não ha temor, nem amor a Deus, que são os dous principios que nos obrigam a não andar mal».

O historiador Sebastião da Rocha Pitta, contemporaneo dos successos de que nos occupamos, subscreve egualmente estes injuriosos conceitos sôbre a população das Minas. Elle não conhecia os Mineiros, vivia delles muito afastado e só sabía de seus habitos e costumes através da informação suspeitissima dos que se horrorizavam com o espirito de independencia e de insubmissão que alli reinava. E' assim que elle diz, na sua *Historia da America Portugueza*:

«Era a sua maior enfermidade o pretenderem uma vida tão livre, ou uma sujeição tão quartada, que quasi os eximia da precisa lei de subditos, encaminhando o seu procedimento ao prejuizo dos direitos del Rey no ouro que tiravam das Minas e á desobediencia das suas reaes ordens, em que fallavam á natural obrigação de vassalos.»

Quanto aos personagens, o mais notavel dos que figuraram na revolta de Villa Rica era incontestavelmente o conde de Assumar, d. Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcellos, que foi o último governador das capitanias unidas de S. Paulo e Minas Geraes e que passou nesta quasi todo o tempo do seu govêrno, por ser, naquella épocha, a que mais necessitava das vistas e da assistencia da auctoridade.

Nasceu elle em Portugal, a 27 de Septembro de 1685, e alli falleceu, com o titulo de marquez de Alorna, a 10 de Novembro de 1756. Era o primogenito do 2° conde de Assumar, d. João de Almeida; e, desde muito moço, seguiu a carreira das armas, onde se distinguiu; — aos 23 annos foi promovido de coronel a

brigadeiro e pouco depois era elevado a sargento-mór de batalha, para commandar o exército portuguez na guerra da succession de Hispanha, na qual tomou parte notavel no cêrco de Saragoça, em 1710, na batalha de Villa Viçosa e finalmente na difficil retirada com a qual conduziu o exército a Olivença, onde chegou a 13 de Fevereiro de 1713.

Era, pois, o conde de Assumar um bom soldado, sem ter, entretanto, tido tempo para illustrar seu espirito, nem para adquirir a educação social e administrativa, que tanto convinha a fidalgo de tão alta linhagem.

Mesmo sem esses predicados, foi nomeado para succeder a d. Braz Balthazar da Silveira, no govêrno das capitanias de S. Paulo e Minas Geraes. Para vir occupar o seu logar, embarcou para o Brasil na frota do mez de Março de 1717; chegou ao Rio de Janeiro em Junho; tomou posse do govêrno, em S. Paulo, a 4 de Septembro, partindo logo para Minas Geraes, e fez sua entrada solenne em Villa Rica a 1 de Dezembro. tudo do mesmo anno de 1717.

Suppunha o Governo portuguez que d. Pedro de Almeida habituado, como estava, ao mando militar, onde tanto se distinguira, seria, embora sem os conhecimentos necessarios da administração pública, o homem capaz de pôr ordem nas cousas do territorio de Minas Geraes, onde tantos e tão desencontrados interesses se chocavam. O espirito da revolta já havia explodido alli por mais de uma vez e se achava constantemente em estado latente, devido ao vexame das leis, ao arbitrio e á injustiça dos governantes e das auctoridades e principalmente á rivalidade dos potentados, que nem a habilidade e nem os talentos administrativos de Antonio de Albuquerque e de d. Braz da Silveira haviam conseguido moderar.

Teve d. Pedro de Almeida uma profunda decepção ao chegar ao territorio das Minas, vindo encontrar alli uma população heterogenea, sem tracto social, ainda um tanto instavel; espalhada por brenhas, corregos e serranias á procura do metal reluzente que tão fartamente encontravam; habituada a enfrentar os obstaculos que se lhe antolhavam; homens independentes e sómente confiantes em si; destemidos deante dos perigos e acostumados a luctar contra a natureza e tudo que extorvasse o seu caminho.

Percebeu, desde logo, o conde de Assumar que os seus foraes de nobreza, tão acceitados e de tamanho prestigio alhures, pouco lhe poderiam valer naquelle meio social em formação. Elle proprio o manifestou na sua correspondencia ao rei, e alguem por elle o disse no *Discurso Historico-Politico,* com que pretendeu justificar as illegalidades commettidas no açodamento com que se houve para punir os chefes do movimento revolucionario de 1720.

Além disso, a insaciavel ganancia da metropole mettia inclementemente as mãos pelos bolsos dos intrepidos habitantes daquelles sertões, que haviam sido por elles desbravados, para lhes arrancar grande parte do resultado de seus labores, sob a fórma de impostos vexatorios, como eram os *dizimos, passagens de rios, direitos de entrada* e maior que tudo o *quinto,* ou a quinta parte de todo o ouro que d'alli se extrahia. As auctoridades mandadas da metropole eram simplesmente agentes da Real Fazenda que procuravam se recommendar ás boas graças do soberano, pela severidade com que extorquiam a parte do leão, do duro trabalho de seus subditos.

A auctoridade symbolizava a fôrça, o arbitrio e o terror. Nenhuma compensação recebia a Colonia da metropole; não havia estradas, nem escholas, nem mesmo a garantia elementar dos direitos individuaes. As ordens eram apregoadas ao rufo de tambores, sob a fórma de *bandos.* Vistosos *dragões,* cingindo armas desconhecidas pelo povo, mantinham em tôrno dos governadores uma atmosphera de respeito e de terror, que os tornavam quasi seres sobrenaturaes.

O conde de Assumar não se descuidou, militar que era, de se cercar da fôrça armada para fazer effectiva a sua auctoridade. Ao corpo de dragões, que exigiu para sua guarda na Capitania das Minas, deu uma bandeira por elle proprio idéada e na qual mandou collocar um symbolo, que era uma arrogante synthese de seu programma governativo. Mandou pintar no estandarte dos dragões um braço entre nuvens, tendo na mão um raio que fulminava os montes, com esta legenda: *Cedere aut caedi,* que significava «ceder ou ser ferido», afim de que os potentados vissem nesse symbolo a sua resolução de não poupar a ninguem, como o raio, que procura de preferencia as alturas para o seu estrago.

Entre os revoltosos de Villa Rica em 1720 Philippe dos Santos Freire foi a figura de maior destaque.

Era simplesmente um homem do povo, sem ascendencia notavel, sem preeminencia de illustração nem de riqueza, e sem jámais se ter envolvido em acontecimentos que chamassem a attenção para seu nome, antes do momento historico em que surgiu, encarnando as reivindicações populares, elevando-se sôbre todos que o cercavam, para rapidamente se afundar na escuridão da morte, deixando como meteoro luminoso, pelo martyrio que soffreu, um sulco profundo na história daquelles tempos sombrios.

Elle não tem biographia: — não se sabe o nome de seus paes, nem o local de seu nascimento; parece que era reinól; mas ignora-se como e a épocha em que veio para as Minas Geraes, descobertas pouco mais de 20 annos antes de sua morte.

O conhecido escriptor dr. Couto de Magalhães, na sua memória intitulada *Um Episodio da Historia Patria* se refere a elle nestes termos:

> «Pelo que diz o governador e pela punição que depois elle soffreu, vê-se que era um dêsses homens excepcionaes que Deus envia sempre ao mundo e que passam obscuros nas circunstancias ordinarias; mas que, chegando as crises, desenham-se de repente e crescem de um dia para outro como se fôssem auxiliados por uma potencia mysteriosa.»

Sabe-se com segurança que Philippe dos Santos era um agitador popular, muito querido nas camadas mais humildes daquella sociedade em formação, com cujos sentimentos se identificava, sendo tribuno eloquente e destemido, com coragem de levar até o limiar da tyrannia dominante as queixas do povo e que sabia bem se exprimir, para formulá-las. Era cercado de dedicações enthusiasticas, devido á singeleza de sua vida e ao altruismo de seu coração. Modesto rancheiro, estava em contacto contínuo com gente de diversas procedencias e della ouvia as queixas e as amarguras surdas, que eram timidamente balbuciadas contra a tyrannia oppressora das populações nascentes da Capitania. Temperamento franco e espirito

patriotico, fê-las repercutir nas camadas mais elevadas, onde tambem convivia, sendo, como era, o mais dedicado amigo do opulento, generoso e sagaz Paschoal da Silva Guimarães, o verdadeiro fundador de Villa Rica.

Ao contrário do que disseram os panegyristas da tyrannia. então reinante, a revolta de 1720 não foi o fructo da ambição dos potentados e dos frades, que representavam a *élite* intellectual naquelle meio de ignorancia e de quasi barbaria; elles foram arrastados pela onda popular encabeçada por Philippe dos Santos, que se tornou o orgam dos sentimentos de revolta, que os moviam. Não foi elle um instrumento inconsciente, manejado pela sagacidade de Paschoal da Silva Guimarães, nem tão pouco um titere, que as mãos occultas dos ricaços moviam para arrastar o povo contra as leis vexatorias que os ameaçavam.

E' tempo já da justiça da Historia desfazer estes e outros enganos; pois Philippe dos Santos, em vez de ter, na revolta de 1720, este papel subalterno, nella occupou a primeira plana, conquistando a adhesão dos homens importantes para a causa popular, contra a tyrannia que a todos esmagava.

Nenhum dos potentados que o conde de Assumar mandou prender, como cabecilhas, appareceu durante o movimento popular. Só Philippe dos Santos era visto por toda a parte, assumindo francamente a responsabilidade dos desatinos populares e offerecendo-se para o desempenho das mais arriscadas e melindrosas missões.

O odio que elle despertou no orgulhoso e prepotente conde governador attesta, de modo claro, a sua acção naquella revolta. Em documento official este o qualifica como — « o mais diabolico homem que se póde imaginar; o agente por quem o povo se movia e que fez cousas inauditas nos motins » e que, depois de preso — « confessou de plano todos os seus crimes ».

Outro homem do povo que tomou parte muito activa na revolta foi Thomé Affonso, companheiro e amigo dedicadissimo de Philippe dos Santos, a cujo lado se encontrou em todos os transes, mesmo os mais temerosos. Quando Philippe dos Santos caïu nas mãos dos soldados do conde de Assumar, foi egual-

mente preso Thomé Affonso, que tomou a sua defesa com o maior ardor.

A elle se refere o conde de Assumar, na sua correspondencia ao rei, dizendo que era Thomé Affonso, — «a mais perniciosa pessoa de todas que entraram na revolta; vivia a açular o povo contra as concessões feitas, não só occulta, mas pública e descaradamente». Teria elle tido a mesma sorte de Philippe dos Santos, si não apresentasse um documento que provava ter ordens menores, o que lhe valeu gôso do privilegio de só poder ser julgado por auctoridades ecclesiasticas.

Outro homem que tomou parte na revolta e que o conde se exforçou por anniquilar, receioso e enciumado do seu grande prestigio e poder, foi Paschoal da Silva Guimarães. Tendo vindo para as Minas em 1704 e sendo intelligente e activo conhecedor de processos de mineração, que os primeiros habitantes ignoravam, facil lhe foi adquirir rapidamente fortuna nas explorações auriferas do Rio das Velhas, onde primeiro trabalhou. Depois de ter fundado, nessa zona, duas fazendas, installou-se no Ouro Preto, onde teve a fortuna de encontrar um veio aurifero, encravado nas abas de um sêrro, de muito facil exploração e de grande riqueza. Até então o ouro era procurado unicamente nos cascalhos dos leitos dos rios e de seus flancos; encontrou, porém, Paschoal um veio, com ouro visivel e de tão facil desaggregação que se chamou *ouro podre*, nome que se extendeu a todo o morro que o continha.

Este cobriu-se rapidamente de casas, cuja maioria era de Paschoal da Silva Guimarães; de modo que o morro do Ouro Podre ficou tambem appellidado — o morro do Paschoal. Por occasião da guerra dos Emboabas empregava elle nas lavras do Ouro Podre mais de trezentos escravos seus, tendo, além dêstes, muitos outros que tocavam suas lavouras do Rio das Velhas.

Tornou-se Paschoal opulentissimo; e, como era generoso e affavel, veio a gosar de grande popularidade. Tinha numerosa familia e um grande círculo de amigos dedicados, de compadres e de afilhados, os quaes, sendo egualmente opulentos e senhores de grande número de escravos, tornavam Paschoal homem muito poderoso pelas dedicações, de que se achava cercado. Na guerra dos Emboabas auxiliou elle grandemente o

partido dos reinoes, por ter tido contendas com alguns Paulistas poderosos, quando veio trabalhar nas minas de Villa Rica.

Manuel Nunes Vianna, o dictador eleito pelo povo e que governou as Minas durante aquella lucta sangrenta, nomeou-o superintendente ou governador do arraial do Ouro Preto. O seu espirito exclarecido, sensato e justiceiro, que se elevava da média, no meio da gente onde vivia, ligado áquellas outras qualidades de coração, tornaram-n'o poderoso e querido não só em Villa Rica, como egualmente na zona do Rio das Velhas. Quando veio Antonio de Albuquerque apaziguar as Minas e crear as primeiras villas, prestou-lhe Paschoal muitos serviços, hospedou-o e a sua comitiva á sua custa. Na sua carta patente, que lhe mandou passar o governador Antonio de Albuquerque, a 2 de Julho de 1711, dizia este:

«Attendendo a que concorrem as qualidades necessarias na pessoa de Paschoal da Silva Guimarães, que actualmente está servindo e exercitando o posto de Sargento-mór da ordenança no Districto das Minas Geraes de Ouro Preto com satisfação, motivos, que me obrigaram a provel-o no mesmo posto quando entrei nestas Minas a socegal-as, encarregando-o juntamente da superintendencia e administração da justiça no dito Districto, pela falta que havia de ministros; cuja occupação exercitou com muito bom modo e attenção ao bem commum e justiça ás partes, e nas partes de Fazenda Real e sua arrecadação se houve tambem com muito zelo e exacção; e por esperar delle se haja da mesma sorte em tudo o que lhe for encarregado do serviço de S. M. que Deus guarde, hei por bem provêr, como por este faço, ao dito Paschoal da Silva Guimarães no posto de Mestre de Campo do 3º de Auxiliares, que levanto no Districto das Minas Geraes de Ouro-Preto.».

Quando d. Braz da Silveira o nomeou provisoriamente para exercer o govêrno em sua ausencia, a 14 de Janeiro de 1714, relembrou esses serviços do Paschoal; e mais que, por occasião do *subsidio voluntario* reclamado do povo pelo rei, deu 500 oitavas de ouro, e quando se deu o ataque do Rio de Janeiro pelo almirante Duguay-Trouin, não podendo ir, por

se achar no govêrno da Capitania, mandou 30 escravos armados á sua custa e remetteu muita gente mais.

Em attenção a seus muitos serviços, teve a 4 de Maio e a 28 de Julho de 1716 a concessão de duas sesmarias, de uma legua de terra, a primeira no Capão das Cobras, caminho do Rio das Velhas, e a segunda no Taquaruçú.

Outro personagem que teve relêvo na revolta de Villa Rica foi o sargento-mór de batalha Sebastião da Veiga Cabral, nome conhecido na Historia do Brasil por seus feitos na Colonia do Sacramento, de grande prestigio na metropole, conhecido como guerreiro destemido e administrador exclarecido. A sua patente militar equivalia hoje á de marechal.

O sargento-mór Sebastião da Veiga Cabral foi governador da Colonia do Sacramento, no Sul do Brasil, no limite extremo das colonias hispanholas, no anno de 1703; e ahi se houve com actividade, energia e valor, na guerra contra os Castelhanos.

O historiador Sebastião da Rocha Pitta narra, na *Historia da America Portugueza*, os feitos de Veiga Cabral e a sua defesa heroica da colonia, quando foi atacada por um exército de 7.000 homens a commando do sargento-mór de batalha Balthazar Garcia, com as trez armas de infantaria, cavallaria e peças de boa artilharia que jogavam balas de grande calibre. A colonia foi defendida somente por 500 soldados; e depois de porfiada lucta, conseguiu Cabral, a mando do Governo, embarcar a gente que lhe restava e os demais habitantes da colonia, as peças e tudo mais que de precioso alli havia, e retirou-se para o Rio de Janeiro, pondo fogo á fortaleza que ficou assim abandonada ao inimigo.

Regressando á metropole foi depois Veiga Cabral nomeado governador da praça forte de Abrantes, em tempo de guerra, a qual terminada, deixou elle as armas e veio tentar fortuna nas Minas.

Não lhe sorriu porém esta em Villa Rica, para onde se dirigiu. A sua edade não lhe permittia entregar-se aos arduos trabalhos que lhe poderiam dar riquezas. De modo que se utilizava de suas relações e experiencia da vida para se entregar a serviços de outra ordem, pelos quaes se mantinha, mas não satisfaziam o seu sonho de opulencia.

Habituado ao mando supremo, tinha Cabral grande desejo de governar a Capitania; e esta aspiração veio a perdê-lo, apagando o seu passado brilhante, pois o conde de Assumar, que tinha ciumes de todos os que, por qualquer modo, lhe pudessem fazer sombra, foi inclemente, quando o envolveu entre os sublevados de Villa Rica em 1720.

Os outros principaes personagens envolvidos na revolta de 1720, foram:

— O dr. Manuel Musqueira Rosa, ex-ouvidor da comarca, homem intelligente, rico e ambicioso.

— Frei Vicente Botelho, filho de Musqueira.

— Frei Francisco de Monte Alverne.

— João Ferreira Diniz, e outros.

De todos os impostos o que mais rendia e o que era cobrado mais vexatoriamente era o quinto. Não havia, então, moeda alguma na Capitania; as transacções se faziam por meio do ouro em pó, á razão de 1$500 por oitava ou pouco mais de trez grammas e meia.

Para a cobrança do imposto do quinto diversos systemas fóram engendrados, não tendo-se em vista uma proporção equitativa que representasse, tanto quanto possivel, os 20 % exigidos sôbre o producto bruto da exploração das minas, mas, o melhor meio de augmentar os cabedaes régios, que era a preoccupação exclusiva dos representantes do poder público.

A cobrança do imposto do quinto exigia o estabelecimento de registos nas estradas e caminhos e uma vigilancia constante, para que o ouro não transpuzesse os limites da Capitania sem deixar o seu tributo. Mesmo assim, porém, o contrabando era exercido em larga escala, embora punido com severos confiscos; e tanto assim era que, nos primeiros tempos, de 1700 a 1713, o quinto rendeu 56.655 oitavas e os confiscos 46.975, ou quasi tanto um como o outro!

Quando o governador Antonio de Albuquerque conseguiu normalizar a administração da Capitania, que teve seu sólo ensanguentado durante dous annos, na guerra dos Emboabas, e consequentemente todos os seus serviços anarchizados, inclusive o da arrecadação dos impostos, foi seu primeiro cuidado convocar uma Juncta, que se realizou a 1 de Dezembro de 1710,

no arraial de Ouro Preto e para a qual convidou vigarios, mestres de campo, capitães-móres, guardas-móres, nobres e representantes do povo, para discutir-se a questão maxima que era a cobrança dos tributos devidos ao rei. Resolveu-se, sob a suggestão do governador, que o quinto fôsse cobrado de modo differente do que até então se fazia, isto é, se cobrasse por bateia, á razão de 10 oitavas por anno, o que quer dizer que cada mineiro pagaria 10 oitavas, ou 15$ por bateia ou cada trabalhador que tivesse empregado nas minas.

Isto desvirtuava, por completo, a natureza daquelle tributo; elle deixava de ser a participação equitativa que o rei se arrogava nos rendimentos de seus subditos, para se tornar um imposto fixo sôbre o proprio trabalho que se effectuava em condições variadissimas. Já não tinha o character de egualdade que devia pesar uniformemente sôbre todos, mas opprimia mais os que exploravam minas pobres do que os que tinham a felicidade de explorar cascalhos mais ricos e productivos.

As queixas e protestos não se fizeram esperar, e echoaram por todo o territorio da Capitania, mas os executores das ordens régias eram inexoraveis na applicação dellas, para darem arrhas de sua fidelidade.

Quando, em 1713, chegou d. Braz da Silveira ao territorio da Capitania das Minas, que vinha governar, encontrou os povos excessivamente desgostosos com o processo da cobrança do quinto por bateias, como havia instituido Antonio de Albuquerque. Por isso, na Juncta que convocou a 6 de Janeiro de 1714, em Villa Rica, composta de ecclesiasticos, militares, funccionarios civis e de fazenda, homens da nobreza e do povo, teve o governador occasião de conhecer o mal estar da população e a opposição que em toda a parte encontrava a cobrança de bateias. Propoz a Juncta o pagamento fixo de 30 arrobas ou 450 kilos de ouro por anno, contanto que ficassem abolidos os régistos e abertos os caminhos, permittindo a expansão livre do commércio, que era grandemente cerceado pelos esbirros, avidos de violencias e de confiscos. Fez-se, então, na Juncta de 15 de Abril do mesmo anno, o ajuste de substituir-se o imposto do quinto pela somma fixa de 30 arrobas de ouro annualmente, sendo este avultado tributo dividido entre as trez comarcas, proporcionalmente ao desenvolvimento que

nellas tinha a mineração do ouro. Apesar de ser um *onus* elevadissimo, a população julgava-se mais alliviada, por livrá-la dos vexames de sua cobrança, que passava a ser feita pelas Camaras. O rei, porém, negou sua approvação a tal ajuste, pela carta régia de 16 de Maio de 1714 e mandou voltar á cobrança por bateias. Dando conta dessa resolução, na Juncta que d. Braz da Silveira convocou a 13 de Março de 1715, os protestos foram unanimes por parte dos representantes da população da Capitania. Esta Juncta propoz ao governador, em vez da cobrança por bateias o pagamento de 25 arrobas fixas de ouro e mais os direitos de entrada, sôbre os quaes S. M. poderia lançar as taxas que julgasse necessarias, afim de cobrir o desfalque que á ambição da metropole julgava trazer o novo processo de cobrança.

Dissolvida porém a Juncta, o governador, que não podia deixar de cumprir as ordens de seu augusto amo, escreveu ás Camaras, mandando fazer a cobrança por bateias.

O povo, cançado de tanta exploração, teve um primeiro movimento de repulsa, que irrompeu simultaneamente no arraial do Morro Vermelho e no Caeté e foi se alastrando rapidamente pelas demais povoações da Capitania. D. Braz da Silveira foi pessoalmente até o Sabará, para applacar os animos; mas nada conseguiu, porque ficou alli quasi isolado, tendo-se retirado da villa as principaes pessoas que poderiam apoiá-lo. Quando regressava para Villa Rica, viu-se elle rodeado, em Raposos, á noite, pelo povo amotinado do Rio das Velhas que foi ao seu encalço, e ao enfrentá-los perguntou o que queriam: *una voce* responderam — não pagar os quintos por bateias!

Nenhum dos argumentos, de que então usou o governador, foi attendido; e alli mesmo, sob tal coacção, annunciou elle ao povo que a cobrança se faria como fôra ajustado anteriormente. Ao regressar á Villa Rica e ao Carmo, teve elle a convicção, deante das manifestações unanimes que ouvira, que si não tivesse agido daquelle modo teria provocado uma guerra civil, como lealmente informou o rei. De modo que voltou-se á cobrança do imposto das 30 arrobas annualmente, sendo regulado na Juncta de 14 de Agosto de 1717 o modo como agiriam as Camaras no exercicio de 1717 a 1718, para aquella cobrança.

O espirito de revolta, porém, se alastrava surdamente no seio das populações opprimidas. Quando não eram em virtude de injustiças clamorosas que esbulhavam os direitos individuaes, era devido á violencia armada, para pagamentos exorbitantes e acima das fôrças do contribuinte.

O fermento revolucionario envenenava a população e lhe roubava a tranquillidade necessaria para se entregar aos labores, que fartamente poderiam compensar seu trabalho e sacrificios.

Em toda parte da Capitania sentia-se o mal estar, que precede ás grandes convulsões.

Depois da lucta dos Emboabas, os Paulistas se retiraram para certos ponctos, onde o número e a solidariedade lhes dava preponderancia, como succedia no Pitanguí; mas a intromissão dos reinoes, como auctoridades, provocava constantemente conflictos que chegaram a ter solução sanguinolenta. Da Villa do Carmo havia sido expulso o juiz de fóra, desembargador Antonio da Cunha Souto Maior, malquistado por toda a população; e mais tarde o ouvidor geral da comarca, quando alli foi fiscalizar a execução das ordenanças, procedeu com tão revoltante injustiça contra a população pobre, que esta o teria morto, si a fuga não o salvasse. No Rio das Velhas, depois da insurreição do Morro Vermelho, os animos não serenaram; e ao governador foram denunciados differentes actos que demonstraram uma verdadeira conspiração, que alli estava sendo urdida e por cuja causa deram choques de auctoridades entre o ouvidor da comarca e o governador, cujas ordens foram desrespeitadas por aquelle, encastellado nas suas attribuições legaes. O clero, por seu turno, era nas Minas um elemento permanente de discordias pela influencia que exercia na população e pela cubiça e desmedida ambição dos clerigos de todas as ordens, desobedientes ás auctoridades ecclesiasticas, a que estavam subordinados, e fomentadores de conflictos contra as auctoridades civis, que não satisfaziam seus illimitados apetites.

Entre muitos actos do Governo para corrigir abusos de frades, verdadeiros ou falsos, que infestavam a Capitania, mandou a metropole ordens a d. Braz, a 12 de Novembro de

1714, para expulsar do territorio das Minas a frei Jeronymo Pereira, trinitario, e com elle os mais clerigos seculares e regulares accusados de contrabandistas, pois em vez da missão sancta que lhes competia, não faziam mais do que exercer a mineração e commércio, esbulhando os fracos, illudindo os fortes, arrogando-se e pleiteando privilegios incompativeis com o exercicio sacerdotal de que estavam investidos. Por outro lado, os negros fugidos das minerações e dos maus tractos que lhes davam seus senhores, iam procurar na solidão das mattas o simulacro da liberdade que lhes fôra confiscado. Reunidos em quilombos, e mergulhados na mais profunda ignorancia, entregavam-se, como selvagens que eram, ao roubo, ao ataque á mão armada e não se detinham deante de circunstancia alguma.

As auctoridades mandavam-lhes dar caça; e dos conflictos que então se davam formavam-se novos fermentos de tumultos nos sertões, onde a insegurança individual determinava que cada qual só cuidasse de se defender contra aggressões possiveis e arbitrariedades e violencias, que eram a norma geral dictada ás auctoridades subalternas pela fôrça de que eventualmente dispunham.

Uma estatistica que lemos do anno de 1718, dá o número de 35.000 escravos existentes na Capitania para uma população total que pouco excedia de 60.000 almas; era, pois a população escrava maior do que a livre.

D'ahi resultou a intentada sublevação dos negros do Rio das Mortes, Furquim, Ouro Branco, S. Bartholomeu, Ouro Preto e outros logares, marcada para a noite de quinta-feira sancta do anno de 1719, e na qual seriam trucidados os brancos e saqueadas as suas casas, mas que se poude evitar por ter sido em tempo descoberta.

Era este o estado da Capitania das Minas, no govêrno do conde de Assumar. Só muita prudencia, tacto e habilidade, unidos ao espirito de justiça e á energia intelligente de um experimentado administrador, poderiam conjurar a tempestade que os acontecimentos estavam formando nas Minas. E incontestavelmente ao novo governador faltavam muitos daquelles predicados, como veio a patentear o desenrolar dos factos, na sua administração.

Além disto, existiam na Capitania homens de real prestigio e de grande popularidade, adquiridos não só durante a guerra dos Emboabas, como ainda por seu procedimento ulterior; homens ricos, independentes, que tinham uma acção benefica, nos logares em que residiam, por acudirem aos que lhes cercavam, não só com a sua protecção e assistencia, como com os recursos de sua bolsa e outros auxilios.

Manuel Nunes Vianna, o cabecilha da guerra dos Emboabas, que governou por acclamação as Minas no periodo de 1707 a 1710, á revelia das ordens da metropole, achava-se ainda no fastigio da importancia, locupletado de bens de fortuna; e, embora afastado do centro mais populoso da Capitania, na sua fazenda do Rio S. Francisco, tinha conhecimento de tudo o que nella occórria.

Tamanho era o receio que o conde de Assumar tinha da acção de Manuel Nunes Vianna, que procurou instantemente intrigá-lo perante a Côrte, descrevendo-o, na sua correspondencia, como um monstro de maldades e de ambições, e insinuando que o rei devia mandar ordens ao seu governador para prendê-lo e afastá-lo do Brasil, mesmo pondo a premio a sua prisão, o que equivalia dizer a sua vida.

Tal era a situação da Capitania, quando a frota de 1719 trouxe da metropole diversas ordens, que mais excitaram o ânimo dos Mineiros e echoaram tristemente por todo o territorio de Minas. Veio a nova lei sôbre os quintos, visto a Fazenda Real se julgar prejudicada com a ninharia das 30 arrobas de ouro annuaes, pois os progressos das Minas, para os quaes a metropole nada havia concorrido, permittiam uma arrecadação mais avultada si a cobrança fôsse feita de outra fórma. Assim veio a ordem para se fazerem as Casas de Fundição que fôssem necessarias para melhor fiscalização dos tributos, e bem assim o pessoal e o material de que ellas necessitariam. Veio, para dirigi-las, Eugenio Freire de Andrade, amigo e íntimo dos cortezãos da épocha e homem de grande cotação na metropole. Chegaram egualmente as tropas de dragões; veio ordem para se dar baixa a todos os officiaes da ordenança que não tivessem corpo, e ordens mais severas para a expulsão dos religiosos.

O descontentamento alastrou-se profundamente, e a todos acudiu a idéa de que o unico meio de se livrarem os Mineiros dêstes vexames era expulsarem os executores de taes ordens. O espirito de revolta, tendo encontrado o terreno tão bem preparado, germinou promptamente e começaram as combinações e conciliabulos para este fim.

Das narrativas que nos ficaram da luctuosa tragedia de 1720 a mais detalhada é a suspeitissima descripção feita no *Discurso Historico-Politico*, a que temos alludido diversas vezes. A narração é cheia de minúcias, intercalada de commentarios e observações, e recheada de citações historicas e litterarias. Seria difficil e longo repetí-la aqui. Mas o senador Diogo de Vasconcellos, na sua *Historia Antiga de Minas Geraes*, fez della um apanhado, pelo qual se póde seguir as differentes phases da acção. Pedimos venia para lê-la na integra, pois o resumo a prejudicaria.

«Resolvida a sedição, escolheram a noite de S. Pedro mais proxima, 28 para 29 de Junho, como a conveniente para não se reparar muito nos movimentos do morro do Paschoal.

Era noite de fogueiras, e de folgares, em que se punham pelas ruas danças e mascarados, cujo officio naquelle tempo era divertir em festas, ou arranjar motins.

No dia 25 o conde recebeu de João da Silva, filho de Paschoal, a communicação por carta de ter sido convidado para cabeça de um motim, cujo pensamento era matarem o ouvidor e expulsarem do govêrno a Sua Excellencia; e assim tomasse lá consigo as medidas, que lhe parecessem adequadas.

O conde, respondendo a esta carta, disse a João Silva que estimara saber como o queriam por cabeça do motim, por isso que, sendo elle o juiz ordinario de Villa Rica, saberia manter a ordem, e não obrigariam a elle governador usar de medidas energicas. Depois disto remetteu a carta ao ouvidor com advertencia para se acautelar, o que lhe parecia tanto mais necessario quanto era certo que muitos potentados, até então inimigos, agora andavam de mãos dadas e em conluios suspeitaveis.

Arrebatado, porém, de genio, e incorrigivel, o ouvidor, pegando a carta, saiu a descompor pelas ruas aos seus inimigos: e, tendo-se encontrado com João da Silva, o insultou,

e o poz por terra. Feito isto, recolheu-se para a casa, e descançou, desassombradamente, como si nada tivesse, ou como si tivesse feito a melhor cousa do mundo.

Nestes termos, na noite de 28 de Junho, ainda cedo, um rebuçado entrou na casa do ouvidor, e lhe disse que a toda pressa escapasse d'alli para fóra, pois ia ser atacado e morto. Já então, dando crédito aos boatos, o dr. Martinho safou-se para o morro de Sancta Quiteria, e de lá escondido viu passar o motim em direcção á sua casa.

A's 11 horas, mais ou menos, haviam com effeito descido do morro do Paschoal duas turmas, cada uma de seis mascarados accompanhados de 40 negros armados. A primeira dirigiu-se para o centro da villa, arrombando portas e obrigando os moradores a segui-los sob pena de morrerem, tal qual era a fórma de começar os motins em qualquer povoação. A segunda desceu sôbre o bairro do padre Faria com o mesmo procedimento para ajunctar gente; e ambas se encontraram no alto, onde hoje está a praça, e d'ahi proseguiram dando vivas e morras em frente á casa do ouvidor; metteram hombro á porta e a invadiram, mas não o acharam; e por isso esfaquearam um criado por não lhes dizer onde o apanhariam. Destruiram alli tudo quanto encontraram.

Um dos mascaras, chegando á janella, a folhear os autos, dizia imitando a voz e os gestos do ministro: «*Que queres, meu povo? Queres Justiça?*» E, lendo os despachos, despedaçava os autos, e os atirava á rua, com grande regabófe e vaias da multidão.

Passaram d'alli os motineiros para a casa onde costumava ficar o conde ás vezes que vinha a Villa Rica, pensando lá encontrarem o ouvidor; mas em cousa alguma alli tocaram. Não o achando, passaram a varejar a casa de Bartholomeu Bis, amigo particularissimo do mesmo ouvidor; mas lá não estava, e nem por isso offenderam a ninguem. E assim nestas diligencias tumultuosas concluiram a noite, até que, estando para amanhecer o dia 29, retiraram-se para o largo da casa da Camara.

Os chefes do motim mandaram tomar as entradas e saïdas do largo para obrigarem o povo a permanecer nelle, enquanto mandavam chamar, que alli viesse, o lettrado José Peixoto da

Silva, já de antemão prevenido, o qual compareceu logo, mas fingindo-se coacto, e muito surpreso daquelle acontecimento. Era um homem intelligente e sagaz. Alli vindo, encarregaram-lhe escrever uma proposta, que nessa madrugada mesma foi dirigida ao conde em mão do mesmo lettrado, que partiu para a Villa do Carmo. Começava agora a se desenrolar a sedição, qual a tinham planejado.

A proposta era: 1°. Queriam que se annullassem os Registos nos quaes se cobravam impostos, que deviam pagar os mineiros e não os commerciantes; 2°. Queriam que se moderassem as custas judiciarias e os salarios do fôro, bem como que se alterássem as posturas das Camaras; 3°. Queriam que se abolissem os contractos de gado, fumo, aguardente e sal; e propunham outras medidas propositalmente articuladas a sabor dos paladares.

O astuto lettrado, como se vê, apimentou todas as feridas, suggerindo materias, que affectavam a cada classe em seus interesses proprios, no intento de insuflar o fogo da sedição por todos os cantos.

Haviam combinado em Villa Rica o modo vistoso, como entraria elle no Ribeirão: a galope pelas ruas com o papel na mão erguida para o ar, e gritando que as Geraes estavam levantadas. O que elle executou mais ao vivo, que lhe foi possivel.

O conde já o esperava. Em Villa Rica havia policia que vigiava o movimento, e dedicado, como nenhum, contra os sediciosos, estava pelo Governo o escrivão da Ouvidoria Manuel José, que fingidamente andava com elles, tendo queixas do ouvidor. Não poude, entanto, o conde pôr as cousas a seu modo; porque, mandando ajunctar a companhia de dragões, não foi possivel consegui-lo antes de 24 horas, visto não haver ainda quarteis e viverem os soldados dispersos por casas particulares, muitos fóra da villa. Todavia, dos que lhe faziam guarda, enviou logo seis a Villa Rica, afim de tirarem de lá o ouvidor e o trazerem para o Ribeirão, o que elles fielmente executaram sob conducta do ajudante-tenente Manuel da Costa Pinheiro. Esta escolta nenhum tropêço encontrou em Villa Rica, quieta e livre, como de ordinario, visto que os motins só á noite desciam do morro. Officiou tambem o conde

aos ouvidores das duas outras comarcas, que se acautelassem e se puzessem attentos a eguaes insultos; mas no que apertou foi com os principaes moradores do Ribeirão, dentro e fóra da villa, que viessem soccorrê-lo com seus negros e sequazes, enquanto não se preparassem os dragões em ordem ao ataque de Villa Rica. Ora, estes eram apenas 60, e mais de 20 estavam impedidos.

Nestas condições, nada de mais poude fazer o conde em relação á proposta, que José Peixoto lhe havia apresentado, sinão dar-lhe um despacho evasivo, dizendo que estava ella em parte resolvida por ordens de Sua Magestade, e em parte a resolveria depois de ouvir uma juncta, que ia convocar.

Em Villa Rica, o povo, em vez de aquietar com a resposta do conde, os cabeças o aterraram dizendo que delle o que se deveria esperar, era ganhar tempo, até que reunisse fôrças e viesse tomar satisfacção cabal aos motineiros; com essas declamações o tumulto continuou agitadissimo; e todos assim exigiam que se voltasse ao conde para lhe arrancar uma resposta definitiva, e o perdão da culpa em que haviam incorrido com aquelles tumultos.

O conde escreveu então á Camara e aos principaes da villa, afiançando que concederia ao povo tudo quanto fôsse justo, mas contanto que se restabelecesse a ordem. O povo, contudo, si lia as cartas do conde, socegava; mas si ouvia os cabeças, tornava aos motins. Campeava então já no movimento o célebre Philippe dos Santos Freire, chefe e tribuno da plebe, unico sedicioso verdadeiramente popular, ou, como se diria hoje, democratico. Este em nada absolutamente confiava, e só queria resoluções extremas, que já se tomassem a effeito de uma sedição formal.

Estando as cousas neste pé, os que dirigiam o movimento, como si o tivessem á vontade, enviaram á Villa do Carmo trez procuradores, o sargento-mór Antonio Martins Lessa, como juiz da Villa Rica, e os lettrados José Peixoto da Silva e José Ribeiro Dias por parte do povo; os quaes se apresentaram ao conde, pedindo-lhe que fôsse á Villa Rica em pessoa para pronunciar elle mesmo o perdão, pois do contrario não havia meio de socegar o povo. Respondeu-lhes o conde, que nenhuma dúvida punha em vir á Villa Rica; mas o mesmo Peixoto,

acabada a conferencia, e entrando a fallar só com o conde, revelou que si caïsse em tal, sería atacado em caminho, ou na villa, obrigado a fazer o que quizessem os revoltosos, sob pena de lhe faltarem ao respeito. Por muito que instou o conde, nada mais conseguiu saber de Peixoto, o qual á fôrça de promessas, e como que só para levantar uma ponta do véo, lhe disse que Paschoal da Silva, então na fazenda, tinha mandado pelo seu primo João Ferreira, medico, dizer a João da Silva, que executasse tudo quanto se havia concertado, sinão que tomasse um veneno; pois as cousas, ao poncto a que tinham chegado, já não podiam voltar atraz sem risco de muitas vidas. Embora esta confidencia com o conde, logo que se recomeçou a entrevista, Peixoto instava com elle para vir á Villa Rica, e pelo despacho da proposta.

Via-se o conde em apuros. Tinha invocado o auxilio dos principaes do Carmo; estes, porém, lhe haviam contestado, e o repetiam naquelle ensejo, que embora promptos a sustentarem a sua pessoa e a sua auctoridade, estavam, contudo, naquelle assumpto, de inteiro accôrdo com os de Villa Rica, e pois não iriam contra elles, enquanto estivessem limitados a pedirem pacificamente, o que pediriam para si, elles e todos os povos assistentes nas minas; pois já se haviam manifestado e dicto que se oppunham ás Casas de Fundição.

Sendo esta a mesma attitude que o conde sabia se achar nos principaes da comarca do Rio das Velhas, como nos da comarca do Rio das Mortes, cujos ouvidores lhe annunciaram depois a satisfacção em que ficaram os mineiros pelo rompimento de Villa Rica, taes apuros o levaram a dizer que entendia, «não lhe ser tão difficultoso triumphar dos inimigos de Sua Magestade na campanha, como governar nesta Republica os seus maus vassallos, sendo mais facil fazer sem queixas partilhas entre herdeiros ambiciosos, que contentar, nem por poucas horas, um povo tão desegual».

Convencido tambem de ser impossivel atacar Villa Rica sem fôrças sufficientes, mórmente em marcha por caminhos dispostos para emboscadas, e quando os revoltosos occupavam as montanhas menos accessiveis e fragosas, deliberou imitar o piloto que atira ás ondas o menos precioso da carga para salvar

o navio; e assim convocou em juncta plena os principaes, que alli estavam, com Eugenio Freire de Andrade, pessoa íntima do rei, e todos deliberaram, segundo a exposição do conde, se concedesse o perdão, visto ser o caso daquelles, em que Sua Magestade facultava tal expediente para evitar mal maior. Lavrou-se disto um termo, em que todos assignaram, como responsaveis do accórdão.

Ao ser o perdão lido aos procuradores, recusaram-se acceitá-lo sem se lhe tirar a clausula de ficar dependendo da approvação de Sua Magestade; e apesar de lhes observar e conde ser clausula decorrente da ordem régia, não se abalaram do proposito. Afinal, impacientando-se, o conde lhes declarou que o levassem como o queriam, mas não se chamassem depois ao engano, visto saberem que os governadores não tinham attribuição para alterar o que o rei dispunha.»

E' este o termo, como consta da *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno II, fasc. 2º, de 1897, pag. 391:

«Ao primeiro dia do mez de julho de mil setecentos e vinte annos no palacio em que assiste o Exmo. Sr. conde de Assumar governador e capitão general desta Capitania nesta Villa Leal de N.ª S.ª do Carmo, estando na presença de S. Ex. o Dr. Martinho Vieira, o superintendente das Casas Reaes de fundição Eugenio Freire de Andrade, o tenente general Felix de Azevedo Carneiro e Cunha e o capitão de Dragões Joseph Rodrigues de Oliveira, foi proposto pelo dito Sr. conde que sobre o tumulto succedido em Villa Rica em vinte e oito do mez passado esperava o dito Sñr. que se dissipasse na consideração de ser intentado somente contra o Dr. Ouvidor Geral, como dizia e não involver materias de maiores consequencias prejudiciaes ao serviço de S. Mgde., porém vendo que nem este, nem outros meios que publica e secretamente mandou praticar obravam couza alguma e que aquelle povo não só com tenacidade, mas com inducção de outros para engrossar o seu partido se conservava tumultuosamente com as armas nas mãos intentando vir nesta fórma a esta Villa e constando ao dito Sñr. conde que os cabeças do motim tinham despachado cartas a todas as commarcas especialmente a do Rio das Velhas para que os apoiassem e sabendo tambem

mandavam de noite emmissarios ao districto desta Villa para que seguissem o seu partido e que achava facil acceitação por se unirem todos no interesse commum de requererem contra os quintos e Casas de Fundição e que alem disto constava tambem ao dito Sñr. Conde que depois das proposições que lhe fizera aquelle povo por uma petição, preparavam além destas, novas clausulas, era justo considerasse si o perdão que mandaram pedir pelos Drs. Joseph Peixoto da Silva e Joseph Ribeiro Dias e pelo Sargento-mór Antonio Martins Lessa se lhes devia conceder e se estavão nos termos em que S. Mgde., que Deos guarde, dá auctoridade ao dito Sñr. Conde de o conceder, porque é só na ultima extremidade, quando não há outro remedio (o que ouvido pelos circumstantes) foi uniformemente dito que visto a situação em que se achava aquelle povo, occupando as montanhas mais fragozas deste paiz, seguem todos os desfiladeiros por onde com outra gente podiam ser atacados e caso que o pudesse ser, podia ser o estrago mui geral e padecerem muita gente innocente que estava constrangida por força no mesmo tumulto e que na conjunctura presente em que a acceitação das Casas de Fundição estava tão melindrosa, mais conveniente que tudo era conceder-se o tenente general João Tavares para publicar o perdão, e já submissão e que todos entendião que esta era a ultima extremidade em que S. Mgde. queria se concedesse, o que assentado se conformou o dito Sñr. Conde com o parecer referido e mandou publicar o perdão pedido, de que mandou fazer este termo que assignaram todos os sobreditos. Domingos da Silva, secretario do Governo o fez. — *Conde Dom Pedro de Almeida.* — *Eugenio Freire de Andrade.* — *Martinho Vieyra.* — *Felix de Azevedo Carneiro e Cunha.* — *Joseph Rodrigues de Oliveira.* — *Luiz Tenorio de Molina.*»

«Despachou o conde para Villa Rica, continúa a narração, o tenente general João Tavares para publicar o perdão, e já de antes havia para alli enviado o Jesuita, seu amigo, padre José Mascarenhas, afim de prégar aos povos no sentido de socegá-los. Os revoltosos, porém, zombaram totalmente do perdão, como o haviam feito dos sermões do padre; e, si ambos, o tenente general e o Jesuita, não foram mortos, devem-no á

intervenção de pessoas cordatas; mas nem assim deixaram de ser expulsos da villa em meio de ludibrios e pedradas.

O conde, ao saber de taes desacatos; escreveu á Camara, ordenando-lhe que fixasse o edital do perdão; e que tambem publicasse a portaria pela qual elle suspendia a lei de 11 de Fevereiro por mais um anno, e franqueava os registos do caminho do Rio. Esta fraqueza do conde redobrou a furia dos animos; e foi como soprar em fogueira. Ninguem deu crédito ás intenções do conde, e proclamavam que elle o que queria era socegar o motim para depois vir saciar a sua cholera.

A Camara nesse mesmo dia respondeu a Sua Excellencia que o edital foi publicado, e que o povo se mostrava satisfeito; mas, si não viesse a Villa Rica, esperança alguma havia de se restabelecer o socêgo público. Entanto pedia a Sua Excellencia, no caso de vir, viesse só, para que o apparato da comitiva não inspirasse receios ao povo; e de viva voz mandou-lhe dizer que si viesse á noite trouxesse accesos os archotes. O portador da carta, por seu turno, referiu ao conde que os ecclesiasticos lhe tinham revelado, como em confissão, isto é, sem mentirem, que Sua Excellencia não devia deixar de ir a Villa Rica, e de lá entrar só. A não serem muitos outros factos de egual necedade, custar-nos-ia crêr no que lemos. Aquelles homens estavam completamente desvairados, como as avestruzes, que, escondendo a cabeça, julgam-se a geito de illudirem o caçador. Ora, o que é mais certo, sabendo elles que o conde não tinha mais de 40 soldados promptos, nem apoio de particulares naquella crise, tentavam expedientes para o removerem antes por medo, que por violencias. Constava mesmo que a familia do conde vivia afflicta, e queria ver-se livre das Minas.

Não sabemos o que faria o conde da promessa de estar em Villa Rica; mas ao receberem a sua communicação, no dia 1 de Julho á noite, puzeram-se em movimento os revoltosos. Na madrugada do dia 2 percorreram as lojas e compraram toda a polvora e balas que encontraram, e assim municiados em número de mil e quinhentos a dous mil puzeram-se a caminho do Ribeirão. Queriam apanhar o conde em viagem, e, si não o encontrassem, seguiriam para a Villa

do Carmo, a se entenderem com elle em pé de guerra, constando-lhes aliás que não dispunha de fôrças sufficientes para os rechassar. Alli o forçariam a depor o bastão ou o matariam.

Chegando, porém, á vista do povoado um dos fieis amigos do sargento-mór Manuel Gomes da Silva, que com a Camara de Villa Rica ia, fingindo-se prisioneiro, acudiu a lhe avisar que Philippe dos Santos havia disposto uma turma dos de sua cabala para se adeantar, invadir o Palacio, e sem mais nem menos ir matando o conde. O sargento-mór, alarmando-se, procurou Philippe dos Santos onde estava, e energicamente reclamou contra tal disposição; pois não admittia similhante perfidia, fóra do que tinham combinado. Ao que redarguiu Philippe dos Santos, dizendo que ia dar ordem em contrário; mas, si o conde não subscrevesse as condições da proposta, que levavam, intimaria a despejar o govèrno e as Minas, ou faria executar o pacto de morte concertado na ante-vespera em Sancta Quiteria, pelo qual estavam em armas.

O conde, por sua vez, logo que lhe deram aviso de estar o povo em marcha para o Carmo, chamou a postos os dragões nas lojas do Palacio, nas quaes já de prevenção havia feito recolher uma grande quantidade de munições de fogo e de bôcca para muitos dias. Além disso encheu de gente armada as casas vizinhas. Estava então preparado com uma fôrça de negros e capangas, que lhe forneceram os amigos de dentro e de fóra da villa, como delles reclamara. Agitou-se mesmo um certo brio de alguns moradores do Carmo em não consentirem aggressão ao govêrno nos limites de sua povoação.

Ao povo da Passagem o conde ordenou que não consentisse que os revoltosos atravessassem a ponte; mas era por elles aquella gente. O capitão Manuel da Costa Fragoso teve de fugir para não ser morto; e nem tempo lhe deram de fixar o edital. Consequentemente, passando elles por alli, foram informados da maneira, como o conde os receberia, á ponta de espada, na Villa do Carmo.

Ao ver os rebeldes approximarem-se, o conde mandou que lhes saïsse ao encontro no alto do Rosario (depois São Gonçalo), principio da rua, a Camara incorporada com o seu estandarte; e ella de facto para lá foi accompanhada de muitos moradores inermes, e do sargento-mór de batalha Se-

bastião da Veiga, este a conselho do coronel da nobreza Rafael da Silva e Sousa. Além disso ordenou o conde que o tenente José de Moraes partisse tambem a intimá-los naquelle alto, que, si quizessem qualquer cousa do Governo, enviassem-lhe um procurador, que sería recebido; do contrário os mandaria repellir á mão armada. Ao tenente responderam que não traziam em mente mal algum, e que só alli vinham para ouvirem da propria bôcca do general o perdão, que desejavam. Reenviado o tenente com o mesmo recado, voltou da mesma maneira, e só houve de mais, que bradaram pedindo se recolhessem as armas, que viam, pois não poderiam responder pela paz, si a villa os esperava em tópe de guerra. Estas reclamações e o mais, que se havia passado, deixaram nos chefes do movimento um certo desánimo. O incidente do sargento-mór Manuel Gomes e o procedimento do povo pelo caminho, apavorando-se de qualquer cousa, e outros motivos causaram naquelles uma grande decepção. Mas deviam contar com isto. Na maior parte daquella turba, como entraram nos motins, obrigados muitos soh ameaças, convenceram-se da utilidade em virem ao Carmo, por lhes dizerem os chefes ser condição necessaria para obterem o indulto. Demais, nem Musqueira, nem Paschoal, nem os frades, organizadores da revolta, nenhum dos cabeças principaes alli estava, expondo-se ao fogo. Só Philippe dos Santos alli vinha certo do segrêdo.

Observando o resfriamento dos animos, quiz este revoltoso dar-lhes calor, atacando a Camara e o grupo, que a seguia; mas disto ainda foi removido por muitos menos informados da trama, que o obstaram e disseram ser attentado sem nome investir sôbre gente desarmada. Em tal conjunctura, que parecia quasi abôrto da conspiração, o sargento-mór de batalha avançou para a frente, e em altos gritos começou a declamar: «O que quereis filhos ? Filhos, não quereis os quintos ? Quereis que se mande para os diabos o Ouvidor ? Quereis a mim ? Aqui estou para vos defender e ajudar»

Feito este discurso, correu o sargento-mór para o Palacio, onde entrou esbaforido, descompassado de gestos, feito louco, pintando o caso com côres flammantes, e dizendo que o povo ahi vinha, como alcatéa de lobos. Tentava o sargento-mór,

conforme a ingenua esperança dos rebeldes, levar de vencida o conde, pelo que nunca sentiu: o terror da morte! Entretanto, alguns dos presentes impressionaram-se e quizeram convencer o conde não se apresentasse ao povo, cujo rumor alli vinha chegando á volta do Palacio. O conde, porém, o mesmo foi ver a multidão, que chegar á janella; e foi elle afoito chegar á janella, que a multidão rebentar-lhe em vivas! Estava em parte desfeita a borrasca.

Sendo já trez horas, mais ou menos, da tarde, não quiz elle fallar ao povo com receio bem fundado de perder tempo e de não poder a multidão regressar a Villa Rica, temendo que, si ficasse para pernoitar no Ribeirão, difficuldades emergissem, communicando-se os revoltosos de uma com os de outra villa, nesta ainda occultos. Assim, e agradecendo apenas a boa conducta do povo, convidou-o a descansar, e a fazer subir para a sala do Palacio os seus procuradores.

Dêstes, subiu sómente o lettrado José Peixoto com a proposta, uma verdadeira rêde de humilhações, urdida como que de proposito, para irritar o conde, e obrigá-lo a não deferi-la. O conde, porém, estando com os principaes da Villa do Carmo, tomou o parecer delles, e deferiu artigo por artigo desta *Nova Magna Carta*. Entregue a José Peixoto, não a recebeu sem estar conferida por si proprio no livro dos registos; e não recebeu tambem o alvará do perdão, sem que estivesse homologado com o sello das Armas Reaes.

Lido da janella este alvará ao povo, logo se poz em movimento a caminho da Villa Rica. Nesta festejou-se ruidosamente, com luminarias o exito da famosa jornada.

De tudo isto lavrou-se um termo no respectivo livro de registos. Foi uma verdadeira capitulação do orgulhoso conde de Assumar deante das exigencias do povo, conscio de sua fôrça.»

A respeito delle assim se exprimiu o erudito senador Xavier da Veiga nas *Ephemerides Mineiras* (ephemeride de 28 de Junho de 1720):

«E' sem dúvida aquelle documento página das mais extraordinarias e admiraveis, não só da Historia Mineira, mas tambem dos fastos coloniaes de todo o Brasil. Fulge como a consagração do civismo de um povo, que se ergue soberano do

proprio abatimento e vilipendio; vale como o padrão opprobrioso de um despotismo genuflexo e humilhado dentro mesmo de séu solar; symboliza simultaneamente as miserias e oppressões de uma épocha e o lampejo vivificante da Liberdade e do Direito a orientar espiritos, illuminando consciencias, em tempos rudes de submissão a todas as tyrannias.»

E' este o

«Termo que se fez sobre a proposta do povo de Villa Rica na occasião em que veio amotinado á Villa do Carmo.

Aos dois dias do mez de julho de mil setecentos e vinte, nesta villa leal de Nossa Senhora do Carmo, e no palacio em que assiste o Exmo. Sñr. Conde de Assumar D. Pedro de Almeida, governador e capitão-general da Capitania de S. Paulo e Minas, depois de se ter buscado todos os meios que pareceram convenientes para socegar o tumulto do povo de Villa Rica e seu termo, persistindo em o mesmo intuito durante o tempo de cinco dias e pelas mais consequencias que dahi se seguiam, e por vir todo o povo sobredito a esta villa do Carmo com a Camara presa e as mais pessoas principaes da villa, apresentaram-me as condições seguintes, a saber:

1º — Que não consentem em Casa da Fundição, cunhos e moeda. Ao que se respondeu se lhes deferia como pediam.

2º — Que não consentem em contracto novo algum que não seja em estylo até o presente; e foram deferidos na mesma fórma.

3º — Que não consentem que se pague o registro da Borda do Campo pelo incommodo que dá, só sim tragam bilhete, cada qual das cargas que trouxer, para dellas pagar meia oitava por secco e meia pataca por molhado, aonde cada qual fôr sua direita descarga, para o que se elegerão cobradores e levarão recibos para se descarregarem no dito registro, e outrosim se pagará pelos negros novos a oitava e meia por cada um. — Ao que se lhes deferiu na mesma fórma que pediam.

4º — Querem assegurar a Sua Magestade, a quem Deus guarde, as trinta arrobas, lançando-se sómente a cada negro oitava e meia, e no caso que este não chegue, se obrigam a inteirar-lh'os, para o que contribuirão as lojas e vendas con-

forme a falta que houver para a dita cousa, de sorte que não passem de cinco oitavas cada uma, para cuja cobrança elegerão as camaras dois homens em cada arraial ou os que forem necessarios; e querem que toda a pessoa que occultar escravo fique confiscado para a fazenda real, o que tambem comprehende os quintos do presente anno, para o que se deve fazer novo lançamento, para nesta forma se cobrarem de quem não houver pago e se repor os que pagarem o excesso da dita oitava e meia por cada negro. E se lhes deferiu como pedião.

5° — Querem para serviço de Deus Nosso Senhor e de Sua Magestade, que Deus guarde e conservação da Republica que nenhum negro nem negra se rematem na praça pelos preços tão diminutos como se tem experimentado, mas sim se avaliem por dois louvados de san consciencia e que os acredores os tomem pela sua avaliação quando não hajam arrematantes, o que tambem se observará em propriedades ou cazas; ao que se lhes deferiu na fórma que pediam.

6° — Querem tambem que se dê regimento para salarios dos escrivães, tabelliães, meirinhos e alcaides e assignatura de ministros e guardas maiores e menores e este seja pelo da cidade do Rio de Janeiro, de sorte que si lá forem quatro vintens de prata não duvidam que cá sejão de ouro, e os mais a este respeito para nesta fórma se evitarem os excessos tão exorbitantes, como experimentam todos; ao que se lhe defirio na fórma que pediam.

7° — Não consentem que o aferidor leve peso de ouro por outro cunho de cobre, que como isto sejão condições do Senado, por ser contracto seo, em que o Povo nunca experimentou conveniencia, que, só afim do contracto ser alto, fazem o regimento caro em prejuizo do Povo, como é: de uma balança e marco, só de marcar, oitava e meia; de revista uma oitava; e de tirar o olho á balança, uma oitava fazendo mais milagres, que Santa Luzia, dando olhos quando querem, fundados no interesse, e a este respeito as mais medidas para o que lhe dê regimento util ao Povo. — O que se deferiu como pediam.

8° — Não consentem que ao escrivão da Camara se dê oitava e meia por licença, e meia oitava por regimento de aferição, podendo ficar pago com meia oitava, como tambem o escrivão da almotaçaria. — O que se deferiu como pediam.

9° — Não consentem levar mais de meia pataca por todos os generos que qualquer pessoa almotaçar como se observa nesta villa do Carmo para se evitarem as condenações que se fazem aos povos. — O que se deferiu como pediam.

10° — Querem que os Srs. do Senado moderem as condemnações tão exhorbitantes ao Povo, que costumam fazer sem regimento nem lei, e que as calçadas das ruas, onde forem necessarias, se façam á custa da Camara e não do Povo, pois lhe não come as rendas e que outrosim os ditos Senhores passem por anno as licenças assim dos contractantes dos gados como dos mais negocios, por lhe ser muito prejuizo o tirarem-na todos os mezes. — O que se deferiu como pediam.

11° — Querem que as Companhias de Dragões comam á custa de seus soldos e não á custa dos Povos; o que se deferiu como pediam.

12° — E por final conclusão de tudo querem que V. S. em nome de Sua Magestade, que Deus guarde, lhes conceda perdão geral, sellado com as armas reaes, registrado na secretaria deste governo, Camara e mais partes necessarias, publicado ao som de caixa pelos logares publicos, e esta proposta se registre na Secretaria deste Governo e Livros da Camara; — o que se deferiu como pediam.

13° — Tambem querem que os contractadores dos dizimos não uzem de seu privilegio para cobrarem suas dividas executivamente, sinão durante o tempo do contracto, e quando seja necessario mais algum tempo V. Ex. lh'o concederá ao seu arbitrio; deferiu-se-lhes como pediam.

14° — Requerem mais que nenhum Ministro faça vexações ao Povo com seus despachos violentos, procedendo á prisão e a fuga sem as circumstancias de direito e que em tudo se observe com elles a lei do Reino. — Ao que se lhes deferiu como pediam.

15° — Que os officiaes de justiça, quando forem fazer diligencias a varias pessoas, repartam as custas, conforme o regimento, para cada uma dellas e sempre implorem o perdão; ao que se deferiu como pediam.

Convocadas as pessoas abaixo assignadas, votaram uniformemente se devia conceder ao dito Povo tudo o que pedia nos artigos acima, assim e da mesma fórma que o pediam, do que o dito senhor me mandou fazer este termo. — Domingos da

Silva, secretario do Governo o fiz. — *Conde D. Pedro de Almeida* (Conde de Assumar). — *Sebastião da Veiga Cabral.* — *Domingos Teixeira de Andrade.* — *Antonio Caetano Pinto Coelho.* — *Raphael da Silva Cruz.* — *Felix de Azevedo Carneiro e Cunha.* — *Luiz Tenorio de Molina.* — *Sebastião Joaquim de Varella.* — *Gabriel da Costa Pinna.* — *Tobias Barboza da Silva.* — *Fructuoso Teixeira de Carvalho.* — O vigario da vara *Pedro de Moura Portugal.* — *Manoel da Costa Araujo.* — Dr. *Francisco da Costa Ramos.* — Dr. *João Nunes Vizeu.* — *Pedro Teixeira Cerqueira.* — *Manoel Cardoso Cruz.* — *Pedro Gomes Esteves.* — *Frederico* (o resto illegivel). — *Manoel de Affonseca.* — *Manoel Loureiro.* — *Manoel Mendes de Almeida.* — *Jacinto Barboza Lopes...* e outras assignaturas muito apagadas.»

«Por novos embustes, entanto, continúa a narração do dr. Diogo de Vasconcellos, os cabeças começavam a propalar que o conde ia obrigar Villa Rica, e só ella, a pagar as 30 arrobas, visto ter sido a unica rebellada. Além disso prégavam abertamente que o perdão nada valia. Mandou o conde fixar editaes contra estes manejos, declarando que os quintos continuariam a ser pagos como de antes; e que o perdão estava e estaria de pé. Mortas, porém, umas novas intrigas succediam, e visto reconhecer o conde que os frades eram os que as teciam, mandou pedir aos vigarios fizessem preces pelo socègo público e nellas admittissem, para que mais copiosas fòssem, os religiosos assistentes em suas respectivas parochias. Cantava a palinodia, e dava satisfacção aos frades.

Temendo que o espirito da revolta baixasse do ardor, quão o entretinham acceso, os cabeças em novos motins reclamaram que o ouvidor saïsse da comarca, reclamação que era justa, e que o conde logo attendeu. Constava mesmo que esse ministro estonteado queria no Carmo instaurar um processo para apanhar os cabeças. Ora tal cousa seria o mesmo que inutilizar o perdão, e impedir o apasiguamento dos espiritos. Sendo o poder judicial independente, o perigo foi maior; e por isso o conde fez com o ministro, que se abalasse do Carmo, no que elle não hesitou, e foi por Antonio Pereira a pousar em Cattas Altas com um parente, que lá morava.

Este, porém, temendo lá fòssem queimar-lhe a casa, o que

era despique muito em uso, o enviou para o Rio de Janeiro, por volta de caminhos menos frequentados. Mandou o conde ao juiz de Villa Rica assumisse-lhe a vara, pensando dêste modo socegar os animos; mas longe disto, novos disturbios se intentaram. Começaram a se ouvir todas as noites tiros de polvora de lado a lado da villa, e fachos accesos a percorrerem as travessas de monte a monte, entre os arraiaes da Serra. A villa se tornou um inferno aos moradores pacificos, que se puzeram a saïr para fóra. Em vista de tudo, o conde mandou chamar á sua presença o dr. Manuel Musqueira Rosa, mas este lhe respondeu que não podia ir á Villa do Carmo pòr lhe ser preciso para isso de sua casa atravessar a Villa Rica, o que não faria; pois que, estando o povo disposto a proclamá-lo ouvidor, não queria dar occasião a um tal excesso. Mandou o conde neste caso chamar o religioso benedictino, filho do dr. Musqueira, e grande agitador, frei Vicente Botelho; mas este descartou-se nos seus achaques, dos quaes na verdade veio a fallecer no Rio pouco tempo depois. Tomou então o conde o parecer de enviar á casa do dr. Musqueira o secretário do Governo, Manuel d'Affonseca, afim de instar com elle por uma conferencia na Villa do Carmo, ao que accedeu; mas, não passando por dentro da povoação de Villa Rica, e sim pelo caminho velho já quasi abandonado. Posto em presença do conde, desentranhou-se o dr. Musqueira em mil queixumes e lamentações pelos successos, querendo que o conde o nomeasse provedor da Fazenda Real, e desejando, além disso, que o conde lhe promovesse a reconducção para a Ouvidoria da comarca.

Contudo, ouvindo-o, e não querendo se descobrir, o conde achou mui justo o pedido, e deu-lhe esperanças, si bem que percebesse nessas pretensões um modo cavilloso de rebelde querendo se disfarçar. E, por isso, para fazer do ladrão, fiel, deu a Musqueira um offício, em que o encarregava de socegar o povo de Villa Rica. Elle, porém, chegando, entendeu-se com Philippe dos Santos, um dos chefes daquelle mesmo antigo motim, em que o quizeram depôr, afim de agora o proclamar ouvidor; e de facto se proclamou, embora o conde o tivesse de tal dissuadido. A rebellião não tinha mais que esconder.

Sebastião da Veiga Cabral entregou-se de corpo e alma á mania de ser governador das Minas. O pouco siso dos cabeças, tomando-o a serio, estes entendiam com effeito que a posição delle na Côrte podia-lhes aproveitar; e piamente davam-lhe ouvidos. Elle espalhava entre os credulos que gosava da mais plena confiança do rei para julgar a politica do conde, não querendo confessar que para aqui veio, induzido pela necessidade, a ver si adquiria alguma fortuna.

Dizia elle ainda mais entre amigos, que el-rei, conhecendo o genio do conde, o tinha encarregado em reserva de observá-lo; e que, pois, daria conta do que soubesse.

Logo que rebentou em Villa Rica o primeiro motim de 28 de Junho, Sebastião da Veiga ficou arredio de Palacio, e desde 2 de Julho não mais lá pisou a pretexto de um leicenço no pescoço. Morava elle num sitio de engenho nos Monsús, caminho de Matto-Dentro; e tanto que viu passar á tarde o ouvidor em retirada para fóra da comarca, nessa mesma noite mandou chamar á sua casa dous padres jesuitas, que moravam com o conde em Palacio, a titulo de prestarem soccorros espirituaes a um criado, que estava doente. Alli, apanhando os padres, a proposito dos acontecimientos, levantou um grande escarcéo, dizendo-lhes que se ia embora para o Rio, e para tanto se queixava de estar averbado perante o conde, como cabeça de levantados; e pelo mesmo conde accusado perante o rei como tal. A' vista dos padres continuou a preparar a roupa e a dispor objectos para viajar, pedindo-lhes houvessem de apresentar as suas despedidas ao conde e á condessa. Voltando os padres a Palacio, e muito commovidos pelo que tinham visto e ouvido, o communicaram ao conde, e lhe rogaram tirasse de tal inquietação o pobre velho. O conde riu-se da simplicidade dos padres; mas logo enviou ao sargento-mór o seu ajudante, dizendo-lhe que nenhuma conta havia dado á Sua Magestade a seu respeito; mesmo porque não tinha ainda tomado pé nesses particulares. Este recado foi mil vezes peior. Desabafou-se o Veiga que não tinha amigos: que não contava com ninguem; e que no lhe mandar o conde dizer, que contivesse os amigos, e que não tinha ainda tomado pé neste negocio, ahi via a porta aberta para denuncia-lo á Sua Magestade; e que pois não poderia socegar, en-

quanto Sua Excellencia não lhe declarasse por escripto qual era o sentido daquellas palavras. O conde moderou por escripto o que lhe havia mandado dizer.

Saïndo da Villa do Carmo, o sargento-mór foi pernoitar na Passagem, meia legua apenas de viagem; e ahi veio com elle se entender frei Vicente Botelho em nome de seu pae dr. Musqueira. O resultado desta conferencia foi o sargento-mór voltar para o Carmo e dizer ao conde, que, tendo chegado ás immediações de Villa Rica, observou nos contornos mais gente que de ordinario; e soube que o povo se achava em tumulto, não querendo mais ser governado nem por capitães-generaes nem por ministros sinão immediatamente por Sua Magestade; o que o fez retroceder do caminho para convencê-lo da proposta que já lhe tinha feito a elle conde, qual a de lhe entregar o govêrno por alguns mezes, retirando-se para S. Paulo, unico meio que via para socegar o paiz. A esse mesmo tempo o escrivão da ouvidoria Manuel José communicou ao conde que Paschoal da Silva já estava na villa distribuindo os empregos publicos.

Em contestação ao que lhe expoz o sargento-mór, o conde, fingindo-se impressionado, assegurou-lhe que na emergencia carecia de pensar, e que no dia seguinte resolveria como lhe conviesse. Animado por esta resposta dirigiu-se o sargento-mór para o seu engenho; mas encontrando-se com um criado de estimação do Palacio, que vinha passando tambem na ponte dos Mensús, tractou de lhe fallar e recommendou-lhe que elle e mais pessoas, entrando nisto a condessa, persuadissem ao conde ter mais amor á vida, pois os revoltosos, infelizmente, haviam jurado matá-lo.

Mal tinha o sargento-mór saïdo, eis chegou de Villa Rica uma carta de Manuel José, dando ao conde aviso que naquella noite (13 de Julho) ia-se levantar um motim de grandes proporções com o fito de irem os revoltosos ao Ribeirão e expulsar e proclamar governador das Minas o sargento-mór de batalha, plano de que já não guardavam segrêdo algum. Pouco depois, porém chegou frei Monte Alverne com recados de Paschoal da Silva, dizendo ao conde que naquella noite parecia que o mundo ia se acabar; pois queriam os rebeldes ir ao Ribeirão depô-lo do govêrno, e expulsá-lo das Minas.

Em tom de crassa hypocrisia o frade lembrava um remedio: era Paschoal fingir-se motineiro, e ir a Cachoeira e outros arraiaes levantar os respectivos povos; e unindo-se aos de Villa Rica, trazê-los ao Ribeirão, onde S. Ex. perante todos pronunciaria com juramento o perdão que por não se fiarem delle, causava todo o barulho. Nestas circunstancias, o conde ratificaria os perdões anteriores, e assignaria um termo novo, que seria acceito por Paschoal. Ora, como seria este feito chefe do motim o mais interessado, o seu exemplo em se fiar do perdão, contribuiria de vez para que todos se tranquillizassem, sendo que ninguem havia nas Minas, que já não estivesse ancioso pela terminação de tantas desordens.

Ulteriormente, continuou o frade, as camaras representariam á Sua Magestade, justificando o perdão com aquella farça; e tambem pedindo houvesse por bem prorogar a homenagem do conde por mais trez annos. Em virtude do que ouviu, o conde escreveu a Paschoal, agradecendo-lhe os bons officios, mas que tirasse da cabeça a idéa de novos motins por ser muito difficultoso, sinão impossivel, apagar-se incendio com incendios; além de que de motins já elle estava farto com os de Villa Rica. Quanto á homenagem, o que mais pedia a Deus, era que fizesse passar mais ligeiro o tempo de se desatar da que o prendia na occasião. O conde tractou affavelmente o frade, e a Paschoal escreveu naquelles termos a effeito de os tranquillizar e de não se assustarem; mas comprehendeu perfeitamente a sua situação. E' cousa que nos custa a crer, embora fôsse certo, que aquelles homens, com tantas artimanhas pueris, quizessem mystificar o soldado velho e cavilloso, que era o conde.

A proposta de Paschoal clareou-lhe o estado, em que se achavam os rebeldes, precisados de ageitarem novas complicações, e de gente tambem nova para substituirem a de que já não se fiavam em Villa Rica. A jornada do Carmo, pelo procedimento que o povo teve, dera-lhes grande cuidado, maximé no episodio do capitão Manuel Gomes da Silva com Philippe dos Santos, por onde viram o perigo de serem abandonados á hora de maiores successos.

Estando, portanto, o conde com as suas medidas cheias, resolveu agir e sem piedade. Logo que o frade se retirou do

Palacio, mandou aprestar a tropa dos dragões, e os despachou, sendo seis para guardarem o caminho da Villa Rica, sem deixarem por ahi passar ninguem do Carmo, e trinta á noite para a mesma Villa Rica ao mando do alferes Manuel de Barros Guedes Madureira, com ordem de sôbre áquella mesma madrugada, prender os quatro cabeças, Paschoal da Silva, dr. Musqueira, frei Vicente e frei Monte Alverne e conduzi-los acto contínuo para a Villa do Carmo. O alferes, si bem o mandaram, melhor o fez. De accôrdo com o capitão-mór de Villa Rica, Henrique Lopes de Araujo, dividiu a gente para darem ao mesmo tempo nas casas de frei Vicente, onde estava seu pae o dr. Musqueira; e nas de Paschoal, onde morava frei Monte Alverne. Desta diligencia, por ser mais perigosa, encarregou-se o alferes Barros; e, lá chegando, sem dizer palavra, foi deitando duas portas a baixo, e penetrando no interior, onde Paschoal se achava com quatro negros armados em attitude de resistir, e o frade a tremer como varas verdes. Vendo que seria improficua a opposição, pois foi de se notar com extranheza o medo, que esses rebeldes tinham da morte, entregaram-se. O dr. Musqueira e o filho portaram-se como cordeiros á voz do capitão-mór, a quem abriram as portas. Conduzidos á cadeia do Carmo, o conde não quiz confiá-los sinão ao mesmo alferes Barros, que era um militar conhecido, seu companheiro nas guerras chamadas da successão de Hispanha.

Enquanto estas cousas se passavam para os lados de Villa Rica, onde mais prisões não se effectuaram por falta de fôrça sufficiente, o conde mandou aos Monsús agarrar o sargento-mór de batalha; e fê-lo partir sem detença alguma para o Rio de Janeiro, escoltado por soldados fieis, com ordem de seguirem viagem pelo caminho do rio de Miguel Garcia e da Itaverava a saïrem nos Carijós, onde se encruzilhavam os caminhos de Villa Rica e aquelle. Estes acontecimentos se deram na noite de 13 para 14 de Julho, isto é, na mesma, em que se avisou o conde ia-se amotinar o povo para o enxotar do govêrno e das Minas. Pela proposta de Monte Alverne, porém, collige-se não estaria assentada aquella noite definitivamente para o motim.

O certo é que na noite de 14 para 15 de Julho, em consequencia das prisões, a Villa Rica esteve em alarma, e nunca visto tumulto. Os motineiros mataram um sujeito, que suppunham ser quem se communicasse, feito espião, com o conde; e, se unindo aos mascarados, que desceram do Morro do Ouro Pôdre com immenso bando de negros armados, pois só Paschoal dispunha de trezentos, atordoaram a povoação, disparando bacamartes, arrombando casas, e bradando alto, que todo aquelle que no dia seguinte não os accompanhasse para irem soltar os presos na Villa do Carmo teria de ver a sua casa queimada, si não estivesse dentro para ser morto; e tal fôsse o caso, queimariam a villa.

Achando os amotinados nessa noite mui poucos moradores em casa, visto haverem-se evadido para não comparticiparem do barulho, passaram a dar buscas, e ao proprio vigario da Parochia e da Vara, o conego Antonio de Pina, ergueram da cama, e o intimaram a lhes abrir a matriz, onde entraram e nos proprios altares examinaram, si estariam atraz os que desejavam encontrar.

Com as notícias dêstes disturbios, o conde convocou a Palacio os principaes do Ribeirão e lhes expoz a clamorosa situação da Villa Rica, ameaçada de ficar convertida em cinzas. O temor do conde ahi não batia certamente em falso. Paschoal da Silva não era em verdade um potentado qualquer; dispunha de centenas de combatentes de sua propria administração; e tinha um sequito egualmente poderoso de parentes, de compadres e de amigos. Soffrendo principalmente por uma causa de interesse commum, a sua fôrça material e moral não havia com que fôsse contrastada. Dominava como soberano a serra e a comarca de Villa Rica, e dispunha de muitos potentados seus amigos na do Rio das Velhas. O conde em virtude recebeu cartas do capitão-mór de Villa Rica, e de outras pessoas pedindo-lhe soccorros immediatos e urgentes.

A villa estava á beira, diziam, de ser arrazada pelo fogo; na serra estava João da Silva com toda a sua legião de negros e camaradas em pé de guerra, esperando sómente os reforços, que tinha mandado buscar do Rio das Velhas; e assim como João da Silva, se apostavam muitos outros poderosos amigos

dos presos. Na villa por si o conde só tinha alguns moradores medrosos, que della se retiravam.

A' vista do exposto, os presentes á juncta em Palacio declararam que tempo não havia de todo a perder; e que, portanto, se enviassem a Villa Rica os soccorros pedidos; fazendo o conde seguir o esquadrão de dragões a cavallo, reunido a um grande número de negros armados e paisanos, que elles lhe forneceriam.

Os paulistas do Carmo lá estavam todos ao lado do conde, desde que se persuadiram do plano dos sediciosos; pois, temiam a hypothese de segunda Dictadura, ou de qualquer governador intruso, que lhes renovasse a triste conjunctura despotica outr'ora já experimentada no levantamento de 1708. As feridas não haviam ainda por completo cicatrizado, e se lembravam com horror da violencia com que foram expulsos das Minas, e expoliados dos bens naquelle caso funestissimo á sua parcialidade. Estando pois em accôrdo com elles sôbre as medidas energicas a tomar, o conde, a primeira foi mandar á cadeia declarar a Paschoal da Silva, que visto ter sabido que seu filho João da Silva, á frente de seus escravos e sequazes, andava nos motins; e que todoo morro se achava de promptidão para renovar as façanhas, tomaria de sua pessoa as represalias, de quanto mal fizessem a Villa Rica. Atemorizado Paschoal deu ao capitão de dragões José Rodrigues de Oliveira uma carta para entregar a seu filho, e em ausencia dêste a seu primo Francisco Xavier, ou a Pedro de Barros e a mais duas pessoas em ausencia dêsses, ordenando-lhes que fizessem retirar dos motins todos quantos lhe pertencessem. Referiu Paschoal o perigo de vida, em que se achava nas mãos do conde.

Vendo-se, pois, cercado de fôrças, o conde declarou que, para não estar longe da lucta e poder acudir a qualquer accidente imprevisto de maior tomo, estava resoluto a partir com as tropas; e convidou os presentes a segui-lo.

Partiram, pois, o conde e alguns companheiros á frente de 1.500 homens (16 de Julho) e fizeram a sua entrada ás 11 horas do dia em Villa Rica.

A Villa Rica, todavia, se encontrava em paz. Muitos rebeldes desgostosos com a contra-ordem de Paschoal tinham-se retirado para sublevarem o Campo.

As pessoas pacíficas saïram, pois, e livremente a receber o conde, que lhes exprimiu seus dissabores, e que esperava ser coadjuvado pelos leaes servidores de Sua Magestade.

Ao apear-se, o conde soube logo que Philippe dos Santos andava a subverter os povos da Cachoeira, e de outros arraiaes do Campo, como se disse; e que no morro do Ouro Pôdre ainda se conservavam bandos armados em espectativa dos successos que se esperavam do Rio das Velhas.

Nesta comarca, porquanto achava-se em Sabará o não menos terrivel popular Thomé Affonso Pereira, que o conde em sua carta de 21 de Julho, ao rei, qualifica pelo que mais façanhudo foi dos revoltosos, homem que fez cousas inauditas. E para maior cuidado sobrecarregar o conde, no dia seguinte corriam boatos de se haver tambem amotinado o Carmo na noite de 15 para 16.

No Rio das Velhas mascarados, subindo de Macaúbas, vieram arrebanhando gente, com muitos negros armados, e puzeram a Villa Real em sustos, deixando ella de se amotinar a exforços do ouvidor, alli muito benquisto, dr. Bernardo de Gusmão, contra a cabala fogosa do juiz ordinario Antonio Mendes Teixeira.

O conde, prevendo isto em Villa Real, em tudo similhante a Villa Rica, tinha para ella expedido a se reunir á Companhia de Dragões, lá destacados, o tenente José de Moraes, seu homem de confiança. Ao chegar o tenente, informado pelo ouvidor, que temia fazer as prisões, a primeira, que passou a fazer, foi a de Thomé Affonso, que se portou bravamente em um matto, atacando a escolta com uma faca em punho, e luctando até ser subjugado. Gonçalo Gomes, assassino de José Nunes, foi na occasião tambem capturado; mas na resistencia que oppôz com o seu bando, muitas foram as mortes e ferimentos. Voltando o tenente a Sabará, deu o golpe de mestre, agarrando corajosamente o juiz ordinario Antonio Mendes e a um seu enteado com alguns mais. Mettendo-os todos na cadeia, guardou-os á disposição do conde. Excusado é dizer que os principaes paulistas da comarca, em tendo recommendações dos seus confidentes de Villa Rica, sustentaram o govêrno e desanimaram os sediciosos.

Comprehendendo os apuros em que se via, pois que de toda a parte brotava a rebellião, com a Villa Rica a bem dizer em completa anarchia, com o Carmo suspeitado, com a comarca do Rio das Velhas no estado em que a descrevemos; e com os povos do Rio das Mortes declarando que se alliariam alli aos de Villa Rica no tocante ás Casas de Fundição, nestes termos, e tendo já sido humilhado a não poder ser mais como governador, além dos perdões e justificativas, a que o obrigaram, o conde não se conteve; e tractou de vingar-se com exemplos pavorosos. Mandou por isso o capitão de dragões João d'Almeida e Vasconcellos, o tenente José Martins Ferreira, e o alferes Manuel de Barros Guedes, com a respectiva companhia fôssem arrazar no morro as casas de Paschoal e de outros cabecilhas conhecidos. Em seguida, no mesmo proposito, enviou o capitão de ordenanças de Villa Rica Luiz Teixeira de Lemos tambem com a sua respectiva companhia. E ao capitão Antonio da Costa Gouvêa, e alferes Balthazar de Sampaio, moradores na serra, ambos sob a direcção do sargento-mór Manuel Gomes da Silva (antigo paulista povoador das Minas), ordenou que subissem para indicar as casas que deveriam ser poupadas. Querendo, porém, que o golpe caïsse de rijo e fulminante, ordenou que onde o machado se mostrasse vagaroso, empregassem o expediente decisivo dos archotes; e, de facto, os negros e mais agentes de egual quilate, entrando no arraial, como em logar aberto, passaram logo a roubar o que viam, e a beber a caxaça que encontraram nas vendas, sem grande pressa da diligencia. Ora, a casa de Paschoal, assim como a de outros cabecilhas, sobretudo aquella, eram colossos de madeiramentos, que o ferro embalde derruiria em breve tempo. A de Paschoal nem o fogo terminaria sua obra á vontade dos executores, si não estourassem do interior barricas de alcatrão e de polvora, que deram ao horrido cataclysmo o aspecto dos vulcões.

Por muito que quizeram, nenhuma casa escapou. As ventanias da serra batalharam para desobedecer a ordem, e deram ao conde um serviço completo. O incendio durou um dia, e ruas inteiras arderam a um tempo e de lado a lado.

O que de tudo alli resta, é o nome do Morro da Queimada, e esse nome se eterniza, no meio das solidões, ligado á memória do conde!

Enquanto as linguas rubras do incendio se avistavam da villa, outras diligencias derramavam o espanto dêsse dia aziago e memoravel, em que se liquidaram as contas do conde.

Foram presos os lettrados José Peixoto da Silva e José Ribeiro Dias, além de muitos outros, que não se puzeram a salvo pela fuga, e nem deixaram por isso nas Minas o primeiro estigma das tristes sedições. Diligencia alguma, porém, excedeu ao estrondo da chegada de Philippe dos Santos, com a sua corrente e algemas no meio de uma cavalgata de esbirros improvisados.

Estava o caudilho na Cachoeira a prégar a revolta no adro da egreja, quando o capitão Luiz Soares de Meirelles, accompanhado de sequazes, o prendeu, chegando-lhe bacamartes aos peitos. Foi então que elle soube dos successos, que se davam em Villa Rica.

Foi elle o unico agitador popular, o unico que sem interesses egoisticos, nem perplexidades, coloriu a revolta de causa justa.

Philippe dos Santos foi o conjurado que do povo saïu, e que moveu o povo, para que a partida não a jogasse o conde tão sómente com os negros armados e os capangas dos cabeças, cujo procedimento, vimos, foi o mais vacillante e bifronte, querendo deixar em todas as circunstancias, as mais perigosas, uma saïda para a defesa. Não fôsse o plebeu de Antonio Dias, pobre rancheiro, mas talento proprio da popularidade, aquelles homens não justificariam a revolta na Historia nem pelas causas nem pelos fins. E' por isso que, si afinal soffreram, podem nos acarear a compaixão, que é natural; mas Philippe dos Santos, além! Este homem não nos commove sómente pelo coração, exalta-nos pela alma. Não foi um mediocre, foi o heroe da revolta.

Entregue ao conde, foi logo submettido á farça de um summario, e nesse mesmo dia executado, com tal atropelamento das comesinhas fórmulas, que o conde mesmo julgou necessario se justificar, na carta dirigida ao rei em 21 de Julho, confessando ter-se feito tal condemnação contra todas

as leis. «Sei que não tinha competencia, nem jurisdicção, para proceder tão summariamente... mas uma cousa é experimentá-lo, outra ouvi-lo; porque o apêrto era tão grande, que não havia instante que perder», são palavras do conde.

Muitos em accôrdo com a lenda crêm que o ataram de braços e pernas a quatro cavallos, e estes o despedaçaram espantados pelas ruas: o que daria ao caso o rubor ao menos das crueldades classicas. A verdade, porém, é outra, talvez mais repulsiva: o enforcaram, e depois o ataram á cauda de um cavallo para ser arrastado, e assim feito em despedaços.

Segundo o *Discurso Historico-Politico*, obra que si não é do conde, foi innegavelmente por elle revista e corrigida, narra-se o facto pela maneira seguinte: «A' vista de sua confissão, e de ser apanhado em flagrante, foi no mesmo dia, com applauso dos moradores, enforcado e esquartejado. Dispondo Deus (que nos castigos tem alguma conformidade com os peccados), que até na morte não tivesse em si união, e lhe faltasse o descanço da sepultura, cadaver, que em vida perturbava-os mais a paz.».

Finda aqui a narração do dr. Diogo de Vasconcellos; mas é tambem curiosa a seguinte carta do conde de Assumar, dando notícia da primeira phase dêsses successos:

«Agora acabo de dar graças a Deus de ter hontem pelas cinco horas da tarde acabado de socegar hum horroroso motim sucedido na V. do Ouro Preto com tanta tenacidade que começando o dia 28 do passado se não pôde extinguir athé aquelle tempo, e principiando aparentemente em cauza particular, se reduziu a cauza publica.

Pelas onze da noite do dia 28 sahirão do morro a que chamam do Ouro Podre sete ou oito homens mascarados com alguns negros armados e foram arrombando todas as portas dos moradores obrigando-os por força a que sahissem e se juntassem em tumulto, ao mesmo tempo, outros mascarados sahirão por differentes bairros d'aquella Vª. a fazer a mesma deligencia, e como por todas as partes hião violentamente constrangendo aos moradores, foi lhes facil agregar a sy a mayor parte delles e todos juntos foram a caza do Ouvidor geral desta Comarca Martinho Vieira e arrombando-lhe as

portas lhe destruiram tudo o que nella tinha fazendo em pedaços todos os autos e sentenças que se acharão, os livros dos defuntos e ausentes e da fazenda real e os demais de direito, e derão hua facada em hum criado seu para que dissesse onde estava com determinação de matalo, e como o não achassem o buscarão por alguas cazas aonde suspeitavão que se tinha retirado.

Feita esta insolencia vierão para um largo diante da Casa da Camara e aly estiverão toda aquella noite obrigando a hum letrado que lhe fizesse a primeira Proposta de que vay cópia, e ao amanhecer ma remeterão, e ficou dissipado por então aquelle motim, e como tivesse esta noticia, ao mesmo tempo que me veyo a proposta, me pareceo e a alguas pessoas prudentes que aqui chamei, que se mandasse logo o Ajudante de Tenente com seis ou sete soldados a conduzir o Ouvidor pª. esta Vª por tirar daly aquelle que tinha sido a pedra de escandalo, como com effeito o executey, e como por estes tivesse a noticia de que havia ficado em socego aquella Vª. me não pareceu que devia dar mais resposta que dizer de palavra ao Mensageiro que como muitas daquellas materias pertencião a fazenda real que havia dias tinha chamado os Ouvidores para hua junta e que nelle se verião os seus requerimentos; e no dia seguinte ao de 28 esteve tudo quieto, com que fiquei entendendo que aquelle fogo se apagara e não necessitava de mais remedio que do castigo conveniente pelo atentado sucedido, passando algum tempo mas nesta mesma noute se tornaram a juntar, não com tão grande numero, como na antecedente para me obrigar a hua resposta formal.

Nestes termos o meu parecer era hir eu pessoalmente atacal-os com a companhia de Dragoens que tinha aqui de quartel, mas como no dia antes tinha mandado apalpar os moradores deste districto para saber a intenção em que estavão, e se me poderia fiar nelles, achei que todos sem discrepancia estavão uniformes na proposição de não haver cazas de fundição e que os Cabeças do motim (ainda encubertos) estavão incessantemente despachando emissarios ás duas Comarcas do Rio das Mortes e Rio das Velhas representando a varias pessoas que todos se declarassem por este interesse commum, e ainda era muito mais de presumir por varias circumstancias que isto

vinha da Comarca do Rio das Velhas, urdido por pessoa que influia tambem em hua como em outra.

Tornaram a mandar me dous Letrados por Procuradores que dizião ser obrigados por força a pedir me a resposta: com isto chamei a Eugenio Freire de Andrade, ao Ouvidor desta Comarca, e a algumas pessoas mais de que não podia haver suspeita e lhes propuz o cazo prezente para saber se esta era a ultima necessidade em que V. Mage. quer que se concedão os perdoens e a todos pareceo o que V. Mage. verá na Copia do termo incluso porque como esta materia era de grande peso, não quiz que ficasse só na minha resolução, e assentamos todos que por então se mandasse só o perdão porque factivel era que o socego e medo do castigo lhes fizesse persistir naquelle intento e lhes faria acumular proposiçoens affectadas, como erão a de não haver contractos de aguardente de Canna, de Tabaco a que chamão fumo, e de Carnes, porque nunca em tal se imaginou, e só parecião acumuladas estas propostas para fazer mais aparente a sua razão.

Dado o perdão ficou o motim *com mais força,* digo, com mayor força e hia crescendo á medida que se lhe aplicavão os remedios; juntou-se a Camara com alguns dos povos que quizerão mostrar o seu zello, e o povo os sorprehendeo na Caza da Camara e os teve prezos sem os querer soltar athé eu lhe não differir a sobredita proposta.

A dilação em que esta materia se hia pondo a persistencia do motim e as circumstancias que abaixo o direi; e o contentamento em que se achavão já todos os povos das Minas vendo que o Ouro Preto descrubrira a cara ao por-se as cazas de fundição, me deu o mayor cuidado que he possivel porque de ninguem me podia fiar nem me podia servir de nenhum homem para instrumento de socegar aquelles Barbaros, e dificilmente encontrava nenhum que socegasse todas estas Minas aballadas já com aquellas noticias que voavão por toda a parte; neste aperto consultando com Eugenio Freire, nos pareceo acertado vistas as difficuldades de se porem promptas as cazas de fundição em menos tempo que de outo ou dez *dias* digo, mezes publicar o Edital de que vay copia no qual especifiquey alguas ordens de V. Mage. chegadas nesta frota, tanto para desasombrar os povos, como para conciliar

os animos, visto ser preciso uzar nesta conjunctura de todos os meyos de os atrahir, mas, nem isto bastou para a quietação, e como o povo andasse levantado já havia quatro dias, de dia este só faria a descrição o que queria, e de noite andavão alguas pessoas principaes mascaradas, segundo o que se presume por se encubrirem e seis ou sete Frades Metendolhe, novas suggestóens, a estas Cabeças irritadas já de não lograrem o que intentarão de matar o Ouvidor e outras pessoas do seu sequito que buscaram, e entendendo que no perdão que lhe concedera por levar a clausula de V. Mag. o houvesse assim por bem, que era suggestão minha para depois os castigar, cuidavão em aproveitarse da occasião que era propria para me fazer qualquer insulto, e que segundo o que me veio avisar hum homem, não suspeitoso, a quem outro seu conhecido (que me nomeou) e que entrava nos Conciliabulos dos Cabeças, dissera que entre elles se assentara que persistissem no motim athé eu ir em pessoa a V.ª Rica, e que aly ou me farião consentir no que quizessem, ou quando não me expulsarião deste governo ou passaria a mais o seu desatino, e para enganar o povo com quem estava bemquisto que se lhe havia de sugerir que sem a minha presença não valia nem o perdão, nem as demais concessõens e que no tumulto levantarião algumas vozes com que ao povo parecesse que eu não consentia em nada para romper no desproposito que melhor lhe parecesse, e já começavão a dispor nesta forma porque em hua das noites hum mascarado para o irritar disse que eu escrevera a camara que todos os do povo estavão bebados e que quando cozessem a fornada acabaria o motim, o que tal não houve.

Entendia ao principio que seria ligeireza do homem que mo contava, ou o querer merecer comigo por aquelle avizo mas dentro de poucas horas o vi confirmado, porque a Camara que ainda estava preza me avizou que aquelle povo só lera o perdão e o Edital mas que não se dava por satisfeito sem hir pessoalmente aquella villa.

Como visse isto chamei alguas pessoas de segredo e lhe communiquey assim a carta como as noticias que tivera.

Não havia forma de fazer marchar a outra companhia para que junta com a outra ter mais força de os atacar, sup-

posto que dellas só se podiam contar em quarenta soldados por serem os demais feitos de muy pouco tempo, ainda que todos assentavão que se tal fizesse todas as minas se levantavão indubitavelmente porque entendião que eu castigava aquelles por querer estabelecer as cazas de fundição e que neste ponto todos estavão melindrosos, e levantado hua vez todo o governo, não se socegaria só sem se não estabelecerem as ditas cazas, o que arrastava comsigo consequencias muy perigosas e seria difficultosa couza a sua conquista se tudo se puzesse em armas, achando facil acesso para isto na turba multa de devedores, dos quaiz herão todos os homens principaes que não pagavão a ninguem, e a nada aspiravão com tanta ancia como ver-se livres de que houvesse Justiças nem Governadores que castigassem a sua insolencia, e tambem algumas pessoas me representavão que ainda não houvera motim nas minas dos muitos que se tem feito que por qualquer motivo que se intentasse deixasse de levar a clausula de expulsar os Governadores e Ministros; nestes termos avizei a Camara que eu disporia a hida quando me parecesse, mas no dia seguinte que era 2 do corrente veyo a esta V.ª todo o povo do ouro preto e de alguas partes do seu districto em numero de mil e tantos homens os demais delles armados, e a Camara daquella V.ª trazida pelo dito povo, mas sem os cabeças porque estes como já disse não andavão senão de noite e mascarados, mandei a Camara desta V.ª que fosse toda em corpo a ver se os podião de ter e saber o que querião, mas não foi possivel socegalos athé não chegarem a minha porta aonde se detiverão e lhe representey a sua barbaridade, tornaram a mandarme dous procuradores com nova proposta muy differente da primeira como V. Mag. verá da cópia inclusa e não quiz diffirirlhe sem primeiro ouvir alguas pessoas das que aqui se achavam e entenderão todos que aquillo já era affectação dos cabeças propondo materias contra toda a razão, só afim de me irritarem e não as concedendo obrigar o povo a prorompperem em algum desatino, ou talvez seria p.ª que vendo semelhante despropozito, mandasse atacar o povo pela Comp.ª de Dragóens e divulgar por toda a parte que fora por não consentirem nas cazas da fundição e levantar com isto todo o governo e assim uniformemente se assentou que melhor na-

quella conjunctura era conceder-lhe tudo o que pedião porque depois com o tempo se podião juntar todos os principaes, as camaras e ouvidores e tomar a rezolução mais acertada porque a que agora se tomasse com V.ª Rica não impunha a todo o governo; e que melhor era responderlhe logo com toda a brevidade para que tivesse o povo tempo de voltar para a sua V.ª porque não succedesse anoutecer e ficar nesta V.ª aonde podião vir os cabeças e fomentar o povo a fazer mil desatinos atrahindo outros a sy, e que emquanto que elle estava mais moderado dando vivas a minha pessoa, era boa occasião de me aproveitar para os mandar satisfeitos por então; esta rezolução me pareceo muy acertada, e essa tomei por evitar o perigo em que estava todo o governo com esta novidade não esperada, se bem que emquanto a fundição de todos desejada.

Este he o facto verdadeiro deste successo agora faltame narrar as circumstancias que derão principio.

§ Ja em outra carta avizei a V. Mag. algum receio que tinha de que este anno houvesse alteração neste governo a respeito de hir todo o ouro para os portos e de apertarem os credores aos devedores fortemente para que lhe pagassem antes do dia 23 de Julho em que suppunhão que se começaria a quintar, e mais se persuadirão disto vendo chegar Eugenio Freire e distribuirem se para as camaras os cunhos e officiaes da caza da fundição, mas tudo isto não fôra bastante para alterar os animos, que bem que sentidos de pagar os quintos por nóva forma, comtudo pella mizericordia divina estavão todos com socego, e publicandose o Edital da demora com que se havião de fazer as ditas cazas esperava em Deus de que os devedores (de quem mais me temia) tivessem nelle algum refugio, e se não alterassem se não houvesse tanta causa nas facilidades e imprudencias de Martinho Vieyra porque se persuadio que era dispotico nesta Comarca; e mandandoo repetidas vezes advertir das queixas que me fazião da violencia dos seus despachos, respondia publicamente que me mettesse com as armas que elle se meteria com a Justiça; isto junto com o disprezo com que tratava a todos sem distinção de pessoa parecendolhe ser assim preciso para a administração da Justiça, e repetir tão continuadamente com despachos agravantes, irritou por tal fórma a alguns dos principaes que lhe armarão

este successo para o matar, encubrindoo com a vóz do povo, e foi causa desta revolução de se moverem os animos que estavão moderados no que tocava as cazas de fundição; varias vezes mandei dizer a este Ministro que desse um mez de moratoria nas execuçoens de dividas em que se cobravão os quintos e que se moderasse com o rigor da Justiça porque athé os Ouvidores seos companheiros o notavão de tão estranho procedimento a isto me respondeu por carta sua que os Ouvidores se mettessem comsigo e que cada hum daria conta de sy e que não podia dar a moratoria em prejuizo das partes que lhe hião requerer, quando os outros Ouvidores pelo mesmo avizo a tinhão concedido.

§ Confesso a V. Magestade que não ha cousa que me console nesta materia vendo que eu tambem disposto a aceitação das cazas de fundição e que já todos antes do Edital se persuadião que não terião effeito para 23 de Julho e que passaria mais adiante, ver destruida esta fabrica pelas imprudencias e aleivezas deste Ministro as quais tivera reprimido de outro modo se acazo tivera jurisdição para isso, e o peyor he que tendo eu noticia deste motim quatro ou cinco dias antes remetilhe a carta por onde me avizavão que o querião matar dizendolhe que procurasse logo averiguar aquella materia e atalhala, o remedio melhor que achou foi reprehender a pessoa que mo avizava de me dar tal noticia, e parece que estava decretado do ceo que eu não tivesse o gosto de dar a execução as ordens de V. Magestade por semelhante successo porque na noite em que succedeo o motim tres ou quatro horas antes foi avizado o dito ouvidor por hum homem que se tinha achado no ajuste que se fazia da sua morte, e achandose com bastante gente p.ª hir prender os cabeças emquanto não tinha levantado o povo deixouse estar sem fazer deligencia algua para se seguirem depois as consequencias que tenho referido e ficarem ainda as paredes tão quentes que não dou por muito seguro que não tornem a haver outro se Deos me não acudir neste particular com a Sua Divina Providencia, e não he pouco sensivel para mim que tendo conservado athé agora este Governo em quietação, viesse hum homem no fim delle fazerme passar por este desar e por este desasocego.

A mim me parece que supposto não haja ordem de V. Mage. que declare semelhante cazo, que pelo socego publico não devo consentir que o Ouvidor torne tão depreça aquella V.ª pelo perigo que corre sua vida, e ainda mais porque se os Cabeças intentão mais algua cousa estando elle lá e matandoo, este será hum novo motivo para alterar aquelle e os demais povos e assim occorreme de presente mandalo para a Comarca do Rio das Mortes athé estes por cá tomar mayor firmeza.

E sem embargo de que por hora ficão as cazas de fundição suspendidas athé nova ordem de V. Mage. quando esta borrasca se serenar se lhe ver modo para que com algua Infantaria do Rio de Janeiro se poderem estabelecer com a força pedilla hey a Ayres de Saldanha, e mandandoma hey de fazer toda deligencia possivel por conseguilo. A caza de moeda tenho para mim que não terá tanta oposição porque todos os deste districto reconhecem o disparate do povo de V.ª Rica no que toca a este ponto mas quando lhe veja muita contrariedade nos outros animos, me parece que não seria desacerto escrever V. Mage. a todas as Camaras dizendolhe a resolução que determina nesta materia e ordenandolhe que com os homens bons procurem o estabelecimento que lhe parecer a V. Mage. mais conveniente, mas sobretudo me parece que p.ª evitar a rebeldia ordinaria deste Governo por qualquer caso particular que V. Mage. mandasse por as cazas de quintos na Bahia e no Rio de Janeiro e todo o ouro que fosse em pó para esse Reyno se quintasse e a querelas ter neste Governo sem mais forças que as presentes e sem hua mediana fortificação com dez ou doze peças de artilharia de primeira e segunda libras de balla que são as que ia, podiam subir, será muy difficultoso.

Na V.ª do Ouro Preto ha hum sitio que chamam Santa Quiteria que he o mais felix de todos para hua fortificação dominante a toda a V.ª e ainda melhor no lugar da Cachoeira que he o verdadeiro centro das tres Comarcas com campos mais limpos de mattos, o terreno menos fragozo, e he o Almazem de todos os mantimentos desta Comarca; tanto assim que se durasse mais o motim de V.ª Rica e os outros o não seguissem, dezejei hir me aLy postar com as duas Companhias e pollos em Sitio de fome para ver se assim Se moderavão.

As cartas desta frota me chegarão na ora antes do motim e com este trabalho e o incessante cuidado em que me vi quasi cinco dias por ver sossobrado este Governo, apennas tive tempo de Responder a alguas e escrever esta que não sei se ainda a encontrara.

Deus Guarde a Real pessoa de V. Mag. ms. ans. V.ª do Carmo. 3 de julho de 1720. — Conde *D. P.º de Almeyda*.

Devo a transcripção desta carta ao obsequioso e dedicado funccionario do Archivo Publico Mineiro, dr. Theophilo Feu de Carvalho, que a salvou, copiando, pois está quasi illegivel no respectivo registo.

Não permittiu a Tyrannia que no sólo mineiro repousassem as cinzas de suas victimas. Philippe dos Santos teve seu corpo esquartejado e espalhado pelos arredores da Villa Rica e de Cachoeira, para abater o ánimo viril de seus partidarios e sequazes. Os outros foram morrer exilados fóra da Capitania das Minas, nas masmorras de Lisboa, da Bahia, do Rio de Janeiro, etc.

Receiava talvez o Despotismo que do sepulcro silencioso daquellas victimas viesse um dia a se levantar o brado de vingança, que, echoando pelas serranias mineiras, accordasse os amigos da Liberdade. Mas foi em vão o seu exfôrço.

A Tyrannia deixou no sólo de Villa Rica um monumento eloquentissimo, que a lembra perennemente e ha de perpetuá-la no correr dos annos: — foi a destruição das casas que cobriam o Morro do Paschoal, denominado, desde então, — o *Morro da Queimada* !

Do brazeiro ateado alli, a mando do conde de Assumar, ficaram as paredes de pedras, que resistiram á furia vandalica dos esbirros incendiarios !

Quem vai de Ouro Preto a Marianna vê o morro que lhe fica á esquerda, na saïda de Ouro Preto, coberto com aquellas ruinas solitarias, mudas e solennes, salpicando o verde tapete de relva que o cobre. Ellas ainda alli negrejam, ensinando ás gerações que passam o que foram os dias sombrios de Tyrannia no sólo de nossa patria ! Talvez por isso, desde aquelles tempos, os Mineiros sempre detestaram o Despotismo e os seus processos e aprenderam a affrontá-los destemidos e resolutos ! *(Muitos applausos.)*

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que, antes de encerrar os trabalhos, agradece a presença do illustre e numeroso auditorio, a do representante do sr. ministro da Fazenda, convidando todos os presentes para a proxima sessão, que será a 26 de Julho, sessão que desde já póde qualificar de notavel pois que tomará posse o applaudido homem de lettras que é o sr. Afranio Peixoto.

Levanta-se a sessão ás 23 horas. — *Roquette Pinto*, 2º secretário.

QUINTA SESSÃO ORDINARIA, EM 26 DE JULHO DE 1919.

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo).

A's 21 horas abre-se a sessão com a presença dos srs. socios conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Edgard Roquette Pinto, Homero Baptista, Laudelino Freire, Solidonio Leite, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, almirante José Candido Guillobel, Nelson de Senna, commandante Raul Tavares, Alfredo Pinto Vieira de Mello, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Agenor de Roure, tenente-coronel dr. Liberato Bittencourt, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, João Ribeiro, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Arthur Pinto da Rocha, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Augusto Olympio Viveiros de Castro, Eurico de Góes e Alfredo do Nascimento e Silva.

O SR. ROQUETTE PINTO (2º *secretário*) lê a acta da sessão anterior, realizada a 28 de Junho último, a qual é, sem discussão, approvada por unanimidade.

O SR. FLEIUSS (*secretário perpétuo*) participa ao INSTITUTO que a commissão nomeada pelo sr. presidente para dar as boas vindas ao sr. dr. Epitacio Pessôa, socio benemerito do Instituto desde 29 de Março de 1901, e presidente eleito da Republica, cumpriu o seu honroso mandato.

Communica mais que a exma. sr. d. Anna Véra Monteiro Nogueira de Bormann, viuva do saudoso e illustre con-

socio marechal José Bernardino Bormann, offereceu ao Instituto, por intermedio de seu digno cunhado, o sr. major dr. Dario Castello Branco, a bibliotheca que pertenceu a seu marido. Essa collecção encerra obras de grande valor, sendo notavel a parte relativa a Napoleão I, representada por centenas de volumes.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) agradece em nome do INSTITUTO a nova e importante dadiva da exma. viuva do inexquecivel consocio sr. marechal Bormann.

O SR. FLEIUSS (*secretário perpétuo*) justifica a ausencia dos socios srs. Basilio de Magalhães, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Antonio Fernandes Figueira e Clovis Bevilaqua e communica achar-se na casa o socio effectivo, recem-eleito, sr. Afranio Peixoto, que vem tomar posse, tendo satisfeito as exigencias dos Estatutos.

O SR. PRESIDENTE nomeia a seguinte commissão para introduzir no recincto o novo socio: — Srs. Fleiuss, Roquette Pinto, João Ribeiro, Pinto da Rocha, Nelson de Senna, conselheiro Camelo Lampreia e almirante Guillobel.

(*Dá entrada no recinto, sendo vivamente applaudido, presta o compromisso e toma posse o sr. Afranio Peixoto.*)

O SR. PRESIDENTE, dá, logo depois, a palavra ao SR. AFRANIO PEIXOTO, que pronuncía o seguinte discurso:

«Si a austeridade desta tribuna comportasse a graça de um paradoxo, poderia eu agora fazer-vos um amúo de ingratidão: vossa nimia generosidade, satisfazendo a minha última ambição intellectual, tirou-me uma das razões da vida, talvez dellas a maior, que é o desejo.

Com effeito, este INSTITUTO não é só a mais austera e veneravel sociedade sábia do nosso paiz, como, si não abusa de mim o reflexo de vossa benevolencia, o centro mesmo espiritual de nossa nacionalidade. Vós sois, senhores do INSTITUTO HISTORICO, o melhor da alma do Brasil, porque sois a sua memória.

Si a Humanidade, segundo a fórmula pascaliana, é como um mesmo homem que subsiste sempre, aprendendo continuamente, através da vida, essa personalidade lhe é feita em cada momento do presente, que se escôa, pela lembrança dos

momentos que se foram e lhe formam o passado, realidade da memória, para os homens como para os povos, que constitue o mais precioso quinhão da vida.

A vida da acção ou da ambição tem ephemera e incerta existencia; só conta, perduravelmente, a memória, que cresce sempre mais e nos toma todas as faculdades e emoções, todas as saudades e orgulhos, todas as certezas e esperanças, e pela qual chegamos até esse maravilhoso sonho humano da immortalidade.

A Historia é a consciencia, em lenda, tradição, vestigio do tempo, ruinas, monumentos, escriptos, dêsse divino instincto do homem, que além da perennidade da especie conseguida pela geração, como aliás toda a natureza, logrou para si, exclusivamente, a eternidade subjectiva da memória.

Vós sois a do Brasil. Quasi nascestes com elle, quando se emancipou na autonomia, e ides, dia a dia, perseverantemente, incessantemente, vivendo a vida delle, a cada passo de suas conquistas ou dos seus exforços, para lhe recordardes adeante e sempre nos impetos de seus triumphos, ou o consolardes, alguma vez, na melancholia de suas decepções.

Aqui estiveram entre vós os que fizeram e fazem a nossa Historia. O maior delles, o mais assiduo e prestimoso dos vossos consocios foi o mestre e o educador do Brasil adolescente, na eschola da liberdade constitucional, dentro da ordem e da tolerancia, quando em tôrno de nós campeava o caudilhismo com as depredações dos assomos apaixonados, com a tyrannia dos costumes violentos. Sem elle, não teriamos escapado ao mau destino do resto da America Latina. Certamente que estivestes attentos ás razões pelas quaes, na maior reunião das nações do mundo, nós que não tinhamos todos os direitos que podia conferir a activa belligerancia, fomos cotados logo depois das grandes potencias immediatamente interessadas no conflicto universal. Foram declinados: tinhamos mais de oito milhões de kilometros quadrados de terra, haviamos mais de vinte e quatro milhões de gente, e foramos, attentae bem, foramos um imperio. Não era essa última vantagem apouctada uma fórmula politica, que preferisse tal regime a tal outro, no momento mesmo em que democracias

republicanas investiam contra o cesarismo autocrata. Tinhamos sido um imperio, que governára Pedro II quasi meio seculo, durante o qual volveramos a vida livre, próspera, feliz, na tranquillidade da paz interna, na polidez da boa sociedade internacional; haviamos sido educados politicamente para grande nação, papel a que eramos chamados nesse momento augusto, quando todas as nações se reuniam para corrigir os maus costumes de um mundo violento.

Essa Historia do Brasil que elle fazia na acção, reunia-se convosco para fazê-la subjectivamente na memória, dando-vos sempre, e d'ahi por deante, esse prestígio crescente que tendes e augmentará cada vez mais na consciencia nacional.

Si nelle posso concretizar todo o glorioso passado do INSTITUTO HISTORICO, em vós, sr. presidente, impeccavel modêlo de grande homem de bem, vós, sr. orador, sublime voz desta illustre instituição, que realizastes o ideal de Catão, quando propriamente vos definiu, como aos mestres reaes da eloquencia, o «vir bonus dicendi peritus», cuido que legitimamente resumo todo o grande INSTITUTO HISTORICO de hoje.

Si a essa justiça me fôsse licito junctar, em personalidades representativas de benemerencia dos demais, a gratidão que vos devo a todos por egual, eu nomearia o nosso querido secretário perpétuo, a providencia omnipresente e omnisciente que vela sôbre o INSTITUTO, e não exqueceria, é dever tão caro a meu affecto neste instante, o eminente jurisconsulto, relator do parecer que me deu entrada aqui, que me preparou a glória dêste dia, cuja grandeza e cuja bondade são tão excelsas, que se dirá delle que tem genio até no coração.

Por isso mesmo, por tudo isso, olhando para mim, em um momento de implacavel sinceridade, é que me foi difficil acertar com as razões da vossa escolha e da minha alvoroçada acquiescencia ao vosso chamado. Não sou historiador, nem geographo, e talvez no que tenho escripto se encontre alguma irreverencia de sceptico a esses graves objectos de cogitação humana. O amor á verdade tem os seus ousados e os seus timidos, uns que confiam e se declaram, peremptorios, outros que desconfiam de si, e por isso fingem desconfiar della. Não vos direi que é uma attitude ardilosa a dêstes, porque lhes é imposta pela natureza de suas secretas emoções, mas dizem-me que a

Fortuna, tambem mulher, prefere esses indecisos, que pouco presumem de si e que ella soe acariciar, entretanto, com as suas infimas animações. O certo é, quanto mais me cresce o scepticismo, de tudo, — das Lettras, da Sciencia, da Arte, mais me cercam as blandicias e os affagos das faculdades, escholas e academias, dos que pontificam e se exalçam nesses templos daquellas divindades.

Não foram, porém, as minhas innocentes ironias sôbre a Historia que me trouxeram aqui. O INSTITUTO teve seguramente motivo menos contradictorio, em chamar-me ao seu gremio. Como a vossa delicadeza não me corrigirá a interpretação, della abuso, procurando uma que me fique bem, sem destoar da severa compostura dos vossos habitos. Permitti que vos lembre rezarem os vossos Estatutos, desde os primeiros, de 1838, que além dos mistéres de colligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos necessarios á Historia e Geographia do Brasil, vos haveis imposto tambem o dever de promover os conhecimentos dêstes ramos de ensino público, de os divulgar em cursos, conferencias e publicações, para a educação nacional. Não só os geographos e os historiadores têm, pois, assento devido aqui, sinão tambem os didactas, os professores ou escriptores, todos aquelles que fazem objecto de suas cogitações — a terra e a gente do Brasil.

Ora, o número dêstes é consideravelmente maior que o dos outros, e com ser diversa a preoccupação ou o endereço de seus exforços, não é elle menos importante aos fins que vos propuzestes. Como me consentireis que tenha as minhas preferencias, dir-vos-ei que, si dou o melhor do meu respeito aos vossos labores de chronistas e chartographos, reservo as minhas inclinações á obra de educação nacional, associada á de construcção scientifica que para si guardou, e desde os seus primordios, o INSTITUTO HISTORICO.

Em uma velha nação organizada e cuja evolução social se tenha perfeito, certamente que não haverá logar sinão para sábia academia entre analyses e pesquisas, syntheses e reconstrucções, geographicas e historicas, com que devassar o passado e exclarecer o destino dos povos. Para um paiz novo, em crescimento, quasi ainda na adolescencia, estas funcções definitivas não bastam.

Talvez que me referindo ao Brasil devesse dizer na infancia, porque será presumpção suppormo-nos tão crescidos como isso. Apesar de, no seculo XVIII, tão refinado e polido, um dos seus espiritos mais prodigos, em França, o abbade de St. Pierre, considerava a humanidade como muito nova, e, comparando-a a um homem, attribuia-lhe apenas uns septe annos e meio, a edade em que alvorece a razão. Fontenelle que o ouvia, mais que octogenario, perguntou-lhe: — Que edade me daes, então? Dez annos talvez! — Não sois nada presumido... respondeu-lhe o visionario. Com effeito, o velho academico pretendia estar assim avançado de muitos seculos sôbre a Europa culta dêsse tempo.

Consolemo-nos de nossas cans: o Brasil está ainda, talvez, no berço; quando muito já se revela o menino prodigio que ha de ser. E como hoje em dia se educa até antes do nascimento, na Eugenia e na Puericultura, mistér lhe será um educador. Não diminuirei os meritos do nosso INSTITUTO, dizendo-vos que assim como o vosso augusto consocio, o imperador, foi o nosso educador politico, vós, a instituição que elle fez á sua imagem, herdou tambem as suas virtudes, com que vai cumprindo o seu longinquo designio desde 1838, educando o Brasil para todas as responsabilidades.

Essa missão educadora do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO, tão principal, a meu ver, é entretanto, a mais exquecida quando, para vos agradecer a generosidade, vos relembram os neophytos que acolheis, os vossos meritos. Consentireis que nella eu insista.

Guardando piedosamente as nossas tradições, colligindo, estudando, publicando todos os documentos que ides pesquizando, encontrando, conhecendo, prestaes á nossa nacionalidade em formação o maior serviço, numa épocha em que, distrahida a actividade do povo para os interesses immediatos, elle não os poderia conseguir, e só procuraria mais tarde, a más horas, quando muitos destruidos e outros deturpados, sem os lograr mais nas condições propicias á construcção de sua propria Historia. Como nos lares piedosos e amantissimos, as vossas reliquias lembrarão ao Brasil, na sua maioridade, todos os seus passos incertos e exquecidos, em que a vigilancia, o

cuidado, a dedicação de innumeraveis Brasileiros patriotas velaram pela grandeza em formação de nossa nacionalidade.„

Vós, além disso, vos constituis em uma eschola, a mais alta e a mais ampla do civismo brasileiro, porque aqui o culto dos grandes homens e dos grandes feitos, estímulo e orgulho das gerações que vêm chegando, se professam e se professarão, desinteressada e nobremente, para a educação das gentes dêste paiz. Não contentes em serdes o escrinio precioso de mil e um documentos de inestimavel valor, publicaes na vossa *Revista*, que é já um archivo e uma bibliotheca de nossa Historia, as « Decades do Brasil », como que as suas « Memorias », onde elle se reverá adeante, nos dias mais gloriosos ainda de sua madureza, nos fóros originarios de sua fidalguia, na certidão de seu legítimo baptismo civilizado, na promessa milagrosa que foi desde os seus primeiros passos, para essa maravilha que hão de ver os posteros assombrados.

« Dado ao mundo por Deus, que todo o mande
« Para do mundo a Deus dar parte grande ».

Si um dos vossos endereços vos traz do passado, o outro vos conduz ao futuro. Aquella antinomia achada por Mackinder, entre a Geologia e a Geographia, creio que melhor se appplicará a esta e a seu reverso, a Historia. A Geographia será assim a sciencia do presente, explicada pelo passado; a Historia, a sciencia do passado, que explica o presente. Apenas esse presente é tambem indefinido, vai adeante, com o se accrescentar minuto por minuto, de geito que não é uma affirmação de outiva dizer que a Geographia é a mais esperançosa das sciencias humanas. Permittireis que eu me justifique, não para vos convencer, mas para vos louvar.

Si das sciencias da natureza nenhuma educa melhor o homem no senso da sua relatividade, na succeesão indefinida dos phenomenos, a um tempo abatendo-lhe a emphase com o lhe demonstrar a absoluta insignificancia, « bicho da terra tão pequeno », como diria o poeta, no meio do immenso universo, e entretanto lhe exalçando o orgulho por lhe ser dado pesá-lo, medí-lo, conhecer-lhe a composição e a marcha, a origem e a decrepitude — do que a Astronomia, nenhum outro como a Geographia nos educa nas realidades prácticas da vida, no en-

dereço humano da existencia, do homem a quem Deus permittiu um jardim de delícias, ou de tormentos, a Terra, segundo o uso que o seu conhecimento souber fazer della. Esse conhecimento é, portanto, o enigma mesmo da felicidade, que lhe cumpre estudar e decifrar.

No estudo da Geographia estão todas as incognitas humanas.

Viu-o, primeiro, Hippocrates: é a terra que faz os viventes, é a terra diversa que produz asiaticos e europeus. As raças, como o corpo, os costumes, a preguiça, a covardia, o trabalho, a coragem, tambem os diversos governos dos homens; em geral, tudo o que cresce sôbre a terra, participa das propriedades da mesma terra. Athenodoro, o mestre de Strabão, observara que o homem é producto do seu meio; das vantagens e inconvenientes de territorio vem a fortuna e a miseria das nações. Paizes ferteis, homens indolentes; paizes pobres, homens robustos: formulára Herodoto, que Platão e Aristoteles repetem e commentam. Plinio crê que á aspereza do clima se prende a resistencia dos povos do Norte. Quinto Curcio é mais explicito, fallando dos habitantes do Caucaso, quando affirma que a rudeza dos logares produz a rudeza dos espiritos. Attribue Vitruvio a intelligencia subtil e penetrante dos meridionaes ao ar e ao calor de suas terras; gazes e vapores humidos fazem espesso o espirito da gente do Norte. Cicero mostra como os costumes vêm principalmente da natureza do logar: «Cartaginenses fraudulenti et mendaces non genere, sed natura loci»; «Ligures montani duri atque agrestes»; «Campani, semper superbe bonitate agrorum et fructum magnitudine, urbis salubritate descriptione pulchritudine». E' o céo tenue de Athenas ou carregado de Thebas, que faz a differença entre Atticos e Beócios: Horacio o assegura:

«Bœotum in crasso jurares ære natum».

Já na Edade Média Ibn-Kaldum não podia comprehender Historia sem Geographia, que a explica, e, antes da Historia dos Berbéres, a que se propunha, escreveu os seus monumentaes «Prolegomenos», trez volumes *in-folio*, que são o estudo da terra, seus climas, suas várias regiões, suas raças,

alimentação, costumes, tradições e tendencias destas. Não dissentiram os modernos. Bodin viu que os grandes exercitos é potencias vinham do Norte; as sciencias contemplativas e transcendentes do Meio-dia. Dos Egypcios engenhosos e subtis, lembra Charron, provieram Moysés e a civilização grega. Fénelon recorre a uma imagem: certas regiões, mais que outras, favorecem certos talentos, como as fructas; os figos e as uvas são mais doces e maiores na Provença que na Normandia. Rousseau viu nos paizes quentes uma tendencia ao despotismo. Montesquieu precede Comte, fundando a Sociologia, dando-lhe por fundamento a theoria do meio. A Historia da Civilização, com Buckle, tem base physica. Para Taine, arte, sciencia, litteratura, tudo é determinado pelo meio e suas derivações, no espaço e no tempo, a raça e o momento. Não escapam as mesmas religiões. Edmond About viu que ellas são crueis nos paizes aridos e sujeitos a cataclysmos: suaves, entretanto, no dizer de Raynal, nos paizes amenos. A idéa de um Deus, Espirito, Jehovah, Christo ou Allah, nasceu do deserto, conclue Edgard Quinet, porque o deserto, assevera Renan, é monotheista.

Nem a virtude e o vício resistiram. Para volver ao Brasil, eu vos lembraria a malsinada apathia de certos Brasileiros, a louvada parcimonia dêsses mesmos nossos patricios. Já no-los descreveram, sentados indolentemente sôbre os calcanhares, á porta do rancho, pitando descançados o seu cigarro de palha, cuspinhando para o lado, o olhar baço que mira sem ver, quasi em modorra, tanto sem acção nem pensamento.... Ou então, em uma arrancada, sôbre alazão, por montes e valles, cerrados e catingas, campeando o barbatão, dias de exfôrço e de lucta heroica, apenas com um punhado de passóca e um gole d'agua. Tiram d'ahi conclusões definitivas sôbre o Brasil todo, e de sempre, preguiçoso e inerte para uns, sóbrio e soffredor para outros.

Não querem ver o clima, esse irremediavel, não querem ver principalmente a educação do homem, que a necessidade ha de forçar, si outros homens clarividentes não lh'a impuzerem e que tudo póde mudar. Em uma atmosphera quente e sêcca qualquer movimento faz calor e torna afflictivo o já inaturavel, do meio; é necessario um outro regime ali-

mentar, — é o que a natureza lhe ensina da sobriedade para a acção nesse meio; outros habitos de vida, para contrariar e vencer tal disposição do clima. A prova é que esses mesmos tabaréos inertes dos sertões, levados á Amazonia, contra aguas desatadas, miasmas infinitos, provações sem conta, em uma epopéa de exfôrço e conquista, como nenhum outro homem seria capaz de fazer, nos desbravam e adquirem o «inferno verde» para a civilização nacional.

Não só para comprehender e acudir á nossa gente é necessario conhecer a nossa terra; o estudo da Geographia é hoje, como sempre, indispensavel á prosperidade e á grandeza dos povos. O mundo sempre foi dos que souberam e sabem Geographia: Helenos, Romanos, Ibéros e Batavos, outr'ora, hoje Inglezes, Germanos, Japonezes e Americanos... Estes, não só quando se aventuram pela Oceania ou pela Europa, nas demonstrações armadas ou nas empresas commerciaes, sinão, principalmente, quando com tempo e sem tregua, tomam conta de sua terra, devassando-a por todos os lados, conhecendo, inventariando, applicando todos os recursos dos seus lagos, rios, montanhas, florestas, quédas d'agua, como estudando o subsólo, explorando-lhe as jazidas de hulha, petroleo, ferro, cobre, prata, ouro, fazendo toda a prosperidade incalculavel do povo mais rico do mundo.

Não emitto uma proposição aventurosa, dizendo que a razão principal dessa fortuna consiste no desenvolvimento incomparavel conseguido nesse paiz pelos estudos geographicos e seus consectarios, especulativos e applicados, geologicos, mineralogicos, metallurgicos, agricolas e economicos.

Não o estudo verbal, nominativo apenas, que aprende de cór e recita como ladainhas as noções geographicas, nos seus termos esdruxulos e barbaros, mas a Geographia descriptiva de Verenius, naturalista de Humboldt, generalizadora de Ritter, comparativa de Perchel, humana de Ratzel, que não exquece a extensão dos phenomenos, a sua ubiqua coordenação ou a sua mutua dependencia, a sua causalidade necessaria, onde a natureza do sólo, seu relêvo, o clima, a vegetação, os estabelecimentos humanos se concertam, se comparam e se explicam, nas razões de ser e para as finalidades devidas da applicação, Geographia moderna — como a ensinam Suess,

Lapparent, Vidal de La Blache, Guyot, Wagner, Dubois, Brunhes, de Mortone... O livro d'« Os Sertões », de Euclides da Cunha, é monographia, em grande estylo, dessa nova Geographia.

O « Curso na Sorbona» , de Arrojado Lisboa, delle foi a nossa primeira expressão didactica, como aqui as licções de Alberto Rangel e Gastão Ruch, neste INSTITUTO. Ensaiou-lhe Delgado de Carvalho um compendio brasileiro, gloriosamente precedido pelas versões melhoradas de Wappaeus e Réclus por Capistrano de Abreu e Ramiz Galvão.

Na « Rondonia », de Roquette Pinto, está uma das suas revelações mais fortes e impressionantes. Temos pois os precursores: outros virão e já estão tardando.

Como a Historia — com que conserva e evoca o passado, — é a Geographia a sciencia que prepara o futuro da patria pela posse de si mesma, na de suas riquezas naturaes — a outra cogitação dêste INSTITUTO. Numa educação que vai por deante, e já vai datar de um seculo, elle recordará aos Brasileiros desattentos que, vindos de muito longe, do Archeano até o começo do Secundario, existiu um vasto continente, a Terra de Gondwana, que occupava a maior extensão descoberta do planeta, da Australia ás Indias, á Africa, attingindo, no outro extremo, o Brasil. Mais tarde, já no Terciario, começa a ruina dêsse mundo; o Pacifico permeia no Oriente e envolve a Australia; o Oceano Indico separa as Indias, da Africa, que o Atlantico isola do Brasil. Desde ahi, apenas áquem do Terciario, adquirimos a nossa autonomia continental. Levantam-se os Andes submersos; o mediterraneo entre os macissos guiano e brasileiro se aterra e, quasi enxuto, dá ainda assim a bacia colossal do Amazonas. Preme de perto o Atlantico as nossas orilhas, e se exalça o littoral da nossa terra, tal como é agora, para receber pelo tempo afóra seculos sem fim, a sua Flora, a sua Fauna, a sua humanidade primitiva.

Esse passado infinito não conta, entretanto, para a Civilização, que usa de outros calendarios. Recomeçamos. Vera Cruz, Sancta Cruz, Terra dos Papagaios, Brasil, colonia portugueza, autonomia politica, imperio, republica... Ainda resta por adquirir a independencia economica... e, muito mais

tarde, a soberania intellectual... Cumpre, como aconteceu outr'ora com a Gondwana occidental, dar-lhe tambem essas liberdades completas.

Porque nos viu mofinos sem conseguirmos aproveitar a terra milagrosa que nos coubera, um sabio europeu affirmou que na pompa de nossa natureza não havia logar para o homem; outro, menos decisivo, com ironia mais dolorosa, perguntou si era mesmo essa gente digna da terra que possuia.

No dia em que aprendermos a conhecê-la, e então a soubermos amar e lograr, a resposta que é preciso dar, será dada. Nesse dia, que almejo muito proximo, não exqueceremos que o INSTITUTO bem contribuiu para isso, pois que foi o nosso primeiro e maior mestre de Historia e de Geographia, como que o educador da nossa nacionalidade, para esse glorioso destino, que nos espera...» (*Calorosos applausos.*)

O SR. PRESIDENTE dá a palavra ao orador perpétuo do INSTITUTO, SR. RAMIZ GALVÃO, que pronuncía o seguinte discurso:

«Exmo. sr. presidente. Dignos collegas. Sr. dr. Afranio Peixoto — Quiz a minha boa fortuna que, no exercicio desta honrosa funcção, me coubesse o grande prazer de saudar o novo e nobilissimo companheiro, que hoje transpõe o limiar desta officina de trabalho. Esse prazer, folgo de o declarar, é sincero e duplo: nasce primeiro da gratidão ao professor illustre que já um dia, entre outros, me cumulou de obsequio generoso e captivante; em segundo logar procede da satisfacção íntima de interpretar o sentimento desta Companhia, que abre de par em par suas portas a um dos formosos talentos da nova geração, — talento que mais uma vez se acaba de revelar na erudita oração por todos nós attentamente ouvida e coroada de fervorosos applausos.

Começastes, honrado collega, por um gracioso paradoxo, accusando-nos «de vos haver tirado uma das razões da vida, talvez dellas a maior, que é o desejo», visto que satisfizemos a vossa última ambição intellectual.

Dizei-nos, porém, com sinceridade: si o INSTITUTO HISTORICO é, como gentilmente affirmates, «a mais austera e veneravel sociedade sábia do nosso paiz, o centro mesmo espiritual

da nossa sociedade», era acaso licito que ella deixasse no esquecimento o distincto Brasileiro, que traz na fronte os louros de scientista emerito, os da Arte litteraria como escriptor insigne, e ainda os de professor acatado e applaudido em suas preciosas lições de Sociologia e Moral?

Si o desejo é uma das razões da vida, sr. dr. Afranio, nós tambem o tinhamos de vos ver ao nosso lado e... menos platonicos, mais realistas do que o auctor da «Esphinge» e da «Maria Bonita», só nos poude contentar a suprema alegria de possuir o thesouro.

Ahi está o motivo da eleição. A vós vos embevecia o sonho do desejo; o INSTITUTO só se deleita com a presença real, effectiva, do companheiro desejado.

Não nos leveis a mal tamanho egoismo e, de pazes feitas, caminhemos d'ora avante unidos, estreitamente unidos, hombro a hombro na mesma fileira, hoplitas da mesma cohorte, obedientes ao mando daquelle «impeccavel modêlo de grande homem de bem», como acertadamente o chamastes, e vivendo a vida de trabalho patriotico, de que são outros tantos modelos os nobres soldados desta sancta cruzada, que aqui nos cercam.

Confessastes ha pouco, illustre collega, que no vosso espirito lavra o «scepticismo de tudo, — das Lettras, da Sciencia, da Arte» e que se vos afigura extranho que, «quanto mais cresce esse scepticismo, mais vos cercam as blandicias e os affagos das faculdades, escholas e academias».

Parece-vos o caso extranho: mas a razão é obvia, e só a vossa singular modestia a desconhece: é que nem as faculdades, nem as escholas, nem as academias acreditam nessa infermidade da alma, que toda a vossa bella vida contradiz.

E' claro, clarissimo, que similhante scepticismo não é aquillo que o grande Lacordaire definiu: «la maladie d'un petit nombre d'esprits dépravés». Tambem não é a dúvida systématica da eschola de Kant, que se negava a affirmar a realidade objectiva das concessões da nossa razão, não considerando as verdades necessarias sinão como fórmas subjectivas do entendimento. Não, não é. Si me permittis a interpretação, eu direi: o vosso culto espirito, avido de saber, de

attingir á perfeição, de conhecer a razão última das cousas e dos phenomenos, — duvidando sempre do exito obtido e das conquistas realizadas, deseja naturalmente mais e melhor.

Mas este septicismo é adoravel; é forçosamente o que impera no espirito do primoroso artista, do sabio consciencioso e honesto, do professor insigne que discute na sua cathedra os problemas da vida social.

Este scepticismo é o creador das obras mais bellas e mais perfeitas; é o apuro de Buffon, emendando cem vezes o manuscripto de sua « Histoire Naturelle »; é a exigencia de Montesquieu, levando 25 annos a compor o seu « Esprit des Lois », é o escrupulo de Petrarcha que, segundo se affirma, alterou 45 vezes um unico verso. Do grande Virgilio é fama que esteve a poncto de lançar ao fogo a sua « Eneida », tão descontente ficára do trabalho, em que aliás, consumira 11 annos de vida. Nicolau Poussin, á proporção que envelhecia, sentia-se possuido do « desejo de se exceder a si proprio ». Newton, o immortal Newton, disse algures que « em toda a sua vida não fizera mais do que apanhar algumas conchas nas praias do grande Oceano da Verdade »; — elle que descobrira as grandes leis da attracção universal, achava pouco e de somenos valor o presente régio que fizera á Sciencia!

Pois bem. Esta dúvida salutar de si proprio, que produz o anceio pela perfeição e pela verdade, — esta fórma de scepticismo é a vossa, prezadissimo e illustre confrade. Com ella podeis continuar a faina de sabio e de artista, porque isso nos garante novos primores, novos e saborosissimos fructos do trabalho, a que votaes a existencia.

Em vossa brilhante oração inaugural, procurando o motivo por que vos chamámos a este gremio, julgastes encontrá-lo simplesmente na vossa qualidade de professor, visto que o Instituto Historico tem por egual dever « promover os conhecimentos da Historia e da Geographia patrias, e divulgá-los em cursos, conferencias e publicações para a educação nacional ».

Para esta obra, que é meritoria sem dúvida, confessaes de facto inclinação.

Permitti-me dizer a este proposito, que o predicado excelso de mestre não foi o unico titulo capaz de vos recom-

mendar á nossa admiração, mas concorreu de certo, ao lado de muitos outros, para o unanime applauso com que aqui vos recebemos.

Problemas de alta relevancia, ninguem o ignora, se offerecem aos Brasileiros patriotas. Ha o problema economico a reclamar cuidados urgentes e solertes; ha o magno problema do saneamento para libertar a população sertaneja de inimigos insidiosos, que depauperam o seu organismo, fazendo-o incapaz de trabalho e debil para as luctas da vida que a civilização reclama.

Tudo isso está a pedir a cooperação activa dos altos representantes da Administração e da Politica, bem o sabemos. Mas a obra mais patriotica, senhores, a de mais premente necessidade no Brasil, tenho-o dicto cem vezes e não cansarei de repetir, é a obra da educação nacional que, corrigindo os erros e lacunas do presente, preparará os operarios do futuro para a construcção do templo da nossa grandeza e prosperidade.

O analphabetismo de facto atraza o progresso da nação e nos degrada perante o mundo; os vicios lamentaveis da instrucção secundaria e superior debilitam a geração actual para as luctas do porvir; o visivel enfraquecimento dos sãos principios da moral, deante da seductora miragem dos prazeres, a que não resiste facilmente a inexperta mocidade, prenuncia decepções e desastres.

O vosso enthusiasmo pela obra da educação nacional e pois bendicto e vos realça a nossos olhos. Tudo, tudo depende essencialmente dessa campanha e dessa victória, como fonte, preciosa de incalculaveis beneficios, de estimulos nobres, de ensinamentos intellectuaes, moraes e politicos, indispensaveis á geração, que tem de receber o nosso legado e de conduzir a Patria querida aos seus gloriosos destinos.

Lucidamente affirmastes, portanto, que é «principal» esta missão educadora do INSTITUTO HISTORICO, e tudo em vós assegura que neste particular podeis e haveis de nos prestar o concurso valioso de vossas luzes. São palavras de um de vossos livros: «o que nos cumpre é preparar hoje o Brasil de amanhã, — educar o Brasileiro de agora para lhe dar uma consciencia de si, e portanto dar a todos uma consciencia nacional». E mais adeante, fechando com chave de ouro esse

mesmo livro, dissestes ainda: « Os povos ignorantes e por isso imprevidentes abdicam de si nos outros, e votam-se á servidão e ao desapparecimento.

« Um Brasil próspero e eterno, que honre a cultura greco-latina, as tradições lusitanas, a sua propria Historia, das quaes deve ter legítimo orgulho, — que propague e cultive a lingua portugueza, da qual é depositario e já hoje o maior responsavel, deve ser para começar « um povo instruido e educado ».

« Só ha um caminho para a conquista da Natureza, dos homens, de si mesmo: « saber ». Não ha outro meio de o conseguir: « querer ».

Este, preclaro collega, é o vosso programma e é tambem o nosso. Não conheço conselho mais são, nem róta mais segura a seguir.

Acabamos de ouvir egualmente os bellissimos e eruditos conceitos, que enunciastes sôbre o estudo da Geographia, sciencia « que nos educa nas realidades prácticas da vida, e cujo conhecimento é o proprio enigma da felicidade que nos cumpre estudar e decifrar ».

Exclarecido hygienista, recordastes com primor a acção dos climas sôbre o destino e valor dos povos, que vivem sob a sua influencia; sociologo reflectido e perspicaz, accentuastes que o estudo do meio é sempre indispensavel á prosperidade das nações; não o mero estudo verbal, que decora nomes sem interesse e sem fructo, mas o da Geographia-sciencia, aquella que Littré chamou um dos olhos da Historia, — essa que prepara realmente o cidadão para aproveitar todas as riquezas do sólo, que a Providencia lhe deu, e em que pullulam fartos elementos de grandeza e prosperidade.

E' dest'arte, effectivamente, e não com estultas pretensões de superioridade que convidam á inacção, — é dest'arte que o Brasil, o nosso amado Brasil, poderá conquistar a independencia economica e mais tarde a soberania intellectual, que justamente lhe ambicionaes, e que para todos nós é fervoroso anhelo.

Vinde pois, caro patricio, cooperar aqui para esta grande obra do patriotismo com o vosso amor ao trabalho, com as

luzes do vosso privilegiado espirito, com essa bondade natural e meiga, que a todos encanta e seduz.

Na *poeira da estrada* confundamos os nossos passos e as nossas labutas, — e fio que entre companheiros e admiradores não haja um só, que não bendiga o dia feliz, em que vos congregastes a esta caravana sagrada.

Si não fosseis filho daquella benemerita Bahia, patria fecunda de oradores e poetas, diria eu que vindes da Héllade encantadora, das vizinhanças da gloriosa Athenas, das encostas floridas do Hymetto, cobertas de serpão e tomilho, onde as abelhas fabricavam o delicioso mel celebrado por Varrão, Plinio e Columella, — taes são o encanto, a graça, o valor de quanto haveis produzido e de quanto dizeis.

E já agora, que os nossos braços se abrem para accolher com applauso e com amor o glorioso alumno da lendaria Athéne, deixae que eu remate estas breves palavras com a saudação hellenica, que traduz fielmente nosso sentir: «Asmenois emin éthes» — vens a quem jubiloso te recebe». *(Calorosos applausos.)*

O SR. PRESIDENTE diz que o SR. DR. DELFIM MOREIRA, vice-presidente da Republica em exercicio, participou que visitará o INSTITUTO amanhã, Domingo, 27, ás 13 horas. Convida para auxiliarem a directoria na recepção de s. ex. os srs. Pedro Lessa, Miguel de Carvalho, Viveiros de Castro, Solidonio Leite, Afranio Peixoto, Antonio Olyntho, Alfredo Pinto e commandante Raul Tavares.

Levanta-se a sessão ás 22 ½ horas. — *Roquette Pinto,* 2° secretário.

SEXTA SESSÃO ORDINARIA, EM 12 DE AGOSTO DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

Á's 21 horas abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios, srs. conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Edgard Roquette Pinto, Manuel Cicero Peregrino da Silva, cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Alfredo Pinto Vieira de Mello,

Agenor de Roure, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Basilio de Magalhães, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, Afranio Peixoto e conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia.

O SR. ROQUETTE PINTO (2° *secretário*) lê a acta da sessão realizada a 26 de Julho último, a qual é, sem discussão, approvada unanimemente.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que a data de 12 de Agosto recorda o fallecimento do grande Brasileiro que se chamou Luiz Pedreira do Coutto Ferraz— VISCONDE DO BOM RETIRO —, cujos serviços á Patria são de todos conhecido, tendo sido o 3° presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cargo para que foi eleito na assembléa geral de 21 de Dezembro de 1875 e exerceu até o dia de sua morte em 1886. Na acta da presente sessão figurará um voto de profunda saudade pelos preciosos trabalhos do insigne patricio.

O SR. FLEIUSS (*secretário perpétuo*) justifica a ausencia dos consocios srs. Solidonio Leite, Homero Baptista, Laudelino Freire, Viveiros de Castro, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Eurico de Góes.

O mesmo SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO lê o seguinte offício do sr. marechal dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro:

«Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1919. — Exmo. sr. conde de Affonso Celso, presidente perpétuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Tenho a honra de communicar a V. Ex. que a Conferencia dos Delegados dos Governos Estaduaes, ora reunida nesta Capital para proceder ao estudo das questões de limites, tendo conhecimento da resolução adoptada pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, no sentido de accompanhar, por uma commissão, todas as iniciativas pertinentes ás dictas questões, resolveu unanimemente convidar essa laboriosa e douta instituição a tomar parte nos respectivos trabalhos, fazendo-se nelles representar pela alludida commissão.

A Conferencia espera que a collaboração do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que V. Ex. dignamente preside, dando maior auctoridade e efficacia aos trabalhos a que

se vai consagrar, contribuirá poderosamente para que os litigios existentes sejam, em futuro não remoto, resolvidos sob a mais perfeita cordialidade e harmonia.

Aproveito a opportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos de minha alta estima e mais distincta consideração. — *G. Thaumaturgo de Azevedo*, presidente.»

O SR. PRESIDENTE nomeia os seguintes socios para representarem o Instituto nos trabalhos indicados pelo sr. presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, srs. Manuel Cicero, Antonio Olyntho e Basilio de Magalhães.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) diz que a 27 de Julho último, vespera de deixar o cargo de presidente da Republica, que exercia interinamente, se dignou o SR. DR. DELFIM MOREIRA de visitar o INSTITUTO, tendo percorrido todo o edificio, examinando as várias secções e deixando no LIVRO DOS VISITANTES as seguintes linhas: «VISITEI O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO E LEVO DE SUA ORGANIZAÇÃO EXCELLENTE IMPRESSÃO».

O INSTITUTO, por intermedio de uma commissão, foi agradecer a s. ex. a honrosa visita e o digno SR. VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA reiterou a boa impressão que teve.

O SR. FLEIUSS (*secretário perpétuo*) communica que a commissão para dar as boas vindas ao SR. DR. EPITACIO PESSÔA, presidente da Republica e socio benemerito do Instituto, desde 1901, cumpriu o seu honroso mandato, e que o SR. SOLIDONIO LEITE assistiu, por parte do INSTITUTO, á posse de s. ex.

O SR. PRESIDENTE diz que o INSTITUTO fica inteirado.

O SR. ROQUETTE PINTO (2° *secretário*) diz que a commissão nomeada para cumprimentar o sr. general CANDIDO RONDON, pelo facto de sua chegada a esta Capital, cumpriu a grata incumbencia.

O SR. PRESIDENTE diz que o INSTITUTO fica tambem inteirado.

O SR. FLEIUSS communica achar-se na casa o socio effectivo SR. JONATHAS SERRANO, eleito a 24 de Maio último e que, tendo cumprido as exigencias regulamentares, vem tomar posse.

O SR. PRESIDENTE nomeia uma commissão composta dos srs. Fleiuss, Roquette Pinto, Manuel Cicero, Basilio de Magalhães e Araujo Viana, para introduzir no recincto o novo socio.

(Dá entrada no recincto, presta o compromisso dos Estatutos e toma posse o sr. Jonathas Serrano.)

O SR. PRESIDENTE dá a palavra ao SR. JONATHAS SERRANO, que profere o seguinte discurso:

— «A fórma subtilissima do amor proprio, a quinta-essencia da vaidade é por sem dúvida simular abatimentos e de tal geito a si propria se dissimular, que logre illudir aos mais prudentes e delles arrancar os applausos e o louvor. A vaidade humilde fôra o paradoxo concretizado, a contradicção feita realidade tangivel. O prodigio, porém, se não dá, que as humildades dos vaidosos são mera hypocrisia e refalsadissimos embustes e, ao cabo, é tudo vaidade e grande vaidade, sôbre todas vaidosas. A Deus não praza que tal se vos afigure o sentimento inspirador destas minhas phrases. O que ides ouvir, egregios mestres, é o proprio verbo do coração.

E no entanto a mim me parece, pezar desta sinceridade, que vos descubro leve sorriso de sceptica discreção. E' que porventura vos lembra aquillo do profundo philosopho de Clermont Ferrand, que é certo uma das mais efficazes fórmulas contra a presumpção: «Tão radicada está no coração do homem a vaidade, que um soldado, um trolha, um cozinheiro ou um mariola se jacta e quer ter seus admiradores; e os mesmos philosophos os querem; e quem escreve contra, quer ter glória de ter escripto bem; e quem o lê quer ter a glória de o haver lido; e eu que estou escrevendo isto, tenho acaso esta ambição; e talvez aquelles que me derem a mim...» As palavras de Pascal, eminentes confrades, em sua terrivel psychologia, devem tornar mais cautos os proprios prégadores de humildades e modestias.

Aquelle, a quem ora fazeis a honra maxima e immerita desta recepção, procura contudo exquecer alguns momentos a sua inopia ante o generoso, o quasi perdulario de vossa magnanimidade; tenta olvidar, por breves instantes, que é discipulo, para que ouse alçar a voz neste cenaculo da sciencia;

exforça-se por desintegrar de sua synthese mental a noção perturbadora e inhibitoria da propria responsabilidade, apenas deixando, insulada e estimulante, no campo da consciencia, a imagem seductora da gratidão. Baldado exfôrço, diligencia improficua!

Não consegue a mesma sinceridade do sentimento vestir siquer a pobreza mendicante da idéa, nem á pallidez anemica desta micrologia logram dar illusões chromaticas de vida as proprias côres vivas da emoção.

Não é, senhores, que esteja a esmoer vocabulos para vos affirmar tão somente que não sou vaidoso, todo envaidecido aliás de não ter vaidades. Desvanecedora é certamente esta hora; e não fôra a desproporção entre o quamanho do premio e o desvalor do premiado, havia este de sentir vehementes estimulos de jactancia.

Não me illudo, porém, generosos mestres. Bem sei o que visastes facultando-me ingresso á vossa illustre Companhia. E já agora será este o thema do meu exordio, que outro não vejo que melhor se lhe ajuste e aqui mais perfeitamente se enquadre.

Ainda este anno, em sessão memoravel, na Faculdade de Medicina, aquelle que todos nos orgulhamos de ver e escutar como orgão official e incomparavel ao sentir do nosso Instituto, o nosso erudito e eloquente orador o exmo. sr. barão de Ramiz Galvão, recordava, em sua phrase sempre castiça e communicativa, as seducções que as glórias do magisterio haviam desde cedo exercido em seu espirito de escol. «Pensava já então, — são palavras suas — pensava já então, como penso ainda hoje, que não ha na sociedade missão mais nobre, mais patriotica, mais veneranda, do que a do mestre, o qual tem qualquer cousa de divino.» E proseguindo, o nosso eminente orador cotejava artistas e mestres, para concluir pela excellencia dos que illustram e educam a juventude, transmittindo-lhe o vivo fogo do patriotismo e do amor á sciencia, preparando pelo concurso desta a grandeza da Patria e o bem da Humanidade. Ouçamo-lo ainda: «O mestre é o grande factor do progresso e das glórias das nações: a sua obra avulta no tempo, propaga-se a gerações successivas que vão amontoando thesouros e erguendo a passo

lento esse admiravel monumento do saber humano... Ensinar é fecundar, desenvolver, aviventar as faculdades superiores dadas ao homem por Deus: é dar luz aos cegos; é abrir horizontes novos e amplos ao nauta inexperto... O divino Jesus, Redemptor da Humanidade, que fez na vida terrena sinão ensinar, pela palavra e pela acção? Entre os doutos, no templo, na Synagoga de Nazareth, nas parabolas, no admiravel sermão da montanha e em tantos outros, foi sempre o Divino Mestre...»

Essas palavras, senhores, eu as comprehendo e as saboreio com verdadeira delícia intellectual. São o echo moderno e christão do que já no V seculo da éra antiga, na capital da Attica, affirmara, de palavra e exemplo, o extraordinario Socrates. Conta-nos Platão em sua *Apologia*, e Xenophonte nas *Memoraveis*, que os accusadores do grande Atheniense lhe exprobraram o não participar da Politica. Elle, porém, pensava com razão que a Politica não é a fórma de servirmos o Estado, sabia que mais difficil e mais fecunda é a missão do educador, que prepara cidadãos para o nobre e arduo exercicio do poder. «Socrates, diz um dos seus biographos, não tinha necessidade de participar dos cargos publicos para servir a cidade; sem quebra do dever, podia combater nas fileiras obscuras do exército, confundido com a multidão dos soldados, e permanecer simples cidadão; sua missão não era a de governar a communidade, e sim a de paciente trabalhar no aperfeiçoamento dos individuos: assim não servia apenas a sua patria, mas toda a humanidade.»

Quando, illustres confrades, uma profissão social póde apresentar apologistas quaes o Divino Mestre e o mais admiravel dos grandes vultos da philosophia, por dispensavel temos encomiá-la e pôr-lhe em relêvo a incomparavel funcção social.

Pequeno, modesto, minimo — tendes hoje presente a hypothese — poderá ser o funccionario; a funcção, porém, é maxima, augusta, grandiosa. Independente, até certo poncto, do que a exerce. Até certo poncto, sublinhe-se, porque suppõe e exige, mais do que propriamente raros dotes intellectuaes, a vontade bem orientada, o vivo sentimento, a chamma communicativa do enthusiasmo.

O ensino, aliás, não é — qual pensa muita gente de polpa — dever penso do mestre, passiva audição de alumnos. Intercambio de idéas e experiencias, é obra collectiva e commum de discentes e docentes. A melhor maneira de aprender é ensinar. A observação erasmiana é, e será sempre, um theorema psychologico de quotidiana demonstração.

Eu vos comprehendo, pois, eminentes confrades: em um dos mais obscuros obreiros acertado vos pareceu exaltar o nobre e arduo mistér.

Ademais, no sempre crescente e illimitavel ambito do saber humano, a disciplina que professamos entre todas se extrema verdadeiramente singular.

Sciencia e arte, narrativa e descriptiva, colorida e animada, difficillima por um lado e por outro accessivel a todas as intelligencias, positiva e philosophica, é susceptivel dos mais variados conceitos e das mais encontradas definições. Testimunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestre da vida, intérprete da antiguidade, no dizer ciceroniano; geographia do tempo, segundo Réclus; sciencia de civilização conforme definição recente, estudá-la é, bem como affirma Bossuet «abranger com o pensamento quanto ha de grande entre os homens e segurar, por assim dizer, o fio de todas as questões do universo». Nem outro é o sentir de Monod ao defini-la como «o conjuncto das manifestações da actividade e do pensamento humanos, considerados em sua successão, desenvolvimento e relações de connexação ou dependencia». Tentativa de reconstituição, na serie dos seculos, da vida integral da Humanidade, justifica, até certo limite, a synthese hyperbolica de Michelet: «A Historia é uma resurreição».

Não é que nos illudamos, suppondo possivel, em toda a plenitude, essa reconstituição. Sem o minimo vislumbre de paradoxo, licito fôra retomar o já algures escripto e sustentar que de certo modo o Grego genial não claudicou ao affirmar que ha na Poesia mais verdade que na Historia. Já sem fallar da antiga, hoje mesmo que ha crítica, e methodos rigorosos, quanta dúvida, quanta controversia, quanto problema insoluvel! Estamos perto do facto, E' a paixão que nos cega, o interesse que nos daltoniza, a falta de perspectiva no tempo

que nos impede de abranger o conjuncto. De longe, é a difficuldade de julgar através do alheio testimunho, indirecto e tambem mais ou menos apaixonado. Ha carencia de informes? Tacteamos. Grande cópia delles? Nem siquer sabemos, ás vezes, seleccionar. Só as grandes linhas são definitivas. Napoleão foi derrotado em Waterloo, em 1815. Mas a minúcia irritante, a responsabilidade ou a innocencia de Grouchy?

Dir-se-á porventura: Que importa a minúcia? E' certo as ha, e infinitas, que pouquissimo ou nada valem para a apreciação do facto em synthese: mas não raro as ha tambem characteristicas, altamente significativas, exponenciaes, e por isso, si controvertidas, torturantes da nossa paciencia investigatriz.

Ha em nossos conhecimentos historicos, observa Monod, certa parte de inevitavel incerteza; e precisamente o objecto do methodo historico é perquirir os meios de circunscrevêla, para lograr a verdade mais perfeita possivel. Essa inevitavel parte de subjectividade e hesitação tem dado azo a que muitos pensadores, e alguns de tomo, neguem o character de sciencia á nossa disciplina; como si acaso a propria Mathematica — e Poincaré não me deixará aqui sem advogado, não fôsse passivel da pecha de incerteza e controversia. Que dizer então da Sociologia? Mas, perdoae, illustres mestres, que não é agora o momento de vir compendiar toda a argumentação do philosopho inglez na «Introducção ao Estudo da Sciencia Social».

Certo a Historia não é inflexivel Geometria que tudo permitta prever: nem tampouco simples successão de incidentes fortuitos, apenas regidos pelo acaso. E', sim, uma sciencia *sui generis*. E Lahr o reconhece: «O dominio da Historia são os factores passados que, por conseguinte, já não podem ser observados directamente. Ora, ser passado ou presente não é character intrinseco inherente á natureza do facto, mas simples differença de posição relativamente a um dado observador».

A Historia, observa Monod, offerece de particular que, seja embora sciencia de factos, não é sciencia de observação; pelo menos não o é sinão no que concerne ao exame das fontes...»

Encarada á luz da verdadeira critica, ensinada conforme os preceitos da sã Pedagogia, não sei como se lhe possa recusar

o mais alto valor educativo. A realidade é a melhor mestra dos costumes, dizia Oliveira Martins na primeira página da sua Historia de Portugal, e affirmara linhas atraz, reaffirmando páginas adeante, que a Historia é uma licção moral. «Nos vicios e nas virtudes, nos erros e nos acertos, na perversidade e na nobreza dos individuos que foram ha um exemplo excellente.»

Não julgueis, porém, eminentes mestres, que subscrevendo taes conceitos vemos no passado humano uma simples Ethica em acção. Nem o exaggêro de Renan — a Historia é um escandalo permanente no poncto de vista moral —, nem o extremo opposto dos que tentam explicar o destino dos povos unica e exclusivamente pelos seus vicios e virtudes, abstrahindo dos outros elementos que concorrem para a fôrça e fortuna das nações. Mas si a moralidade aqui não está em vermos sempre os tyrannos punidos e os cidadãos virtuosos glorificados, não ha negar que a Historia nos revela a existencia de leis sociaes, a que não logram os povos subtrahir-se impunemente.

E' a sciencia educativa por excellencia, na phrase de Desdevises du Dezert et Brehier, pois colloca o espirito em presença da propria vida em sua infinita variedade, em seu infatigavel renovamento. E ainda Langlois & Seignobos não contestam a íntima união e reciproca dependencia da Historia e das sciencias sociaes; estas, graças á observação dos factos presentes, facilitam-nos a comprehensão dos de outras eras; aquella dá-nos preciosas informações acêrca da evolução humana e permitte-nos melhor julgar a actualidade.

Mas quão longe isso está daquelles processos exhaustivos da memória, em que o passado humano era apenas, para o misero estudante, nomenclatura e chronologia, dynastias e campos de batalhas, intrigas de côrte ou biographias de heroes.

Já felizmente existem numerosos docentes convencidos de que a unica Historia que tem valor práctico é aquella a que Spencer propunha chamar-se Sociologia descriptiva; e que o melhor serviço do historiador, ao relatar a vida das nações, é colligir material para a *Sociologia comparada*.

Despida desta feição social, a Historia será apenas deleitavel assumpto de folgados ocios, ou mera satisfacção de inutil curiosidade. Que licção advirá para o joven estudante que é

capaz de repetir as peripecias dos amores de Zeus, ou o nome dos que commandavam em Marathona, mas ignora o estado social anterior a Lycurgo, assim como a origem e as funcções do Areópago? São exemplos de Spencer; facillimo fôra multiplicá-los, escolhendo á farta nos proprios programmas officiaes. Perdoae a quem tem vivido até hoje a ensinar, a ver si ao menos assim aprende um pouco, a remoer tanto o assumpto.

«Veja-se, escrevemos já algures, o que se dá com a Historia patria, desde o curso primario. Que adeanta ao alumno saber de cór a lista dos governadores geraes, cada qual com as suas respectivas datas, a da posse e a da terminação do periodo administrativo, si lhe não derem noção exacta do valor maior ou menor, ás vezes quasi nullo, de cada governador? Saberá a criança *como* fundaram o Rio de Janeiro? *Por que* foi creado o Governo geral na Bahia? Qual o papel de Anchieta na obra da catechese do gentio e da moralização da nascente colonia? Ou ainda, para variar de exemplo que vale no capítulo da abolição, dar trez ou quatro datas, sem descrever o que era entre nós o captiveiro, como se originou, qual a situação do escravo em nosso meio social, a vida nas fazendas, o progresso da idéa abolicionista, a opposição, as vicissitudes, o triumpho e as consequencias?

Nos programmas dos cursos secundarios, em que a Historia desde 1854 figura como preparatorio indispensavel á matricula nos cursos superiores, mais ainda importa que se lhe dê ao ensino essa feição social. Estudar a evolução dos aggregados humanos, desde a familia patriarchal até ao estado moderno; ver demonstrado o character insophismavel da sociabilidade; a exigencia natural de uma auctoridade dirigente; os regimes da propriedade; a situação progressivamente mais importante do operario; a participação cada vez maior da mulher no movimento social; o desenvolvimento das relações internacionaes; a consciencia dia a dia mais forte da solidariedade humana: que vasto programma e que magnifica iniciação!

Pelo que temos dicto e por muito mais que poderiamos ainda aqui desenvolver, não fôsse o receio de transpor os limites extremos de vossa longanimidade, resulta patriotica ao

poncto mais alto, admiravel e digna de todo o applauso e auxilio, a obra ingente dêste Instituto.

Dos dias de Regencia aos da Republica, de 21 de Outubro de 1838 até hoje, com mais de quatro quintos de seculo, é sem contestação possivel um dos mais legitimos e solidos motivos de ufania para o nosso meio intellectual. A sua *Revista*, cuja collecção é só por si uma bibliotheca de 130 volumes, as suas multiplicadas iniciativas patrioticas, o magnifico Primeiro Congresso de Historia Nacional e o proximo e imponente Congresso Internacional de Historia da America, em 1922, esplendida commemoração do centenario da nossa Independencia, a creação e desenvolvimento da Academia de Altos Estudos, hoje Faculdade de Philosophia e Lettras, cujo vastissimo programma encerra potencialmente o de uma Universidade, — tudo são provas irrefragaveis da singular benemerencia, do fino senso patriotico desta insigne Companhia. E quanto mais lhe tento medir a altura, mais se me radica no ánimo a convicção de que, si ha pouco affirmei que me elegeram como representante, ainda que minimo, de indefesso amor á docencia, grande foi o desacêrto, que nesta aula de mestres só posso ingressar qual timido discipulo.

Já agora, porém, não ha recuar. E quanto posso e devo fazer é procurar supprir, com o calor da emoção e os surtos da boa vontade, as deficiencias insanaveis do entendimento. E', aliás, o que venho fazendo, ha 17 annos, que tantos são os que tenho vivido a cortejar a formosa Clio, cuja pulchritude corre de par com a gelida indifferença, com que tracta os seus pretendentes, que a todos seduz e a nenhum jamais totalmente se entregou. Desculpae ainda a pequena vaidade da revelação de tão longos amores, e já que se não tracta de publicar a certidão de baptismo de nenhuma dama, o que fôra imperdoavel delicto, deixae que me inscreva entre os benjamins do Instituto, pois — si eu tivesse ambições politicas tão desmarcadas (e vos juro que não n'as tenho) e me suppuzesse por inoffensiva phantasia tamanha fôrça politica a poncto de poder aspirar a honra excepcional de assentar-me entre os padres-conscriptos —, ainda neste 1919 não poderia ser, que m'o vedaria, entre outras 999 razões de pêso, aquella exigencia de edade do art. 30 da Constituição Federal...

Não me consta que jamais fôsse dos vossos estylos tractar aqui como sóem fazê-lo outros sodalicios dos mais conspicuos, dos patronos proprios a cada uma das cadeiras, nem que obrigado esteja o recipiendario, siquer em ligeiro escorço, a analysar entre laudes a obra do seu especial protector. Licito, porém, me seja phantasiar que entro aqui sob o patronato de dous vultos eminentes, dispares na vida, assás dissimilhantes na morte, deseguaes em tudo, excepto na communhão sublime do amor illimitado á patria em que nasceram. Que os elegesse paranymphos, não só o explica o vínculo da consaguinidade, quanto a um, e da affinidade, relativamente ao outro, mas ainda e sobretudo a circunstancia muito de meditar que na deseguealdade, na quasi perfeita antinomia de suas existencias, ha uma profunda licção.

Vêde o primeiro, ardente, joven, estuante de ideaes, precursor entre rotineiros e accomodaticios, centro de irradiação de idéas, alma de uma revolução. Septe annos persevera, tenaz, na propaganda republicana. Em 1814, quando regressa de uma de suas multiplas viagens, a sua volta aviva a chamma revolucionaria. E' que elle falla e age com a persuasiva obsessão dos apaixonados. Viajado, rico, intelligente, instruido, liberal e sympathico, fogoso e audaz, adquirira no tracto dos homens finos que frequentara na livre Inglaterra o encanto da polidez não effeminada e a superioridade, que aos dotes naturaes ajuncta a observação de outras terras e outras gentes. A sua casa, no Recife, está sempre aberta e de mesa posta, para accolher em agapes fraternos os que amam a liberdade.

Vêde-o, pouco depois, figura primacial do movimento republicano de 1817, agir intrepido, temerario mesmo, supprindo pela audacia illimitada a mesquinhez dos recursos da revolução. Ei-lo derrotado, preso, garroteado, coberto de insultos, no porão do *Carrasco*.

Pouco depois é a Bahia do conde de Arcos o carcere tenebroso, o processo summarissimo, as angustias de incerteza, a condemnação enfim. Agora é a partida para o Campo da Polvora entre os soldados e os curiosos, ao lado de outros dous socios de martyrio: José Luiz de Mendonça e o padre Miguelinho. Mas vêde bem que Domingos José Martins não treme nem recua. — Vinde, exclama para os soldados, vinde cumprir as

ordens do vosso sultão, eu morro pela liberd... E, si a palavra magica expira inacabada, é que mão de freira lhe tapa a bocca insurgente.

Mas eis o campo fatal, o pelotão alinhado para o fuzilamento, os derradeiros aprestos para o sacrificio supremo. Domingos José Martins não hesita: — Fogo! E já é cadaver aquelle que ainda ha pouco, intimorato ao supplicio, encarava sobranceiro, a escolta d'El-Rei.

Tal é, senhores, o primeiro dêsses padrinhos que haveria eu de escolher, si me concedesseis para tanto o livre alvedrio. Martyr da idéa republicana, superior em varios aspectos ao proprio heroe da Inconfidencia, não lhe foi propicia largo tempo a justiça da Historia. Amesquinharam-lhe as intenções, negaram-lhe o talento, contestaram-lhe até a cultura. O mesmo berço, andaram a transportá-lo d'aqui para alli, do Espirito Sancto para a Bahia (e este como outros erros indesculpaveis, ainda se lê em compendios officiaes), e até, em recente affirmação impensada de illustre cultor das lettras, mais para o Norte, para o proprio Pernambuco. O suspeitissimo Tollemare, seu desaffecto por motivos interesseiros, foi largo tempo a fonte quasi unica, onde iam beber historiographos demasiado credulos a lympha intoxicada dos juizos deprimentes de Martins. Nem lhe faltou a accusação de fallido por fraude... Todas essas miserias estão cabalmente refutadas em páginas da vossa *Revista*.

Louvado seja Deus, que já hoje se reconhece o alto valor moral do heroe de 17, e por occasião do glorioso centenario, faz dous annos, vozes houve eloquentes que lhe tributaram o devido louvor.

Vêde agora o contraste: o segundo paranympho não morreu pela Republica, mas, ao envés, delle se póde affirmar que viveu só para o Imperio. Da sua fecunda existencia todos os melhores exforços foram em pról da causa monarchica. Justo é dizer que foi, não *um* amigo, mas o amigo do imperador. Nem por isso é despicienda, que muito ao contrário, a sua obra de verdadero patriotismo. Fórmas de govêrno bem sabeis que são cousa secundaria para quem olha de mais alto os phenomenos sociologicos.

Conheceis os versos famosos:

> The forms of government let fools contest,
> Whatever is best administered is best.

Theoricamente, estou em que se possa demonstrar a excellencia de uma dada fórma governativa. Tal é, para mim, a hypothese quanto á Republica. Practicamente o melhor govêrno é o que mais attende ás justas exigencias do meio social num dado momento de seu desenvolvimento historico. Isso, aliás, é um *truismo.*

Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, visconde do Bom Retiro, que em vida conheceu as maiores e mais ambicionadas honrarias, jaz ha muito em injustissimo olvido. Raro lhe vemos citado o nome e relembradas as benemerencias. De muitissimos outros, entretanto, não compares no merito, é frequente ler e ouvir louvores hyperbolicos. Ainda uma vez se verifica o quanto é improporcional ao valor do individuos a extensão, que possam acaso ter os seus panegyricos.

Recentemente foi o nome de Bom Retiro recordado na imprensa, incidentemente, a proposito da publicação de interessantes notas, até então inéditas, de um canhenho intimo de Victor Hugo. Divulgou-as, pela *Revue des Deux Mondes,* de 15 de Dezembro do anno transacto o sr. Louis Barthou, ex-presidente do Conselho de Ministros e membro da Academia Franceza. Desde 1820, mui joven ainda, o grande poeta contrahira o hábito de annotar em páginas diarias factos, assumptos, versos e perfis. Os cadernos de 56, 57, 61, 72 e 77 são preciosa mina de aureos veios, e delles o último descreve as visitas de d. Pedro II, a 22 e 29 de Maio. Nessa data o imperador foi conviva do auctor de *L'Art d'être grandpêre.*

Eis um trecho da ephemeride preciosa: «29 de Maio. Voltando á casa, encontrei o imperador do Brasil que vinha jantar commigo. Estava accompanhado do visconde do Bom Retiro, que elle me apresentou dizendo: Trago-lhe meu amigo. Bom Retiro é um homem muito distincto...»

Sim, minhas senhoras e meus senhores, este é o qualificativo que melhor se lhe ajusta. Ha os distinguidos, que não raro, e para seu opprobrio, não são distinctos; ha tambem os

distinctos, que, por affrontosa iniquidade, nem sempre são os distinguidos; mas ainda, mercê de Deus, ha os afortunados, os mimosos da ventura, que sôbre serem distinctos, que é na verdade o quasi tudo, logram ainda ser distinguidos, o que afinal é sempre alguma cousa. Distincto e distinctissimo o foi de veras Bom Retiro. Distinguido e mui distinguido não deixou de o ser, e ainda mais o teria sido, si o tivesse ambicionado e a tal se não houvesse opposto a sua mesma inconfundivel distincção. Quando facillimo lhe estava ao alcance o marquezado e, porventura, o proprio ducado, quedou-se modesto e satisfeito como visconde. E a singular estima do nosso Marco Aurelio, que o extremava, era-lhe obstaculo que por último o incompatibilizava para as justas politicas e lhe impunha aos nobilissimos melindres systematica esquivança ás elevadas posições officiaes.

Nem assim poude fugir á sua fulgente predestinação. Desde os bancos academicos a fortuna o elege e o consagra. Nascido no Rio de Janeiro, aos 7 de Maio de 1818, matriculado na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1834, ei-lo bacharel em 1838 e doutor em 1839. Ouvira as prelecções de Brotero, Antonio Maria de Moura, Carneiro de Campos, Cabral, Falcão pai, Pires da Motta, Manuel Dias, Manuel Joaquim, Anacleto e Silveira da Motta, cathedraticos, ou dos substitutos Francisco Bernardino Ribeiro, Chrispiniano e Ramalho. Dirigia então a Faculdade o senador Vergueiro. Eram 21 os estudantes da turma do 5º anno, e delles defenderam these, além de Pedreira, Francisco Maria de Sousa Furtado de Mendonça e Joaquim Antonio Pinto Junior.

A 25 de Outubro de 39 Luiz Pedreira do Coutto Ferraz era nomeado substituto; mais tarde, em 58, seria promovido a cathedratico, jubilando-se em 1868. Nesse intervallo, porém, quantos cargos importantes exercidos e que immensa actividade politica e administrativa ! Longa é a simples enumeração.

Presidente da provincia do Espirito Sancto em 46, da do Rio de Janeiro em 48, deputado geral por aquella á 7ª e 8ª legislatura e por esta á 9ª 10ª e 11ª, ministro do Imperio em 53, no 12º gabinete; senador pela mesma provincia do Rio de Janeiro, apresentado em 66 e escolhido em 67, junctamente com Francisco Octaviano; ainda em 67 membro do Conselho de Es-

tado, e agraciado com o titulo de barão do Bom Retiro, em [illegible] elevado ao de visconde com as honras de Grandeza. Nem está completa a enumeração: o conselheiro de s. m. o imperador, o conselheiro de Estado, o veador de s. m. a imperatriz, o gentil-homem da imperial Camara, o secretário do Conselho de Estado, o senador e grande do Imperio, o doutor em sciencias juridicas e sociaes, o lente cathedratico da Faculdade de Direito de S. Paulo, o inspector geral da Caixa de Amortização, o presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, o membro das sociedades Auxiliadora da Industria Nacional, de Acclimação do Rio de Janeiro, o correspondente da Sociedade de Acclimação de Paris, o commissario do Governo em multiplos institutos, o official da Imperial Ordem do Cruzeiro e da Rosa, o gran-cruz da Ordem de Christo do Brasil, o gran-cruz da ordem de Leopoldo d'Austria e da Conceição de Nossa Senhora da Villa Viçosa de Portugal, o grande official da Legião de Honra da França, foi ainda, egregios confrades, e mui grato nos é hoje relembrá-lo, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Era ministro do Imperio — assim o refere Franklin Tavora no seu elogio historico, inserto no tomo XLIX da nossa *Revista*, 4º trimestre do anno de 1886 — era ministro do Imperio, quando foi votado o parecer que concluia pela sua admissão na qualidade de socio correspondente (sessão de 14 de Septembro de 1855). O mesmo parecer concluia pela admissão de João Francisco Lisboa, uma das maiores auctoridades da nossa Historia, como attesta o célebre *Jornal de Timon*, que attrahiu sôbre seu auctor justa fama e glória. Já de ha muito Pedreira dava mostras de que a nossa associação attrahia a sua attenção. Além dos seus relatorios remettia para a bibliotheca do Instituto obras e documentos... Requerendo-lhe o Instituto a nomeação de uma commissão scientifica incumbida de proceder a estudos nas provincias do Norte, elle organizou-a de accôrdo com as bases formuladas pelo Instituto, fornecendo todos os instrumentos, alguns valiosissimos e nunca vistos no Brasil... Logo que as suas numerosas occupações lhe deram folga, começou a comparecer ás nossas sessões, facto que muito influiu para que entrasse na commissão de redacção da *Revista Trimensal* em 1859. Eleito vice-presidente em 1865, passou a

presidente de 1876, por morte do douto marquez de Sapucahi e nesta qualidade se ausentou para sempre do nosso Instituto, deixando dignificada pelo seu alto prestigio a cadeira... na qual se sentara em segundo logar aquelle marquez e em primeiro o sabio visconde de S. Leopoldo.» E Franklin Tavora sublinha nos discursos de Bom Retiro «a amabilidade e cortezia fidalga, que teve em todas as suas relações com a sociedade».

Distinguido e distincto, Pedreira não póde ser analysado minuciosamente em seus multiplos aspectos nas rapidas phrases de um discurso como este, que já me pesa immenso, benevolos confrades, de tornar duplamente enfastiadiço, pelo desprimor da fórma e pelas dilatadas proporções. Hei de o fazer em breve, si o permittir Deus, em páginas mais amplas e repousadas, que bem o merece o meu paranympho, e copiosa é já a provisão de informes que tenho enceleirada. Baste por agora relembrar, em fugitivo escorço, a exclarecida e benefica influencia de Pedreira em todos os ramos da administração, promovendo o progresso material e intellectual da patria.

Intrepido ante a invasão da cholera em 1855, de tudo cuidou com abnegação e competencia: enfermarias, ambulancias, commissões médicas, providencias a favor da pobreza... D. Pedro e seu ministro visitavam os enfermos nos hospitaes, com maiores fructos do que os resultantes de conselhos, precauções e outras medidas meramente verbaes.

Foi em verdade um gabinete brilhante o de Septembro de 1853: além de Pedreira, ministro do Imperio, eram Paraná, presidente do Conselho, Nabuco de Araujo na Justiça, Abaeté na pasta de Extrangeiros, substituido em 1855 pelo visconde do Rio-Branco, na Guerra Bellegarde e depois Caxias, que em 1856, por morte de Paraná, assumia a presidencia do Conselho; na Marinha Bellegarde, e logo Rio-Branco, e depois Cotegipe e de novo Rio-Branco; na Fazenda successivamente Paraná, Abaeté, Cotegipe interino e Cotegipe effectivo. Que nomes esses, illustres consocios, que nobre orgulho recordá-los! O *ministerio da conciliação* foi o trabalho heracliano de Honorio Hermeto, coroado, logo após a victória, com a propria morte.

Quando chamado para ministro, Pedreira já patenteára excelsos dotes de administrador, quer no Espirito Sancto, quer

no Rio de Janeiro. Abertura de estradas, catechese e civilização dos indios, combate á variola pela vaccinação systematica, e acima de tudo a applicação desvelada ao problema do ensino público, eis o que se nos depara ao analysarmos os actos de Luiz Pedreira do Coutto Ferraz em ambas as provincias.

Edificante é a leitura de seus officios e relatorios. No dia 7 de Fevereiro de 1847 pede remessa urgente de laminas de fluido vaccinico, afim de combater a epidemia de bexigas, que no Espirito Sancto causa então grande mortandade, e recommenda que os enviem «bem acondicionados».

No de 20 de Abril de 1847 expõe os obices encontrados na tentativa de recenseamento exacto da população: «Os habitantes se occultam e fogem de prestar aos inspectores de quarteirão as listas de familia, deixando sobretudo de mencionar os filhos com receio do recrutamento...» No de 5 de Maio participa que se vai ausentar por breve prazo da capital afim de ir até o Rio Doce, conhecer por sua «ocular observação» essa importante zona da provincia que lhe está confiada, e poder melhor informar a assembléa provincial na proxima reunião e dar providencias a bem da prosperidade do municipio e dos que lhe ficam em caminho». São minúcias significativas: *ex digito gigas*.

A angustia do tempo não permitte aqui transcrever o que Pedreira em seus lucidos relatorios expõe acêrca do ensino público: o atrazo lastimavel da instrucção nas provincias que presidiu, as reformas suggeridas e realizadas, os exforços coroados não raro de feliz exito.

E tudo isso com aquella fidalga amabilidade e espirito conciliatorio, em que foi sempre modelar. Em Março de 1848 escrevia elle: que havia 15 mezes que estava na presidencia do Espirito Sancto e «cada vez mais penhorado para com os filhos da provincia, por tão constantes e positivas provas da mais subida estima e distincção». Ao entregar, em 1 de Agosto do mesmo anno, o govêrno ao dr. Antonio Pereira Pinto, o vice-presidente José Francisco de Andrade Almeida Monjardim accentua que a provincia «continúa a gozar perfeita tranquillidade e seus habitantes a dar provas de muito respeito ás instituições juradas». E accrescenta: «Essa harmonia (V. Ex. relevará que eu aproveite a opportunidade para pagar um tri-

buto de gratidão e reconhecimento como filho da provincia) é um dos muitos e importantes serviços que prestou o ex-presidente dr. Luiz Pedreira do Coutto Ferraz».

No Rio de Janeiro, a administração de Bom Retiro não desmentiu o que della se esperava.

Direi apenas que, graças ao regulamento que expediu a 14 de Dezembro de 1840, a frequencia escholar duplicou: em 48 fôra de 2.637 alumnos; em 49 subiu a 3.474 e em 50 já era de 4.240. Nem mais diremos por agora, pois si foramos a acompanhar Pedreira, na abertura de estradas e outros melhoramentos, estou que me havieis de severamente punir por haver excedido os limites de um discurso de recepção.

Ministro, Bom Retiro attende simultaneamente aos mais variados problemas. A Agricultura o preoccupa sempre, as plantas o attrahem, pelo que valem e podem produzir. Interessante é no caso a carta de Herculano Ferreira Penna, existente no Archivo Nacional e datada de Barra, aos 14 de Dezembro de 1854, dando conta a Pedreira da remessa de 17 pés de bombonaça e declarando que não logrou ainda obter mudas nem sementes da planta chamada *bombagy*, de cuja palha se fabricam chapéos similhantes aos denominados do Chile.

«Genio essencialmente creador, diz Franklin Tavora, os nossos maiores interesses acharam nelle, sinão o primeiro, um dos seus principaes promotores.» Inspirando-se no que de Bom Retiro escreveu Porto Alegre, um dos orgãos da imprensa resumiu assim os seus serviços: «A primeira via-ferrea construida no Imperio, as de Pedro II, de Pernambuco, da Bahia e de S. Paulo, a renovação dos contractos da Companhia de Navegação do Amazonas, das linhas de paquete por vapor para o Sul e para o Norte, os contractos das linhas ferreas, para o Jardim Botanico e para a Tijuca, a estrada União e Industria, a transformação das calçadas desta cidade, o contracto para o serviço de exgôtto, a reforma da instrucção primaria e secundaria, das faculdades de direito e de medicina, da do commercio, da Academia de Bellas Artes, do Conservatorio de Musica, a creação do Instituto dos Meninos Cégos attestam a capacidade do ministro... Foi o conselheiro Pedreira quem primeiro mandou um musico estudar á Europa e foi ainda quem mais ocoroçoou a creação da ópera nacional.»

Deixae-me sublinhar, egregios cultores da patria histó-ria, que de 1854 em deante, isto é, com a reforma Bom Retiro, passou a Historia a ser exigida como preparatorio indispensavel á matrícula nos cursos superiores do Imperio.

Escutae o que de Pedreira escreveu um dos mais primorosos estylistas nossos, em formosas páginas inéditas, que tenho a honra e o fino prazer intellectual de aqui publicar. Na pobreza indigente dêste discurso, fulgem adamantinas e inestimaveis, e são o que vos posso offertar hoje de precioso, porque são minhas, sem terem sido escriptas por mim. «Dando-nos a conhecer os bons, Deus parece consolar-nos, mas tambem nos entristece. Consola-nos dos máos, entristecendo-nos, porque dêstes mais aprofunda as differenças. Conheci um bom: Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, visconde do Bom Retiro... amigo proximo e distante de d. Pedro II, proximo pela excepcional affeição dêste distante pela discreção de um hábito sincero e altivo, teimando em não se considerar querido...

«Raro o vi, continúa Escragnolle Doria (e não havia quasi mistér citar o nome de quem tão nitidamente se denuncía auctor de trechos de tal venustade) — raro o vi na sua chacara do Engenho Novo, mas tive muitos ensejos de conviver com elle na Tijuca, bairro alpestre, do qual sempre gostou sobremaneira. Costumava residir em uma casa da Floresta nacional na Tijuca, no sítio da Solidão... Em certas tempestades, ás quartas e sabbados, o visconde tomava uma caleça nas cocheiras do Peres, na raiz da serra tijucal. De tarde apresentava-se na base da ladeira, que conduz da Cascatinha Taunay á Floresta, ladeira ingreme, martyrio de burros, vascolejo de cocheiros e de conduzidos. Os muares do Peres não tinham meios para confessar desespêro sinão empacando e resistindo com os ossos a todas as ponderações contundentes do chicote. Fôrça era resfolegar. Depois de um quarto de hora ou de 20 minutos de repouso, suado e abençoado, lá ia caleça para cima, a trancos e barrancos, até desapparecer no plano superior da estrada.

Minha familia veraneava com frequencia no seu sitio avoengo da Cascatinha... Annunciada a caleça do visconde, com a quasi inevitavel escala, vinhamos recebê-lo, convidá-lo para descançar, o que quasi sempre recusava, observando: «Muito lhes agradeço, mas seria demasiado incómmodo, vou de

sége». Este «vou de sége» em fins do segundo reinado tinha especial sabor de expressão, remontava ao seculo XVIII, ao qual por tantas feições pertencia Bom Retiro, embora nascido em 1818...

Finda a estrada da Cascatinha, na chacara do barão de Mesquita, entra-se na Floresta da Tijuca, na qual se acha a Solidão. E' valle no fundo do qual haviam pausado a casa habitada, de vez em quando, por Bom Retiro, o amigo das plantas, das quaes se não limitava a contemplar as bellezas, mas a indagar-lhes das utilidades, como tantas vezes demonstrou na sua vida e na sua acção de administrador.

A Solidão era um gabinete de trabalho abafado no matto. Pedreira ahi trabalhava longe da cidade, dos importunos, dos pedidos, das cartas de empenho, da empregomania, das pretensões absurdas.

Uma vez vi saïrem da Solidão dous humildes que representavam bem o fructo do labor de Bom Retiro escondido do mundo.

Pela mesma estrada, saïram do sítio um soldado de cavallaria de linha e um criado do Paço ambos cavalgando, sobraçando pastas: o soldado, uma do Conselho do Estado, o criado outra, em cujo dorso luzia a corôa imperial. Era Bom Retiro, repartido entre a nação e o soberano, mourejando para ambos.»

Nem isso é exaggêro, minhas senhoras e meus senhores: de Pedreira se póde affirmar sem êrro que viveu dividindo-se e multiplicando-se, nesse insaciavel desejo de agir, que singulariza os verdadeiros patriotas.

Percorra-se-lhe a correspondencia, e de onde quer que escreva a cada periodo resalta a constante preoccupação das cousas do seu Brasil. Na collecção de cartas dirigidas a Porto Alegre, existente na Bibliotheca Nacional, curiosissimas pelas observações relativas aos paizes, que Bom Retiro ia percorrendo em companhia de Pedro II, mais de uma vez se queixa elle, em phrases discretas, do pouquissimo tempo que o imperador «levado não sei porque informantes» destina á visita de grandes centros, como Vienna, por exemplo. Dessa cidade é a carta de 3 de Outubro de 1871 em que se lê: «Para ver-se o principal com olhos de ver e de aproveitar, nem em um mez, não des-

cançando de dia nem de noite». Na de 24 do mesmo mez torna a lamentar-se da escassez do tempo; diz contudo ter gostado muito de Vienna, e que é o que póde haver de melhor depois de Londres, excedendo-a mesmo a alguns respeitos. Viu muita cousa digna de inveja «e de imitação para o nosso Brasil».

A carta de Paris, de 6 de Janeiro de 1872, é das mais interessantes. «Do nosso Rio de Janeiro tenho boas noticias por um dos ministros. Tinha cessado a desordem dos estudantes, a lei do elemento servil ia se executando sem embaraço e não se receavam as bravatas bismarckianas.»

Descreve a rapida viagem feita desde o Egypto:

«A 15 de Dezembro chegámos a Paris, tendo de Alexandria vindo a Brindisi, e d'ahi a Napoles, Roma, Florença, Pisa, Genova e Turim. Em Turim começou a apertar o frio; seguimos assim mesmo em uma madrugada horrivel e viemos a Aix-les-Bains para vermos os gigantescos trabalhos do Monte Cenis, que foram minuciosamente examinados, e que para mim constituem uma glória para a engenharia e exfôrço humano, ainda maior do que a abertura do canal de Suez.

Em Aix-les-Bains tivemos 20 graus abaixo de zero, e assim mesmo percorremos alguns lindissimos lagos *ainda em jejum* e caïndo neve como flocos de algodão a não poder mais.

De Aix-les-Bains seguimos para Genebra e Bâle, demorando-nos em ambos os logares; para Strasburgo em um dia e em uma assentada transpuzemos toda a distancia que ha até Paris... Paris não é o que foi. Assim o mostram algumas ruinas ainda bem visiveis, mas ainda é Paris. Ha aqui de tudo, muito onde se estudar e como em parte alguma, muito onde divertir-se a gente honestamente e tambem muito onde perder-se com muitos elementos para esta última hypothese e elementos perigosissimos e *fascinantes*. Assim, para eu ir estudar diversas e importantes cousas, preferiria Paris: mas confesso-lhe que, acabado o estudo ou feito o que eu julgasse sufficiente, iria morar em Londres, em Vienna e porque não em Dresde? A não ser morar e morrer no Brasil, que tem muita cousa boa e que no meio de lacunas proprias dos paizes novos e de atrazo indesculpavel em certos ramos devido á culpa dos homens, tem já muito de outro lado, em que o considero superior ao que tenho visto em outras partes, ainda as mais civi-

lizadas. O que nos falta, dizia bem o sr. visconde do Albuquerque, é juizo. Mais tolerancia politica e guerra a tudo quanto fôr ou cheirar a corrupção, e ánimo para empregar em fontes productivas de renda e de civilização grandes sommas, que seriam somente avanços para o futuro com larga compensação, bastariam para, em poucos annos, pôr-nos na conveniente altura. Que outra Nação se póde citar além da Inglaterra, onde o desenvolvimento politico e social encontre o mais sincero apôio no monarcha e nem um embaraço no que propriamente se chama povo ?»

Essa amizade sincera e natural de Bom Retiro a Pedro II excitou, e era fatal que assim succedesse, a causticidade ironica da imprensa da opposição.

Na *Reforma*, em secção humoristica a penna de Joaquim Serra inventava dialogos dêste jaez:

— Bom Retiro ?
— Meu senhor ?
— Que horas são ?
— As que Vossa Magestade quizer.

Ora a verdade é que, como observa o dr. Almeida Nogueira, na obra *Academia de S. Paulo, tradicções e reminiscencias*, o visconde de Bom Retiro «discutia com o imperador com toda a liberdade de espirito, contrariava-lhe opiniões e lhe fallava com franqueza e sinceridade, como verdadeiro amigo».

Faz hoje 33 annos, dia por dia, minhas senhoras e meus senhores, que adormeceu no grande somno o amigo do imperador. Aos 12 de Agosto de 1886, seu illustre ermão o conselheiro João Pedreira do Coutto Ferraz, outro coração de ouro e character sem jaça, communicava a Baependi, presidente do Senado, o infausto fallecimento, á 1 hora da madrugada, do senador e conselheiro de Estado visconde do Bom Retiro. A leitura dessas páginas dos *Annaes do Senado* é uma glorificação ao eminente Brasileiro.

A sessão de 12 de Agosto de 1886 foi presidida por Cruz Machado, 2º vice-presidente que, levando ao conhecimento da assembléa, com voz commovida, assim reza a respectiva acta, a dolorosa noticia, proferiu breves phrases laudaticias de Pe-

dreira, concluindo, entre apoiados geraes, que a Patria perdêra um grande cidadão. Levantou-se então Francisco Octaviano, tambem commovido, e recordou o ministerio Paraná, em que Bom Retiro tivera grande parte pela sua illustração, patriotismo e dedicação a todos os melhoramentos de que carecia o paiz. «Mas, sobretudo, senhores, recommendou-se o nosso collega por aquella alma generosa (*apoiados geraes*) que não conhecia adversarios, que a todos acolhia dentro do seu coração (*apoiados geraes*), e para tudo dizer em poucas palavras: aquelle espirito que se remontou ao céo, não deixa na terra da patria uma desaffeição, só deixa saudades (*apoiados geraes*).»

O discurso do senador Corrêa, mais longo do que o de Octaviano, resumiu a acção de Pedreira na Politica e na Administração, em todos os cargos exercidos, qualificando-o «operario incansavel da civilização patria», cidadão que descia á sepultura «cercado da veneração pública, do apreço do monarcha, da estima dos compatriotas, das lagrimas de todos os companheiros que com elle serviam».

Eis ahi, minhas senhoras e meus senhores, em pallido esbôço, a demonstração do quanto foi distincto e distinguido Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, «o amigo do imperador».

Lembra-me haver lido em Flammarion — o astronomo poeta ou o poeta astronomo, como vos pareça mais exacto — uma curiosa phantasia, firmada aliás em principios scientificos incontestaveis. Sabeis que a velocidade da luz attinge á respeitavel cifra de 300.000 kilometros por segundo; nem ignorais que, por vertiginosa que seja a rapidez do raio luminoso, é quasi insignificante para transpor as immensuraveis distáncias interestellares. Trez annos e meio são necessarios para que chegue até nós a luz de uma das estrellas mais proximas da terra e, si Herschell não calculou errado, astros ha 2.300 vezes mais distantes do sol do que o Alpha do Centauro. Tanto importa dizer que o raio luminoso só ao cabo de 10.000 annos transpõe similhante distáncia, o que aliás é um minimo, provavelmente inferior á realidade. Pois bem, senhores, si assim é, imaginae agora varios observadores collocados em differentes ponctos do espaço, e dotados de infinita potencia visual.

Supposta egual distáncia entre um dêsses ponctos e a

terra á que o raio luminoso percorre em tantos seculos quantos os transcorridos das edades prehistoricas até nossos dias, o observador que em tal poncto estivesse poderia presenciar scenas da era paleolithica ou neolithica, ver troglodytas, assistir porventura á construcção de moradas lacustres. Outro observador, si lhe concedemos tambem a faculdade de visão em gráo illimitado, e o collocarmos em poncto adrede escolhido para que ahi estejam agora chegando os raios luminosos partidos da terra no reinado de Tiberio, no tetrarchado de Herodes e na governança de Pilatos, divisaria talvez alguma das scenas evangelicas ou o proprio drama augusto do Golgotha... E assim por deante, através do espaço infinito, infinitamente se projecta, em ondas luminosas, toda a história da Humanidade.

Permitti, egregios mestres, que eu retome a phantasia de Flammarion. Mais rapido que a luz, mais veloz que o mysterioso fluido electrico é o proprio pensamento do homem.

Deixae-me voar com elle e com elle avistar, na trajectoria luminosa, em breves scenas typicas, o nosso passado nacional.

Em 1500, em Porto Seguro. No mar abonançado baloiçam-se mansamente as naus cabralinas. Ante a Crúz chantada no sólo virgem da plaga hospitaleira, o franciscano ergue a Hostia alvissima, oblata divina, no incruento sacrificio propiciatorio. A's vistas da indiada attonita, mas respeitosa. Deus e el-rei, tomam solenne posse da terra de Sancta Cruz.

Agora, os raios luciferos trazem-nos outra scena, em virides cambiantes.

Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento
Longo chora, a rolar na longa voz do vento.
Mugem soturnamente as aguas. O céo arde.
Transmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,
Na mesma solidão e na mesma hora triste
A' agonia do heroe e á agonia da tarde.

Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chammas;
Verdes, na verde matta, embalançam-se as ramas,
E flores verdes no ar brandamente se movem;
Chispam verdes fuzis riscando o céo sombrio;
Em esmeraldas flue a agua verde do rio,
E do céo, todo verde, as esmeraldas chovem.

Vêde, porém, que já o scenario se transformou. Eis-nos, em Villa Rica, no crepusculo do seculo XVIII. No outro hemispherio, o rijo character de Washington, o Cincinato moderno, muito maior em sua realidade historica do que o romano em sua classica legenda, consolidava os alicerces da gigantesca democracia ainda então recemnada. Mais além, em terras de França, se começava já a escrever, em rubras lettras de sangue, o formidavel trinomio: liberdade, egualdade, fraternidade. A civilização convulsiona-se na Grande Crise. Na alpestre e triste Villa Rica entretanto a placidez da vida colonial, um momento conturbada, logo se recompôz. O sonhador temerario já foi punido; os socios de tão criminosa loucura, banidos e infamados. No poste ignominioso, putrefacta e horrenda, amaldiçoada e atterradora, a cabeça do martyr attesta publicamente o rigor inflexivel da justiça. Descubramo-nos, senhores, ante a ensanguentada reliquia de Joaquim José da Silva Xavier.

Mas, olhae commigo ainda. Estamos em Peribebui. São 8 ½ da manhã. Resplende o sol, e a fumaça do bombardeio iniciado ha duas horas, accumulada como denso véu na baixada e sôbre a cidade heroica, sóbe e adelgaça-se, aos sopros frios da aragem. Vedes alli no declive da collina aquelle cavalleiro de poncho pala amarello, só, cavalgando alvissimo corcel, que dirieis de prata á luz do sol fulgente ? Que calma e que magestade! Ei-lo alvo da intensa fusilaria inimiga e das peças da praça assediada. Não o reconheceis na temeraria, na quasi louca intrepidez com que lentamente, como a sorrir, vem descendo o declive ? Taunay que vô-lo diga, elle que está presente á scena. Esse heraclida impassivel, que tem a divina belleza homerica, nasceu no Brasil e chama-se Osorio.

Paremos aqui, egregios mestres. Pelo que vimos é-nos licito rejubilar. Um povo que tem dessas páginas, póde erguer altivo a fronte. Nem ha mistér falsear o passado para estimular o patriotismo. Permitti-nos repetir o que já alhures affirmamos.

« Fôra deploravel equívoco admittir que um curso de Historia do Brasil, da primeira á última licção, tem de ser um panegyrico hyperbolico. Mesmo ás crianças, e principalmente ás crianças, cumpre dizer sempre a verdade. Tanto é indispensavel exaltar o heroismo, quanto apontar erros e profligar in-

justiças. Traçando o perfil dos grandes vultos, não devemos hypertrophiá-los; apresentemo-los quaes foram, humanos, falliveis, com suas sublimidades e suas fraquezas, e não como semideuses mythologicos. São exemplos reaes, que podemos imitar no que fizeram de bom. Não saia da aula a criança a suppor que só foram grandes os que destruiram ou conquistaram; tenha, ao contrário, de sua Patria e dos seus maiores uma noção calma e justa.

Isso, aliás, não significa ensinemos a Historia nacional com a mesma impassibilidade que as regras das quatro operações. Afinal é a nossa terra, é a nossa gente, ou, como da França escreveu Lavisse, «a carne da nossa carne, o sangue do nosso sangue». Mas ha de ser um enthusismo de amor esclarecido que estuda, que raciocina, que pondera, e busca exactamente descobrir quaes os nossos legitimos interesses, que perigos acaso nos ameaçam, a que esperanças bem fundadas podemos dar abrigo.»

Ensinemos assim a nossa curta mas formosa Historia. Esta é a grande obra do nosso Instituto, o qual, como dizia Bom Retiro em seu discurso nesta casa aos 15 de Dezembro de 1875, «não póde receiar o juizo imparcial nem da presente nem da geração por vir». Diffunda-se cada vez mais o interesse pelas cousas do nosso torrão abendiçoado. Cresça de dia em dia, com o nosso culto do passado, o nosso entranhado amor á Historia brasileira, projecção luminosa da Patria através dos seculos.

E já se me affigura contemplar, numa effusão de amor antevidente, o Brasil do futuro, na grande luz dos seculos porvindouros, sob a regencia suprema do Divino Maestro, a realizar a estupenda symphonia do Trabalho, harmonizando o resfolego das locomotivas ao ruido espumante das cachoeiras geratrizes de energia, o bater de helices das grandes passarolas ao borborinho confuso da colmeia humana, um Brasil sereno pela consciencia da propria fôrça, saneado e fecundo, instruido e intrepido, emprehendedor e optimista, perseverante e feliz.» (*Muitos applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) pede venia para additar uma breve nota ao trabalho do sr. Jonathas Serrano, que acaba de ser tão effusiva e merecidamente applaudido.

Refere-se ao visconde do Bom Retiro. E' a seguinte: Em 1886, era o actual presidente do Instituto deputado á Assembléa Geral Legislativa por Minas Geraes e achava-se em opposição ao ministerio Cotegipe.

Chegando á Camara a notícia da morte de Bom Retiro, a minoria encarregou o representante mineiro, então o mais joven dos deputados, de fallar, em nome della, por occasião da moção de pesar pelo fallecimento do visconde, seu adversario politico.

Fallando de momento, não esteve o orador, de certo, á altura do assumpto. Mas proferiu uma phrase que provocou muitos applausos. Alludindo ás relações do morto com o imperador, disse, mais ou menos, si lhe não faltava a memória:

« Nestes tempos, em que já se chegou á triste audacia de definir a amizade—o poncto de intersecção de dous interesses, — Bom Retiro foi o prototypo de verdadeiro amigo: sincero, leal e desinteressado ! »

Reléve o auditorio, conclue o sr. conde de Affonso Celso, o inopportuno da insignificante reminiscencia pessoal, propria dos que vão ficando velhos e gostam de recordar.

Vai ser immediatamente resgatada, pois, tem a palavra o orador perpétuo do INSTITUTO, O SR. RAMIZ GALVÃO. (*Palmas.*)

— « Sr. Presidente do Instituto. Illustres confrades e meus senhores. Prezado collega sr. dr. Jonathas Serrano:

São verdadeiros dias de gala estes, em que temos a fortuna de aqui receber os exforçados trabalhadores, que se aggregam á phalange do Instituto para a benemerita missão, em que elle vive empenhado desde 1838.

Não se arreia de flores nem de palmas virentes o salão da nossa festa; mas em compensação rejubilam as almas, e dezenas de braços fraternos se extendem para estreitar em amplexo enthusiasta o novo lidador, que entra já coroado de louros e precedido de renome.

E' ainda o caso de hoje, sr. dr. Serrano. Trazeis brilhante fé de officio como professor e cultor de Historia; vindes já laureado desde os dias de nosso Congresso de 1914, para o qual escrevestes duas excellentes memórias: *A Colonização, Capi-*

tanias e *Um vulto de 1817* ambas traduzem o vosso alto criterio e o ardente patriotismo com que olhaes para as cousas do nosso pasasdo.

O vosso titulo de professor e a confissão de que cortejaes ha 17 annos a formosa Clio são para todos nós credenciaes que vos honram. Aqui vindes encontrar numerosos companheiros; é certo, porém, que nesta campanha amorosa não se despertam rivalidades nem ciumes. A Musa formosissima corresponde por egual ao carinhoso olhar de todos os seus adoradores e, o que bem differe dos galanteios communs da Terra, todos esses adoradores a uma se abraçam e cada vez mais prezam a diva encantadora, formando um côro similhnte áquelle que o poeta em bellos versos descreveu:

«vario, girevole,
simile à quel che l'ingegnoso Dedalo
in Creta ordì per Ariane amabile».

Quanto ao vosso titulo de mestre, nada posso nem devo accrescentar ao que com tamanha gentileza dissestes, citando tambem palavras que tive a honra de proferir em recente solennidade. Folgo, porém, e o Instituto Historico folga commigo, em vêr por vós corroborado aquelle pensamento, que mais se me robustece cada dia: os educadores são os orgãos mais uteis da sociedade.

Dissertastes brilhantemente sôbre a grandeza e o alto valor da Historia, seu papel scientifico na ordem dos conhecimentos humanos, suas difficuldades, seus intuitos moralizadores. Nessas páginas lúcidas e criteriosas demonstrastes, porém, outra cousa: é que só por singularissima modestia vos podeis chamar «timido discipulo» nesta «aula de mestres», em que hoje vos sentaes, diga-se a verdade, *par droit de conquête*.

Tivestes enfim, illustre collega, a inspirada phantasia de escolher como paranymphos de vossa entrada no Instituto dous egregios Brasileiros: Domingos José Martins, o glorioso martyr da revolução de 1817, ao qual vos prendem vinculos de consanguinidade, e Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, barão e visconde do Bom Retiro, o egregio presidente do nosso Insti-

tuto Historico, que ha 33 annos, dia por dia, se finou para o mundo, deixando a Patria em luto.

Tendes sobeja razão em lamentar que este nome haja permanecido em relativo exquecimento, desde que se lhe abriram as portas do tumulo, e, em nome do Instituto tão amado por elle, vos concito a cumprirdes a promessa de nos dar em «páginas mais amplas e repousadas» um estudo completo sôbre esse laborioso e benemerito estadista, que foi um dos servidores mais conspicuos do Imperio, um Brasileiro dos mais patriotas e um dos espiritos mais lucidos que passaram pela alta administração do paiz. Homenagem identica á que prestou o excelso Joaquim Nabuco á memória do seu eminente progenitor em um livro de grande valia, que todos admiramos, — homenagem identica merece-a Pedreira, examinado por todas as faces, como politico e administrador, como ministro e conselheiro de Estado, como advogado e iniciador de grandes melhoramentos, como grande reformador da nossa instrucção pública, primaria, secundaria e superior. Essa justissima homenagem, prestae-a, preclaro confrade, e mais um titulo tereis á nossa gratidão.

A vossa cooperação nesta casa de estudo e de trabalho, temo-la como preciosa. Vinde junctar a vossa voz ao nosso côro patriotico, para se realizar aquella estupenda symphonia que annunciastes no fêcho de vossa bella oração inaugural, saudando o Brasil do futuro. «*um Brasil sereno pela consciencia da propria fôrça, saneado e fecundo, instruido e intrépido, emprehendedor e optimista, perseverante e feliz.*»

Salve, propheta!» (*Muitos applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) agradecendo a presença do illustre auditorio e especialmente a do digno representante do sr. presidente da Republica, levanta a sessão ás 23 horas. — *Roquette Pinto*, 2° secretário.

SEPTIMA SESSÃO ORDINARIA, EM 24 DE SEPTEMBRO DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

A's 21 horas abre-se a sessão, com a presença dos socios srs. conde de Affonso Celso, Augusto Tavares de Lyra, Max Fleiuss, Sebastião de Vasconcellos Galvão, João Lyra Tavares, Afranio Peixoto, Solidonio Leite, almirante José Candido Guillobel, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Homero Baptista, Eurico de Góes, Jonathas Serrano, Agenor de Roure, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e Antonio Olyntho dos Santos Pires.

O SR. AGENOR DE ROURE (*servindo de 2º secretário*) lê a acta da sessão realizada em 12 de Agosto último, a qual é, sem discussão, approvada por unanimidade.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) ao abrir a sessão, communica o fallecimento do eminente consocio effectivo conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira, occorrido a 23 de Agosto passado, e cujos serviços ao Instituto, para o qual foi eleito em 17 de Fevereiro de 1904, serão devidamente relembrados pelo eximio orador perpétuo sr. Ramiz Galvão, na proxima sessão magna de 21 de Outubro.

Communica egualmente que o Instituto se fez representar no Congresso de Geographia reunido, ha pouco, em Bello Horizonte, pelos socios srs. Roquette Pinto, 2º secretário, e Antonio Olyntho dos Santos Pires, tendo concorrido officialmente com dous trabalhos, a saber: *Bibliographia Geographica Brasileira* das obras existentes na Bibliotheca do Instituto, organizada pelo sr. Rodolfo Garcia, e a *Conquista do Nordéste no Seculo XVII*, do illustrado consocio sr. Basilio de Magalhães.

Participa ainda que o Instituto está sendo representado no Segundo Congresso de Expansão Economica, pelo sr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 1º vice-presidente.

O SR. AGENOR DE ROUGE (*servindo de 2º secretário*) justifica a ausencia dos consocios srs. Manuel Cicero, Roquette Pinto, Ramiz Galvão, Basilio de Magalhães, Liberato Bitten-

court, Ernesto da Cunha de Araujo Viana e conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

O SR. SECRETÁRIO PERPÉTUO lê depois o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento, o qual é posto em discussão, e não tendo pessoa alguma pedido, sobre o mesmo, a palavra, é submettido á votação, sendo approvado por unanimidade:

— « A Commissão de Fundos e Orçamento nada tem a oppôr á proposta do primeiro secretário perpétuo sôbre a prorogação do Orçamento do Instituto Historico para o anno de 1920.—Rio de Janeiro, 23 de Septembro de 1919. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Agenor de Roure*. — *Homero Baptista* ».

A proposta, a que se refere este parecer, foi a seguinte: « Exmo. sr. conde de Affonso Celso, m. d. presidente perpétuo do Instituto Histirico e Geographico Brasileiro. De conformidade com o que dispõe o art. 40 dos Estatutos, tenho a honra de, por intermedio de v. ex., propor ao Instituto que seja prorogado, para o anno de 1920, o Orçamento approvado para o corrente anno e publicado no tomo 83, pags. 495-496, da REVISTA.

Aproveito o ensejo para reiterar a v. ex. meus protestos de profundo respeito. O secretário perpétuo. — *Fleiuss* ». « Despacho: A' Commissão de Fundos e Orçamento, sendo relator o sr. Clovis Bevilaqua. Rio, 22 de Septembro de 1919. — *Conde de Affonso Celso*.»

O SR. AGENOR DE ROURE (*servindo de 2° secretário*) lê a seguinte proposta que é enviada á Commissão de Historia, sendo relator o sr. Viveiros de Castro:

« Propomos para socio effectivo do Instituto o sr. Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, natural do Rio Grande do Norte, com 45 annos de edade, formado pela Faculdade de Direito do Recife. E' auctor dos trabalhos constantes da lista juncta. Pela sua comprovada erudição, operosidade e talentos, bem como pela sua lisura, dignidade e patriotismo, merece ser admittido em nosso gremio. — Rio, Sala das Sessões, 24 de Septembro de 1919. — *Conde de Affonso Celso*. — *João Lyra Tavares*. — *Agenor de Roure*. — *Afranio Peixoto*. — *Solidonio Leite*. — *Fleiuss*.

Lista que accompanhou a proposta — Publicações de Rodolfo Garcia: — *Nomes de aves em lingua tupi; Diccionario de Brasileirismo (peculiaridades pernambucanas); Introducção do «Senatus Consulto» que a Vereação de Serolico bebado mandou ao Conselho de Portugal em Madrid, sôbre os negocios da guerra em o anno de 1623; O Rio de Janeiro em 1823, conforme á descripção de Otto de Kotzebue; O Diario do Padre Samuel Fritz (introducção e notas); Petição de Symão Estacio da Silveira; O Estabelecimento de Mazagão no Pará; A Capitania de Pernambuco no Governo de José Cesar de Menezes — 1774-1787; Bibliographia Geographica Brasileira.*

Tem logo depois a palavra o SR. TAVARES DE LYRA, que lê o seguinte trabalho:

«Exmo. sr. presidente do Instituto Historico, meus illustres confrades; meus senhores.

O trabalho, cuja leitura ides ouvir, é mais um dos muitos artigos que tenho tido a honra de escrever para o DICCIONARIO, com que esta benemerita associação pretende commemorar em 1922 o centenario de nossa Independencia. Intitula-se:

Aspectos Economicos do Rio Grande do Norte — Lavoura e Industria

Exceptuados os taboleiros, onde apenas se encontram arvores rachiticas e enfezada relva, e a zona das dunas de areia movediça ao longo da costa, quasi esteril e sem vegetação, a fertilidade do sólo do Rio Grande do Norte é, em geral, verdadeiramente assombrosa. Várias causas contribuem, entretanto, para que, apesar dessa fertilidade, o Estado viva em constantes alternativas de abundancia e de miseria, sendo a principal dellas a tremenda calamidade das sêccas, que paralysa, a espaços, as fontes fecundas da sua producção agricola e pastoril.

Felizmente as profundas perturbações economicas que se derivam dessa causa não são irremediaveis, verificado como está que a média das chuvas caïdas em um longo periodo é sufficiente ás necessidades da lavoura e da criação. Neste particular o problema se reduz, conforme já tivemos occasião de

ver, ao melhor aproveitamento das aguas, o que se conseguirá represando, por meio de barragens, as que caem sôbre a superficie, ou fazendo emergir á flor da terra as que possam existir em lençóes subterraneos. Isto feito, as irrigações regulares, que estão tornando faceis, corrigirão os grandes males decorrentes das longas estiagens, que constituem o innominavel flagello do Nordéste.

Ha ainda, em relação ás aguas, uma outra face do problema, na zona proxima ao littoral. Ahi, onde os rios, transbordando dos seus leitos, inundam grandes extensões de valles, que se transformam em brejos, as obras a executar são de outra natureza, mas talvez tão dispendiosas como as de açudagem, porque é indispensavel que os canaes de deseccamento, que têm de ser construidos em terrenos baixos e de pequena declividade, sejam feitos de modo que, si necessario, possam ser aproveitados para irrigar as terras das varzeas circunvizinhas, quando faltarem as chuvas em épochas proprias.

Além das sêccas e das inundações, cujos effeitos são egualmente desastrosos, destacam-se, entre as damais causas que têm influido para retardar o desenvolvimento economico do Estado, a insufficiencia de braços, os processos rotineiros de producção, a falta de estabelecimentos de crédito, especialmente agricola, e as difficuldades de transporte.

Quanto á primeira — insufficiencia de braços — não é licito contar, pelo menos em futuro proximo, com fortes correntes immigratorias que se dirijam espontaneamente para o Estado; mas bastará que sejam attenuadas as devastadoras consequencias das crises climatericas para que a situação se modifique de modo sensivel. E isto porque a população que, por occasião dessas crises, se desloca de seus lares — morrendo uma parte por entre dolorosos soffrimentos e emigrando outra parte para a Amazonia, onde não raro a aguardam crueis decepções e amarguras — se fixará definitivamente ao sólo, e a lavoura não será desfalcada periodicamente do exfôrço e do trabalho de milhares e milhares de homens, que a abandonam para sempre, sendo victimados pela fome ou fugindo, pela expatriação, a uma sorte ingrata.

No tocante aos processos de producção, ha, em geral, la-

mentavel atrazo. Os instrumentos agricolas usados para lavrar os campos são apenas a enxada, a foice e o machado.

Poucos conhecem outros e só alguns os possuem e empregam. Não ha escholas agricolas. O Campo de Demonstração do Jundiahí é ainda uma tentativa de resultados problematicos. O ensino technico e profissional, com applicação aos differentes ramos da actividade humana, só aos poucos e muito lentamente se poderá diffundir, dada a escassez das rendas públicas.

Não se cogita de novas culturas e ás existentes não são dispensados os necessarios cuidados para que a producção, melhorada e beneficiada, se valorize. Pouca ou nenhuma preoccupação se nota na selecção das sementes. As terras não são estrumadas. E' rudimentar o conhecimento das molestias e pragas que atacam as plantas cultivadas, de sorte que são inefficazes os meios adoptados para evitá-las ou extingui-las. E' facto, porém, que, apesar dêstes e de outros factores negativos, a indústria agricola offerece larga margem a lucros abundantes e compensadores, o que demonstra serem as condições locaes francamente favoraveis ao seu desenvolvimento. No mesmo caso está a indústria pastoril, que, embora desapparelhada de meios que, em outros ponctos do paiz, são o segrêdo de sua prosperidade, constitue uma das mais futurosas do Estado, em virtude da grande riqueza das forragens que se encontram em seus campos de criação. A indústria do sal occupa um logar excepcional no Rio Grande do Norte, e o primeiro entre todos os Estados da Republica. Outras existem — do assucar, da pesca, da cêra e da palha da carnaúba, da borracha de maniçoba e de mangabeira, de oleos vegetaes, etc. — que comportam extensa e remuneradora exploração, o que tambem succede com algumas que podem ser estabelecidas com exito seguro, taes como a da carne sêcca, que já existiu no regime colonial, e a do aproveitamento dos varios productos da inestimavel palmeira que é o coqueiro. Todas, porém, se resentem, mais ou menos, da necessidade do aperfeiçoamento dos seus processos de producção.

Ha no Estado absoluta carencia de capitaes, quaesquer emprestimos são realizados, em regra, a juros elevadissimos, quando não mediante vexatorias exigencias, sendo os agricul-

tores os mais directamente expostos á usura dos prestamistas. Para prová-lo, basta considerar que o pobre lavrador que planta algodão, moirejando dia e noite em seu *roçado*, vê-se, muitas vezes, obrigado a *vendê-lo na folha*, recebendo uma ninharia a trôco de uma sacca ou de uma carga de lã ao effectuar a colheita, e o *senhor de engenho* — representante da antiga figalguia territorial do Norte do Brasil — que cultiva a canna de assucar, está, de ha muito, na dependencia das imposições dos *correspondentes* (assim se denominam os negociantes que servem de commissarios da venda do assucar), que fornecem minguados adeantamentos a juros de 18 % ao anno, capitalizaveis de seis em seis mezes. Em taes condições, comprehendem-se e explicam-se as difficuldades com que lucta a lavoura. A expansão agricola e industrial terá de vir como consequencia da organização do crédito. Surge assim um novo problema, sem cuja solução as condições economicas do Estado serão sempre precarias. O primeiro estabelecimento bancario alli fundado foi o Banco do Natal, que, creado de accôrdo com a lei n. 235, de 8 de Septembro de 1905, foi installado em 26 de Março do anno seguinte, quando começou a operar francamente em descontos, depositos e cauções.

Além dêste banco, cujo capital é actualmente de 1.000:000$, ha em Natal uma agencia do Banco do Brasil, inaugurada durante a presidencia Wenceslau Braz, sendo licito affirmar, á vista dos resultados obtidos por estes dous estabelecimentos de crédito, que têm prestado e estão destinados a prestar valiosissimos serviços ao commércio, que ha no Estado vasto campo ás melhores operações bancárias.

Em relação ás difficuldades de transporte, que são aliás de ordem geral, convem examinar separadamente o transporte marítimo, o fluvial e o terrestre. O primeiro faz-se em pequenas embarcações a vela entre os diversos portos da costa e por linhas regulares de navegação entre este e os dos demais Estados. Presentemente, Natal é poncto obrigatorio da escala dos vapores do Lloyd Brasileiro e da Companhia Nacional de Navegação Costeira (Lage & Irmãos), em suas viagens semanaes, nas linhas do Norte, sendo tambem o seu porto o extremo da carreira dos vapores da Companhia de Navegação a Vapor do

Maranhão, na linha do Sul (contracto celebrado de accôrdo com o decreto n. 11.524, de 17 de Março de 1915).

Visitam-n'o a miudo os vapores da Companhia Commercio e Navegação, os do Lloyd Brasileiro, em algumas das suas viagens extraordinarias, e, uma vez por outra, os extrangeiros, especialmente americanos, que fazem o commércio de petroleo e farinha de trigo. Macau e Areia Branca são portos de escalas, mensalmente, dos vapores da Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão, e, quinzenalmente, dos da Companhia Nacional de Navegação Costeira (contracto celebrado de accôrdo com o decreto n. 11.774, de 3 de Novembro de 1915). Estes portos são tambem visitados, em viagens extraordinarias, pelos vapores dessas companhias e do Lloyd Brasileiro; mas o seu commércio, que já é notavel, decorre em sua maior parte das communicações estabelecidas entre os mesmos e os principaes portos da Republica em consequencia do avultado número de viagens, que d'alli e para alli realizam os vapores da Companhia Commercio e Navegação, formada e mantida para explorar as riquissimas salinas que se encontram naquella região.

Situado no extremo do Nordéste brasileiro e banhado, a Norte e a Léste, pelo Atlantico, o Rio Grande do Norte — tendo-se em vista a extensão de seu territorio — é, dentre os diversos Estados, o que dispõe de maior littoral. Por esta razão e pelo facto de possuir os melhores mercados productores do sal nacional, as difficuldades do seu transporte maritimo não são tão prementes como em outras partes da Republica. Deixa, entretanto, muito a desejar, maxime pelo exaggêro das tabellas de fretes, as quaes, já sendo muito pesadas antes da guerra européa, foram aggravadas em excecsso durante as hostilidades e assim permanecerão provavelmente ainda por muito tempo.

O transporte por via fluvial limita-se no Estado ao seguinte: pelo rio Apodí ou Mossoró até Sancto Antonio; pelo rio Piranhas ou Açú até Officinas; pelo Potengí e Jundiahí até Macahíba; pelo Cunhahú e Pitú-Açú até Canguaretama. Ao todo, cêrca de 150 kilometros.

Esse transporte é feito em lanchas, barcaças, botes,

canôas e outras embarcações de pequeno calado, regulando o seu custo de 100 a 200 réis por tonelada-kilometro.

No transporte terrestre, precisamos distinguir: *a*) transporte por estradas de ferro; *b*) transporte em estradas de automoveis; *c*) transporte em carros de bois; *d*) transporte em dorso de animaes.

As linhas ferreas em tráfego são as da «Great Western», Central do Rio Grande do Norte e Mossoró.

A «Great Western» percorre dentro do Estado 122.200 metros. E' nesse poncto que transpõe a linha divisoria com o Estado da Parahiba. A primeira estação em territorio parahibano é a de Cahiçara (138.281 metros), sendo a última do Rio Grande do Norte a de Nova Cruz (129.600 metros). Neste Estado, a estrada atravessa os municipios de Natal, S. José de Mipibú, Paparí, Arez, Goianinha, Canguaretama, Pedro Velho e Nova Cruz, servindo tambem ao de Sancto Antonio, que della se aproveita, em parte, para o seu commércio de importação e exportação.

A Central do Rio Grande do Norte tem em trafego o trecho que vai de Natal a Lages, pela linha de ligação, na extensão de 147.358 metros, atravessando os municipios de Natal, São Gonçalo, Ceará-mirim, Taipú e Lages e mais 3.960 metros da Corôa a Igapó. Concluidos o ramal de Macau, que parte de Lages, e a linha tronco que percorrerá a zona do Seridó, em demanda da Parahiba e do Ceará, ambos em construcção, as communicações com parte do sertão se tornarão mais rapidas.

A Mossoró tem em trafego apenas 37.690 metros, nos municipios de Areia Branca e Mossoró.

Verifica-se dos numeros indicados que ha no Rio Grande do Norte, neste momento, 311.208 metros de estrada de ferro em trafego. E' quasi nada, attentas as suas necessidades.

O preço do transporte varía conforme a tarifa de cada estrada, a distáncia dos percursos, a quantidade e a qualidade das mercadorias. Póde-se, entretanto, fixar approximadamente a sua média em 200 réis por tonelada-kilometro.

Duas são as estradas em que já se faz o transporte em automoveis: a de Macahíba a Sancta Cruz, com 105 kilometros e a de Mossoró a Limoeiro (Ceará), com 108 kilo-

metros. Estão em construcção a de Officinas ao Açú e o prolongamento da de Sancta Cruz ao Seridó. A média do custo do transporte é, por tonelada-kilometro, de 350 réis para os generos de exportação e 400 réis para os de importação.

Os transportes em carros de bois são muito communs nos serviços internos das propriedades agricolas; mas muito pouco usados em longos percursos. A não ser entre Mossoró e Sancto Antonio (9 kilometros) e Açú e Officinas (65 kilometros), elles, em regra, não são utilizados sinão quando se tracta de cargas muito pesadas, ou nas proximidades das estações de estradas de ferro e centros populosos. E' difficil estabelecer a média do custo de transporte de uma tonelada-kilometro em carros de bois; quasi sempre o transporte se faz por conta do dono dos carros e dos bois, os quaes pagam por dia ao pessoal que se encarrega do serviço. Pensamos, porém, que, nos outros casos, essa média não attinge a 500 réis.

O transporte em dorso de animaes é o preferido, quando não o unico possivel, no interior: e d'ahi o carinho com que o nosso matuto tracta dos animaes que possue, o rancor e odio com que persegue os que os furtam, a aspiração que alimenta sempre, na sua humildade e na sua pobreza, de adquiri-los e de conservá-los, ainda quando mais alvejado pelo infortunio.

O pêso das cargas depende da qualidade das mercadorias a transportar e da distáncia a vencer; oscilla entre 120 a 150 kilos para cada animal. Em épochas normaes, a média geralmente acceita do preço do transporte é de 500 réis por tonelada-kilometro. Ha, porém, mesmo na ausencia de crises climatericas, um conjuncto de circunstancias que póde alterá-la, a saber: safras maiores ou menores, possibilidade de ser ou não encontrada carga de retôrno, existencia de pousos, aguadas e pastagens ao longo das estradas, etc. Destas uma das melhores é a *estrada geral*, por onde se fizeram, pelo interior, as primeiras *entradas* nos sertões norte-riograndenses. Chamam-n'a a *estrada das boiadas* e liga, através do alto sertão, os Estados do Piauhí, Ceará, Rio Grande do Norte e Parahíba. E' transitada ainda hoje até a cidade de Campina Grande, neste último Estado, poncto attingido por um ramal da «Great Western».

A essa estrada se referiu o dr. Manuel Dantas nestes termos: «*A estrada das boiadas*, existente desde os tempos coloniaes, desempenhou um grande papel na vida economica do Nordéste brasileiro. Foi por esta estrada que transitaram todas as expedições que de Pernambuco e da Parahíba procuraram os altos sertões dêsses Estados; foi ella, por muito tempo, o vehiculo commercial para a praça do Recife, por onde transitavam as mercadorias e as boiadas compradas no Piauhí, refeitas nos campos de criação do Ceará, Parahíba e Rio Grande do Norte, e exportadas para os mercados consumidores da Parahíba e Pernambuco. Avalie-se por ahi o transito que havia e ainda ha por esta estrada que, no Rio Grande do Norte, passa pelas cidades de Jardim do Seridó e Caicó, ligando-se a outras estradas que atravessam os municipios do alto sertão».

Grande número destas, que se ramificam em todas as direcções, com um desenvolvimento de dous a trez mil kilometros, communica os municipios entre si e com os portos, cidades, villas, estações de estradas de ferro, e ponctos accessiveis á navegação fluvial. Algumas são simples caminhos estreitos, tortuosos, accidentados, sem largura sufficiente para a passagem dos comboios, que, vencendo as resistencias que encontram, impedem que os seus leitos sejam tomados pela vegetação marginal. Não raro, correm por entre excavações profundas feitas pelas enxurradas das aguas das chuvas ou pelo meio de atoleiros continuos nos logares cobertos de bréjos. Outras, porém, já permittem que as travessias se façam sem grandes difficuldades.

A estas tambem se refere o dr. Manuel Dantas: «De Macahíba partem para o sertão duas grandes estradas carroçaveis: uma, chamada *estrada do fio*, porque vai acompanhando a linha telegraphica, dirige-se ao alto sertão, através dos municipios de Lages, Angicos e Sanct'Anna do Mattos, atravessando o rio Açú na povoação de S. Rafael. Na villa de Jardim de Angicos, encontra-se com a estrada que sóbe o rio Ceará-mirim acima e, adeante da villa de Lages, bifurca-se em dous ramaes: um que passa pela villa de Angicos e a cidade do Açú, rumo de Mossoró; outro, que se desprende á esquerda, passando pelas villas de Sanct'Anna do Mattos e Flores,

a se encontrar com a *estrada das boiadas*, no Caicó. A outra, chamada *estrada do Seridó*, segue entre os valles de Potengí e Trahirí, encontra-se com as estradas que vêm dos municipios de S. José de Mipibú, Canguaretama, Sancto Antonio e Nova Cruz, passa na cidade de Sancta Cruz (é um centro de convergencia de várias estradas que ahi se reunem, irradiando-se para Seridó, Potengí, Canguaretama, Nova Cruz, Serra de São Bento, no Rio Grande do Norte; Araruna, Bananeiras, Serra do Cuité, na Parahíba), transpõe por meio de dous ramaes parallelos a Serra do Doutor, passa na villa de Curraes Novos, donde parte um ramal para a villa de Flores, passa na cidade de Acarí (situada á saïda de varios boqueirões dos contrafortes da Borborema, é o poncto de reunião das estradas que vêm da zona dos bréjos, da Parahíba, através do planalto da Borborema) e vai se entroncar na cidade do Caicó com a *estrada das boiadas*. De Mossoró parte, rio acima, uma grande estrada de comboios, talvez a mais transitada dos sertões do Estado, tendo quatro esgalhamentos principaes: um, que busca o baixo Jaguaribe, no Estado do Ceará; outro, que sóbe rio acima até ás cabeceiras, servindo os municipios de Mossoró, Apodí, Porto Alegre, Pau dos Ferros, S. Miguel e Luiz Gomes; outro, que serve os municipios de Martins e Patú, atravessando a ribeira do Rio do Peixe (Parahíba), onde se liga á grande *estrada das boiadas*; outro, finalmente, que, através dos municipos de Carahubas e Augusto Severo, busca a zona do Seridó».

De tempos a esta parte nota-se uma pronunciada tendencia para a construcção das estradas de rodagem. E', a nosso ver, solução acertadissima para o problema de transporte do Estado, porque as estradas actuaes estão muito aquem das exigencias da hora presente, e a União já terá feito muito, quanto á viação ferrea, si, dentro de alguns annos, tiver construido as linhas necessarias para vencer as grandes distáncias.

Conhecidos os embaraços de ordem economica que apontámos até aqui e sabido que outros existem, cuja influencia é mais ou menos accentuada nesta ou naquella localidade, examinemos qual a situação em que se depara o Estado, relativamente á sua producção agricola e industrial.

A sua agricultura consiste principalmente no plantio da canna de assucar e do algodão; e as suas indústrias na de criação e na do sal.

O assucar começou a ser fabricado logo nos primeiros annos que se seguiram á conquista e á colonização, facto que occorreu tambem em quasi todas as capitanias de S. Vicente para o Norte; e tudo leva a crêr que o primeiro engenho que houve no Estado foi situado nas terras de sesmaria concedida por Jeronymo de Albuquerque, quando capitão-mór no comêço do seculo XVII, aos seus filhos Antonio de Albuquerque e Mathias de Albuquerque, sesmaria que comprehendia duas leguas de terra em Canguaretama e cinco mil braças no Cunhahú e foi confirmada em 2 de Agosto de 1628 pelo govêrno da metropole.

O desenvolvimento da cultura da canna foi, porém, demorado; e, ainda em 3 de Maio de 1849, o presidente, affirmando que a indústria da provincia achava-se no berço, e em grande parte reduzida á apropriação dos productos espontaneos da natureza e á criação de gado, informava que a exportação do assucar pelo porto de Natal fôra apenas, no exercicio de 1847-1848, de 11.304 arrobas e 26 libras. No exercicio de 1848-1849 essa exportação foi de 11.534 arrobas; no de 1849-1850, de 17.166; no de 1850-1851, de 18.974; no de 1851-1852, de 25.068. E assim, progressivamente. Em 1855 já attingia a 100.954 arrobas e em 1860 a 278.438, existindo 173 engenhos de ferro e 12 de madeira assim distribuidos:

Municipios	Engenhos de ferro e de madeira		Producção annual
Natal	7	2	12.000 a.
S. Gonçalo	27	6	62.000 »
Ceará-mirim	44	—	91.000 »
Toutos	5	4	14.000 »
S. José	33	—	46.000 »
Papari	27	—	75.000 »
Goaianinha	18	—	30.000 »
Canguaretama	12	—	45.000 »
	173	12	375.000 »

Embora a producção não subisse ainda á média calculada no quadro que ahi fica, attingira, todavia, em doze annos, a um algarismo mais de vinte vezes superior áquelle a que se elevara no exercicio de 1847-1848. Era um augmento notavel, que se manteve sempre em progressão ascendente para ter o seu maximo em 1886-1887, quando a exportação foi de..... 15.933.879 kilogrammas.

A crise deste producto, que mais se fez sentir nos Estados, que, como o Rio Grande do Norte, só produziam assucar de qualidade inferior, devido aos processos rudimentares empregados, trouxe o decrescimento da producção. A's culturas mais remuneradoras foram os agricultores applicar a sua actividade e o seu exfôrço. Em 1908, a producção era de..... 24.792.950 kilogrammas, segundo o mappa que figurou na Exposição Nacional daquelle anno. Presentemente é um pouco maior, porque ha alguns annos que se observa o renascimento da lavoura da canna. Póde ser calculada em 30.000.000 de kilogrammas. A exportação, porém, sóbe, quando muito, á quarta parte desta producção, ou sejam 7.500.000 kilogrammas. O excedente é absorvido pelo consumo local. Existem no Estado quatro usinas (uma, a principal, no municipio de Canguaretama e trez pequenas, no do Ceará-mirim) e cêrca de quatrocentos engenhos e engenhocas a vapor e a animaes. Nas usinas fabricam-se os typos de assucar conhecidos e valorizados nos mercados exportadores; mas nos engenhos apenas se produzem typos inferiores. O *assucar bruto* é o que mais se exporta. Nas engenhocas, a producção exclusiva é de aguardente e rapadura: a primeira consumida no mercado interno e no centro dos dous Estados vizinhos — o Ceará e a Parahíba — para onde é transportada pelo interior, em costas de animaes, que conduzem pequenas cargas, em geral de dous ou quatro barris; a segunda, a rapadura, que é o assucar sertanejo rio-grandense, parahíbano e cearense.

Nas usinas, nos engenhos e nas engenhocas, a aguardente é fabricada aos poucos, á medida das necessidades do consumo, sendo conservado o mel em grandes tanques. Proprietarios ha que mantêm o commércio de aguardente durante todo o anno, custeando os serviços do plantio da canna e das

limpas com o producto de sua venda. E esses são aquelles a quem melhor sorri a fortuna, porque estão isentos de recorrer aos correspondentes, que emprestam dinheiro a juros excessivos.

Os monopolios e privilegios, que, no regime colonial, tão funestos foram ao progresso do Brasil, muito retardaram o desenvolvimento da cultura do algodão, uma das nossas principaes indústrias agricolas, tão importante e de tanto futuro no poncto de vista da exportação, como no do consumo interno, porque della decorre a prosperidade de outras: de um lado, fornece materia prima ás fábricas de fiação e tecidos, e, de outro produz forragens e oleos de primeira qualidade. A ordem régia de 1750 para que o vice-rei d. Luiz de Athayde providenciasse sôbre a fundação de fábricas, sendo para isto enviados tecelões da India, e a permissão dada em 1809 para o estabelecimento de fábricas de todas as manufacturas foram apenas illusorias promessas: a primeira revogada dez annos depois — aberta excepção sómente para as que fabricassem pannos grosseiros para o enfardamento e para a escravatura, — e a segunda annullada em 1810 pelo tractado de commércio com a Inglaterra, renovado em 1827, e com a França um anno antes. Em 1846, ultimado o prazo dos tractados, deu-se a libertação da indústria; e, com essa libertação, a cultura do algodão alargou-se extraordinariamente, figurando o Brasil durante alguns annos em 3º logar, entre os paizes exportadores; hoje occupa o 6º ou 7º.

No Rio Grande do Norte, a exportação effectuada pela Alfandega da Capital, foi, no exercicio financeiro de 1847-1848, de 3.275 arrobas e 11 libras, e a que passou pela agencia da Parahiba avaliada em 500 arrobas e 11 libras.

No decennio de 1851 a 1860, não contando, por falta de esclarecimentos, a que se fez por Mossoró, a que se effectuou pelo Aracatí em 1854 e pela Parahiba em 1854, 1859 e 1860, elevou-se a:

Annos	Arrobas	Libras
1851	12.602	5
1852	15.149	3
1853	18.632	21
1854	4.020	13

	Arrobas	Libras
1855	15.121	23
1856	6.869	29
1857	14.209	12
1858	23.966	7
1859	16.116	18
1860	16.545	30

De 1896 a 1905, a exportação foi a seguinte:

Annos	Kilogrammas
1896	1.609.178
1897	2.657.314
1898	1.459.615
1899	2.247.092
1900	1.787.192
1901	1.557.374
1902	2.291.135
1903	3.167.350
1904	784.387
1905	2.161.880

De 1905 em deante, a producção foi sempre em augmento, subindo a exportação em 1910 a 10.390.026 kilogrammas. Actualmente ella é, em média, de 12.000.000, nos annos de chuvas regulares.

O producto é de optima qualidade. Na Exposição Nacional de 1908, o da zona do Seridó obteve o *grande premio*, e o de toda a região sertaneja alcança sempre cotações superiores nos mercados internos e externos. «Esse algodão é uma variedade local e distincta, propria dos sertões altos e seccos. O algodoeiro toma ahi um desenvolvimento insolito, soffre uma transformação radical e profunda, passando de planta herbacea annua ou biannua, a verdadeira arvore vivaz e persistente. Durante 10, 12 e mais annos produz sem interrupção, a não ser dos curtos mezes de inverno, de sorte que sempre póde encontrar-se o fructo em todos os estadios da evolução: desde o botão floral até á maçã aberta e esgarçada, offerecendo ao vento, para que lh'as leve e lh'as distribua, as pequenas

sementes negras escondidas nos alvos flocos immaculados, levissimos e macios, de longas fibras sedosas.»

A indústria do sal é uma das maiores riquezas do Rio Grande do Norte, sendo os seus opulentos terrenos de salinas conhecidos desde o tempo da capitania. Segundo o visconde de Porto Seguro, Pero Coelho, de volta de sua mallograda expedição ao Ceará, no comêço do seculo XVII, atravessou, durante dias, parte dêsses terrenos; e frei Vicente do Salvador, na sua «Historia do Brasil», falla, em 1627, nas *salinas onde naturalmente se coalha o sal em tanta quantidade que pódem carregar grandes embarcações*. Em 1634, conforme se verifica de uma memória de Adriano Verdonck, o commandante do Forte dos Reis mandava navios carregarem *sal, mais forte do que o espanhol e alvo como a neve*, em logares que ficavam *muitas dezenas de milhas ao Norte* e onde elle era produzido quasi sem trabalho do homem, *sem algum beneficio*, como diz o auctor da citada memória.

O contracto do estanco do sal, firmado pela metropole, não permittiu, porém, que até o comêço do seculo XIX fôssem compensadoramente aproveitadas as salinas do Estado, datando de 1802 a sua exploração effectiva. Mas, durante o Imperio, apesar de riquissimas, ellas não foram trabalhadas convenientemente, e em varios relatorios apresentados ás assembléas pelos presidentes da então provincia deparam-se referencias ao abandono quasi criminoso em que se achavam, devido, em parte, ao indifferentismo dos poderes publicos.

Em 1849, o conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, depois de salientar que a exportação do sal tinha diminuido a menos de um têrço do que era, diz: «A qualidade do sal depende do beneficio dos tanques em que se recolhe a agua para ser evaporada e que, muitas vezes, são formados sôbre lama.

Logo que neste serviço se empreguem maiores capitaes, deve melhorar o fabrico dêste producto de geral consumo, que, mediante a protecção do Estado, póde augmentar muito a riqueza da provincia».

Essa protecção, tão necessaria e tão justa, estava, porém, fóra dos modos da politica economica seguida na época. Ninguem ignora que a tendencia de nossos homens dirigentes foi

então, quasi sempre, avessa á protecção industrial. Eramos um paiz essencialmente agricola: tal a phrase que se tornou célebre e que bem revela a orientação economica a que se obedecia nas altas camadas officiaes. Só nos ultimos annos do Imperio foi que a corrente proteccionista começou a avolumar-se.

Quanto ao sal, foi quando occupou a pasta da Fazenda o conselheiro Francisco Belisario, que se estabeleceu, na conformidade do n. 3, do art. 9º, da lei n. 3.313, de 16 de Outubro de 1886, o imposto proteccionista de 10 réis por litro de sal importado. Até então, o sal bruto não era tributado na entrada e o fino pagava uma pequena taxa *ad-valorem*.

Dêste facto se verifica que uma indústria cujos productos gosavam, em 1811, isenção do imposto de dizimo, por mercê especial da metropole, ficou, no percurso de mais de meio seculo, entregue ás suas proprias fôrças, desapparelhada de meios que a habilitassem a vencer, na concurrencia, a competencia extrangeira.

Os quadros da exportação do Estado, nesse periodo, são curiosos e interessantes. Eis aqui o apanhado relativo a um decennio:

Annos	Alqueires
1851	40.546
1852	41.011
1853	40.539
1854	71.664
1855	41.213
1856	34.558
1857	48.916
1858	50.083
1859	35.524
1860	104.145

Como se vê, a exportação média era nesse decennio, e foi até muitos annos depois, inferior em centenas de milhares de alqueires ao que é actualmente.

Não é exaggêro affirmar que o desenvolvimento da promissora indústria começou com a Republica, porque, si é exacto que a concessão feita em 26 de Outubro de 1889 a An-

tonio Coelho Ribeiro Roma, para o estabelecimento e exploração de salinas e fábricas destinadas á purificação do sal em terrenos devolutos do Estado, prenunciava uma éra nova, tambem é certo que só na vigencia das novas instituições organizou-se a empresa cessionaria dêsse privilegio. Ainda mais, só quando a taxa sôbre a importação extrangeira se tornou estavel, passando das alternativas orçamentarias para as tarifas aduaneiras, foi que os commerciantes procuraram nessa indústria emprêgo remunerador para seus capitaes.

Presentemente ella se encontra em condições de franca prosperidade, regulando a producção annual, em média, 150.000.000 de kilogrammas. Poderá, entretanto, ser duplicada, triplicada ou quadruplicada, si as necessidades do consumo interno ou da exportação o exigirem, porque ha extensas áreas de terrenos ainda desaproveitadas e, mesmo naquelles em que já existem salinas, é possivel dar maior efficiencia ao trabalho. O producto é de primeira qualidade, accusando nas analyses chimicas uma percentegem de 98 % de chloreto de sodio e uma quantidade minima de chloreto de magnesio, a mais perniciosa das impurezas do sal marinho.

Em nosso paiz, a história da indústria pastoril — todos o sabem — está estreitamente ligada á do povoamento dos sertões. Entre outros, demonstrou-o Capistrano de Abreu, com a auctoridade que ninguem lhe contesta, no magistral estudo publicado em 1907 n'*O Brasil, suas riquezas naturaes, suas indústrias.* São dêsse estudo as seguintes passagens:

« Os engenhos de assucar, as roças de fumo e mantimentos cabiam dentro de uma área traçada pelo custo de transporte dos productos.

Além de certo raio, vegetava-se indefinidamente; a prosperidade real nunca bafejaria o proprietario. Com a economia naturista, o equivoco podia prolongar-se por muito tempo, mas por fim patenteava-se que só proximo do mar ou no pequeno trecho dos rios navegaveis, graças á ausencia de corredeiras e saltos, a labuta agricola encontrava remuneração satisfactoria.

Queixam-se os primeiros chronistas de andarem os contemporenos arranhando a areia das costas como caranguejos, em vez de atirarem-se ao interior. Fazê-lo seria facil em São

Paulo, onde a caçada humana e deshumana attrahia e occupava a actividade geral, na Amazonia toda cortada de rios caudalosos e desimpedidos, com preciosos productos vegetaes extrahidos sem cultura. Nas outras zonas interiores o problema pedia solução diversa.„

A solução foi o gado vaccum.„

O gado vaccum dispensava a proximidade da praia, pois, como as víctimas dos bandeirantes, a si proprio transportava das maiores distáncias, e ainda com mais commodidade; dava-se bem nas regiões improprias ao cultivo de canna, quer pela ingratidão do sólo, quer pela pobreza das mattas, sem as quaes as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, consideração de alta valia em um paiz de população rara; quasi abolia capitaes, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem intersticio; fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e agua, usados na marinha. De tudo pagava-se apenas em sal; forneciam sufficiente sal os numerosos barreiros dos sertões.

A criação de gado primeiro se desenvolveu das cercanias da cidade do Salvador; a conquista de Sergipe extendeu-a á margem direita do S. Francisco. Na outra margem veio dar, menos forte e menos accelerado, movimento identico partido de Pernambuco.

Ao romper a guerra hollandeza estavam inçadas de gado as duas bandas do rio em seu curso inferior. Nem por outro motivo as incorporou Mauricio de Nassau ao territorio da Companhia das Indias Occidentaes, e os patriotas da liberdade divina com tanto affinco as defenderam. »

Nessa épocha, os campos do Rio Grande do Norte já estavam povoados de gado até o Ceará-mirim e começavam a ser povoados, pelo interior, até ás ribeiras do Seridó e do Açú. D'ahi em deante, a criação teve rapido e progressivo desenvolvimento, especialmente, depois da expulsão dos Hollandezes; e quando, no correr do seculo XVII, sublevaram-se várias tribus de indios, *matando milhares de cabeças de gado, queimando e destruindo a toda coisa viva*, e pondo em risco, por dezenas de annos, a segurança da capitania — só inteira-

mente pacificada em 1697 por Bernardo Vieira de Mello — ella era uma região francamente criadora.

Terminada a *guerra dos indios*, a indústria pastoril floresceu novamente; e, já então, em melhores condições, tanto porque o receio de possiveis levantamentos dos indigenas dera logar, no interior, á fundação de presidios militares, de que o do Açú fôra o principal, como porque das fôrças expedicionarias que contra elles haviam marchado algumas alli ficaram, e das outras muitos que a ellas tinham pertencido permaneceram definitivamente na capitania. Surgiram nucleos de população fixa, creando-se novas villas e organizando-se a vida administrativa em paragens, onde antes existiam apenas pequenas fazendas.

Como consequencia do alargamento da criação, foram estabelecidas officinas de carnes sêccas em Mossoró e Açú (em logares que ainda hoje conservam a denominação de *Officinas*), carnes que no seculo XVIII chegaram a constituir objecto de um importante commércio. Prova-o a carta que a Juncta de Fazenda de Pernambuco dirigiu, accompanhada de uma ordem real, á Camara de Natal a respeito dêsse commércio naquelles ponctos. A Camara, em vereação de 4 de Março de 1786, respondendo á Juncta de Fazenda, opinava pela prohibição da exportação allegando, entre outras razões, o prejuizo que advinha á Fazenda Real da não arrecadação do subsidio de sangue em uma matança de perto de mil cabeças de gado, que cada barco conduzia (o subsidio de sangue era de 400 réis por boi e 320 por vacca). Lembrava que, na hypothese de não ser totalmente abolida a exportação, sendo-o em parte, dever-se-ia cobrar aquelle subsidio, providencia que já havia ordenado.

Sôbre o mesmo assumpto escreveu o capitão-general, governador de Pernambuco, a Martinho de Mello e Castro a 23 de Maio de 1788, mostrando a inconveniencia da matança e salga de carnes para a exportação nos mesmos ponctos pelo prejuizo que trazia ás feiras geraes de Goiana e Sancto Antão e porque *das fazendas de gado que alli ha é que sempre se proveram os açougues da capitania da Parahiba e de toda esta.* Declarou que tinha prohibido a referida expórtação, permittindo-a somente no porto do Aracatí. Posteriormente, o mesmo capitão-

general, em offício de 11 de Maio de 1789, mantinha a prohibição recommendada antes, ainda exceptuando *as officinas que iam do Aracatí para o Norte*. O commércio das carnes sêccas era então notavel; e, pelo offício citado, verifica-se que em Pernambuco — e o mercado preferido era o da Bahia — haviam sido consumidos até Março quatorze barcos. Prohibido o seu preparo no Rio Grande do Norte, taes carnes ficaram vindo apenas das officinas do Aracatí para o Norte, isto é, da capitania do Ceará, donde o facto de ser o xarque conhecido em todo o norte sob o nome de *carne do Ceará*.

A extincção da indústria de carnes sèccas, que tinha chegado a um alto gráo de prosperidade, não fez, porém, decaïr a da criação; as feiras da Parahíba e Pernambuco continuaram a ser e ainda são bons mercados para lucrativas transacções.

Até depois do meiado do seculo passado, o dizimo cobrado sôbre a criação constituiu a principal fonte d receita provincial. Nos exercicios de 1853, 1854 e 1855, por exemplo, as arrematações dêsse dizimo subiram, respectivamente, a 24:028$350, 27:395$ e 31:917$, sendo as réceitas arrecadadas em:

1853	76:742$140
1854	64:757$584
1855	87:194$927

Só de 1847 em deante, ante os grandes prejuizos occasionados pela sêccá de 1845, foi que a ex-provincia começou a tornar-se agricola, sem perder, em todo caso, o seu character de zona francamente criadora. O quadro que se segue mostra qual era em 1862 a situação da indústria pastoril:

Comarcas	Numero de fazendas	Producção annual
Natal	263	8.720
S. José de Mipibú..........................	172	2.350
Açú	408	9.940
Mossoró	305	11.800
Seridó	622	16.500
Maioridade	243	10.320

Nesse anno, o presidente Pedro Leão Velloso apontava como causas entorpecedoras do seu progresso: a inconstancia e inclemencia das estações; as sêccas repetidas; o máo tracto que recebia o gado; a degeneração das raças; as epizootias. Embora attenuadas em seus effeitos, essas causas subsistem ainda.

E' impossivel precisar exactamente a quantidade de gado existente, na ausencia de estatisticas regularmente organizadas. Póde-se, todavia, calculá-la, como fez a Directoria da Estatistica do Ministerio da Agricultura, na *Synopse do Censo Pecuario da Republica*, publicada em 1913, na qual obteve estes resultados:

Bovinos	537.000
Equinos	139.000
Asininos e muares	105.000
Caprinos	418.000
Ovinos	357.000
Suinos	99.000

A população pecuaria seria de 1.655.000 cabeças. Será acceitavel este cálculo ? Vejamos.

Admittindo que a média do consumo de carne fresca no Estado seja annualmente, por habitante, de 20 kilos, temos que esse consumo é de 10.000.000 de kilos por anno para uma população que, em outra parte dêste trabalho, calculámos, justificando, em 500.000 habitantes. O pêso util de cada rez regula 100 kilos. Segue-se, portanto que é de 100.000 o número de rezes abatidas annualmente para abastecer de carne fresca a população. Addicionando-se 20.000 cabeças destinadas ao commércio de carne sêcca ao sol e ao vento e do gado exportado em pé para as feiras da Parahíba e de Pernambuco, teremos um total de 120.000 rezes para o consumo annual. Suppondo que esse consumo represente 20 %, a população bovina deverá ser de 600.000 cabeças, sendo a média da producção superior áquelles 20 %, uma vez que a referida população augmentada sempre, apesar dos grandes prejuizos occasionados, de vez em quando, pelas sêccas. O cálculo da Directoria de Estatística, que é de septe annos passados, não deve estar longe da verdade quanto aos bovinos. Neste mo-

mento, o número dêstes é, segundo as melhores previsões, superior a 600.000 rezes.

Relativamente aos equinos, asininos, muares e suinos elle é tambem inteiramente acceitavel, com uma percentagem a maior, á vista do tempo decorrido. Outro tanto, porém, se não póde dizer em relação aos ovinos e caprinos. A criação dêstes é consideravel no Estado, merecendo especial destaque a dos caprinos, que encontram «nas zonas septentrionaes que se prolongam da Bahia até o Piauhí o seu *habitat* ideal: catingas, serras, terrenos pedregosos, calcareos, seccos, cobertos de uma vegetação characterizada pelos *cactos e cereus, facheiros, macambiras, palmatorias, gravatás, mandacarús, chique-chiques, imbús, cabeças de frade* e outros representantes de uma flora *sui generis* no Brasil».

De 1903 a 1908, a exportação de pelles de lanigeros e caprinos, sob o nome generico de *courinhos*, foi a seguinte:

	Pelles
1903	345.534
1904	565.302
1905	301.639
1906	248.597
1907	343.795
1908	755.688

Essa exportação, com as alternativas climatericas a que está sujeito o Estado, tende sempre a augmentar. Seria, portanto, inadmissivel, ante os algarismos da exportação de pelles, que o número dos ovinos e caprinos fôsse apenas de 775.000.

Inclinamo-nos, por isto, a adoptar a opinião dos que entendem ser esse número superior a 2.000.000 de cabeças.

Além dos productos de que já fallámos, muitos outros figuram nos quadros da exportação. Entre elles:

Oleo de caroço de algodão — Com o desenvolvimento que tem tido a cultura do algodão, era natural que a exportação do caroço avultasse em quantidade. Entretanto, isto não succedeu e provavelmente não succederá, porque uma grande parte é consumida na alimentação do gado e outra na fábrica de oleos e sabão, fundada em 1904 em Carnahubinha, pequeno porto proximo á capital, na margem esquerda do Jundiahí,

que lança suas aguas no Potengí. Só o caroço, que não tem applicação no Estado é, portanto, exportado. D'ahi o facto de estar bastante reduzida, essa exportação, que, em 1893, por exemplo, já subia a 3.510.110 kilos.

Tecidos — Existe uma fábrica de fiação e tecidos em Natal, inaugurada em Julho de 1888. Tem 152 teares, produzindo, em média, por anno, 1.800.000 metros de tecidos de algodão e 90.000 kilos de fio.

Queijos — Vem de annos à exploração da indústria de leite, fabricando-se já grande quantidade de manteiga e de queijos. Estes são de primeira qualidade e muito conhecidos sob o nome de *queijos do Seridó*. A princípio, o seu consumo, como o da manteiga, se circunscrevía ás fronteiras do Estado. Actualmente, não. Correntes commerciaes, habilmente dirigidas, collocaram esse producto em Manáos, Belém, Recife, Rio de Janeiro e outros mercados, onde teve facil acceitação e grande saïda. E' uma indústria de futuro. A producção póde ser calculada em 2.000.000 de kilos e a exportação em 200.000.

Carne sêcca (ao sol e ao vento) — Tem largo consumo no Estado. A exportação é pequena.

Couros seccos e salgados, sola, chifres, ossos, sebo e unhas de boi — Dada a importancia da indústria pastoril no Estado, são generos que apparecem em quantidades apreciaveis nas estatisticas da exportação. O cortume de couros é rudimentar e atrazado, sendo de admirar como ainda não foram adoptados processos aperfeiçoados para prepará-los. Seria um bom emprêgo de capital, certa como é a remuneração que dará.

Borracha — A borracha exportada é fabricada com o leite extrahido da maniçoba e da mangabeira. Preparada sem cuidado e empiricamente, mesmo assim dá vantajosos resultados.

A maniçoba é sangrada desde o terceiro ou quarto anno para *amansar* e d'ahi em deante produz, em média, um kilo por dous pés. Cresce de preferencia nos sertões. A mangabeira, que dá um fructo saboroso, é planta dos taboleiros. Para extrahirem o leite golpeiam toda a arvore, offendendo, ás vezes, as suas raizes.

Uma e outra resistem ás maiores estiagens; e, quando plantadas e tractadas como devem ser, offerecerão vasto campo á exploração industrial.

A exportação de borracha subiu em 1903 a 181.033 kilos. Presentemente, é, em média, trez vezes maior.

Carnauba — Estudando esta palmeira no Rio Grande do Norte, escreveu Domingos Barros:

«Fallemos dos rios occidentaes:

Para além da Borborema, até entestar com o Ceará, o territorio reparte-se quasi egualmente entre as bacias de dous grandes rios sertanejos: o Apodí inteiramente riograndense, cujos limites da zona tributaria para o Sul e para o Poente são os proprios limites do Estado com o Ceará e com a Parahíba; e o Açú, que, depois de drenar com o nome de Piranhas as aguas parahíbanas em uma ampla bacia que abrange a metade central do Estado, entra no Rio Grande do Norte, pelos altos sertões do Seridó e, descendo, traça a meio Estado quasi o meridiano de Norte a Sul, vindo alcançar o Atlantico em Macau.

Nos bons invernos, estes dous rios descem tão pesados que o leito, apesar de largo e vasto, não lhes basta e derramam-se e espraiam-se pelas margens, submergindo e alagando as grandes planicies ribeirinhas.

Elles recobrem então e fertilizam as varzeas afamadas do Açú e do Apodí, regiões predilectas dos carnaubaes.

Em extensão de muitas leguas, pelo curso dos rios, só ha uma unica vegetação enchendo toda varzea de lado a lado e formando uma floresta das mais curiosas e das mais bellas. Floresta sem galhos, sem troncos tortuosos, sem o emaranhado das lianas e dos cipós e sem a sombra religiosa e espessa das mattas virgens.

E' o imperio da linha recta. Os troncos são columnas verticaes, esbeltas e longas, elevando nas alturas o globo harmonioso e regular das palmas. E esta columnata profusa, espaçada aqui, agglomerada e reunida além, dá-nos a impressão de um templo immenso, cujo conjuncto nos escapa. Mas as palmas festivas, alegres e simples, em suas puras linhas geometricas, enchem e adornam a floresta toda.

O chão é um só tapete de tenras, de delicadas palmeirinhas, cujo caule ainda se não percebe. Outras mais altas congregam-se em moitas, aggrupam-se em redor dos grandes troncos, enchendo todos os intervallos.

E os olhos só vêm palmas, verdes e trementes palmas, até no tecto da floresta, onde recortam o azul intenso do céo com suas delicadas e finas digitações. E todas fremem e oscillam ao menor sôpro. E ha por toda a parte um ruido farfalhante e contínuo, um ciciar harmonioso e suave que nenhuma outra selva possue e que é bem a respiração e a vida da matta sertaneja.

A carnauba é a planta typica do sertão, exemplo de resistencia e de poder productivo.

Vêde. O sertão escalda. Tudo é devastação e morte. Das juremas e das emburanas nas catingas só restam os ramos seccos e nús, e nos prados o residuo pulverulento das forragens calcinadas, dando á morna paizagem uma pungente impressão do abandono e uma infinita tristeza. Entretanto, ha seres que vivem, qual salamandra da fabula, nesta fornalha.

E a carnauba immortal eleva no campo desolado, bem alto, sua alterosa corôa de folhagem. E são verdes, brilhantes folhas espalmas voltadas immoveis para a amplidão, como protesto solenne da uberdade da terra contra a inclemencia do céo.

Não ha planta mais util e mais prestimosa.

Só a carnauba faz toda a casa do sertanejo.

O tronco dá o madeiramento, os esteios, as linhas, as têrças, os caibros, as ripas — a ossatura geral da construcção, — e as palhas fornecem a cobertura do tecto e o revestimento das paredes.

Mais ainda. Todo o mobiliario e todos os utensilios são de carnauba.

As prateleiras, as mesas, os bancos, o armario são de taboas de carnauba, porque esta palmeira excepcional, ao contrário de todas as demais, tem um centro medular tão rigido e tão duro como a peripheria, e assim fornece taboas solidas e resistentes.

A palha, forte e lisa, presta-se á confecção de accessorios os mais variados. Tece-se em esteiras, e isto constitue uma grande indústria dos pobres, sobretudo das mulheres e das crianças. Fazem-se tambem urupemas, as peneiras unicas usadas no Norte, a vassoura, o abano e até saccos solidos e duradouros para o transporte e acondicionamento dos cereaes. Mas, dentre todos, são os chapéos os mais bellos productos da palha. Ha-os de todos os feitios e de todos os preços, desde os mais toscos e grosseiros, infinitamente baratos, até os de tecidos finissimos tão artisticos como os de Chile e Panamá.

A palha macerada e batida reduz-se a fibras, e temos nova série de productos, os artefactos de fibras: as cordas, os trançados e até as rêdes — o leito predilecto dos nortistas.

A carnauba fornece uma fecula nutritiva do mesmo valor alimenticio que a da mandioca.

Seus fructos, abandantes quando verdes, constituem boa ração para os gados. Seccos, fornecem um oleo fino comestivel e, torrados e moïdos, dão uma beberagem similhante ao café.

As raizes são medicinaes.

Mas, dentre tantos productos, a cêra é o mais importante e valioso. E' uma substancia particular, mixtura de etheres solidos de acidos graxos superiores.

E' dura e quebradiça, de fractura conchoidal, insipida e inodora, fusivel acima de 90 gráos. Bom isolador do calor e de electricidade, ardendo com uma chamma brilhante, rica em carbono. Existe na superficie das folhas, em tenue cuticula, como um verniz protector. A mais bella, a de um amarello claro, é retirada das folhas mais tenras, antes mesmo que se tenham expandido em palmas. Mais edosas, dão cêra mais escura. Ha certamente um princípio oxydavel que, pela acção do ar, soffre uma profunda alteração na côr.

Eis como se practíca para recolher a cêra:

O operario, armado de uma longa vara, formada pela articulação de trez ou quatro secções, e trazendo na extremidade uma pequena foice — o trinchete — apropriada ao mistér, golpeia o peciolo, e a cada golpe desce uma palma. São recolhidas e postas a seccar. Opera-se a retracção dos tecidos. e a cêra desprovida de elasticidade, não podendo accompanhá-

los em seu movimento regressivo, estala e fragmenta-se em finas e levissimas escamas. Cumpre separá-las das palhas. Operação delicada. O menor sôpro occasiona grandes perdas, pela excessiva tenuidade da substancia. Abrem, no centro abrigado do carnaubal uma clareira, recobrem-na de esteiras, amontoam as palhas e, pela calma da madrugada, na *calada* do vento, como dizem, batem rijamente e sacodem as palhas. O pó é logo recolhido e guardado antes da quéda do nordéste. Não resta mais que fundir para obter os pães. A fusão opera-se no seio da agua a ferver para evitar a alteração por parte do calor directo. A cêra, como um oleo amarello, sobrenada o liquido em ebulição, e as impurezas terrosas precipitam-se no fundo da caldeira. O oleo, quente, é vasado em moldes e promptamente solidifica-se em pães.

A cêra de carnauba é muito procurada e tem boa cotação nos mercados americanos. Nossos carnaubaes rendem annualmente 350 a 400 mil kilos de cêra.

Ora, si considerarmos uma média de 200 grammas por arvore, póde avaliar-se a profusão e a abundancia em que existe entre nós a esbelta e graciosa palmeira...»

A carnauba e as indústrias connexas dos seus multiplos e variados productos são conhecidos desde o tempo da capitania; mas a sua exploração estava bem longe de ser o que é presentemente.

Em 1849 escrevia o conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques: «A carnauba e a sua cêra constituèm um dos principaes ramos da producção da provincia. Particularmente no municipio de Açú, arrendam-se extensos carnaubaes para o córte dos palmitos, que seccando ou passados em agua quente, dão a cêra empregada nas velas compostas. Colhida a cêra, vendem-se e exportam-se as palhas sêccas para os tecidos em que são de grande uso. Sabeis muito bem as grandes utilidades desta especie de palmeira, que não sómente dá luz e alimenta ao homem e ao gado, como presta os materiaes para todas as partes da construcção de uma casa e para os moveis indispensaveis. Mas, senhores, si a palmeira é um symbolo magnifico de abundancia, tambem o é da preguiça do selvagem que á sua sombra se embalava. Pois que o trabalho é a origem da riqueza, nada mais fatal para

elle do que a preguiça, que domina tão geralmente nos descendentes dos primitivos senhores do paiz, que constituem na provincia grande parte da população destinada ao trabalho material».

Em 1908, pelos dados officiaes publicados quando se realizou a Exposição Nacional, onde a cêra obteve o grande premio, a exportação regulava 342.500 kilos. Hoje é um pouco maior. O dr. Manuel Dantas affirma que a média da producção da cêra, de esteiras e de chapéos é, de presente, a seguinte: 800.000 kilos de cêra, 100.000 esteiras e 50.000 chapéos.

Fumo — O fumo dá em todos os Estados com vantagens relativas; mas é planta peculiar dos climas quentes, sendo certo que da elevação da temperatura e de condições hygrometricas especiaes, depende, em grande parte, a superioridade da qualidade do producto. No Estado, o seu cultivo é antiquissimo, e, a não ser pela má semente e pelo imperfeito do fabrico, é difficil explicar porque não attingiu ainda ao gráo de desenvolvimento que era de esperar. O consumo local absorve quasi toda a producção: a quantidade exportada é pequena.

Não ha fábricas de charutos; mas as de cigarros são numerosas.

Mel de abelhas — Não ha a cultura systematizada da abelha. Os colmeiaes são raros; e os ninhos se encontram nos ôcos das velhas arvores, nas fendas das grandes pedras ou em cavidades practicadas no proprio sólo, sendo muitos construidos ao ar livre ou characterizados pela entrada feita de barro. O mel — extrahido e exportado tal qual foi fabricado — é, em geral, saboroso, aromatico e de côr variavel. Quando puro, é de um amarello claro. Nos annos de bom inverno, é muito abundante; mas nos tempos de sêcca escasseia. A maior exportação de que temos notícia foi de 700 litros. O consumo interno é grande.

Sementes de mamona — A exportação de sementes de mamona foi em 1903 de 13.939 kilos. Tem-se elevado gradualmente. E' producto de baixo preço, mas susceptivel de exploração.

Farinha e gomma de mandioca — A mandioca é larga-

mente cultivada, sendo os seus principaes productos a farinha e a gomma (polvilho). A primeira entra em grande proporção na alimentação geral, existindo no Estado cêrca de 1.400 aviamentos — pequenos engenhos de madeira — em que é fabricada. O consumo interno é extraordinario, mas difficilmente terá grande exportação; dada a carestia do transporte dos centros productores para os mercados de outros Estados, a competencia é nelles impossivel, tanto mais quanto a facilidade da cultura da mandioca torna o genero abundante em toda a parte, fazendo-o descer a preços muito baixos.

Feijão e milho — O feijão e o milho tambem são extensamente cultivados no Estado. Dá-se, entretanto, em relação a estes dous, como a outros productos, uma circunstancia que deve ser assignalada. Nos annos regulares, desvalorizam-se em extremo, chegando a preços infimos, em consequencia do excesso de producção; e, nos annos de prolongadas estiagens, sobem a preços exorbitantes, pela reducção dessa mesma producção. A oscillação do preço de um litro de feijão ou de milho, que é, em média, de 200 réis, vai, ás vezes, de 400 réis a 1$; e isto porque, quando excessiva a producção, não se póde exportar parte della para normalizar os mercados internos, devido, como succede com a farinha, á carestia dos transportes; e, quando insufficiente, é necessario importar o genero de outros ponctos do paiz e é ainda a elevação dos fretes, tanto maritimos como terrestres, que a encarece.

Estudamos apenas — e nem outro era, nesta parte, o nosso proposito — os productos que figuram normalmente nos quadros da exportação do Estado. Devemos, porém, assignalar que elle produz todos os vegetaes dos climas quentes; tem, no reino animal, variadas producções proprias das regiões sub-tropicaes; possue muitas riquezas mineraes importantes.

Não lhe faltam, portanto, elementos de vida. O que é necessario é que continue a remover, até annullar por completo, as causas que embaraçam o seu progresso, e isto se fará talvez mais rapidamente do que era de suppôr, porque alli, como em todo o paiz a solução do problema economico

não é mais, de muitos annos para cá, uma aspiração vaga e indefinida; é uma necessidade que, por um conjuncto de circunstancias imperiosas, se impoz a todos os homens de govêrno. De presente, ninguem manterá por muito tempo as responsabilidades do poder sem practicar lealmente a unica politica possivel neste momento de radicaes transformações no mundo: a do desenvolvimento da nossa capacidade productora, como condição essencial de grandeza economica e de independencias politica.» (*Muitos applausos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) congratula-se com o sr. Tavares de Lyra pelo valioso e instructivo trabalho que acaba de ler, e que vai ser precioso subsidio para o Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, destinado a commemorar a Independencia Nacional e já em adeantada elaboração.

O assumpto do referido trabalho é interessantissimo é da maior opportunidade, pois se relaciona com o problema do Nordéste, para solução do qual o socio benemerito do Instituto, SR. EPITACIO PESSÔA, actual presidente da Republica, reclamou, em recente mensagem, com elevada clarividencia e descortino, providencias energicas e decisivas do poder competente. Esse problema sempre interessou ao Instituto, constantemente preoccupado com tudo quanto diz respeito ás legitimas aspirações e ao futuro do Brasil.

No comêço do presente anno foi unanimemente adoptada uma proposta devida á feliz e fecunda iniciativa do prestantissimo secretário perpétuo, sr. Max Fleiuss, relativa a se fazerem no Instituto conferencias públicas, tractando do flagello das sêccas e dos meios de debellá-lo. A bella idéa vai ter execução dentro de alguns dias. A primeira das conferencias será realizada pelo presidente do Instituto, que expenderá a opinião e os estudos do mesmo sôbre a questão. Seguir-se-ão outras, para as quaes serão convidadas capacidades e eloquencias como a de Afranio Peixoto, Solidonio Leite, Agenor de Roure, João Lyra, Viveiros de Castro, Roquette Pinto, Tavares de Lyra, Basilio de Magalhães, Laudelino Freire, Eurico de Góes e outros illustres consocios que, de certo, não se hão de recusar e resgatarão as faltas da primeira, á qual caberá naturalmente, o logar assignalado pelo

Evangelho a certas prioridades, mas que não poderá ser excedida em boa vontade e sentimento patriotico. (*Palmas.*)

Levanta-se a sessão ás 23 horas. — *Agenor de Roure*, servindo de 2º secretário.

ASSEMBLEA EXTRAORDINARIA, EM 11 DE OUTUBRO DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso
(*presidente perpétuo*)

A's 20 ½ horas abre-se a sessão de assembléa geral extraordinaria com a presença dos seguintes socios: srs. conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Edgard Roquette Pinto, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Homero Baptista, Solidonio Leite, Sebastião de Vasconcellos Galvão, almirante José Candido Guillobel, Juliano Moreira, Basilio de Magalhães, Pedro Souto Maior, Augusto Olympio Viveiros de Castro, Jonathas Serrano, Alfredo Pinto Vieira de Mello, marechal Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Laudelino Freire, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, Eurico de Góes, Antonio Olyntho dos Santos Pires, José Carlos Rodrigues, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, João Lyra Tavares, Arthur Pinto da Rocha, João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Afranio Peixoto, commandante Francisco Radler de Aquino e Agenor de Roure.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpectuo*) declara que, usando das attribuições que lhe conferem os Estatutos, em seu art. 61, convocou a presente sessão de assembléa geral, afim de se resolver sôbre uma proposta que indica para presidente honorario do Instituto o socio benemerito sr. Epitacio Pessôa, actual presidente da Republica, e sôbre o parecer da Commissão de Admissão de Socios opinando pela approvação da proposta que indica a elevação a benemerito do socio effectivo, sr. almirante José Candido Guillobel, questões essas que, nos termos dos Estatutos, só podem ser decididas em assembléa geral.

O Sr. Fleiuss (*secretario perpétuo*) lê a seguinte proposta para presidente honorario:

« Temos a honra de propor para presidente honorario do Instituto, nos termos do art. 12 dos Estatutos, o sr. dr. Epitacio Pessôa, actual presidente da Republica.

O sr. dr. Epitacio Pessôa foi indicado para socio do Instituto em 1 de Março de 1901, tendo assignado a respectiva proposta os srs. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manuel Francisco Corrêa, marquez de Paranaguá, barão Homem de Mello, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, conselheiro Liberato de Castro Carreira, commendador Henrique Raffard, Max Fleiuss, dr. José Americo dos Santos e commendador Miguel Archanjo Galvão.

Eleito, por unanimidade, em 29 de Março, tomou posse na sessão de 24 de Maio, tambem de 1901, e do seu discurso de recepção destacaremos os seguintes trechos:

« Disse que entre as honras a que porventura tenha aspirado, levado pela justa ambição de todo aquelle que faz do trabalho o seu principal estímulo e no amor ao seu paiz, amor sem ostentação, mas apesar disto ou talvez por isto mesmo. verdadeiro e profundo, encontra os mais fortes incentivos da sua vida, certo que jamais sonhou, di-lo com a mais pura e talvez ingenua sinceridade, pertencer ao gremio desta benemerita associação. Acima, muito acima de todas as suas aspirações, pairava o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, onde, como em logar sagrado, só accessivel aos grandes eleitos da intelligencia e do saber, se acostumara desde muito a ver reunidos os grandes da sua Patria, dominados por um só pensamento, impellidos por uma só ambição, fascinados por um só ideal — ideal, ambição e pensamento que podem ser expressos nessa bella synthese do seu venerando presidente actual — a glorificação da Patria pela revelação da sua Historia. »

Posteriormente foi s. ex. eleito para as commissões Subsidiaria de Geographia, Ethnographia e Archeologia, e nomeado para a de Admissão de Socios. O sr. dr. Epitacio Pessôa nunca recusou seus efficientes serviços ao Instituto. Entre outros prestados por s. ex. releva consignar o ter

sido, em 1916, um dos redactores dos primitivos estatutos da Academia de Altos Estudos, hoje Faculdade de Philosophia e Lettras; e eleito presidente da 4ª sub-secção (Historia Constitucional e Administrativa) do futuro Congresso Internacional de Historia da America, promovido pelo Instituto, compareceu ás sessões da Commissão Geral em 26 de Novembro e 10 de Dezembro de 1918, indicando os relatores para as diversas theses e incumbindo-se da que se inscreve sob o titulo: «A elaboração juridica do Brasil; suas grandes figuras. Influencia que exerceu em diversos paizes sul-americanos».

Conclue-se d'ahi que a presente homenagem é, sob todos os aspectos, inteiramente justa.

Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1919. — *Conde de Affonso Celso.* — Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão.* — *Max Fleiuss.* — *Edgard Roquette Pinto.* — *Arthur Ferreira Machado Guimarães.* — *Clovis Bevilaqua.* — *Manuel Cicero Peregrino da Silva.* — *Antonio Coutinho Gomes Pereira.* — *Antonio Olyntho dos Santos Pires.* — *Gastão Ruch Sturzenecker.* — *Antonio de Barros Ramalho Ortigão.* — *Homero Baptista.* — *Solidonio Leite.* — *Agenor de Roure.* — Dr. *Pedro Souto Maior.* — *Basilio de Magalhães.* — *Jonathas Serrano.* — *Afranio Peixoto.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *José Candido Guillobel.* — *Juliano Moreira.* — *Laudelino Freire.* — *Augusto Olympio Viveiros de Castro.* — *Alfredo Pinto Vieira de Mello.* — *Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.* — *José Carlos Rodrigues.* — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.* — *Eurico de Góes.* — *Augusto Tavares de Lyra.* — *Arthur Pinto da Rocha.* — *João Lyra Tavares.* — *Francisco Radler de Aquino.* — *João de Oliveira Sá Camelo Lampreia.*»

O SR. PRESIDENTE relembra os serviços prestados ao Instituto pelo sr. Epitacio Pessôa, considerando-o inteiramente merecedor da excepcional homenagem. Vai pôr em discussão a mesma proposta. e si ninguem pedir a palavra, seguir-se-á a votação.

O SR. CAMELO LAMPREIA pede a palavra pela ordem e propõe que a votação seja por acclamação.

E' approvada unanimemente a proposta, que provoca muitos applausos.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) proclama PRESIDENTE HONORARIO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO o SR. EPITACIO PESSÔA, que pertence ao mesmo Instituto desde 29 de Março de 1901. Diz mais que hoje mesmo, por telegramma, será communicada a s. ex. a resolução do Instituto.

O SR. FLEIUSS (*secretário perpétuo*) lê o seguinte parecer da Commissão de Admissão de Socios:

— «A Commissão de Admissão de Socios applaude inteiramente a proposta, que indica a elevação do socio effectivo — sr. almirante José Candido Guillobel — a socio benemerito.

Por seus grandes serviços prestados á Nação e pelos trabalhos e dedicação desde a sua entrada para o Instituto, em 24 de Novembro de 1882, merece o sr. almirante Guillobel todas as nossas homenagens.

Rio, 8 de Outubro de 1919. — *Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires*. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.»

(Retira-se da sala o sr. almirante Guillobel.)

O SR. FLEIUSS, como um dos signatarios da proposta, exalta os serviços do sr. almirante Guillobel, que foi dedicado auxiliar do inolvidavel sr. barão do Rio-Branco nas nossas grandes questões de limites.

O SR. PRESIDENTE põe em discussão o parecer da Commissão de Admissão de Socios, e ninguem pedindo a palavra, submette-o á votação, sendo o mesmo approvado por unanimidade.

O SR. PRESIDENTE proclama socio benemerito do Instituto o sr. almirante José Candido Guillobel, que faz parte desta associação desde 24 de Novembro de 1882.

(Volta ao recincto o sr. almirante Guillobel, que é muito cumprimentado.)

O SR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES offerece á bibliotheca do Instituto as seguintes obras, riquissimamente encadernadas em um volume:

— *Histoire de la Première Descouverte et Conqueste des Canaries faite dès l'an 1402, par Messire Jean de Bethencourt, Chambellan du Roy Charles VI. Paris — Chez Michel Soly — M. DC. XXX.*

— *Traicté de la Navigation et des Voyages de Descouverte & Conqueste modernes & principalement des François. Paris — Chez Jean de Hevoveville — M. DC. XXIX.*

O SR. PRESIDENTE agradece, em nome do Instituto e no seu proprio, a nova offerta do socio benemerito sr. José Carlos Rodrigues, a quem o Instituto deve reiteradas provas de apreço.

O SR. FLEIUSS propõe que em todas as sessões do Instituto, mesmo as de assembléa geral sejam lidas das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as que se referirem ao dia dessas sessões.

A proposta é approvada unanimemente, e o SR. ROQUETTE PINTO, 2° secretário, lê as *Ephemerides* relativas ao dia 11 de Outubro e tambem ao dia 12, fazendo o SR. ANTONIO OLYNTHO uma observação sôbre a fundação, no dia 12 de Outubro de 1876, da Escola de Minas de Ouro Preto.

O SR. PRESIDENTE nomeia para representarem o Instituto nas homenagens que vão ser prestadas ao sr. general Candido Rondon, os srs. Fleiuss, Roquette Pinto, Thaumaturgo de Azevedo e Eurico de Góes, e para convidarem o sr. presidente da Republica para a sessão magna commemorativa do octogesimo primeiro anniversario da fundação do Instituto, a 21 do corrente, os Srs. Ramiz Galvão, Manuel Cicero, Fleiuss, Roquette Pinto, Antonio Olyntho, Basilio de Magalhães, Solidonio Leite e Eurico de Góes.

Diz mais o SR. PRESIDENTE que havendo expediente a resolver, convoca para o dia 15 do corrente, ás 17 horas, uma sessão ordinaria.

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão ás 20 ½ horas. — *Roquette Pinto*, 2° secretário.

SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 15 DE OUTUBRO DE 1919

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

A's 17 horas abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: srs. conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Edgard Roquette Pinto, almirante José Candido Guillobel, Solidonio Leite, commandante Raul Tavares, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, Sebastião de Vasconcellos Galvão e Pedro Souto Maior.

O SR. ROQUETTE PINTO (2° *secretário*) lê a acta da sessão anterior a qual é, sem discussão, approvada unanimemente.

O mesmo SR. 2° SECRETÁRIO lê, de accôrdo com o resolvido na assembléa geral de 11 dêste mez, as *Ephemerides* relativas á data de 15 de Outubro.

O SR. 1° SECRETÁRIO lê as seguintes propostas que são, todas, remettidas á Commissão de Archeologia e Ethnographia, sendo relator o sr. Juliano Moreira:

— « Temos a honra de propor para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — o sr. dr. William Curtis Farabee, professor da Universidade de Pennsylvania, auctor de notaveis trabalhos de Anthropologia e Ethnographia sôbre as populações indigenas da Guiana Ingleza e do Amazonas.

Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1919. — *Roquette Pinto.* — Dr. *Ramiz Galvão.* — *Fleiuss.*»

— « Temos a honra de propor para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — o sr. Erland Nordenskjold, director do Museu de Göteborg (Suecia).

Tracta-se de um dos maiores conhecedores de Ethnographia Sul-Americana, auctor de importantes volumes a respeito.

Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1919. — *Roquette Pinto.* — Dr. *Ramiz Galvão.* — *Fleiuss.*»

— « Temos a honra de propor para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o sr. Alexander Hamilton Rice, socio da « American Geographical Society of New-York », do « Explorer's Club of America », etc., geographo que tem dedicado sua grande actividade ao territorio brasileiro, especialmente nas regiões do Rio Negro (Amazonas).

Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1919. — *Roquette Pinto.* — Dr. *Ramiz Galvão.* — *Fleiuss.*»

O mesmo SR. SECRETÁRIO lê mais estas propostas:

— « Temos a honra de propor para socio honorario do Instituto, nos termos do art. 9° dos Estatutos, o sr. senador dr. Justo Leite Chermont, que tem reiteradamente demonstrado grande dedicação aos estudos historicos.

Sala das sessões, 11 de Outubro de 1919. — *Conde de Af-*

fonso Celso. — *Fleiuss.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Solidonio Leite.* — Dr. *Souto Maior.* — *Araujo Vianna.* — *José Candido Guillobel.* — *Raul Tavares.*»

Vai á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o dr. Ramiz Galvão.

— «Propomos para socio correspondente dêste Instituto o sr. dr. Ignacio Baptista de Moura, nascido no Pará a 31 de Julho de 1857 e residente na cidade de Belém no mesmo Estado, filho do coronel João Baptista Gonçalves de Moura; engenheiro civil, professor de varios estabelecimentos de ensino daquella capital, presidente do Instituto Historico do Pará, e auctor de algumas obras scientificas, entre as quaes a intitulada *De Belém a S. João do Araguaya* (Valle do rio Tocantins), da qual se juncta um exemplar a esta proposta.

Sala do Instituto, 5 de Septembro de 1919. — *Rocha Pombo.* — *Fleiuss.* — *Homero Baptista.*»

Vai á Commissão de Geographia, relator o sr. almirante Guillobel.

O sr. Roquette Pinto communica ao Instituto que por occasião de sua estada em Bello Horizonte, no Congresso de Geographia, fez uma pequena excursão, em companhia do professor Braz do Amaral, á Lagoa Sancta.

Visitou a pequena villa, cujas casinhas, como no tempo de Lund, ainda são cercadas de muros de taipa, a casa do fundador da Paleontologia sul-americana, em que hoje funcciona uma eschola pública, o tumulo do sabio e a caverna da Lapa Vermelha, nas vizinhanças da povoação.

No livro da eschola pública deixou consignada a sua visita, feita egualmente em nome do Instituto.

O sr. 2º secretário lê o seguinte parecer da Commissão de Historia, o qual é approvado, sendo os papeis remettidos á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. Ramiz Galvão:

— «Foram submettidos á nossa apreciação diversos trabalhos do sr. professor Daltro Santos.

O primeiro, apparecido sem nome de auctor, é a *Noticia chronologica do Collegio Militar*, escripta para a Exposição Nacional de 1908 e nessa mesma data publicada. Já ahi se revela a tendencia do sr. professor Daltro Santos para

os estudos historicos, de par com assignalado apuro de linguagem.

Essas mesmas qualidades, servidas por leitura adequada e por excellente methodo de exposição, salientam-se no opusculo *Christovam Colombo*, vindo a lume em 1913. Nesse escripto, ao lado da verdade historica, é de notar o cuidado com que o auctor summariou os effeitos grandiosos da empresa genial do descobridor do Novo Mundo. São páginas, infelizmente poucas, que causam proveito e prazer.

O terceiro é o pequeno discurso que o sr. professor Daltro Santos pronunciou no anno passado, quando paranymphou a turma de agrimensores, preparada pelo Collegio Militar. Si ahi não ha exfôrço de cavouqueiro da Historia, vibra, em compensação, uma alma de ardoroso patriota, palpita o coração de um nacionalista bem exclarecido e bem orientado.

Além dessas producções, enfeixadas em volume, outras foram-nos dadas a ler em jornaes: — taes são o discurso que proferiu em 1917, no Collegio Militar, ao entregar-se a bandeira ao batalhão escholar; a oração feita em Dezembro do anno findo, no Collegio Baptista; e uma conferencia sôbre José Bonifacio.

Cumpre-nos dizer que esta última foi a que mais nos prendeu a attenção e mais nos agradou. Soube o auctor fazer avultar o merito inegualavel do sabio, do poeta, do pensador e do sociologo, que tudo isso foi o egregio Brasileiro, sem dúvida a primeira cabeça da raça latina, no primeiro quartel do seculo XIX; poz-lhe em brilhante destaque o valor moral e a capacidade politica, patenteando a toda a luz a sua energica actuação em nossa Patria, e demonstrando que foi elle figura primaz na conquista de nossa soberania.

Assim, os trabalhos do sr. professor Daltro Santos, por nós analysados, denotam os mais recommendaveis predicados do cultor da Historia Patria, levando-nos a esperar delle um proficiente collaborador da gloriosa missão do nosso Instituto, de cujo quadro social o reputamos perfeitamente digno.

Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1919. — ***Basilio de Magalhães***, relator. — *Clovis Bevilaqua*. — *Agenor de Roure*.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) manda de-

pois ler de novo o parecer da Commissão de Admissão de Socios, relativo ao sr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger, e historía o que houve quanto á admissão do mesmo.

O SR. 2° SECRETÁRIO lê o parecer:

— « No dia 9 do mez corrente, em que o *Diario Official*, publicando a acta da última sessão de nosso Instituto, realizada a 28 do mez findo, estampou o parecer da Commissão de Admissão de Socios, opinando pela approvação da proposta do dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger para socio correspondente de nosso gremio, publicava tambem a *Tribuna*, vespertino desta Capital, uma grave accusação contra o mesmo senhor, aconselhando o Instituto a que lhe cerrasse as portas.

A *Tribuna* reproduziu, trasladado para o portuguez, um pamphleto, escripto em allemão, que, contra o dr. Brandenburger, foi espalhado entre a colonia allemã em Fevereiro de 1916, por occasião de assumir elle a redacção do jornal *Deutsches Tageblatt*. As accusações que lhe foram feitas e dirigidas no sentido de malquistá-lo entre os accionistas da sociedade, que mantinha aquella folha, e entre a propria colonia allemã, em geral foram promptamente rebatidas por declarações officiaes do consul allemão aos dictos accionistas e por uma declaração formal do incorporador da sociedade, publicada naquella folha, sob a epigraphe — « Em causa propria ».

Para destruir aquellas accusações, o sr. dr. Brandenburger trouxe ao conhecimento do sr. presidente do Instituto e por este foram transmittidos á nossa Commissão de Admissão de Socios uma longa exposição e vinte e quatro documentos, que a corroboram. Entre estes se encontra um artigo publicado na parte redactorial da propria *Tribuna*, ha dous mezes, e que hoje o ataca, no qual o articulista, referindo-se ao apparecimento do livro do dr. Brandenburger — « Pernambuco e o desenvolvimento do Brasil, para a Independencia », escripto em allemão e em dous volumes, assim se exprimiu:

« Enquanto as paixões desencadeadas pelo furor militarista que ensanguentou o mundo, tornavam indesejaveis entre nós quaesquer individuos de nome allemão authentico, elle, homem de intelligencia lucida e de cultura muito

fóra do commum, encerrou-se em uma propriedade no interior do Estado do Rio, começava a trabalhar em um dos livros mais completos que se tem escripto sôbre a nossa história e formação da nossa nacionalidade.

O trabalho do dr. Brandenburger é, não só um repositorio fidedigno de informações sôbre a phase final do Brasil Colonia, mas tambem um arguto ensaio de psychologia da épocha ».

Entre os documentos apresentados pelo dr. Brandenburger, figura o seu passaporte, pelo qual se verifica que elle se acha no Brasil desde 1909, em que foi para S. Paulo. Alli esteve, a princípio em uma propriedade agricola, e depois redigiu, na capital, o jornal allemão *Deutsche Zeitung*. Foi nomeado pelo govêrno do Estado, em 1911, para o cargo de bibliothecario e traductor do Museu Paulista, e para exercer esse cargo, requereu naturalização de cidadão brasileiro, que obteve por acto do sr. ministro da Justiça e Negocios Interiores, de 5 de Outubro de 1911; no exercicio daquelle cargo redigiu o dr. Brandenburger, por incumbencia ainda do govêrno paulista, uma correspondencia de informações — *Deutsche Brasilianische Blätter*, destinada a ser semanalmente distribuida por 500 jornaes escriptos em allemão, hollandez, sueco e dinamarquez.

Saïndo de S. Paulo, comprou o dr. Brandenburger, em 1912, uma propriedade agricola em Vassouras, no Estado do Rio, onde tem residencia hoje.

Nesta Capital, foi ainda o dr. Brandenburger gerente da empresa que publicava o *Deutsche Tageblatt*, com uma edição em portuguez, sob a epigraphe de *Diario do Rio*, e no exercicio dêsse cargo declara elle que se oppoz sempre ás tentativas de intromissão de auctoridades extranhas na direcção da folha, vindo, por tal motivo, a dar a sua exoneração a 16 de Janeiro de 1917, de modo que a interrupção de nossas relações com a Allemanha já o encontrava fóra do jornalismo e entregue a seus labores agricolas, em Vassouras.

Pelo exposto e rebatidas as accusações que voltaram á berra contra o dr. Brandenburger, a Commissão de Admissão de Socios nada tem a alterar no seu parecer anterior, de 28 de Junho último, que mantém, opinando pela admissão do

sr. dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger como socio correspondente do Instituto.

Rio de Janeiro, 23 de Julho de 1919. — *Antonio Olyntho*, relator. — Concordo. *Ramiz Galvão*. — Concordo. *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.»

O SR. RAMIZ GALVÃO declara que teve todos os papeis em suas mãos por muitos dias e que os examinou com a maior attenção, concordando por isso com o sr. Antonio Olyntho, relator.

O SR. FLEIUSS informa que tambem os srs. Antonio Olyntho e Miguel de Carvalho fizeram exame meticuloso de todo o processo, a que accompanharam vinte e quatro documentos originaes.

Corrido, em seguida, o escrutinio secreto é o mesmo parecer approvado por unanimidade de suffragios, e acto contínuo o SR. PRESIDENTE proclama socio correspondente do Instituto o sr. Clemente Brandenburger.

O SR. ROQUETTE PINTO propõe que se nomeie uma commissão para rever e completar as *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, o que é approvado, designando o SR. PRESIDENTE para esse fim os srs. Ramiz Galvão, José Carlos Rodrigues, Basilio de Magalhães, Roquette Pinto e Brandenburger.

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão ás 17 horas. — *Roquette Pinto*, 2° secretário.

SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO OCTOGESIMO PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA FUNDAÇÃO, EM 21 DE OUTUBRO DE 1919

Presidencia do sr. dr. Epitacio Pessôa (presidente da Republica e presidente honorario do Instituto)

A's 21 horas, presentes os srs. drs. Epitacio Pessôa, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Edgard Roquette Pinto, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Clovis Bevilaqua, Homero Baptista, Agenor de Roure, José Carlos Rodrigues, Augusto

Olympio Viveiros de Castro, Alfredo Pinto Vieira de Mello, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Basilio de Magalhães, marechal Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, almirante José Candido Guillobel, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Solidonio Leite, Laudelino Freire, commandante Raul Tavares, Arthur Pinto da Rocha, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, tenente-coronel Liberato Bittencourt, conde de Leopoldina, commandante Francisco Radler de Aquino, João Lyra Tavares, Jonathas Serrano, Eurico de Góes, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Antonio de Barros Ramalho Ortigão e Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, abre-se a sessão.

O SR. ROQUETTE PINTO *(2º secretário)* lê as *Ephemerides Brasileiras*, relativas á data de 21 de Outubro.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO *(presidente do Instituto)* diz que tem a subida honra de declarar empossado do cargo de presidente honorario do INSTITUTO, para que foi eleito em assembléa geral de 11 do corrente, s. ex. o sr. dr. Epitacio Pessôa, dignissimo chefe da Nação, a quem cabe presidir a presente sessão. *(Palmas.)*

O SR. DR. EPITACIO PESSÔA dá, em seguida, a palavra ao SR. CONDE DE AFFONSO CELSO, que pronuncía esta allocução:

«Não houvera sido a triste perda de alguns socios egregios e prestantes, cuja memória vai ser magnificada pela alta competencia do nosso orador, — e o anno decorrido poderia registar-se como dos mais felizes entre os oitenta e um já preclaramente perlustrados pelo INSTITUTO.

Com effeito, mercê de Deus, sobejam-lhe motivos de contentamento, ao recordar os factos succedidos durante o periodo social hoje encerrado, dos quaes fará minuciosa exposição o relatorio do nosso diligentissimo 1º secretário.

No fluir dêste anno, como nos precedentes, executou serena e escrupulosamente o INSTITUTO todas as suas multiplas e relevantes obrigações.

Exerceu a sua missão scientifica, continuando, iniciando, publicando trabalhos relativos ao nobre objectivo da associação.

Desempenhou a sua funcção didactica, mediante confe-

rencias e cursos, bem como pelo regular funccionamento de seus orgãos de informação, instrucção e educação: a *Revista*, a bibliotheca, o salão de leitura, a mappotheca, o museu, e, sobretudo, a Faculdade de Philosophia e Lettras.

Cumpriu o seu dever patriotico, despertando e estimulando o sentimento nacional, — a veneração do passado, a solidariedade de interesses moraes e de aspirações no presente, a confiança no porvir, — promovendo a condigna commemoração do centenario da INDEPENDENCIA, commettimento civico de que lhe cabe a prioridade, pois desde 1898, ha 21 annos, delle se occupa.

Para satisfazer-nos, bastava o que ligeiramente acaba de ser relembrado.

Accrescem, porém, outras razões de regosijo e desvanecimento.

Assim, viu o INSTITUTO terminar-se a guerra, opprobrio da civilização, e no desenrolar da qual, desde que nella o Brasil entrou, o nosso gremio assegurou aos poderes publicos todo o apoio e communhão de esforços; viu firmar-se a paz, — a paz para que tudo aqui tende, pois a divisa do INSTITUTO é *Pacifica scientiae occupatio*; viu o nosso paiz figurar com esplendido relêvo na assembléa das grandes nações vencedoras, de modo a assumir, no concêrto universal dos povos livres e cultos, o honroso logar que por numerosos titulos lhe cabe; viu desenvolver-se o espirito de nacionalismo, de que a Liga das Nações é consagração suprema, pois lhe constitue primordial escopo velar pela independencia e integridade de cada Estado soberano, — o espirito de nacionalismo que é a alma, a razão de ser, o programma immanente, o culminante ideal do INSTITUTO, o espirito de nacionalismo, para nós consistente em tornar o Brasil cada vez mais querido de seus filhos, mais respeitado dos outros, mais forte, mais justo, mais prospero, mais glorioso, mais merecedor dos privilegios, dos beneficios, das primazias, das alevantadas responsabilidades, dos sagrados encargos que lhe prodigalizou o destino; — viu ainda um dos seus socios benemeritos investido da chefia da Nação e chamando para seus collaboradores ministeriaes trez outros socios do INSTITUTO.

Procedendo este, no lapso ininterrupto de mais de dezeseis lustros, a estudos e investigações concernentes á Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia, principalmente do Brasil; congregando, para esse proposito, no seu seio, os compatricios mais idoneos, sejam quaes forem as suas convicções politicas ou religiosas; propiciando-lhes fecundo ambiente de concordia e imparcialidade; enthesourando, nos 83 tomos em 129 volumes de sua *Revista*, inestimaveis preciosidades de engenho e arte; auctor de proficuas iniciativas para o bem público, factor de notaveis emprehendimentos, quaes, para apenas citar trez — o da Exposição da Imprensa em 1908, o dos Congressos de Historia do Brasil e da America, o da grande encyclopedia de Historia e Geographia brasileiras, destinada a celebrar o 7 de Septembro de 1922, o INSTITUTO tem plena consciencia e legítima ufania de sua utilidade, operosidade, dignidade, exemplaridade: de que arvora com mão firme uma heroica e triumphal bandeira, de que obedece a um purissimo lemma: conhecer o Brasil, amar o Brasil, defender o Brasil, servir o Brasil, glorificar o Brasil, diffundir, fortalecer, radicar, immortalizar o ardente culto do Brasil.

Viva o Brasil!» (*Applausos calorosos e repetidos.*)

O SR. DR. EPITACIO PESSÔA dá a palavra ao sr. Max Fleiuss, secretário perpétuo, que lê o seguinte RELATORIO:

« Si não é simples a tarefa de resumir em poucas folhas os successos occorridos num anno social do nosso INSTITUTO, hoje a difficuldade se aggrava pela vultuosidade dos trabalhos desempenhados, que reclamaram providencias várias, todas dignas de menção, salientando a importancia sempre crescente desta Companhia, sua frequencia, o augmento dos serviços, o zêlo que põe no cumprimento de seus encargos.

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO si, de direito, é uma associação particular, apenas favorecida pela protecção do Congresso e do Governo, de facto não o é mais, pois constitue, sob o aspecto intellectual, o centro de convergencia nacional, de todos procurado para a elucidação dos problemas attinentes á nossa Historia e á nossa Geographia.

Em recente e inspirada oração, Afranio Peixoto, sem dúvida um dos mais brilhantes dos nossos modernos homens de lettras, disse, nesta mesma sala, que este INSTITUTO não é só a mais austera e veneravel sociedade sábia de nosso paiz, como o centro mesmo espiritual de nossa nacionalidade.

Apparelhado dos melhores elementos, quanto á bibliotheca, archivo e mappotheca, mas carecedor de pessoal que permitta torná-los ainda mais efficientes, tem o INSTITUTO, embora com sacrificios, satisfeito galhardamente todas as exigencias da sua nobre missão intellectual.

Mas, por isso mesmo, cumpre não occultar a necessidade de uma remodelação.

A secção dos livros, a dos documentos e a dos mappas precisam de ser dotadas de maior número de funccionarios, para que os catalogos não soffram constantes interrupções, determinadas pelo serviço de consulta pública inadiavel. Além disto, a abertura aos domingos e á noite é outro poncto a que se deve attender, dado o número insignificante de bibliothecas públicas desta já tão populosa e tão adeantada capital.

Não basta o rapido trecho de tempo, nos dias uteis, das 11 ás 15 horas, em que os consultantes encontram aqui quem os accolha com solicitude.

E' insufficiente para os estudiosos, muitos dos quaes têm as horas do dia absorvidas por deveres, de que tiram a subsistencia.

Não póde, porém, o INSTITUTO resolver desde já estas questões, que acarretariam maiores despesas.

E, ante esta restricção, deixa a nossa Companhia de tractar de emprehendimentos utilissimos. Contando principalmente com a subvenção annual, — o que lhe não permitte iniciar serviços, cuja execução reclama longo prazo, — o INSTITUTO vê-se, por exemplo, na impossibilidade de contractar a traducção de obras de excepcional relevancia, como as de von Martius e as de von Eschwege, nem, como aconselhou o sr. dr. Homero Baptista em seu discurso inaugural, em 1913, na de realizar — «por emissarios competentes, obedecendo a determinado criterio, a necessaria pesquisa nos archivos extrangeiros, especialmente do Vaticano, Portugal, Hispanha,

Hollanda, França, Inglaterra e Republicas do Prata, para a obtenção de documentos relativos á nossa Historia, e bem assim exercer acção activa e directa em nosso paiz, para conhecimento exacto e completo de sua Geographia e Historia».

Para derimir taes embaraços e avaliando nitidamente o merito desta associação, foi que o sr. dr. Urbano Santos, quando ministro do Interior, suggeriu a seguinte providencia, toda de seu proprio punho redigida, como me foi dado ver, incluida na actual lei da despesa daquelle ministerio, em seu art. 19: — «Fica o Governo autorizado a expedir novo regumento para a constituição e administração dos patrimonios dos estabelecimentos dêste ministerio, com o intuito de habilitar os mesmos estabelecimentos a serem custeados pelas respectivas rendas, e a constituir para o mesmo fim os patrimonios para outros estabelecimentos de reconhecida utilidade, com character nacional, que já sejam subsidiados pelo Thesouro».

Posso assegurar, — e tenho summa satisfacção em proclamá-lo, — que similhante disposição visava especialmente ao INSTITUTO HISTORICO.

Fica, pois, nestas palavras, um appêllo aos Poderes Publicos. A' frente do Governo acha-se agora um antigo e eminente socio do Instituto, o qual sabe dar o apreço devido a uma casa desta ordem A s. ex., estou certo, não será em vão que dirijo, com o maior respeito estas palavras, porquanto sei com que profundo carinho e com que amplo descortino encara s. ex. as instituições que em verdade trabalham pelo engrandecimento da Patria.

* * *

O anno social, que hoje termina, foi de intenso e proficuo labor. Examinemo-lo syntheticamente e com methodo.

Sessões — Realizaram-se em numero de dez, incluindo a especial, de 3 de Dezembro de 1918, em que commemorámos o jubileu scientifico do nosso inclyto consocio, preclaro amigo e applaudido orador sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, cabendo ao talento de Basilio de Magalhães a honrosa tarefa de saudar o insigne belletrista patrio.

Ainda na sessão de 3 de Dezembro tive ensejo de dar conhecimento da valiosa offerta de grande parte do archivo par-

ticular do marquez de Olinda, dadiva feita ao INSTITUTO pela exma. sra. d. Laura Faro de Araujo e por seus filhos e genros, e mais pelo sr. dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada (casado com d. Julieta Guimarães) e filhos, bisnetos do marquez.

— A 28 de Abril effectuou-se a primeira sessão ordinaria, na qual foi approvado o parecer da Commissão de Fundos e Orçamentos, sôbre a receita e despesa do anno de 1918, parecer firmado por Clovis Bevilaqua, Agenor de Roure e Homero Baptista.

O nosso prezado e muito illustre presidente communicou que, a 2 de Fevereiro último, na Procuradoria Geral da Fazenda Publica do Thesouro Nacional, fôra lavrada pelo tabellião Pedro Evangelista de Castro a escriptura de doação que a Fazenda Nacional fez de um terreno situado na avenida Henrique Valladares, lotes 97 a 102, com uma área total em metros quadrados de 1.781 e 75 centimetros, para o edificio do INSTITUTO HISTORICO, de conformidade com o dispositivo n. 38, do art. 162, da lei orçamentaria n. 3.454, de 6 de Janeiro de 1918, terreno concedido ao INSTITUTO em virtude de emenda apresentada ao orçamento pelo socio effectivo, sr. senador João Lyra Tavares, credor, por mais este facto, do reconhecimento da nossa Companhia.

Nesta mesma sessão, foi lido o parecer da Commissão de Admissão de Socios relativo ao sr. dr. Jonathas Serrano, e approvado um requerimento meu sôbre a proposta antiga, concernente ao processo de admissão do sr. dr. José Arthur Boiteux.

Foram tambem lidas indicações para a elevação a benemerito do socio effectivo, sr. almirante José Candido Guillobel, e para a admissão dos srs. drs. Manuel Porfirio de Oliveira Santos, Afranio Peixoto, Solidonio Leite, Clemente Gaspar Maria Brandenburger e Clemente L. Fregeiro.

Achando-se presente, no momento, o consocio sr. dr. Eurico de Góes, delegado geral da Commissão Directora do Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, e que acabava de percorrer, a expensas proprias, em serviço do mesmo Diccionario, os Estados de Goiaz, Matto Grosso, S. Paulo, Paraná, Sancta Catharina e Rio Grande do Sul, agra-

deceu o sr. presidente o grande interesse e abnegação do mesmo consocio pelo patriotico emprehendimento.

Occupou nessa sessão a tribuna o consocio sr. Agenor de Roure, que leu interessante estudo sobre *Um alvará proteccionista do principe d. João, datado de 28 de Abril de 1809.*

— A 24 de Maio realizou-se a segunda sessão, lendo-se pareceres da Commissão de Historia sôbre as obras apresentadas pelos srs. Afranio Peixoto e Solidonio Leite.

Informei tambem que, em virtude de um pedido do sr. dr. Rodolfo Jacob, secretário geral do Congresso de Geographia que se reuniria em Bello Horizonte a 7 de Septembro, mandára preparar pelo sr. dr. Rodolfo Garcia, funccionario desta associação, uma resenha bibliographica de todos os trabalhos geographicos existentes no Instituto.

Na mesma sessão foi eleito, por unanimidade, socio effectivo o sr. Jonathas Serrano e tomou posse o socio effectivo, sr. dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello (eleito em 28 de Junho de 1915), pronunciando notavel discurso, ao qual respondeu o orador perpétuo do Instituto.

Ainda na mencionada sessão, o nosso prestantissimo 3º vice-presidente, sr. dr. Augusto Tavares de Lyra, leu bem elaborado trabalho sôbre as *Sêccas do Nordéste.*

Tive opportunidade de submetter uma proposta para que o Instituto realize conferencias em beneficio dêsse grande problema nacional.

— Celebrou-se a 16 de Junho nova sessão, na qual dei conhecimento da magnifica offerta feita pelo consocio sr. dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, de documentos e manuscriptos pertencentes ao espolio do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, o patriarcha da Independencia.

Leu-se tambem o parecer da Commissão de Historia sôbre os trabalhos do sr. Clemente Brandenburger e foram offerecidas propostas para as admissões de d. Francisco de Aquino Corrêa, bispo de Prussiade, presidente do Estado de Matto Grosso, para socio honorario, coronel dr. José Maria Moreira Guimarães, para effectivo, e Estevão de Mendonça, para correspondente.

Além dêsses, leram-se os pareceres da Commissão de Admissão de Socios, relativos aos srs. Solidonio Leite e

Afranio Peixoto, pareceres estes que, em vista de requerimento do sr. Basilio de Magalhães, foram immediatamente submettidos á votação, sendo approvados por unanimidade e proclamados socios effectivos os mesmos senhores.

O nosso presidente declarou, em seguida, que o objecto principal da sessão era uma homenagem á gloriosa Marinha Brasileira, cujo benemerito chefe no momemto, o nosso consocio, sr. almirante Gomes Pereira, tinha a honra de ver a seu lado, e da qual trez vultos preeminentes iam ser exalçados pela competencia litteraria e technica de outro não menos estimado confrade, o sr. commandante Raul Tavares, que, logo após, leu um *Estudo sobre os almirantes Saldanha da Gama, Custodio de Mello e Arthur de Jaceguay*, merecendo os maiores applausos.

— A 28 do mesmo mez de Junho realizou-se mais uma sessão, na qual o nosso presidente propoz um voto de congratulações pelo desapparecimento do oppressor estado de guerra, na debellação do qual o Brasil, briosamente, como sempre, se achou empenhado.

Tomou posse, nessa sessão, o sr. Solidonio Leite, cujo discurso foi respondido pelo nosso orador.

Communiquei na mesma occasião a visita do sr. major dr. Dario Castello Branco, que, por parte da familia do extincto e respeitado consocio, sr. marechal José Bernardino Bormann, viéra ao INSTITUTO para, em nome da viuva, a exma. sra. d. Anna Véra Monteiro Nogueira de Bormann, offerecer ao nosso museu historico todas as condecorações e medalhas daquelle illustre militar, entre as quaes uma que pertenceu ao duque de Caxias e que pelas filhas e genros dêste fôra offerecida ao marechal Bormann, em Junho de 1880.

Declarou mais que a viuva doaria ao INSTITUTO a bibliotheca do marechal e posteriormente os papeis do seu archivo. As condecorações e medalhas vieram accompanhadas dos respectivos documentos officiaes.

Na mesma sessão, propuz — um voto de pezar pelo fallecimento dos drs. Diogenes Sampaio e Joaquim Candido da Costa Senna; que o INSTITUTO apresentasse cumprimentos ao sr. embaixador americano, pela data de 4 de Julho; e que

fôsse nomeada uma commissão para dar as boas vindas ao socio benemerito, sr. dr. Epitacio Pessôa.

O sr. dr. Roquette Pinto, meu excellente amigo e 2° secretário, fez identica proposta com relação ao inclyto sr. general Candido Rondon.

O expediente constou de uma indicação do nome do sr. dr. Miguel Daltro Santos para socio effectivo e de pareceres relativos aos srs. Clemente Brandenburger, este da Commissão de Admissão de Socios, e Luiz Alberto Herrera, da Commissão de Historia.

Suggeri tambem a creação de uma commissão para organizar a Bibliographia brasileira.

Ainda nessa sessão, o consocio sr. dr. Antonio Olyntho leu um documentado estudo que fez sôbre a *Revolta de Villa Rica em 1720*.

— Realizou-se a 26 de Julho outra sessão, na qual dei parte da offerta, feita pela viuva do marechal Bormann, de toda a bibliotheca de seu saudoso marido.

Na referida sessão tomou posse o sr. Afranio Peixoto, recebido pelo sr. Ramiz Galvão, constituindo os discursos de ambos uma das mais bellas páginas da nossa vida social.

— A 12 de Agosto effectuou-se a sessão, na qual tomou posse o sr. Jonathas Serrano, em cuja apreciada oração tractou, com grande superioridade, de Domingos José Martins e de Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, visconde de Bom Retiro, nosso inexquecivel 3° presidente.

Nessa sessão o sr. presidente deu conta da visita, feita ao INSTITUTO em 27 de Julho, pelo sr. dr. Delfim Moreira, vice-presidente da Republica, então em exercicio, o qual, tendo percorrido e examinado todas as secções, deixou no livro dos visitantes as seguintes linhas — « VISITEI O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO E LEVO DE SUA ORGANIZAÇÃO EXCELLENTE IMPRESSÃO ».

— Celebrou-se, a 24 de Septembro, mais uma sessão, na qual o sr. presidente participou que o INSTITUTO se fizera representar condignamente no Congresso de Geographia, realizado em Bello Horizonte, pelos consocios Antonio Olyntho, Virgilio Martins de Mello Franco e Roquette Pinto, que foi escolhido para presidir a commissão de limites inter-estaduaes

do mesmo Congresso, tendo aproveitado a viagem a Bello Horizonte para visitar tambem a casa e o tumulo do sabio Lund e as cavernas por este exploradas. Como contribuições suas, enviou o Instituto a Bibliographia geographica brasileira, organizada pelo sr. Rodolfo Garcia, e a *Conquista do Nordéste no Seculo XVII*, trabalho do consocio sr. Basilio de Magalhães.

Anteriormente, nas sessões preparatorias do mesmo Congresso, effectuadas nesta Capital, para o estudo das questões de limites inter-estaduaes, fôra o INSTITUTO representado pelos srs. Manuel Cicero, Antonio Olyntho e Basilio de Magalhães, tendo este tomado saliente parte nos debates travados.

Na sobredicta sessão, o nosso 3° vice-presidente, sr. Augusto Tavares de Lyra, leu importante trabalho sôbre os *Aspectos economicos do Rio Grande do Norte*.

Foi tambem approvado o orçamento para o anno de 1920, e o sr. presidente offereceu uma proposta, indicando o sr. Rodolfo Garcia para socio effectivo.

Além disso, o nosso presidente annunciou para breve o inicio das conferencias em beneficio do magno problema do Nordéste, incumbindo-se elle proprio de abrir a série, o que desde já assegura o brilhantismo da patriotica iniciativa.

—A 11 do corrente, realizou-se uma assembléa geral extraordinaria, para se tomar conhecimento da proposta, assignada por trinta e tres consocios, no sentido de ser eleito presidente honorario o sr. dr. Epitacio Pessôa, que faz parte do INSTITUTO desde 29 de Março de 1901.

Em virtude de requerimento do consocio sr. conselheiro Camelo Lampreia, a proposta foi suffragada por acclamação, tendo sido feita, acto contínuo, pelo sr. presidente, a respectiva proclamação.

Tambem nesta assembléa, foi elevado, por unanimidade, a socio benemerito o sr. almirante José Candido Guillobel, que entrou para o INSTITUTO em 24 de Novembro de 1882.

Na mesma occasião, o consocio benemerito sr. dr. José Carlos Rodrigues, offereceu á nossa bibliotheca uma verdadeira preciosidade bibliographica.

Por meu turno propuz que em todas as sessões fôssem lidas das *Ephemerides Brasileiras*, do barão do Rio-Branco, as que se referissem ao dia de taes reuniões.

A 15 dêste mez effectuou-se a última sessão ordinaria, na qual foram apresentadas propostas, indicando o sr. senador Justo Chermont para socio honorario, Ignacio Baptista de Moura, Alexandre Hamilton Rice, Erland Nordenskjold e William Curtis Farabee, para correspondentes.

Foi tambem discutido o novo parecer da Commissão de Admissão de Socios, relativo ao sr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger, e, corrido o escrutinio secreto, foi o mesmo approvado por unanimidade, sendo proclamado socio correspondente o referido senhor.

Ainda nesta sessão propoz o sr. Roquette Pinto que se organizasse uma commissão para rever e completar as *Ephemerides Brasileiras* e, tendo sido essa idéa approvada unanimemente, o sr. presidente nomeou os srs. Ramiz Galvão, José Carlos Rodrigues, Basilio de Magalhães, Roquette Pinto e Brandenburger, para constituirem a nova commissão.

* * *

A «*Revista*» — Acha-se em dia a nossa tradicional publicação, que apparece com a maior pontualidade desde o anno de 1839.

Foi distribuido o tomo 83°, e até ao fim do corrente anno será publicado o tomo 84°.

Até hoje, a collecção da *Revista* é representada por 136 volumes, comprehendendo os dous relativos ao centenario da IMPRENSA DO BRASIL (1908) e os cinco do PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTORIA NACIONAL (1914).

Está em adeantada elaboração o indice geral de todos os tomos apparecidos. Este trabalho, que foi por ordem minha organizado, está sendo revisto pelo competentissimo consocio sr. Basilio de Magalhães, de accôrdo com o plano estabelecido pelo sr. Ramiz Galvão. Consta de 14.000 verbetes, com indicação do titulo do trabalho, nome do auctor e indispensaveis remissões, de modo a facilitar qualquer busca.

Até a presenta data, têm apparecido varios indices da *Revista*, sendo os mais importantes os organizados por Fran-

cisco Adolfo de Varnhagen, Moreira de Azevedo, conselheiro Tristão de Alencar Araripe e commendador Manuel Joaquim do Nascimento e Silva.

* * *

Tendo fallecido em 11 de Novembro de 1918 o 2° vice-presidente, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, o nosso presidente nomeou, nos termos dos Estatutos, 2° vice-presidente o 3°, dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, e para este último cargo o socio benemerito dr. Augusto Tavares de Lyra.

* * *

Estão em franco desenvolvimento todos os trabalhos do Congresso Internacional de Historia da America, bem como os do Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, cuja commissão directora resolveu publicar o primeiro volume como Introducção Geral, constando de notícias syntheticas sôbre o Brasil, sôbre cada um dos Estados da União, territorio do Acre e Districto Federal, tendo cada notícia os seguintes capitulos: Historia Politica, Historia Militar, Historia Administrativa e Judiciaria, Historia Religiosa, Historia Litteraria e Scientifica, Historia Artistica, Biographias de homens notaveis já fallecidos, Superficie, Limites, População, Orographia, Hydrographia, Clima, Fauna, Flora, Mineraes e constituição geologica, Municipios e Povoações (nomenclatura), Instrucção, Agricultura, Industria, Commercio, Vias de communicação e Ethnographia.

Com estes dous emprehendimentos commemorará o INSTITUTO o centenario da nossa INDEPENDENCIA, idéa de que tem a prioridade, pois, desde 1898, por suggestão do saudoso conselheiro Manuel Francisco Corrêa, cuida de similhante assumpto.

* * *

Outra creação do INSTITUTO que se acha em plena prosperidade, é a Faculdade de Philosophia e Lettras, a qual, installada em 25 de Março de 1916 com o nome de Academia de Altos Estudos, tem até hoje dado cabal desempenho ás suas

tarefas, sendo de toda a justiça salientar a abnegação do illustrado corpo docente e a applicação do corpo discente.

Não deixarei de registar certa animadversão ao novo instituto de ensino. Desde a crítica mofina até a jogralidade, de tudo se tem servido os que não admittem a permanencia e o desenvolvimento triumphante dêsses cursos, sempre franqueados ao público, chegando-se mesmo a emprestar-lhes intuitos menos verdadeiros, como si uma Congregação, — que tem em seu seio Affonso Celso, Ramiz Galvão, Viveiros de Castro, Amaro Cavalcanti, Alfredo Bernardes, Carvalho Mourão, Afranio Peixoto, Alfredo Gomes, Laudelino Freire, Luiz Betim, Jonathas Serrano, Pinto da Rocha, Basilio de Magalhães, Almeida Lisbôa, Aurelino Leal, Ramalho Ortigão, Gastão Ruch, Oliveira Santos, — pae e filho, Nuno Pinheiro, Agenor de Roure, Sá Vianna, João Cabral, Araujo Viana, Victor Viana, Belisario de Sousa, Ontonio Olyntho, Fernando Nery, Roquette Pinto, Viçoso Jardim, Lyra Tavares, Bianor de Medeiros, Amoroso Costa e Solidonio Leite, para só fallar nos professores que têm estado ou estão em exercicio, — e sem exquecer Bertino Miranda, — pudesse practicar o que não fôsse inteiramente digno e, em se tractando da grande causa do ensino, o que não lhe consultasse de perto os legitimos e vitaes interesses!

Até á presente data deu a Faculdade de Philosophia e Lettras — mil cento e quinze aulas.

Existindo ha quatro annos, constantemente fiscalizada pela frequencia pública, dará somente no fim dêste anno os seus primeiros alumnos que concluem o curso.

Quem procede com desassombro, não receia opposições nem murmurio, misoneismo de nova especie, gerado, não pela incredulidade, mas pela maledicencia.

Temos a vaidade da nobreza de nossa conducta.

Cabe-me assignalar ainda aqui, que, entre as valiosas conferencias que têm sido realizadas na Faculdade de Philosophia e Lettras, merece menção muito especial a série, tão opportuna e tão elevadamente desenvolvida, consagrada pelo nosso consocio o sr. ministro Viveiros de Castro, á «Questão social».

* * *

Museu historico — O museu historico do INSTITUTO foi creado pelos Estatutos de 1851 e tem sido sempre objecto do carinho dos dirigentes desta casa. Ultimamente conseguimos ampliá-lo, sendo alvo de constantes visitas. Possuissemos maior espaço, e as collecções, tão preciosas, adquiririam grande realce, expostas mais convenientemente.

Em 1918, por occasião do centenario do Museu Nacional, o illustre deputado dr. Justiniano de Serpa apresentou á Camara um projecto creando o Museu Historico e auctorizando o Governo a entrar em accôrdo com o INSTITUTO, para que este se incumba da direcção e guarda do mesmo museu, mediante determinadas condições.

O INSTITUTO nada solicitou a respeito, e, si o projecto fôsse approvado, o caso dependeria ainda de estudo sôbre si conviria á nossa associação, sem prejuizo dos trabalhos que lhe são proprios, assumir o novo encargo.

Mas, como muito bem ponderou o sr. Afranio Peixoto, não ha mistér da nova creação, pois já ha muito está creada: — o Museu Historico já existe no Museu Nacional: é só dar-lhe o devido desenvolvimento e, nas boas mãos em que está, sobram para isso actividade e competencia.

E, como frisante exemplo, aponctarei o que está acontecendo com o MUSEU PAULISTA, actualmente sob a provecta e zelosissima direcção do dr. Affonso d'Escragnolle Taunay.

Alli o observador póde apreciar todas as curiosidades ethnographicas, as de Historia natural, bem como as de Historia propriamente dicta. E' hoje, em todos os sentidos, um estabelecimento modelar.

* * *

Perdeu o INSTITUTO, desde a última sessão magna, os seguintes socios: desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, d. Julio Tonti, Theodoro Roosevelt, dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, dr. Brasilio Augusto Machado de Oliveira, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, marechal José Bernardino Bormann, dr. Sabino Barroso Junior e conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira. Delles dirá, dentro em pouco, com a sua habitual eloquencia, o nosso orador.

Foram admittidos no decurso do anno social: como socios effectivos, os srs. Jonathas Serrano, Solidonio Leite e Afranio Peixoto; e como correspondente, o sr. Clemente Brandenburger.

O sr. almirante José Candido Guillobel foi elevado a benemerito.

O quadro social é o seguinte: presidentes honorarios, 5; socios grandes benemeritos, 3; socios benemeritos, 28; socios honorarios, 19; socios effectivos, 56, e socios correspondentes, 65.

* * *

Além das offertas já consignadas nas sessões, outras muitas recebeu o INSTITUTO, convindo salientar o livro de notas de campanha de Euclides da Cunha, offerecido pelo consocio sr. José Carlos Rodrigues; a reproducção do desenho da senhora Jacquemart-André, representando o sr. d. Pedro II no leito de morte, dadiva esta do sr. barão de Maia Monteiro; a do busto do general Lazaro José Gonçalves, doado ao INSTITUTO por d. Alda Rosa Motta de Figueiredo, assim como varios livros offerecidos pelo dr. R. Ancizar, ex-ministro da Colombia e preciosos exemplares ethnographicos e historicos, pelo consocio sr. Eurico de Góes, colhidos nas suas viagens em pról do Diccionario Historico.

* * *

O movimento das secções do INSTITUTO, de 30 de Novembro de 1918 a 30 de Septembro último, foi o seguinte:

	1918	1919	Para mais	Para menos
1. Sala publica de leitura, consultantes	577	1.232	655	—
2. Consultas dos Estados e do Exterior	203	246	43	—
3. Obras offerecidas............	162	1.664	1.502	—
4. Obras adquiridas............	33	29		4
5. Revistas nacionaes recebidas....	80	327	75	—

	1918	1919	Para mais	Para menos
6. Revistas extrangeiras recebidas	128	252	124	—
7. Catalogos de livros nacionaes e extrangeiros	12	61	49	—
8. Volumes encadernados.........	385	616	231	—
9. Visitas ao museu historico.....	90	329	239	—
10. Archivo: documentos adquiridos e offertados............	502	2.795	2.293	—
11. Officios respondidos pela secretaria	357	928	571	—

Cumpre-me tambem informar que a secção dos mappas está quasi inteiramente remodelada, graças ao concurso de alguns funccionarios da Commissão Rondon, chefiados pelo dr. Graccho Cardoso. Serviço é de incalculavel alcance que o INSTITUTO deverá, principalmente, á boa vontade dos capitães drs. Amilcar de Magalhães e Jaguaribe de Mattos, dignos, como os seus auxiliares, do nosso reconhecimento.

* * *

Não terminarei esta resenha sem fazer referencia ao nosso honrado thesoureiro e consocio benemerito sr. Arthur Ferreira Machado Guimarães, que cada vez mais se impõe á nossa estima, pela solicitude com que se desempenha de sua funcção.

Cumpro tambem o dever de consignar aqui a perda de um obscuro, mas antigo e devotado serventuario do INSTITUTO, sr. Gregorio Alves Coelho, víctima de um accidente de automoveis na avenida Rio-Branco. Nessa triste emergencia deu o sr. presidente da Republica novo testimunho de sua grandeza de coração.

* * *

Tomando posse da sua cadeira nesta casa, disse o sr. Homero Baptista: «E' plenamente justificavel, a meu ver, que, para a realização da obra meritoria do INSTITUTO, obra que interessa fundamentalmente á Nação inteira accudam os Poderes Publicos com os auxilios complementares. Essa obra,

consubstanciando a existencia do paiz, concorrerá decisivamente para o fortalecimento do espirito de nacionalismo, para a educação do sentimento patriotico e melhor comprehensão dos deveres civicos.

Os governos dignos e capazes, conscios da alta missão historica que lhes compete na direcção suprema da sociedade, não poderão recusar valioso concurso á prosecução de obra de tanta magnitude, porque é com a argamassa das tradições e dos predicados moraes que se alicerça a grandeza das nações».

Sirvam essas bellas expressões de chave de ouro a este singelo relatorio.

E' a grandeza da Patria a mira excelsa que, desde 21 de Outubro de 1838, constitue a unica preoccupação dêste INSTITUTO, cuja denominação e cuja divisa bem merecem que se lhes applique o conceito: — *Nulla domus titulo dignior.*» (*Palmas.*)

O SR. DR. EPITACIO PESSÔA concede depois a palavra ao orador do INSTITUTO, sr. dr. Ramiz Galvão, que pronuncía, da tribuna, o seguinte discurso:

«Exmo. sr. presidente da Republica. exmo. sr. presidente do Instituto e illustres consocios, minhas senhoras e senhores — Grande e pesadissimo foi este anno o tributo pago á inflexibilidade da morte pelo nosso INSTITUTO HISTORICO. Deixaram para sempre estas fileiras vultos dos mais notaveis e venerandos, com alta illustração, relevantissimos serviços á Patria e dedicações extremosas ao progresso e ao brilho da nossa Companhia.

Na impossibilidade de saldar completamente tamanha divida de gratidão, o INSTITUTO por meu orgão procurará apenas proclamar o merito dêsses illustres consocios, deixando consignada por esta fórma a dor que nos punge, a nós e ao nosso Brasil muito amado.

E' a lei do mundo, a que não ha fugir; é o destino marcado pela Providencia. Desapparecem no Occidente astros luminosos, enquanto surgem outros que apulentam a abobada celeste; tombam na selva as arvores vetustas ou sacudidas pelo vendaval, enquanto florescem as novas companheiras que

despontaram em tôrno, filhas da mesma terra, embebidas da mesma seiva e promissoras de egual futuro.

Alente-nos ao menos esta convicção patriotica e consoladora na hora do luto e no meio das sombras, que as azas de Asrael projectaram neste campo de trabalho e de estudo.

Folheemos agora as páginas do livro, que eu não poderei chamar sinistro, porque de facto o illumina um reflexo de glória.

— Dous illustres consocios extrangeiros fallecidos este anno fulguravam na classe dos membros honorarios do INSTITUTO: o cardeal d. Julio Tonti e o coronel Theodoro Roosevelt.

O primeiro teve papel brilhante na Diplomacia pontificia e foi aqui nuncio apostolico juncto ao nosso Governo.

Ha muitos annos, como delegado da Sancta Sé nas republicas de S. Domingos, do Haiti e de Venezuela, prestou serviços de alta valia promovendo accôrdo entre os governos e o clero, e conseguindo, como mediador juncto ao Governo inglez, o restabelecimento das relações anglo-venezuelanas.

Outra questão da mesma natureza subsistira entre Haiti e S. Domingos: o insigne Tonti, já então arcebispo, alcançou que ella fôsse submettida ao arbitramento do Sancto Padre Leão XIII, e dest'arte o accôrdo se consummou.

Juncto ao nosso Governo occupou até 1906 a Nunciatura Apostolica, tendo exercido a presidencia do Tribunal de Arbitramento para se resolver o litigio de fronteiras com o Perú e a Bolivia; neste encargo foi distincta a sua actividade e o notavel espirito altamente conciliador, de que deu provas.

Amigo sincero do Brasil e rico de insignes predicados, monsenhor Tonti não poderia deixar de merecer os applausos e a consideração do INSTITUTO, que o proclamou seu socio honorario em sessão de 30 de Abril de 1906. Sua morte, a 11 de Dezembro do anno passado, privou a Egreja de um servidor dos mais illustres, preclaro pelo saber, pelo zêlo e pela virtude.

— O coronel Theodoro Roosevelt, de que vos fallei, tambem socio honorario do nosso INSTITUTO desde 6 de Outubro de 1913, foi incontestavelmente um dos cidadãos mais conspi-

cuos da grande Republica da America do Norte nos ultimos annos de sua história.

Espirito essencialmente combativo e de rara energia, orador e publicista incisivo, de calor desusado, emprehendedor, altivo, intelligente e impetuoso, Roosevelt não podia deixar de enthusiasmar as multidões naquelle paiz de tão singular educação politica.

Era filho de Nova York, onde nasceu a 27 de Outubro de 1858, e oriundo de antepassados hollandezes. Formado aos 22 annos pela Universidade de Harvard, entrou pouco depois nos certames acalorados da Politica, foi eleito deputado estadual e depois federal; exerceu os cargos de chefe de policia de Nova York, secretário da Marinha no govêrno de Mac-Kinley, pouco depois vice-presidente e presidente da Republica.

Nesta alta posição, como sempre fizera aliás, foi administrador de pulso ferreo, dando combate tenacissimo á deshonestidade dos funccionarios publicos, aos *trusts*, ás negociatas immoraes.

O homem, que organizára os *rough-riders* e destemido cooperára em Cuba para a victória da independencia daquella perola das Antilhas não se acovardava deante das opposições partidarias, proseguia sem desfallecimento na rota da Justiça e do Dever.

Concluido seu periodo de govêrno presidencial, vimos todos o que fez Roosevelt: voltou ao Jornalismo; foi pouco depois caçar leões na Africa, passou pelas grandes capitaes da Europa a fazer conferencias; veio ao Brasil, onde a 24 de Outubro de 1913 neste mesmo recincto tivemos occasião de o ouvir dissertando sôbre a confraternização das nações americanas e o papel que no mundo lhes cabe.

Os nossos sertões mereceram-lhe em seguida uma fructuosa visita em companhia do benemerito Rondon, esse patricio emerito, apostolo denodado da Sciencia e do Bem, verdadeiramente digno de receber no scenario magestoso do *Hinterland* brasileiro o ousado campeão do *Far-West* americano.

Theodoro Roosevelt, depois de restituido aos seus lares, não tardou em resurgir na politica do mundo, pleiteando ardorosamente a intervenção dos Estados Unidos na tremenda pugna européa de 1914 em favor da causa justissima dos al-

liados, e condemnando *magna voce* a criminosa violação dos tractados e dos sagrados principios do Direito Internacional.

Esse clamor foi ouvido, bem o sabemos; a politica «de agua de flôr de laranja», como elle a chamava, cedeu o passo á famosa e feliz intervenção americana, que levou a segurança da victória ás bravas cohortes de Foch e Pershing, enquanto nós, tambem paladinos do Direito, embora menos apparelhados para a peleja, mandavamos á conquista da glória os nossos valentes marujos e os nossos scientistas abnegados.

O grande estadista americano não teve a fortuna de ver totalmente realizado o seu empenho, porque a morte o colheu a 6 de Janeiro dêste anno, mas certamente sua alma rejubilou antevendo os fructos da derrocada do militarismo germanico, que já capituláre submisso e humilhado. Pena foi que a sua ardente palavra não fôsse tambem ouvida na grande Conferencia da Paz, em que se congregaram tantos luminares; quem sabe si não lograria mais algumas justas reivindicações em favor das víctimas da barbaria? A Providencia Divina não n'o permittiu; acatemos os seus altissimos decretos.

— O dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, filho do coronel Luiz Manuel da Silva Leme e de d. Carolina Euphrasia de Moraes, nosso companheiro da classe dos correspondentes desde 21 de Julho de 1905, nasceu a 3 de Agosto de 1852 em Bragança, graduou-se em Direito na Faculdade de S. Paulo em 1876, mas, attrahido por outra ordem de estudos, seguiu para os Estados Unidos e ahi completou o curso de Engenharia Civil no Instituto Polytechnico Rensslaer, em Troy. Esta era a sua verdadeira vocação, e neste campo de trabalho se distinguiu desde o tempo de estudante ao lado de engenheiros americanos no levantamento da carta hydrogaphica do rio Missouri.

Dedicando de 1881 em deante sua actividade ao serviço da Patria, desempenhou-se galhardamente de importantes commissões na Estrada de Ferro do Rio Claro a S. Carlos do Pinhal, no prolongamento de S. Carlos a Araracoára, na Estrada de Ferro Bragantina como engenheiro chefe e depois inspector geral, e por último nas obras de abastecimento d'agua em Pirapora.

Os derradeiros tempos da vida votou-os elle a um trabalho historico de alto valor, que lhe deu entrada na nossa Companhia, a *Genealogia Paulistana*, obra notavel, fructo de doze annos de laboriosas pesquisas nos archivos publicos e particulares, e que foi dada á estampa em nove tomos, de 1903 a 1905.

Tomando por base de seu trabalho a preciosa *Nobiliarchia Paulistana* de Pedro Taques, ampliou-a vantajosamente o dr. Silva Leme, já extendendo até os dias modernos a genealogia das principaes familias paulistas, já revendo e corrigindo as falhas daquella, já ampliando seu quadro com a menção de muitas outras familias que, « oriundas de troncos humildes, mëros povoadores, se tornaram nobres pelos seus feitos e pela sua cooperação no engrandecimento da nossa terra ».

A *Genealogia Paulistana*, com as suas notas historicas bebidas em pura fonte, constituiu-se dest'arte « uma das obras mais uteis ao culto das tradições nacionaes », como bem advertiu o illustrado e prezadissimo professor Basilio de Magalhães, reconhecido mestre nestes assumptos.

A 13 de Janeiro de 1919 o insigne batalhador depoz as armas ante o solenne decreto da Providencia Divina; mas seu nome ficará para sempre ligado á Historia patria pelos preciosos subsidios que lhe legou e que a Posteridade agradecida aproveitará.

— Entre os eminentes professores da Faculdade Juridica de S. Paulo será sempre contado o dr. Brasilio Augusto Machado de Oliveira, barão Brasilio Machado, por graça da Sancta Sé.

Desde moço, ao lado dos estudos graves de sua profissão, cultivou as boas lettras, aprimorando dest'arte os singulares dotes oratorios, com que o dotara a Natureza.

Orador e mestre, advogado e homem de lettras, foi tudo isso a um tempo. Ficaram particularmente notaveis: o discurso que pronunciou em Campinas em honra a Carlos Gomes, o insigne compositor brasileiro, e os que proferiu quando as canhoneiras portuguezas *Patria* e *Adamastor* vieram ás nossas plagas.

Não ha exquecer tambem o fervoroso culto que dedicava

á religião de nossos maiores e a digna franqueza com que ostentava esse nobre sentimento, que reflectia aliás em todos os actos de sua vida pública e particular, sobredoirando-lhe o talento e a erudição.

Nestes tempos de positivismo intrepido e de fragilidade de convicções religiosas, que tanto depaupera as almas e enfraquece os laços da sociedade, não é licito deixar sem particular menção aquella virtude, que dá vigor ao homem para as luctas da vida e o apparelha para melhor servir á Patria.

Das altas funcções que exercia Brasilio Machado em S. Paulo, foi o Governo da Republica buscá-lo para o elevado cargo de presidente do Conselho Superior do Ensino. Mestre illustre e acatado, era justo que o chamassem para dirigir os trabalhos dessa corporação de mestres, que a chamada Lei organica instituira. Sua attitude ahi foi sempre digna, prudente e merecedora de encomios, até que por enfraquecimento physico solicitou sua aposentadoria. Ainda esta lhe não fôra concedida, e já a morte o roubava aos seus e á Patria a 5 de Março dêste anno.

Curvemo-nos respeitosos ante a memória do eximio companheiro, que se aggregara a esta cohorte de trabalhadores patriotas desde 12 de Septembro de 1890.

Seus fervorosos sentimentos catholicos lhe hão de ter dado justo premio de tantas virtudes, e o INSTITUTO consagra-lhe neste momento uma homenagem merecida pelo seu formoso talento.

— O dr. Sabino Alves Barroso Junior, filho do coronel Sabino Alves Barroso e de d. Maria Josephina de Araujo, nasceu a 27 de Abril de 1859 em S. Sebastião das Correntes, municipio de Serro Frio, em Minas Geraes. Com estudos feitos em Diamantina e no Caraça matriculou-se na Faculdade Juridica de S. Paulo e alli se formou em 1884. A Politica seduziu-o desde os dias da mocidade. Já era presidente da Assembléa Provincial de Minas, quando surgiu em 1889 o novo regime. Membro da Constituinte republicana e seu 1° secretário, senador estadual, deputado federal em 1900, foi depois chamado ao cargo de ministro do Interior, onde sua capacidade encontrou egualmente azado campo para se revelar, honrando as tradições illustres do berço natal.

Voltou á Camara dos Deputados em 1903, e desde então mereceu de seus patricios a confiança politica successivamente demonstrada pelo voto das urnas populares. Em 1914 tornou ao Governo na qualidade de ministro da Fazenda, alta e melindrosa funcção que sua debil saude impediu se prolongasse. Debalde procurou então em extranhos climas debellar o mal que o affligia. Volvendo á Patria em 1917, recebeu novo mandato politico de seus comprovincianos e correligionarios, e tornou á presidencia da Camara, mas o mal era de morte, porque infelizmente a sciencia médica ainda não logrou victória completa contra o flagello da tuberculose; e o bravo luctador, a despeito de cuidados e carinhos, succumbiu em Bello Horizonte a 15 de Junho de 1919.

Absorvido pelas preoccupações politicas e pelo *onus* premente da administração, ao illustre dr. Sabino Barroso não sobrou vagar para trabalhos historicos, que o recommendassem á posteridade. Mas o estadista, senhores, si não escreve livros nem memórias, deixa muitas vezes obra immortal na legislação patria, em lucidas reformas e em monumentos; e a Historia tanto honra os que prescrutam como os grandes trabalhadores que constroem o presente e preparam alicerces para a glória do futuro.

Demais, o dr. Sabino Barroso conquistou a benemerencia nesta Companhia por um alto obsequio, de que lhe fomos devedores, e que jámais exquecemos. Por aviso de 13 de Novembro de 1902, deliberou dar ao INSTITUTO edificio, em que elle pudesse funccionar independente e com espaço idoneo para accommodar e dilatar as suas preciosas collecções. Verdade é que isso se não realizou então; mas o generoso e patriotico intuito do nosso prezado collega, por essa occasião ainda ministro do govêrno Campos Salles, nem por isso deixa de merecer o profundo reconhecimento, a que fez jús incontestavel.

O dr. Sabino Barroso, desde 2 de Maio de 1902, se alistara nas nossas fileiras.

— Ainda não ha dous mezes, a 23 de Agosto proximo passado, desappareceu da scena dos vivos outro Brasileiro eminente, que tambem no theatro politico representou papel de grande relêvo, que tambem filho da gloriosa Minas honrou

seu berço, illustrando o Fôro, servindo á Monarchia com devotamento e á causa da Instrucção com amor. Já presentis que vos fallo do conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira.

Viu a luz do dia, a 6 de Julho de 1845, na cidade de Ouro Preto, aquella lendaria e jamais exquecida Villa Rica, theatro dos conciliabulos da Inconfidencia.

Graduado em Direito em 1865 pela Faculdade de S. Paulo, cedo enleiado nas malhas da seductora Politica, que tão frequentemente absorve os nossos mais formosos talentos, foi deputado e senador por Minas, subiu aos Conselhos da Corôa, e ainda na qualidade de ministro da Justiça fazia parte do gabinete Ouro Preto, quando a 15 de Novembro de 1889 foi proclamada a Republica.

Nesta conjunctura, fiel aos seus principios como o imperterrito e saudoso visconde de Ouro Preto, abandonou o scenario politico, circunscreveu-se ás lides da advocacia em que foi notavel pelo saber, ainda batalhou por vezes na imprensa monarchista, e por último quasi que absorvido pela causa do Ensino se dedicou com entranhado amor ao progresso da Faculdade Livre de Direito, onde foi lente de Theoria e Práctica de Processo, e por muitos annos desvelado director.

O nosso Instituto Historico, apreciando devidamente o merito do seu *Curso de Legislação Comparada*, disse pela voz auctorizada de Affonso Celso que «não havia na Litteratura nacional ou estrangeira tratado, que a este se comparasse, tractado revelador de vastos conhecimentos de jurista, historiador, homem de lettras e homem de Estado». Taes palavras valem por um diploma, e o Instituto, acatando-as como devia, proclamou seu socio effectivo o conselheiro Candido de Oliveira a 17 de Junho de 1904.

A 15 de Julho seguinte o illustre Brasileiro aqui fez a sua entrada; por essa occasião, relembrando as tradições da velha casa e apontando para a cadeira vasia, em que se sentava o imperador como presidente das nossas sessões, assim se exprimiu:

« Sejam, pois, as minhas primeiras palavras, ao ver aquella cadeira sempre vasia, o preito de sentida homenagem á me-

mória de d. Pedro II, maior ainda no tumulo de S. Vicente de Fóra do que quando presidia os destinos do povo, que lhe embalara o berço. *Elle não dormirá eternamente na terra extrangeira*... A mesma inspiração, que levou o povo francez a recolher na crypta dos Invalidos os restos do seu genial guerreiro, ha de guiar os Brasileiros na cruzada em prol do regresso, á terra de Sancta Cruz, das cinzas do seu primeiro cidadão.»

Permitti, preclaros consocios, que a este brado generoso e patriotico eu hoje, 15 annos depois, accrescente: o voto do eximio Candido de Oliveira não foi até agora satisfeito, e as cinzas do magnanimo Pedro II lá continuam em terra extranha e votadas ao exquecimento, quando a Republica Brasileira, consolidada e nobre, só poderia elevar-se no conceito do mundo prestando homenagem a quem tanto amou a Patria, a quem tão desveladamente a serviu, e de cujos labios não saïu jamais, até morrer no exilio, uma palavra de desamor ou queixa contra o seu idolatrado Brasil.

Tornemos porém ao nosso illustre companheiro, que não só brilhou na arena politica como no vasto campo das lettras juridicas. Além da grande obra que já citei, outras deixaram testimunho irrecusavel do seu saber; basta-me lembrar-vos os *Commentarios ao Direito de Familia* e a *Epanaphora Juridica*, que os especialistas receberam com applauso.

Ensinando e doutrinando morreu; na augusta missão de preparar a mocidade para o grande serviço da Patria encerrou o cyclo da vida; os thesouros, que accumulára numa longa vida de estudo e de trabalho, acabou esparzindo-os e distribuindo com liberalidade pela nova geração, que tem de honrar o nome brasileiro no porvir. Exaltemos pois a sua memória; é um dever de justiça.

— Ao lado do liberal illustre surge-nos agora o egregio paladino conservador, o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira. Nos arraiaes politicos se degladiaram mais de uma vez, embora luctassem ambos em summa por um mesmo ideal — a grandeza e a prosperidade do paiz; mas a providencia quiz uni-los e fazê-los sinceros amigos no occaso da vida, quando

fieis á convicção monarchista não hesitaram em abandonar o campo aos paladinos do novo regimé.

João Alfredo Corrêa de Oliveira nasceu na provincia de Pernambuco a 12 de Dezembro de 1835 no engenho S. João de Itamaracá, comarca de Goiana. Seus paes, Manuel Corrêa de Oliveira e d. Joanna Bezerra de Andrade, eram tambem pernambucanos, agricultores do engenho Uruaé e de metade das terras do antigo morgado de Mariúna.

Aos 17 annos incompletos matriculou-se na Faculdade Juridica de Olinda e, feito o curso, doutorou-se a 14 de Dezembro de 1858 na mesma Faculdade, quando já transferida para Recife. Depois de passar pela Assembléa Provincial, que chegou a presidir, foi eleito deputado geral várias vezes e subiu para o Senado em 1877. Presidiu a provincia do Pará em 1869 e a de S. Paulo em 1885. Trez vezes ministro: do Imperio, nos dous gabinetes successivos marquez de S. Vicente e visconde do Rio-Branco (1870 a 1875), e da Fazenda, com a presidencia do Conselho, no gabinete 10 de Março de 1888. Conselheiro de Estado desde 1885.

Que predicados justificaram esta brilhante carreira politica? Que Fada magica presidiu aos destinos dêsse homem singular, que não tinha arroubos de eloquencia para arrastar assembléas, nem dotes primorosos e extraordinarios do escriptor estylista?

E' que no govêrno, na administração da causa pública, na direcção dos partidos, não imperam as flôres de Rhetorica: mais vale a solidez do character, unida ao talento e ao patriotismo. Estas virtudes alliadas teve-as em alto grau o conselheiro João Alfredo, e com ellas realizou a grande obra, que o immortalizou.

Entre outros notabilissimos serviços, que assignalaram a sua passagem pelo govêrno, é forçoso mencionar: a creação da Repartição da Estatistica, o primeiro recenseamento regular da população do Imperio, a bellissima obra que transformou o velho Campo de Sanct'Anna no esplendido Parque da Praça da Republica, a construcção de grandes escholas, o incremento dado aos serviços da Bibliotheca Nacional e do Archivo Publico, a creação do Asylo dos Menores Desvalidos —

cellula mater do grande Instituto Profissional, que tem hoje o seu nome —, as reformas do ensino superior.

E não é tudo. O nome do conselheiro João Alfredo está intima e gloriosamente ligado a dous grandes acontecimentos sociaes, que recommendaram o Brasil ás benções da Posteridade: a grande lei de 28 de Septembro de 1871 e a aurea lei de 13 de Maio de 1888. Na primeira, ao lado do immortal visconde do Rio-Branco — presidente do Conselho, — foi prestimosissimo factor das decisões legislativas na Camara dos Deputados; enquanto seu illustre chefe dava na tribuna a tremenda batalha parlamentar, em que se cobriu de louros immarcessiveis contra a phalange aguerrida e talentosa dos escravistas, — elle, arregimentador habil e infatigavel da maioria, assegurava os elementos da victória, preparando a liberdade dos nascituros, que iniciou a grande reforma.

A 10 de Março de 1888, chamado pela princeza regente d. Isabel, organizou o ministerio que succedeu ao do barão de Cotagipe, e a esse govêrno, sabem-no todos, coube o derradeiro triumpho ganho pela causa abolicionista. Esta lançára raizes na opinião pública, graças á campanha da Imprensa e ao talento de Patrocinio, Joaquim Nabuco, Joaquim Serra e tantos outros. A princeza regente, que presidia aos destinos do paiz na ausencia de seu venerando pae enfermo, não escondia os generosos sentimentos humanitarios, que lhe inflammavam o bondoso coração. De facto, tudo isto parecia apparelhar o campo para a victória. Havia entretanto no fundo do quadro a sombra negra dos interesses particulares, que a abolição ia ferir profundamente, e fazia-se mistér coragem civica fóra do commum para affrontar de modo resoluto e definitivo o magno problema.

Essa coragem encontrou o Brasil na alma privilegiada de João Alfredo, que abraçou a causa com ardor, certo de que apagava uma nodoa na legislação patria e nobilitava o nome brasileiro perante o mundo.

Lembramo-nos muito ainda do que foi essa epopéa.

«A 10 de Maio, são palavras do eximio sr. Affonso Celso, a 10 de Maio ergue-se elle na Camara para expôr o seu programma, no meio de solenne silencio e ingente espectação.

Extraordinario o effeito do seu breve discurso, que provocou em varios topicos delirantes acclamações. Discurso sobrio, preciso, magistral.»

Effectivamente podia dizer como Cesar: *alea jacta est*. A victória solenne não tardou: no Senado, resistiu elle galhardamente ás invectivas e sarcasmos de eminentes adversarios; mas a 13 de Maio, no meio de flôres e acclamações, d. Isabel, a Remdeptora, tinha a rara fortuna de assignar a grande e aurea lei, que occupa a página mais rutilante da Historia nacional depois do 7 de Septembro de 1822.

O conselheiro João Alfredo, «insigne manejador de homens», como alguem já o qualificou, insigne patriota, como todos hoje o qualificamos, fechou a sua carreira politica com esta cheve de ouro. A 7 de Junho de 1889 não era mais ministro, e a 15 de Novembro deixava de ser conselheiro de Estado e senador, por fôrça da revolução que aboliu o regime monarchico em nossa Patria.

Nos dias da Republica foi sempre modêlo de correcção. Empobrecido pelas exigencias das posições officiaes nada pediu, e com resignação estoica supportou angustias, apenas suavizadas pela dedicação de amigos e pelo confôrto do sentimento religioso. Os termos de seu — Testamento — e as suas — Ultimas palavras —, publicados pelo illustre sr. Joaquim Egas Muniz Barreto de Aragão, como um *grande exemplo* deixado aos estadistas de todos os tempos, — esses documentos sinceros do grande morto traduzem claramente a superioridade de sua alma e quanto sua memória é digna de veneração.

Nos dias da Republica, repito, nada pediu: mas por insistencia que muito honra o govêrno do sr. marechal Hermes, acceitou a presidencia do Banco do Brasil, na qual revelou ainda uma vez as altas qualidades de govêrno que sempre o distinguiram. O longo traquejo da administração pública, em que encanecera, e mórmente as licções da experiencia adquirida no Ministerio da Fazenda, unidas á severidade incontestável de character e ao escrupulo, com que sabia corresponder ás responsabilidades dos cargos que assumia, — tudo isso habilitava-o para a funcção melindrosa de presidente do nosso primeiro estabelecimento de credito. Sua gestão foi digna,

proficua e criteriosa, de tal fórma que o Banco poude enfrentar calma e energicamente a terrivel situação creada em Julho de 1914 pela calamidade da guerra européa, que abalou o mundo financeiro.

Sempre altivo, nobre e correcto, nem por isso deixou de ser víctima dos botes perfidos da malevolencia. E' o destino das grandes arvores; sacode-as mais violento o tufão...

Entre outras investidas, attribuiram-lhe uma vez a fraqueza de ceder indebitamente no Banco a certa ordem do chefe do Estado. A sua resposta está lavrada nestes termos no Relatorio de 1914:

«Um septuagenario norte-americano disse que estava no 7º andar da vida. Eu estou acima, e no alto em que me approximo do Supremo Julgador diz-me a consciencia que não levo no rol de minhas culpas a subserviencia a quem quer que seja.»

Ahi está retratada a nobreza do grande homem, que foi nosso companheiro desde 10 de Outubro de 1887, e que no seu memoravel — Testamento — escreveu estas palavras vindas do coração:

«No asylo em que me recolhi em Julho de 1889 me conservo com a unidade de meu character, com o mesmo amor da Patria, inutil e constrangidamente inactivo nas tristes peripecias que se seguiram, mas tão vivo na desgraça como nos meus dias felizes de esperança, victória e ovação; posso dizer mais vivo, inquieto e profundamente attribulado deante das calamidades que affligem o Brasil.

«Neste poncto hei de acabar como tenho vivido, considerando-me obrigado a dar a vida pelo grande e esplendido paiz, onde nasci e onde morrerei, supplicando a Deus que minha patria querida e sagrada, a terra de Sancta Cruz, illuminada pelo Cruzeiro celeste, confirmando-se na fé dos antepassados, que souberam conquistá-la para a civilização e constitui-la nação livre, unida, próspera, forte e estimada, caminhe tranquillamente para os altos destinos a que está fadada por sua natural opulencia, e seja perante o mundo um exemplo de organização estavel e solida, sustentada e animada por todas as virtudes particulares, patrioticas e humanitarias.

"Eis a licção, que mais recommendo aos meus descendentes.»

E não careço dizer mais para honrar o seu nome illustre e querido.

— Mal se haviam encerrado os nossos trabalhos em 1918, aqui chegou a 11 de Novembro a dolorosa notícia de haver fechado os olhos á luz o nosso prezado e indefesso companheiro, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, 2° vice-presidente do INSTITUTO, o orador que tantas vezes abrilhantara esta tribuna com a sua palavra, o talentoso Brasileiro que tanto dignificou a sua cadeira de magistrado e de funccionario público.

Filho, da Bahia, nasceu a 2 de Março de 1850, formou-se em Direito na Faculdade do Recife em 1871, e foi successivamente promotor público na comarca de Ilhéos, de 1872 a 1878, secretário do govêrno da Parahiba do Norte, juiz de direito de Curitibanos por decreto de 22 de Septembro de 1880, chefe de Policia da provincia do Espirito Sancto, juiz de direito da comarca de Limoeiro em Pernambuco, e depois da Fortaleza no Ceará, e por último na phase republicana juiz do Tribunal Civil e Criminal e juiz da Côrte de Appellação nesta Capital.

Em todo o longo percurso de 47 annos dedicados sem descanço aos altos interesses da Justiça e ao serviço da Patria, Sousa Pitanga mereceu invariavelmente o applauso, o profundo respeito, a veneração do povo e das auctoridades do paiz pela suprema correcção de seu proceder, pela serenidade admiravel de suas sentenças. Grandes, muito grandes foram por vezes os interesses, que se acharam em presença do seu julgamento; Pitanga, incorruptivel e austero, jamais se deixou seduzir por elles; tinha por modêlo aquelle famoso d'Aguesseau, que não soube submetter-se nem aos pedidos nem ás ameaças de Luiz XIV.

Um dos traços brilhantes da sua carreira pública foi o empenho que revelou sempre pela creação de escholas, gabinetes de leitura e officinas onde faltavam estes poderosos elementos de progresso. Outro egualmente honroso: antepondo-se até ao capricho de auctoridades daquelle tempo, propugnou

a extincção da barbara pena de açoites e dos tractos deshumanos practicados então nas cadeias das provincias. Parodiando a phrase célebre do poeta — "N'insultez jamais la femme qui tombe", póde-se dizer que a divisa do juiz Pitanga foi est'outra — «Não se avilte jámais o homem que delinquiu».

A cidadão de taes merecimentos, como era natural, se confiaram incumbencias de relêvo. Em 1902, quando aqui chegou o nosso glorioso Rio-Branco, foi elle presidente da Commissão que o recebeu, e por essa occasião proferiu no Club Naval bellissima mensagem. Foi membro do Congresso Scientifico Latino-Americano e secretário do Congresso Juridico Americano; desde 1909 presidiu a Commissão dos Patrimonios creada pelo eminente dr. Tavares de Lyra. Para as nossas fileiras entrou a 3 de Agosto de 1900; aqui se fez benemerito na assiduidade e no labor, merecendo por fim a cadeira de 2° vice-presidente e fazendo parte da Commissão Directora do Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, na qual, posso dar testimunho, trabalhava com amor e carinho.

Por occasião do 1° Congresso de Historia Nacional não appellamos aqui debalde para o seu saber; compoz para elle uma breve, mas substanciosa memória intitulada — *Tutela dos Indios. Sua catechese*, — que faz parte da nossa *Revista* (tomo especial, parte III, pags. 489-512). A civilização do Indio e a sua incorporação ao organismo nacional foram as theses ahi habilmente defendidas pelo emerito jurista.

Entre outros trabalhos seus avultam: os eloquentes *Elogios* dos socios fallecidos, discursos aqui proferidos na qualidade de orador do Instituto nas sessões magnas de 1900 a 1905, *Pena de açoites*, *O selvagem perante o Direito*, *Organização penitenciaria nos paizes latinos americanos*, *Ultima página da Independencia* e *Ultima glória mallograda*. E, para que nada fallasse ao renome do desembargador Pitanga, tambem revelou o seu talento nos dominios da Poesia, como o prova, entre outras producções, a bella paraphrase d'*O Redivivo* de José Bonifacio, o moço. Este cantára em versos ardorosos o immortal Andrade Neves, uma das glórias militares da terra gaúcha; Pitanga celebrou o eximio Paulista, digno

filho de tão benemerita estirpe, em estrophes inspiradas, como estas, que acaso destaco:

« Que angelicas visões! No vôo infindo
« Os vates p'ra saudá-lo levantavam-se
« Tangendo os alaúdes,
« Teciam-lhe capellas as Virtudes;
« E ao cabo do caminho, o Anjo da Glória
« Entrançava-lhe os louros da victória!

« Elle via, qual iris de bonança,
« Ondas de luz se projectarem limpidas
« Da Patria no futuro;
« Da escravidão rasgando o véu escuro,
« E saudando num hymno a Liberdade
« Dizia á morte: eu sou a Eternidade!

....

« Se inclina ó lyrio ao ver-me, e num desmaio
« Descora a rosa; o zephyro retrahe-se,
« O arroio nem murmúra!
« No firmamento azul o sol fulgura.
« Quem é? pergunta á terra o rei do dia,
« Este archanjo de luz e de harmonia?

« E' da tribuna o rei, exclama a Patria;
« Da Poesia o sol, responde a Musa;
« Do Brasil o primor,
« Murmura o povo em extasis de amor;
« E a Gloria diz sorrindo: Oh, meu athleta,
« Pousa em meu seio a fronte de poeta!»

— Acóde agora á voz da Historia e da gratidão nacional o nome do venerando marechal José Bernardino Bormann, illustre militar e escriptor, querido companheiro, a quem devemos nos ultimos annos preciosa e assidua collaboração.

Filho do Rio Grande do Sul, onde viu a luz do dia a 26 de Septembro de 1844, sentou praça voluntariamente no verdor dos annos, estudou na Eschola Militar daquella provincia e depois na antiga Eschola Central do Rio de Janeiro. Tinha 20

annos de edade quando o dever patriotico o chamou á Campanha do Paraguai, onde, desde o cêrco de Uruguaiana até á chamada campanha das cordilheiras, que foi a última phase dessa tremenda lucta, a bravura, o zêlo, e os altos meritos do moço rio-grandense deram motivos a constantes menções e elogios nas ordens do dia. E si era corajoso e irreprehensivel nos combates, em que o soldado se batia pela honra e glória do sagrado pavilhão auri-verde, o homem de coração magnanimo e caridoso não lhe cedia a palma. Da sua brilhante fé de offício constam os extraordinarios serviços que prestou alli aos companheiros salteados pela epidemia de cholera-morbo, que então dizimou as nossas fileiras. «Já não sei o que hei de dizer mais dêste official (são palavras do seu commandante de então), taes são os relevantes serviços por elle prestados; não sei si deva elogiar sua extrema caridade para com os enfermos, si o seu desapêgo á vida."

Bem se vê, senhores, que quem dest'arte iniciava a carreira muito promettia para o futuro. E esse futuro foi a consequecia logica do passado.

Curuzú, Curupaití, Tuiutí, Itororó, Lomas Valentinas, Valenzuela, Peribebuí, Caraguataí, todos esses logares foram theatro de sua bravura, reconhecida em documentos officiaes, e deram-lhe direito ás distincções honorificas e ás promoções consecutivas.

Finda a guerra, Bormann concluiu o curso de Mathematicas e Sciencias Physicas, cujo grau lhe foi dado em 1872, e iniciou a série de importantes commissões que lhe deram grande nome. Entre ellas cumpre salientar a fundação da colonia militar de Chapecó na provincia do Paraná, estabelecimento que dirigiu por alguns annos e no qual prestou serviços taes, que os Paranaenses os não puderam exquecer. Os filhos dêsse Estado da Republica em 1898 elegeram-no vice-presidente; nesta qualidade teve elle de assumir em Curitiba por algum tempo o govêrno no anno seguinte, e em 1901 tomou assento no Congresso Legislativo do mesmo Estado. Em 1902, já general de brigada, era nomeado commandante do 5º Districto Militar; em 1906 sub-chefe do Estado Maior, funcção que interrompeu para se desempenhar de uma commissão na Europa, e para a qual voltou depois, merecendo

altos elogios do Governo «pela notavel intelligencia, superior tino e capacidade» que revelára no exercicio dêsse cargo. Realizada em 1909 a reorganização do Estado Maior, coube-lhe a chefia dessa importante repartição, e d'ahi, a convite da Presidencia da Republica, passou a gerir os negocios da Guerra como ministro até 15 de Novembro de 1910.

Havia o distincto militar até então galgado todos os postos de sua carreira, e só lhe faltava a de ministro do Supremo Tribunal Militar; esta funcção foi-lhe dada por decreto de 11 de Janeiro de 1911. A 6 de Dezembro do mesmo anno obteve a sua reforma; contava meio seculo de optimos serviços á Patria na paz e na guerra, no gabinete e nos campos de batalha, sempre trabalhador e correcto.

Foi com este passado glorioso que se alistou aqui a 20 de Abril de 1915, e que proprio tive a fortuna de o receber a 19 de Septembro do mesmo anno. Desde essa data o marechal Bormann se alliou devotadamente a todos os nossos trabalhos, e ainda no último periodo de sua existencia, que veio a encerrar-se a 1º de Julho de 1919, o tivemos por companheiro na Commissão Directora do Diccionario Historico, que ouviu com prazer excellentes biographias dos nossos grandes cabos de guerra.

O illustre Brasileiro, que enriquecêra já a nossa Historia Militar compondo a *Guerra do Paraguai, Rosas e o Exercito alliado, Dias fratricidas, Campanha do Uruguai, Caxias e Mitre*, — elle que nos dera tambem a *Batalha de Leipzig* e *Os Amores de D. João III*, quiz antes de morrer deixar ao INSTITUTO mais uma prova de affecto, legando-nos os seus preciosos livros; entre esses thesouros figura uma collecção opulenta de obras relativas a Napoleão I. O grande guerreiro francez era o seu idolo, como aqui era Caxias o seu modêlo. Bendicta a memória do bravo companheiro, e com elle aprendamos a sempre servir bem e lealmente á Patria amada.

— Fechemos esta página, senhores, com o nome de outro patricio, dos mais illustres e dos que o Brasil mais venera e admira. Não vos fallarei agora de batalhas sangrentas nem de façanhas militares. Este é um heróe da paz, é o benemerito conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, nosso consocio desde 30 de Agosto de 1896 e nosso presidente honorario

desde 6 de Dezembro de 1902. Que singular figura moral a dêsse Brasileiro, que contou os estadios da vida por triumphos e por magnos serviços á Patria, sem desfallecimentos e sem arrogancias, coberto de applausos que jamais o envaidecêram, vulto de primeira grandeza na Politica assim no Imperio como na Republica, e sempre ameno, modesto e disposto ao sacrificio pela grande causa nacional!

Paulista e nascido em Guaratinguetá aos 7 de Janeiro de 1848, laureado bacharel em lettras pelo Collegio Pedro II em 1865, bacharel em Direito em 1870, successivamente vereador, juiz de paz e juiz municipal na cidade que fôra seu berço, em 1872 eleito deputado provincial pela primeira vez, fez sua entrada na Assembléa Geral em 1884 como representante de S. Paulo, e em 1886 recebeu de seus patricios novo mandato, apenas interrompido em 1887 pela nomeação de presidente da provincia, com que o distinguiu o ministro Cotegipe. Dêste posto saïu pouco depois, de cabeça erguida e, cumpre dizê-lo, vendo fortalecida a sua influencia politica e social, tão bem se conduzira naquella situação difficil, que antecedeu de perto a victória da nobre causa abolicionista.

A 15 de Novembro de 1889, inaugurado o novo regime, comprehenderam os republicanos paulistas que não lhes era licito dispensar a collaboração de patriotas eminentes pelo saber, pela ponderação e pela virtude, e o nome de Rodrigues Alves foi incluido espontaneamente na chapa de deputados á Constituinte. Era uma justa homenagem ao valor do preclaro Paulista, o qual, por sua vez inspirado de nobre patriotismo e livre de quaesquer liames de gratidão pessoal, julgou que lhe corria o dever de antepôr a causa do Brasil á causa secundaria da fórma de govêrno; eleito, tomou assento na assembléa, e a 24 de Fevereiro de 1891 assignou leal e resolutamente a nova Constituição Brasileira que nos rege.

Rodrigues Alves foi na phase republicana por duas vezes ministro da Fazenda: primeiro, no govêrno do marechal Floriano Peixoto, e depois, de Novembro de 1894 a Novembro de 1896 na presidencia do honrado e benemèrito Prudente de Moraes. Houve quem o accusasse então da falta de iniciativas, sinão de certa indolencia. Notoria injustiça, de que se penitenciaram mais tarde os criticos incontentaveis. Recebera o

estadista uma herança penosa: a nossa situação financeira era de facto precaria, e cumpria agir com o maior escrupulo para não comprometter o futuro. Antes de tudo, curar as feridas para caminhar depois com desassombro; tambem isso era de estadista.

Foi elle em seguida eleito senador por S. Paulo, e da tribuna daquella Camara teve opportunidade de justificar com evidente brilho a politica financeira do govêrno Prudente de Moraes, inspirada na prudencia e no bem público.

Seu Estado natal tornou a reclamar os serviços do filho querido em 1900, e, como seu alto valor se demonstrasse cabalmente, não foi essa a última vez que Rodrigues Alves geriu os destinos de S. Paulo; é sabido que ainda em 1912 seus patricios o chamaram novamente áquella presidencia.

Tamanhos meritos indicavam-no entretanto para mais alto posto; e quanto estava para findar o quatriennio do illustre dr. Campos Salles, surgiu como uma esperança a sua candidatura á presidencia da Republica, suscitada e apoiada francamente pelos proceres do partido e pela Nação.

Eleito de facto, Rodrigues Alves tomou posse a 15 de Novembro de 1902, e iniciou esse govêrno feliz, patriotico, energico e exclarecido, que ficou assignalado na história da Republica *albo lapillo*.

Não cabe, senhores, nos limites estreitos desta homenagem, desenvolver por menor a magnitude dos serviços que elle prestou á Patria nesses gloriosos e fecundos quatro annos de administração.

Favorecido pelos resultados da gestão financeira de seu antecessor, que fôra tambem um benemerito, o govêrno Rodrigues Alves assignalou-se, entre outros beneficios inolvidaveis, pela gestão lucida e firme dos nossos interesses internacionaes, pelo saneamento e remodelação da nossa formosa capital, pela animação dada á immigração, á agricultura, á indústria e ao commércio do paiz. Seu primeiro cuidado foi acercar-se de intelligentissimos e prestimosos auxiliares. Ninguem ignora o que, além, de outros, foram o barão do Rio-Branco na pasta das Relações Exteriores, o engenheiro Pereira Passos na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e o dr. Oswaldo Cruz na Directoria de Saude Publica: homens

superiores pelo saber, pela energia da vontade e pelo esclarecido patriotismo. Cita-los nomeadamente não importa desconhecer o alto merito de outros distinctos Brasileiros, que collaboraram com o excelso presidente na grande obra que realizou.

O que então fizeram Rio-Branco, Passos e Oswaldo Cruz não carece ser aqui repetido; são de nossos dias essas victórias e a consciencia nacional applaude-as com fervor, certa de que em últmilta analyse as deve todas egualmente ao emerito Rodrigues Alves.

Em summa, senhores, o que foi esse quatriennio está magistralmente expresso nestas palavras do eximio Ruy Barbosa, que, todos o sabemos, não costuma ser prodigo de elogios. «O presidente da Republica, disse elle, poz a Patria acima das localidades, a Constituição acima dos individuos, e acima dos cortezãos a opinião nacional». Em phrase breve e lapidar está ahi o juizo da Historia. Não preacudo nem posso dizer melhor.

Deixando, em 1906, curul da Presidencia, o preclaro Brasileiro havia feito jús ao repouso; mas a Nação assim não entendeu e, em circunstancias difficeis, appellou mais uma vez para o seu patriotismo, em 1918. O batalhador sentia-se enfraquecido e podia negar-se ao sacrificio; mas Rodrigues Alves, — alma grande e nobre —, esperando ainda que a Providencia lhe restaurasse as fôrças para gerir novamente os destinos do amado Brasil, accedeu ao reclamo e fez o derradeiro exfôrço para obedecer á ordem dos seus patricios.

Sabemos todos o que isso lhe custou: estavam-lhe contados os dias; o heróe desfalleceu, e a morte salteou-o por fim no dia 16 de Janeiro de 1919.

Aqui neste cenaculo, como no seio da illustre familia, como na alma da Nação, esse dia foi de pesado luto. Só nos resta venerar e honrar a sua querida memória, aprendendo no raro modêlo que deixou á Posteridade.

Senhores. Está finda a missão, que me cabe. de render em nome da Historia e da Justiça a homenagem que o INSTITUTO presta aos seus companheiros gloriosos, aos athletas da penna, da palavra e da acção, que por grandes meritos se re-

commendaram á gratidão e ao respeito do Brasil ou do mundo».

Ernesto Lavisse, o insigne historiador francez, no grande amphitheatro da Sorbonna proferiu, não ha muito, a próposito do anniversario da declaração da guerra da Allemanha á França, uma vibrante allocução, em que appellou para o reconhecimento «que as gerações futuras devem á memória dos que fizeram holocausto da vida para lhes assegurar a liberdade e a independencia».

Imitando o magno professor de Historia, depois de vos pintar a traço largo a vida dos nossos benemeritos, que tão alto levantaram o nome brasileiro, servindo com amor ás Lettras e á Patria em todos os departamentos da sciencia e da administração pública; depois de appellar para o reconhecimento profundo que lhes devemos pelo muito que amaram a sua terra, permitti que eu com Lavisse vos diga, a todos vós que dais a honra de me ouvir, a todos os contemporaneos que illustram a nossa geração, a toda a brilhante mocidade que tem de colher o nosso legado: «a fórma que esse reconhecimento deve revestir exprime-se numa unica palavra: *trabalhar*. Aos heróes caidos pertence o dia da glória; aos homens de hoje e de amanhã pertence o dia do labor!» (*Applausos calorosos.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*), agradecendo o comparecimento do digno chefe da Nação (presidente honorario do INSTITUTO), dos srs. ministros de Estado, prefeito do Districto Federal, chefe de Policia, altas auctoridades, excellentissimas senhoras, illustres cavalheiros, bem como a dos illustres representantes do Corpo Diplomatico e honrados consocios, pede licença ao sr. presidente da Republica para encerrar a sessão.

Encerra-se a sessão ás 23 horas. — *Roquette Pinto*, 2º secretário.

* * *

Justificaram ausencia os socios srs. almirantes Indio do Brasil e Gomes Pereira, drs. Fernandes Figueira e Araujo Viana.

Telegrapharam, justificando o não comparecimento, os seguintes convidados: embaixador americano, capitão dr. Jaguaribe de Mattos, senador F. Schmidt, general Silva Pessôa, senador Antonio Azeredo vice-presidente do Senado, senador Alvaro de Carvalho, dr. João Arthur Boiteux secretário do Interior de Sancta Catharina.

Entre os convidados presentes havia, além de exmas. senhoras e senhoritas, os seguintes:

Dr. Raul Soares de Moura, ministro da Marinha, dr. J. Pires do Rio, ministro da Viação, dr. Simões Lopes, ministro da Agricultura, dr. Milciades Mario de Sá Freire, prefeito do Districto Federal, desembargador Geminiano da Franca, chefe de Policia, dr. Julio Barbosa de Mattos Corrêa, representando o presidente do Senado, general Aaron Saens, ministro do Mexico, Alfonso de Rosenvelg, secretário do Mexico, dr. Ramon Lara Castro, ministro do Paraguai, dr. Barros Moreira, ministro do Brasil na Belgica, general Candido Mariano da Silva Rondon e senhora, Waldemar de Saldanha Ramiz Wright, Hildebrando Magalhães, dr. R. Thomé Bezerra, pela Sociedade de Geographia, dr. Alvaro Martins Baptista, dr. Olympio da Fonseca, drs. Carlos Porto Carreiro, E. V. Catta Preta e Abelardo Lobo, pela Faculdade Livre de Direito, major Aragão Sobrinho, pelo marechal Argollo, presidente do Supremo Tribunal Militar, 1º tenente Affonso Celso de Ouro Preto, dr. Candido de Oliveira Filho, capitão Rocha Silveira, dr. F. Cabrita, dr. Joaquim Egas, dr. Alfredo Gomes e senhora, dr. Hermann Fleiuss e senhora, dr. M. P. de Oliveira Santos, Mariano Leda, presidente do Centro Academico Nacionalista, capitão dr. Amilcar de Magalhães, dr. Rodolpho Jacob, presidente do Instituto Historico de Minas Geraes, dr. Romulo R. C. de Avellar, dr. Dario Callado e familia, representantes da imprensa e muitos outros que deixaram de assignar o livro de convidados.

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL, EM 18 DE DEZEMBRO DE 1919

(2ª CONVOCAÇÃO

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpétuo)

A's 20 ½ horas, presentes os socios srs. conde de Affonso Celso, almirante José Candido Guillobel, João Lyra Tavares, Solidonio Leite, tenente-coronel Liberato Bittencourt, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Antonio Fernandes Figueira, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Eurico de Góes, Max Fleiuss, Arthur Pinto da Rocha, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Juliano Moreira, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Jonathas Serrano e marechal Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, abre-se a sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) declara que a presente sessão de assembléa geral obedece ao que dispõe o art. 28 dos Estatutos, isto é, a eleição da Directoria e das commissões permanentes para o biennio de 1920-1922. Tendo sido convocada a sessão para o dia 15 do corrente não compareceu número legal de associados. Fez, por isso, nova convocação, nos termos do § 3° do art. 61 dos Estatutos. Sendo vitalicios os actuaes presidente, 1° secretário e orador, a eleição, quanto á Directoria, será apenas dos vice-presidentes, do 2° secretário e do thesoureiro. Segundo o que estabelece o § 1° do art. 29 a eleição será feita por escrutinio secreto, observando-se o seguinte: cada socio votará em duas cedulas, uma contendo o nome dos vice-presidentes, 2° secretário e thesoureiro, e outro contendo os nomes dos membros das diversas commissões. Convida para escrutinadores os srs. tenente-coronel Liberato Bittencourt e Arthur Pinto da Rocha.

Corridos os escrutinios, são recolhidas dezesete cedulas para os membros da Directoria e dezesete cedulas para os das commissões permanentes.

O SR. PRESIDENTE verifica que o número de cedulas corresponde exactamente ao dos socios presentes. Vai entregá-las aos srs. escrutinadores para a devida apuração.

Apuradas as cedulas, o SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpétuo*) proclama o seguinte resultado:

Para 1° vice-presidente — Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, reeleito por unanimidade.

Para 2° vice-presidente — Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, eleito por unanimidade.

Para 3° vice-presidente — Dr. Augusto Tavares de Lyra, eleito por unanimidade.

Para 2° secretário — Dr. Edgard Roquette Pinto, reeleito por unanimidade.

Para thesoureiro — Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, reeleito por unanimidade.

COMMISSÕES PERMANENTES:

Fundos e Orçamento — Drs. Clovis Bevilaqua, Rodrigo Octavio de Langaard Meneses, Homero Baptista, Agenor de Roure e João Lyra Tavares.

Historia — Drs. Clovis Bevilaqua, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Augusto Olympio Viveiros de Castro, Basilio de Magalhães e Jonathas Serrano.

Geographia — Almirante José Candido Guillobel, marechal Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, capitão de corveta Raul Tavares e dr. Gastão Ruch Sturzenecker.

Archeologia e Ethnographia — Drs. Edgard Roquette Pinto, Juliano Moreira, Afranio Peixoto, Antonio Fernandes Figueira e tenente-coronel Liberato Bittencourt.

Estatutos — Drs. Manuel Alvaro de Sousa Sá Viana, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Arthur Pinto da Rocha, Laudelino Freire e Solidonio Leite.

Admissão de Socios — Drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Manuel Cicero Peregrino da Silva e Augusto Tavares de Lyra.

Justificam o não comparecimento os socios drs. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Augusto Tavares de Lyra, Ben-

jamin Franklin Ramiz Galvão, Edgard Roquette Pinto, Alfredo Pinto Vieira de Mello, Laudelino Freire e commandante Raul Tavares.

Levanta-se a sessão ás 22 horas. — Tenente-coronel Dr. *Liberato Bittencourt*. — Dr. *Arthur Pinto da Rocha*, escrutinadores.

ANNEXOS

ADMINISTRAÇÃO EM 1921

DIRECTORIA (art. 5º dos Estatutos)

PRESIDENTE PERPETUO

Conde de Affonso Celso.

1º SECRETARIO PERPETUO

Max Fleiuss.

ORADOR PERPETUO

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

2º SECRETARIO INTERINO

Agenor de Roure.

THESOUREIRO INTERINO

Dr. Norival Soares de Freitas.

VICE-PRESIDENTES (§ 1º do art. 5º dos Estatutos)

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva.

2º VICE-PRESIDENTE

Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa.

3º VICE-PRESIDENTE

Dr. Augusto Tavares de Lyra.

CADASTRO DOS SOCIOS

DO

Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 15 de Maio de 1921, organizado de inteira conformidade com os actuaes Estatutos

PRESIDENTES HONORARIOS

ORDEM, NOME, DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO, RESIDENCIA

1. Conde d'Eu, 16 de Septembro de 1864. Eu (Seine Inférieure, França).

2. Dr. Nilo Peçanha, 27 de Novembro de 1909. Rio de Janeiro.

3. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, 24 de Novembro de 1911. Rio de Janeiro.

4. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, 15 de Dezembro de 1915. Itajubá (Minas Geraes).

5. Dr. Epitacio da Silva Pessôa, socio em 29 de Março de 1901, presidente honorario em 11 de Outubro de 1919. Rio de Janeiro.

SOCIOS GRANDES BENEMERITOS (5)

1. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, 16 de Agosto de 1872. Rio de Janeiro.

2. Conde de Affonso Celso, 2 de Dezembro de 1892. Rio de Janeiro.

3. Max Fleiuss, 3 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.

4. Vago.

5. Vago.

NOTA — Ha nesta classe duas vagas.

O signal (*) indica que o socio é extrangeiro.
O signal × indica que o socio não tomou posse.

SOCIOS BENEMERITOS (20)

1. Barão de Teffé, 27 de Outubro de 1882. Rio de Janeiro.

2. Almirante José Candido Guillobel, 24 de Novembro de 1882. Rio de Janeiro.

3. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, 7 de Dezembro de 1883. S. Paulo.

4. Professor João Capistrano de Abreu, 19 de Outubro de 1887. Rio de Janeiro.

5. Almirante Arthur Indio do Brasil, 31 de Agosto de 1888. Rio de Janeiro.

6. Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, 12 de Dezembro de 1890. Rio de Janeiro.

7. Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, 12 de Dezembro de 1890. Rio de Janeiro.

8. Barão de Studart, 29 de Maio de 1892. Fortaleza (Ceará).

9. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, 4 de Maio de 1894. Rio de Janeiro.

10. Dr. Manuel de Oliveira Lima, 11 de Agosto de 1895. Washington (Estados Unidos da America).

11. Cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, 31 de Outubro de 1897. Rio de Janeiro.

12. Dr. Amaro Cavalcanti, 6 de Dezembro de 1897. Rio de Janeiro.

13. Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 12 de Dezembro de 1899. Rio de Janeiro.

14. Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, 26 de Outubro de 1900. Rio de Janeiro.

15. Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, 23 de Agosto de 1901. Rio de Janeiro.

16. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 24 de Outubro de 1902. S. Paulo.

17. Dr. Theodoro Sampaio, 24 de Outubro de 1902. Cidade do Salvador (Bahia).

18. Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, 9 de Dezembro de 1904. Tampico (Mexico).

19. Dr. José Joaquim Seabra, 28 de Abril de 1905. Cidade do Salvador (Bahia).

20. Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, 28 de Abril de 1905. Rio de Janeiro.

21. Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 21 de Julho de 1905. Rio de Janeiro.

22. Dr. Clovis Bevilaqua, 15 de Outubro de 1905. Rio de Janeiro.

23. Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, 20 de Maio de 1907. Rio de Janeiro.

24. Dr. José Carlos Rodrigues, 10 de Junho de 1907. Rio de Janeiro.

25. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 16 de Septembro de 1907. Rio de Janeiro.

26. Dr. Homéro Baptista, 26 de Agosto de 1911. Rio de Janeiro.

27. Dr. Urbano Santos da Costa Araujo, 31 de Julho de 1915. S. Lùiz (Maranhão).

NOTA — Ha nesta classe um excesso de sete socios.

SOCIOS HONORARIOS (20)

1. Dr. d. Estanislao S. Zeballos (*) ×, 7 de Dezembro de 1883. Buenos Aires (Republica Argentina).

2. D. Enrique Moreno (*), 13 de Septembro de 1888. Buenos Aires (Republica Argentina).

3. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo, 2 de Agosto de 1889. Vienna (Austria).

4. D. Carlos Luiz d'Amour ×, 9 de Dezembro de 1892. Cuiabá (Matto Grosso).

5. Dr. Christiano Frederico Seybold (*) ×, 1 de Junho de 1894. Allemanha.

6. D. Francisco do Rego Maia, 25 de Julho de 1897. Roma (Italia).

7. D. Jeronymo Thomé da Silva, 25 de Julho de 1897. Bahia.

8. Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia (*), 15 de Maio de 1898. Rio de Janeiro.

9. D. Pedro de Orléans e Bragança, 22 de Junho de 1900. França.

10. Dr. Eduardo Müller (*) ×, 10 de Dezembro de 1900. Suissa.

11. Alberto dos Santos Dumont, 11 de Septembro de 1903. Rio de Janeiro.

12. Barão de Muritiba, 12 de Agosto de 1904. Paris (França).

13. D. João Braga ×, 21 de Julho de 1905. Curitiba (Paraná).

14. Dr. d. Julio Fernandez (*), 4 de Maio de 1912. Buenos Aires (Republica Argentina).

15. Dr. Lauro Severiano Müller ×, 4 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

16. Edwin Vernon Morgan (†). 27 de Agosto de 1917. Rio de Janeiro.

17. Dr. Antonio Borges Leal Castello Branco. 30 de Septembro de 1918. Rio de Janeiro.

18. Clemente L. Fregeiro (†). 28 de Junho de 1920. Buenos Aires (Republica Argentina).

19. Dr. Justo Leite Chermont (†). 28 de Junho de 1920. Rio de Janeiro.

20. Vago.

Nota — Ha nesta classe uma vaga.

SOCIOS EFFECTIVOS (30)

1. Dr. Paulino José Soares de Sousa. 11 de Junho de 1898. Rio de Janeiro.

2. Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna. 17 de Outubro de 1899. Rio de Janeiro.

3. General dr. Innocencio Serzedello Corrêa. 8 de Dezembro de 1899. Rio de Janeiro.

4. Dr. José Francisco da Rocha Pombo. 3 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.

5. Marechal dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo. 17 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.

6. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão. 26 de Outubro de 1900. Rio de Janeiro.

7. Dr. João Mendes de Almeida Junior. 23 de Agosto de 1901. Rio de Janeiro.

8. Conselheiro Ruy Barbosa (†). 23 de Maio de 1902. Rio de Janeiro.

9. Dr. Eduardo Marques Peixoto. 23 de Outubro de 1903. Rio de Janeiro.

10. Coronel Jesuino da Silva Mello. 23 de Outubro de 1903. Rio de Janeiro.

11. Dr. João Pandiá Calogeras. 18 de Septembro de 1905. Rio de Janeiro.

12. Dr. José Pereira Rego Filho. 25 de Junho de 1906. Rio de Janeiro.

13. Professor Gastão Ruch Sturzenecker. 29 de Julho de 1907. Rio de Janeiro.

14. Paulo Barreto (†). 29 de Julho de 1907. Rio de Janeiro.

15. Dr. João Luiz Alves. 30 de Septembro de 1907. Rio de Janeiro.

16. Marechal Emygdio Dantas Barreto. 29 de Agosto de 1908. Rio de Janeiro.

17. Dr. Alexandre José Barbosa Lima, 29 de Agosto de 1908. Rio de Janeiro.

18. Dr. Norival Soares de Freitas, 5 de Outubro de 1908. Rio de Janeiro.

19. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, 20 de Agosto de 1909. Rio de Janeiro.

20. José Felix Alves Pacheco, 1 de Agosto de 1910. Rio de Janeiro.

21. Vice-almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, 3 de Outubro de 1910. Rio de Janeiro.

22. Dr. Eurico de Góes, 3 de Outubro de 1910. Rio de Janeiro.

23. Dr. Pedro Souto Maior, 15 de Julho de 1911. Rio de Janeiro.

24. Dr. Alipio Gama ✕, 15 de Julho de 1911. Rio de Janeiro.

25. Capitão de fragata Francisco Radler de Aquino, 26 de Agosto de 1911. Rio de Janeiro.

26. Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet ✕, 16 de Outubro de 1911. Rio de Janeiro.

27. Dr. Luiz Gastão de Escragnolle Doria, 4 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

28. Dr. Afranio de Mello Franco, 27 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

29. Tenente-coronel dr. Liberato Bittencourt, 27 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

30. Desembargador Ataulfo Napoles de Paiva ✕, 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

31. Francisco Agenor de Noronha Santos, 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

32. Dr. Alfredo Valladao, 19 de Julho de 1912. Rio de Janeiro.

33. Capitão de fragata Raul Tavares, 23 de Agosto de 1912. Rio de Janeiro.

34. Dr. Edgard Roquette Pinto, 4 de Agosto de 1913. Rio de Janeiro.

35. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, 20 de Abril de 1914. Rio de Janeiro.

36. Dr. João Ribeiro, 12 de Maio de 1914. Rio de Janeiro.

37. Professor Basilio de Magalhães, 27 de Agosto de 1914. Rio de Janeiro.

38. Dr. Arthur Pinto da Rocha, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

39. Dr. Aurelino de Araujo Leal, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

40. Antonio de Barros Ramalho Ortigão, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

41. Dr. Antonio Fernandes Figueira, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

42. Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

43. Dr. Juliano Moreira, 12 de Outubro de 1915. Rio de Janeiro.

44. Dr. Erico Marinho da Gama Coelho, 13 de Maio de 1916. Rio de Janeiro.

45. João de Lyra Tavares, 26 de Agosto de 1916. Rio de Janeiro.

46. Dr. João Martins de Carvalho Mourão ✕, 19 de Outubro de 1916. Rio de Janeiro.

47. Agenor de Roure, 31 de Maio de 1917. Rio de Janeiro.

48. Dr. Laudelino Freire, 31 de Maio de 1917. Rio de Janeiro.

49. Dr. Henrique Morize, 10 de Junho de 1918. Rio de Janeiro.

50. Capitão de fragata dr. Thiers Fleming, 10 de Junho de 1918. Rio de Janeiro.

51. Dr. Jonathas Serrano, 24 de Maio de 1919. Rio de Janeiro.

52. Dr. Solidonio Leite, 16 de Junho de 1919. Rio de Janeiro.

53. Dr. Afranio Peixoto, 16 de Junho de 1919. Rio de Janeiro.

NOTA — Ha nesta classe um excesso de 23 socios.

SOCIOS CORRESPONDENTES (25)

1. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, 9 de Dezembro de 1886. Recife (Pernambuco).

2. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, 31 de Agosto de 1888. Bello Horizonte (Minas Geraes).

3. Rodolfo Marcos Theophilo ✕, 11 de Junho de 1890. Fortaleza (Ceará).

4. João Baptista Perdigão de Oliveira ✕, 19 de Julho de 1891. Fortaleza (Ceará).

5. Dr. Argemiro Antonio da Silveira ✕, 3 de Septembro de 1891. S. Paulo.

6. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1 de Junho de 1894. Minas Geraes.

7. João Lucio de Azevedo ✕, 31 de Março de 1895. Lisboa (Portugal).

8. Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, 25 de Agosto de 1895. S. Paulo.

9. Coronel Raimundo Ciriaco Alves da Cunha ×, 20 de Outubro de 1895. Belém (Pará).

10. Dr. Henrique Americo de Sancta Rosa ×, 16 de Agosto de 1895. Belém (Pará).

11. André Peixoto de Lacerda Verneck, 13 de Dezembro de 1896. Padua (Estado do Rio de Janeiro).

12. D. Joaquim Silverio de Sousa ×, 19 de Septembro de 1897. Diamantina (Minas Geraes).

13. Coronel Benerio Lima, 10 de Novembro de 1899. Estado do Rio de Janeiro.

14. Dr. Antonio Zepherino Candido (*), 24 de Novembro de 1899. Lisboa (Portugal).

15. Dr. Ermelino Agostinho de Leão ×, 10 de Dezembro de 1900. Curitiba (Paraná).

16. Dr. d. Manuel B. Otero (*) ×. 24 de Maio de 1901. Montevidéo (Uruguai).

17. Dr. d. Susviela Guarch, 24 de Maio de 1901. Montevidéo (Uruguai).

18. Dr. Antonio Augusto de Lima, 9 de Agosto de 1901. Bello Horizonte (Minas Geraes).

19. Dr. Nelson de Senna, 23 de Agosto de 1901. Bello Horizonte (Minas Geraes).

20. Dr. Sebastião Paraná de Sá Soutomaior ×, 23 de Agosto de 1901. Curitiba (Paraná).

21. Horacio de Carvalho ×, 18 de Outubro de 1901. S. Paulo.

22. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, 18 de Outubro de 1901. S. Paulo.

23. Dr. d. Ernesto Quesada (*) ×, 6 de Dezembro de 1901. Buenos Aires (Republica Argentina).

24. Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira ×, 22 de Maio de 1903. Santiago (Chile).

25. Dr. José Maria Pereira de Lima (*) ×, 11 de Septembro de 1903. Portugal.

26. Victor Ribeiro (*) ×, 11 de Septembro de 1903. Lisboa (Portugal).

27. José Feliciano de Oliveira ×, 19 de Fevereiro de 1904. Paris (França).

28. Alberto Pimentel (*) ×, 23 de Junho de 1905. Lisboa (Portugal).

29. Dr. Diogo de Vasconcellos, 4 de Dezembro de 1905. Ouro Preto (Minas Geraes).

30. Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, 4 de Dezembro de 1905. Estado do Rio de Janeiro.

31. Dr. Bernardino Machado Guimarães (*) ×, 9 de Julho de 1906. Lisboa (Portugal).

32. Dr. d. Daniel Garcia de Acevedo (*) ×, 3 de Septembro de 1906. Montevidéo (Uruguai).

33. Dr. Adolfo Augusto Pinto, 20 de Maio de 1907. S. Paulo.

34. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, 29 de Agosto de 1908. S. Francisco do Sul (Sancta Catharina).

35. Fernando A. Georlette ×, 24 de Maio de 1909. Antuerpia (Belgica).

36. Dr. d. Ramón J. Cárcano (*), 1 de Agosto de 1910. Cordova (Republica Argentina).

37. Dr. Justo Jansen Ferreira ×, 22 de Junho de 1911. S. Luiz (Maranhão).

38. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 22 de Junho de 1911. Cidade do Salvador (Bahia).

39. Dr. Henry R. Lang (*) ×, 22 de Junho de 1911. Cambridge (Estados Unidos da America).

40. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, 15 de Julho de 1911. Barbacena (Minas Geraes).

41. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, 23 de Septembro de 1911. S. Paulo.

42. Dr. José Salgado (*) ×, 10 de Outubro de 1911. Montevidéo (Uruguai).

43. Dr. Washington Luis Pereira de Sousa ×, 4 de Maio de 1912. S. Paulo.

44. Dr. Helio Lobo, 6 de Junho de 1912. New York (Estados Unidos da America).

45. Dr. Alberto Rangel, 6 de Junho de 1912. Paris (França).

46. Dr. Nicoláo José Debbané, 23 de Agosto de 1912. Cairo (Egypto).

47. Dr. John Casper Branner (*), 30 de Maio de 1913. California (Estados Unidos da America).

48. Dr. Eugenio de Andrada Egas, 28 de Julho de 1913. S. Paulo.

49. Dr. Gentil de Assis Moura ×, 28 de Julho de 1913. S. Paulo.

50. Fidelino de Figueiredo (*), 28 de Julho de 1913. Lisboa (Portugal).

51. Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, 26 de Septembro de 1913. Juiz de Fóra (Minas Geraes).

52. Affonso A. de Freitas ×, 12 de Maio de 1914. São Paulo.

53. Dr. d. Lucas Ayarragaray (*), 23 de Maio de 1914. Buenos Aires (Republica Argentina).

54. Antonio de Portugal de Faria (visconde de Faria) (*) ×, 23 de Maio de 1914. Genebra (Suissa).

55. José Ribeiro do Amaral ×, 27 de Agosto de 1914. S. Luiz (Maranhão).

56. Dr. Alberto Lamego ×, 28 de Julho de 1915. Campos (Estado do Rio de Janeiro).

57. D. Juan José Biédma (*) ×, 12 de Outubro de 1915. Buenos Aires (Republica Argentina).

58. Dr. Annibal Velloso Rebello, 12 de Outubro de 1915. Havana (ilha de Cuba).

59. Dr. Mario Carneiro do Rego Mello ×, 31 de Maio de 1917. Recife (Pernambuco).

60. D. Silverio Gomes Pimenta ×, 31 de Maio de 1917. Marianna (Minas Geraes).

61. Dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, 31 de Maio de 1917. Santiago (Chile).

62. Dr. Roberto Lehmann-Nitsche (*) ×, 31 de Maio de 1917. La-Plata (Republica Argentina).

63. Dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger ×, 15 de Outubro de 1919. Vassouras (Estado do Rio de Janeiro).

64. Dr. José Arthur Boiteux (*), 28 de Junho de 1920. Florianopolis (Sancta Catharina).

NOTA — Ha nesta classe um excesso de 39 socios.

CADASTRO SOCIAL

DO

nstituto Historico e Geographico Brasileiro organizado por ordem chronologica em 15 de Maio de 1921

ORDEM CHRONOLOGICA, NOMES E DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO

1. Conde d'Eu, 16 de Septembro de 1864, presidente honorario.
2. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, 16 de Agosto de 1872, grande benemerito.
3. Barão de Teffé, 27 de Outubro de 1882, benemerito.
4. Almirante José Candido Guillobel, 24 de Novembro de 1882, benemerito.
5. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, 7 de Dezembro de 1883, benemerito.
6. Dr. d. Estanislao S. Zeballos (*), 7 de Dezembro de 1883, honorario.
7. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, 9 de Dezembro de 1886, correspondente.
8. Professor João Capistrano de Abreu, 19 de Outubro de 1887, benemerito.
9. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, 31 de Agosto de 1888, correspondente.
10. Almirante Arthur Indio do Brasil, 31 de Agosto de 1888, benemerito.
11. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo, 2 de Agosto de 1889, honorario.
12. D. Enrique Moreno (*), 13 de Septembro de 1889, honorario.
13. Rodolpho Marcos Theophilo, 11 de Junho de 1890, correspondente.

O signal (*) indica que o socio é extrangeiro.

14. Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, 12 de Dezembro de 1890, benemerito.

15. Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, 12 de Dezembro de 1890, benemerito.

16. João Baptista Perdigão de Oliveira, 19 de Junho de 1891, correspondente.

17. Dr. Argemiro Antonio da Silveira, 3 de Septembro de 1891, correspondente.

18. Barão de Studart, 20 de Maio de 1892, benemerito.

19. Conde de Affonso Celso, 2 de Dezembro de 1892, grande benemerito.

20. D. Carlos Luiz d'Amour, 9 de Dezembro de 1892, honorario.

21. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, 4 de Maio de 1894, benemerito.

22. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1 de Junho de 1894, correspondente.

23. Dr. Christiano Frederico Seybold (*), 1 de Junho de 1894, honorario.

24. João Lucio de Azevedo, 3 de Março de 1895, correspondente.

25. Dr. Manuel de Oliveira Lima, 11 de Agosto de 1895, benemerito.

26. Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, 11 de Agosto de 1895, correspondente.

27. Coronel Raimundo Ciriaco Alves da Cunha, 20 de Outubro de 1895, correspondente.

28. Dr. Henrique Americo de Sancta Rosa, 16 de Agosto de 1896, correspondente.

29. André Peixoto de Lacerda Vernek, 13 de Dezembro de 1896, correspondente.

30. D. Jeronymo Thomé da Silva, 25 de Julho de 1897, honorario.

31. D. Francisco do Rego Maia, 25 de Julho de 1897, honorario.

32. D. Joaquim Silverio de Sousa, 19 de Septembro de 1897, correspondente.

33. Cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, 31 de Outubro de 1897, benemerito.

34. Dr. Amaro Cavalcanti, 6 de Dezembro da 1897, benemerito.

35. Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia (*), 15 de Maio de 1898, honorario.

36. Dr. Paulino José Soares de Sousa, 10 de Junho de 1898, effectivo.

37. Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, 12 de Outubro de 1899, effectivo.

38. Coronel Honorio Lima, 10 de Novembro de 1899, correspondente.

39. Dr. Antonio Zepherino Candido (*), 24 de Novembro de 1899, correspondente.

40. General dr. Innocencio Serzedello Corrêa, 8 de Dezembro de 1899, effectivo.

41. Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 12 de Dezembro de 1899, benemerito.

42. D. Pedro de Orléans e Bragança, 22 de Junho de 1900, honorario.

43. Max Fleiuss, 3 de Agosto de 1900, grande benemerito.

44. Dr. José Francisco da Rocha Pombo, 3 de Agosto de 1900, effectivo.

45. Marechal dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, 17 de Agosto de 1900, effectivo.

46. Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, 26 de Outubro de 1900, benemerito.

47. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, 26 de Outubro de 1900, effectivo.

48. Dr. Eduardo Müller (*), 10 de Dezembro de 1900, honorario.

49. Dr. Ermelino Agostinho de Leão, 10 de Dezembro de 1900, correspondente.

50. Dr. Epitacio da Silva Pessôa, 29 de Março de 1901, presidente honorario.

51. Dr. d. Manuel B. Otero (*), 24 de Maio de 1901, correspondente.

52. Dr. d. Susviela Guarch (*), 24 de Maio de 1901, correspondente.

53. Dr. Antonio Augusto de Lima, 9 de Agosto de 1901, correspondente.

54. Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, 23 de Agosto de 1901, benemerito.

55. Dr. João Mendes de Almeida Junior, 23 de Agosto de 1901, effectivo.

56. Dr. Nelson de Senna, 23 de Agosto de 1901, correspondente.

57. Dr. Sebastião Paraná de Sá Soutomaior, 23 de Agosto de 1901, correspondente.

58. Horacio de Carvalho, 18 de Outubro de 1901, correspondente.

59. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, 18 de Outubro de 1901, correspondente.

60. Dr. d. Ernesto Quesada (*), 6 de Dezembro de 1901, correspondente.

61. Conselheiro Ruy Barbosa, 23 de Maio de 1902, effectivo.

62. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 24 de Outubro de 1902, benemerito.

63. Dr. Theodoro Sampaio, 24 de Outubro de 1902, benemerito.

64. Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira, 22 de Maio de 1903, correspondente.

65. Dr. José Maria Pereira de Lima (*), 11 de Septembro de 1903, correspondente.

66. Alberto Santos Dumont, 11 de Septembro de 1903, honorario.

67. Victor Ribeiro (*), 11 de Septembro de 1903, correspondente.

68. Dr. Eduardo Marques Peixoto, 23 de Outubro de 1903, effectivo.

69. Coronel Jesuino da Silva Mello, 23 de Outubro de 1903, effectivo.

70. José Feliciano de Oliveira, 19 de Fevereiro de 1904, correspondente.

71. Alberto Pimentel (*), 23 de Junho de 1904, correspondente.

72. Barão de Muritiba, 12 de Agosto de 1904, honorario.

73. Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, 9 de Dezembro de 1904, benemerito.

74. Dr. José Joaquim Seabra, 28 de Abril de 1905, benemerito.

75. Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, 28 de Abril de 1905, benemerito.

76. D. João Braga, 21 de Julho de 1905, honorario.

77. Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 21 de Julho de 1905, benemerito.

78. Dr. João Pandiá Calogeras, 18 de Septembro de 1905, effectivo.

79. Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, 4 de Dezembro de 1905, correspondente.

80. Dr. Diogo de Vasconcellos, 4 de Dezembro de 1905, correspondente.

81. Dr. José Pereira Rego Filho, 25 de Junho de 1906, effectivo.

82. Dr. Bernardino Machado Guimarães (*), 9 de Julho de 1906, correspondente.

83. Dr. Clovis Bevilaqua, 15 de Outubro de 1906, benemerito.

84. Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, 20 de Maio de 1907, benemerito.

85. Dr. Adolfo Augusto Pinto, 20 de Maio de 1907, correspondente.

86. Dr. José Carlos Rodrigues, 10 de Junho de 1907, benemerito.

87. Gastão Ruch Sturzenecker, 29 de Julho de 1907, effectivo.

88. Paulo Barreto, 29 de Julho de 1907, effectivo.

89. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 16 de Septembro de 1907, benemerito.

90. Dr. João Luiz Alves, 30 de Septembro de 1907, effectivo.

91. Marechal Emygdio Dantas Barreto, 29 de Agosto de 1908, effectivo.

92. Dr. Alexandre José Barbosa Lima, 29 de Agosto de 1908, effectivo.

93. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, 29 de Agosto de 1908, correspondente.

94. Dr. Norival Soares de Freitas, 5 de Outubro de 1908, effectivo.

95. Fernando Augusto Georlette, 24 de Maio de 1909, correspondente.

96. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, 20 de Agosto de 1909, effectivo.

97. Dr. Nilo Peçanha, 27 de Novembro de 1909, presidente honorario.

98. Dr. d. Ramón J. Cárcano (*), 1 de Agosto de 1910, correspondente.

99. José Felix Alves Pacheco, 1 de Agosto de 1910, effectivo.

100. Dr. Eurico de Góes, 3 de Outubro de 1910, effectivo.

101. Vice-almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, 3 de Outubro de 1910, effectivo.

102. Dr. Justo Jansen Ferreira, 22 de Junho de 1911, correspondente.

103. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 22 de Junho de 1911, correspondente.

104. Dr. Henry R. Lang (*), 22 de Junho de 1911, correspondente.

105. Dr. Pedro Souto Maior, 15 de Julho de 1911, effectivo.

106. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, 15 de Julho de 1911, correspondente.

107. Dr. Alipio Gama, 15 de Julho de 1911, effectivo.

108. Capitão de fragata Francisco Radler de Aquino, 26 de Agosto de 1911, effectivo.
109. Dr. Homéro Baptista, 26 de Agosto de 1911, benemerito.
110. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, 23 de Septembro de 1911, correspondente.
111. Dr. d. José Salgado (*), 10 de Outubro de 1911, correspondente.
112. Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, 16 de Outubro de 1911, effectivo.
113. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, 21 de Novembro de 1911, presidente honorario.
114. Dr. d. Julio Fernandez (*), 4 de Maio de 1912, honorario.
115. Dr. Lauro Severiano Müller, 4 de Maio de 1912, honorario.
116. Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, 4 de Maio de 1912, effectivo.
117. Dr. Washington Luis Pereira de Sousa, 4 de Maio de 1912, correspondente.
118. Tenente-coronel dr. Liberato Bittencourt, 27 de Maio de 1912, effectivo.
119. Dr. Afranio de Mello Franco, 27 de Maio de 1912, effectivo.
120. Dr. Helio Lobo, 6 de Junho de 1912, correspondente.
121. Dr. Alberto Rangel, 6 de Junho de 1912, correspondente.
122. Desembargador Ataulfo Napoles de Paiva, 6 de Junho de 1912, effectivo.
123. Francisco Agenor de Noronha Santos, 6 de Junho de 1912, effectivo.
124. Dr. Alfredo Valladão, 19 de Julho de 1912, effectivo.
125. Capitão de fragata Raul Tavares, 23 de Agosto de 1912, effectivo.
126 Dr. Nicoláo José Debbané, 23 de Agosto de 1912, correspondente.
127. Dr. John Casper Branner (*), 30 de Maio de 1913, correspondente.
128. Dr. Eugenio de Andrada Egas, 28 de Julho de 1913, correspondente.
129. Dr. Gentil de Assis Moura, 28 de Julho de 1913, correspondente.
130. Fidelino de Figueiredo (*), 28 de Julho de 1913, correspondente.

131. Dr. Edgard Roquette Pinto, 4 de Agosto de 1913, effectivo.

132. Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, 26 de Septembro de 1913, correspondente.

133. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, 20 de Abril de 1914, effectivo.

134. Dr. João Ribeiro, 12 de Maio de 1914, effectivo.

135. Affonso A. de Freitas, 12 de Maio de 1914, correspondente.

136. Dr. d. Lucas Ayarragaray (*), 23 de Maio de 1914, correspondente.

137. Antonio de Portugal de Faria (visconde de Faria) (*), 23 de Maio de 1914, correspondente.

138. Professor Basilio de Magalhães, 27 de Agosto de 1914, effectivo.

139. José Ribeiro do Amaral, 27 de Agosto de 1914, correspondente.

140. Dr. Arthur Pinto da Rocha, 28 de Junho de 1915, effectivo.

141. Dr. Aurelino de Araujo Leal, 28 de Junho de 1915, effectivo.

142. Antonio de Barros Ramalho Ortigão, 28 de Junho de 1915, effectivo.

143. Dr. Antonio Fernandes Figueira, 28 de Junho de 1915, effectivo.

144. Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, 28 de Junho de 1915, effectivo.

145. Dr. Alberto Lamego, 28 de Junho de 1915, correspondente.

146. Dr. Urbano Santos da Costa Araujo, 31 de Julho de 1915, benemerito.

147. Dr. Juliano Moreira, 12 de Outubro de 1915, effectivo.

148. D. Juan José Biédma (*), 12 de Outubro de 1915, correspondente.

149. Dr. Annibal Velloso Rebello, 12 de Outubro de 1915, correspondente.

150. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, 15 de Dezembro de 1915, presidente honorario.

151. Dr. Erico Marinho da Gama Coelho, 15 de Maio de 1916, effectivo.

152. João Lyra Tavares, 26 de Agosto de 1916, effectivo.

153. Dr. João Martins de Carvalho Mourão, 19 de Outubro de 1916, effectivo.

154. Agenor de Roure, 31 de Maio de 1917, effectivo.

155. Dr. Laudelino Freire, 31 de Maio de 1917, effectivo.

156. D. Silverio Gomes Pimenta, 31 de Maio de 1917, correspondente.

157. Dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, 31 de Maio de 1917, correspondente.

158. Dr. Mario Carneiro do Rego Mello, 31 de Maio de 1917, correspondente.

159. Roberto Lehmann-Nistche (*), 31 de Maio de 1917, correspondente.

160. Edwin Vernon Morgan (*), 27 de Agosto de 1917, honorario.

161. Dr. Henrique Morize, 10 de Junho de 1918, effectivo.

162. Capitão de fragata dr. Thiers Fleming, 10 de Junho de 1918, effectivo.

163. Dr. Jonathas Serrano, 24 de Maio de 1919, effectivo.

164. Dr. Antonio Borges Leal Castello Branco, 30 de Septembro de 1918, honorario.

165. Dr. Solidonio Leite, 16 de Junho de 1919, effectivo.

166. Dr. Afranio Peixoto, 16 de Junho de 1919, effectivo.

167. Dr. Clemente Gaspar Maria Brandenburger, 15 de Outubro de 1919, correspondente.

168. Clemente L. Fregeiro, 28 de Junho de 1920 (*), honorario.

169. Dr. Justo Leite Chermont, 28 de Junho de 1920, honorario.

170. Dr. José Arthur Boiteux, 28 de Junho de 1920, correspondente.

Socios fallecidos depois da sessão magna de 21 de outubro de 1920

Dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, correspondente, eleito em 27 de Maio de 1912 e fallecido em 23 de Dezembro de 1920.

Barão de Alencar, grande benemerito, eleito em 13 de Septembro de 1889 e fallecido em 26 de Março de 1921.

Dr. Antonio Ernesto Lassance Cunha, correspondente, eleito em 12 de Outubro de 1909 e fallecido em 5 de Maio de 1921.

Secretaria do Instituto Historico, em 15 de Maio de 1921.— *A. Romero*, official.

"REVISTA" DO INSTITUTO

Numeração adoptada pelo Instituto, em Assembléa Geral de 30 de Junho de 1917 e organizada pela Directoria

---

Os 4 trimestres do Tomo I........	(1839) — Vol.	1	
Os 4 trimestres do Tomo II........	(1840) — Vol.	2	
Os 4 trimestres do Tomo III........	(1841) — Vol.	3	
Os 4 trimestres do Tomo IV........	(1842) — Vol.	4	
Os 4 trimestres do Tomo V........	(1843) — Vol.	5	
Os 4 trimestres do Tomo VI........	(1844) — Vol.	6	
Os 4 trimestres do Tomo VII........	(1845) — Vol.	7	exgot.
Os 4 trimestres do Tomo VIII........	(1846) — Vol.	8	exgot.
Os 4 trimestres do Tomo IX........	(1847) — Vol.	9	
Os 4 trimestres do Tomo X........	(1848) — Vol.	10	
O Tomo XI, suppl. ao Tomo X — que appareceu sob a designação de Tomo 4º, da 2ª série, relativo a........	(1848) — Vol.	11	
Os 4 trimestres do Tomo XII........	(1849) — Vol.	12	
Os 4 trimestres do Tomo XIII........	(1850) — Vol.	13	
O Tômo XIV........................	(1851) — Vol.	14	exgot.
Os 4 trimestres do Tomo XV........	(1852) — Vol.	15	
Os 4 trimestres do Tomo XVI........	(1853) — Vol.	16	
Os 4 trimestres do Tomo XVII........	(1854) — Vol.	17	
Os 4 trimestres do Tomo XVIII........	(1855) — Vol.	18	
Os 4 trimestres do Tomo XIX........	(1856) — Vol.	19	
Os 4 trimestres do Tomo XX........	(1857) — Vol.	20	exgot.
Os 4 trimestres do Tomo XXI........	(1858) — Vol.	21	exgot.
Os 4 trimestres do Tomo XXII........	(1859) — Vol.	22	exgot.
Os 4 trimestres do Tomo XXIII........	(1860) — Vol.	23	exgot.
Os 4 trimestres do Tomo XXIV........	(1861) — Vol.	24	
Os 4 trimestres do Tomo XV........	(1862) — Vol.	25	
Os 2 primeiros trimestres do Tomo XXVI........................	(1863) — Vol.	26	exgot.
Os 2 segundos trimestres do Tomo XXVI........................	(1863) — Vol.	27	exgot.
A 1ª parte do Tomo XXVII........	(1864) — Vol.	28	
A 2ª parte do Tomo XXVII........	(1864) — Vol.	29	
A 1ª parte do Tomo XXVIII........	(1865) — Vol.	30	
A 2ª parte do Tomo XXVIII........	(1865) — Vol.	31	
A 1ª parte do Tomo XXIX........	(1866) — Vol.	32	
A 2ª parte do Tomo XXIX........	(1866) — Vol.	33	
A 1ª parte do Tomo XXX........	(1867) — Vol.	34	
A 2ª parte do Tomo XXX........	(1867) — Vol.	35	
A 1ª parte do Tomo XXXI........	(1868) — Vol.	36	

A 2ª parte do Tomo LIX.......... (1896) — Vol. 94
A 1ª parte do Tomo LX.......... (1897) — Vol. 95
A 2ª parte do Tomo LX.......... (1897) — Vol. 96
A 1ª parte do Tomo LXI.......... (1898) — Vol. 97
A 2ª parte do Tomo LXI.......... (1898) — Vol. 98
A 1ª parte do Tomo LXII.......... (1899) — Vol. 99
A 2ª parte do Tomo LXII.......... (1899) — Vol. 100
A 1ª parte do Tomo LXIII.......... (1900) — Vol. 101
A 2ª parte do Tomo LXIII.......... (1900) — Vol. 102
A 1ª parte do Tomo LXIV.......... (1901) — Vol. 103
A 2ª parte do Tomo LXIV.......... (1901) — Vol. 104
A 1ª parte do Tomo LXV.......... (1902) — Vol. 105
A 2ª parte do Tomo LXV.......... (1902) — Vol. 106
A 1ª parte do Tomo LXVI.......... (1903) — Vol. 107
A 2ª parte do Tomo LXVI.......... (1903) — Vol. 108
A 1ª parte do Tomo LXVII.......... (1904) — Vol. 109
A 2ª parte do Tomo LXVII.......... (1904) — Vol. 110
A 1ª parte do Tomo LXVIII.......... (1905) — Vol. 111
A 2ª parte do Tomo LXVIII.......... (1905) — Vol. 112
A 1ª parte do Tomo LXIX.......... (1906) — Vol. 113
A 2ª parte do Tomo LXIX.......... (1906) — Vol. 114
A 1ª parte do Tomo LXX.......... (1907) — Vol. 115
A 2ª parte do Tomo LXX.......... (1907) — Vol. 116
A 1ª parte do Tomo LXXI.......... (1908) — Vol. 117
A 2ª parte do Tomo LXXI.......... (1908) — Vol. 118
A 1ª parte do Tomo LXXII.......... (1909) — Vol. 119
A 2ª parte do Tomo LXXII.......... (1909) — Vol. 120
A 1ª parte do Tomo LXXIII.......... (1910) — Vol. 121
A 2ª parte do Tomo LXXIII.......... (1910) — Vol. 122
A 1ª parte do Tomo LXXIV.......... (1911) — Vol. 123
A 2ª parte do Tomo LXXIV.......... (1911) — Vol. 124
A 1ª parte do Tomo LXXV.......... (1912) — Vol. 125
A 2ª parte do Tomo LXXV.......... (1912) — Vol. 126
A 1ª parte do Tomo LXXVI.......... (1913) — Vol. 127
A 2ª parte do Tomo LXXVI.......... (1913) — Vol. 128
A 1ª parte do Tomo LXXVII.......... (1914) — Vol. 129
A 2ª parte do Tomo LXXVII.......... (1914) — Vol. 130
A 1ª parte do Tomo LXXVIII.......... (1915) — Vol. 131
A 2ª parte do Tomo LXXVIII.......... (1915) — Vol. 132
A 1ª parte do Tomo LXXIX.......... (1916) — Vol. 133
O tomo 80 que devia ser a 2ª parte
do Tomo LXXIX.......... (1916) — Vol. 134
O Tomo 81.......... (1917) — Vol. 135
O Tomo 82.......... (1917) — Vol. 136
O Tomo 83.......... (1918) — Vol. 137
O Tomo 84.......... (1918) — Vol. 138
O Tomo 85.......... (1919) — Vol. 139

A partir do Tomo LXXIX, todos os outros têm número distincto, não havendo as antigas designações de parte I e parte II.

Total dos volumes publicados até o Tomo 85: — 139.

Não comprehendidos nesse número os dous volumes do Tomo especial, consagrado ao centenario da Imprensa no Brasil, e os cinco volumes do Tomo especial, consagrado ao Primeiro Congresso de Historia Nacional (1914).

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO 85 (1919) — VOL. 139 DA "REVISTA"

Pags.

ANNEXOS